



FPCEUC FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco

– a experiência passada de institucionalização e o
seu significado actual para os sujeitos adultos

Maria Adelaide Mendes dos Santos

2010

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a experiência passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos

Maria Adelaide Mendes dos Santos

Coimbra

2010

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade de Coimbra

O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a experiência passada de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos adultos

Maria Adelaide Mendes dos Santos

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Desenvolvimento Social, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e realizada sob a orientação da **Doutora Paula Cristina Marques Martins e co-orientação do Doutor António Gomes Ferreira**

Coimbra

2010

DEDICATÓRIA (S)

À minha família, amigos e, em especial, a todos os jovens – adultos que vivenciaram o acolhimento institucional prolongado que tornaram possível a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A todos os jovens – adultos que aceitaram ser entrevistados, que deram o seu testemunho para este trabalho e nos ajudaram a tecer a sua experiência e história de vida.

À Professora Doutora Paula Cristina Marques Martins, orientadora deste trabalho pela sua disponibilidade, pela confiança que depositou em mim e exemplo de inspiração a nível pessoal e profissional.

À directora da instituição, a todos os técnicos e outras pessoas que proporcionaram o contacto com os jovens – adultos deste estudo, sem os quais não seria possível a realização deste trabalho.

Aos meus pais, em especial às minhas irmãs, nomeadamente a Paula, pelo seu amor, preocupação e pelas muitas coisas que fizeram por mim.

A todas as minhas amigas, em especial à Amélia e à Helena, pela força, amizade autêntica e por estarem sempre presentes nos momentos mais difíceis.

Às minhas colegas de mestrado, Daniela e Ana Figueiredo pela sua amizade, reflexão e perseverança que proporcionaram.

Ao Hugo por me ter incentivado a contactar a orientadora.

A todas as pessoas que me são próximas pelo tempo que tiveram de aguardar pacientemente até à finalização da tese.

RESUMO

Esta investigação analisa as narrativas de jovens – adultos acerca das experiências de institucionalização na sua infância e/ou adolescência e a sua percepção acerca da influência que estas exerceram no seu percurso e condições de vida actuais.

Para o efeito, foi constituído um grupo de estudo de quinze indivíduos que viveram em regime de acolhimento institucional prolongado em Lar de Infância e Juventude.

Apesar de alguns trabalhos já realizados em Portugal sobre o tema, ainda é escassa a investigação à volta desta problemática, nomeadamente, de pesquisas que assentem nas narrativas dos próprios sujeitos, que se debrucem sobre as percepções e significados que estes atribuem à vivência institucional e à eventual repercussão desta experiência na sua qualidade de vida e bem-estar actual, reforçando assim a necessidade deste estudo.

Na abrangente temática do acolhimento institucional, a perspectiva sobre a qualidade de vida e o bem-estar actual de jovens – adultos foi aquela que nos despertou mais interesse. Pensámos que seria um caminho que nos podia ajudar a perceber o significado e o papel que o acolhimento desempenhou nas suas vidas e a identificar outros factores igualmente influentes, relacionados com a experiência de acolhimento prolongado, nomeadamente, aspectos relativos ao próprio *indivíduo*, aos *outros significativos (família de origem, nova família, amigos)*, à instituição, à *escola*, ao *trabalho* e às *redes formais de apoio*.

A investigação seguiu uma metodologia qualitativa, utilizando o modelo de entrevista semi-estruturada que decorre da sua adequação ao objecto de estudo. Procurou-se compreender quatro etapas distintas do itinerário de vida dos sujeitos: o período que antecede a institucionalização, o período de institucionalização, o período de transição e o período actual. As respostas às entrevistas foram objecto de análise de conteúdo.

Os dados obtidos sugerem que, apesar das fragilidades, constrangimentos e limitações inerentes à experiência de institucionalização, na perspectiva dos sujeitos, esta encerra factores com uma repercussão favorável no seu desenvolvimento pessoal e social, percurso e nas condições de vida actuais. O papel desta resposta social parece assumir influências protectoras ou de risco junto das crianças e jovens, em função de uma diversidade de factores que estão relacionados com as características do próprio indivíduo, da sua família de origem, das condições do acolhimento, das redes de apoio informal, e dos serviços de apoio pós-institucionais, etc.

ABSTRACT

This research examines the narratives of young adults on their experience of institutionalization in their childhood and /or adolescent years and their perception about the influence this experience exerted on their outcome and current living conditions. For this effect a sample of fifteen individuals who experienced long term foster care under the protection of child welfare services were taken into consideration.

Although some work has been done, in Portugal, on the subject, there is still a lack of research around this issue, including studies based on narratives of the subjects themselves and a look on the perceptions and meanings that they attach to their experience of institutionalization and possible impact of this experience in their quality of life and present well-being, thus reinforcing the need for this study.

In the broad topic of institutional shelter, the perspective on quality of life and welfare of young-adults was one that aroused the most interest. It was important to identify how the subjects developed their institutional experience and understand the impact it had on the outcomes of their lives. It would help not only to understand the meaning and role long-term shelter played in their lives, but it would also help identify other influential factors related with the institutional experience, including aspects related to the individual, their significant others (birth family, new family, friends), the institution, school, work and other formal networks of support.

The investigation started with a script of a semi-structured interview around the central issues of the study. The option for this format of interview results from an adaptation to the subject of study. During the interview, four distinct stages of the path of the subjects were covered: the period prior to institutionalization, the period of institutionalization, the transition period and the current period. The investigation followed a qualitative methodology and the interviews were analyzed through content analysis.

The results show that despite the fragilities, contraptions and limitations of life in an institution, this experience played a key role in the subjects' personal and social development, having a positive influence on their current living conditions. The role of this social response seems to assume protective or risk influences on children and on youth according to a variety of features that are related to the characteristics of the individual, birth family, the conditions of shelter, informal networks of support and post-institutional support services etc.

RÉSUMÉ

Cette investigation analyse les récits de jeunes – adultes sur leurs expériences d'institutionnalisation durant leur enfance et/ou adolescence et leur perception de l'influence que ces expériences ont exercée sur leur parcours et conditions de vie actuels.

Pour cela, nous partons d'un échantillon de quinze individus qui ont vécu en accueil institutionnel prolongé dans un Foyer d'Enfance et Jeunesse.

Bien qu'il existe déjà quelques dossiers au Portugal sur ce thème, la recherche autour de cette problématique est encore très insuffisante, surtout les enquêtes qui se basent sur les récits des propres sujets qui analysent leurs propres perceptions et le sens que ces derniers attribuent aux expériences institutionnelles et aux éventuelles répercussions de cette expérience sur leurs qualités de vie et leurs bien-être actuels, renforçant ainsi la nécessité de cette étude.

Parmi les nombreuses thématiques de l'accueil institutionnel, la perspective sur la qualité de vie et le bien-être actuel de jeunes – adultes nous a intéressés le plus. Nous pensions que ce serait un chemin qui pourrait nous aider à percevoir le sens et le rôle que l'accueil a eu sur leurs vies et à identifier les autres facteurs influents, qui sont en relation avec l'expérience de l'accueil prolongé, notamment les aspects relatifs au propre individu, aux autres éléments (famille d'origine, nouvelle famille, amis), à l'institution, à l'école, au travail et aux réseaux formels d'appui.

La recherche a suivi une méthodologie qualitative, utilisant le modèle de l'entrevue semi structurée qui découle de son adéquation à l'objet de l'étude. Nous avons cherché à comprendre quatre étapes distinctes de l'itinéraire de nos sujets: la période qui se situe avant l'institutionnalisation, la période de l'institutionnalisation, la période de transition et la période actuelle. Les réponses aux entrevues ont fait l'objet d'une analyse de contenu.

Les résultats obtenus démontrent que, malgré les fragilités, les contraintes et les limitations inhérentes à l'expérience de l'institutionnalisation, dans la perspective des sujets, cette expérience renferme des facteurs ayant des répercussions favorables sur leur développement personnel et social, leur parcours et leur condition de vie actuelle. Le rôle de cette réponse social paraît assumer des influences protectrices ou de risque vis à vis des enfants et des jeunes, en fonction d'une grande variété de facteurs qui sont en relation avec les caractéristiques du propre individu, de sa famille d'origine, des conditions de l'accueil, des réseaux d'appui informel, et des services d'appui post-institutionnelles, etc.

índice

Introdução	1
Primeira Parte: Enquadramento Teórico	2
Capítulo 1. Risco e Protecção	2
1. Respostas sociais no sistema de protecção à infância.....	5
1.1. Papel social e funções atribuídas às instituições.....	22
1.2 Traços do acolhimento institucional em Portugal.....	27
1.3 Constrangimentos e potencialidades do acolhimento institucional.....	30
2. Acolhimento institucional e autonomia.....	36
2.1 Percursos Pós-institucionais – Escolaridade e trabalho de jovens institucionalizados, evolução e importância dos projectos de vida.....	36
3. A experiência de institucionalização: os estudos em Portugal.....	38
3.1 Qualidade de vida e bem-estar dos jovens institucionalizados.....	50
Segunda Parte: Estudo Empírico	54
Capítulo 2. O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco – a experiência de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos acolhidos	
1. Introdução.....	54
2. Objectivos.....	54
3. Metodologia	57
3.1 Grupo de estudo.....	57
3.2 Instrumentos.....	60
3.3 Procedimentos.....	61
3.4 Análise dos dados.....	62
3.4.1 Dimensões, categorias e subcategorias.....	63
4. Apresentação e discussão dos resultados	85

4.1 O indivíduo	85
4.1.1 A imagem que os sujeitos têm de si nos vários períodos da vida.....	86
4.1.2 As decisões ao longo do ciclo vital	97
4.1.3 Grau de satisfação com as condições de vida e o bem-estar actual.....	99
4.1.4 Como se sentiram ao realizar a entrevista.....	100
4.2 A instituição	101
4.2.1 Os aspectos mais significativos da experiência institucional.....	102
4.2.2 A organização da vida diária do Lar.....	108
4.2.3 A filosofia de funcionamento do Lar.....	110
4.2.3.1 Clima do Lar.....	110
4.2.3.2 Papel dos mais velhos.....	113
4.2.3.3 Recursos humanos.....	116
4.2.3.4 Regras de funcionamento da instituição.....	117
4.2.4 O papel do Lar no período de transição e autonomização.....	119
4.2.5 Iniciativa da saída da instituição.....	121
4.2.6 O funcionamento actual da instituição.....	123
4.2.7 Sugestões de mudança para o acolhimento institucional.....	125
4.2.8 O significado da instituição no percurso de vida dos sujeitos.....	131
4.3 Outros significativos	136
4.3.1 Pessoas significativas.....	136
4.3.2 Família de origem.....	136
4.3.2.1 Características da família de origem.....	136
4.3.2.2 O papel da família de origem no percurso de vida dos sujeitos.....	139
4.3.3 Nova família.....	145
4.3.3.1 Constituição da própria família.....	145
4.3.3.2 O papel da nova família na vida dos sujeitos.....	146
4.3.3.3 Intenção de constituir família.....	146
4.3.3.4 Representações sobre a educação dos filhos.....	147
4.3.4 Outros significativos.....	149
4.4 Escola/Trabalho	154
4.4.1 Situação escolar e profissional	154

4.4.1.1	Percepção dos sujeitos sobre a sua condição de aluno	156
4.4.1.2	Dificuldades sentidas no seu percurso escolar.....	157
4.4.1.3	Expectativas escolares e profissionais.....	160
4.4.1.4	O significado da escola na vida dos sujeitos.....	161
4.4.1.5	As dificuldades sentidas no percurso profissional.....	162
4.4.1.6	O significado do trabalho na vida dos sujeitos.....	164
4.4.1.7	Grau de satisfação com o nível de escolaridade actual.....	165
4.4.1.8	Grau de satisfação com o trabalho actual.....	167
4.5	Serviços	168
4.5.1	Apoios formais.....	168
	Considerações finais	172
	Referências bibliográficas	187
	ANEXOS	198
	Anexo 1 – Cartas à Direcção do Lar de Infância e Juventude.....	202
	Anexo 2 – Guião de Entrevista.....	204
	Anexo 3 – Indicadores sobre o Acolhimento.....	208
	Indicadores sobre a Qualidade de Vida e Bem-Estar.....	209
	Anexo 4 – Grelhas de Análise das Entrevistas.....	210
	I – Indivíduo.....	210
	II – Instituição.....	232
	III – Outros Significativos.....	268
	IV – Escola – Trabalho.....	301
	V – Serviços.....	319
	Anexo 5 – Grelha de Categorias e Subcategorias.....	332

Anexo 6 – Quadros Síntese dos Dados.....	334
I – Indivíduo.....	334
II – Instituição.....	336
IV – Escola – Trabalho.....	339
V – Serviços.....	341

Lista de Quadros

Quadro 1: Dimensões da qualidade de vida.....	55
Quadro 2: Caracterização dos sujeitos que integraram amostra.....	59
Quadro 3: Períodos de institucionalização e autonomização dos sujeitos.....	60
Quadro 4: Sentimentos e emoções associados à entrada para a instituição.....	88
Quadro 5: Tipologia familiar.....	136
Quadro 6: Número de irmãos.....	137
Quadro 7: Motivos sócio familiares da institucionalização.....	137
Quadro 8: Casos de acolhimento institucional na família.....	138
Quadro 9: Constituição de família própria.....	145
Quadro 10: Situação escolar e profissional dos sujeitos.....	155
Quadro 11: Níveis de escolaridade actuais dos sujeitos.....	156
Quadro 12: Indicadores sobre o acolhimento.....	208
Quadro 13: Indicadores sobre a qualidade de vida e bem-estar.....	209

Siglas e abreviaturas utilizadas

- A.C.I.M.E – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas
- D.O.M – Programa Governamental: *Desafios, Oportunidades e Mudanças*
- E.U.A – Estados Unidos da América
- U.E – União Europeia
- F.I.C.E – Federação Internacional das Comunidades Educativas
- I.E.F.P – Instituto de Emprego e Formação Profissional
- I.P.S.S – Instituição Particular de Solidariedade Social
- I.S.S – Instituto de Segurança Social
- I.S.C.T.E – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
- L.P.C.J.P – Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo
- L.I.J – Lar de Infância e Juventude
- M.C.T.E.S – Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
- M.E – Ministério da Educação
- M.T.S.S – Ministério do Trabalho e da Segurança Social
- PII – Plano de Intervenção Imediata
- P.N.A.I – Plano Nacional para a Inclusão Social
- S.N.S – Serviço Nacional de Saúde
- S.M.H – Serviço Municipal de Habitação
- U.K – Reino Unido

Introdução

“ (...) tudo o que me aconteceu...só me serviu para que eu tivesse mais força (...) eu não vou deixar-me ir abaixo...eu vou continuar...vou construir uma vida...foi assim que eu sempre pensei e que eu penso...eu costumo dizer...eu hoje estou aqui...mas eu vim de lá de baixo, não é que eu tenha muita coisa...mas o que eu tenho eu não vou perder....daqui...só para cima...para trás, para baixo anda o caracol, caracol não, caranguejo (risos) (...)” (Suj.P)

O presente trabalho constitui o desenvolvimento de um percurso que se inicia com uma pós-graduação em Protecção de Menores, em 1998, e com a escolha, para trabalho final, de um estudo que se centrou na caracterização de uma instituição de acolhimento prolongado para crianças e jovens em risco. Assim, pela primeira vez, foi possível tomar conhecimento do contexto institucional onde se encontravam acolhidas crianças e jovens em risco privadas do seu ambiente familiar de origem, contactar com as mesmas e identificar algumas preocupações que sentiam durante a sua vivência na instituição, assim como as dos profissionais que lá trabalhavam, o que suscitou interesse por um estudo mais aprofundado sobre esta realidade. Posteriormente, como socióloga, também ao contactar com a realidade da delinquência juvenil numa equipa de família e menores do Instituto de Reinserção Social, foi possível observar que no historial familiar de algumas das crianças e jovens que acompanhava no âmbito dos processos tutelares educativos e das medidas a que estavam sujeitos – sobretudo, medidas de colocação e, em particular, o acolhimento em instituição – os maus tratos e o risco também estavam presentes. Este facto levou à reflexão sobre a importância que a experiência institucional, geralmente prolongada, teria na vida destes jovens e sobre a forma como se organizariam e definiriam o percurso de vida, tendo em conta o seu historial e as complexas realidades em que se forjaram a sua infância e/ou adolescência. As dúvidas e inquietações que se foram prolongando ao longo do tempo sobre a problemática das crianças institucionalizadas e a curiosidade sobre os diferentes traçados e itinerários de vida possíveis, a partir de uma experiência comum, a institucionalização, fez com que este projecto de investigação nascesse, que se debruça sobre a forma como os jovens – adultos percebem a influência das suas experiências de acolhimento institucional prolongado na infância, nas suas condições de vida actuais.

Apesar da vasta investigação sobre o fenómeno de institucionalização e sobre o seu impacto no desenvolvimento das crianças e dos jovens, esta é uma área que continua a suscitar discussão na literatura pela complexidade da sua natureza, havendo ainda muito por investigar. Algumas pesquisas defendem que, pela própria forma como as instituições estão organizadas, pelas suas características, pelo afastamento das crianças e jovens das suas famílias de origem, das suas

referências e laços afectivos, a vivência institucional pode exercer um impacto negativo no seu desenvolvimento emocional e social (Alberto, 2002, cit. por Martins, 2005). Outros trabalhos vêm defendendo que a instituição pode constituir um espaço seguro, substitutivo da família quando esta coloca em risco a vida de uma criança ou jovem, constituindo uma alternativa de vida com vantagens, nomeadamente, pela experiência e vivência em grupo e o consequente desenvolvimento de competências sociais (Zurita e Fernandez del Valle, 1996, cit. por Martins, 2005).

A investigação sobre instituições para crianças e jovens e outras modalidades de acolhimento tem vindo cada vez mais a ser desenvolvida nos países que integram a União Europeia, sendo de referir a evolução registada neste domínio em países como a Inglaterra e os Estados Unidos.

A investigação que tem sido feita no âmbito do acolhimento institucional é, na sua maioria, de natureza quantitativa e descritiva, preocupando-se, essencialmente, com a descrição e caracterização das populações utentes, organização e funcionamento das instituições. Estudos qualitativos que procurem centrar-se nas percepções, interpretações e significados que as próprias crianças e jovens atribuem à sua experiência institucional são ainda escassos, mas cada vez mais se reconhece a sua importância (Peled et al., 2002). No nosso país, têm sido realizados alguns estudos recentes de natureza qualitativa que se debruçam sobre as trajetórias de vida e sobre o contexto pós-institucional dos jovens que foram sujeitos a regimes de acolhimento institucional (Quintãns, 2009; Alves, 2007; Gomes, M (Coord), 2005; SCML, 2004). Também têm vindo a ser efectuados levantamentos anuais de caracterização acerca deste fenómeno, promovidos pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social que permitem fazer uma leitura sobre a realidade e as condições do acolhimento institucional em Portugal, sobre as dificuldades e constrangimentos existentes, mas sobretudo ajudam-nos a discutir e lançar propostas para uma progressiva melhoria da organização, monitorização e supervisão do nosso sistema de acolhimento de forma a garantir o bem – estar das crianças e jovens (PII, 2007, 2008, 2009)¹. No entanto, ainda há muito por perceber ao nível do processo de transição para a vida independente e sobre as influências significativas na qualidade de vida e bem-estar actual da população que deixa o acolhimento institucional.

O desenvolvimento deste tipo de trabalhos e pesquisas revela-se muito importante para compreendermos melhor a prática, o funcionamento dos serviços residenciais e a influência que estes podem exercer na vida de quem é acolhido, esperando contribuir para uma melhoria da qualidade na prestação destes serviços, bem como para um conhecimento mais profundo e rigoroso dos percursos dos jovens – adultos acolhidos, das suas famílias e das próprias instituições. Deste modo, consideramos que só auscultando as percepções dos principais protagonistas, os actores

¹ Salientam-se ainda as publicações que têm vindo a ser realizadas, desde 1998, na área da Infância e Juventude, da responsabilidade do Ministério do Trabalho e da Solidariedade, nomeadamente, os estudos de caracterização dos lares para Crianças e Jovens e dos seus utentes (Ministério do trabalho e da Solidariedade, 2000).

desta investigação, que são os jovens – adultos, com base nas memórias e relatos da sua vivência institucional passada e no sentido atribuído actualmente a esta experiência, é que se torna possível identificar os aspectos positivos e negativos desta vivência e o seu eventual papel na configuração das condições de vida actuais.

O presente trabalho organiza-se em duas partes e estrutura-se em dois capítulos. A primeira parte é de natureza teórica. Assim, no primeiro capítulo abordaremos o risco e a protecção na infância, destacando o papel social e funções atribuídas às instituições. Identificaremos as respostas sociais existentes no nosso sistema de protecção social para as crianças e jovens em risco, centrando a nossa atenção nos traços que caracterizam actualmente o acolhimento institucional em Portugal, evidenciando alguns constrangimentos e potencialidades desta resposta social. Neste capítulo iremos ainda falar, por um lado, da influência que os projectos de vida podem desempenhar nos jovens que experienciam o acolhimento institucional, ao nível da escolaridade, da inserção no mercado de trabalho, do processo de transição para a autonomia e independência, da sua qualidade de vida e bem estar. Por outro lado, destacaremos alguns estudos nacionais que têm sido realizados nesta área, fazendo uma breve referência aos objectivos e ao desenho metodológico que tem sido seguido, assim como aos seus resultados e implicações práticas.

A segunda parte apresenta o estudo empírico realizado com quinze sujeitos que estiveram em regime de acolhimento institucional entre os anos de 1975 e 2006 numa instituição do centro do país e as suas diversas fases: da preparação da investigação à análise e discussão dos resultados. O segundo capítulo descreve o desenho do estudo empírico: o projecto de investigação, os objectivos gerais e específicos, a metodologia que considerámos mais adequada utilizar para recolha e análise dos dados. De seguida são descritos os principais dados obtidos e a informação mais relevante que foi possível analisar ao longo do estudo. Por fim, são expostos os contributos e as limitações deste estudo e fornecidas algumas sugestões e pistas para futura investigação nesta área.

Primeira Parte

Enquadramento Teórico

Capítulo 1. Risco e protecção na infância

“ (...) nós podemos tentar melhorar e não sei quê...mas o que nós passamos está lá...não se apaga...não tem uma borracha...chega ali com um apagador e apaga aquilo, infelizmente isto está marcado para a minha vida toda...uns dias mais intensamente...uns dias menos...mas está lá...eu acho...acho que...a minha maneira de ser (...) as pessoas lamentam-se muito e eu não gosto (...)” (Suj.P)

O conceito “crianças e jovens em risco” é heterogéneo e muito amplo. O seu estudo tem dado origem a diferentes definições e perspectivas sobre o assunto. Segundo Fonseca (2004), a expressão “crianças e jovens em risco” acaba por ser utilizada, muitas vezes, como sinónimo de crianças ou jovens em dificuldades ou com múltiplos problemas que, em consequência dessa situação, podem ver o seu desenvolvimento ou o seu nível de adaptação social seriamente comprometidos.

Todas as crianças passam por dificuldades durante o seu crescimento. Estas são inevitáveis, por mais que os pais as protejam ou, por maior que seja a atenção da escola. «Crescer é para a criança uma tarefa difícil e por vezes infeliz, devido à sua falta de experiência ...» (Rodrigues, 1997, p 551). Neste sentido, todas as crianças são vulneráveis e susceptíveis a viver experiências infelizes e tensões. No entanto, «...há grupos que são duplamente vulneráveis devido à existência de circunstâncias específicas ou potenciais da sua vida pessoal, familiar, social ou económica» (Rodrigues, 1997, p 553). São estas crianças que, perante situações de grande vulnerabilidade, ficam expostas a situações de risco. O baixo nível socio-económico das famílias pode ser identificado como um dos factores de risco ou das diversas circunstâncias de potencial risco. Isto

porque tem sido observado que são, na sua maioria, famílias com baixo nível socio-económico que possuem menores em risco (Rodrigues, 1997; SCML, 2004; Gomes, M (Coord.), 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009). No entanto, um baixo nível socioeconómico não implica necessariamente a existência de menores em risco (Rodrigues, 1997). Aliados ao nível socio-económico parecem estar os factores de isolamento e exclusão social que fazem com que a família não seja capaz de utilizar, adequadamente, os recursos da comunidade que a poderiam ajudar, quer na resolução dos seus problemas, quer num melhor desempenho das suas funções parentais. Para além do factor económico e da pobreza, existem muitos outros factores que podem influenciar a estrutura e o funcionamento familiar, colocando em risco o desenvolvimento psíquico e social dos elementos que dela fazem parte, tais como: desemprego do (s) progenitor (es), família numerosa, história criminal na família, deficiências físicas ou mentais de membros familiares, alcoolismo, toxicoddependência, prostituição, violência e maus tratos na família, falta de competência educativa parental, abandono familiar, negligência, entre outros (Rodrigues, 1997; SCML, 2004; Gomes, M (Coord.), 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009). Desta forma, a problemática dos menores em risco está ligada a uma diversidade de factores de origem económica, biológica, psicológica, social, familiar, situacional, individual. A combinação destes factores numa família coloca as crianças e jovens que dela fazem parte em situação de grande vulnerabilidade e de risco².

De acordo com os dados recolhidos do PII (2009) que permitem comparar dados de 2004 a 2007, verifica-se uma multiplicidade de motivos que estão na origem do acolhimento das crianças e jovens, nomeadamente, os maus tratos físicos, maus tratos psicológicos, negligência, abandono escolar, abuso sexual, mendicidade, abandono, orfandade, ausência temporária de suporte familiar. De entre os motivos de acolhimento referenciados, aquele que se destaca pela maior expressividade numérica é sem dúvida o da **negligência**. São vários os tipos de negligência identificados: aquela que é mais frequente é a negligência face a comportamentos de risco da criança e do jovem (em 2005 foram acolhidas cerca de 9.774 crianças e jovens e em 2004 cerca de 7.355 crianças e jovens). Seguidamente encontramos a negligência por falta de supervisão e acompanhamento familiar (em 2006 houve um total de 6.365 casos desta natureza e em 2007 cerca de 6.137 casos). Constatamos ainda a negligência ao nível da educação (foram identificados 6.187 casos em 2006 e 5.388 casos em 2007); a negligência ao nível da saúde (5.394 casos em 2006 e 4.730 casos em 2007); negligência por exposição a modelos parentais desviantes (4.204

² Embora alguns investigadores tenham constatado que algumas das crianças expostas a situações de risco e grande vulnerabilidade conseguem ainda atingir níveis de desenvolvimento ou de adaptação normais em vários domínios. A explicação para este fenómeno está nos factores de protecção e de resiliência que cada criança possui (Garmezy, 1974; Rutter e Al., 1987; Werner, 1982, 1993, cit. por Rodrigues, 1977).

casos em 2006 e 4.995 casos em 2007). O segundo maior motivo na origem do acolhimento das crianças e jovens é o **abandono**, apesar de haver uma redução de 2004 a 2007 (cerca de 3.042 casos em 2004 e 1.744 casos em 2007). Como terceiro maior motivo encontram-se os **maus-tratos físicos e maus-tratos psicológicos**. Em relação aos maus-tratos físicos houve em 2004 cerca de 1.602 destes casos, aumentando em 2005 para 2.205 e em 2006 para 2.063, embora se observe uma diminuição em 2007 registando-se neste ano 1.758 casos. Ao nível dos maus-tratos psicológicos há também uma redução de 100 casos de 2004 a 2006 (cerca de 1.470 casos em 2004 e 1.370 casos em 2006, depois de um aumento significativo em 2005, onde se observaram 2.288 destes casos). O quarto motivo de acolhimento mais identificado é o da **ausência temporária de suporte familiar** que vem demonstrando uma redução progressiva (cerca de 2.505 casos em 2005, 1.880 em 2006 e 1.503 em 2007). É de destacar ainda que, no ano de 2005, foram identificados cerca de 3.707 crianças e jovens acolhidas devido à **exposição a modelos de comportamento desviante**. A **mendicidade** constitui outro motivo de acolhimento que importa destacar. Em 2004 verificaram-se cerca de 3.355 casos de crianças e jovens que foram acolhidas tendo como motivo de origem a mendicidade, reduzindo depois em 2005 para 1.095 casos, em 2006 e 2007 não houve registo deste tipo de casos. Também os números que se referem ao **abuso sexual** enquanto motivo que está também na origem do acolhimento de crianças e jovem merecem a nossa atenção. Os tipos de abuso sexual mais expressivos encontram-se na violação (em 2006 houve 235 casos desta natureza e em 2007 cerca de 153 casos) e na exposição verbal/física a comportamentos de cariz sexual (em 2006 existiram cerca de 412 casos e em 2007 cerca de 336 casos).

Estes dados revelam que ainda há muito por fazer para evitar a entrada de crianças e jovens no sistema de acolhimento ou em medidas alternativas ao seu contexto familiar de origem, sendo imperativo desenvolver estratégias de apoio aos pais e às famílias, não só fornecendo suporte social e financeiro, mas também apostando na formação de competências sociais e parentais para que elas possam conseguir superar as suas fragilidades e assegurar a educação e o desenvolvimento dos seus filhos, indo ao encontro das Recomendações do Conselho da Europa.³

Apesar do processo evolutivo que as sociedades têm vindo a sofrer e das mudanças que se notam no papel e na estrutura das famílias, muitas crianças e jovens vivenciam, desde muito cedo, situações de perigo levando à intervenção do sistema de acolhimento permanecendo neste contexto ao longo de muitos anos. De acordo com o PII (2009) durante o ano de 2008 foram identificadas 13.910 crianças e jovens em situação de acolhimento, sendo de referir que 3.954 saíram do acolhimento nesse ano e que 9.956 crianças e jovens estavam efectivamente acolhidas, distribuídas

3 (Recomendação 1601 (2003), aprovada em 2 de Abril de 2003, com a designação original "Amélioration du sort des enfants abandonnés en institution", cit. por Alves, 2007).

por diversas respostas sociais. É reconhecido que este número de crianças e jovens em acolhimento é excessivo mas também sabemos que para muitas crianças e jovens esta é uma realidade que se impõe quando as suas famílias não conseguem assegurar temporariamente ou definitivamente as condições necessárias ao desenvolvimento integral dos filhos, colocando em perigo e comprometendo a segurança, saúde e o bem-estar das crianças.

1. Respostas sociais no sistema de protecção à infância

O sistema de protecção social em Portugal tem vindo, nos últimos anos, a sofrer diversas alterações e transformações, assentes numa lógica de modernização, que visa a promoção dos direitos das crianças, particularmente, das mais vulneráveis. Ao nível das políticas para a Infância da Segurança Social (MTSS, 2007), a intervenção, associada a directrizes internacionais/europeia, é hoje orientada pelos seguintes princípios: igualdade de oportunidades, cidadania, responsabilidade, participação, integração, multidimensionalidade e intervenção local. Em matéria de Infância, a intervenção assentou, na última década, em **reformas e documentos estratégicos** fundamentais:

- *A reforma legislativa* (corporizada pela legislação sobre a Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (PCJP) (Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro, alterada pela Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto ⁴ e a Lei Tutelar Educativa (LTE) (Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro);
- *A Infância como prioridade nacional através do Plano Nacional de Acção para a Inclusão Social (PNAI)*, que visa promover a cooperação no domínio da inclusão social, sendo um dos objectivos centrais “*tender para a eliminação das situações de exclusão social que atingem as crianças e dar-lhes todas as oportunidades de uma boa inserção social*”. Neste instrumento foram definidas algumas das prioridades em matéria de Infância: promover os direitos das crianças e dos jovens e prevenir, ou pôr termo, a situações de risco; promover medidas que eliminem situações de pobreza ou exclusão social de que são objecto as crianças e jovens; garantir a disponibilidade de estruturas de acolhimento para as crianças, até à idade da escolaridade obrigatória;

4 A Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto vem alterar o Código Civil, a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo, o DL n.º 185/93, de 22/5, a Organização Tutelar de Menores e o Regime Jurídico de Adopção.

promover respostas que actuem precocemente, permitindo prevenir as situações de risco infantil e juvenil; promover o incentivo à manutenção da criança/jovem no seu meio natural de vida, garantindo, junto da família, as condições que permitam a assunção das responsabilidades parentais; favorecer a desinstitucionalização; agilizar o processo de adopção; contrariar a tendência para a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho (MTSS, 2007);

- *O Programa do XVII Governo, que elege como uma das suas prioridades de intervenção as crianças, numa perspectiva de transversalidade nos vários sectores: educação, saúde, segurança social e família. Destacam-se três pontos: o primeiro que defende mais e melhor educação; o segundo que prevê o combate à pobreza e à exclusão social (aqui destacamos dois objectivos: o de promover a desinstitucionalização de 25% dos jovens acolhidos e instituir um sistema de acompanhamento e avaliação regular das instituições do Estado que acolhem crianças em risco, etc.) e um terceiro que visa apoiar as famílias;*
- *A Iniciativa para a Infância e Adolescência (INIA) que visa a definição de um plano de acção para a defesa da universalidade dos direitos das crianças, sustentado num esquema de planificação global. As linhas estratégicas para a intervenção assentam no processo de desenvolvimento e socialização da criança, desde que nasce até atingir a idade adulta. O INIA visa a mobilização e construção de uma cultura de cooperação e articulação entre as instituições e a sociedade civil, responsáveis e comprometidas com a defesa dos direitos da criança, durante todo o processo de desenvolvimento. Podemos destacar algumas políticas e medidas prioritárias (coordenação da acção dos diversos serviços e entidades; sistemas de diagnóstico e informação actualizadas; políticas de apoio às famílias; critérios de qualidade nos espaços, estruturas e serviços utilizados por crianças, facilitação para a vida activa, etc.).*

No ano de 2007, foram iniciadas algumas medidas/programas, no que diz respeito à promoção da desinstitucionalização das crianças: o *Plano Dom (Desafios, Oportunidades e Mudança)*, de qualificação da rede de Lares de Infância e Juventude, no sentido da melhoria continuada dos direitos e protecção das crianças e jovens acolhidas. Ao nível da qualificação das respostas sociais: *Gestão da Qualidade das Creches, Lares de Infância e Juventude e Centros de*

Acolhimento Temporário; Aprofundamento do modelo centrado nas Comissões de Protecção de Crianças e Jovens e qualificação da Intervenção técnica (MTSS, 2007);

Na Europa, são muito variadas as respostas sociais que existem para as crianças e jovens em risco. Os tipos de acolhimento são também muito diferentes. Milham e os seus colegas (1986) referem que a única característica comum do acolhimento é a “cama”, que não é fornecida pela família mas por outros (FICE, 2008). As diferenças entre os países a este respeito são muito claras. Na Inglaterra, Eslovénia e Finlândia o acolhimento de crianças e jovens assenta sobretudo nas famílias de acolhimento (*foster families*). Na Alemanha e na Polónia há uma predominância do acolhimento residencial ou institucional. A Alemanha é o único país da Europa onde não houve um aumento do número de famílias de acolhimento em relação ao acolhimento institucional; os restantes países desenvolveram estratégias conducentes ao reforço desta resposta social no âmbito do sistema de protecção de crianças e jovens em risco (Colton and Hellinckx, 1993; Madge 1994, cit. por FICE, 2008). Ao nível do tempo de permanência em acolhimento, importa referir que tem vindo a registar-se uma diminuição nos diversos países da Europa, sobretudo em Inglaterra. Por um lado, considera-se cada vez mais que a educação institucional deve assentar numa intervenção de curta duração com o objectivo de fazer regressar a criança ou o jovem à sua família, sempre que seja viável. Por outro lado, porque tem sido constatado que se torna muito dispendioso o acolhimento institucional prolongado (FICE, 2008).

Em Portugal, o Sistema Nacional de Acolhimento contempla os seguintes **tipos de recursos** (PII, 2009):

- *Unidade de Emergência* – visa assegurar o acolhimento imediato de crianças e jovens, entre os 0 e os 12 anos, em situações de perigo grave, real, actual e iminente, por um período que não deve ultrapassar as 48 horas.
- *Centro de Acolhimento Temporário* – destinado ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, por um período que não deve ultrapassar os seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e protecção, tendo como objectivo central a realização de diagnósticos e a definição de projectos de vida. Os centros de acolhimento temporário (CAT) acolhem maioritariamente crianças na primeira infância e até à puberdade (0-11 anos).
- *Lar de Infância e Juventude* – prevê o acolhimento de adolescentes e jovens adultos com mais de 12 anos em situação de perigo, de duração superior a 6 meses, com base na

aplicação de medidas de promoção e protecção, tendo como princípio genérico proporcionar estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias. É de referir que apesar do que está legalmente previsto continua ser expressivo o número de crianças e jovens acolhidas em Lares de Infância e Juventude entre os 3 e 5 anos de idade⁵ (PII, 2009).

- *Famílias de Acolhimento* – resposta social em que uma família habilitada e tecnicamente enquadrada assegura às crianças/jovens, predominantemente, com idades entre os 12 e os 17 anos os cuidados adequados às suas necessidades, que a família biológica não pode garantir. O “acolhimento familiar” foi regulamentado pelo Decreto-Lei n.º 11/2008 de 17 de Janeiro, excluindo a possibilidade de existência de famílias de acolhimento com laços de parentesco às crianças e jovens acolhidas, reforçando a necessidade de aperfeiçoamento do processo de selecção e da existência de uma forte componente de formação inicial e contínua das famílias de acolhimento e a necessidade de maior investimento na criação de acolhimento familiar especializado, destinado a crianças com necessidades especiais (sociais, educativas e psicológicas).

Existem também **respostas de acolhimento** não especificamente destinadas à população de crianças e jovens em perigo:

- *Casa de Acolhimento de Emergência* – pequenas unidades residenciais vocacionadas exclusivamente para o acolhimento de emergência de crianças e jovens entre os 0 e os 12 anos.
- *Centros de Apoio à Vida* – vocacionada para o apoio e acompanhamento a jovens com mais de 15 anos grávidas ou puérperas com filhos recém nascidos, que se encontram em risco emocional ou social.
- *Lares Residenciais* – instituições vocacionadas sobretudo para o acolhimento de jovens com mais de 15 anos com deficiência ou incapacidades.

⁵ Em 2008 do total de 6.717 crianças e jovens que se encontravam acolhidas em Lar de Infância e Juventude (308) crianças tinham até 5 anos de idade sendo que mais de metade, desta faixa etária, têm até 3 anos de idade (155), (PII, 2009).

- *Apartamento de Autonomização* – apartamento inserido na comunidade local, destinado a apoiar a transição para a vida autónoma de jovens a partir dos 15 anos, cujo projecto vida passa de autonomização, oriundos de Lares de Infância e Juventude ou do meio familiar de origem, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes nos espaços territoriais.
- *Comunidade Terapêutica* – unidades especializadas que prestam cuidados a toxicodependentes que necessitam de internamento prolongado com apoio psicoterapêutico e socioterapêutico;
- *Comunidade de Inserção* – resposta social, desenvolvida em equipamento, com ou sem alojamento, que compreende um conjunto de acções integradas com vista à inserção social de diversos grupos alvo que, por determinados factores, se encontram em situação de exclusão ou de marginalização social: mães solteiras, ex. reclusos, sem abrigo.
- *Casa Abrigo* – resposta social, desenvolvida em equipamento, que consiste no acolhimento temporário a mulheres vítimas de violência, acompanhadas ou não de filhos menores, que não possam, por questões de segurança, permanecer nas suas residências habituais.

De acordo com o relatório do Plano de Intervenção Imediata (2007) onde, pela primeira vez, foi feita a **caracterização sumária das instituições de acolhimento**, existia em Portugal um total de 354 instituições – 230 Lares de Infância e Juventude, 94 Centros de Acolhimento Temporário, 3 Centros de Acolhimento de Emergência, 3 Apartamentos de Autonomização, 7 Centros de Apoio à Vida e 17 Lares Residenciais. Segundo a Carta Social (2009), no seu relatório de 2007, as respostas sociais para crianças e jovens têm vindo a apresentar um crescimento que se situa nos 26,7% entre o período 1998 – 2007. Ao nível da capacidade instalada para esta população alvo, houve um acréscimo de 40.000 lugares desde 1998. No entanto, em 2006, observa-se uma diminuição em termos globais, o que se deve à reestruturação e encerramento de algumas respostas. Entre as diferentes respostas sociais, o Centro de Acolhimento Temporário apresenta uma maior taxa de utilização (90%) enquanto que o Lar de Infância e Juventude tem vindo a apresentar um declínio da sua utilização entre 1998 e 2007, atingindo no último ano o valor de 82,8%.

Segundo Quintãns, (2009) *“constituem uma verdadeira minoria os governos que priorizam a protecção infantil na definição das suas políticas ou, na lógica formalmente inaugurada pela Convenção dos Direitos da Criança, que possuem verdadeiras políticas de promoção da qualidade de vida das crianças, particularmente das crianças e jovens em perigo”* (p 6). Para além dos desafios que as instituições necessitam de enfrentar para melhorar as condições do acolhimento, é fundamental que as mesmas se envolvam e apoiem os jovens no seu processo de adaptação e transição para sua vida independente. Nos últimos anos, Portugal, à semelhança de outros países, tem vindo cada vez mais a debater o sistema de protecção, estando este bem posicionado na agenda política, merecendo a atenção governamental ao nível nacional.

Importa destacar alguns dados identificados no PII (2009) que revelam o emergir de algumas **mudanças no sistema de acolhimento**. É o caso do número de crianças e jovens que cessaram o acolhimento, ainda que seja inferior ao número de crianças e jovens acolhidas tem vindo progressivamente aumentar (mais de 937 crianças e jovens que em 2007). Parece, assim, estar a desenhar-se uma tendência que vai no sentido de aumentar a **taxa de desinstitucionalização**⁶, o que constitui, aliás, um indicador central na análise da evolução dos projectos de vida das crianças e jovens que se encontram em situação de acolhimento, proposto no PII 2009. A resposta social mais expressiva que contribuiu para a saída de crianças e jovens do sistema de acolhimento centra-se nas famílias de acolhimento (77%), seguindo-se depois os centros de apoio à vida e os centros de acolhimento temporário (37%). É de destacar que nos Lares de Infância e Juventude, onde a modalidade de acolhimento é mais prolongada, a taxa de desinstitucionalização foi de 19%, podendo considerar-se significativa, revelando uma tendência ao nível da mobilização dos recursos disponíveis para, sempre que possível, encontrar uma solução alternativa para cada criança ou jovem em contexto familiar. Os Lares Residenciais evidenciam a resposta social que apresentou a taxa mais baixa de desinstitucionalização (7,5%). Um aspecto positivo a salientar é que das 9.454 crianças e jovens acolhidas em 2008, com processo de promoção e protecção ou tutelar cível, a maioria tem a situação de acolhimento regularizada, ou seja, tem aplicada uma medida de promoção e protecção de acolhimento institucional ou familiar ou uma figura tutelar civil. Observa-se ainda que cerca de 304, (3%) do total de crianças com processo de promoção e protecção tinham definido a situação de adoptabilidade (PII, 2009).

No entanto, merece especial destaque a **situação jurídica** de acolhimento por regularizar identificada em cerca de 502⁷ crianças e jovens. Esta constitui uma das fragilidades que se têm

6 Em 2008 a taxa de desinstitucionalização assumiu um valor de 27%, em 2007 foi de 21% e em 2006 19%, notando-se uma tendência do seu aumento.

7 De referir que do total de 502 crianças e jovens em situação jurídica por regularizar, cerca de 282 situações foram sinalizadas ao Ministério Público tendo daí já resultado que 100 crianças tiveram o respectivo processo arquivado, sem haver lugar a aplicação de

revelado ao nível da protecção de crianças e jovens no nosso país pois “A existência de uma medida que regularize o acolhimento da crianças assegura-lhe que a sua permanência na instituição ou família de acolhimento seja acompanhada e avaliada regularmente, pelas entidades responsáveis (CPCJ, Tribunal, equipas multidisciplinares de assessoria). Sem ter medida aplicada a situação da criança /jovem não é avaliada tendendo, por isso, a arrastar-se no tempo sem que ninguém pondere seriamente projectos de vida alternativos ao acolhimento e tome todas as diligências no sentido da sua saída ser sustentada” (PII, 2009, p. 26). Uma outra fragilidade que ressalta deste relatório assenta na protecção de crianças e jovens sujeitas a tutela, regulação do exercício do poder paternal ou confiança judicial com vista a futura a adopção que são atribuídas, em regra, atribuídas ao director da instituição de acolhimento. Desta forma, a situação das crianças em causa fica entregue apenas à figura do director, existindo assim o risco deste, face a diversidade de crianças e jovens que tem a seu cargo, ter dificuldade em assegurar a todos o cumprimento das responsabilidades parentais inerentes a tais medidas. Estas decisões judiciais, ao invés de protegerem as crianças e jovens, podem colocá-las potencialmente em situação de grande vulnerabilidade na medida em que estas deixam de ter garantida a vigilância do tribunal. Verifica-se ainda que na instauração dos processos há uma reprodução da tendência dos anos anteriores, onde os processos foram instaurados maioritariamente pelos tribunais: 6.012 medidas instauradas por tribunais e 2.047 processos da responsabilidade das CPCJ.

No que diz respeito ao **tempo de permanência**, o PII (2009) revela que quase 40% das crianças e jovens em situação de acolhimento em 2008 se encontravam acolhidas no local actual há mais de 4 anos, idêntica percentagem assumem as crianças acolhidas há um ano ou menos. Os restantes 20% dizem respeito a crianças e jovens que se encontravam no actual local de acolhimento há 2 ou 3 anos. Ao nível do acolhimento de emergência, é de referir que cerca de 80% das crianças e jovens que em 2008 permaneceram acolhidos nesta resposta menos de 1 ano sendo o tempo legalmente previsto de 6 meses (art. 37 da LPCJP). No regime de acolhimento temporário, cerca de 77% em 2008 iniciaram o seu acolhimento há 1 ano ou menos. Em média as crianças e jovens permanecem acolhidas em CAT durante 1 ano, mais do que os 6 meses legalmente previstos. No acolhimento prolongado, quase 70% das crianças e jovens que se encontravam em 2008 acolhidos em Lar de Infância e Juventude registavam períodos de permanência superiores a 2 anos, sendo que apenas 32% permaneceu nesse acolhimento por um período igual ou inferior a 1 ano (25% no caso das crianças e jovens acolhidas em famílias de acolhimento). Importa ainda

uma medida de promoção e protecção ou de outra figura jurídica tutelar cível. Por sua vez, 220 situações prende-se com o facto de grande parte respeitar a jovens com mais de 18 anos (40%) (PII, 2009).

destacar que existem crianças que iniciaram a sua situação de acolhimento desde que nasceram ou com pouco tempo de vida (12% das crianças com menos de 3 anos de idade estão acolhidas há 2 ou 3 anos, um total de 92 crianças; 11% das crianças com idades entre os 4 e os 9 anos estão acolhidas há 4 ou 6 anos, dando um total de 199 crianças). A permanência há mais de 6 anos aumenta em proporção directa com o avanço da idade cronológica das crianças e jovens, sendo que 40% dos jovens com mais de 15 anos se encontram acolhidos há mais de 6 anos (cerca de 1.429 jovens encontram-se nesta situação). Em matéria de tempo de permanência já é, actualmente, consensual assumir que a transitoriedade de acolhimento constituiu um critério de qualidade do mesmo. Este requisito promove a exigência de dinamização do projecto de vida, assente num plano de intervenção individual para cada criança ou jovem, independentemente do tipo de acolhimento: institucional ou familiar, de emergência, temporário ou prolongado.

No âmbito dos **projectos de vida**, o PII de 2009 vem demonstrar que, tal como em 2007, se continua a registar um número não negligenciável de crianças e jovens sem projecto de vida definido (cerca de 2.419), embora este número tenha sido reduzido para cerca de metade de 2007 para 2008. Este cenário traduz, muitas vezes, a dificuldade de se estabelecerem planos de intervenção com acções específicas, envolvendo a criança /jovem e a sua família, com a finalidade de se produzir uma saída segura da instituição, fazendo prolongar a permanência das crianças e jovens em instituição ou em família de acolhimento. Por isso, um dos principais objectivos do PII está em fazer a monitorização anual da evolução dos projectos de vida das crianças e jovens em situação de acolhimento de forma a garantir a existência de um projecto de vida que sustente um plano de intervenção definido para a criança ou jovem com acções concretas, planeadas ou em fase de execução. Em 2008, cerca de 23% de crianças e jovens foram reintegradas na família nuclear, 22% foram encaminhadas para autonomização, 11% para adopção e 9% estavam em regime de acolhimento prolongado. Em Lar de Infância e Juventude, resposta de acolhimento onde se regista um número elevado de adolescentes, predomina a autonomização como projecto de vida.

Apesar de estes dados evidenciarem mudanças no quadro do sistema de acolhimento nacional, graças à evolução das políticas nesta área, há ainda um longo caminho a percorrer no sentido de garantir às crianças e jovens separadas temporariamente da sua família, ambientes de acolhimento estruturados, securizantes e capazes de lhes assegurar contextos de desenvolvimento harmonioso.

Feita a análise da realidade do nosso país e identificadas algumas estatísticas ao nível do sistema de protecção das crianças e jovens em risco, importa agora observarmos as tendências internacionais registadas neste domínio. Os dados disponíveis relativamente ao acolhimento de crianças em instituições na Europa são deficitários e difíceis de interpretar, assim como a categorização e organização das diversas tipologias de acolhimento. A dificuldade da comparação

internacional sobre este assunto é devida às diferenças nas práticas do acolhimento institucional de crianças entre os diversos países da Europa. Há no nível da qualificação dos profissionais, no relacionamento entre os utentes e os profissionais, nas atitudes, perspectivas e formas de abordagens no âmbito do sistema de protecção das crianças nos diferentes Estados Europeus, devido ao uso de terminologia específica, às características dos grupos/populações-alvo, aos diversos tipos de cuidados/medidas aplicadas no âmbito da intervenção, aos motivos para o acolhimento, ao estatuto legal da criança definido por cada país, à duração do acolhimento, etc. (Gudbrandsson, 2004; FICE, 2008).

Na maioria das sociedades da Europa Ocidental, onde os serviços sociais e o apoio familiar estão mais avançados, a taxa de crianças em acolhimento institucional é mais baixa do que nos países da Europa Central e de Leste. De acordo com Gudbrandsson (2004), no âmbito da institucionalização existem três tipos de Estados: os Estados com elevadas taxas de crianças institucionalizadas e com instituições de grande dimensão (Europa Central e de Leste); Estados com uma reduzida taxa de crianças institucionalizadas, mas com instituições de grande dimensão (Sudoeste da Europa); Estados ricos da Europa onde o processo de desinstitucionalização está a ganhar mais consistência e onde estão a ser criadas medidas alternativas e de prevenção da institucionalização (*Affluent States in Europe*). Para ficarmos com uma visão recente do que se passa na Europa a este respeito considerámos fundamental consultar o relatório da *Eurochild* (2010). Os dados fornecidos neste relatório foram obtidos numa pesquisa onde participaram trinta países da Europa, incluindo as quatro nações do Reino Unido e Moldávia. Este estudo reuniu a informação disponível sobre o número de crianças e jovens em regime de acolhimento (institucional, comunitário e de base familiar), sobre os perfis destas crianças e jovens e a existência de normas e apoios à sua participação e envolvimento, assim como das suas famílias, observando algumas tendências comuns em todos os países da Europa. Foram várias as conclusões a que chegaram os investigadores:

- a) Há falta de dados consistentes e comparáveis entre os diversos Estados – membros;
- b) Estima-se que 1 milhão de crianças (1%) na União Europeia está em acolhimento, ou seja, estão ao cuidado do sistema público de protecção em medidas alternativas à sua família de origem:
 - A proporção das crianças acolhidas varia entre os diversos países, por ex. Na Letónia, é estimado que cerca de 2,2% das crianças estão em situação de acolhimento, na Suécia, atinge aproximadamente 0,66% da população infantil e na

Roménia, cerca de 1,6% da população infantil está sob protecção especial, cenário que se mantém desde 1997.

c) O acolhimento Institucional ainda é largamente utilizado na Europa como resposta às crianças que estão em perigo ou que não dispõem de cuidados parentais adequados:

- Apesar de a maioria dos países reconhecer que a colocação de uma criança numa instituição deve ser uma solução de último recurso, ou seja, adoptada só depois de serem utilizados os serviços de apoio à família e de base familiar, o número de crianças em instituições mantém-se em alguns países da União Europeia e noutros até tem sido crescente. Na República Checa, por exemplo, só cerca de 25% das crianças do sistema de protecção, das que foram retiradas à família de origem estão em famílias de acolhimento e o número de crianças institucionalizadas tem vindo a aumentar desde 2000 (*The Unicef TransMONEE database*)⁸. A Letónia e Lituânia também têm visto um aumento no número de crianças acolhidas em instituições. Desde que foi introduzida nova legislação na Roménia, o número de famílias de acolhimento aumentou cerca de 35%, em comparação a Janeiro de 2005. No entanto, em 2008 um número estimado de 24.126 crianças ainda se encontrava em serviços do tipo residencial. Na Bulgária, havia em 2008 perto de 7.276 crianças em Lares Residenciais, apenas 72 crianças colocadas em famílias de acolhimento (menos do que 0,01%).

d) A colocação institucional de crianças com idades inferiores a 3 anos ainda tem lugar em vários Estados – membros:

- É amplamente reconhecido que as crianças colocadas em instituições em idades muito precoces podem sofrer danos irreversíveis no seu desenvolvimento mental e psicológico. No entanto, a prática do acolhimento institucional de crianças com idades inferiores aos 3 anos ainda existe em vários Estados – membros. Os dados da República Checa referentes a 2007 (*Institute of Health Information and Statistics - UZIS*) indicam que 1.407 de crianças com idades inferiores a 3 anos estão em instituições. Na Roménia, de acordo com as novas leis de protecção de crianças

⁸ Banco de dados que fornece uma variedade de dados relevantes sobre a situação social, económica, sobre o bem-estar das crianças, dos jovens e mulheres dos países da Europa Central e Oriental e da Comunidade dos Estados Independentes (CEE / CIS). Estes dados são actualizados anualmente e constituem uma ferramenta especialmente útil para os governos, organizações da sociedade civil, instituições de financiamento, universidades, etc. no âmbito das suas decisões, políticas, programas e agenda.

que proíbem o acolhimento institucional de crianças com menos de 3 anos em instituições, observa-se que as maternidades e hospitais pediátricos funcionam efectivamente como instituições nos casos de abandono (4.000 recém-nascidos foram abandonados em 150 unidades sanitárias em 2004 - *Unicef & The Ministry of Health*). Como resultado, 31,8% das crianças abandonadas em hospitais pediátricos não têm documentos de identificação – deixando-as particularmente vulneráveis à exploração, incluindo o tráfico de crianças. Existem poucos dados sobre a situação de acolhimento de crianças com idades inferiores a 3 anos relativamente a outros Estados – membros, mas um estudo de 2005 da Organização Mundial de Saúde estima que em toda a Europa cerca de 21.955 crianças de idade inferior aos 3 anos estavam, em 2003, em acolhimento institucional (Relatório da *Eurochild* (2010)).

e) Nas estatísticas relativas ao acolhimento há uma sobre-representação de alguns grupos vulneráveis:

- Na Bulgária, as crianças ciganas representavam cerca de 45% das crianças que se encontravam em acolhimento. Na República Checa, em 2007, 24% das crianças que estavam em centros de acolhimento temporário ou em unidades de emergência eram ciganas. Na Hungria, as crianças de origem cigana estão também sobre-representadas nas instituições (oficialmente não é permitido recolher informação baseada na origem étnica de acordo com o direito da privacidade). A institucionalização de crianças com deficiência constitui também uma grande preocupação em muitos países da UE. Por exemplo na Letónia, os municípios não dispõem de recursos para dar suporte adicional às crianças com necessidades especiais, que possuem problemas físicos ou comportamentais.

f) As famílias que enfrentam a pobreza e a exclusão social têm maior probabilidade de ver as suas crianças colocadas em instituições:

- Apesar de a maioria dos Estados – membros não considerar a pobreza e a privação material como razões ou motivos para o acolhimento de uma criança, o que verificamos, na prática, é que estas são, em muitos países, contextos subjacentes ao acolhimento. Na verdade, a falta de dados relativos à relação entre pobreza/exclusão social e a colocação de crianças não tem permitido identificar nas decisões que conduzem ao acolhimento as características da pobreza, assim como

a forma como podiam ser desenvolvidas outras estratégias de prevenção e intervenção mais adequadas. Famílias com crianças pequenas, particularmente aquelas que enfrentam a pobreza e a exclusão social, devem receber os apoios e os incentivos necessários o mais cedo possível. A intervenção precoce perante os problemas é menos dispendiosa e produz benefícios a longo prazo para a sociedade.

g) Muitas crianças que vivenciaram o acolhimento desenvolvem problemas psicossociais na idade adulta:

- As estatísticas disponíveis são a prova inequívoca de que as crianças que estiveram em situação acolhimento e, em particular, em contextos de acolhimento institucional, têm maior probabilidade de virem a enfrentar situações de sem-abrigo; cometer crimes, de terem filhos antes dos 20 anos e de os seus próprios filhos vivenciarem também o acolhimento. A transição para a vida independente é vista por muitos países como um período particularmente sensível de mudança para o jovem. Por isso, durante este processo de transição é fundamental o jovem tenha um acompanhamento de qualidade, uma preparação individualizada e suporte contínuo para que possa ultrapassar esta fase da sua vida com sucesso. Não obstante alguns resultados negativos que têm vindo a ser observados nas crianças e jovens que experienciaram o acolhimento, existem ainda muito poucos estudos longitudinais que possam demonstrar em que circunstâncias estes jovens poderão no seu futuro alcançar bons resultados. Por exemplo, na Finlândia um estudo que se baseou no acompanhamento de crianças que cresceram numa aldeia SOS, onde foram entrevistados adultos (entre os 22 e 51 anos) sobre a sua situação de vida, educação, emprego e saúde, revelou que os resultados obtidos não eram diferentes do resto da população.

h) Há ainda uma fraca implementação das normas que protejam os direitos das crianças que se encontram em acolhimento e que promovam a sua participação e envolvimento e das suas famílias:

- Embora a maioria dos países europeus tenha normas ou mecanismos para proteger os direitos das crianças que se encontram em acolhimento, em muitos casos, sua aplicação é frágil. Há ainda vários países (por exemplo, Grécia, Letónia e República Checa) onde estes mecanismos ainda não estão implementados. Os

dados são escassos relativamente a este tipo de mecanismos. Em países como o Reino Unido, o tempo e o custo envolvidos na regulação, controlo e inspecção são vistos como desproporcionais em relação aos reais benefícios para os serviços de acolhimento. É ainda de referir que o envolvimento das crianças e dos pais no processo de decisão continua a ser muito fraco em muitos dos países europeus. No caso da Irlanda, vemos que, embora os regulamentos, normas e legislação sejam significativos em comparação com outros países, a questão do envolvimento das crianças e suas famílias carece de aprofundamento. Também no Reino Unido, apesar de progressos no que diz respeito à participação de crianças em acolhimento ao nível do planeamento dos seus próprios cuidados, os relatores consideraram que ainda há muito espaço para a melhoria.

i) Na Europa são escassos os grupos de pares de crianças e jovens que vivem ou viveram em contextos alternativos à família:

- Na maioria dos países analisados não existem estruturas formais através das quais as vozes de crianças com experiência de acolhimento sejam devidamente ouvidas. Onde estas estruturas existem, são geralmente criadas e apoiadas por ONG's, como é o caso da Áustria, Dinamarca, Finlândia, Eslováquia e Suécia. Na Holanda, o *"National Client Forum Youth Care"* é uma organização que representa os interesses dos jovens a nível local e nacional. O objectivo deste fórum é melhorar a qualidade do atendimento de jovens. Também no Reino Unido existem várias organizações que são apoiadas pelo governo: *"A National Voice"*, *"The Debate Project"*, e *"Voices from Care Wales"*. Todos eles trabalham para capacitar os jovens que se encontram ou já saíram do acolhimento, dando a oportunidade de partilha de experiências e assim pretendendo contribuir para a melhoria do futuro de outros jovens. Em vários países há muitas e sofisticadas formas de apoio para famílias de acolhimento, mas pouco ou nada para as famílias de origem das crianças. Dinamarca e Suécia são excepções, uma vez que têm grupos de pais cujas crianças se encontram em acolhimento. Na Eslováquia, o programa *Pride* é um programa de auto-ajuda para grupos de pais com crianças em acolhimento que visa promover o trabalho com as famílias biológicas. O apoio e a capacitação de pais cujos filhos estão em acolhimento são um componente crucial na prestação de serviços junto das crianças que se encontram em situação de protecção. Muitas vezes a criança é removida do seu meio familiar e muito pouco é feito para ajudar

os pais a melhorarem as suas competências parentais para que a criança seja capaz de voltar para casa. As redes de apoio fornecidas pelos grupos de pares podem desempenhar um papel importante neste processo.

No que se refere a Portugal, o relatório da *Eurochild* (2010) começa por fazer referência ao número de crianças e jovens que se encontram em contextos alternativos às suas famílias de origem, identificando que, em 2008, houve um decréscimo em comparação com os dois anos anteriores não obstante manter-se ainda consideravelmente elevado. Destaca, por sua vez, um aumento gradual no número de crianças e jovens que saem do sistema de acolhimento. Um outro aspecto que é mencionado no relatório diz respeito aos programas, instrumentos e estudos nacionais que têm sido desenvolvidos na tentativa de identificar, caracterizar e avaliar a situação crianças e jovens que se encontram em acolhimento, o que revela que a temática das crianças e jovens em risco tem sido uma matéria colocada na agenda política nacional e que têm sido efectuados investimentos a vários níveis: político, recursos humanos, técnicos e financeiros.

O perfil das crianças e os jovens que se encontram no sistema de acolhimento português é outro aspecto referenciado neste relatório. Em Portugal o facto de as famílias serem pobres ou estarem numa situação económica precária não significa que as crianças tenham se retiradas do seu meio familiar para serem integradas no sistema de acolhimento. No entanto, o que vem sendo observado pela comunidade científica é que pobreza e a falta de recursos económicas das famílias constituem factores que estão relacionadas com os diversos motivos sócio familiares que caracterizam o panorama das crianças e jovens acolhidas: maus-tratos físicos, psicológicos (rejeição, humilhação e depreciação, indiferença, abuso excessivo de autoridade parental) negligência (ao nível da educação, saúde, ausência de supervisão parental, exposição a comportamentos de risco ou desviantes) toxicodependência, alcoolismo, abuso sexual, mendicidade, prostituição infantil, abandono, orfandade, ausência de suporte familiar, refugiados de guerra, etc. De acordo com os relatórios anuais desenvolvidos por estas Comissões, em 2007, foram identificadas cerca de 30,4% das crianças e jovens provenientes de contextos familiares desfavorecidos e com problemas sociais. As condições habitacionais das famílias são, sem dúvida, um dos problemas a merecer resolução, sendo observado que determinadas famílias viviam em barracas, havendo mesmo crianças e jovens que não tinham habitação. O tempo médio de permanência das crianças e jovens nas diversas respostas sociais que constituem o nosso sistema de acolhimento também mereceu destaque pelo facto de se observarem longos períodos de permanência em determinadas tipologias de acolhimento, sendo salientado, no entanto, que o governo tem implementado esforços no sentido

de haver uma redução na duração das medidas de acolhimento.⁹ Ainda em relação ao perfil das crianças e jovens que se encontram acolhidos em contextos alternativos à sua família de origem, o relatório da Eurochild (2010) diz-nos que, em Portugal, as crianças naturais dos PALOP's – Países de Língua Oficial Portuguesa – e de outros países, têm vindo a registar um aumento significativo, como se pode observar no Relatório da Actividade das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (2009), onde as crianças naturais dos PALOP's aumentaram cerca de 67,6%, relativamente a 2007, ascendendo a um valor, em 2008, de 2,6% (734). O número de crianças naturais de outros países registou uma subida de 45,4%, atingindo o valor de 6,7% (1857) em 2008. Os relatórios oficiais não indicam a origem étnica das crianças e jovens que se encontram acolhidas, apenas referem que o número de crianças e jovens de nacionalidade estrangeira tem vindo a aumentar.

A avaliação dos efeitos e resultados das diversas respostas sociais na vida das crianças e jovens portuguesas é um outro assunto que é abordado no relatório da Eurochild (2010). A este respeito é referido que só os estudos académicos realizados mais recentemente têm procurado analisar o impacto destas medidas nas diversas dimensões da vida das crianças e jovens (educação, conflitos com a justiça, saúde, emprego, habitação, parentalidade), pois os relatórios oficiais não estão orientados para o analisar o impacto que as diversas medidas de acolhimento exercem na qualidade de vida e bem-estar das crianças e jovens.

Foi também feita referência à legislação que Portugal possui para regulamentar, orientar e proteger os direitos das crianças que se encontram em acolhimento, nomeadamente a Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Risco. Para monitorizar, avaliar e supervisionar as respostas sociais foram salientadas sobretudo as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens em Risco e o Plano DOM.

No que diz respeito a grupos de pares de crianças e jovens e que vivem ou viveram em contextos alternativos à família Portugal, tal como nos restantes países da Europa, não existem iniciativas governamentais desta natureza que promovam a participação e envolvimento das crianças e jovens e suas famílias, somente algumas experiências e projectos académicos.

Um último aspecto abordado neste relatório relativamente a Portugal refere-se à necessidade de se introduzirem algumas mudanças e de se reorientar a intervenção na área da protecção social à infância indo mais ao encontro das recomendações do Comité da Convenção das Unidas sobre os direitos da criança (*United Nation Convention on the Rights of the Child - UNCRC*). Por isso mesmo, de acordo com as recomendações do Comité; Portugal deverá efectuar um maior investimento

⁹ Em 2008, nos centros de acolhimento temporário (cuja duração legalmente prevista é de 6 meses) o tempo médio de permanência foi de 1 ano; nos lares de infância e juventude, o tempo médio de permanência foi de 4 anos; nas famílias de acolhimento sem laços familiares foi de 5 anos. Mas existe um número significativo de crianças e jovens que permanecem acolhidas entre 4 a 6 anos (1.647 crianças e jovens) e mais de 6 anos (2.020 crianças e jovens), no entanto, tem havido esforços por parte do governo no sentido de reduzir o período de acolhimento.

relativamente às crianças que se encontram institucionalizadas, privadas do seu ambiente familiar, analisando, monitorizando e supervisionando de forma regular a prática e a intervenção das instituições para garantir qualidade de acolhimento e salvaguardando os interesses e os direitos das crianças e jovens acolhidos. Também deverá investir mais na assistência social às famílias, trabalhando com elas, acompanhando-as e apoiando-as financeiramente. Por outro lado, deve investir em medidas políticas de desinstitucionalização. No âmbito da adesão de Portugal aos Planos Nacionais de Acção contra a Pobreza e para a Inclusão Social (*The National Action Plans Against Poverty and Social Inclusion- NAP/Inclusion*), e nomeadamente, através do Plano de intervenção Imediata (PII), enquanto instrumento desenvolvido para diagnosticar e analisar a evolução dos projectos de vida das crianças e jovens que se encontram em contextos alternativos à sua família de origem, constituem objectivos enunciados:

- a) Implementar este plano atendendo ao perfil de cada criança e jovem;
- b) Conseguir atingir cerca de 25% na taxa de desinstitucionalização das crianças e jovens;
- c) Criar uma rede nacional de apartamentos de autonomização para jovens que necessitem de aprendizagens e competências para conseguirem fazer uma transição de sucesso quando tiverem de viver de forma independente: criar 40 apartamentos de autonomização até 2010.
- d) Introduzir apoios à maternidade, paternidade e benefícios na adopção (Decreto-lei n.º 105/2008, de 25 de Junho)
- e) Reforçar a protecção social às famílias, aumentando os direitos previstos à maternidade nos casos de adopção e reforçando as medidas sociais para reforçar a protecção à maternidade, paternidade e adopção. Alargar estes benefícios a sectores da população portuguesa que estavam de alguma forma excluídos por dificuldades de emprego ou que não estavam abrangidos pelo sistema de protecção da segurança social.

O relatório da *Eurochild* (2010) destaca ainda algumas recomendações que a União Europeia faz a todos os Estados – membros:

1. Dar prioridade política à recolha de dados comparativos sobre as crianças e jovens que se encontram em acolhimento:

- Todos os Estados – membros devem acordar soluções comuns para oferecer às crianças que necessitam de cuidados e protecção social, tal como está previsto nas Directrizes das Nações Unidas.

2. Tomar medidas imediatas para apoiar a desinstitucionalização de crianças;

- Os Estados – membros da UE devem investir mais no sentido de deixarem de ser utilizadas as instituições de acolhimento de grande dimensão, avançando para o fornecimento de uma gama de soluções integradas, baseadas na família e nos serviços da comunidade. Devem também procurar que as intervenções obedeam ao primado da intervenção dos serviços de apoio à família de origem para impedir a separação das crianças das suas famílias; da reintegração das crianças na sua família de origem (caso seja seguro, possível e adequado); da transformação das instituições em serviços baseados na comunidade ou em centros de serviços sociais (tais como as creches para crianças com determinadas incapacidades ou deficiências). As orientações da UE concorrem no sentido de os fundos estruturais serem aplicados na melhoria dos serviços ao invés de serem orientados para a renovação de equipamentos institucionais.

3. Introduzir a proibição de institucionalizar crianças entre os 0 e os 3 anos em todos os Estados – membros;

- O apoio à família de origem e o aumento das tipologias de acolhimento baseadas na família devem ser priorizadas para assegurar que nenhuma criança menor de 3 anos seja colocada numa instituição. Essa proibição deve ser controlada a nível da UE.

4. Proporcionar um enquadramento que apoie os Estados – membros nos esforços de inclusão social das crianças, fazendo com que serviços de apoio mais personalizados possam respeitar a diversidade de cada família e as necessidades das crianças:

- Todos os profissionais que trabalham com e para as crianças, ao nível da educação, saúde, protecção e trabalho social, necessitam de ter formação de qualidade e de supervisão. As novas profissões que estão a surgir nesta área de intervenção devem ser reforçadas, valorizadas e reconhecidas profissionalmente.

5. Reduzir os riscos de exclusão social, de forma a assegurar que nenhuma criança seja acolhida devido à sua situação de pobreza, deficiência ou origem étnica:

- A luta contra a pobreza infantil deve ser uma prioridade política da UE. As

desigualdades sociais impedem que as crianças possam ter igual acesso aos serviços e perpetuam o ciclo de pobreza. É necessário uma forte estrutura política ao nível da UE para garantir que todos os estados-membros implementem reformas estruturais necessárias para garantirem a todas as famílias o acesso a um rendimento mínimo e a serviços adequados.

6. Incentivar os Estados-membros a orientar sua legislação nacional relativa ao acolhimento de acordo com as recomendações da ONU:

- As directrizes da ONU ao nível do acolhimento ou dos cuidados alternativos para crianças que necessitam de protecção social fornecem uma série de normas que devem ser adoptadas por todas as agências e estruturas que trabalham nesta área. Por exemplo: “*Quality4Children*”, entre outros, pode ser um modelo a seguir. A implementação de sistemas de acompanhamento e monitorização devem ser feitos localmente em cada país.

7. Garantir que as crianças e jovens que experienciaram o acolhimento, assim como as suas famílias, tenham voz:

- O envolvimento de crianças, jovens e suas famílias é fundamental, tanto nos processos de decisão que os afectam directamente como no desenvolvimento de políticas referentes aos cuidados e serviços alternativos às crianças. Assim, todos eles devem chamados a intervir e a participar em todas as fases do processo de acolhimento. A UE deve encorajar o desenvolvimento de grupos de pares (crianças, jovens e pais que viveram a experiência de acolhimento) para que possa haver entreaajuda entre eles.

1.1 Papel e funções atribuídas às instituições

Antes de ficarmos a conhecer os traços do acolhimento institucional em Portugal, interessa fazer algumas considerações conceptuais, referindo-as à evolução histórica das instituições de Infância e Juventude.

As instituições existem em todas as sociedades minimamente organizadas, por isso, podemos considerar que assumem um carácter universal. Esta é uma característica que nos permite, desde já, concluir que se trata de uma componente essencial ao funcionamento de uma sociedade. Para percebermos melhor qual o papel da instituição numa sociedade e, mais concretamente, qual o papel dos Lares de Infância e Juventude enquanto instituições sociais, importa retroceder um pouco na história e conhecer as definições que alguns teóricos, na área das Ciências Sociais, atribuíram aos conceitos de instituição e institucionalização. De acordo com Talcott Parsons, «...uma instituição consiste num conjunto complexo de valores, de normas e de usos partilhados por um certo número de indivíduos» (1951, cit. por Boudon, et al., 1990, p 134). Esta definição é muito abrangente, levando-nos a identificar uma variedade de instituições na nossa sociedade, independentemente das suas finalidades, necessidades e interesses que servem, seja de carácter público, cooperativo, social ou privado, onde o comportamento e as relações sociais dos indivíduos, que delas fazem parte, se regem em função de valores, normas, ideologias, culturas, símbolos (por exemplo, a família, o hospital, a escola, o estado, o parlamento, o partidos políticos, entre muitas outras). Isto significa que a sua existência ou o seu estabelecimento na sociedade, só se justifica pela sua necessidade ou, como Talcott Parsons refere, pelo seu significado estratégico num dado sistema social. Para Pité (1997,p 76) «A presença das instituições em sociedade manifesta-se por forma de comportamentos e de pensamentos sociais ou colectivos, herdados do passado e resultantes do constrangimento a que os indivíduos estão sujeitos quando inseridos numa sociedade historicamente determinada». Nota-se que a existência de instituições deve-se à necessidade de o social se sobrepor ao individual. Durkheim, na mesma linha de pensamento, refere que as instituições têm como finalidade «...assegurar a objectividade da vida em sociedade, em oposição às motivações individuais». (cit. por König, 1971, p. 247. Isto significa que as instituições constituem uma necessidade intrínseca da sociedade, funcionando como forma de organização e controlo social e, que todos os membros de uma sociedade reconhecem nas suas relações sociais a «...presença das instituições o que significa uma presença permanente da ideologia, de normas, de valores, de símbolos de classe que constrange o indivíduo ao grupo a produzir comportamentos e pensamentos tendo como referência as instituições existentes na sociedade (Pité, 1997, p. 77).

A exploração do conceito de instituição, do seu significado e papel na estrutura e organização de uma sociedade é importante, uma vez que nos permite fazer o enquadramento das instituições sociais, mais especificamente as instituições de acolhimento residencial no âmbito do Sistema de Protecção de Menores. Devido à grande variedade e heterogeneidade de instituições e serviços desta natureza, o processo da sua classificação é complexo. No entanto, é sabido que começaram

por se estabelecer, em diversos locais e países, motivadas por iniciativas públicas e privadas, pertencentes maioritariamente a ordens religiosas, para darem resposta a situações de dificuldade e desprotecção social. Ao longo dos tempos, foram-se definindo na arquitectura que usavam, nos objectivos e funções que serviam, na população acolhida, na forma como se organizavam e nos modelos de intervenção que adoptavam. Uma das grandes críticas dirigidas a grande parte destes estabelecimentos está relacionada com a ausência de especialização no seu funcionamento. Ou seja, eram serviços que acolhiam populações que tinham problemáticas diversas, mas que não forneciam às mesmas uma intervenção diferenciada em função das suas necessidades, colocando-as numa situação de fragilidade e fortemente susceptíveis a situações de abuso e violação dos seus direitos mais essenciais. Com a perspectiva de “regular” esta situação que tendia a agravar-se, o Estado passa a assumir responsabilidade social neste sector. É criada legislação no âmbito da protecção de crianças e jovens e definidas instituições que seriam especificamente vocacionadas para o seu acolhimento (Quintãns, 2009).

As instituições de acolhimento de menores em risco, desde os anos 1950 e 1980, um pouco por toda a Europa, vêm sofrendo transformações em diversos níveis e a diferentes velocidades. De uma forma generalizada, pretendem oferecer às crianças que estão acolhidas um ambiente de tipo familiar¹⁰ em detrimento do ambiente despersonalizado e impessoal que caracterizava as instituições de grande dimensão. As consequências evidentes destas mudanças verificam-se no encerramento de macro-instituições na maioria dos Estados na Europa Ocidental, consideradas inadequadas e estigmatizantes, sendo substituídas por instituições de tipo familiar, mais *normalizadas*, com uma dimensão mais reduzida – as micro-instituições. Este movimento de transformação, que se deve também a uma maior preocupação política e social em relação ao número de crianças e jovens acolhidas, evidenciava que os contextos institucionais começavam a dar os primeiros passos, no âmbito da sua reestruturação¹¹. Trede e Winkler (2000) identificam alguns destes tipos de acolhimento (FICE, 2008):

- *Group education* – tipologia de acolhimento familiar (embora existam alguns ainda de grande dimensão) onde a educação é baseada pelo grupo. O grupo normalmente é composto entre 6 a 10 jovens, de ambos os sexos (por vezes só de raparigas). Estes jovens têm autonomia em diversos aspectos da organização da sua vida diária. Existem educadores sociais que acompanham os jovens e são responsáveis por

10 Na Dinamarca e noutros países nórdicos, a maioria das crianças institucionalizadas vivem em “mini instituições” e com uma elevada qualidade no contexto residencial para poucas crianças (4-8). Esta realidade é muito diferente das instituições de grande dimensão que foram construídas nos países da Europa Central e Oriental. (Gudbrandsson, 2004, FICE, 2008))

11 Havia a necessidade dos centros residenciais aderirem ao processo de *normalização* ou de transformação estabelecido, em 1977, de acordo com as Directrizes do Comité dos Ministros do Conselho da Europa (77) 33, de 2 de Novembro. (cit. por Martins, 2004).

fornecer uma educação, por garantir e promover as relações de amizade entre os diversos membros do grupo e entre estes e a equipa de profissionais para que possa haver um bom desenvolvimento emocional e psicológico. Os educadores têm ainda a preocupação de trabalhar as necessidades que estes jovens podem vir a sentir a longo prazo, por isso trabalham com as suas famílias de origem, fortalecendo as suas capacidades para que estas estejam em condições de receber os jovens quando saírem do grupo. Esta resposta social permite ao jovem permanecer para além dos 18 anos tendo assim condições para prosseguir os seus estudos;

- *Therapeutic education* – resposta social dedicada a fazer tratamentos terapêuticos específicos, existem poucos equipamentos que se dediquem a esta forma terapêutica;
- *Family education care* – resposta que foi criada para fornecer às crianças e jovens acolhidas um ambiente familiar, mais íntimo e privado. Tem um cariz profissional, sendo providenciado cuidado diário às crianças e jovens que se encontram acolhidas. Os educadores podem tomar conta até 6 crianças, juntamente com os seus filhos biológicos caso os tenham. Este tipo de acolhimento é muito parecido ao *treatment foster care*;
- *Independent living* – tipo de acolhimento onde os jovens vivem sozinhos ou partilham com colegas um apartamento alugado. É utilizado sobretudo na fase de transição do estilo de vida dos jovens, ou seja, após a saída da instituição e habituados a viverem em grupo necessitam de aprender a viver sozinhos, ou seja, de forma independente e autónoma. Aqui a intervenção baseia-se na resposta às necessidades e exigências sentidas por cada jovem (por ex. suporte emocional para a desvinculação da relação afectiva com um educador, aquisição de competências domésticas, sociais, de procura de emprego, etc.)
- *Flexible care* – forma de acolhimento personalizado que vai desde o acolhimento residencial ao tratamento terapêutico, incluindo os *drop-in centres*, que se destinam aos jovens que deixaram as suas famílias de origem e que vivem em situação problemática: situações de desvio, situações de sem-abrigo, prostituição, abuso de drogas, etc. e que recusam outro tipo de abordagens ou intervenções. Este tipo de

acolhimento, caracterizado pela sua flexibilidade, pode ser altamente individualizado respondendo as necessidades dos jovens evitando que estes fiquem ligados a uma determinada tipologia de acolhimento ou instituição. A questão de *onde* e *como ele* ou *ela* devem permanecer é deixada em aberto e depende da forma como cada criança ou jovem for evoluindo no âmbito do seu processo de integração e interacção;

- *Adventure – based care* – tipologia onde a educação é baseada na aventura. Resposta que procura ajudar a construir novas relações entre adultos e jovens mediante o contacto com culturas e regiões diversas ou através da partilha de experiências (ex. vela e escalada). Esta forma de acolhimento é usada essencialmente para moldar o carácter e a mentalidade dos jovens. Esta resposta por vezes inclui características da educação formal como é o caso *Danish Model Travelling Schools*;
- *Crises – centres* – tipo de acolhimento que inclui abrigos para jovens raparigas e mulheres; centros para menores refugiados, sem acompanhamento e supervisão; centros de formação profissional e vocacional;

Independentemente do tipo ou modalidade de acolhimento, as representações sociais que foram sendo construídas à volta do acolhimento institucional ou das instituições são tendencialmente negativas. Existem várias explicações para este criticismo social, uma delas está relacionada com a concepção existente no nosso imaginário colectivo acerca das primeiras instituições que já tivemos oportunidade de referenciar: estruturas grandes, fechadas, com notória rigidez no cumprimento das regras, impessoais e estigmatizantes, próximas das “*instituições totais*” que Erving Goffman caracterizou no âmbito de uma pesquisa que efectuou aos asilos/hospitais psiquiátricos, na década de 1960 (cit. por Campenhoudt, 2002). O facto de ainda hoje existirem problemas e fragilidades no interior das instituições também reforça esta perspectiva. Os acontecimentos negativos que têm sido tornados públicos e que merecem inequivocamente a reprovação social devido à violação dos direitos das crianças e jovens acolhidos geraram um criticismo muito acentuado sobre a eficácia, ética e política de adequação deste tipo de instituições, havendo mesmo quem defenda a sua extinção (Martins, 2005). Nos países mais desenvolvidos da Europa, existe cada vez mais uma orientação para evitar o acolhimento de crianças e jovens fora da família sempre que possível, quer seja, o acolhimento de curta, média ou longa duração. Contudo, especialmente nos países do sul da Europa, o acolhimento prolongado, continua a ser das medidas

mais solicitadas ao nível da protecção infantil, o que é o caso de Portugal (PII, 2008). Por esta razão, é imperativo que se invista cada vez mais nela, tornando-a num recurso válido no processo de protecção das crianças. Ou seja, procurar que forneça um serviço de qualidade à população vulnerável que acolhe, assegurando não só as suas necessidades básicas, mas assumindo sobretudo um papel regulador e organizador, que é determinante quando a família falha. Para além disso, é preciso que sejam adoptadas estratégias que promovam a vida independente dos jovens após a sua saída, empreendendo nos seus recursos e competências para que possam tornar-se auto-suficientes e bem sucedidos após a desvinculação da instituição.

De acordo com o que está regulamentado na LPCJP (Lei n.º 147/99, alterada pela Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto), as instituições de acolhimento, deverão dispor de condições para garantir os cuidados adequados às necessidades das crianças e jovens e proporcionar-lhes educação, bem-estar e desenvolvimento integral. Isto significa que a sua intervenção deverá ser especializada e a forma como se organizam deve ter como objectivo proporcionar modelos educativos adequados às crianças e jovens que são acolhidos, promovendo uma relação afectiva de tipo familiar, uma vida diária personalizada e a sua integração na comunidade. O seu funcionamento deve ser feito em regime aberto, permitindo a livre entrada e saída da criança e a visita dos pais e familiares das crianças de acordo com os horários de funcionamento da instituição, salvo se houver indicações contrárias. No que diz respeito à equipa técnica de que devem dispor, esta deverá ser multidisciplinar (com profissionais da área da Educação, Serviço Social e Psicologia, etc.). As suas funções são variadas, indo desde a avaliação da situação de cada criança ou jovem que é acolhido, à definição e criação de condições para implementação do seu projecto de promoção e protecção. Devido à natureza do próprio projecto, estes profissionais deverão assumir uma postura de articulação com profissionais de outras instituições na área de Medicina, Direito, Enfermagem e, no caso dos Lares de Infância e Juventude, da organização de tempos livres.

1.2 Traços do acolhimento institucional em Portugal

Apesar do forte criticismo de que é objecto, em Portugal, nomeadamente o acolhimento institucional continua a ser a medida por tradição mais aplicada no sistema de protecção, encontrando-se acolhidas, durante o ano de 2008, em Lar de Infância e Juventude um total de 6.799 crianças e jovens, ou seja, cerca de 68% das crianças e jovens em acolhimento, num claro domínio das respostas de acolhimento prolongado. Em seguida, a resposta social com maior número de crianças e jovens acolhidas é o Centro de Acolhimento Temporário (CAT) com uma taxa

de 19%, cerca de 1.867 crianças e jovens. Nos Lares Residenciais, encontravam-se em 2008, cerca de 193 crianças e jovens (2%), em Centro de Apoio à Vida, estavam 83 crianças e jovens em acolhimento (0,9%). As respostas sociais com a menor taxa de acolhimento (0,4%) são o Acolhimento de Emergência e os Apartamentos de Autonomização com 44 e 40 crianças e jovens acolhidos respectivamente (PII, 2009). De acordo com Alves (2007), o elevado número de crianças institucionalizadas deve-se a diversos bloqueios, constrangimentos e falhas que caracterizam o funcionamento do sistema de protecção: *“Falhas na intervenção preventiva no seio das famílias, tornando-se o acolhimento institucional a resposta imediata e exequível para sanar o perigo em que se encontra a criança/jovem, também o acompanhamento assegurado durante o mesmo com vista ao seu rápido regresso ao seu agregado familiar (ou a um outro, quando o de origem não volta a reunir condições para a receber), apresenta várias fragilidades”* (p. 84). Algumas instituições de acolhimento, conscientes das fragilidades e constrangimentos que possuem, e reconhecendo o seu papel e a responsabilidade social que lhes é exigida, têm vindo, cada vez mais, a promover alterações na sua organização e funcionamento, preocupando-se com a qualidade dos serviços que prestam, com a resposta às necessidades e interesses das crianças e jovens que acolhem com o impacto que a sua intervenção tem ao nível do desenvolvimento, qualidade de vida e bem-estar futuro dos mesmos (Madge, 1994, cit. por Martins, 2004). Estas mudanças foram em grande medida precipitadas pela divulgação e conhecimento público das histórias de abusos sofridos pelas crianças e jovens em situações assistenciais que têm sido recorrentes nos meios de comunicação social. No entanto, a qualificação do atendimento residencial e certificação das respostas sociais é uma tarefa todavia pendente, embora se assista a um esforço cada vez mais notório nesse sentido e para seguir os exemplos que possuem boas práticas. Um exemplo claro da preocupação e ênfase colocada na protecção de crianças e jovens vulneráveis pode ser constatada através do Plano de Intervenção Imediata (PII) ¹². Este plano constitui um instrumento de diagnóstico que resulta do empenho do Instituto de Segurança Social (ISS, IP) com a Casa Pia de Lisboa e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Iniciou-se, assim, com este instrumento, em 2003 um trabalho de levantamento no sentido de dar conta da situação das crianças e jovens em acolhimento em Portugal e sua conseqüente regularização. Só em 2006 foi possível obter uma caracterização da totalidade do universo destas crianças e jovens, permitindo que, no ano seguinte, 2007, fosse iniciada uma nova etapa no sentido da qualificação do Sistema Nacional de Acolhimento de crianças e jovens, através do Plano DOM – Desafios, Oportunidades e Mudanças. Este plano assenta em duas vertentes práticas: a) dotação ou reforço as equipas técnicas pluridisciplinares dos Lares de

12 De acordo com o artigo 10.º do capítulo V da lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto, o governo encontra-se obrigado a apresentar à Assembleia da República um Relatório Anual sobre a existência e evolução dos projectos de vida das crianças e jovens que estejam acolhidas em Lares de Infância e Juventude, Centros de Acolhimento Temporário e Famílias de Acolhimento (PII, 2009).

Infância e Juventude, adequando-as ao número das crianças e jovens acolhidos; b) qualificação da intervenção e dos interventores, através de um grande investimento na formação às Direcções, Equipas Técnicas e Educativas e na criação de instrumentos técnicos de intervenção. O Plano DOM encontra-se já implementado em 111 Lares de Infância e Juventude abrangendo 3.844 crianças e jovens. As equipas destes Lares também foram reforçadas com 286 Técnicos Superiores, que foram sujeitos a um investimento significativo ao nível formativo. Durante o ano de 2009 o plano DOM já foi alargado a mais instituições. O objectivo deste trabalho reside em *“qualificar e especializar não apenas os Lares de Infância e Juventude mas todas as respostas de acolhimento no sentido de reforçar as suas competências, técnicas e humanas, adequando as suas práticas às efectivas necessidades e aos direitos das crianças e jovens privados do seu meio natural de vida, consubstanciando uma mudança de paradigma do acolhimento que se impõe como necessária e irreversível”* (PII, 2009, p.8). De acordo com os relatórios de 2006 e 2007, foram identificadas quatro grandes características do sistema de acolhimento em Portugal: a) *grande dimensão do universo de crianças e jovens acolhidos; b) longos períodos de permanência em acolhimento; c) baixa mobilidade; d) fluxos de entrada de crianças e jovens no sistema de acolhimento são inferiores aos de saída para o meio natural de vida* (PII, 2009, p.14). Também alguns estudos nacionais (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.), 2005; Alves, 2007; Quintães, 2009) identificam nos seus resultados e conclusões alguns aspectos que vão de encontro às características acima expostas referentes ao nosso sistema de acolhimento. Para além disso, são identificados problemas, dificuldades e fragilidades que as instituições precisam de ultrapassar, nomeadamente ao nível da existência de maus-tratos físicos e emocionais que se verificam no seu interior (Quintães, 2009). No que diz respeito ao percurso escolar e profissional das crianças e jovens acolhidas os resultados observados são pouco satisfatórios, onde imperam as baixas qualificações, a interrupção dos estudos, o trabalho precário e pouco qualificado (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.), 2005; Alves, 2007; Quintães, 2009). Isto revela que as instituições necessitam de investir mais a este nível de forma a que as crianças e jovens acolhidas possam ultrapassar as dificuldades, melhorar o seu desempenho escolar, potenciar as suas capacidades e sentirem-se motivadas e incentivadas a progredir nos estudos, a obterem uma qualificação superior e empregos mais estáveis e qualificados. Ao nível das propostas para melhorar o acolhimento encontramos nestes estudos várias linhas similares para orientação e intervenção: necessidade de garantir uma monitorização da intervenção, apoio aos jovens que deve ser promovido no período de pós-institucionalização, investir no trabalho que deve ser realizado com as famílias para facilitar a reunificação familiar, redução do período de acolhimento, melhoria na selecção e qualificação dos recursos humanos, melhoria dos equipamentos e redução da sua dimensão de forma a possibilitar um acompanhamento mais

personalizado junto de cada criança ou jovem acolhido, definindo e investindo no seu projecto de vida (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.), 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009).

1.3 Constrangimentos e potencialidades do acolhimento institucional

Caracterizado nos seus traços gerais o sistema de acolhimento de crianças e jovens em risco em Portugal, interessa agora dar conta dos riscos e das fragilidades deste tipo de resposta social, chamando a atenção para o criticismo gerado à sua volta mas também para o potencial do seu papel social e desafios que enfrenta.

Na verdade, apesar das alterações que os estabelecimentos residenciais têm vindo a sofrer ao nível organizacional e funcional, ainda revelam fragilidades e problemas no seu interior, nomeadamente na violação dos direitos das crianças e jovens e nos diversos abusos sobre eles exercidos (Gudbrandsson, 2004).

Alguns estudos revelam que o ambiente institucional não é o mais adequado porque pode pôr em causa o desenvolvimento das crianças e jovens acolhidas, apontando como aspectos negativos da institucionalização: a padronização do atendimento, o número elevado de crianças por técnico ou monitor, a falta de planeamento e desenvolvimento de actividades, as fragilidades das redes de apoio social e afectivo (Carvalho, 2002, cit. por Siqueira & Dell'Aglio, 2006). Na mesma linha, Alberto (2002) defende que pelas características inerentes a qualquer institucionalização, as consequências desta são negativas em diversos domínios e comporta riscos objectivos e reais no desenvolvimento das crianças e jovens acolhidas: a vivência subjectiva de afastamento e abandono das crianças relativamente à família, a desvalorização da auto-estima, a regulamentação excessiva da vida quotidiana, que pode ser invasora da própria individualidade, a influência que a vida em grupo pode exercer na organização da intimidade, o impacto que a organização institucional e a permanência prolongada pode exercer ao nível da construção da autonomia pessoal e do projecto de vida, o bloqueio na construção de vínculos e expressão de afectos (cit. por Martins, 2005, p. 4).

Existem também vários estudos que revelam casos de maus-tratos e violação dos direitos das crianças no interior das instituições, não só por profissionais mas também pelos seus próprios pares, a diversos níveis, demonstrando serem, nestes casos, um ambiente hostil para o seu desenvolvimento (Stanly, 1999; Barter, 1997; Blatt, 1992, cit. por Gudbrandsson, 2004).

À medida que a investigação foi avançando nesta área, foram surgindo diferentes abordagens teóricas sobre os efeitos da institucionalização, apontando aspectos negativos mas também positivos, na medida em que os efeitos/resultados não são iguais para todas as crianças e jovens

que a vivenciam. Começou a problematizar-se em que circunstâncias poderão as instituições constituir contextos de promoção e protecção para uns e para outros espaços de risco. A este respeito encontramos na literatura autores que identificam vários factores que podem influenciar os efeitos da experiência institucional:

*Características individuais*¹³ – as características individuais de cada criança ou jovem, a sua família de origem e a sua história do acolhimento, todos eles são factores que contribuem para os efeitos e repercussões da experiência de acolhimento (Pecora, Whittacker, Maluccio, Barth & Plotnick 2000, cit. por Kerman et al., 2002); A idade de entrada no acolhimento, o género, as experiências de acolhimento anteriores e a raça, constituíram na maior parte das vezes as únicas características individuais da criança/jovem disponíveis nos modelos estatísticos que eram realizados para a percepção do seu bem-estar e desenvolvimento futuro (e.g., Berrick, Needell, Barth, & Jonson-Reid, 1998, cit. por Kerman et al., 2002); Também o facto da criança ou jovem ser do sexo masculino e pertencer a um grupo minoritário foi associado a um baixo nível de escolaridade, assim como taxas de detenção e outros aspectos problemáticos (e.g., Zimmerman, 1982; Festinger, 1983, cit. por Kerman et al., 2002);

Condições da família de origem – as características da família de origem manifestam-se no comportamento dos que lhes são mais próximos e têm reflexo no seu desenvolvimento. A negligência familiar e os abusos de que as crianças e os jovens são objecto dentro da sua família constituem factores de risco que podem provocar uma variedade de efeitos negativos futuros (Kerman et al., 2002). Da mesma forma, o *background* familiar pode ter implicações genéticas ou no comportamento da criança e do jovem, como é o caso do alcoolismo, do consumo de drogas, atraso ou doença mental por parte dos pais (Kerman et al., 2002; Maclean, 2003). Por sua vez as precárias condições económicas da família ou a pobreza em que esta vive fazem parte das características demográficas globais que estão frequentemente relacionadas a um vasto leque de efeitos e resultados negativos no desenvolvimento das crianças e jovens (Huston, Mcloyd & Garcia Coll, 1994, cit. por Kerman et al., 2002; Maclean, 2003). O motivo de separação das crianças e sua família, a qualidade da relação criança-mãe também são aspectos que podem ter efeitos no comportamento e desenvolvimento a longo prazo (Siqueira & Dell’Aglia, 2006);

Características dos serviços – o tipo de resposta, as próprias características das instituições, a duração do internamento, a idade de saída, a qualidade dos contextos pós-institucionais constituem outros dos factores que podem ser significativos no desenvolvimento, bem-estar e sucesso das crianças e jovens que vivenciaram a institucionalização (Gunnar, Bruce & Grotevant,

¹³ Pecora, Whittacker, Maluccio, Barth & Plotnick (2000), investigadores que trabalham na área da protecção social das crianças e jovens que o melhor preditor das consequências e resultados a longo prazo do acolhimento são as características da criança e do jovem na altura da colocação (cit. por Kerman et al., 2002).

2000, cit. por Martins, 2005; Kerman et al., 2002). A este respeito também encontramos a oportunidade das crianças e dos jovens poderem desenvolver relações afectivas no contexto institucional, a qualidade do cuidado prestado pela instituição (Siqueira & Dell'Aglio, 2006; Maclean, 2003).

Serviços de acompanhamento pós – institucionalização – as dificuldades que os jovens enfrentam depois de deixarem o acolhimento têm merecido a atenção de diversos investigadores na medida em que revelam a importância que os recursos e serviços que são disponibilizados podem desempenhar nesta etapa da sua vida. Percebe-se assim a necessidade de haver um maior investimento na preparação para a saída dos jovens, no desenvolvimento de programas de formação específicos¹⁴ para aquisição de vários tipos de competências que promovam o sucesso na transição para a vida independente dos jovens (Kerman et al., 2002). Também a qualidade dos contextos pós-institucionais que os jovens contactam e se inserem após a sua saída podem ser significativos para um bom processo de autonomização (Gunnar, Bruce & Grotevant, 2000, cit. por Martins, 2005). Pecora e colaboradores (2006) nas conclusões da investigação realizada sobre as repercussões a médio e longo prazo que o acolhimento teve ao nível da educação e trabalho em adultos deixam várias recomendações que visam mudanças políticas e a construção de diversos programas. Programas esses que estão directamente relacionados para a promoção da educação e qualificação dos jovens: incentivo ao prolongamento dos estudos para aquisição de um diploma de formação superior; identificação e tratamento de problemas ao nível da saúde mental dos alunos para que estes possam ter um melhor desempenho escolar; evitar as mudanças sucessivas de escola e de instituição promovendo assim a estabilidade e a segurança dos jovens; disponibilizar recursos aos jovens assim que deixam o acolhimento; reforçar a preparação, o acesso e o sucesso do percurso académico dos jovens fazendo com que estes tenham confiança e motivação na progressão dos seus estudos e obtenção de uma qualificação superior. São também recomendados desenvolvimento de programas que utilizem os recursos da comunidade direccionados para o apoiar os jovens na obtenção de emprego, de habitação, de suporte afectivo, competências pessoais, sociais, domésticas, financeiras, etc. (Pecora et al., 2006).

Esta perspectiva de análise sobre o acolhimento residencial foi ganhando mais consistência, sendo cada vez maior o número de estudos que o demonstram (Martins, 2004). Trata-se de uma linha de investigação que pressupõe a existência de uma multiplicidade de factores que têm de entrar em linha de conta quando se fala do impacto institucional, pois como Shaffer refere «*Tanto quanto se sabe, é a totalidade experiencial e vivencial da criança que é significativa e relevante do*

14 Por exemplo os programas: *The Independent Living Initiative* dos USA (Kerman et al., 2002; Mendes e Moslehuddin, 2006), *The Children Act 1989 e Leaving Care Act 2000* do UK, *Transition to Independent Living Allowance (TILA)* da Austrália (Mendes e Moslehuddin, 2006), *Individual Development Accounts (IDAs)*, cit por Pecora et al., (2006).

ponto de vista desenvolvimental, mais do que episódios isolados, mais ou menos precoces ou mais menos perturbadores». (1990, cit. por Martins, 2005, p. 3). De acordo com Martins (2004), foram os estudos de Tizard e colaboradores (1974, 1975, 1976) que introduziram uma mudança em termos de investigação nesta área. Isto porque nos estudos sobre o impacto institucional passam a fazer parte da análise variáveis contextuais deixando a institucionalização de ser considerada uma variável homogénea e isolada (Fernandez del Valle, s/d b, cit. por Martins, 2004). Para Tizard e Rees (1974) *“a vida numa instituição não resulta necessariamente empobrecedora”* (p. 98). A experiência de institucionalização deixa assim de ter efeitos negativos inevitáveis com repercussões no desenvolvimento das crianças tal como já era defendido por Bowlby (1951), Goldfarb (1945a, 1945b) e Spitz (1945), entre outros (cit. por Martins, 2004).

Isto significa que a institucionalização, podendo constituir um factor de fragilização do desenvolvimento, por si só, não condena uma criança à psicopatologia ou a percursos de vida menos bem-sucedidos. Para Maclean (2003), os efeitos negativos da institucionalização são tanto maiores quanto mais associados estiverem a factores de risco existentes no ambiente pós-institucional da criança e do jovem, podendo estes ser minimizados, de acordo com o tipo de intervenção que for desenvolvido na instituição e com o ambiente estimulante e sustentado que lhe for oferecido. Assim, a qualidade dos serviços prestados pelas instituições pode fazer a diferença no desenvolvimento das crianças e jovens acolhidos. Também Grusec e Lyton (1988) defendem que os efeitos dos cuidados em instituição são provenientes de vários factores, questionando a lógica linear dos estudos mais antigos (Bowlby, 1973/1998; Goldfarb, 1943,1945) que identificavam danos irreparáveis nas crianças acolhidas, especialmente os problemas cognitivos (linguagem e o comportamento), os problemas de comportamento (maior agressividade) e as dificuldades emocionais (incapacidade de estabelecer laços afectivos).

No estudo de Yunes et al. (2004) a institucionalização pode ou não constituir um risco para o desenvolvimento (cit. por Siqueira & Dell’Aglío, 2006), dependendo dos factores de risco *«...condições ou variáveis que estão associadas a uma alta possibilidade de ocorrência de resultados negativos ou não desejáveis.»* (Jessor, Van Den Boss, Vanderryn, Costa & Turbin, 1995, cit. por Siqueira & Dell’Aglío, 2006, p. 72) e dos factores de protecção *«...influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis que predispõem a consequências mal adaptativas.»* da própria criança ou jovem (Hutz, Koller & Bandeira, 1996, cit. por Siqueira & Dell’Aglío, 2006, p. 72). Assim, na explicação dos efeitos da experiência institucional existirá uma variedade de factores que lhe são anteriores e posteriores e que não permitem a compreensão exacta do seu real impacto no desenvolvimento e trajectória de vida de uma pessoa (Maclean, 2003, cit. por Martins, 2004).

Outros investigadores defendem que a experiência institucional pode ser um vector de oportunidades, constituindo, por vezes, a melhor saída para algumas crianças e jovens que vivem numa situação familiar caótica e adversa (Dell'Aglio, 2000, cit. por Siqueira & Dell'Aglio, 2006). Reforçando esta perspectiva, Martins e Szymanski (2004) concluíram que a instituição, enquanto espaço de interacção, pode fortalecer o espírito de cooperação e de ajuda ao próximo (cit. por Siqueira & Dell'Aglio, 2006). Por sua vez, Siqueira e Dell'Aglio (2006) procuraram no seu estudo analisar o impacto desenvolvimental de algumas instituições brasileiras no desenvolvimento das crianças e jovens acolhidas, enquanto rede de apoio social e afectivo, considerando que o ambiente institucional desempenha um papel importante, uma vez que nele desenvolvem um grande número de actividades, funções e interacções. Para além disso, identificam este ambiente como potenciador do desenvolvimento de relações recíprocas, de equilíbrio, poder e afecto. Neste sentido, Martins (2005) refere a investigação desenvolvida nesta área defendendo que o contributo do acolhimento institucional de crianças e jovens pode não ser inferior aos contributos dados por outras medidas, nomeadamente o acolhimento familiar, e faz referência a um conjunto de vantagens do acolhimento institucional relativamente a outros tipos de cuidados, identificados por Zurita e Fernandez del Valle (1996):

- *Menos rupturas e adaptações mal sucedidas do que os outros tipos de colocação (por exemplo não solicita do mesmo modo que o acolhimento familiar o estabelecimento de vínculos afectivos próximos com adultos estranhos);*
- *Promove o envolvimento e a proximidade da família biológica (que vem contrastar com as dificuldades de relação identificadas nas famílias de acolhimento);*
- *São contextos mais estruturados e organizados com limites claramente definidos para os comportamentos;*
- *Capacidade de oferta de serviços especializados para o tratamento de problemáticas específicas, constituindo um contexto privilegiado para a realização de determinadas intervenções terapêuticas;*
- *As experiências propiciadas pela vida em grupo podem ser especialmente benéficas para os adolescentes: facilidade no estabelecimento de laços com pares e adultos, desenvolvimento de sentimentos de pertença e de cooperação em relação ao grupo, interiorização dos valores e padrões de conduta grupais, identificação com o grupo de pares e o desenvolvimento da própria identidade mediante atitudes, papéis e condutas de grupo;*

A diversidade de pontos de vista à volta desta problemática revela que estamos a lidar não com uma simples realidade, ou microssistema, mas com várias realidades ou sistemas complexos que influenciam o desenvolvimento e as condições de vida das crianças em contexto institucional (Siqueira, & Dell’Aglia, 2006). Por isso, ela não poderá ter uma resposta absoluta e universal, mas várias, com aspectos que poderão ser considerados positivos e outros que serão negativos. Se interessa identificar e perceber os factores subjacentes aos danos de forma a minimizá-los, interessa, ainda mais, compreender de que forma a institucionalização pode contribuir para o desenvolvimento de algumas crianças e jovens, ou seja, quais os critérios que são promotores de sucesso.

Assim, a análise deste fenómeno implica a adopção de uma perspectiva abrangente que contemple os aspectos negativos e censuráveis e os aspectos positivos, defensáveis, e permita ir avançando, com rigor e exigência ao nível das formas de intervenção das instituições de acolhimento e da avaliação da qualidade dos serviços que prestam. Só assim poderemos perceber o seu papel e contributo na vida de crianças e jovens que necessitaram de entrar, de se relacionar, de se vincular, de viver, de aprender, de crescer, enquanto permanecem nestes espaços, para depois “romperem a ligação” quando se tornam autónomos, quase sempre mais cedo do que os jovens que não passaram por esta experiência (Propp et al., 2003, cit. por Mendes & Moslehuddin, 2006).

O mais importante nesta discussão não está em defender ou criticar a existência ou a aplicação da institucionalização, pois os números revelam a sua necessidade, demonstrando ser uma das medidas mais utilizadas, não só em Portugal mas também na Europa. Trata-se de uma necessidade social, e por isso, a discussão deverá centrar-se, cada vez mais, na «... *Adequação desta medida ao perfil dos seus utentes, portanto uma selecção criteriosa, com indicações específicas, e uma monitorização cuidadosa da sua evolução*» (Martins, 2005, p.7), na qualidade e nas condições que este tipo de serviços residenciais deve proporcionar. As instituições de acolhimento e o trabalho que desenvolvem, a sua forma de intervenção, não deverão ser isolados, mas antes deverão funcionar em rede com outros tipos de suporte à infância. A este respeito, Martins (2005) salienta que «*Os cuidados residenciais devem ser devidamente enquadrados como um dos elementos que integra uma estratégia mais ampla de apoio social à infância. Devem ser perspectivados como unidades de serviços inseridas na comunidade que, conforme as situações, tanto podem desempenhar funções supletivas e complementares das funções das famílias, como substitutivas, integrando-se em lógicas de intervenção sistémicas com os restantes recursos de protecção. Não constituem uma resposta exclusiva e unimodal, mas podem e devem articular a sua*

actuação, funcionando em diferentes regimes de intensidade e suporte e níveis de intervenção, conforme a especificidade dos casos» (p.7).

2. Acolhimento institucional e autonomia

O impacto da experiência institucional é mediado pela capacidade de adaptação dos jovens que, uma vez terminado o período de acolhimento, se integram em contextos normalizados de vida. Esta adaptação assenta numa multiplicidade de factores, internos e externos, nomeadamente na disponibilidade e acessibilidade de recursos materiais, pessoais e sociais, nos níveis de instrução/formação dos sujeitos, no desenvolvimento de competências de vida autónoma, etc. O processo de transição dos jovens para a vida independente e a intencionalidade das práticas institucionais neste período têm sido referidas pela literatura da especialidade como aspectos críticos do sucesso desta adaptação (Barth, 1990; Buehler, Orme, Post, & Patterson, 2000; Courtney, Piliavin, Grogan-Kaylor, & Nesmith, 2001; Fanshel, Finch, & Grundy, 1990; Kerman, Wildfire, & Barth, 2002; Mech, 1988; Meier, 1965; Pecora et al., 2003; Reilly, 2003; Stein & Carey, 1986, cit. por Fox e Berrick, 2007; Kerman et al., 2002; Pecora et al., 2006; Mendes e Moslehuddin 2006; Cashmore et al., 2007).

2.1 Percursos Pós-institucionais – Escolaridade e trabalho de jovens institucionalizados e importância dos projectos de vida

De forma a traçar uma breve caracterização dos encaminhamentos pós-institucionais, podemos referir que o peso das crianças e jovens que cessaram o acolhimento, ainda que seja inferior ao número de crianças acolhidas tem vindo progressivamente a aumentar. De acordo com o PII (2009) foram identificadas durante o ano de 2008 cerca de 3.954 crianças e jovens (40% face ao total das acolhidas) que cessaram o acolhimento, o que representa um aumento de saídas de cerca de 23% face às que ocorreram em 2007 (mais de 937 crianças e jovens que saíram do sistema de acolhimento). Tal como se verificou nos anos anteriores, cerca de ¼ das saídas do sistema de acolhimento em 2008, são de jovens com mais de 18 anos¹⁵ (935). A maior percentagem de saída do acolhimento corresponde aos adolescentes, cerca de 20% entre os 15 e

¹⁵ A idade-limite para a protecção legal conferida pela lei de protecção de crianças e jovens em perigo; a pedido do jovem pode ser prolongada até aos 21 anos.

os 17 anos (797). A integração em contexto familiar é, sem dúvida, o que prevalece em relação a todos os outros: cerca de 97 % das crianças e jovens que cessaram o acolhimento em 2008 foram integradas em contexto familiar, sendo que apenas 3% cessaram o acolhimento por terem sido integrados noutras respostas de acolhimento fora do sistema de protecção. Entre as saídas do sistema de acolhimento para meio natural de vida destacam-se as integrações junto do (s) progenitor (es) 39% e de outros familiares (30%), seguidas das adopções (14%) das situações de autonomia de vida (7%) e da integração em agregado familiar idóneo (7%). É de referir que ainda é grande o peso das crianças e jovens que cessaram o acolhimento e que foram para uma outra resposta de acolhimento fora do sistema de protecção, cerca de 52% foram para Lar Residencial e 25% foram para Centro Educativo. Um ponto crítico que nos obriga a reflectir diz respeito a cerca de 3% crianças e jovens saíram do sistema de acolhimento para local desconhecido, sendo que se tratam, maioritariamente, de jovens com mais de 15 anos de idade.

No que diz respeito ao nível de instrução das crianças e jovens que cessaram o acolhimento em 2008 observa-se que a tendência também é similar às dos anos anteriores:

- 76 (2%) não têm escolaridade (25 destes têm menos de 6 anos de idade e 12 têm mais de 14 anos, regista-se também a existência de 39 (0,9%) crianças e jovens que cessaram o acolhimento em 2008 e se encontravam em idade escolar sem terem completado qualquer nível de escolaridade;
- 2.449 (62%) saíram do acolhimento com a escolaridade mínima obrigatória, ou seja, tinham o 9.º ano, ou equivalente, por via da formação profissional;
- 342 (8%) saíram do acolhimento com um nível de instrução correspondente ao 10.º, 11.º e 12.º ano;
- 33 (0,8%) quase o dobro registado em 2007 completou ou frequentaram um curso superior durante o tempo de acolhimento;

De acordo com vários estudos nacionais o percurso escolar dos sujeitos acolhidos é tendencialmente negativo revelando atrasos escolares: a maioria dos jovens que saíram têm apenas o 1.º ciclo e mais de 15 anos de idade (SCML, 2004); na sua maioria têm no máximo o 1.º ciclo completo ou frequência do 2.º ciclo, com idades entre os 13 e os 15 anos (Alves, 2007); a maioria dos níveis de escolaridade são médios (10 e 12.º ano) embora um número significativo tenha o 8.º e 9.º ano (M (Coord) 2005); a maioria concluiu o 9.º ano de escolaridade (Quintãns, 2009). É de sublinhar que foram também identificados muitos casos de crianças e jovens que não frequentavam a escola mas que se encontravam com idades em que a frequência escolar é obrigatória. Observa-

se também que após a sua saída da instituição, os jovens, por dificuldades essencialmente económicas, não prosseguem os seus estudos. Ao nível da sua integração profissional, apesar de a maioria se encontrar a trabalhar, os trabalhos que desenvolvem são pouco qualificados e precários, não oferecendo grande estabilidade ou satisfação.

O cenário exposto vem demonstrar a importância da definição de projectos de vida para as crianças e jovens acolhidas e o estabelecimento de planos de intervenção com acções específicas durante o período de acolhimento e pós-acolhimento envolvendo a criança /jovem e a sua família, com a finalidade de se produzir uma saída segura da instituição, de forma a evitar o prolongamento da permanência em instituição ou em família de acolhimento, disponibilizando recursos que garantam uma melhoria da sua integração social e profissional.

3. A experiência de institucionalização: os estudos em Portugal

Recentemente, em Portugal realizaram-se estudos que trouxeram um contributo significativo para a investigação sobre os serviços de protecção à infância, nomeadamente, sobre as respostas institucionais, sobretudo, pela sua natureza comparativa, longitudinal e retrospectiva, alcançando assim várias fases e dimensões da vida dos sujeitos mas também pelo facto de integrarem na sua análise o ponto de vista dos sujeitos e as suas percepções sobre a experiência institucional. Assim, parece haver uma preocupação, cada vez maior, para tentar compreender a forma como foi vivenciada a transição do acolhimento para a vida independente e os contextos pós-institucionais dos sujeitos. Passamos a enunciar alguns desses estudos que consideramos importante destacar e que, em seguida, serão objecto de análise mais aprofundada: o estudo da SCML sobre as *Trajectórias de vida das crianças e jovens saídas dos Lares da SCML: 1986-2001* (2004); o estudo do Centro de Estudos Territoriais, do ISCTE, sobre os *Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude*” (2005); o estudo de Alves (2007) *Filhos da Madrugada – Percursos Adolescentes em Lares de Infância e Juventude*, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa e a dissertação de mestrado de Quintães (2009) sobre as *Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*”, pelo Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

O estudo da SCML, sobre as *Trajectórias de vida das crianças e jovens saídas dos Lares da SCML: 1986-2001* (2004), tinha como principal objectivo conhecer o grau de integração sócio-profissional e familiar das crianças e jovens que saíram dos Lares da Misericórdia num período alargado de 15 anos, considerando três momentos: o período anterior à institucionalização na

SCML, o percurso institucional e a situação actual. Foram utilizadas várias técnicas para a recolha de informação. Auscultaram-se directores de Lares e equipas de técnicos de educação e serviço de apoio social, foi feita consulta de arquivos da Direcção de Acolhimento e Desenvolvimento de Infância e Juventude e feita análise documental dos processos. Prevaleceu a metodologia quantitativa para análise dos dados, complementada por uma análise qualitativa. A amostra contemplou 150 indivíduos, através de uma amostragem não-probabilística por quotas. Foi realizado um inquérito alargado aplicado a jovens com idade igual ou superior a 16 anos e uma ficha de informação social (aos menores de 16 anos). Os resultados deste estudo revelaram diversas problemáticas sócio-familiares que motivaram a institucionalização das crianças e jovens (abandono, maus tratos, negligência, disfuncionalidade das famílias, graves problemas económicos, tráfico de droga, problemas de saúde mentais e físicos, prostituição, alcoolismo, toxicoddependência, etc.). Ao nível da actuação da SCML, as crianças e jovens guardam uma boa imagem da instituição e do período de acolhimento, quer pelo reconhecimento das oportunidades oferecidas, quer pela qualidade das relações que estabeleceram. No entanto, alguns jovens avaliam negativamente o relacionamento por parte de alguns funcionários, considerando que não possuíam competências e sensibilidade necessárias para o exercício da função. Um outro aspecto da institucionalização identificado como positivo pelas crianças e jovens diz respeito aos momentos lúdicos, como as festas, passeios, excursões, tempos livres, etc. e à aquisição de valores, princípios e preparação para a vida e a noção de terem tido a oportunidade e “cuidados” a que de outra forma não poderiam aceder. Os resultados deste estudo dão a conhecer também aspectos negativos do percurso institucional, nomeadamente, o registo de períodos muito prolongados de acolhimento que não trouxeram benefícios para a vida adulta dos jovens acolhidos e os contactos irregulares e de fraca qualidade estabelecidos com a família de origem durante o período de acolhimento. Uma outra conclusão deste estudo revela fragilidades no percurso escolar das crianças e jovens acolhidas, em que 16% do total dos jovens que saíram da SCML tinham mais de 15 anos e apenas o 1.º ciclo. A preparação para a saída foi também identificada como negativa, na medida em que revelaram várias fragilidades que condicionaram a situação actual de muitos jovens, nomeadamente ao nível da reintegração familiar e autonomização. A maioria dos jovens após deixarem o acolhimento foram reintegrados na sua família de origem (cerca de 42%), mas esta integração nem sempre correspondeu a uma evolução positiva, uma vez que em muitos casos não estavam reunidas as condições para se fazer esta reintegração familiar. Esta situação teve como consequências algumas reunificações mal sucedidas. Na verdade, também a maioria dos jovens que saiu dos Lares para uma vida autónoma não reunia as condições necessárias para o fazer. Possuidores de uma baixa escolaridade à saída dos Lares, sem emprego ou um contrato de

trabalho temporário e sem habitação estável, para a sua integração fora das instituições de acolhimento, estes jovens dependeram por vezes do apoio de antigas amas, amigos, da família alargada ou até de um patrão. Contudo, para a maioria das crianças e jovens acolhidos em Lares, foi visível uma melhoria significativa das condições de vida relativamente às suas famílias de origem, o que indicia uma inversão do ciclo de vulnerabilidade e pobreza que deu origem à institucionalização. Ao nível familiar também se verifica uma quebra do modelo herdado dos pais, na medida em que mantêm relações estáveis e têm os filhos a seu cargo. No entanto, houve grupos em que não se registaram impactos positivos, reproduzindo-se situações de marginalidade e exclusão social. Este estudo conclui que a intervenção institucional em períodos críticos do desenvolvimento, nomeadamente, a adolescência e juventude, parece ter sido menos conseguida. Também se revelaram fragilidades ao nível da organização institucional, como a falta de pessoal ou a sua mobilidade excessiva, as más conservaçãoes dos edifícios e as transferências por razões administrativas não só não salvaguardaram a qualidade do acolhimento como conduziram a saídas precoces que se reflectiram significativamente no percurso de muitas crianças e jovens.

O estudo do CET sobre os "*Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude*" (2005) teve como objectivo caracterizar o percurso de vida de jovens que estiveram institucionalizados, após a sua saída dos Lares para crianças e jovens, procurando aprofundar a forma como decorreram os processos de autonomização familiar, social e profissional. As representações e expectativas dos jovens face ao futuro foram outros aspectos que este estudo procurou analisar. A natureza do estudo é qualitativa, tendo sido utilizada a entrevista aprofundada a 25 jovens, entre os 16 e os 34 anos. Os dados obtidos revelam contextos familiares de origem marcados por diversas problemáticas, dificuldades emocionais no exercício do poder paternal, morte dos progenitores, toxicodependência, divórcios e separações, carência económica, violência doméstica, famílias numerosas, famílias recompostas, abandono, negligência, abandono escolar, maus tratos físicos e psicológicos, abuso sexual, prostituição, pornografia infantil, historial de institucionalização de outros elementos da família de origem. Foi ainda possível apurar a importância subjectiva do momento de entrada na, devido ao corte profundo com a família de origem e à ausência de uma explicação consistente para o acolhimento por parte dos pais ou da instituição. De um modo geral, os jovens identificam esta fase como difícil e dolorosa. Durante o período de acolhimento, foi constatado que as visitas dos jovens à sua família de origem foram escassas e irregulares, não havendo uma planificação ou investimento por parte da instituição ao nível do trabalho com as famílias durante a institucionalização dos jovens, o que explica, em parte, a desestruturação das relações familiares depois da saída. Um outro dado observado é que o

tempo de permanência dos jovens se situa entre os 11 e 15 anos, ou seja, pelo menos dois terços da vida do jovem foi passada em regime de institucionalização. A percepção dos jovens relativamente à vida quotidiana na instituição não é positiva, considerando que as regras eram pouco flexíveis, não permitindo aos jovens terem iniciativa. Não obstante, os jovens reconheceram que algumas regras nas instituições pequenas ou nos Lares de transição são eficazes na organização da vida diária. As actividades desenvolvidas nas instituições também foram encaradas de forma negativa, porque serviam de prémio ou castigo, não estavam articuladas com um projecto de escola, estavam directamente relacionadas com as férias, o acompanhamento escolar era pouco consistente e a escolha da via profissional feita pela instituição e não pelo próprio jovem. A apreciação global da instituição é negativa com repercussão ao nível do seu desenvolvimento psicossocial (sentimentos pessoais negativos: solidão/carência, revolta/raiva/vontade de fugir, abandono). No entanto, houve também alguns sentimentos mais positivos (compreensão/apoio, protecção /segurança). Quanto ao relacionamento com os adultos da instituição, os jovens fazem uma apreciação negativa ou neutra, devido à ausência de afectividade e investimento emocional das relações, aos sentimentos de indiferença, de agressividade e desconfiança, embora alguns jovens identifiquem algumas características positivas na sua relação com os adultos (protecção, confiança, amizade). Os técnicos são frequentemente considerados pelos jovens pouco competentes para a função que exercem, sobretudo ao nível de acompanhamento mais personalizado, ao nível dos afectos, carinho, acompanhamento e interesse. A relação com outros jovens da instituição é percebida de forma positiva, marcada pela amizade e cumplicidade, comparando-os muitas vezes a “irmãos”. O momento de saída da instituição revelou também ser um momento significativo para os jovens. Alguns ter preparado previamente a sua saída (encontrar casa, emprego, pedir auxílio), outros referiram ter saído sem preparação prévia, mas com algum acompanhamento (na obtenção de emprego) e outros revelaram que a sua saída foi feita sem preparação prévia e sem qualquer acompanhamento (situação mais comum entre os jovens entrevistados). Alguns saíram mesmo sem o desejarem. Os sentimentos que os jovens revelam à saída são contraditórios: por um lado satisfação de sair da instituição mas, por outro, a sensação de abandono e solidão. Na maioria dos casos parece que a instituição “desaparece” das suas vidas, embora existam situações de alguns jovens que têm dificuldade em romper a ligação emocional com a instituição, visitando-a com regularidade durante um determinado período de tempo após a saída, embora depois percebam que não podem continuar a retomar contactos e afectos com técnicos ou jovens que estiveram institucionalizados. No que diz respeito ao percurso escolar a autora refere que este fica claramente comprometido com a saída da instituição, seja ao nível médio ou superior. Nenhum jovem, mesmo quando estava a meio do ano escolar, conseguiu

continuar a estudar quando saiu da instituição, por motivos económicos, organizacionais ou familiares. No período pós-institucionalização os dados revelam que os níveis de escolaridade dos entrevistados são médios, entre o 10 e 12.º ano, embora um número significativo tenha o 8.º e o 9.º. Poucos foram os jovens que conseguiram realizar um curso superior, porque tiveram necessidade de interromper o mesmo por questões financeiras, embora a vontade e motivação para continuar existisse (cerca de metade dos jovens entrevistados gostariam de continuar a estudar mas não têm ainda condições económicas para o fazer, seja ao nível do ensino superior ou uma especialização que lhes proporcionem uma profissão de que gostem). Em relação à vida profissional, é de destacar que maioritariamente, os jovens estão empregados detendo profissões de um modo geral, pouco qualificadas, marcadas pela precariedade e instabilidade. Após os jovens deixarem a instituição parece haver claramente uma separação, uma ruptura com o espaço físico, técnicos e com os pares, sobretudo, nas instituições de grande dimensão. Ao nível dos projectos pessoais e expectativas futuras, foi possível observar que para uns o objectivo está em viver o dia-a-dia da melhor forma possível, estudar mais e investir num futuro melhor para a família. Existem, no entanto, alguns jovens que viveram na mesma instituição que se encontram numa situação menos positiva, cujo percurso de vida se complexificou, sofrendo o impacto de uma má integração na sociedade. O estudo desenha os contornos da instituição como um agente da educação social com objectivos como a transmissão de conhecimentos e socialização da criança. Por outro lado, aponta no sentido de que a instituição deve ser de pequena dimensão de forma a fazer um acompanhamento mais personalizado de cada criança ou jovem acolhido, desenvolvendo individualmente um projecto de vida, respeitar os jovens na sua condição individual, com necessidades específicas, aspirações pessoais, potencialidades e limitações que devem ser reconhecidas pelos educadores, assim como prepará-los para a vida futura.

O estudo sobre os “Filhos da Madrugada – Percursos Adolescentes em Lares de Infância e Juventude”, ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa (Alves, 2007) tinha como objectivo efectuar uma análise comparativa entre a vida na família e a vida na instituição. Ou seja, pretendia conhecer o processo de socialização de jovens, num ambiente específico, diferente da família mas com orientações formais para a esta se assemelhar, isto é, como é que estes encaram o seu processo de crescimento no contexto de acolhimento institucional, procurando confirmar a seguinte hipótese de estudo: será possível favorecer o desenvolvimento equilibrado do jovem que viva em instituição de acolhimento, desde que se encontrem reunidas condições de funcionamento adequadas? Utilizou como unidade de observação, 7 Lares de Infância e Juventude com diferentes modelos de intervenção e de organização. Dentro de cada instituição foram seleccionados 4

jovens, num total de 28, entre os 16 e os 18 anos, que estivessem acolhidos há mais 2 anos (efectivamente, a maioria encontrava-se acolhido há bastante tempo entre 5 os 9 anos). O procedimento de recolha de informação assentou, essencialmente, no modelo de entrevista semi-directiva de aprofundamento aos jovens com o objectivo de analisar a sua perspectiva pessoal sobre os diversos momentos/etapas da sua vida (vivência na família de origem, vivência na instituição, situação actual e projectos futuros) e poder comparar com a perspectiva dos responsáveis da instituição aos quais também foram realizadas entrevistas. As entrevistas aos profissionais foram realizadas com vista não só a viabilizar a análise da filosofia de funcionamento e do modelo de funcionamento institucional de cada Lar seleccionado mas também a perceber a postura que cada responsável assumia sobre o ambiente familiar enquanto estrutura de funcionamento e quais as estratégias que apontavam para que esse ambiente se realizasse. Foram também utilizadas folhas de auto-preenchimento mediante a introdução de uma frase sugestiva (*viver no Lar é...viver na Família é...*). A metodologia utilizada foi qualitativa e a análise dos dados foi feita através de plano de cruzamento de variáveis dos dois guiões de entrevista, permitindo uma contraposição imediata dos dados recolhidos nas entrevistas aos jovens e aos responsáveis institucionais. Os resultados obtidos permitem caracterizar o contexto familiar de origem das crianças e jovens acolhidos: número significativo de famílias monoparentais, a par de famílias com a presença de ambas figuras parentais, precariedade económica, violência familiar, baixos níveis de habilitações e elevado número de fratrias acolhidas, demonstrando que geralmente as problemáticas vividas na família acabam por atingir todas as crianças. Para quase metade das crianças e jovens acolhidos nada mais foi tentado antes da aplicação de uma medida de cariz prolongado e mais definitivo como a institucionalização em Lar, o que condena qualquer tentativa de intervenção preventiva ou reparadora junto da família, no seu meio natural. A grande maioria das crianças e jovens foi acolhida em Lar entre os 6 e os 11 anos. Ao nível da escolaridade, foi observado que predominam as baixas habilitações, uma vez que as faixas etárias dominantes se situam entre os 13 e os 15 anos e que a maioria tem apenas o 1.º ciclo completo ou frequenta o 2.º ciclo. Constatou-se também que cerca de 12% das crianças e jovens em idade escolar não frequentavam a escola. A faixa etária que mais contribuiu para esta percentagem é exactamente a dos 6 aos 10 anos, idades em que a frequência escolar é obrigatória. Os Lares que fizeram parte deste estudo foram maioritariamente de grande dimensão, alguns dos quais não dispunham ainda de equipas técnicas multidisciplinares. Observou-se que a integração das crianças e jovens em actividades da comunidade envolvente constituía um dos aspectos mais importantes da intervenção veiculada pelos Lares que, progressivamente, foram abrindo as suas portas e descentralizando os serviços como a escola, a formação profissional, as actividades

desportivas e de tempos livres, e apostando nos recursos existentes na comunidade. Em média, nos quartos partilhados coabitam 5 crianças, o que se afigura como um número que inviabiliza quaisquer condições de privacidade. A equipa de apoio caracteriza-se fundamentalmente por funcionários (vigilantes ou ajudantes de Lar); são estes quem geralmente assumem o funcionamento em permanência dos Lares, sobretudo no que diz respeito aos períodos da noite e fins-de-semana. O envolvimento das famílias no processo de acolhimento é um elemento fundamental para fomentar uma futura reunificação familiar, mas mais de metade dos Lares (66%) não o permite ou estimula, pelo menos no que se refere à sua participação na vida quotidiana. No que diz respeito à definição de um projecto de vida para as crianças e jovens acolhidos foi observado que apenas em 75% dos Lares este encaminhamento e acompanhamento são feitos pela equipa técnica. Nos restantes Lares onde esta equipa não existe o trabalho pedagógico e educativo é deixado ao cuidado dos responsáveis da instituição e da sua sensibilidade, elementos importantes, embora insuficientes, no trabalho de acompanhamento. A maioria dos Lares promove a participação das crianças e jovens na definição do seu projecto de vida, no entanto, poucos são aqueles que envolvem a família neste processo. No que diz respeito à preparação para a saída, verificou-se que em cerca de 30% das instituições o apoio para a saída do Lar consiste em acompanhamento técnico, preparação e avaliação psicológica, 26% consiste em integração profissional e só 6% das instituições investem no trabalho de acompanhamento da família para voltar a receber o (s) filho (s), o que justifica o excessivo tempo de permanência de crianças e jovens em Lar. No sentido de perceber a qualidade da intervenção institucional, foi analisada a percepção que os próprios jovens têm face ao acolhimento, sendo possível identificar aspectos positivos - consideram o Lar como uma família, no qual gostam de permanecer, uma alternativa enquanto a situação da família não se resolve, um lugar que lhes oferece a possibilidade de aprendizagem de valores, regras de uma profissão, do futuro. No entanto, quando comparado com a família, a maioria dos jovens não se identifica com o modelo institucional, continuando a considerar a família como o local ideal para viverem, em tudo melhor do que a instituição – a confiança, a informação, o afecto, preocupação dos adultos e as regras menos rigorosas. Alguns dos factores que influenciam a análise dos jovens, segundo a autora, parecem estar na experiência que estes viveram anteriormente no agregado familiar em comparação com a experiência que vivem actualmente no Lar, na influência da percepção institucional sobre a família. Na maioria dos Lares há uma clara semelhança entre a percepção institucional e a percepção que os jovens têm acerca da família, sendo esta percebida por ambas as perspectivas de forma igualmente positiva, ou seja, o local mais adequado para onde os jovens deverão regressar. No entanto, existem alguns Lares que têm uma percepção negativa, considerando, por um lado, que o Lar é

um substituto à altura da família pela protecção e desenvolvimento que oferece às crianças e jovens e, por outro, apostam exclusivamente no processo de autonomização dos jovens dispensando a família deste processo, ainda que de forma não declarada. Também é possível observar que próprios jovens com alguma facilidade, retiram dos seus planos e objectivos o eventual regresso à família depois de saírem dos Lares. Importa ainda referir, embora na filosofia institucional a família esteja distante e muitas vezes ausente do processo de crescimento das crianças e jovens acolhidas, estas continuam a idealizar os seus familiares como as figuras mais importantes na sua vida. Desta forma, a autora concluiu que processo de desenvolvimento e de socialização de uma criança ou jovem assenta em várias variáveis importantes. Uma delas, sem dúvida, é o suporte afectivo e emocional, o sentimento de pertença a alguém e a algum sítio, o sentimento de protecção face às agressões do exterior, a certeza de continuidade do afecto. Por isso é grande a responsabilidade do Lar quanto à conciliação da criança/jovem em relação à sua família, mesmo nos casos em que esta foi maltratante ou omissa. A criança dificilmente ultrapassará as suas dificuldades de vinculação e de estabelecimento de novas e saudáveis relações afectivas se não conseguir ou se não a ajudarem a entender e integrar os acontecimentos que protagonizou na sua história pessoal de relação com a sua família. Para avaliar a intervenção desenvolvida em contexto institucional, este estudo considera os *indicadores de input* (características institucionais como os recursos físicos, materiais e humanos disponíveis, supervisão da intervenção técnica, filosofia institucional, características da comunidade envolvente, como desemprego, níveis de pobreza, recursos comunitários, rede social existente); *indicadores de processo* (acompanhamento e desenvolvimento de planos de intervenção por parte da instituição, intervenção interinstitucional, como envolvimento de outras instituições e serviços no acompanhamento da situação); *indicadores de resultado* (desempenho escolar, integração em formação profissional, pertença a grupos ou associações na comunidade, aquisição de competências pessoais e sociais com vista à autonomização, melhoria no funcionamento e organização familiar depois da criança ou jovem regressar à sua família de origem). Este estudo conclui que o trabalho e a articulação desenvolvida com os familiares das crianças /jovens assume um carácter tendencialmente residual, fazendo prever que a instituição acaba por assumir sozinha o papel e a responsabilidade de socializar o jovem que acolhe. O facto de se encontrar numa instituição uma equipa técnica não é determinante da adequação do seu acompanhamento e consequentes resultados positivos. De acordo com os autores desta investigação, o aspecto determinante do desenvolvimento equilibrado dos jovens será o acompanhamento mais personalizado, num espaço de proximidade e de afecto e experiências que investem na qualidade e proximidade das relações estabelecidas entre adultos e crianças e entre as crianças e os seus

pares. Este estudo permite pensar que, se forem garantidas as devidas condições de funcionamento, o acolhimento institucional poderá proporcionar um desenvolvimento equilibrado dos sujeitos acolhidos. Se normalmente se atribui à família um conjunto de condições dinâmicas especialmente favoráveis ao desenvolvimento de crianças e jovens, este estudo revela que estas condições podem ser fomentadas em contexto institucional, nomeadamente se tiver uma especial atenção a factores como: o n.º de crianças e jovens acolhidas, a relação entre os membros da instituição, o acompanhamento e supervisão das actividades dos jovens, o nível de comunicação estabelecida para a resolução de conflitos, a identificação das necessidades singulares de cada crianças/jovem, a promoção de condutas pró-sociais e da aquisição de competências pessoais e sociais.

O estudo de Quintãns (2009), *“Era uma vez a instituição onde eu cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização”*, teve como principais objectivos conhecer as narrativas de adultos sobre a experiência de institucionalização na sua infância e ou adolescência, observar a realidade institucional através dos olhos dos sujeitos que a experimentaram. O estudo caracteriza-se pela sua natureza qualitativa, fazendo uma abordagem interpretativa do objecto em estudo. A recolha da informação foi obtida essencialmente através de entrevistas semi-estruturadas, analisadas com recurso à análise de conteúdo. A amostra é constituída por dois grupos: 10 jovens adultos em Lares de Infância e Juventude e 4 jovens - adultos em centros educativos. Os resultados obtidos revelam que as crianças e jovens acolhidas têm uma história prévia de vulnerabilidades pessoais, familiares e comunitárias, ao nível da sua socialização e vinculação (disfuncionalidade familiar, ausência de relações afectivas e diferentes formas de vitalização como os abusos físicos, abuso emocional, negligência, abandono). O acolhimento, ao ser realizado sem se concretizarem outras medidas prévias, acaba por ser um factor reforçador desta vulnerabilidade pessoal, familiar e social. Entre os aspectos negativos do acolhimento está o corte abrupto entre as crianças e jovens e a sua família de origem que constitui um factor de fragilidade emocional devido à perda dos seus vínculos afectivos e afastamento da relação com as figuras de referência. Por esta razão o momento de acolhimento foi percebido de forma negativa sobretudo pelos sentimentos associados à família e ao meio de origem. De acordo com os sujeitos, não lhes foram explicados os motivos de institucionalização, não houve um ritual de acolhimento/integração, assim como não houve uma preparação para a saída. Um outro aspecto observado neste estudo é que a instituição se centra no trabalho com as crianças sem a necessária articulação com as famílias e com a comunidade de origem, não havendo intervenção sobre os factores de risco pré-existentes. Os contactos com a família e a comunidade de origem

foram esporádicos, sem uma estrutura temporal definida, não sendo valorizados pela instituição. Também foi revelada a falta de relações afectivas significativas e securizantes. A maioria dos jovens percepção os funcionários de forma negativa, pela sua personalidade, características, falta de compreensão, distanciamento emocional e uma constante rotatividade. Salienta-se que alguns jovens manifestaram terem sido vítimas de maus-tratos físicos e serem frequentes e habituais os maus-tratos emocionais (negligência emocional, insultos, ameaça, falsas acusações, gozar, mentir, humilhação) por parte dos funcionários. Foram também identificados casos de abusos sexuais entre os pares. Acresce uma falta de investimento nos recursos humanos (formação, supervisão, condições de trabalho, recrutamento e selecção, etc.). O processo de saída da instituição constituiu, à semelhança do processo de chegada, um momento vivenciado de modo negativo, com sentimentos de revolta pela decisão repentina, desconsideração e ainda sentimentos de ambivalência. Metade dos jovens referem ter sido obrigados a sair da instituição apesar de considerarem não ter, nesse momento, as condições necessárias para tal. A maioria dos sujeitos considerou não ter sido preparada para a saída nem apoiada de qualquer forma pela instituição após a saída, pelo que tiveram de recorrer aos escassos recursos disponíveis na fratria, família alargada e de pessoas amigas. Os sujeitos revelam sentimentos ambivalentes em relação à sua experiência de acolhimento institucional. Por um lado, é um espaço físico seguro, por outro, uma estrutura demasiado rígida, vigiada e por vezes invasora do seu espaço próprio, não tendo em conta o respeito pela individualidade. Consideram por isso que a dimensão da instituição deve ser mais pequena. Para além da potencialidade securizante da instituição, alguns jovens revelaram que esta também pode ser promotora de relacionamentos positivos, de desenvolvimento pessoal e da formação da identidade, assim como permitir o acesso a um percurso académico e profissional. A institucionalização pode assim constituir uma resposta contraproducente e paradoxal para as crianças. Parece ser uma resposta pouco trabalhada e de resolução imediata que não considera um efectivo projecto de vida as crianças e jovens acolhidas. Se o acolhimento institucional não for devidamente acompanhado, supervisionado, monitorizado e avaliado pode comportar riscos reais para as crianças e jovens, verificando-se uma (re) vitimização de crianças e jovens já por si vulneráveis.

Os quatro estudos aqui expostos revelam que ao nível nacional começa a haver um investimento em trabalhos de investigação que procuram integrar as perspectivas dos sujeitos da experiência de acolhimento, perceber qual o significado que lhe atribuem no seu percurso de vida, indo de encontro às tendências de investigação nesta área realizada noutros países. Cada vez mais realizam-se estudos de natureza qualitativa, com pequenas amostras, em que a técnica de entrevista é privilegiada. Ou seja, trabalhos que permitem fazer uma avaliação das respostas

sociais, que integram lógicas interpretativas, comparativas e prospectivas acerca das diferentes vivências dos sujeitos, que procuram relacionar as experiências de cuidados extra-familiares com os factores que antecedem a sua entrada para o acolhimento, analisar o desenvolvimento das crianças e jovens após a finalização do programa ou medida de protecção e a forma como irá decorrer o seu processo de adaptação e integração na sociedade (McDonald, Allen, Westerfel & Piliavan, 1996, cit. por Martins, 2004). De acordo com Martins (2004), todos os intervenientes (crianças, famílias, técnicos, entidades de acolhimento, equipas, gestores dos serviços sociais, consultores, políticos, professores e formadores) precisam de conhecer o impacto das experiências proporcionadas e das políticas institucionais em que se enquadram. Estes estudos vão assim ao encontro do consenso existente na comunidade científica de que é urgente e necessário serem avaliados os progressos e os resultados (*Department of Health and Social Security, 1985*) das consequências e efeitos das políticas sociais nas crianças e jovens acolhidos de forma a ser possível identificar indicadores válidos da adequação e qualidade dos serviços prestados pelas instituições, intervindo assim na promoção do bem-estar dos seus utentes, tal como é obrigação da sociedade no âmbito da sua responsabilidade social. Por essa razão, têm vindo a realizar-se progressivamente mais estudos focados na difícil transição para a vida independente e conseqüente autonomização¹⁶. O objectivo destes trabalhos está em identificar não só o que acontece aos jovens após deixarem as instituições de acolhimento, as dificuldades e desafios que estes enfrentam, mas também em conhecer os apoios e recursos potenciadores do seu sucesso nos contextos de vida independentes. Os resultados dos estudos acima referidos, realizados em Portugal, assemelham-se aos do estudo de Kerman et al. (2002), que veio contribuir para a reflexão sobre a vulnerabilidade dos jovens no período de transição e a necessidade de suporte que estes devem ter neste período tão significativo da sua vida. Também os investigadores Moslehuddin e Mendes (2006) consideram que os jovens que saem das instituições constituem um dos grupos mais vulneráveis e em desvantagem da sociedade. Em comparação com outros jovens, eles enfrentam dificuldades no acesso à educação, ao emprego, à habitação e problemas de conduta diversos (ex. problemas de droga, saúde mental, suporte social, prostituição juvenil, crime, maternidade precoce, etc.). Na revisão que fazem sobre trabalhos desenvolvidos nos E.U.A, no Reino Unido e na Austrália, identificam factores que contribuem para os resultados desfavoráveis no contexto pós-institucional e apontam potenciais

16 Barth, 1990; Buehler, Orme, Post & Patterson, 2000; Courtney, Piliavin, Grogan- Kaylor, & Nesmith, 2001; Casey Family Programs (Fanshel, Finch, & Grundy, 1990; Kerman, Wildfire, & Barth, 2002; Mech, 1988; Meier, 1965; Pecora e al., 2003; Reilly, 2003; Stein & Carey, 1986) (cit por Fox, 2007); (Fanshel, Finch, & Grundy, 1990; Wedeven, Pecora, Hurwitz, Howell, & Newell, 1997) (cit. por Kerman, B, et al, 2002); Rushton, A & Dance C. (2004) ; Georgeades, S (2005); Mulkerns, H., Owen, C. (2008); Brandford, C. (2002); Pinkerton, J., Stein, M. (1995); Bravo, A., Del Valle, J. F. (2003); Herrán, A., Barriocanal, C., Martínez, A. (2008); Osterling, K. L. e Hines A. M. (2006); Jones L. e Lansdverk, J. (2006); Freundlich, M. e Avery R. J. (2006).

reformas para as políticas e práticas que podem conduzir a uma mudança a este respeito. São merecedores de especial destaque dois outros estudos: o de Cashmore et al. (2007) e o de Pecora et al. (2006). Estes trabalhos procuram avaliar os efeitos do acolhimento nos jovens, já em contexto pós-institucional, relativamente a determinadas dimensões específicas da sua vida: educação, emprego, situação económica.

No estudo de Cashmore et al. (2007), adoptando um desenho de investigação longitudinal, a análise incidiu sobre a situação e experiência educacional de 47 jovens Australianos após 4/5 anos da saída do Lar. Os resultados a que chegaram estes investigadores vão ao encontro de outros estudos semelhantes realizados sobre o desempenho escolar dos jovens acolhidos em estabelecimentos residenciais: estes jovens estão em desvantagem para concluir e prosseguir os estudos e têm mais dificuldades em encontrar trabalhos /empregos estáveis e bem remunerados do que os jovens da mesma idade que não vivenciaram o acolhimento residencial. Por sua vez, nas suas conclusões observam que jovens que têm elevadas qualificações escolares e profissionais dispõem de maior estabilidade profissional; para além disso, a estabilidade e segurança proporcionadas pelo Lar aos jovens repercute-se em termos de prosseguimento e sucesso nos estudos, assim como melhores condições de vida.

Numa outra pesquisa, levada a cabo por Pecora et al. (2006), onde foi utilizada uma amostra de cerca de 659 jovens – adultos, de três agências de acolhimento (duas públicas e uma privada), os investigadores centraram a sua análise em dimensões específicas da vida dos sujeitos: escolar, profissional e económica. Assim, identificaram duas áreas significativas a ter em conta para minimizar os resultados indesejáveis ao nível das dimensões identificadas que afectam muitos jovens após deixarem o acolhimento: a) história/experiência de acolhimento positiva (elevada estabilidade no acolhimento, poucas experiências falhadas de reunificação); b) possuir boa preparação para a vida independente (adquirir recursos específicos para após deixar o Lar).

Todos estes trabalhos fornecem dados sobre a influência que o acolhimento pode ter no processo de desenvolvimento, percurso e condições de vida dos jovens que vivenciaram a experiência institucional. Graças aos contributos da investigação realizada nesta área podemos melhorar as práticas institucionais, tendo em consideração com as fragilidades e necessidades identificadas: proporcionar, durante o período de acolhimento, estabilidade e condições de desenvolvimento pessoal e social, maior trabalho com as famílias de origem, uma preparação adequada para a saída dos jovens e, sobretudo, a disponibilização de apoios no período pós-institucional. Esta é uma população potencialmente vulnerável mas, se usufruir de apoios estruturados adequados às suas necessidades, pode ter tanto ou mais sucesso que os jovens que vivem com as suas famílias de origem. Às instituições de acolhimento de crianças e jovens é exigido

um papel de responsabilidade social e competência técnica, devendo, por isso, criar condições de bem-estar e qualidade de vida para os seus utentes, melhorando as suas competências, oferecendo oportunidades de evolução e contribuindo para o seu sucesso pessoal e social.

O acesso às experiências relatadas pelos sujeitos com percursos de institucionalização cruza inevitavelmente uma área de estudo de grande actualidade, solicitando as suas representações de qualidade de vida e bem-estar, pelo que se torna importante rever brevemente estes conceitos.

3.1 Qualidade de vida e bem-estar dos jovens institucionalizados

O conceito de qualidade de vida tem vindo a ser fortemente estudado desde a década de 1970. Inicialmente era referenciado, sobretudo, numa perspectiva económica, privilegiando os aspectos objectivos e materiais. No entanto, na década de 1990, começam a surgir novas abordagens e diferentes perspectivas por parte dos cientistas sociais passando a ser reconhecida a sua dimensão multidimensional. É nesta altura que também ganha importância o significado subjectivo da qualidade de vida, pelo facto de se considerar que cada indivíduo avalia a sua qualidade de vida de forma pessoal, ou seja, a investigação sobre a qualidade de vida passou a considerar a percepção que cada indivíduo tem de si e do mundo que o rodeia – o bem-estar subjectivo (Giacomoni, 2004).

Deste modo, na avaliação da qualidade de vida passaram não só a integrar-se critérios objectivos, mas também critérios subjectivos ligados a diversas dimensões da vida nomeadamente: saúde, educação, actividade profissional, competências adquiridas, resiliência pessoal, optimismo, necessidades pessoais, etc. Incluíram-se também as atitudes e valores, tradicionalmente o objecto de estudo dos sociólogos e dos cientistas políticos, por representarem um diferente tipo de indicadores subjectivos que trouxeram uma importante contribuição para perceber o comportamento das pessoas nas diversas dimensões da sua vida. A percepção sobre as suas próprias aspirações e interpretações sobre os desafios e dificuldades que enfrentam são componentes de uma informação subjectiva que podem também ajudar a perceber o seu nível de bem-estar e a sua qualidade de vida (Fahey et al., 2003). A avaliação sobre a satisfação com a vida é feita de forma distinta por cada pessoa consoante as circunstâncias físicas, psicológicas, sociais, culturais, espirituais e económicas em que se esta encontra, o que levou vários investigadores a criarem escalas de avaliação de qualidade de vida específicas, inicialmente na área da saúde, para indivíduos com o mesmo diagnóstico clínico (Leal, 2008). O campo da qualidade de vida desenvolveu-se rapidamente

nos últimos anos, especialmente no que se refere aos métodos de avaliação e implementação de programas de cuidados de saúde (Bullinger et al., 2002). Este é um conceito central neste domínio, porque representa uma visão humanista da saúde, projectado para salvaguardar o equilíbrio físico, psicológico, emocional e social da pessoa, de acordo com a sua personalidade e cultura (Lovera et al., 2000).

Reflectir sobre a qualidade de vida implica assim ter em consideração várias perspectivas e múltiplos critérios. Existem inúmeras definições acerca da qualidade de vida e cada vez mais instrumentos genéricos e específicos para conseguir avaliá-la, em função do tipo população. O empenho na construção deste tipo de instrumentos de avaliação aumentou significativamente na década de 1980. São também múltiplos os parâmetros, dimensões e atributos que têm vindo a ser considerados na avaliação da qualidade de vida¹⁷. Se a investigação sobre a qualidade de vida e o bem-estar é vasta não é, contudo, consensual, havendo uma grande discussão em torno da delimitação deste conceito, tradicionalmente associado a noções vizinhas como a de satisfação, bem-estar e felicidade e caracteriza-se pelo seu carácter multidimensional. Consequentemente, também a sua avaliação é complexa e problemática sendo considerados tanto indicadores sociais, como os graus de satisfação expressos pelos próprios indivíduos face a diversos domínios das suas vidas, cruzando-se assim indicadores objectivos e subjectivos (Fahey et al., 2003).

Particular destaque merece a perspectiva de Moreno – Jiménez e Castro (2005). Para estes autores, a qualidade de vida é um *constructo* multidimensional, multidisciplinar, com indicadores objectivos e subjectivos que expressam algo mais que bem-estar físico e pessoal (Moreno & Ximénez, 1996; Rodríguez, Picabia & San Gregorio, 2000; Wallander, Schmitt & Koot, 2001). Salientam ainda que o conceito actual de qualidade de vida se relaciona com o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde: *bem-estar físico, mental e social que considera a percepção pessoal do indivíduo sobre a sua saúde atendendo as suas exigências culturais, sistemas de valores, objectivos, expectativas e preocupações* (Bullinger, Schmidt & Petersen, 2002; Eiser & Morse, 2001). O pouco poder explicativo das análises objectivas sobre as condições de vida para o bem-estar total da pessoa contribuiu decisivamente para que houvesse um aumento de estudos sobre a qualidade de vida numa perspectiva mais global, multidimensional (Abalo, 2003).

Em suma, se a avaliação objectiva da qualidade de vida se centra na busca de indicadores de saúde física, a avaliação subjectiva refere-se essencialmente à percepção do sujeito sobre a sua

17 A literatura tem mencionado algumas definições, modelos, abordagens como: (McCall, S.: 1975, "Quality of life", Social Indicators Research 2, p. 229-248; Janssen Quality-of-life Studies; Frankl VE. " Man's search for meaning". New York: Pocket Books, 1963; Quality of life Research Unit, University of Toronto; Quality -of -life Research Centre, Denmark; The University of Oklahoma School of Social Work; Website of the city of Vancouver; Human Development Report, UNDP, 1997; Quality of life, Ramakrishna Mukherjee, Sage Publications, 1989; Ontario Social Development Council, 1997) in Notes on "Quality of life" (<http://www.gdrc.org/uem/qol-define.html>).

qualidade de vida (Eiser & Morse, 2001). Indivíduos com indicadores semelhantes de qualidade de vida podem ter índices diferentes de qualidade de vida subjectiva. Por isso, o enfoque integral da qualidade de vida necessita de uma rigorosa elaboração teórica, assim como de uma avaliação e operacionalização adequada (Moreno & Ximénez, 1996). Segundo Hughes e Hwang (1996), a proposta de um modelo conceptual sobre a qualidade de vida deve ser proveniente de diferentes disciplinas e deve apoiar-se em estudos empíricos que o fundamentem. De acordo com Eiser (1996), as principais dimensões da qualidade de vida na infância consideradas pelos profissionais de saúde e investigadores são: o estatuto funcional, o funcionamento psicológico e o funcionamento social. O estatuto funcional diz respeito à habilidade da criança para desempenhar actividades apropriadas da sua idade e está intimamente relacionado com a sintomatologia física. O funcionamento psicológico diz respeito ao estado afectivo da criança. Finalmente, o funcionamento social está relacionado com a capacidade da criança para manter relações íntimas /de proximidade com a sua família e amigos (Moreno- Jiménez & Castro, 2005).

Hoje, é consensual na pesquisa e na prática acerca da monitorização dos padrões de vida e da qualidade de vida, a importância de medir as condições de vida e recursos, tomando em consideração uma variedade de dimensões, para além das capacidades económicas e financeiras. Então quais são as áreas mais importantes da vida que devem ser incluídas na avaliação da qualidade de vida? A resposta dependerá do objecto em análise. No relatório sobre a monitorização da qualidade de vida, Fahey et al. (2003) fazem referência às 173 diferentes dimensões que Cummins (1996) descreve nos seus estudos e que devem ser consideradas na avaliação da qualidade de vida, mas que se podem resumir a sete domínios: relacionamento com os amigos e família, bem – estar emocional, bem – estar material, *saúde*, *trabalho*, *sentimento de pertença a uma comunidade e protecção*. Também chamam atenção para outros domínios como o *tempo livre*, *participação política* que Hagerty et al. (2001) consideram importantes para determinadas populações e em determinados contextos. Fahey e al. (2003) identificam ainda várias categorizações adoptadas por diferentes países para estudar a qualidade de vida. Na Suécia, são consideradas nove áreas ou dimensões para medir os níveis de vida, assim como a Nova Zelândia. O sistema alemão distingue 14 domínios da vida procurando abranger todas as situações da vida. O Reino Unido destaca 12 áreas. É de salientar que os quatro sistemas consideram nas suas análises dimensões ou áreas comuns, a saber: *a saúde*, *o trabalho*, *a educação*, *a economia e a segurança*. No entanto, existem áreas que uns países incluem e outros não como sejam : *a habitação*, *a família*, *as relações sociais*, *a participação social*, *o ambiente*. Existem outras variações interessantes: a Suécia, por exemplo, inclui os *recursos políticos*, a Alemanha o *lazer* e o *consumo*, a Nova Zelândia

os *direitos humanos, a cultura e a identidade*. Por sua vez, o relatório sobre o sistema europeu dos indicadores sociais – *EuReporting Project* – identifica 13 diferentes domínios de vida. A extensa literatura que existe sobre esta temática revela que a qualidade de vida tem sido analisada numa perspectiva subjectiva, procurando perceber o que é importante para a vida dos indivíduos e o que é que está por detrás dos seus sentimentos de satisfação e felicidade. Estas diferentes categorizações, utilizadas por diferentes países dependem sobretudo dos objectivos e do tipo de população a analisar sofrendo mudanças conforme as sociedades e ao longo dos tempos.

Aliado ao conceito de qualidade de vida, o *bem-estar subjectivo* (BES) – uma área da Psicologia – também tem crescido significativamente nos últimos tempos e tem coberto estudos que têm utilizado as mais diversas nomeações como a *felicidade, satisfação, estado de espírito, afecto positivo*. As perspectivas actuais definem o bem-estar subjectivo como uma ampla categoria de fenómenos que inclui as respostas emocionais das pessoas, domínios de satisfação e os julgamentos globais de satisfação de vida (Giacomoni, 2004). As principais teorias e modelos explicativos do bem-estar subjectivo têm vindo a definir-se em dois grandes blocos: a) as teorias que se preocupam em identificar como os factores externos, as situações e as variáveis socio-demográficas influenciam a felicidade; b) as teorias que defende o facto de que o impacto das variáveis demográficas pode ser mediado por processos psicológicos como as metas, os objectivos, os planos e as habilidades de *coping*. Estas teorias procuram perceber quais as estruturas da pessoa que determinam como os acontecimentos e as circunstâncias são percebidas (Giacomoni, 2004). Desta forma, os *processos de adaptação ou habituação* que os indivíduos desenvolvem perante situações adversas passam a ser identificados como aspectos centrais nas novas teorias de bem-estar subjectivo.

Segunda Parte

Estudo Empírico

Capítulo 2. O acolhimento institucional prolongado de jovens em risco - a experiência de institucionalização e o seu significado actual para os sujeitos acolhidos

1. Introdução

A investigação qualitativa é muito utilizada nas ciências sociais pela riqueza de informação que consegue obter através do seu procedimento indutivo, assentando o seu foco de interesse em problemas, acontecimentos, situações específicas ou nas pessoas, dando ênfase sobretudo às palavras em vez dos números. Este tipo de investigação permite perceber o significado e as intenções atribuídos pelos participantes aos acontecimentos e acções em que estão envolvidos e à apreciação que fazem das suas experiências de vida (Maxwell, 1996).

Esta pesquisa segue assim uma **metodologia qualitativa**, procurando fazer uma abordagem interpretativa do objecto de estudo. Através desta metodologia de investigação para além de se ficar a conhecer a perspectiva dos entrevistados sobre o que relatam, pode perceber-se o contexto em que o participante está envolvido e a influência que esse contexto exerce sobre as suas acções. Por esta razão, a investigação qualitativa normalmente utiliza um pequeno número de sujeitos ou problemas, preservando assim a individualidade própria de cada um na sua análise (Maxwell, 1996). Algumas das características mais comuns da investigação qualitativa apresentadas por Bogdan e Biklen (1991) dizem respeito à relevância que o investigador assume enquanto instrumento principal na recolha da informação, ao carácter descritivo deste tipo de pesquisa, ao interesse do investigador mais focado no processo do que nos resultados, à análise indutiva dos dados e, por fim, ao significado que os participantes atribuem ao objecto de estudo. De acordo com Bogdan e Biklen (1991) *“Os entrevistadores têm de ser detectives, reunindo partes de histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspectiva do sujeito”*. Percebe-se assim que a natureza interpretativa deste tipo de investigação demarca o papel do investigador na medida em que, ao estabelecer contacto com as pessoas, vai decidir *“o que quer olhar, porque quer olhar e como quer olhar”* (Gomes, 2007, p.53), por isso, a questão do método a seguir e do referencial teórico – metodológico constituem algumas das condições prévias que devem ser asseguradas.

2. Objectivos

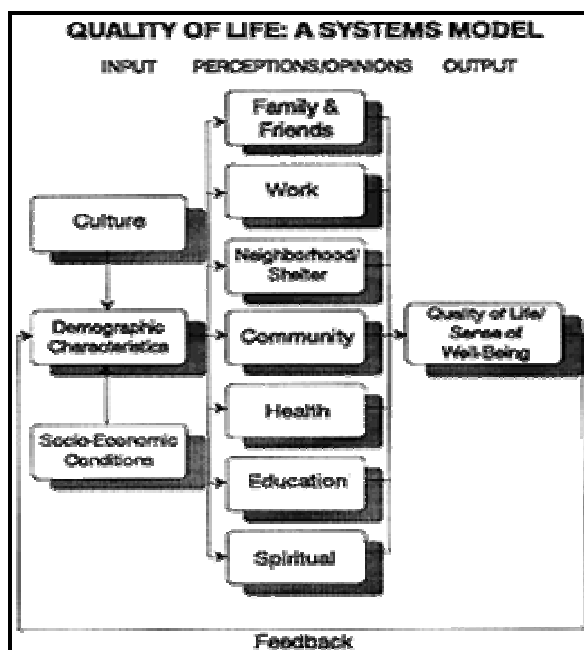
Esta investigação pretende analisar as narrativas de jovens - adultos acerca das experiências de institucionalização na sua infância e/ou adolescência e a sua percepção acerca da influência que estas exerceram no seu percurso e condições de vida actuais.

Para o efeito, foi constituída uma amostra de indivíduos que vivenciaram o acolhimento institucional prolongado em Lar de Infância e Juventude. A opção pelo acolhimento prolongado, proporcionado pelos Lares de Infância e Juventude incide na sua especificidade enquanto resposta de longo prazo, assumindo um papel não negligenciável no desenvolvimento e socialização das crianças e jovens.

Na abrangente temática do acolhimento institucional, a perspectiva sobre a qualidade de vida e o bem-estar actual de jovens - adultos foi aquela que nos despertou mais interesse, uma vez que se pretendia identificar a forma como os sujeitos elaboram a vivência institucional e como percebem a sua repercussão nas suas trajectórias de vida. Pensámos que seria um caminho que nos podia ajudar a perceber não só o significado e o papel que o acolhimento desempenhou nas suas vidas, mas também a identificar outros factores igualmente influentes.

É vasta a investigação sobre a qualidade de vida e o bem-estar mas não consensual, havendo uma grande discussão em torno da definição de qualidade de vida e, conseqüentemente, em torno da sua avaliação. Este conceito tem vindo a ser associado a conceitos como a satisfação, bem-estar e felicidade e caracteriza-se pelo seu carácter multidimensional, sendo considerados na sua avaliação tanto indicadores sociais, como os graus de satisfação expressos pelos próprios indivíduos face a diversos domínios das suas vidas, cruzando-se indicadores objectivos e subjectivos (Moreno & Ximénez, 1996; Verdugo et al., 2000, cit. por Rodrigues, 2004). Nos estudos sobre a qualidade de vida têm sido considerados os mais variados domínios. O modelo proposto pela universidade de Oklahoma é disso exemplo (quadro 1).

Quadro1: Dimensões da qualidade de vida



Este modelo contempla indicadores objectivos e subjectivos relativos a diversas dimensões da vida qualidade de vida que vão desde a dimensão individual, como a satisfação e o bem-estar subjectivo, passando pelas características individuais, condições económicas, trabalho, família e amigos, educação, vizinhança, até aspectos mais abrangentes como a cultura, a comunidade, etc. Parece, por isso, um modelo bastante completo pelas diversas dimensões que integra acerca da vida, servindo assim de referência para considerarmos algumas das dimensões da vida dos sujeitos para o nosso estudo.

Para conseguir a concretização do objectivo geral a que este estudo se propunha e tendo em consideração a diversidade de dimensões geralmente equacionadas, considerámos vantajoso “olharmos” para algumas dimensões ou domínios particulares da vida dos sujeitos, nomeadamente aspectos relativos ao próprio **indivíduo**, aos **outros significativos** (*família, amigos*), à **instituição**, à **escola** e ao **trabalho** e às **redes formais de apoio**.

Mais do que identificar as condições objectivas e subjectivas de vida dos sujeitos ao longo do tempo, interessava-nos escutá-los e conhecer as suas percepções, aspirações, necessidades, sentimentos associados à sua experiência pessoal de vida (Verdugo et al., 2000, cit. por Rodrigues, 2004).

Assim, para operacionalizar este objectivo geral definimos os seguintes objectivos específicos:

- Explorar o papel atribuído pelos sujeitos, enquanto factores configuradores das suas trajectórias de vida, especialmente nos períodos pré-institucional, institucional e pós institucional:
 - a) Às suas características e condições pessoais;
 - b) Às redes de apoio informais (família, amigos e outros);
 - c) Às redes de apoio formais (serviços);
 - d) À instituição de acolhimento;
 - e) À escolaridade/formação/trabalho;
- Identificar os problemas e dificuldades (factores de risco) e os recursos (factores de protecção) associados aos seus processos transicionais para a autonomização e adaptação a uma vida independente.

18 Notes on “Quality of Life” in Urban Communities and participation. The Global Development Research Centre (GDRC) <http://www.gdrc.org/uem/gol-define.html>

- Explorar o seu bem-estar subjectivo, ou seja, os sentimentos de satisfação e felicidade em relação à sua vida no geral no presente.

3. Metodologia

3.1 Grupo de estudo

O primeiro passo da definição da amostra consistiu na selecção de uma instituição de acolhimento prolongado de crianças e jovens em risco. Por critérios de conveniência, o Lar seleccionado localiza-se geograficamente próximo da zona de residência da investigadora, constituindo uma instituição bem conhecida no seu meio de inserção. Por questões deontológicas, a identificação do Lar será omitida.

Numa primeira fase, contactou-se a direcção desta instituição. Nesta ocasião foram explicados os objectivos e a finalidade do estudo, salientando-se o facto da informação se destinar estritamente para fins de investigação, mantendo-se o anonimato e a confidencialidade dos dados. Foi então entregue uma declaração da orientadora da presente dissertação e do coordenador do mestrado em que esta se integra, onde todos estes aspectos estavam explicitados de modo a formalizar o pedido de consentimento da instituição de acesso à informação necessária à realização deste estudo (cf. anexo 1). Foram igualmente explicados os procedimentos metodológicos a utilizar, o tempo que se estimava para a realização do trabalho empírico e o tipo de dados que interessava recolher, designadamente:

- a) Informação sobre a filosofia de funcionamento da instituição nos períodos de tempo considerados;
- b) Dados de natureza documental referentes ao historial de acolhimento do Lar;
- c) Facilitação dos contactos de possíveis participantes que cumprissem os critérios definidos.

Apesar da receptividade inicial, a instituição foi manifestando dúvidas relativamente à adesão dos antigos utentes à realização das entrevistas, mas esta situação foi rapidamente ultrapassada, verificando-se posteriormente uma total colaboração por parte do Lar.

Foi então efectuada uma consulta exploratória dos processos de crianças e jovens acolhidos pelo Lar que permitiu elaborar uma lista de (42) possíveis participantes com base nos critérios definidos para o estudo, a saber:

- a) Jovens/adultos;

- b) Sexo masculino e feminino;
- c) Com experiência de vida nas suas família de origem antes de entrarem para o Lar;
- d) Acolhimento institucional durante a sua infância e/ou adolescência;
- e) Com um período de institucionalização mínimo de 6 anos;
- f) Com uma experiência de vivência pós-institucional mínima de 5 anos;

Estes critérios foram definidos com base nos estudos que têm vindo a ser realizados acerca do processo de transição e autonomização dos jovens que saem de instituições de acolhimento. A investigação nesta área ainda é escassa e diferenciada. Alguns trabalhos são mais consistentes, representativos e abrangentes do que outros, utilizando diferentes orientações metodológicas. Dois trabalhos considerados referência nesta área são: *The Northwest Foster Care Alumni Study and the Midwest Evaluation of the Adult Functioning of Former Foster Youth*. Estas investigações adoptam, por um lado, uma análise retrospectiva dos jovens, tentando perceber como foi a vivência de institucionalização e mesmo antes de entrarem para o acolhimento, contemplando o período da infância mas também o da adolescência. As idades na entrada variam mas a maioria situa-se entre os 12 anos. Por outro lado, fazem uma análise prospectiva, ou seja, tentam analisar o processo de transição e autonomização que os jovens experimentaram após a saída da instituição, ficando com uma percepção das diferentes etapas ocorridas durante o seu percurso de vida. Foi observado que a maior parte destes jovens saía da instituição quando atingiam a maioridade ou mesmo antes, ou seja, por volta dos 17, 18 anos (período de acolhimento de 6 anos). Integraram o estudo jovens - adultos entre os 24 – 33 anos e de ambos os sexos (período de vivência pós-institucional de 5-6 anos). Estas duas investigações diferenciam-se dos outros na medida em que analisam várias dimensões da vida dos jovens (trabalho, escola, família, serviços, satisfação e bem-estar, etc.), fazendo também um estudo comparativo entre dois grupos diferentes (um grupo de jovens - adultos que estiveram institucionalizados e outro grupo de jovens –adultos que nunca viveram a experiência institucional (Fernandes, 2008)

Sendo trabalhos bastante relevantes e inovadores nesta área considerámos que seria vantajoso realizar um estudo que fosse de encontro a estas referências teóricas.

Numa segunda fase, solicitou-se à direcção e profissionais do Lar, bem como a alguns jovens que se encontravam institucionalizados, que facilitassem os contactos dos participantes seleccionados ou de utentes que pudessem conhecer o paradeiro daqueles.

Dada a dificuldade de acesso a esta população e a insuficiência de contactos obtidos de jovens que cumprissem os critérios (7), numa terceira fase, foi usada a técnica de amostragem em *bola de neve* (Pires, 1997, cit. por Guerra, 2006) em que o primeiro sujeito, após ter sido entrevistado, identificou outro (s) elemento (s) que obedecesse (m) aos requisitos fixados e assim

sucessivamente. Todos os elementos entrevistados mostraram-se disponíveis para participar no estudo e deram o seu consentimento oral para a realização da entrevista.

De referir que três sujeitos do sexo masculino (Suj.B, Suj.D, Suj.E) não preenchiam na sua totalidade os critérios inicialmente definidos, designadamente o término do período de institucionalização era inferior a 5 anos e o período de acolhimento de um sujeito do sexo feminino (Suj. P) é inferior a 6 anos. Também relativamente aos sujeitos (Suj. N, Suj.O, Suj.G) o contexto prévio ao acolhimento institucional não foi a família de origem, mas uma instituição anterior aquela em que estiveram acolhidos. Estes sujeitos foram integrados no grupo de estudo pelo facto de a amostra constituída ter uma dimensão inferior ao pretendido e de estes indivíduos terem percursos de vida relativamente idênticos aos restantes sujeitos seleccionados.

Quadro 2: Caracterização dos sujeitos que integraram amostra

Sujeitos	Sexo	País de origem	Idade actual	Residência
A	M	Portugal	27	Coimbra
B	M	Portugal	26	Lisboa
C	M	Senegal	24	Coimbra
D	M	Guiné	26	Coimbra
E	M	Guiné	24	Coimbra
F	M	Inglaterra	26	Lisboa
G	M	Portugal	45	Coimbra
H	F	Portugal	27	Coimbra
I	F	Portugal	28	Lisboa
J	F	Portugal	28	Coimbra
L	F	Portugal	25	Coimbra
M	F	Portugal	25	Lisboa
N	F	Portugal	34	Coimbra
O	F	Portugal	28	Coimbra
P	F	Portugal	32	Coimbra

Podemos observar no quadro 2 uma descrição mais detalhada dos quinze jovens - adultos que integraram a amostra, no que diz respeito ao sexo, país de origem, idade na altura da entrevista e a zona de residência. Foram entrevistados sete homens e oito mulheres. A maioria é de naturalidade portuguesa, existindo também quatro sujeitos de outras nacionalidades: dois da Guiné, um de Inglaterra e um do Senegal. A média das idades dos sujeitos foi de 28 anos, embora seja de referir que um sujeito era substancialmente mais velho que os restantes (45 anos). Constatamos ainda que a maioria dos jovens reside em Coimbra (11) e também em Lisboa (4).

Quadro 3: Período de institucionalização e autonomização dos sujeitos

Sujeitos do sexo masculino						
Sujeitos	Contexto anterior	Idade de entrada	Idade de saída	Tempo de permanência (≥6 anos)	Autonomia (≥5 anos)	N.º de instituições
A	Família de origem	6	18	12	9	1
B	Família de origem	10	22	12	4	1
C	Família de origem	4	19	15	5	1
D	Família de origem	16	22	6	4	1
E	Família de origem	14	21	7	3	1
F	Família de origem	10	20	10	6	1
G	Institucional	13	30	17	15	2
Sujeitos do sexo feminino						
H	Família de origem	10	21	11	6	1
I	Família de origem	12	18	6	10	1
J	Família de origem	8	21	13	7	1
L	Família de origem	7	18	11	7	1
M	Família de origem	8	17	9	8	1
N	Institucional	12	18	6	16	2
O	Institucional	4	20	16	8	2
P	Família de origem	13	16	3	16	1

O quadro 3 permite verificar que a maioria (12) jovens - adultos tiveram como contexto prévio ao acolhimento em Lar de Infância e Juventude a sua família de origem, sendo esta a sua primeira experiência de institucionalização. Para três dos sujeitos esta foi a segunda experiência institucional. No que respeita ao tempo médio de permanência no Lar para os jovens - adultos (masculinos e femininos) foi de 10 anos. A idade média à **entrada** para o Lar foi de 7 anos, sendo de destacar a idade de entrada do mais novo aos 4 anos e o mais velho aos 16 anos. A idade média à **saída** foi de 17 anos, podendo constatar que o mais novo saiu com 16 anos e o mais velho com 30 anos. Os dados revelam a heterogeneidade da amostra e a ausência de critérios do Lar em relação à idade das crianças quer na entrada quer à saída do Lar.

3.2 Instrumentos

Neste sentido foi elaborado um **guião de entrevista semi-estruturado** (cf. anexo 2), em torno das questões centrais do nosso estudo. A opção por este formato de entrevista decorre da sua adequação ao objecto de estudo em causa, focado no conhecimento das percepções e os significados que os sujeitos atribuem à experiência vivenciada na instituição no seu percurso de vida, mas também pela necessidade de focalizar as narrativas dos sujeitos em aspectos específicos, circunscritos pelas questões, não se revelando, por isso, apropriada uma entrevista

livre e exploratória (Bogdan e Biklen, 1991, p.135). Não obstante esta orientação, procurou-se sempre respeitar a continuidade do discurso e do pensamento do entrevistado. Pretendeu-se assim criar uma situação propícia à retrospectão, onde «o sujeito-fonte de informação vai, livremente, (re) fazendo a memória das suas vivências /experiências, funcionando as expectativas e os objectivos da pesquisa como fio condutor e instrumento de sistematização da narrativa» permitindo obter elementos fundamentais à identificação e reconstituição de percursos de outra forma inacessíveis (Ribeiro, 1995, p.129-130).

De uma forma genérica, a entrevista contemplava os seguintes aspectos: O período que antecedeu a institucionalização, o período de acolhimento, o período de transição e o período actual. Em todos estes momentos, o objectivo essencial estava em conhecer as apreciações dos sujeitos em relação ao papel desempenhado por aspectos de natureza individual, emocional (família e outros significativos), institucional, escolar, laboral e social.

A **entrevista semi-estruturada** foi considerada como a estratégia dominante para a recolha de dados. A opção por realizar esta entrevista prendeu-se, por um lado, com os próprios objectivos do nosso estudo que pretendia conhecer as percepções e os significados que os sujeitos atribuem à experiência vivenciada na instituição no seu percurso de vida e, por outro lado, queríamos obter dados comparáveis entre os vários sujeitos que fazem parte de uma amostragem alargada, não podendo ser, por isso, uma entrevista livre e exploratória (Bogdan e Biklen, 1991, p.135). Através do guião de entrevista foram orientadas algumas questões com pertinência para o objecto de estudo, no entanto, sempre procurando respeitar a continuidade do discurso e do pensamento do entrevistado.

Neste processo, houve a preocupação de assegurar um conjunto de procedimentos éticos face aos participantes, nomeadamente, o seu consentimento na realização das entrevistas e o direito à privacidade. No sentido de garantir o direito à privacidade e proteger a identidade de todos os sujeitos que colaboraram neste estudo, omitimos todos os elementos susceptíveis de identificação dos sujeitos. De referir que determinadas questões não foram efectuadas, tendo em conta o estado emocional dos próprios sujeitos perante alguns assuntos mais delicados.

3.3 Procedimentos

Antes de dar início às entrevistas, foi explicado a cada sujeito o objectivo do trabalho e o que se pretendia ao realizar a entrevista, referindo que teriam liberdade para falarem sobre a sua experiência de vida abordando os assuntos sempre que se sentissem à vontade para fazê-lo, sendo

respeitada a sua vontade quando isso não acontecesse. Foi também salientada a importância da sua participação e colaboração no estudo.

Algumas entrevistas foram realizadas através da deslocação do investigador à zona de residência dos sujeitos, outras num espaço pertencente a uma incubadora de empresas em Coimbra.

As entrevistas foram gravadas e duraram em média 70 minutos. Atendendo ao facto de alguns conteúdos abordados serem emocionalmente exigentes, algumas entrevistas foram substancialmente mais prolongadas. Após a realização de cada entrevista, foram anotadas todas as informações consideradas relevantes acerca de cada participante.

Posteriormente, foi feita a transcrição integral das entrevistas.

3.4 Análise dos dados

Para o tratamento da informação recolhida e dada a natureza exploratória do estudo, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. A finalidade da análise de conteúdo está na sistematização da informação e configura-se numa *“estratégia de encobrimento de uma significação profunda” que se deseja recuperar (...) a pretensão da análise de conteúdo é vislumbrada na possibilidade de fornecer técnicas precisas e objectivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do verdadeiro significado (...) descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não detínhamos a compreensão”* (Rocha e Deusdará, 2005).

De acordo com Bardin (1979) existem vários tipos de análise de conteúdo podendo agrupar-se: a) categorial, b) avaliação, c) enunciação, d) expressão (cit. por Guerra, 2006).

Através da **análise de conteúdo categorial** que *“tem como primeiro objectivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados em bruto”* (cit. por Guerra, 2006) foram percorridas diversas etapas, a primeira assentou na redução e selecção da informação, a segunda na descrição dessa informação, a terceira na interpretação e verificação e por fim a escrita e divulgação dos resultados encontrados. Para a organização do quadro de categorias e dada a complexidade dos discursos, passou-se por um período de *“apalpadelas”*, de tentativas e erros, de idas e vindas às entrevistas dos sujeitos, até conseguirmos juntar, para cada uma das categorias temáticas, os fragmentos ou excertos com ela relacionados. O guião com o qual partimos para as entrevistas forneceu-nos à priori as dimensões, os temas e as categorias principais ou temáticas

(processo dedutivo) (cf. anexo 3), por outro lado, o trabalho de inventário que decorreu da narrativa dos sujeitos deram novas categorias e subcategorias (processo indutivo).

Com a ajuda destas grelhas foi possível classificar as respostas dos sujeitos segundo a atitude favorável ou desfavorável, a intensidade da opinião e a importância que a expressão tem no discurso.

A categorização tem um carácter essencialmente descritivo, agregando as diferentes lógicas do que os sujeitos nos contaram, no fundo permitiu colocar em ordem o material recolhido, classificá-lo segundo critérios pertinentes, encontrar variáveis escondidas que explicam as variações das diferentes realidades observáveis, encontrar semelhanças e diferenças nas narrativas dos sujeitos (Guerra, 2006).

Em termos gerais, a análise inventariada permitiu reconstruir do discurso original e efectuar uma análise horizontal e transversal do mesmo, destacando os aspectos mais importantes referentes a cada uma das **dimensões que considerámos** para o estudo (**indivíduo, instituição, outros significativos, escola, trabalho, serviços**) nos quatro grandes momentos: o período que antecede a institucionalização, o período de institucionalização, o período de transição e o período actual. Cada um destes blocos temporais é analisado de acordo com um conjunto de categorias temáticas, algumas delas subdivididas em subcategorias que foram emergindo ao longo da análise dos dados.

Importa referir que alguns tópicos inicialmente previstos não foram possíveis de ser abordados pelo facto de alguns sujeitos não terem memória e recordações sobre os mesmos ou por alguns assuntos serem demasiado delicados e influenciarem emocionalmente os sujeitos.

Antes de fazermos a apresentação dos dados interessa conhecer o processo de descrição das dimensões, categorias e subcategorias que resultaram da análise da informação, expostas no ponto que se segue, cujo formato final se apresenta em anexo (cf. anexo 5).

3.4.1 Dimensões, categorias e subcategorias

I – Indivíduo

Neste factor incluem-se as características pessoais, pensamentos, sentimentos, comportamentos e atitudes enunciadas pelos sujeitos entrevistados relativas aos diferentes períodos das suas trajectórias de vida (antes, durante, após o acolhimento e período actual). O

balanço e avaliação acerca das decisões que foram tomando ao longo do seu percurso de vida, a forma como se sentem actualmente com a sua vida em geral, assim como os sentimentos que experienciaram durante a entrevista são igualmente inseridos nesta dimensão.

A análise das narrativas dos entrevistados permitiu definir quatro grandes categorias temáticas:

1. **Representações de si próprio;**
2. **Balanço sobre o passado;**
3. **Condições de vida e bem-estar actual;**
4. **Sentimento ao realizar a entrevista;**

1. **Representações de si próprio** – engloba as referências dos sujeitos centradas em si próprios, nomeadamente as menções às suas características físicas e psicológicas, às relações interpessoais que desenvolveram ao longo do tempo e às aprendizagens que realizaram.

Mais especificamente, diferencia-se nas seguintes subcategorias:

- 1.1. **Características físicas e auto-imagem** – aparência, forma de vestir, cor da pele, apresentação, etc.

ex.: “ (...) Eu fui para lá pequenino, era o único negro pequenito (...) era dos miúdos que sabia me vestir porque as minhas tias me moíam muito a cabeça, quando ia para Lisboa (...)” (Suj. C)

- 1.2. **Aspectos psicológicos** – características pessoais, sentimentos e emoções, aspectos atitudinais;

ex.: “ (...) Eu quando entrei na instituição estava muito revoltado (...) Os primeiros dias foram estranhos; foi uma mudança radical, andava triste, queria fugir (risos) para ir para o pé da família, era miúdo na altura e foi um bocado...custou a primeira semana (...)” (Suj.B)

- 1.3. **Aspectos de relacionamento interpessoal** – descrições da forma como iniciaram e estabeleceram relações de iguais durante o período de acolhimento, percepções dos sujeitos sobre a visão que os outros tinham de si e do relacionamento com os seus pares, bem como sobre as mudanças individuais e condições de desenvolvimento pessoal que destas resultaram;

ex.: “ (...) como havia jovens de várias idades facilmente nos integrámos, conhecemos outros rapazes e começamos nas brincadeiras normais, no ambiente normal (...)” (Suj.F)

- 1.4. **Competências e recursos pessoais** – descrições, interpretações, e valorizações expressas pelos sujeitos acerca das suas capacidades, habilidades, competências;

ex.: “ (...) Sim, sentia-me preparado para sair, até foi bom para eu aplicar aquilo que eu tenho vindo a aprender ao longo dos anos que estive na instituição (...)” (Suj.D)

2. **Balço sobre o passado** – avaliações dos seus itinerários de vida, das suas decisões, comportamentos e consequências.

ex.: “ (...) Tenho alguns arrependimentos de não ter acabado o curso, como devia, de ter andado na ramboia do que estudar mas faz parte. Acho que se andei na ramboia é porque também acabei de socializar com outras pessoas, conhecer outras pessoas e enriquecer-me noutras áreas que não a formação escolar. O único arrependimento que tenho é esse, mas não é nada que não se consiga fazer ainda e que seja um obstáculo (...)” (Suj.F)

3. **Condições de vida e bem-estar actual** – percepções e avaliações dos sujeitos sobre as suas condições actuais de vida, sentimentos de satisfação e realização pessoal.

ex.: “ (...) Agora sou uma mulher feliz (...) Estou com o meu marido há 12 anos, temos uma filha com cinco anos. Sou feliz (...) Sinto-me bem, sinto-me com força (...) é muito bom, acho que não tem explicação, acho que só a pessoa que é mãe, que passa por uma sensação dessas de ser mãe é que sente (...) ela é tudo o que me faltou, é ela agora (...)” (Suj.H)

4. **Sentimentos ao realizar a entrevista** – descrição, interpretação e avaliação dos sujeitos sobre as emoções suscitadas pela entrevista.

ex.: “ (...) Senti-me a viver assim uns anos para trás mas já regresssei ao actual (risos). Não, comoveu-me mais porque há muito tempo que já não falava disto (...) desde que eu casei e depois do meu marido saber a história toda, contada por mim, parece que toda a gente sabia e já não precisava de contar a mais ninguém e agora estar a lembrar outra vez o passado, foi estar a mexer em tudo outra vez. Não é, não é desagradável, mas também não é fácil. Nunca é desagradável (...) acho que faz bem falar. Uma pessoa quando está com problemas acho que se meter cá para fora que fica muito mais aliviada do que se ficar a sofrer sozinha, acho que é um alívio (...) Só que custa falar e revelar certos pormenores que foram mais marcantes e menos bons na nossa vida (...)” (Suj.J)

Algumas subcategorias acima enunciadas foram ainda classificadas em três tipos, de acordo com a apreciação expressa pelos sujeitos relativamente à questão analisada:

- **Positiva** – exprime uma apreciação predominantemente favorável;

ex.: “ (...) Acho que ainda não me arrependi de nenhuma escolha que fiz, se tivesse sido só eu a decidir talvez mas cada escolha que eu faço tenho alguém sempre que me orienta e acho que isso ajuda-me muito (...)” (Suj.E)

- **Negativa** – exprime uma apreciação predominantemente desfavorável;

ex.: “ (...) ainda estou a viver com a minha mãe e com o meu padrasto, eles atiram-me tudo à cara. Mas eu também não posso, por mais que queira neste momento ajudá-los e eles atiram-me tudo à cara (...) a minha mãe não tem, não sabe realmente ser mãe. Então o meu padrasto e ela...é um bocado difícil conviver com eles (...) eu contento-me com muito pouco, ter paz de espírito, concluir os meus objectivos (...)” (Suj.I)

- **Ambivalente/Complexa** – não é facilmente identificável uma apreciação dominante, registando-se contradições no discurso dos sujeitos relativamente ao mesmo conteúdo;

ex.: “ (...) Não tenho razão de queixa. Não tenho razão de queixa. Eu acho que as coisas não estão a correr como eu quero, estão a correr de uma forma normal e não tenho razões de queixa, também não se pode ter tudo bom senão a vida não tinha interesse. E eu não sou uma excepção (...)” (Suj.D)

- **Neutro/Não se aplica** – não é identificável no discurso do sujeito qualquer valorização, positiva ou negativa, sobre o assunto em análise;

ex.: “ (...) Certas ou erradas nunca tive dificuldade em tomá-las (risos)” (Suj.P)

II – Instituição

Na dimensão institucional inserem-se os processos de atribuição de significado dos sujeitos sobre a sua experiência de vida em regime institucional, as suas produções relativas à dinâmica, forma de organização e funcionamento da instituição, incluindo as apreciações que fazem acerca do relacionamento estabelecido com o Lar e a interpretação que fazem sobre o apoio que este proporcionou no período pós-institucional, a iniciativa de sair da instituição, a apreciação acerca da experiência vivenciada na instituição e a importância que esta teve nas suas vidas, a forma como entendem hoje a instituição e as sugestões de mudança que fazem relativamente ao seu funcionamento e organização.

A análise do discurso dos entrevistados permitiu definir oito grandes categorias temáticas:

1. **Adaptação à vida institucional** – inclui as produções dos sujeitos relativas à sua entrada na instituição, sentimentos, emoções, pensamentos que experienciaram, descrição e avaliação das vivências pessoais, mudanças registadas, recursos pessoais mobilizados para adaptação e integração à vida institucional;

ex.: “ (...) ao longo dos anos, apercebi-me que as coisas cá fora não são perfeitas e lá dentro também não podiam ser perfeitas. E ao longo do tempo acalmei mais um bocado, tirei aquele espírito de revolução de achar que o sistema está mal e de tentar mudá-lo. Não passei a ser indiferente mas não dei muita importância e foi isso o que me fez acalmar um bocado a nível pessoal e profissional (...) depois como tudo na vida a gente habitua-se e habituei-me (...) uma pessoa começou a se habituar (...)” (Suj.B)

2. **Organização da vida diária** – engloba as referências dos sujeitos no que se refere à ocupação do seu dia-a-dia na instituição.

- 2.1 **Actividades e rotinas** – descrição da forma como era vivenciado o quotidiano na instituição, ocupação de tempos livres, iniciativas e acções dinamizadas pela instituição e/ou pelos próprios sujeitos;

Mais especificamente diferencia-se nas seguintes subcategorias:

- **Lazer/Cultura** – actividades desportivas, recreativas e culturais, *hobbies* individuais, etc.

ex. :“ (...) tínhamos dança (...) pelos escuteiros, arranámos uma equipa e eu estava a jogar futebol de cinco (...) fiz ténis, fiz atletismo federado. A minha paixão foi o atletismo, ainda ganhei umas medalhas, também fiz esgrima, aeróbica (...) ajuda no desenvolvimento das pessoas, no relacionamento com as pessoas, ajuda a crescer, fica-se a conhecer as coisas. A gente ia sempre passear. Eu, uma vez, estava em duas coisas ao mesmo tempo, andava no futebol e no ténis (...)” (Suj.H)

- **Escola/Formação** – aulas, trabalhos e deveres da escola acompanhados por monitores, reuniões para prevenção de comportamentos de risco na adolescência, reuniões anuais sobre o desempenho escolar;

ex.: “ (...) Íamos para a escola (...) depois vínhamos (...) Havia uma sala de estudo a partir das 5h talvez, começavam a chegar, uns da primária, outros do ciclo, outros do liceu, essa sala era orientada por monitores (...) ajudavam-nos nos trabalhos de casa (...) ” (Suj.G)

- **Intercâmbio internacional** – participação em projectos de voluntariado internacional;

ex.: “ (...) no verão que tínhamos sempre aqueles campos de férias, intercâmbios com franceses, nós passávamos 15 dias espectaculares porque íamos um dia para cada lado (...) ” (Suj.H)

- **Outras** – reuniões conjuntas (técnicos, crianças, jovens) para balanço da semana, definição de grupos e estabelecimento de regras de natureza doméstica;

ex.: “ (...) Tínhamos uma vida muito intensa na comunidade com reuniões de toda a casa, havia sempre reuniões com a irmã Teresa para definir tarefas, havia grupos para tudo (...) reuniões com toda a gente, pequeninos e grandes (...) onde eram definidas regras, feito o balanço da semana, eram feitos grupos diversos porque grande parte do trabalho de casa era feito por nós (...) ” (Suj.G)

3. **Filosofia de funcionamento** – inclui as representações dos sujeitos sobre aspectos organizacionais do quotidiano da instituição, o ambiente e espaço envolvente, as regras da casa, os recursos humanos, assim como a percepção acerca da relação estabelecida com alguns adultos da instituição.

Mais especificamente, diferencia-se nas seguintes subcategorias

3.1 Papel dos mais velhos

- **Gestão quotidiana da casa** – descrição das tarefas domésticas que ficavam a cargo dos mais velhos;

ex.: “ (...) Era responsável de casa, ou seja, tinha de preparar as refeições (...) Aos fins-de-semana nós é que cozinhávamos, fazíamos a fachina, lavávamos a loiça, tínhamos de arrumar o quarto, ou seja, qualquer problema nós é que comunicávamos à directora (...) ” (Suj.B)

- **Educação dos mais novos** – enunciação das tarefas educativas e disciplinares que ficavam a cargo dos mais velhos;

ex.: “ (...) Os mais velhos, muitos deles é que organizavam os miúdos; mesmo a pouca organização que os mais velhos tinham era importante e é hoje importante lá (...) Eles é que faziam as leis: às nove horas os desta idade vão para a cama, às dez e meia vão os outros, às onze vão os mais velhos até aos quinze, os quinze para cima podem fazer o que quiserem (...) alguns estavam-se nas tintas se os miúdos tomavam banho ou não tomavam banho mas eles andavam arrumados e o quarto arrumado, tinham de andar (...) ”

3.2 Clima/ambiente do Lar

- **Relação adulto - criança** – descrição e avaliação do relacionamento, atitudes, comportamentos e formas de actuação dos profissionais com as crianças e jovens do Lar;

ex.: “ (...) Houve algumas que aconteceram realmente, pelo tempo que passei vi muitas pessoas que foram mandadas embora injustamente só porque a directora não gostava da pessoa. Funciona assim, a [directora] é assim e nós temos de aceitar como ela é. Se ela for com a cara de uma pessoa, vai com a cara da pessoa, se ela não for com a cara da pessoa, mesmo que ela estude, não roube ou se porte bem não há volta a dar. Isso foi uma coisa que realmente fez-me pensar: uma pessoa porta-se bem, faz a coisas segundo os critérios todos e é injustiçada; enquanto que outras são os diabinhos de lá e eram sempre os beneficiados. Nas primeiras vezes, em parte, sentia-me frustrado mas depois eu comecei, pessoalmente, a ignorar isso e realmente percebi o que estava ali a fazer e continuei em frente, a tirar um curso, a arranjar a minha vida para sair dali (...)” (Suj.B)

- **Relações entre pares** – descrição e avaliação das relações de iguais estabelecidas entre as crianças e jovens decorrentes do funcionamento e da organização do Lar;

ex.: “ (...) tínhamos bons amigos e era isso que fazia a nossa família, estávamos todos no mesmo barco (...) Eu cresci num meio onde tinha muitos amigos. No colégio nós éramos uma família e acho que foi um dos factores que minimizou a nossa passagem por lá porque nós tínhamos amigos (...)” (Suj.B)

- **Espaço físico** – descrição e avaliação do espaço exterior que caracterizava a instituição;

ex.: “ (...) aquilo era um espaço agradável (...) Eu gostava da vida de lá porque eu gostava muito da natureza (...) tinha muitos vales e muitos montes e muitos prados e eu apreciava muito a natureza e ainda hoje continuo a apreciar (...) é um lugar onde a pessoa está junto da natureza e se sente bem (...)” (Suj.M)

3.3 Recursos humanos

- **Motivação e envolvimento** – descrição e avaliação dos sujeitos relativas à dedicação, preocupação, sensibilidade, tolerância, gosto por trabalhar com crianças e jovens dos profissionais do Lar;

ex.: “ (...) a Psicóloga, a... Eu desabafava muito com ela e tive sempre o apoio muito importante dela (...) Há a [directora], ainda hoje penso na [directora], como é que ela aguenta, é uma pessoa que eu admiro, para a [directora] acho que nada é impossível (...) Lembro-me da preocupação da [directora] para nós não estarmos tristes, o desejo dela é para que ninguém fique sozinho e está sempre a lutar para as pessoas serem um bocadinho felizes, é isso o que eu admiro mais na [directora] mas ela é humana também erra (...)” (Suj.J)

- **Gestão de recursos humanos** – descrição e avaliação relativas ao número de funcionários existente no Lar, turnos e período de funcionamento;

ex.: “ (...) Não havia técnicos suficientes para que pudessem ajudar essas crianças com diversos problemas (...)” (Suj.I)

3.4 Regras da casa

- **Restrições/castigos** – percepção dos sujeitos sobre as formas de punição aplicadas às crianças e jovens acolhidos.

ex.: “ (...) se eu tirasse uma negativa a mais ficava logo de castigo, ponham-me logo de castigo a lavar a loiça não sei quantas semanas, ficava sem poder ir para lado nenhum. Na altura eram castigos dolorosos para uma criança (risos), um jovem de 14 anos queria era passear e mais no verão que tínhamos sempre aqueles campos de férias (...) Cortar umas férias era doloroso (risos) por isso eu tinha de me atinar (risos) ” (Suj.H)

- **Flexibilidade/liberdade** – percepção dos entrevistados sobre as regras, os horários, organização e controlo das entradas e saídas da instituição, sobre a supervisão e acompanhamento das crianças e jovens do Lar;

ex.: “ (...) Enquanto lá estive entrávamos e saíamos e não havia problema nenhum (...) havia aquelas meninas que saiam à noite para as discotecas e apareciam de manhã, muitas vezes estava eu a ir para as aulas de manhã e estavam elas a entrar e a directora nem sabia. Era um à vontade, entrávamos e saíamos, aquilo não era fechado (...) Eu acho que a regra da Comunidade é assim: se vocês querem ser alguém, têm de fazer por isso e lutar por isso (...) mas está mal. Está mal porque chega-se a uma idade, eles querem lá saber, eu faço o que quero, deixam-nos andar (...) Havia casas, que eram aquelas regras e era aquilo mesmo, chegava aquela hora, mais ninguém sai, enquanto que havia casas, estavam lá na rua, a fazer barulho às tantas a manhã. Eu acho que é assim, na Comunidade é cada um por si e pronto (...) ” (Suj.O)

3.5 Outros – descrição e avaliação de atitudes e comportamentos de jovens do Lar, nomeadamente, consumo de drogas e estupefacientes e relacionamento sexual, entre outros.

ex.: “ (...) Havia certas coisas lá que se passavam que eu não achava correcto, desde passarem droga, haver relações sexuais lá dentro, essas coisas todas e não eram vistas, não eram castigadas (...) Constei isso à [uma] senhora e a directora depois veio a saber (...) Eu não queria sujar o nome da instituição, mas automaticamente eu estava a sujar, eu não queria (...) ” (Suj.I)

4. Relação com a instituição e apoio no período pós-institucional – esta categoria refere-se ao relacionamento estabelecido pelos entrevistados com a instituição após a saída, incluindo os contactos e visitas pontuais ou regulares a pares, a adultos ou a familiares que tenham permanecido ou entrado para a instituição posteriormente à sua saída.

- **Relação** – contactos e visitas com a instituição depois da saída;

ex.: “ (...) Com a instituição não. Mantinha antes, enquanto o meu irmão estava lá (...) Mas a minha relação com a instituição acabou a partir do momento em que eu sai de lá (...) ” (Suj.F)

- **Apoio** – ajuda (s) prestadas pela instituição após a saída;

ex.: “ (...) Não houve apoio nenhum, até para eu trazer os meus pertences de lá para cá tive de pagar muito caro (...) pedi uma carrinha emprestada para trazer a coisas, obrigaram-me a pagar 100 euros (...) nesse aspecto houve ajuda que eu achei uma coisa impressionante. Eu não tinha dinheiro para pagar, quem pagou foram os meus familiares. Mas achei um absurdo porque eu estava a dar-lhe uma vaga para poderem acolher outra criança, eu não ia trazer as minhas coisas no comboio, as coisas de uma vida

inteira, as recordações, as roupas, livros, no fundo quem consegue trazer isso tudo no comboio ou numa camioneta? (...) até isso tive de pagar para usufruir. Lá está as diferenças porque há outras pessoas que não só não tiveram de pagar como, mensalmente, recebiam ajuda da própria Comunidade. Vinham de propósito aqui a Lisboa, trazer alimentos, dinheiro; lá está as diferenças são tão grandes, há uns que são escolhidos outros que são excluídos (risos) (...)" (Suj.M)

5. Iniciativa de saída da instituição – descrição e avaliação dos sujeitos sobre as circunstâncias da sua saída e a responsabilidade desta decisão.

- **Individual** – decisão tomada pelo próprio;

ex.: “ (...) Eu saí porque eu quis, acho que a Comunidade não podia fazer mais nada, eu já tinha 20 anos (...) Foi uma opção minha e do meu marido (...)” (Suj.H)

- **Lar** – decisão tomada pelo Lar;

ex.: “ (...) Não. Eu fui convidado a sair (risos) (...)” (Suj.B)

6. Percepção actual dos sujeitos sobre a instituição – esta categoria refere-se aos comentários, observações e apreciações dos sujeitos sobre o estado actual da instituição

ex.: “ (...) Se hoje for lá, os quartos estão desarrumados; depois das empregadas irem embora os quartos, a casa fica destruída até ao outro dia quando as empregadas chegam. Enquanto que antigamente, os mais velhos é que organizavam uma casa (...) Eu acho que foi um exagero essas mudanças que fizeram, um exagero mesmo (...)” (Suj.C)

7. Propostas de mudança sobre a instituição – esta categoria integra as opiniões e sugestões dos entrevistados sobre aspectos que deveriam mudar no período de acolhimento e também no processo de transição e autonomização dos jovens para a vida independente.

7.1 Acolhimento – esta categoria diz respeito às referências dos sujeitos acerca de aspectos formais e organizacionais, de protecção, de segurança e aos aspectos educacionais que devem ser objecto de mudança no período de acolhimento.

Mais especificamente, diferencia-se nas seguintes subcategorias

- **Aspectos organizacionais** – diz respeito a mudanças formais como a transitoriedade do acolhimento, regime/ acolhimento não misto, funcionamento 24 horas;

ex.: “ (...) À noite não fica ninguém, não se vêem se as crianças são deitadas a horas, se fazem os trabalhos de casa ou não fazem, se precisam de alguma coisa ou não precisam, se falta um cobertor senão falta. Ninguém vê nada disso, ninguém (...) devia ser alguém destacado de forma e não era auxiliares aquelas de limpeza, como estão lá das 9h às 5h da tarde (...)” (Suj.J)

- **Protecção e segurança** – refere-se a mudanças relativas à supervisão e controlo do acesso e circulação de pessoas;

ex.: “ (...) Como instituição de crianças que é deveria ter um bocadinho mais de segurança. Ter lá um portão grande, aberto à distância e identificar as pessoas (...)” (Suj.H)

- **Aspectos educacionais** – inclui considerações sobre mudanças na filosofia de funcionamento e sobre a qualidade pedagógica e educativa que deve ser proporcionada pela instituição às crianças e jovens acolhidos;

ex.: (...) Não se deve, em certas situações, só ver as pessoas, é preciso dar-se mérito às pessoas que lá estão pelas atitudes que têm e não pela cara delas. Não é correcto que uma pessoa que chumba sete anos seja mais privilegiado do que aquela pessoa que nunca chumbou no seu percurso escolar. Acho que isso tem de mudar definitivamente (...)” (Suj.B)

- **Recursos humanos** – referências a mudanças relativas à direcção e aos funcionários do Lar;

ex.: “ (...) Em primeiro lugar o que devia mudar – eu sei que isso não vai acontecer – era a direcção porque a [directora] tem de admitir – foi uma excelente pessoa, foi uma grande mulher, apesar dos defeitos que todos temos, ela não é perfeita como nós também não somos mas foi uma grande mulher ao ter criado a instituição, a vida que ela passou, é uma heroína! – tem de sentar e admitir que já não tem cabeça mais para aquilo, não tem mão, não tem pulso, não tem nada. E quando não há mão, não há pulso as coisas abandalham-se um bocadinho, é isso que, neste momento, está acontecer (...) ela é a directora máxima, é directora vitalícia, ou seja, só quando ela morrer é que passa para outro e, pelo que eu vejo, se é a pessoa que na altura estava prevista, ainda vai ser pior (...)” (Suj.J)

- 7.2 Transição e autonomização** – referências dos entrevistados aos recursos que deveriam ser mobilizados para apoiar os jovens na transição do Lar para a sua vida independente.

Mais especificamente, diferencia-se nas seguintes subcategorias

- **Apoio habitacional** – espaço residencial de curta duração;

ex.: “ (...) não tinha casa (...) foi assim um bocado...A certa altura a [directora] virou-se para mim e disse que eu tinha de arranjar um quarto e eu pensei: mas como, como é que eu vou arranjar um quarto? Não tenho emprego, não tenho casa (...) Porque eu acho que não faz sentido os tribunais, o sistema de segurança social, as assistentes sociais tirarem as crianças à família e depois daí a uns anos saem e voltam para lá. Não faz nexa, não tem lógica; é o que acontece muitas vezes (...) ou então mandá-las embora e subsidiar uma casa entre seis ou quatro meses até arranjam emprego (...)” (Suj.B)

- **Apoio financeiro** – comparticipação monetária para assegurar despesas básicas, nomeadamente, alimentação, vestuário, educação, etc.

ex.: “ (...) na parte financeira, como é óbvio, que é uma das principais dificuldades que se passa nesta fase de transição quando se sai da instituição e se passa a viver por conta própria (...) Eu acho que a principal é essa porque partimos de um momento em que temos um tecto e alimentação garantida que são os bens básicos e passamos para um momento em que isso depende de nós e para depender de nós, como é óbvio, é a parte financeira. Para ter um tecto e comida é com a parte financeira, não há muito mais (...) eu tive de trabalhar (...)” (Suj.A)

- **Apoio psicológico** – preparação emocional para a saída e acompanhamento pós-institucional;

ex.: “ (...) eu acho que as pessoas que iam para lá e que tinham problemas deviam ter uma pequena preparação para enfrentar a sociedade cá fora. É o meu ponto de vista, é o que eu acho (...) acho que devia de haver uma preparação para a saída (...) ajudar as crianças a tirar aquela mágoa que sentem dos problemas porque elas foram para lá com problemas (...)” (Suj.I)

- **Apoio social** – tratamento de comportamentos desviantes, como é o caso do consumo de droga, prostituição, etc.

ex.: “ (...) é assim...não queres estudar então vás embora e se vai embora para onde é que ele vai? vai para a rua e na rua o que é que faz? mete-se na droga ou se for uma mulher prostitui-se. E é assim que acontece, já se repetiram lá casos assim, de crianças muito problemáticas que saíram de lá piores e estão num mundo onde ninguém deseja estar. Uma das prostitutas que está no Fernão Magalhães esteve na Comunidade (...) Ela era uma excelente bailarina, andava no Ballet, entretanto, saiu da Comunidade porque engravidou, teve uma filha, a filha depois teve de ir para a adopção, a filha depois foi lá parar e depois deram para a adopção...entretanto adoptaram-na e ela continua a se prostituir (...) o...foi um menino que foi para lá com 2 meses de idade, foi criado pela [directora] e está um completamente...é um vândalo, é um vândalo, mexe com drogas, foge da polícia, andou a conduzir sem carta, é mesmo um criminoso, pode-se chamar neste momento que ele é um criminoso (...) Criam-se crianças lá que vêm do mundo da droga e não saem dela porque não são ajudados (...)” (Suj.J)

- **Apoio ao emprego** – orientação na procura de emprego e inserção profissional dos jovens;

ex.: “ (...) mandaram-me embora sem ter emprego (...) Acho que a Comunidade e a segurança social devem arranjar acordos para não mandarem os jovens embora assim, sem ter pelo menos um emprego (...) acho que isso é um grande problema das instituições, pelo menos na Comunidade, acho que esse é um dos grandes problemas dos jovens (...) Isso acho que foi uma dificuldade que eu tive (...) tive de arranjar emprego para me auto sustentar (...) a maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...)” (Suj.B)

8. Processos de atribuição de significado sobre a instituição – nesta categoria estão englobadas as referências dos entrevistados sobre o papel que a instituição desempenhou no seu processo de desenvolvimento pessoal e social, nomeadamente durante a infância e a adolescência vivenciadas em contexto institucional, e sobre o impacto da experiência de acolhimento na sua aprendizagem. A importância das relações interpessoais desenvolvidas, o significado que os sujeitos atribuem à sua vivência em regime institucional nas suas condições de vida e bem-estar actual e o papel desempenhado pela instituição na sua inserção social englobaram-se também nesta categoria;

Mais especificamente, diferencia-se nas seguintes subcategorias

8.1 Desenvolvimento individual – descrição e avaliação da influência que a instituição teve no seu crescimento e enriquecimento pessoal, nas competências e recursos pessoais desenvolvidos, nas mudanças individuais que ocorreram nos seus itinerários de vida.

ex.: (...) Agora chego à conclusão que o facto de ter estado no Colégio fez-me muito bem, percebi muitas coisas que talvez só iria entender quando chegasse aos dezoito ou dezanove anos e percebi quando tinha onze anos (...) e acho que sou das poucas pessoas que se podem dar ao luxo de dizer que vivi lá quase vinte anos e não me arrependo nunca de ter vivido naquele Colégio (...) Foi a minha vivência lá e a minha experiência (...) Eu encaro aquilo como uma experiência de vida, como uma lição (...) Depois como uma experiência e, sendo uma experiência, eu considero das experiências melhores que eu já tive na minha vida (...)” (Suj.C)

8.2 Desenvolvimento Social – descrição e avaliação da influência da experiência institucional nas aprendizagens, atitudes, comportamentos, conhecimentos e habilitações escolares e

profissionais adquiridas durante o período de acolhimento e que contribuíram para a sua inserção profissional.

ex.: “ (...) ajudou tal como uma família ajuda para mais tarde os filhos serem inseridos na sociedade, foi o que a instituição foi para mim (...) deu-me oportunidade de estudar (...) Acho que foi boa. Deram-nos uma oportunidade na vida para a gente estudar, tirar um curso (...) preparou-me para o futuro, para o mercado de trabalho, para fazer as nossas vidas (...)” (Suj.B)

Algumas subcategorias acima enunciadas foram ainda classificadas em quatro tipos, de acordo com a apreciação expressa pelos sujeitos relativamente à questão analisada:

- **Positiva** – exprime uma apreciação predominantemente favorável;

ex.: “ (...) Acho que foi um Lar de acolhimento (...) acolheu-me (...) Acho que foi o melhor. Sinceramente! (...) Acho que obrigou-nos a crescer mais rápido (...)” (Suj.B)

- **Negativa** – exprime uma apreciação predominantemente desfavorável;

ex.: “ (...) Se hoje for lá, os quartos estão desarrumados; depois das empregadas irem embora os quartos, a casa fica destruída até ao outro dia quando as empregadas chegam. Enquanto que antigamente, os mais velhos é que organizavam uma casa (...)” (Suj.C)

- **Ambivalente/Complexa** – não é facilmente identificável uma apreciação dominante, registando-se contradições no discurso dos sujeitos relativamente ao mesmo conteúdo;

ex.: “ (...) Vivi grande parte da minha infância, logicamente que tinha de ter um impacto sob a minha vida (...) não foi algo que tivesse impacto positivo ou negativo. Ali só aprendi a injustiça, a indiferença, entre outras coisas. (...) eu considero que (...) foi um abrigo para situações menos boas que poderiam ter acontecido se eu continuasse com os meus pais (...)” (Suj.M)

- **Neutro/Não se aplica** – não é identificável no discurso do sujeito qualquer valoração, positiva ou negativa, sobre o assunto em análise;

ex.: “ (...) Apanhou-me a parte da adolescência, seja como for essa altura é marcante para todos (...) foi a minha adolescência (...)” (Suj.F)

III – Outros significativos

Neste factor foram incluídas as redes de apoio não formais e informais que se definem em três grandes categorias: a família de origem, a nova família e outros elementos que foram significativos no percurso de vida dos sujeitos (no período anterior ao acolhimento institucional, no decurso do período de acolhimento, no período de transição e actualmente).

1. Família de Origem – inclui as referências relativas à família biológica.

1.1 **Características da família de origem** – inscrevem-se aqui dados relativos às tipologias familiares, a outras situações de acolhimento institucional na família, aos motivos sócio-familiares na origem da institucionalização dos sujeitos, à apreciação do apoio que receberam da família biológica e à percepção dos sujeitos sobre o papel que a família de origem desempenhou no seu percurso de vida.

1.1.1 Tipologia familiar

- **Nuclear** – dois progenitores;

ex.: “ (...) com os meus pais (...) somos cinco ao todo (...)” (Suj.O)

- **Monoparental** – um progenitor;

ex.: “ (...) os meus pais separaram-se eu tinha cinco anos e a dada altura a minha irmã foi viver com a minha mãe (...)” (Suj.B)

- **Alargada** – elementos da família extensa (avós, tios, primos);

ex.: “ (...) O meu pai faleceu eu ainda era muito novo, tinha dez, onze anos, sou o irmão mais velho dos meus irmãos todos, para o meu tio facilitar a tarefa à minha mãe, tirou-me a mim e fui ficar com ele e os meus irmãos mais novos ficaram com a minha mãe (...) somos quatro a contar comigo (...)” (Suj.E)

- **Reconstituída** – um dos progenitores e companheiro/a, eventualmente com filhos de um ou de ambos;

ex. (...) o meu irmão, da parte da mãe (...) eu sou de família africana eu tenho para ai uns dezoito irmãos (risos) (...)” (Suj.D)

1.1.2 Casos de acolhimento institucional na família

ex.: “ (...) tenho lá um irmão mais novo e ficava com ele. Sim ainda está lá agora (...)” (Suj.E)

1.1.3 Motivos sócio-familiares da institucionalização

- **Pobreza**

ex.: “ (...) Não tinham condições financeiras para nos sustentar (...)” (Suj.B)

- **Alcoolismo na família**

ex.: “ (...) O meus pais, tanto o meu pai tal como a minha mãe eram alcoólicos (...)” (Suj.N)

- **Toxicodependência na família**

ex.: “ (...) Eu tinha uns pais que se envolveram com a toxicodependência (...)” (Suj.M)

- **Mau – tratos – agressão física, violação por parte do progenitor às filhas, uma delas resultou numa gravidez, tentativa de violação;**

ex.: “ (...) eu vim para Comunidade porque eu fui violada pelo meu pai...e eu estava grávida (...)” (Suj.P)

- **Abandono**

ex.: “ (...) Fui abandonada pela minha mãe biológica (Suj.L)

- **Guerra**

ex.: “ (...) Na altura quando vim para Portugal (...) Isso foi em noventa e oito quando começou a guerra, a minha família resolveu mandar-nos para cá (...)” (Suj.D)

- **Necessidades educativas especiais**

ex.: “ (...) se eu não tivesse uma deficiência eu nunca tinha vindo ali parar...isso (risos) não tenho qualquer dúvida disso, mesmo sabendo que...evidentemente que a instituição tinha outras crianças sem deficiência, mas por outro lado tinham problemas de família, ou eram órfãos, ou famílias muito carenciadas e que não os podiam ter ou filhos de imigrantes. Numa primeira fase aquilo começou com filhos de imigrantes. Portanto eu não me encaixava em nenhuma dessas situações (...) eu foi exclusivamente a deficiência obrigou-me a vir parar ao Loreto e depois do Loreto ali senão eu nunca (...)” (Suj.G)

- **Problemas psicológicos na família**

ex.: “ (...) O motivo foi que eu estava numa família com problemas (...) psicológicos (...)” (Suj.J)

- **Disfuncional idade familiar – relações familiares conflituosas, rígidas ou caóticas;**

ex.: “ (...) numa família (...) um bocadinho também problemática ao nível de relacionamentos uns com os outros (...)” (Suj.J)

1.2 Papel da família de origem – percepção dos sujeitos sobre o acompanhamento fornecido pelos elementos da família de origem no decurso do período de acolhimento, sobre o relacionamento que mantêm actualmente com ela e avaliação sobre a sua importância na suas trajectórias de vida;

ex.: “ (...) Sim mantenho, só que não vale a pena eles são como conhecidos e não como família (...) Eu e a minha irmã nunca tivemos uma relação muito próxima (...) Nenhuma, nenhuma. Sem dúvida alguma não teve nenhuma – por acaso não – não me chateia minimamente nada, nem me sinto revoltado, só que não teve nenhuma (...) Se eu for a ver tudo o que eu tenho foi às minhas custas; acho que não tiveram peso nenhum sinceramente (...)” (Suj.B)

2. Nova família – referências dos sujeitos à família que eles próprios constituíram ou pretendem constituir, representações sobre a educação dos filhos, avaliação do papel desempenhado pela nova família na sua vida.

2.1 Intenção de constituir família – refere-se aos planos, às manifestações de vontade, dúvidas, preocupações, opiniões e aos comentários dos sujeitos que ainda não constituíram família sobre as condições que devem reunir ou que idealizam possuir na eventual construção do seu próprio projecto familiar.

ex.: “ (...) Sim, acho que sim. Só que na nossa perspectiva ter uma família é um bocado mais caricato pela experiência que eu passei; pela experiência que nós tivemos. Para ter família ou ter filhos – não é assim! Tem de ser bem pensado, nós termos filhos para irem para uma instituição não vale a pena, não é? (...) ” (Suj.B)

2.1.1 Representações sobre a educação de eventuais filhos

ex.: “ (...) Eu vou ser mãe galinha, vou ser mãe galinha. Deve ser aquela coisa, dar aos filhos aquilo que eu não tive. Vou ser mãe galinha, quase de certeza (...)” (Suj.L)

2.2 Papel da nova família – percepção dos sujeitos que já constituíram família sobre a importância que esta tem nas suas vidas actuais;

ex.: “ (...) É muito bom, acho que não tem explicação (...) acho que ela é tudo o que me faltou, é ela agora (...) Sinto-me feliz (...) Estou com o meu marido há 12 anos, temos uma filha com cinco anos (...)” (Suj.H)

2.2.1 Representações sobre a educação dos filhos – referências dos sujeitos sobre a forma como desempenham (ou pensam vir a desempenhar) o papel de progenitores, nomeadamente, aspectos atitudinais, comportamentais, preocupações e responsabilidades que devem assumir e tipo de relação que projectam estabelecer com os filhos, tendo em conta a sua própria experiência.

“ (...) Eu agora já sou mãe e sei, tento transmitir à minha filha aquilo que eu não tive. Eu acho que isto é um processo um bocadinho duro porque eu tento dar à minha filha aquilo que eu não tive, se há alguém que não tem culpa são eles, não é? Não é estragá-los de mimos nem nada disso (...) eu vou tentar fazer com que nunca falte à minha filha aquilo que me faltou a mim (...)” (Suj.J)

3. Outros significativos – Nesta categoria incluem-se todas as outras relações privilegiadas que os sujeitos estabelecerem ao longo das suas trajectórias de vida e a apreciação que fazem sobre o papel que elas desempenharam.

- **Relação íntima – namorado/a;**

ex.: “ (...) Tive um namoro de três anos na Comunidade, aí amadureci muito tarde. Sei lá, parecia-me, eu agora riu-me com a situação, mas a namorar com ele eu não via mais ninguém, a minha vida acabava ali. Parecia que tinha casado (...) fui muito dada, se calhar fui depressa demais nessa relação (...) na altura procurava também uma fonte de segurança (...)” (Suj.L)

- **Vizinhos**

ex. (...) tinha amigos, amigos vizinhos. Quando estávamos no Colégio eram eles que nos iam visitar (...) Estes vizinhos eram muito importantes (...)” (Suj.N)

- **Pais adoptivos**

ex.: “ (...) quem me ajudou foi foram os meus pais adoptivos (...) Os meus pais ajudaram-me sempre (...) os meus pais estão lá para ajudar, a minha mãe não tinha obrigação, os meus pais não tinham obrigação nenhuma, sempre me ajudaram em tudo (...)” (Suj.L)

- **Amigos do Lar** – pares, profissionais ligados ao Lar, voluntários, pessoas amigas do Lar¹⁹, *padrinhos*²⁰, etc.

ex. (...) Há duas pessoas, um casal Suíço. São amigos da instituição. Na altura eu tinha catorze anos, eles levaram-me de férias para a Suíça, pagaram-me várias coisas, pagaram-me um curso na Cambridge School (...) Eu acho que identifico mais essas pessoas como meus pais do que a minha própria família porque eles ajudaram-me muito (...)" (Suj.B)

- **Amigos fora do Lar** – colegas de escola ou de curso, de trabalho, da residência universitária, *patrões*, etc.

ex.: " (...) os amigos, por exemplo os meus colegas da pastelaria, ajudaram-me imenso. É o que eu digo, às vezes só o conversar (...) Esses amigos eu conheci depois de sair, fui construindo uma amizade (...) Eram importantes porque se calhar me davam aquilo que eu precisava, carinho e atenção (...) Os meus patrões ajudaram. Eu sempre trabalhei para as mesmas pessoas que trabalho hoje (...) Foi muito importante trabalhar para estas pessoas, foi muito importante na minha vida, senão das coisas mais importantes porque são pessoas que me ajudaram sempre, sempre (...)" (Suj.P)

Algumas das subcategorias acima enunciadas foram ainda classificadas em quatro tipos, de acordo com a apreciação expressa pelos sujeitos relativamente à questão analisada:

- **Positiva** – exprime uma apreciação predominantemente favorável;

ex.: " (...) a família embora tenha estado na rectaguarda (...) considero que naquilo em que a família se relacionou, interveio, esteve sempre bem. Nunca se opuseram a nada, nunca deixaram de me apoiar (...)" (Suj.G)

- **Negativa** – exprime uma apreciação predominantemente desfavorável;

ex.: " (...) Nenhuma, nenhuma. Sem dúvida alguma não teve nenhuma (...) Se eu for a ver tudo o que eu tenho foi às minhas custas; acho que não tiveram peso nenhum sinceramente (...)" (Suj.B)

- **Ambivalente/Complexa** – não é facilmente identificável uma apreciação dominante, registando-se contradições no discurso dos sujeitos relativamente ao mesmo conteúdo;

ex.: " (...) Acho que foi um papel muito importante, pelo menos o do meu tio. Da minha mãe não digo (risos) mas também contribuiu, acho que se não fosse ela de certeza que não iria existir e devo um grande obrigado todos os dias." (Suj.E)

- **Neutro/Não se aplica** – não é identificável no discurso do sujeito qualquer valoração, positiva ou negativa, sobre o assunto em análise;

ex.: " (...) durante aqueles anos em que lá estivemos ela foi lá, pelo menos 3 vezes, telefonava (...)" (Suj.I)

¹⁹ Pessoas que ofereciam donativos para o Lar (económicos ou em géneros alimentares, vestuário, calçado, etc.), que efectuavam visitas ao Lar procurando estabelecer uma relação afectiva com as crianças e jovens, disponibilizando-se para receber as crianças ou jovens em sua casa ao fim de semana ou nos períodos de férias. Também contribuíam financeiramente para o processo formativo das crianças/jovens com quem estabeleciam um relacionamento mais próximo.

²⁰ Pessoas que "apadrinhavam" algumas crianças e jovens, pagando um valor mensal à instituição (cerca de 25 Euros) para a chamada "bolsa verde", de forma a contribuir para a educação e desenvolvimento das crianças e jovens que patrocinavam. Disponibilizavam-se para passarem fins-de-semana, feriados e períodos de férias com crianças ou jovens com as quais pretendiam estabelecer uma relação afectiva durante o seu período de institucionalização. Algumas destas relações afectivas mantinham-se e reforçavam-se vindo mesmo a serem *padrinhos*, *madrinhas* de baptismo, de crisma ou de casamento de alguns jovens.

IV – Escola/Trabalho

A dimensão escola/trabalho inclui as narrativas dos sujeitos sobre aspectos que se relacionam com o seu percurso escolar e profissional nos diversos momentos (antes, durante e depois do período de acolhimento, particularmente nos períodos de transição e actualmente).

1. **Percorso escolar e profissional** – Nesta categoria incluem-se referências dos sujeitos sobre a situação escolar e profissional, memórias e recordações da sua vida enquanto estudantes, apreciação da sua condição de aluno, dificuldades identificadas no contexto escolar e profissional, expectativas escolares e profissionais. Os processos de atribuição de significado relativos à escola e ao trabalho na sua vida actual também se englobam nesta categoria.

1.1 Escolaridade à saída do Lar

ex.: “ (...) Estava no 10.º ano e tinha pensado em tirar um curso de Hotelaria (...) desisti a meio do 10.º ano (...) ” (Suj.A)

1.2 Escolaridade actual

ex.: “ (...) Estou a tirar o curso de Arte e Design na ESEC, estou outra vez no 1.º ano (...) ” (Suj.C)

1.3 Profissão actual

ex.: “ (...) trato da parte administrativa da empresa (...) ”

1.4 **Condição de aluno** – refere-se aos relatos dos sujeitos acerca do seu desempenho, rendimento e comportamento no período escolar, assim como atitudes e sentimentos em relação à escola e ao estudo;

ex.: (...) sempre gostei de estudar nunca tive grandes problemas (...) Sempre gostei da escola, nunca tive fobia às aulas nem nada disso (...) Eu por acaso não chumbei nenhum ano (...) ” (Suj.B)

1.5 **Dificuldades no percurso escolar** – referências dos sujeitos acerca das limitações, obstáculos e problemas que enfrentaram ao longo da sua vida escolar.

- **Escola e formação** – contrariedades e dificuldades sentidas pelos sujeitos no seu percurso escolar e formativo, nomeadamente, problemas burocráticos no processo de equivalência escolar e questões ligadas à oferta formativa financiada ao acompanhamento escolar, orientação escolar e profissional, etc.

ex.: (...) estava no 11.ºano (...) Senti-me um bocado desorientada porque estava no secundário e não sabia se havia de ir para a escola de hotelaria ou se havia de continuar. Foi a única dúvida que tive (...) ” (Suj.L)

- **Trabalho e estudo** – inclui opiniões, comentários, decisões, necessidades, sentimentos dos sujeitos sobre as suas vivências e experiências de conciliação da vida escolar com o trabalho, a vida no Lar e/ou a vida familiar;

ex. (...) Não foi especialmente fácil. Eu vim para a Universidade, entrei em Eng.ª Informática no ISEL (...) comecei a trabalhar (...) Se tivesse tido apoio se calhar as coisas seriam bastante diferentes, não teria necessidade de ter ido trabalhar. O rendimento seria superior, não teria de trabalhar, não teria de fazer noites de sextas e sábados à noite, não me obrigaria a faltar às aulas segunda feira de manhã porque me deitava tarde no domingo e tinha o horário trocado, não sei, isso é premeditar também. Podia ter concluído mais o curso, podia ter acabado o curso ou não mas isso mais uma vez é...são circunstâncias (...)" (Suj.F)

- **Relações interpessoais** – referências dos sujeitos às relações que estabeleceram ao longo do seu percurso escolar (grupo de pares, colegas de escola, etc.).

ex.: " (...) Depois do primeiro dia de escola tínhamos estudo e havia lá muita gente que estava lá no Colégio e que não conseguia; não me sentia à vontade ao pé deles e preferia estudar sozinho por mais que não percebesse preferia do que estar lá a enfrentar aquilo tudo (...)" (Suj.E)

- **Psicológicas** – descrições dos sujeitos sobre os seus estados emocionais associados à aprendizagem, capacidades e competências escolares;

ex.: " (...) Na altura também andava a sentir pressões mas houve pouca gente que se preocupou com o que eu podia estar a sentir (...) senti-me mesmo muito sozinho (...) Eu senti-me lá muito sozinho, muito mal, é uma fase que acho que deixo logo, não digo que apago da minha memória porque nada apaga. Estive uns três meses, fugi mesmo, vim embora (...) deixei a escola, deixei o trabalho (...)" (Suj.C)

- **Saúde** – referência a problemas de saúde durante o percurso escolar e profissional;

ex.: " (...) Cada ano tínhamos um estágio, no 1.º ano fui para Oliveira de Azeméis, tive uma paralisia facial e vim para Coimbra (...)" (Suj.H)

1.6 Expectativas escolares e profissionais – refere-se a projectos, sonhos, intenções de natureza escolar ou profissional que os sujeitos desejavam alcançar ou que gostariam de ter realizado no seu itinerário de vida e à apreciação sobre essas mesmas expectativas.

ex.: " (...) Eu quando era miúda tinha um sonho de ser veterinária, desde miúda tive o sonho de ser veterinária mas é muito difícil e requer grandes notas e muito estudo (...)" (Suj.M)

1.7 Papel da escola – avaliação dos entrevistados sobre a importância e significado da escola/formação no seu itinerário de vida;

- **Pessoal** – referências à aquisição de conhecimentos, à realização e valorização individual, enriquecimento cultural, desenvolvimento de competências e capacidades pessoais, mudança nos modos de compreensão e expressão;

ex.: “ (...) E eu orgulho-me de ter conseguido lutar para ter agora o curso, não ia andar 3 ou 4 anos e depois deitar tudo ao ar. Então andei sempre atrás daquilo que eu realmente queria. Se eu comecei tinha de acabar, tínhamos um prazo de 5 anos para acabar depois desses 3 anos. E eu sou das que consegui acabar, tenho o meu diploma (...)” (Suj.J)

- **Social** – estabelecimento de amizades, partilha de conhecimentos e experiências;

ex.: “ (...) a relação interpessoal, tudo (...) Acho que é muito importante para a vida de uma criança, neste caso, de um jovem (...)” (Suj.H)

- **Profissional** – acesso e integração no mercado de trabalho, qualidade e remuneração do trabalho;

ex.: “ (...) Eu acho que foi importante. Ter ido para o técnico-profissional ajudou-me mais na integração no mercado de trabalho e tive muitas perspectivas de trabalho (...)” (Suj.B)

1.8 Dificuldades no percurso profissional – refere-se às limitações, obstáculos, contrariedades que os sujeitos encontraram durante o seu percurso profissional.

- **Experiências diversas** – alusão a trabalhos desempenhados e às condições a que estavam sujeitos, assim como a aspectos atitudinais, interesses e motivações relativas ao trabalho;

ex.: “ (...) Trabalhei um ano e tal na Junta de Freguesia da Mealhada (...) trabalhei nas obras da construção civil, dos dezassete até aos vinte e dois anos; nem fazia descontos. E trabalhei uns meses numa Serração (...)” (Suj.A)

- **Procura de emprego** – menção a sentimentos e inquietações dos sujeitos na fase de procura de emprego e inserção profissional;

“ (...) Nos primeiros anos, só tive mesmo dificuldade em arranjar trabalho em Coimbra (...) Considero que a zona de Coimbra para trabalhar é complicada até porque as pessoas são exploradas (...)” (Suj.B)

- **Relações laborais** – problemas de relacionamento com os colegas de trabalho, patrões, situações conflito laboral;

ex.: “ (...) depois não me dei...não me dava com a minha encarregada. Apercebi-me que as pessoas estavam a abusar da minha pessoa, aí então saltou-me a tampa (...) e acabei por me ir embora (...)” (Suj.I)

1.9 Papel do trabalho – referências dos sujeitos sobre a importância e influência que o trabalho tem nas suas vidas;

- **Material** – independência económica, garantia de subsistência, capacidade de fazer face a despesas, realização de objectivos pessoais;

ex.: “ (...) Comecei a trabalhar e ganhei a minha independência através do meu próprio trabalho (...) no 12.º parei um ano (...) estive a trabalhar, tirei a carta de condução, comprei um carro, ganhei alguma liberdade monetária (...) ” (Suj.F)

- **Bem-estar físico e psicológico** – efeito terapêutico do trabalho no estado emocional e físico dos sujeitos;

ex.: “ (...) tive vários problemas de saúde, incluindo a depressão profunda (...) faz-me bem devido ao que eu passei, distrai-me; é essencial. Eu devido a esses problemas todos engordei muito, cheguei aos cento e vinte quilos. Agora, felizmente, estou com noventa e dois. Tenho vindo a diminuir aos poucos. O trabalho faz-me bem. Distraí-me, faço ginástica (risos), faz-me andar de um lado para o outro (...) ” (Suj.A)

- **Integração social** – aquisição de capacidades, recursos e competências individuais e sociais, relacionamento interpessoal, redes de apoio informal;

ex.: “ (...) Quero trabalhar cá em Portugal, só depois de amadurecer ir para a Guiné já preparado e maduro para quando lá chegar conseguir ter uma voz activa. Eu não quero chegar lá inexperiente, quero ir já com uma certa experiência (...) para ter uma voz activa, opinar quando acho que devo e saber o que dizer nos locais apropriados e no momento certo (...) ” (Suj.D)

- **Outra** – desemprego;

ex.: “ (...) De momento não tenho (...) ” (Suj.N)

- 1.10 **Satisfação com o nível de escolaridade actual** – opiniões e sentimentos sobre a situação escolar e o grau de escolaridade actual;

ex.: “ (...) Não me considero satisfeito (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...) Sim, queria tirar mais certificações da Microsoft (...) ” (Suj.B)

- 1.11 **Satisfação com o trabalho actual** – considerações dos sujeitos sobre a situação profissional e o trabalho que realizam actualmente;

ex.: “ (...) Gosto, gosto, tudo o que seja relacionado com outras pessoas, falar com outras pessoas eu gosto (...) queria ver se acabava com as Novas Oportunidades que é para eu me inscrever no INEM. Eu queria ir para o INEM (...) ” (Suj.H)

Algumas subcategorias acima enunciadas fora ainda classificadas em quatro tipos, de acordo com a apreciação expressa pelos sujeitos relativamente à questão analisada:

- **Positiva** – exprime uma apreciação predominantemente favorável;

ex.: “ (...) Eu acho que foi importante. Ter ido para o técnico-profissional ajudou-me mais na integração no mercado de trabalho e tive muitas perspectivas de trabalho (...) ” (Suj.B)

- **Negativa** – exprime uma apreciação predominantemente desfavorável;

ex.: “ (...) Não me considero satisfeito (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...) Não acredito que volte a estudar porque a gente vê as notícias e há tantos licenciados desempregados, nem sei se vale a pena voltar a estudar (...) ”

- **Ambivalente/Complexa** – não é facilmente identificável uma apreciação dominante, registando-se contradições no discurso dos sujeitos relativamente ao mesmo conteúdo;

ex.: “ (...) Gosto muito do que faço. Não estou satisfeito porque o ordenado não é uma grande coisa, mas eu quero sempre melhor. Eu agora gosto do que faço e tenho de procurar o melhor para mim (...) ” (Suj.A)

- **Neutro/Não se aplica** – não é identificável no discurso do sujeito qualquer valoração, positiva ou negativa, sobre o assunto em análise.

ex.: “ (...) De momento não tenho (...) ” (Suj.N)

V – Serviços

Neste factor incluem-se os apoios formais a que os sujeitos tiveram acesso no seu itinerário de vida (antes, durante e depois do período de acolhimento), nomeadamente, provenientes de serviços públicos e privados, e a apreciação que fazem sobre o papel e influência que estes tiveram no seu percurso de vida.

A partir das narrativas dos sujeitos identificaram-se alguns tipos de serviços:

1. Serviços de apoio – refere-se a entidades públicas ou privadas.

- Instituto de Segurança Social (I.S.S)
- Serviço Nacional de Saúde (S.N.S)
- Serviço Municipal de Habitação (S.M.H)
- Instituto de Emprego e Formação Profissional (I.E.F.P)
- Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (M.C.T.E.S)
- Ministério da Educação (M.E)
- Instituições Particulares de Solidariedade Social (I.P.S.S)

1.1 Tipos de Apoio

- **Material e Financeiro** – inclui géneros alimentares, vestuário, abono de família para crianças e jovens, rendimento social de inserção, etc.

ex. (...) Sim, o rendimento social de inserção da segurança social; isto depois de sair. Não foi nenhum porque na altura eu precisava e depois pediram-me o dinheiro (...)" (Suj.A)

- **Formação** – inclui bolsas de formação e de estudo, apoio da acção social escolar para livros e material escolar, senhas de alimentação, passe escolar, alojamento universitário, creche, etc.

ex. (...) Só mais tarde surgiu um curso profissional e pareceu-me uma boa ideia porque eu não tinha de trabalhar, eles pagavam-me para tirar o curso e acho que isso foi muito interessante. Pagavam-me pouco mas na altura como eu estava com os meus tios eu não precisava de pagar renda portanto o dinheiro que eu ganhava dava para comprar as coisas para ela. Também não precisava de pagar Colégio porque era pago por eles e o almoço comia na escola também pelo instituto. A única coisa que eu tinha de me preocupar era com as roupas, higiene e os transportes (...)" (Suj.M)

- **Habitacional** – inclui a habitação social em situação de carência económica, apoio habitacional pontual de emergência social;

ex. (...) Eu já queria separar-me do P... há mais tempo, não sabia como e recorri a casas da Câmara eles disseram que só tinham casas para dar a pessoas que viviam nas barracas ou a pessoas que têm necessidades especiais, eu no fundo não vivia na barraca por tinha alguém que me acolheu depois disso não tinha mais nada (...)" (Suj.M)

- **Médico** – refere-se a consultas e acompanhamento médico, descontos em tratamentos e medicação através da compartição da ADSE, etc.

ex.: " (...) eu tenho uma psicóloga, já quase há 7 anos e é uma psicóloga de verdade, não é o que acontecia ali dentro. Sempre que vou lá eu venho de lá renovada (...)" (Suj.P)

- **Técnico** – refere-se à intervenção de profissionais, nomeadamente, professores e assistentes sociais, entre outros;

ex.: " (...) o que me revoltava mais foi (...) chegar ao 7.º ano, querer tirar-me dos estudos para me pôr num colégio de deficientes, em Miranda e a assistente social de lá não me aceitou porque fez-me testes e viu que eu era capacitada para andar numa escola normal (...) em pequena eu tive meningite e então ela [a directora] pensou que eu não tinha capacidades, que era uma atrasadinha mental. O que valeu a mim foi a matrícula já estar feita na escola, senão eu não me matriculava. E ela queria anular e os professores não deixaram (...)" (Suj.O)

- **Não identificado** – os sujeitos não identificam tipos de apoio;

ex.: " (...) não, nada disso. Antes de eu ir para o colégio passei muita fome, nada, nada. Não sei de nada, essas coisas eu não me lembro, isso não havia na altura (...)" (Suj.N)

1.2 Percepção dos apoios – inclui diferentes percepções dos sujeitos sobre os apoios formais.

- **Com apoio percebido** – os sujeitos reconhecem terem beneficiado de apoios formais;

ex.: “ (...) cada um de nós ao abrigo da acção social escolar das escolas tínhamos as nossas pequenas bolsas (...)” (Suj.G)

- **Sem apoio percebido** – os sujeitos consideram não terem beneficiado de apoios formais;

ex. (...) acabei por ficar desempregada. Não tive direito a nenhum subsídio do estado, nem subsídio de desemprego, nem nada (...)” (Suj.M)

- **Incongruente** – do discurso dos sujeitos decorre que os apoios formais por eles percebidos não correspondem aos efectivamente recebidos, o que traduz uma contradição mais ou menos explícita nos relatos;

ex.: “ (...) Não, na minha experiência foi um caso concreto da burocracia portuguesa porque no momento em que pedi a bolsa foi-me dito e foi assumido que quando eu saísse da instituição iria ter a bolsa máxima devido às minhas circunstâncias (...) supostamente, seria o equivalente ao ordenado mínimo e não foi, era metade ou menos de metade. E foi a única coisa que tive, o resto que eu tive foi a trabalhar (risos). Foi, vamos lá ver eu tinha a residência, tinha onde dormir. O apoio da bolsa era talvez o suficiente para a alimentação, não daria mais do que para isso (...) portanto não encaro esse apoio sequer o suficiente para a totalidade as coisas (...)” (Suj.F)

Todas as subcategorias acima enunciadas foram ainda classificadas em quatro tipos, de acordo com a apreciação expressa pelos sujeitos relativamente à questão analisada:

- **Positiva** – exprime uma apreciação predominantemente favorável;

ex.: “ (...) consegui ir a uma consulta na psiquiatria e ela receitou-me outros medicamentos, completamente diferentes dos outros e eu até disse: se me tivesse receitado isto ao princípio eu talvez tivesse recuperado num instante. Só dois medicamentos e eu tomava montes deles; só dois medicamentos arrumaram, puseram-me bem, ponham-me bem disposto e não pensava tanto nas coisas (...)” (Suj.A)

- **Negativa** – exprime uma apreciação predominantemente desfavorável;

ex.: “ (...) acabei por ficar desempregada. Não tive direito a nenhum subsídio do estado, nem subsídio de desemprego, nem nada, de maneira que ficou ele a sustentar a casa toda, coisa que era mesmo no limite (...) Eu conheço algumas colegas, em situações semelhantes às minhas mas pessoas que não estiveram na instituição e que viviam com os pais tiveram muitos apoios do estado (...)” (Suj.M)

- **Ambivalente/Complexa** – não é facilmente identificável uma apreciação dominante, registando-se contradições no discurso dos sujeitos relativamente ao mesmo conteúdo;

ex.: “ (...) Da segurança social? Não (...) Houve uma discussão que nós tivemos o ano passado que ela [a mãe] apontou-me uma faca. Acho que ela não tem...Eu fiz queixa dela, fui à segurança social dizer o que se estava a passar e a segurança social pagou-nos duas noites numa pensão para a gente não ir para casa. Na altura, ajudavam-nos até termos uma casa ou tínhamos a opção de ir para uma instituição daquelas de mães solteiras (...)” (Suj.I)

- **Neutro/Não se aplica** – não é identificável no discurso do sujeito qualquer valoração, positiva ou negativa, sobre o assunto em análise;

ex.: “ (...) Agora tenho o apoio da ADSE (...)” (Suj.G)

4. Apresentação e discussão dos resultados

De forma a propiciar uma exposição mais clara dos resultados, e tendo em consideração a razoável complexidade da informação tratada, assim como os limites de exposição deste trabalho, optámos por organizar a análise e discussão dos mesmos relevando as **categorias mais frequentes**, referindo as demais sempre que se entenda oportuno para a compreensão do tópico em questão. Para uma visão pormenorizada e exaustiva do processo de análise e dos dados obtidos, a consulta da informação anexa é indispensável.

À descrição dos resultados relativos a cada grande grupo de categorias seguir-se-á a sua análise e discussão fundamentadas nos conhecimentos teóricos e empíricos disponíveis neste domínio.

Neste sentido, passamos a analisar o discurso dos sujeitos retomando as interrogações básicas do trabalho, referente a cada uma das cinco dimensões definidas — **indivíduo, instituição, outros significativos, escola/trabalho, serviços** — identificando os traços dominantes das produções verbais dos sujeitos, aspectos comuns e distintivos entre si e respectivas implicações.

4.1 Indivíduo

“ (...) Eu estou bem na vida, tenho uma casa, tenho uma filha, tenho um emprego, tenho amigos, não há mais nada que eu precise, tudo o que preciso tenho, as dificuldades...posso dizer que as maiores dificuldades já passaram, claro que há sempre dificuldades mas eu sinto-me realizada, não preciso de mais nada (...)” (Suj.M).

Um dos propósitos deste trabalho foi o de explorar o modo como os sujeitos relacionam as suas experiências e o seu curso de vida com as suas características e estados pessoais. Para o efeito foram feitas perguntas no sentido de perceber, nos diversos momentos, a imagem que tinham de si próprios, como se caracterizavam, que sentimentos dominantes identificavam, se reconheciam

mudanças pessoais e comportamentais, recursos e competências pessoais. Numa perspectiva centrada no bem-estar actual dos sujeitos, realizaram-se também questões no sentido de perceber qual o balanço que fazem das decisões e opções tomadas no passado, qual o seu impacto actual, qual é o seu grau de satisfação com as suas condições actuais de vida, e como se sentiram durante a entrevista.

4.1.1.A imagem que os sujeitos têm de si nos vários períodos da sua vida

Nas suas narrativas, os sujeitos teceram considerações ao longo dos vários períodos sobre as suas características físicas e psicológicas, competências e recursos pessoais e sobre o modo como estes aspectos condicionaram e foram condicionados pelos seus relacionamentos interpessoais. Então qual a imagem que os sujeitos têm de si? A sua imagem é estável ao longo dos vários períodos? Quais os aspectos distintivos e comuns? Que implicações tiveram no seu percurso de vida? A resposta a estas questões podemos encontrar na análise que se segue referente à representação que os sujeitos têm de si mesmos nas diferentes etapas do seu itinerário de vida.

Antes da entrada para o Lar

As memórias dos sujeitos em relação a este assunto, focam-se, sobretudo, no momento da chegada ao Lar, existindo, por isso, **poucas produções verbais sobre as representações que os sujeitos têm de si mesmos no período que antecedeu a sua entrada para a instituição** (cf. anexos 4 e 6). A idade média de entrada dos sujeitos no Lar foi aos 7 anos (alguns entraram com 4 anos), havendo naturalmente alguma dificuldade em recordarem como eram nessa altura. Apesar de serem poucos os sujeitos (Suj. F, Suj.J, Suj.P, Suj.N) que tecem considerações sobre algumas das suas **características psicológicas** antes de entrar para o Lar, importa dá-las a conhecer para percebermos como percepcionavam alguns traços da sua personalidade e da influência que eles exerceram na entrada para o Lar. O sujeito F considera que as circunstâncias vivenciadas no seu contexto familiar de origem, a responsabilidade que lhe foi inculcada por ser o irmão mais velho, fizeram com que mudasse a sua maneira de ser durante a infância. No fundo, a disfuncionalidade do seu contexto familiar, as adversidades que vivenciou nesta fase da sua vida exigiram de si uma transformação, obrigou-o a crescer e a ganhar maturidade mais cedo do que outras crianças da sua idade, sentindo que já tinha mudado, do ponto de vista psicológico, antes de entrar para o Lar:

“ (...) Antes de entrar já tinha mudado bastante. Eu, de pequeno era uma criança muito nervosa mas chegou uma fase, antes de eu chegar à instituição, em que eu já tinha algumas responsabilidades perante os meus irmãos, ou perante a minha irmã neste caso. Portanto, aí foi mais a fase de transição antes de entrar na instituição onde passei de nervoso para alguém mais responsável ou com mais responsabilidades, foram-me inculcidas obrigatoriamente, sem eu dizer que sim ou que não mas que me mudaram e tornou-me mais calmo (...)” (Suj.F).

O Sujeito J considera que as suas **características pessoais**, a sua maneira de ser e de pensar, foram decisivas para que entrasse para o Lar indo, assim, contra a vontade da sua progenitora. Considera como uma atitude positiva o facto de ter assumido, numa idade muito nova, a iniciativa de entrar para o Lar perspectivando um futuro melhor para si tendo em conta as circunstâncias em que vivia:

“ (...) a minha mãe passou uma noite a convencer-me para não ir e eu com oito anos tive a capacidade de dizer – não, eu vou, eu vou porque se calhar é melhor para mim (...)” (Suj.J).

O sujeito P, evidencia que era uma criança que não se conformava com a realidade que estava à sua volta, não aceitava passivamente nem tolerava determinados acontecimentos ou situações que considerava erradas, procurando denunciar e agir contra os mesmos:

“ (...) eu sempre tive este jeito, mesmo em pequenina...esquisitava demais... havia coisas que eu não tolerava...ou que tentava mostrar que não estavam bem (...)” (Suj.P).

Estes três sujeitos revelam possuir uma **imagem positiva de si**, no período que antecede a sua entrada para o Lar, identificando características fortes na sua personalidade, atitudes e comportamentos de irreverência, resistência que os ajudaram a ultrapassar algumas das contrariedades vivenciadas no seu contexto familiar de origem.

O sujeito N, revela, pelo contrário, alguma **vulnerabilidade psicológica** antes de entrar para o Lar manifestando sentimentos de isolamento e dificuldade no relacionamento interpessoal. Importa salientar que este sujeito esteve acolhido num centro de acolhimento durante 5 anos (dos 7 aos 12) antes de entrar para esta instituição, parecendo demonstrar um seu **estado emocional fragilizado na sua primeira experiência de institucionalização**:

“ (...) antes de entrar nesta instituição... não tinha amigas... era um bocado isolada (...)” (Suj.N).

Esta susceptibilidade e vulnerabilidade para dificuldades emocionais, comportamentais e de saúde mental das crianças e jovens que vivenciam o acolhimento tem sido comprovada em diversos estudos (Armsden, Pecora, Payne, & Szathkiewicz, 2000; Burns et al., 2004; Clausen, Lansverk, Ganger, Chadwick, & Litrownick, 1009; Ward, Jones, Lynch, & Skuse, 2002; Mccarthy, Janeway, & Geddes, 2003, cit. por Fernandez, 2009).

No período de acolhimento

No período de acolhimento, conseguimos identificar considerações dos sujeitos sobre si próprios ao nível dos **aspectos psicológicos** (13), do **relacionamento interpessoal** (11), das **competências e recursos pessoais que desenvolveram** (7) e da sua **imagem física** (2) (cf. anexos 4 e 6). As produções verbais que os sujeitos elaboram acerca das emoções e sentimentos (**aspectos psicológicos**) foram as mais frequentemente mencionadas e centram-se, sobretudo, no momento da sua chegada ao Lar e durante a vivência dos seus primeiros dias na instituição, como podemos observar no quadro que se segue:

Quadro 4: sentimentos e emoções associados à entrada para a instituição

Medo	<i>" (...) eu tinha muito medo (...) Era uma criança assustada; não conhecia ninguém (...)" (Suj.A).</i>
Revolta	<i>" (...) Eu quando entrei na instituição estava muito revoltado (...)" (Suj.B).</i> <i>" (...) Ia muito revoltada com a minha família (...) muito revoltada, muito (...)" (Suj.L).</i>
Fragilidade	<i>" (...) Eu quando entrei para a Comunidade era uma menina...uma menina vítima de maus-tratos e de más coisas (...)" (Suj.P).</i>
Tristeza	<i>" (...) Eu chorei muito, foi muito difícil, não foi fácil (...)" (Suj.I).</i> <i>" (...) andava triste (...)" (Suj.B).</i> <i>" (...) chorei. Foram os primeiros dias, talvez mesmo uma semana ou mais não me estou a lembrar mas sei que aquele dia ficou-me na cabeça; até hoje não esqueço (...)" (Suj.C).</i> <i>" (...) Fui muito triste porque eu pensei que a minha mãe tinha falecido. Eu pensei então, se os meus primos estão ali porque é que eu não posso estar? (...)" (Suj.L).</i> <i>" (...) Não era uma pessoa muito alegre, não era, para ser sincera (...)" (Suj.N).</i> <i>" (...) Eu era uma menina chorona, era uma menina triste, notava-se em mim (...) eu era uma criança muito triste, por qualquer coisinha eu estava a chorar, levantavam-me a voz eu chorava (...)" (Suj.O).</i> <i>" (...) os primeiros dias chorei bastante e não tive ninguém que me acarinhasse, que me compensasse, foi difícil. De maneira que eu me sentia muito triste (...)" (Suj.M).</i> <i>" (...) a falta da família, da minha mãe e dos meus irmãos. Eu chorava muito, aquilo era terrível para mim (...)" Suj.P).</i>
Confusão	<i>" (...) fez-me uma grande confusão ao princípio (...)" (Suj.E).</i> <i>" (...) Cheguei lá muito desorientada (...)"(Suj.O).</i>
Desamparo/abandono	<i>" (...) os primeiros dias foram um bocadinho complicados porque eu andava sempre com a minha mãe, andava para trás e para frente com ela e ver-me assim de repente sem chão debaixo dos pés. É complicado (...)"(Suj.H).</i> <i>" (...) um pouco abandonada (...)" (Suj.M).</i>
Estranheza	<i>" (...) Os primeiros dias foram estranhos; foi uma mudança radical (...)" (Suj.B).</i> <i>" (...) Recordo...foram assim...um pouco estranhos porque aquilo era completamente diferente do que nós estávamos habituados (...)" (Suj.G).</i>
Desejo de fuga	<i>" (...) queria fugir (risos) para ir para o pé da família, era miúdo na altura e foi um bocado...custou a primeira semana (...)" (Suj.B).</i>

Da análise ressalta um conjunto muito variado de sentimentos associados à chegada, predominando o **sentimento de tristeza**. Isto significa que a fase de entrada no Lar está bem presente na memória dos sujeitos, constituindo uma fase extremamente significativa no seu percurso de vida, tal como também foi observado em alguns estudos nacionais (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Quintães, 2009). No nosso estudo, é notório o impacto emocional que todos os sujeitos sentiram à entrada, embora de maneira diferenciada, pela forma como foram afastados da sua família de origem, pela perda das suas figuras de referência, assim como pelas dificuldades inerentes ao contacto e adaptação a um contexto novo, desconhecido, com padrões de funcionamento diferentes da família em que estavam inseridos. A imagem que os sujeitos guardam de si no **período inicial do seu acolhimento** é, claramente, **uma imagem negativa**.

Observam-se em sete sujeitos (cf. anexos 4 e 6) que as emoções negativas sentidas pelos sujeitos no impacto da sua chegada ao Lar, na medida em que estas parecem não ter sido “acolhidas”, percebidas e trabalhadas pelos profissionais do Lar, foram permanecendo no interior dos sujeitos durante algum tempo da sua vivência na instituição em função da vulnerabilidade pessoal, social e familiar que caracterizava cada um. Essas emoções e sentimentos eram manifestados de maneira diferente pelos sujeitos: timidez, instabilidade, revolta, impulsividade:

“ (...) eu era muito tímido, muito tímido e calado (...) Quando era muito pequenino, até aos dez, onze anos eu era muito tímido (...) tinha os meus lados; sempre tive o meu lado ruim depois de provocado (...) mudava completamente (...) Houve um tempo que eu era muito revoltado (...) era mais turbulento no Colégio (...) reagia logo à provocação (...) Não era muito de criar problemas mas bastava uma fagulha assim eu pegava logo (...)” (Suj.C).

“ (...) era uma miúda terrível (risos), eu não parava quieta um minuto (...) era muito irrequieta (...) nessa altura era muito inconstante, muito, muito impulsiva (...)” (Suj.L).

“ (...) era uma criança muito revoltada (...)” (Suj.N).

“ (...) eu sempre fui um bocado rebelde não sei porquê, acho que era já inato à minha personalidade (...)” (Suj.M).

“ (...) era uma criancinha, uma pirralhazita, reguila (...) eu era como aquelas crianças traquinas que nunca estão quietas (...)” (Suj.J).

Os **relacionamentos interpessoais** foram a segunda categoria mais frequente das representações de si próprio durante o acolhimento. A identificação com o grupo de pares, a partilha de experiências, a convivência, a união, a confiança que se foram desenvolvendo no âmbito das relações de amizade que os jovens - adultos estabeleceram no quotidiano no Lar, constituíram um recurso importante (**factor protector**) que os ajudou a lidar e, de alguma forma, contribuiu para equilibrar o seu quadro emocional, substancialmente negativo, no período inicial de acolhimento. A maioria dos sujeitos (8) (cf. anexos 4 e 6) considera assim que a sua relação com os outros influenciou de forma positiva na sua maneira de ser, de sentir e de agir ajudando na sua adaptação à vida no Lar:

“ (...) Mudou...porque foi o fruto dessa interacção permanente com tantos jovens (...) Era difícil estarmos sós, tínhamos em todo o lado...gente (risos). Quer dizer era nos quartos, nos corredores, nas salas, nos jardins, portanto era difícil nós estarmos sozinhos e portanto tínhamos sempre de partilhar...as alegrias, as tristezas, a má disposição com outros e isso obrigou a pessoa a conviver e aprender com os outros e a superar essas limitações (...)” (Suj.G).

“ (...) Tínhamos bons amigos e era isso que fazia a nossa família na instituição; estávamos todos no mesmo barco (...) Eu cresci num meio onde tinha muitos amigos. No Colégio nós éramos uma família e acho que foi um dos factores que minimizou a nossa passagem por lá porque nós tínhamos amigos e éramos muito jovens (...)” (Suj.B).

“ (...) Fui encontrando algumas barreiras. Isso de explodir facilmente quando era novo não me permitia ter namoradas, pensei, fogo, se eu não mudar nunca vou ter uma namorada, depois mudei, deixei essas coisas, arranjei uma namorada (...) cheguei aos catorze arranjei namorada deixei essas coisas todas e fiquei mais consciente, mais tranquilo (...)” (Suj.C).

“ (...) Havia certo tipo de grupos e ao namorar com ele recebi um certo tipo de protecção e de aprovação de alguns grupos (...)” (Suj.M).

“ (...) com o passar da vida (...) eu comecei a namorar eu passei essa fase (...)” (Suj.O).

Importa, no entanto, salientar que apesar da percepção predominante acerca do papel que os relacionamentos interpessoais desempenharam no decurso do acolhimento, para alguns sujeitos (Suj.E, Suj.N, Suj.P) **este processo não foi assim tão simples**, na medida em que reconhecem possuir características pessoais que dificultam ou interferem na forma como se relacionam com os outros, **havendo mesmo alguma ambivalência** no seu discurso quando se referem às amizades que criaram no Lar e às relações que foram estabelecendo:

“ (...) nunca tive problemas com ninguém (...) Foi um bocadinho chato porque as pessoas achavam-me anti-social, porque eu no meio das pessoas sinto-me impressionado, não me sinto à vontade, prefiro estar sempre no meu cantinho, mas o tempo foi passando e fui conhecendo e fui falando (...)” (Suj.E).

“ (...) penso que me adaptei bem com as outras crianças. Eram rapazes e raparigas e penso que me adaptei bem (...) isolava-me ...sempre fui uma pessoa isolada (...)” (Suj.N).

“ (...) Não tive dificuldade em fazer amigos, mas não fiz muitos amigos (...) dava-me bem com toda a gente...só com os mais velhites é que não...havia lá alguns (...) Não tive dificuldade em fazer amigos, mas não fiz muitos amigos (...)” (Suj.P).

A importância da qualidade das relações interpessoais no quotidiano das instituições, não só entre as crianças e jovens e os seus pares mas também entre todos os agentes intervenientes no contexto institucional, com outras entidades e pessoas relevantes exteriores à instituição tem vindo a ser cada vez mais demonstrada cientificamente (Zurita e Fernandez del Valle, 1996, cit. por Martins, 2005; Gomes, M (Coord.) 2005; SCML, 2004; Alves, 2007; Quintãns 2009). Tal como refere Martins (2005, p.3) a qualidade das relações interpessoais é muito importante quando se trata de crianças e jovens uma vez que interfere não só ao nível da qualidade de vida e do bem-estar actual dos menores, mas também na construção do seu desenvolvimento, funcionando como um “ (...) *factor prospectivo com impacto ao nível da sua organização psíquica e sócio-afectiva (...)*”.

Aspectos relacionados com as **competências e recursos pessoais** embora tenham sido menos referenciadas pelos sujeitos do que as categorias anteriores importa, no entanto, realçá-los

na medida em que se prendem com a percepção que os sujeitos têm das capacidades desenvolvidas durante o acolhimento, parecendo constituírem recursos importantes para o seu desenvolvimento e úteis na fase pós-saída do Lar, como veremos à frente.

De acordo com as apreciações de alguns sujeitos, estas aprendizagens não ocorreram de forma voluntária, mas de constrangimentos, dificuldades, barreiras que foram encontrando durante a sua vivência no Lar e que levaram a mudanças nos seus comportamentos. De alguma forma, estamos perante aprendizagens que são o produto de experiências negativas.

A importância de se tornarem independentes, de terem autonomia, de terem iniciativa, de improvisarem, de darem resposta a determinados problemas ou dificuldades com os quais iam sendo confrontados, fazem parte de um conjunto de competências e capacidades que alguns sujeitos sentiram necessidade de desenvolver durante o acolhimento:

“ (...) Desde miúdo tinha a sensação que nos tínhamos de desenrascar; enquanto que havia pessoas que tinham nós tínhamos de ir trabalhar para ter. Ou seja, qualquer coisa que a gente quisesse a gente tinha de ir trabalhar porque a instituição não ajudava. Dava o essencial, ou seja, ao longo dos anos criámos a iniciativa de nos desenrascarmos, de não ficarmos bloqueados num problema e tentar sempre solucionar (...) A maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...)” (Suj.B).

“ (...) tinha aquela coisa de ser ingénuo, não me interessava os gastos que fazia, não controlava as coisas (...) Desde novo quando eu queria alguma coisa ia trabalhar e depois comprava as coisas que eu queria, roupa, sapatos (...) No Colégio, quando atingi uma certa idade já não havia coisas para mim, como éramos muitos com aquele número de pé, vinham por exemplo cinco ou seis sapatos ou botas os outros iam logo a correr e apanhavam quando eu chegava já não havia nada para mim. Eu ficava sempre a pescar, não tinha hipótese (...) Tinha de me desenrascar por mim próprio. Essas mudanças ocorreram porque eu encontrava barreiras, só por isso (...)” (Suj.C).

“ (...) Uma pessoa tem de crescer ali dentro mesmo que não queira (...) tive que aprender a viver segundo um padrão de valor diferente do habitual. No fundo tive que crescer por mim própria e sobreviver (...)” (Suj.M).

Por sua vez, foram referidas aprendizagens ao nível da gestão doméstica (arrumar, limpar, cozinhar, etc.):

“ (...) A instituição (...) obrigava-nos a aprender a lavar louça, aprender a passar a ferro, a limpar o jardim, a limpar o quarto...todas essas coisas (...)” (Suj.G).

“ (...) aprendi a fazer comer. Uma vez, ainda não sabia cozinhar, fui passar o fim-de-semana a casa do meu pai e ele estava doente e eu não sabia cozinhar. Mas ele tinha fome e eu tinha de cozinhar (risos). Eu fiz batata frita com ovo, tudo sem sal, o homem vai a comer, mas o que é isto? (risos) Então mas eu não sei cozinhar (risos) Eu não sabia fazer comer, o que é que ele queria que eu fizesse. Foi tudo para o lixo, aí senti-me tão mal nesse dia. Não estavam lá os meus irmãos nesse dia. O homem, doente, queria comer. E eu... estou bem, eu faço a comida (risos) (...)” (Suj.N).

A gestão de dinheiros, o aprender a poupar e a economizar, foram referenciados por dois sujeitos:

“ (...) aprendi (...) a gerir a minha vida e a gerir os meus recursos e as minhas coisas (...) a responsabilizarmos pela gestão do nosso próprio dinheiro (...)” (Suj.G).

“ (...) Eu antes guardava tudo, se eu tivesse alguma coisa na ideia para comprar lá ia pedir o que faltava à minha mãe ou ao meu pai – olha queria comprar aquilo e tal, então ia guardando e isso faz-nos crescer. Faz-nos ver como é que a gente vai fazer o dia-a-dia, gerir o dia-a-dia com o dinheiro, acho que isso é

bastante importante. Há aquelas pessoas que têm e esbanjam logo. Para uma criança, para um jovem eu acho que isso é importante que é para ele se orientar na vida (...)" (Suj.H).

Outras das competências, desenvolvidas durante o acolhimento, prendem-se com a disciplina, a conduta, a responsabilização e empenho para ser bem sucedido, denotando-se aqui uma preocupação em seguir as regras e os padrões de valor instituídos pelo Lar (Suj.G) mas também da necessidade de obter mérito e valorização para contrariar a representação social que a sociedade tem das crianças e jovens acolhidos e da estigmatização de que são muitas vezes alvo (Suj.M):

" (...) aprendi de facto a disciplinar-me a mim próprio e digamos a ter sempre uma conduta (...)" (Suj.G).

" (...) não é que eu me sentisse diferente mas nós tentávamos compensar pelo facto de não termos pai e mãe e pertencermos a uma instituição; tentávamos parecer melhores ou mais valorizados ou destacarmos em alguma coisa, para que fôssemos vistos não como os coitadinhos mas sim como aquela pessoa que realmente é boa naquilo (...)" (Suj.M).

Depois da saída do Lar

No período de transição, ou seja, naquele momento em que os jovens – adultos deixam a instituição para viverem de forma autónoma, reveste-se de particular significado. Trata-se de outro processo de mudança vivido pelos sujeitos e que, mais uma vez, revela ser sentido e percebido de forma desigual em função das características específicas e das experiências que cada um foi vivenciando no contexto pós-institucional. Neste período, as categorias mais predominantes foram as **características psicológicas** (12) e as **competências e recursos pessoais** (14) (cf. anexos 4 e 6).

No que diz respeito às **características psicológicas**, importa salientar que **os sentimentos mais comuns** dos sujeitos à saída do Lar **são predominantemente negativos** (solidão, desamparo, não aceitação/dificuldade na mentalização para a saída, revolta, choque). Os sentimentos de tristeza vividos pelos sujeito E e o sujeito J revelam a ausência de uma preparação psicológica para a sua saída do Lar, na medida em que estes evidenciam no seu discurso grande dificuldade na mentalização em deixar o seu quarto, a sua casa, e em afastar-se das pessoas com quem tinham estabelecido laços afectivos muito fortes, etc. A vivência institucional era para estes sujeitos o seu espaço “familiar” e o contexto com o qual se identificavam sendo, por isso, bastante difícil o seu afastamento. Estes sujeitos evidenciam um estado emocional semelhante aquele em que ficaram após o processo de separação da sua família de origem no período de entrada para o Lar:

" (...) quando acabei o curso foi muito triste, tive de sair de lá (...). Dificuldades mesmo foi abandonar o sítio porque eu já não tinha lá as pessoas de quando eu lá entrei, já tinham ido embora praticamente todos, de resto as que lá estavam não eram aquelas com quem eu me dava bem (...)" (Suj.E).

“ (...) Aquilo era a minha família e custou-me, foi difícil mentalizar-me – eu vou sair da Comunidade! (...) (choro) (...) a Comunidade já era a minha casa (choro) (...) Eu sai de lá mas eu todos os dias estava lá, todos os dias. Eu saía do trabalho e ia para lá (...) trabalhava na baixa, no intervalo, à tarde, eu tinha necessidade de ir à Comunidade, eu pensava para onde é que eu vou? (...) lá ia para a Comunidade (...) depois comecei a pensar que precisava de me desligar porque já não estava lá mas eu ia à instituição como se eu ainda lá estivesse. E entrava na casa onde tinha estado, simplesmente, tinha consciência de que aquele quarto que lá estava já não era o meu. Custou-me um bocado, eu estive muitos anos ali a morar, foi muito complicado (choro) (...)” (Suj.J).

A solidão, o isolamento, o desamparo que os sujeitos (Suj.A, Suj.B, Suj.C, Suj.G, Suj.I) exprimem, no período de autonomização, evidenciam a fragilidade e a vulnerabilidade emocional com que tiveram de enfrentar as dificuldades e contrariedades que se colocaram nesta fase da sua vida.

Após saírem do Lar, o suporte fornecido pelas relações interpessoais, por toda uma vivência e socialização em grupo, pela partilha de pessoas, de espaços, de experiências, de problemas, de emoções, etc., deixaram de existir, levando a uma ruptura e/ou descontinuidade na forma como viviam. Esta nova forma de encarar a vida, solitária, sem o grupo, sem uma rede de suporte, marcou, claramente, de forma negativa o período de adaptação e transição para a vida independente destes sujeitos:

“ (...) Eu fechei-me; habituei-me à minha solidão (...) Eu sempre fui tímido e foi um pouco complicado (...) estive muito tempo sozinho, mesmo sozinho, isolado, fechado (...)” (Suj.A).

“ (...) tive algumas dificuldades ao nível pessoal porque houve alturas que a gente está sozinho (...) acho que é preciso ter um grande estofo; não desesperar um bocado e ter sangue frio (...)” (Suj.B).

“ (...) tinha entrado na faculdade (...) Eu senti-me lá muito sozinho, muito mal; é uma fase que acho que deixo logo, não digo que apago da minha memória porque nada apaga (...) andei desamparado (...) andava mesmo, eu não digo que andava com depressão, não sei se era porque eu nunca pensei em ter depressão (...) Mas eu naquela altura acho que andava assim meio desequilibrado (...)” (Suj.C).

“ (...) quando sai (...) o meu drama era de facto a solidão... de modo que isso obrigou-me e formou muito a personalidade (...)” (Suj.G).

“ (...) Eu quando saí choquei com muitas coisas. E acho que tive dificuldade em me adaptar (...)” (Suj.I).

O **sentimento de revolta** que os sujeitos M e P manifestam à saída, para além de demonstrar a insegurança face à nova etapa que se impunha para a sua autonomização revela, também, que o seu estado emocional à entrada (tristeza, sentimento de abandono) não teve um adequado acompanhamento psicológico durante o período de acolhimento, dando lugar, no período da sua saída, a outras emoções como é o caso da revolta:

“ (...) era nova e não conhecia nada (...) de certa forma revoltada (...)” (Suj.M).

“ (...) saí diferente (...) Sim... Completamente diferente (...) parece que toda a gente me devia e ninguém me pagava. Era mesmo esse o espírito e depois toda a gente tinha de me entender e eu não tinha que dar justificação de nada... a vida me fez assim (...)” (Suj.P).

Contudo, alguns entrevistados exprimem **um colorido emocional mais positivo à saída** (Suj.H, Suj. N, Suj.O), denotando-se também no Suj. N alguma ambivalência no seu discurso

revelando sentimentos de desorientação mas ao mesmo tempo sentimentos de liberdade, realização, curiosidade e vontade de conquistar o mundo:

“ (...) eu senti-me um peixinho fora de água (...) Cá fora tive de aprender tudo de novo (...) eu não tive ninguém que apoiasse Sentia-me mais realizada, porque ia fazer...ia conquistar o mundo para mim. Sentia-me com forças, vontade para... sentia-me mais livre para explorar até o mundo (...) a gente cá fora explora mais e vive mais até do que lá dentro (...)” (Suj.N).

“ (...) a vida cá fora é muito... não nos podemos iludir com tudo o que abana, digamos, tudo o que mexa, não nos podemos deixar iludir, temos de contornar, fazer as coisas (...)” (Suj.H).

“ (...) foi um alívio (...)” (Suj.O).

A investigação acerca da relação entre a saída abrupta do acolhimento e os problemas psicossociais que estão associados a esta nova fase da sua vida, tem vindo a ser documentada e revela que as crianças e jovens acolhidos, privados do seu meio familiar, que são expostos ou vivenciam diversas mudanças, se não forem acompanhados de forma individualizada e personalizada, têm tendência a desenvolver problemas emocionais e comportamentais que podem ser a causa para a falha do acolhimento e sua posterior adaptação pós-institucional (Stanley, Riordan, & Alaszewski, 2005; McCauley & Trew, 2000, cit. por Fernandez, 2009).

Ao nível da apreciação que os sujeitos fazem das **competências e recursos pessoais** que possuíam na altura da saída, verifica-se que as opiniões dos sujeitos se dividem, observando-se **algumas apreciações positivas** (Suj.D, Suj.J, Suj.L, Suj.O, Suj.G, Suj.F) (cf. anexos 4 e 6) em que dizem ter-se sentido preparados para a saída e expressando um sentido de independência por terem concluído um curso, terem trabalho, terem tido a experiência prévia de estar um ano fora do Lar, terem assumido responsabilidade pelos mais novos, etc.:

“ (...) Sim, sentia-me preparado para sair, até foi bom para eu aplicar aquilo que eu tenho vindo a aprender ao longo dos anos que estive na instituição (...)” (Suj.D).

“ (...) Eu achei que já tinha as condições reunidas para sair da Comunidade, tinha acabado o meu curso (...)” (Suj.J).

“ (...) Eu fui monitora de férias com miúdos da Comunidade, uma vez com cinco, dos 3 aos 5 anos, e outra vez com um miúdo hiperactivo e correu sempre tudo bem. E quando eles incutem aquelas funções, a fachina, os mais velhos lavarem a própria roupa, a casa estar sempre impecável a gente na altura não acha piada nenhuma – isso já nos dá alguma independência, já conseguimos sair dali e ir viver sozinhos e não ter muitos problemas (...) Como estive no Colégio, sempre quis ter as coisas por mim. Isto de estar a pedir, estar à espera ou a depender de alguém (...) não me senti nada perdida nem despreparada (...)” (Suj.L).

“ (...) Sentia...Estava preparada porque estava responsável não é? (...) temos de tomar conta de crianças, temos de ter a atenção de ter a casa limpa, de passar a roupa, dar a educação aos mais novos. E sentia-me preparada (...) Sim, em certa parte sim, porque a organização que ela tinha, agora não sei como é, de pôr, a partir de uma certa idade, a tomar conta de outros, pessoas responsáveis a tomar conta de outros, só aí faz com que nos desenvolvamos mais. E acho que sim...porque há Colégios que as pessoas vêm para fora e não são ninguém, não sabem nada (...)” (Suj.O).

“ (...) Sim... Estava porque cada um de nós sabia que mais tarde ou mais cedo teria de sair e fazer a própria vida, a forma como a instituição estava estruturada obrigava-nos a essa preparação, a cuidar das nossas coisas, da nossa roupa, alguns sabiam até cozinhar e a saída já não foi propriamente já nenhum choque, nem nada porque no fundo nós já estávamos...estávamos dentro mas com um pé fora (...) comecei logo a trabalhar (...) não teve grande impacto (...)” (Suj.G).

“ (...) Já tinha estado um ano fora da instituição (...)” (Suj.F).

No entanto, outros sujeitos fazem um **apreciação negativa** (Suj.A, Suj.I, Suj.E, Suj.M, Suj.N, Suj.H) referindo que não se sentiram preparados para a saída, pelo facto de se terem debatido, já fora do Lar, com constrangimentos e dificuldades para os quais nunca foram sensibilizados ou alertados, nomeadamente, não saberem gerir despesas de alimentação, habitação, etc., não saberem o que é ter responsabilidade financeira, não saberem o que iam fazer depois de sair, não terem trabalho, etc.:

“ (...) Não estava nada preparado, nada preparado. Não, não estava nada preparado (...)” (Suj.A).

“ (...) Preparada para sair não (...) Tive de tomar-me independente (...)” (Suj.I).

“ (...) Preparado não digo (...) encarei isso com grande indiferença, apesar de ter gostado de lá estar (...)” (Suj.E).

“ (...) Claro que as coisas nunca são como se espera, não somos preparados para as coisas que vamos enfrentar no mundo. No fundo lá nós comemos, bebemos, dormimos e não temos qualquer responsabilidade financeira ou de qualquer outro tipo. Podemos trabalhar umas férias do verão para comprar as roupas, as coisas que nós gostamos mas no fundo o dinheiro era para gastar em coisas que nos apetecia, não é aquela responsabilidade de ter pagar uma renda ou cuidar da casa. Portanto neste sentido não fomos bem preparados (...)” (Suj.M).

“ (...) decidi e fui à vida, eu não me preparei (...) (risos) se eu não estava estive que estar. Teve de ser. Se calhar até nem me sentia mas teve que ser. É assim, não estava mesmo preparada porque havia de ter lá ficado a pensar bem na vida (...) pensar bem no que vou fazer (...)” (Suj.N).

“ (...) Mais ou menos (risos), mais ou menos (...) Foi um passo um bocadinho acelerado, confesso, foi (...) Não estava preparada porque ainda não tinha trabalho (...)” (Suj.H).

Também encontramos apreciações que, do nosso ponto de vista, são **ambivalentes/complexas**, é o caso do Sujeito B que, por um lado, se percebe como competente e capaz de lidar com as exigências decorrentes da transição para a vida independente – atribuindo esta aprendizagem ao Lar; contudo, por outro lado, também considera que planeou tarde como iria ser a sua vida fora do Lar:

“ (...) na instituição aprendemos desde cozinhar, a lavar pratos, ou seja, conseguimos ter formação um pouco de tudo (...) Acho que isso foi importante (...) cá fora, eu utilizei os conhecimentos que adquiri na instituição e mesmo da formação que eu tive. Cá fora aprendi a não ficar bloqueado num problema mas tentar solucioná-lo (...) Quando sai comecei a pensar mais acerca do futuro, o que é que eu ia fazer o que não ia fazer, ou seja, acho que planeei um bocadinho tarde como seria cá fora a minha vida (...)” (Suj.B).

À semelhança deste sujeito, também o Sujeito P começa por afirmar que se sentia preparado, “olhando” para a sua saída como acertada, mas revela que foi uma decisão repentina e que encontrou dificuldades na forma como geria o seu dinheiro, por não ter adquirido essa competência no Lar:

“ (...) Sim... Eu acho que foi o melhor.... Sentia. Era uma coisa que eu queria (...) De um dia para o outro...de um minuto para o outro (...) É assim...não nos ensinam a gerir dinheiros...não...eu por vezes...no princípio... gastei dinheiro...gastei mais do que aquilo que tinha, depois passava o resto do mês ó tio ou tia (...) nós na Comunidade somos é muito protegidos e não nos ensinam (...) o mundo cá fora é uma selva... e não é aquilo que eles ensinam lá dentro (...)” (Suj.P).

No presente

No presente, podemos observar que os **sujeitos** (Suj.G, Suj.H, Suj.L, Suj.M, Suj.O) **têm uma imagem diferente e melhor de si próprios**, quando comparada com a que tinham no passado (cf. anexos 4 e 6). Esta auto-imagem melhorada é relacionada com o facto de terem desenvolvido, ao longo do seu itinerário, várias capacidades e qualidades pessoais, grande parte delas com a experiência vivenciada na instituição, nomeadamente, responsabilidade, preocupação, confiança, segurança, atitude positiva, descontração e humor, desinibição e aprender a relativizar os problemas:

“ (...) Eu acho que a instituição me mudou para uma pessoa mais aberta, mais extrovertida, mais participativa (...) Acho que a casa e toda aquela convivência (...) Acho que isso necessariamente tinha que me mudar (...)” (Suj.G).

“ (...) Mudei (...) eu, ao ir para lá, fez-me de certa maneira aprender. Hoje sou uma pessoa extrovertida e rio-me. Levo a vida a rir e a contar piadas (...) já não amuo, já deixo que me digam as coisas, entra a cem e sai a duzentos (...) Aprendi a levar a vida mais na desportiva, a viver um dia de cada vez (...) Às vezes por querer tudo ao mesmo tempo, batemos com a cabeça e também já são várias ratoeiras da vida (...)” (Suj.H).

“ (...) Agora sou uma pessoa mais calma, menos impulsiva, já penso antes de fazer as coisas (...) Nunca tive depressões, não tenho paciência para estar doente, nem paciência nem tempo (risos) Eu penso eu estou assim mas há quem esteja pior. É o que eu digo à minha mãe que está doente – estás doente mas há piores e lutam. Há pessoas com cancro e lutam todos os dias – Temos de ver, temos saúde, temos inteligência, como eu costumo dizer, temos duas mãos e duas pernas temos de lutar, enquanto pudermos (...)” (Suj.L).

“ (...) aprendi que há sempre pessoas em situações piores que as minhas e nós não devemos ter pena de nós nem nos devemos lamentar, devemos procurar resolver os nossos problemas e andar para a frente (...) no fundo aprendi (...) a desenvolver qualidades e a ser uma pessoa mais apreciada (...)” (Suj.M).

“ (...) agora sinto-me uma pessoa independente (...) Hoje sou uma pessoa responsável, preocupada, com dívidas. Não deixo faltar. Eu quando vejo o dinheiro a ficar curto, começo logo, tens de reduzir (risos). Vejo-me outra pessoa, totalmente diferente (...) Sei que sou triste mas tento não mostrá-lo, porque há clientes lá na.... Quando eu falo da minha história, eles dizem, a tua vida não foi fácil, mas não parece, tu não demonstras. Tento não demonstrar (...)” (Suj.O).

Estas aprendizagens também foram adquiridas fora do Lar como podemos observar no discurso do Suj. P, Suj. A e Sujeito B. Nestes três casos estas mudanças pessoais e atitudinais ocorrem devido a situações e acontecimentos no seu percurso de vida que lhes causaram muito sofrimento e à experiência com erros que cometeram mas, que hoje, mudaram a forma como encaram a vida, capacitando-os e ajudando-os a lidar com as adversidades e constrangimentos que se colocam pela frente:

“ (...) por tudo o que eu passei a vida fez-me assim (...) era muito, muito revoltada (...) eu usei essa revolta...tudo para meu benefício...que foi trabalhar cada vez mais e erguer-me (...) eu cresci imenso cá fora (...) acho que pensando assim se calhar deveria ter saído antes...não é? (...) tudo o que me aconteceu só me serviu para que eu tivesse mais força, eu não vou deixar-me ir abaixo eu vou continuar, vou construir uma vida foi assim que eu sempre pensei e que eu penso. Eu costumo dizer eu hoje estou aqui mas eu vim de lá de baixo, não é que eu tenha muita coisa mas o que tenho não vou perder daqui só para cima, para trás [só] o caranguejo (risos) (...) não me ando a lamentar. A maior parte das pessoas lamentam-se que não têm sorte...e eu em vez de fazer isso, faço ao contrário, faço por ter sorte ou por conseguir as coisas que eu quero...não é? Não vale a pena estarmos a lamentar (...) nós podemos tentar melhorar...mas o que

nós passamos está lá...não se apaga...não tem uma borracha...chega ali com um apagador e...apaga aquilo, infelizmente isto está marcado para a minha vida toda...uns dias mais intensamente...uns dias menos (...) as pessoas lamentam-se muito e eu não gosto...fico perturbada com essas coisas (...)" (Suj.P).

(...) ao longo dos anos, apercebi-me que as coisas cá fora não são perfeitas e lá dentro também não podiam ser perfeitas. E ao longo do tempo acalmei mais um bocado, tirei aquele espírito de revolução de achar que o sistema está mal e de tentar mudá-lo. Não passei a ser indiferente mas não dei muita importância e foi isso o que me fez acalmar um bocado a nível pessoal e profissional (...)" (Suj.B).

" (...) Depois do que eu passei tive que mudar muito mesmo (...) Tive de levar muito pontapé é uma maneira de dizer mas é verdade e sofrer muito (...) abri os olhos e acordei para a realidade (...) não foi nada fácil (...)" (Suj.A).

Interessa, também, salientar a existência de sujeitos (Suj.D, Suj.F, Suj.J) que consideram ter hoje as mesmas características que tinham no passado, não sendo capazes de identificar mudanças no traçado da sua personalidade:

" (...) Eu acho que praticamente nada mudou, nada mudou. Eu era teimoso, era persistente, eu era a pessoa que eu sou. Acho que não mudei (...) Sou uma pessoa muito empenhada e sou muito determinado (...) acabo por ser sempre a mesma pessoa com a mesma personalidade (...)" (Suj.D).

" (...) não alterei nem com a entrada na instituição nem com a saída da instituição (...) tanto ao nível de personalidade, não, não alteraram, continuo a ter as mesmas características (...) Consigo desenvolver uma conversa e falo com qualquer pessoa mas isso são artefactos que a gente vai ganhando (...) sou fechado e eu reservo-me (...) se tenho um problema tenho de resolvê-lo e não pedir ajuda para resolvê-lo, nunca tive (...) é uma característica minha sou algo orgulhoso mas não é suficiente (...)" (Suj.F).

" (...) a minha personalidade é sempre esta (...) eu acho que sou igual, mais mulher como é óbvio, mais adulta, com um pensamento mais maduro (...) Eu não sou melhor que ninguém, tenho a minha personalidade e tento lutar por aquilo que eu quero e mais nada, sem passar por cima de ninguém. Se há coisa que eu não faço é passar por cima seja de quem for, não, eu não sou assim. Eu tento atingir o meu objectivo com o meu mérito e mais nada (...) se eu começo é porque eu quero (...)" (Suj.J).

Só o Sujeito I revela hoje uma imagem negativa de si e ressentimento em relação à sua vivência e experiência de vida:

" (...) Eu neste momento não posso dizer até que ponto são as minhas capacidades porque eu já não sou a mesma C...que era o ano passado, já não sou. Já não tenho aquela energia que eu tinha, já não tenho por causa do cansaço ao nível psicológico (...) eu sou traumatizada daquilo que eu vivi (...) O meu irmão vê-me como eu fosse uma fracassada (...) a mesma mágoa (...) mesmo sentimento, não consegui ultrapassá-lo, desfazer-me dele (...) Um dia, todas as pessoas que fizeram mal haviam de ser castigadas, de uma maneira ou de outra, o destino, eu creio um bocado nisso, acho que acaba por se encarregar (...)" (Suj.I).

4.1.2 As decisões ao longo do ciclo vital

Quando pedimos aos sujeitos para fazerem um balanço e uma avaliação sobre a sua trajectória de vida, sobre as decisões que tomaram nas diversas situações e momentos da sua vida, através das quais foram traçando o seu percurso, observamos que oito sujeitos (cf. anexos 4 e 6) têm **opiniões ambivalentes**, ou seja, consideram que algumas das atitudes tomadas não foram as mais correctas (ex: escolha da área vocacional, paternidade na adolescência, não ter finalizado o curso, saída precipitada do Lar devido à tensão existente, etc.), considerando que a

sua situação actual de vida poderia ser diferente, no entanto, também revelam elementos favoráveis no seu discurso que demonstram que avaliam positivamente outras opções que fizeram:

"(...) Algumas foram más, tomei erradamente, agora é que a gente vê (...) Fiz algumas coisas erradas na vida se pudesse voltar atrás fazia diferente. Por exemplo, ter escolhido o agrupamento de humanidades quando estava a estudar, escolhi isso e a directora tirou-me porque eu não gostava e tirava más notas (...) Mas há outras que tomei bem (...)" (Suj.B).

"(...) Eu costumo dizer que me arrependo pouco. Algumas coisas que me arrependo são asneiras que eu fiz quando era miúdo, não de agora mais velho e consciente. Fiz uma grande asneira aos dezoito anos que foi ter engravidado a mãe da minha filha. Isso foi uma asneira, o mal está feito, não se pode voltar atrás (...)" (Suj.C).

" (...) Eu fiz algumas escolhas na minha vida que não devia ter feito mas não nos devemos arrepender porque se eu me arrependesse, nesta altura, não tinha a L...e sem dúvida, é uma herança que eu ganhei (...) Devia ter acabado o 12.º ano enquanto podia, esperar mais um bocadinho mas havia muita tensão (...) Podia ser Doutora agora, já tinha acabado a universidade (...) já devia ter arranjado uma profissão que gostasse e neste momento estar integrada no mercado de trabalho, podia estar a ganhar um bom salário e não ter preocupações se o dinheiro vai chegar para isto ou para aquilo (...) Houve uma série de decisões erradas que eu tomei que condicionaram muito a minha vida mas não posso dizer que estou arrependida disso porque, hoje, havia coisas que eu tinha de abdicar se tivesse mudado as minhas escolhas (...)" (Suj.M).

Existem, também, apreciações de alguns sujeitos (Suj. N, Suj.A, Suj. O) que parecem revelar que as opções que tomaram no passado foram **negativas** (a não conclusão do curso, não finalização dos estudos, a escolha do contexto de vida após a saída). A tensão existente no Lar que terá precipitado a sua saída, a falta de orientação e impulsividade, estão entre os motivos que apontam para aquelas acções no passado:

"(...) Se fosse agora, acho que voltava atrás e tinha feito os meus projectos. Tinha acabado os estudos. Se fosse hoje. Foi, foi um lapso. Pontapés que as pessoas vão levando depois arrependi-me (...) acho que me precipitei, foi o que a minha madrinha disse, devia ter saído da comunidade e vir para aqui estudar na mesma. Só que pronto (...) sei lá...falhou ...era mais compreensão da directora, não sei (...) Se eu tivesse falado com a minha madrinha. A cabeça não pensa às vezes, Olha. É acto dos nervos. Tinha para aí uns 19/20 anos (...)" (Suj.N).

"(...) Agora, olhando para trás, eu devia ter aproveitado e não ter saído (...) estou arrependido, claro que sim! (...) Nem sempre foram as melhores. Às vezes precipito-me um pouco, penso que sei tudo. Em vez de pensar bem as coisas penso logo que sei. Depois faço as coisas e não dão certo. Tenho de pensar mais nas coisas, dar mais ouvidos às pessoas (...) Eu olho para trás e, às vezes, até me apetece a bater em mim mesmo; penso no estúpido que eu fui, como é que eu fui capaz de fazer o que fiz, porque fui fazer aquilo! Não se justificava; era andar para a frente, eu pensava que era um homem e não era. (Suj.A).

" (...) devia de sair da instituição e viver com o meu pai, mas é assim a vida (...)" (Suj.O).

Os sujeitos D, E e J fazem uma **apreciação, predominantemente, positiva** das decisões que foram tomando no seu percurso de vida. São as relações interpessoais privilegiadas e as características pessoais que parecem estar na origem deste percurso que entendem coerente. O facto de terem alguém (elemento da família de origem) para partilhar, confidenciar e consultar antes de decidirem alguma coisa, bem como a capacidade de avaliação, ponderação, reflexão antes de qualquer decisão mais importante, são recursos distintivos enunciados pelos entrevistados:

" (...) Acho que ainda não me arrependi de nenhuma escolha que fiz, se tivesse sido só eu a decidir talvez mas cada escolha que eu faço tenho alguém sempre que me orienta e acho que isso ajuda-me muito, a ter muito mais ideias e projectos novos (...)" (Suj.E).

“ (...) acho que se fosse hoje fazia igual (...) Cada vez que faço alguma coisa eu tenho de pensar bastante, qual a vantagem (...) quando é uma coisa de mudança ou de progresso, acho que é uma coisa que tenha de ser pensada, não pode ser assim (...)” (Suj.J).

“ (...) Certas. Voltaria a fazer (...)” (Suj.D).

4.1.3 O Grau de satisfação sobre as condições de vida e bem-estar actual

Quando inquirimos os sujeitos sobre a forma como se sentiam perante a sua condição e situação actual de vida, verificámos que nove sujeitos (cf. anexos 4 e 6) se sentem bem consigo próprios e satisfeitos com a sua vida no presente (ao nível pessoal e familiar - *nova família*):

“ (...) Bem, bem, muito bem! Não guardo mágoa (...) sinto-me bem (...) Agora, felizmente, superei isso tudo (...)” (Suj.A).

“ (...) agora sinto-me preparado para grandes desafios, coisas grandes, de responsabilidade (...) acho que me vou dar bem porque sei o que quero (...)” (Suj.E).

“ (...) o meu percurso teve um final feliz (...) não tenho muitas razões de queixa (...)” (Suj.G).

“ (...) eu sinto-me feliz, eu sinto-me feliz porque casei como uma pessoa sonha casar pela igreja (...) tive uma filha sem problemas nenhuns (...) eu sinto-me feliz como estou, sinto porque eu acho que tenho o essencial para viver e esse essencial para mim é algo com o qual me sinto bem. Tenho um marido que gosta de mim (...) tenho uma filha que eu gosto muito (...) tenho a minha irmã que melhor ou pior tenho conseguido ajudá-la de qualquer maneira, sempre, sempre está do meu lado (...) tenho os amigos de verdade (...) o que mais me importa no dia-a-dia eu tenho por isso acho que sinto bem e se isto continuar assim, acho que sou uma pessoa feliz (...)” (Suj.J).

“ (...) Não guardo ressentimentos, não tenho nada a esconder. Tive uma vida difícil e superei. Considero que tenho uma vida minimamente normal, já passei por muito e cá estou (...) Tudo o que tenho foi resultado do meu esforço e dedicação (...) eu sinto-me realizada (...) Eu estou bem na vida, tenho uma casa, tenho uma filha, tenho um emprego, tenho amigos, não há mais nada que eu precise, tudo o que preciso tenho (...) posso dizer que as maiores dificuldades já passaram (...)” (Suj.M).

“ (...) Estou muito satisfeita com a minha vida. Tenho um homem mais maravilhoso do mundo, os filhos. E tudo o que temos foi com sacrifício dos dois (...) Tudo o que tenho foi construído com amor. Eu arranjei novas amizades, são poucos mas são bons, estou muito satisfeita com a vida que tenho (...)” (Suj.N).

Cinco sujeitos (cf. anexos 4 e 6) fazem uma **apreciação ambivalente**, traduzindo satisfação e bem-estar no seu discurso em relação a alguns aspectos da sua vida (nova família, apoio da família adoptiva, capacidade individual para enfrentar os problemas, capacidade económica), mas também alguma insatisfação em relação a outros (não conclusão do curso superior, ambição de melhorar no futuro outros aspectos, nomeadamente, de natureza escolar, profissional, familiar):

“ (...) acho que podia fazer melhor. Acho que o esforço que eu tive e os anos que tive - valeram a pena. Passei por muitas dificuldades, porque eu estava sozinho e tive de pagar parte dos estudos, por isso é que eu tive de desistir também da faculdade. Apesar de na instituição nunca ninguém saber que eu entrei; também nunca contei a ninguém. Em parte, também tive algumas dificuldades ao nível pessoal porque houve alturas que a gente está sozinho; acho que é preciso ter um grande estofo; não desesperar um bocado e ter sangue frio. Nesse aspecto acho que tive muito trabalho mas acho que valeu a pena. Eu estou contente mas espero melhorar algumas coisas no futuro (...)” (Suj.B).

“ (...) agora não sou totalmente feliz. Estou a começar a fazer a minha vida, já tenho outros objectivos, estou semi realizada. Sei que nos dias de hoje uma pessoa nunca tem tudo a nível profissional mas quero

subir a nível profissional e quero conseguir realizar uma vida que me possa dar modos de ter filhos, casar, de pagar uma casa (...) o meu pleno de felicidade vai ser quando eu tiver filhos (...) mas uma pessoa vê os preços...olhe comprei o carro agora, estou a pagar o carro, se eu não tivesse os meus pais, não sei como é que as pessoas, pagam casa, carro, luz e não sei o quê mais...assusta-me um bocado. Mas o meu pleno de felicidade vai ser quando eu tiver filhos (...)" (Suj.L).

O sujeito I é o único que tem uma **apreciação negativa** das suas condições de vida actuais, encontrando-se a viver com a sua filha junto da sua mãe e do companheiro desta, admitindo estar numa situação de dependência económica, também devido à sua condição de saúde. Revela, no entanto, ainda ter esperança que a relação com o pai da sua filha resulte e em prosseguir os seus estudos de forma a alterar a situação em que se encontra actualmente:

"(...) ainda estou a viver com a minha mãe e com o meu padrasto, eles atiram-me tudo à cara. Mas eu também não posso, por mais que queira neste momento ajudá-los e eles atiram-me tudo à cara (...) a minha mãe não tem, não sabe realmente ser mãe. Então o meu padrasto e ela...é um bocado difícil conviver com eles (...) eu contento-me com muito pouco, ter paz de espírito, concluir os meus objectivos, ter saúde. Gostaria de ir para a faculdade, gostaria de ter estabilidade e poder dar à minha filha outra estabilidade, termos as duas estabilidade. Eu e o pai dela, nós já tentámos e temos a ideia ainda de tentar (...)" (Suj.I).

4.1.4 Como se sentiram ao realizar a entrevista

Em relação à pergunta *como se sentiu ao realizar a entrevista?* **Metade dos sujeitos tem uma opinião positiva** (cf. anexos 4 e 6), ou seja, **sentiram-se bem** ao darem a entrevista considerando vantajoso serem realizados trabalhos de investigação onde sejam ouvidos sobre a sua própria experiência, de forma a poderem contribuir para a mudança das representações que as pessoas têm sobre a instituição e as crianças e jovens acolhidos e, também, por serem levados a recordarem situações agradáveis do seu percurso e a reflectirem sobre alguns aspectos da sua vida, etc.:

"(...) Acho que foi uma perspectiva boa. Já não é a primeira entrevista que a gente faz sobre o que é que a gente pensava da instituição. Eu acho que é bom porque a imagem que as pessoas de fora têm de uma instituição não é realmente a imagem do que se passa lá dentro. As pessoas vêm com uma imagem errada e este tipo de inquéritos mesmo que sejam anónimos ou não, acho que mostram como é que a instituição funciona. Acho que não é só as pessoas vão lá e - aquela senhora é uma santa, aquela senhora faz tudo. As pessoas que vão lá fazem essa imagem e há, realmente, coisas que não são como parecem. Acho que a entrevista mostra, mais ou menos, às pessoas o que é o Colégio, que não são todos delinquentes, que não saem de lá todos drogados e nem que não vão ser todos ladrões. Acho que há pessoas que conseguem ter estudos e conseguem fazer uma vida perfeitamente normal como uma pessoa que sai de uma família (...)" (Suj.B).

" (...) foi agradável recordar um conjunto de espaços e situações da minha vida, porque eu acho que foram os melhores momentos da minha vida...foram os que passei na Comunidade e talvez na universidade em que conheci muita gente (...)" (Suj.G).

"(...)Olhe, senti-me no passado. Assim uma miúda que foi crescendo. Foi bom ir revivendo os momentos (...)" (Suj.H).

" (...) Como é que eu me senti? Fez-me perguntas que eu já não me lembrava e fez-me pensar em coisas que se calhar...e tirar conclusões que de outro modo não as tiraria. Senti-me bem e até foi bom falar disto (...)" (Suj.L).

Outra metade dos jovens – adultos **tem uma opinião um pouco ambivalente**, acerca da forma como se sentiram ao dar a entrevista, notando-se, por um lado, no seu discurso aspectos positivos, como o facto de poder contribuir para mudar as práticas de funcionamento do Lar, por recordarem o seu passado, por sentirem alívio em falar sobre alguns assuntos, etc. mas, por outro lado, aspectos negativos, nomeadamente, um dos sujeitos entrevistados sentiu desconfiança ao ser contactado para a entrevista, outros por haver momentos que recordaram de experiências passadas e delicadas em relação às quais já não pensavam nem falavam há muito tempo e que ainda hoje são difíceis de serem revividas influenciando-os ao nível emocional quando são abordados ou lembrados determinados assuntos:

“ (...) Risos) (silêncio) Senti-me bem...às vezes a falar ainda me comove (choro). Foi...mas pronto, tento esquecer, tento levar, tento fazer-me forte....Há alturas que sim (...)” (Suj.O).

“ (...) Achei estranho quando me ligou para fazer a entrevista, senti-me até um bocado desconfiada depois vi que aquilo que eu passei não tem de ser passado por toda a gente. No fundo este tipo de entrevistas servem para sensibilizar as pessoas e ajudar a criar medidas que proporcionem melhores condições. No fundo se eu posso ajudar os outros porque não hei-de fazê-lo. Não guardo ressentimentos, não tenho nada que esconder. Tive uma vida difícil e superei. Considero que tenho uma vida minimamente normal, já passei por muito e cá estou. Eu acho que se o meu contributo puder ajudar outros porque não? Não sinto nenhum problema em realizar a entrevista, no fundo se eu puder transmitir aos outros que ainda existe esperança no meio deste mundo e que eu encontrei esperança e se eles também puderem encontrar, apesar das dificuldades que passam, para mim isso é realizador, acho que sim acho que é isso (...)” (Suj.M).

“(...) Senti-me a viver assim uns anos para trás mas já regresssei ao actual (risos). Não, comoveu-me mais porque há muito tempo que já não falava disto (...) desde que eu casei e depois do meu marido saber a história toda, contada por mim, parece que toda a gente sabia e já não precisava de contar a mais ninguém e agora estar a lembrar outra vez o passado, foi estar a mexer em tudo outra vez. Não é, não é desagradável, mas também não é fácil (...)acho que faz bem falar (...)Para mim não é desagradável falar sobre a vida, neste caso a minha vida. Só que custa falar e revelar certos pormenores que foram mais marcantes e menos bons na nossa vida (...)” (Suj.J).

“(...) Senti-me até um bocado mais leve...não me feriu dizer algumas coisas, não me feriu. Ajudou-me ... no fundo aliviou-me a tirar um bocado da mágoa. Não foi difícil contar as coisas que eu passei. Já foram, algumas delas já consegui superar dentro do meu passado outras ainda não. Não vivo agora do passado mas às vezes tento compreender o passado e o presente que eu vivo agora; tento compreender porque é que as coisas me acontecem, o porquê de eu ter sofrido tanto e ainda estar a sofrer (...)” (Suj.I).

4.2 Instituição

“(...) Aquilo era a minha família (...) eu acho que foi bom, foi bom, ter passado por aquela experiência. Claro que sabia melhor estar ao pé dos pais e ter uns pais que aconchegassem e essas coisas todas. Uma vez que não tive essa oportunidade, acho que foi uma outra oportunidade que a vida me deu ter ido para o Colégio e ter tido quem me apoiasse, quem me educasse ou tentasse dar uma melhor educação porque às vezes nem sempre é a mais certa mas é assim mesmo. Acho que foi a minha salvação devido ao meu problema, ao porquê de ter ido para lá; acho que foi a minha salvação(...)” (Suj.J)

A instituição constitui a dimensão central deste trabalho, interessando-nos, particularmente, conhecer as narrativas da vivência institucional dos sujeitos, assim como o significado que lhe atribuem na sua formação como pessoas e na determinação do curso das suas vidas. Neste sentido, foram feitas perguntas sobre as memórias mais significativas que guardam da passagem pelo Lar, nomeadamente relativas à sua entrada, aos relacionamentos que estabeleceram durante o tempo em que lá estiveram, às experiências mais marcantes e à forma como a instituição funcionava e estava organizada. Pretendemos ainda analisar como vivenciaram o seu processo de transição para a vida autónoma e o papel que a instituição desempenhou nesta mudança, assim como ao longo da sua vida independente e, eventualmente, na actualidade.

4.2.1 Os aspectos mais significativos da experiência institucional

A análise dos dados acerca da experiência institucional dos jovens – adultos permite verificar que se trata de uma **vivência complexa e multifacetada**, no sentido em que encerra aspectos positivos (referentes sobretudo às actividades desenvolvidas no Lar e à relação estabelecida entre iguais), mas também negativos (predominantemente referentes ao período inicial de acolhimento e às relações adultos - crianças).

A transição da família de origem para o Lar e a chegada à instituição parecem constituir experiências especialmente marcantes para muitos destes sujeitos, vivamente presentes nas suas narrativas (cf. anexo 4).

A adaptação à vida em contexto institucional parece ter sido particularmente difícil para a maioria dos sujeitos, tendo requerido da parte das então crianças e jovens **estratégias de coping** (Pereira 2001, cit. por Pinheiro 2004), para conseguirem adaptar-se às situações adversas do Lar, ao novo ambiente, aos novos valores, às novas experiências proporcionadas pela vivência naquele contexto. Esta adaptação implicou, por parte dos sujeitos, um esforço ao nível cognitivo e comportamental e uma definição da estrutura da personalidade precoce, diferenciada, aberta a factores de transformação, não apresentando resistência à mudança (Ralha - Simões, 2001, cit. por Pinheiro 2004). Os sujeitos, ainda que de forma diferenciada, conseguiram desenvolver capacidades, individualmente ou em grupo, que permitiram integrar-se e acomodar-se à sua nova

condição de vida (clima, cultura, actividades e rotinas diárias, organização e filosofia de funcionamento, etc.)

Esta experiência é genericamente recordada pelos sujeitos como uma fase positiva da sua vida, pelo clima familiar proporcionado pelo Lar, pelos vínculos afectivos que estabeleceram, pelas actividades e competências que desenvolveram, assim como pelo percurso escolar e formativo que tiveram oportunidade de construir. **No entanto, a vivência do acolhimento também é percebida pelos sujeitos de forma negativa** pelo afastamento da sua família de origem e, conseqüentemente, pelo facto de se verem confrontados a terem de aprender a viver sem a família. Para outros foi ainda uma experiência particularmente dolorosa por diversas circunstâncias que decorreram da vida do Lar com os quais se viram confrontados.

Chegada ao Lar/primeiros dias

- **O acolhimento inicial é recordado como um aspecto positivo por alguns:**

" (...) Fui recebido de braços abertos, nunca hesitaram em ajudar-me naquilo que eu precisava (...) E isso é sem dúvida uma das coisas que eu jamais irei esquecer (...)" (Suj.D).

" (...) fui muito bem acolhida (...)" (Suj.J).

" (...) Fui muito bem acolhida (...)" (Suj.L).

No entanto, a maioria destaca vários aspectos negativos na chegada ao Lar, nomeadamente, por não terem sido preparados e convenientemente informados (pelos familiares, profissionais que os acompanharam ou mesmo pela própria instituição) dos motivos que os levaram a ser acolhidos, pela forma repentina como foram separados da família e pelo desamparo que sentiram, dando origem ao quadro emocional negativo já referido (com medo, confusos, desorientados, enganados, tristes, revoltados, etc.). Estes resultados foram também observados nos estudos de Gomes, M (Coord.) 2005 e Quintães, 2009.

Aspectos negativos na chegada:

- **Desconhecimento do motivo de acolhimento:**

" (...) Na altura eu desconhecia porque é que eu fui parar a um Colégio. Mais tarde, quando tivemos acesso ao nosso processo, nós reparámos que nenhum dos pais quis assumir a responsabilidade (...)" (Suj.B).

" (...) não nunca me falaram (...)" (Suj.E).

" (...) eu vou ser sincero quando eu fui para lá eu sempre olhei para muitos dos meus colegas como crianças que talvez tivessem problemas. Eu nunca tive esse tipo de problemas porque eu olhava para a minha família e pensava: a minha família não é pobre, não é rica, não tem problemas de alcoolismo nem de droga nem nada disso mas então porque é que eu estou aqui? (...) Com o tempo eu fui percebendo, aos poucos e poucos, que toda a gente tem um certo tipo de problemas na família, se não é o dinheiro é a droga...há sempre qualquer coisa. Eu comecei a reparar nesse tipo de problemas só depois quando eu já tinha uma certa idade, quando eu já tinha capacidade de organizar as coisas na minha cabeça (...)" (Suj.C).

- **Entrada repentina sem preparação prévia:**

“(...) foi através de uma assistente social. Na altura, não foi... foi muito repentino e sem qualquer informação ou enquadramento antes de chegar lá. Foi entrar numa carrinha, vais para ali e quando chegámos lá e nos meses seguintes é que nos apercebemos o que é que era. Não houve um antes a dizer – olha vais para ali, isto e assim... não houve isso (...)” (Suj.F).

“(...) as assistentes sociais chegaram ao pé de mim e disseram – Olha os teus pais estão assim estão assado, não achas que era melhor ires para um Colégio? Eu nem tinha a noção do que era um Colégio, elas falaram - vais para o pé de outras criancinhas e tal - Se calhar é o que uma criança quer ouvir numa situação daquelas em que anda a passar fome e a dormir de porta em porta, acho que naquela hora o que a criança quer ouvir é uma coisa melhor – E eu disse, eu quero! (...) Agarraram-me e no outro dia a seguir levaram-me, sem roupa, sem nada. Só com a roupa que eu tinha vestido. Ainda me lembro do primeiro vestido que eu levei para lá (...)” (Suj.J).

- **Engano e ilusão na informação fornecida pelos familiares:**

“(...) Eu recordo-me (...) a minha tia contou-me uma história que íamos visitar alguém e que eu tinha de ficar uns dias. Mas quando eu cheguei lá e vi muitos miúdos eu vi logo que era para ficar uns dias ou mais (...) quando eu ouvi a directora a falar (...) ela estava a falar de um modo que eu estranhei: “nós vamos cuidar bem dele” eu pensei, não disse nada a minha tia, mas eu vou ficar aqui quanto tempo, uns dias, isto é o quê? Quando foi para despedir (...) ela disse: “olha eu vou ao café e já volto” (risos) e deu-me um beijo. Só que eu já estava a suspeitar, fui para a janela à espera dela o resto da tarde toda. Chamaram para brincar, brinquei depois voltei a ir para a janela e ela não vinha, pensei pronto já foi embora. Eu lembro-me disso (...)” (Suj.D).

“(...) Foram horríveis. Primeiro os meus pais tiveram uma conversa connosco antes de nós irmos, eu já tinha 8 anos e já tinha algum entendimento. Eles aliciaram-me porque disseram que havia muitos animais e que ia ser giro - sempre fui dada à natureza e aos animais e achei muito interessante - mas quando cheguei não havia animais nenhuns (...) Disseram-me que iam visitar muitas vezes e que ia passar muito tempo com eles e eu deixei-me iludir um bocado pela ideia. Logicamente, quando eu me vi confrontada com a situação, sozinha, não aceitei bem (...)” (Suj.M).

- **Constrangimento:**

“(...) Quando cheguei, (risos) cheguei de táxi mais a minha mãe, estavam uns poucos de garotos, miúdos, todos agarrados às redes para nos verem (...) Entretanto a minha mãe foi embora mas foi complicado (...)” (Suj.H).

“(...) entrei ali na Comunidade e portanto já fui encontrar muita gente... toda ela nos era desconhecida (...)” (Suj.G).

“(...) o facto de ter me habituar aquela vida, de cair de repente naquele ambiente onde estavam cerca de cem pessoas ou mais (...)” (Suj.E).

Outros aspectos negativos sentidos pelos jovens - adultos na chegada ao Lar e que merecem destaque estão relacionados com a adaptação a um regime alimentar distinto daquele a que estavam habituados e com a separação dos irmãos.

- **Dificuldades na alimentação:**

“(...) Eu estava habituado a outro tipo de alimentos, inclusive quando eu cheguei fui parar ao hospital com a primeira coisa que eu comi não consegui aguentar, estive a vomitar (...)” (Suj.D).

“(...) Foi horrível, foi horrível. Para já no dia em que eu cheguei à Comunidade, lembro-me como se fosse hoje (...). Cheguei à Comunidade com as assistentes sociais, com a minha mãe e com a polícia e estava na hora de jantar e pronto o jantar era massa com carne. Eu nunca tinha comido massa na minha vida, o meu comer era batatas, era da terra, era batatas, bem, aquilo fez-me uma impressão. Depois ter de comer com garfo e faca, que nunca ninguém me tinha ensinado e eu não comi (...)” (Suj.P).

- **Separação de irmãos:**

“ (...) Nos primeiros dias... eu fui para lá...eu e a minha irmã...éramos as duas... separaram-nos...era complicado...ali não faziam distinção de irmãos (...)” (Suj.N).

De referir que para três dos sujeitos que integraram a amostra, esta foi a sua segunda experiência de institucionalização, cujo potencial disruptivo parece ter sido maior na sua primeira vivência de acolhimento:

- **Impacto maior na primeira experiência de institucionalização:**

“(...) eu tinha 7 anos quando deixei a família, vivíamos também isolados da Comunidade, da sociedade. Era um regime de internato, fechado e rigoroso, com regras muito precisas e concretas, com horários para tudo. Era um regime...não digo com disciplina “aférria” mas era um regime muito fechado (...) No Loreto custou-me muito e chorei (...) uma vez até me passou pela cabeça...porque aquilo (...) fica ao pé da linha de comboio (...) eu cheguei-me a passar pela cabeça...eu sabia que tinha vindo de comboio...e houve quem fizesse...cheguei-me a passar pela cabeça...ir pela linha fora, pensando eu que conseguiria vir ter a casa...à aldeia...mas nunca o fiz...mas houve muitos que fugiram do Loreto e foram para a estação apanhar o comboio, não aguentaram o impacto daquilo e arranjavam maneira de escapar e metiam-se num comboio e fugiam (...)” (Suj.G).

“ (...) como eu já vinha de um Colégio...o impacto não foi assim...O impacto maior foi quando eu fui para o primeiro...que eu fartei-me de chorar...a gente gritava porque queria ir para casa...não é? Agora quando fomos para o segundo já íamos mais preparados (...)” (Suj.N)

“ (...) antes de ir para lá estive no Ninho dos pequeninos (...) Evito falar...evito falar...porque ainda me...há coisas que ainda chocam (...)” (Suj.O).

Vários são os aspectos relevados pelos sujeitos como especialmente desafiantes das suas capacidades de adaptação à vida na instituição. Importa também referir que esta foi uma transição com dificuldades acrescidas para as crianças oriundas de diferentes culturas de origem. A adaptação ao clima e à cultura foram apontadas pelos entrevistados provenientes da Guiné.

- **Dificuldades de adaptação ao clima e à cultura:**

“ (...) Vim em Agosto, havia uma diferença de clima, sentia um bocadinho de frio, lá para a tarde porque já não havia sol mas como eles emprestavam casacos e coisas assim, foi bom, são momentos que eu recorro hoje, lembro-me perfeitamente das pessoas (...)” (Suj.E).

“ (...) Eu vim de um país com uma cultura completamente diferente, foi muito difícil adaptar-me à cultura, principalmente, ao clima, embora tenha chegado no mês de Agosto, para mim era frio (...) (...) Foi muito difícil a adaptação a tudo e a mais alguma coisa, o clima então (...)” (Suj. D).

A separação dos jovens da sua família de origem e a necessidade de se reorganizarem psicologicamente, sabendo que vão crescer afastados do contexto familiar a que estavam habituados, das suas figuras de referência e dos seus vínculos afectivos são aspectos que merecem destaque, notando-se que essa experiência levantou muitas dúvidas e questionamentos durante o período de internamento, percebendo-se até alguma ambivalência no Sujeito B quando elabora o seu discurso sobre este assunto.

- **Aprender a viver sem a família:**

“(...) o que me custava mais era o dia da mãe...estive sempre habituada até aos 7 anos à minha mãe. O que me custou foi os primeiros dias das mães na Comunidade (...)” (Suj.L).

“(...) muitas pessoas das quais eu vi umas sentiam falta do carinho dos pais, passavam traumas, muitas ficaram um bocado traumatizadas, com essa experiência, eu por acaso não (...) Realmente houve muitas coisas que me marcaram (...) É estranho, estranho. A gente via, pensava algumas coisas, que nós vamos crescer e não vamos saber o que é ter uma família, nunca vamos saber o que é ter um pai e uma mãe (...) em certos aspectos levou-me a pensar e raciocinar um pouco e perguntar o porquê (...)” (Suj.B).

“(...) Diferença, diferença houve sempre como é óbvio. Eu vivia num apartamento, vivia em Lisboa, na Moraria que é um bairro bastante conhecido, ao passar para Coimbra, para um sítio rodeado por florestas, basicamente, e “fechado”, entre aspas como é óbvio porque podíamos sair, tínhamos grande liberdade no que toca a esse aspecto e conhecer muito mais pessoas. Antes era uma convivência diária só com a minha irmã e com a família e passou a ser com muito mais gente, que não era família e passámos a conhecer (...)” (Suj.F).

“(...) nunca tive aqueles passeios normais com a família, às vezes, sinto um bocado falta disso mas cresci, a infância já passou, a adolescência também já lá vai (...)” (Suj.M).

“(...) ter um pai para contar uma história, para adormecer, eu não tive nada disso (choro). Apesar de eu não saber o que é, não é bem saber o que é, apesar de eu não ter tido, eu sei o que é, que é mesmo assim. É uma coisa com a qual sempre sonhámos toda a nossa vida e nunca tivemos. No fundo, todos nós sabemos o que é ter um pai, não temos é a realidade de viver nessa situação (...)” (Suj.J).

Os relatos da maioria dos entrevistados evidenciam o esbatimento gradual das dificuldades inicialmente sentidas, traduzindo a sua adaptação às novas condições de vida, não obstante as diferenças individuais verificadas neste processo.

- **Adaptação progressiva:**

“(...) depois como tudo na vida a gente habitua-se e habituei-me (...) uma pessoa começou a se habituar (...)” (Suj.B).

“(...) Passado algum tempo, fui-me habituando às coisas, embora fosse difícil mas quando as pessoas querem realmente aprender alguma coisa, adaptam-se a algo completamente diferente daquilo que têm vindo a viver ao longo de muitos anos, acabam por se habituar (...) Depois com uma questão de hábito o tempo foi passando, fui-me habituando e aqui estou (...)” (Suj.D).

“(...) A pessoa tem de se adaptar ao ambiente e depois as coisas foram correndo (...)” (Suj.M).

“(...) Sim, facilmente, não tive qualquer problema (...) Depois depende de pessoa para pessoa, o quão fácil consegue integrar-se ou não, eu não tive qualquer dificuldade (...)” (Suj.F).

“(...) era assim e a gente tinha de se ir habituando e aprendendo com estas coisas (...) Mal...outras vezes bem (...)” (Suj.N).

No entanto, outros sujeitos (Sujeito I, Suj. N, Suj. L, Suj.P) revelam a **vivência institucional como uma experiência particularmente difícil e muito penosa**, recordando situações emocionalmente significativas. Nomeadamente, o sujeito I, refere nunca ter conseguido se adaptar, o sujeito N menciona ter vivenciado situações bastante difíceis, que não quis revelar, deixando evidente no seu discurso o sentimento de insegurança que o acompanhou durante o período de acolhimento. O Sujeito L recorda também a grande dificuldade que vivenciou quando

tinha 11 anos de idade, no âmbito de uma experiência de adopção que o Lar lhe proporcionou mas que não foi bem sucedida (pela forma como a instituição iniciou e conduziu o processo), acabando, após quatro anos na família adoptiva, por regressar ao Lar. Por último, o sujeito P recorda uma vivência no Lar muito sofrida e com grandes implicações a nível emocional devido, por um lado, aos julgamentos sociais, às posições discriminatórias relativamente à sua maternidade na adolescência (maternidade e sexualidade que a precede que não se encontram enquadradas na conjugalidade) e, por outro lado, ao facto dessa gravidez ser resultado de uma violação do seu progenitor. Também a forma como decorreu o parto e a morte da criança foram outros momentos vividos no Lar que estão gravados na sua memória até hoje:

“ (...) o dia-a-dia no Colégio, não me consegui adaptar aos vários tipos de crianças, de adolescentes que, naquela altura, tinham vários tipos de problemas (...)” (Suj.I).

“ (...) Eu passei um bocado mal lá também (silêncio) (...) nunca me senti lá segura (...)” (Suj.N).

“ (...) uma senhora cujo filho já era adoptado faleceu num acidente, foi atropelado e ela foi muito triste para a Comunidade (...) Eu tinha 11 anos, sendo de cor era mais difícil ser adoptada, a [directora] encaminhou-me para esta senhora. Só que, o único erro nisto tudo, se calhar foi a pressão para eu ser adoptada - ah, ela tem onze anos e é de cor se não for agora nunca mais é adoptada! - e foi o rapazito ter falecido há 15 dias e terem-me logo metido lá, assim de cabeça. Depois foi os choques, chatee-me aos 14 anos, com aquelas crises da adolescência, tive uma grande discussão e voltei para a Comunidade (...) Depois fizemos as pazes, começamos devagar, ia lá passar os fins-de-semana (...)” (Suj.L).

“ (...) foi sempre o choque das pessoas olharem para mim...eu vejo pessoas a falar e a olharem para mim de lado, de eu andar no autocarro, por exemplo para aqui e acolá, as pessoas olharem para mim e ficarem a comentar (...) eu fui violada pelo meu pai e eu estava grávida, daí já eu me sentir muito mal, depois as pessoas coscuvilhar, depois...olhe eu nem quero me lembrar...porque foi horrível (...) as pessoas diziam...olha aquela grávida...as pessoas não sabem...as pessoas falavam (...) entretanto, quando eu tive o bebé...olhe foi horrível...não quero...isso é uma coisa que ainda hoje me perturba...ainda hoje me perturba (...) depois me fizeram ter o bebé a parto natural e levei cento e tal pontos e a [directora] queria processar a médica e eu disse à [directora] não, não vale a pena (...) já era muita coisa...foi a morte do bebé, três horas depois de nascer, depois foi o funeral dele a seguir...olhe foi horrível essa parte...é uma parte que eu sinceramente (...) a [directora] apoiou-me muito...mesmo muito (...)” (Suj.P).

O sujeito J é o único que refere não ter tido quaisquer problemas de adaptação, o que atribui ao facto de ter entrado no Lar de espontânea vontade:

“ (...) acho eu não tinha problemas de adaptação com ninguém. Eu fui de espontânea vontade (...)” (Suj.J).

Merecem especial relevo outros acontecimentos no decurso do período de acolhimento institucional, em particular um caso de homicídio e outro de violação, que foram significativos e apontados pelos sujeitos (Suj.F, Suj.C, Suj.L, Suj.H) como dos momentos mais negativos que experienciaram e que parece estar na origem da saída precipitada de alguns jovens, em virtude do clima que, em consequência, se terá gerado na instituição.

- **Outros acontecimentos marcantes:**

“ (...) a mim não marcaram especialmente, mas marcaram como é óbvio. Um deles sim, mas não estava lá porque estava a trabalhar em Lisboa. Quando isso aconteceu fui lá. Mas afectou-me porque os irmãos eram meus amigos, o ambiente, estava lá o meu irmão. Sim, mas não me deixo marcar facilmente (...)” (Suj.F).

“ (...) por acaso não estive lá quando aconteceu o homicídio. Estava lá quando aconteceu a outra coisa de um rapaz ter violado a miúda, mas isso do homicídio tocou-me mais porque era uma história triste. O rapaz que fez aquilo nem sequer era meu amigo, não me dava nada com ele. Depois a rapariga não falava comigo por causa dele mas aquilo desorientou-me, não assim muito porque são poucas as coisas que mexem comigo por dentro porque eu não vivo muito dessas coisas que são exteriores (...)” (Suj.C).

“ (...) Eu lembro-me de chegar do trabalho e de perguntar como é que tinha sido o dia e dizerem olha foi assassinada...foi um choque, foi a coisa que mais me marcou pela negativa. Mesmo estando num Colégio, até aquele momento... lembro-me que acabou ali o sonho cor-de-rosa; eu estava há 15 dias de fazer 18 anos e ela estava há três semanas de fazer 20 anos. A gente só via aquilo nos filmes (...)Eu namorava com o irmão dela e ele não foi ter comigo...lembro-me de ir no táxi e o taxista começar a fazer muitas perguntas - Ah vocês aqui dão-se bem? E eu - Isto é como se fosse uma aldeia, você na sua aldeia dá-se bem com toda a gente? Não, há uns dão-se bem, outros dão-se mal - E ele disse - Então boa sorte! e ofereceu-me o táxi, não me deixou pagar e disse - Boa sorte!. Entrei na Comunidade, veio tudo a correr, parece que o mundo desabou, aí foi o choque com a realidade. Foi o exclamado... depois o mais revoltante é que o rapazito levou dois anos e meio e já está cá fora, mas pronto. A vida de toda a gente mudou completamente. Ficou tudo com depressões (...) supostamente, estamos num Colégio e não temos a vida tão cor - de - rosa mas para mim o mundo cor-de-rosa acabou ali. Foi o mais marcante. Não dava, lembrava-me e depois optei por sair (...)” (Suj.L).

“ (...) nesse fim-de-semana, uma empregada, uma das senhoras que lá trabalhavam lá que eu hoje até trato por mãe adoptiva ligou-me (...) tem cuidado não saias de casa porque o fulano matou...Eu fiquei...às quatro da manhã acordar com uma notícia daquelas. O quê? Quem é que matou quem? Fiquei assim um bocado baralhada. Entretanto a coisa passou, no dia a seguir eu fui lá ver o que é que realmente se tinha passado (...) Foi o funeral da rapariga e não me sentia bem. Isto foi em Maio (...) em Junho e eu mal acabei o estágio saí (...)” (Suj.H).

4.2.2 A organização da vida diária do Lar

Relativamente à organização do quotidiano institucional, os discursos dos sujeitos revelam várias actividades realizadas dentro e/ou fora do Lar que faziam parte das suas rotinas diárias, designadamente actividades de lazer/culturais, actividades ligadas à escola e formação, tarefas domésticas, actividades de intercâmbio internacional, outras (cf. anexos 4 e 6).

- **Actividades de lazer/culturais**

As actividades de lazer e culturais foram as mais mencionadas e favoravelmente apreciadas por onze sujeitos (actividades desportivas, trabalhos manuais, colónias de férias, escutismo, etc.):

“ (...) jogar futebol, ir para a discoteca, as nossas festas que nós fazíamos lá (...) as actividades que nós organizávamos não, propriamente, a Comunidade mas nós que estávamos lá dentro (...) era bom! (...)” (Suj.A).

“ (...) Nós fomos para muitas colónias de férias (...)” (Suj.B).

“ (...) tínhamos actividades (...) desportivas como jogar futebol, voleibol (...) mas eu só queria actividades culturais (...)” (Suj.D).

“ (...) uns (...) viam televisão, outros estavam nos quartos, tinha um jardim grande e andavam cá fora a jogar à bola (...) havia também actividades culturais. Na altura do Natal fazíamos sempre para angariar

dinheiro para as prendas, fazíamos postais e andávamos a vender, o primeiro rádio que tive foi da venda de postais “ (...) tínhamos uma capelinha lá que tinha sido feita com o trabalho dos jovens e com o apoio de alguns padres jesuítas e eles iam lá (...) havia missa sempre aos sábados (...) ” (Suj.G).

“ (...) tínhamos dança (...) pelos escuteiros, arranjámos uma equipa e eu estava a jogar futebol de cinco (...) fiz ténis, fiz atletismo federado. A minha paixão foi o atletismo, ainda ganhei umas medalhas, também fiz esgrima, aeróbica (...) ajuda no desenvolvimento das pessoas, no relacionamento com as pessoas, ajuda a crescer, fica-se a conhecer as coisas. A gente ia sempre passear. Eu, uma vez, estava em duas coisas ao mesmo tempo, andava no futebol e no ténis (...) ” (Suj.H).

“ (...) Depois de fazermos os trabalhos da escola tínhamos sempre uma ou duas horas de trabalhos têxteis. Havia uma senhora que já tinha uma idadezinha que ensinava a fazer bordados, a fazer ponto cruz, a fazer arraiolos e eu fui das poucas que aprendi porque ninguém se interessava por nada disso; eu gosto fazer talvez porque aprendi muito a fazer e comecei a habituar-me cedo, gosto de fazer e ainda hoje faço, já fiz dois quadros de ponto cruz para a minha filha. Fiz o meu primeiro casaquinho da minha filha, aprendi e ponho em prática, não são coisas que eu queira esquecer (...) ” (Suj.J).

- **Escola e formação**

Actividades ligadas à escola e formação também foram apontadas por cinco sujeitos revelando, por parte do Lar, a existência de recursos que possibilitavam um acompanhamento diário da sua vida escolar, nomeadamente, disponibilizando professores para explicações e ajuda nos deveres da escola:

“ (...) Nós lá temos um centro de explicações (...) ” (Suj.B).

“ (...) iam para a escola (...) depois vínhamos outra vez das aulas. Havia uma sala de estudo a partir das 5h talvez, começavam a chegar, uns da primária, outros do ciclo, outros do liceu, essa sala era orientada por monitores e isso era mais ou menos até às 7 e meia, ajudavam-nos nos trabalhos de casa (...) ” (Suj.G).

“ (...) quando vínhamos da escola para fazer os trabalhos de casa tínhamos professores destacados na instituição para nos ajudarem nos deveres da escola e essas coisas todas (...) ” (Suj.J).

“ (...) tinha professores de apoio. Nós chegávamos das aulas, tínhamos aulas de manhã ou à tarde e tínhamos professores que nos ajudar a fazer os trabalhos de casa (...) ” (Suj.L).

- **Intercâmbio internacional**

Também as actividades de intercâmbio internacional proporcionadas pelo Lar durante o período das férias de verão, foram referenciadas por alguns sujeitos, (Suj.A, Suj.F, Suj.H e Suj.P) sendo consideradas bastante importantes pelo enriquecimento cultural que proporcionavam, permitindo conhecer outras realidades e promovendo o relacionamento interpessoal com jovens de outros países e de diferentes culturas:

“ (...) o intercâmbio com jovens franceses, alemães, nós iam lá e interagiamos uns com os outros (...) era bom! (...) ” (Suj.A).

“ (...) no verão (...) tínhamos sempre aqueles campos de férias, intercâmbios com franceses, nós passávamos 15 dias espectaculares porque iam um dia para cada lado (...) ” (Suj.H).

“ (...) com dezasseis anos fiz um voluntariado internacional com a minha irmã e outras pessoas da comunidade (...) três semanas em França (...) gostei bastante da experiência (...) mostrei interesse em participar outra vez. E, no ano seguinte, com dezassete anos fui sozinho para Paris uma semana (...) Depois dessa semana escolhi ir para Holanda, Amesterdão (...) estive uma semana na Irlanda em Dublin (...) convidaram-me para ir num projecto de uma semana para o Brasil, onde estive em Porto Galinhas (...) ” (Suj.F).

4.2.3 A filosofia de funcionamento do Lar

Ao nível da organização e forma de funcionar do Lar, foram encontradas várias categorias nos discursos dos sujeitos que se referem ao **clima/ambiente** vivido no Lar, ao **papel que os jovens “mais velhos”** desempenhavam, aos **recursos humanos** e às **regras da casa**. A categoria mais, frequentemente, enumerada pelos sujeitos foi a do **clima do Lar** (22) e, dentro desta, as subcategorias da **relação entre pares** (12) e a **relação adulto – criança** (9), sendo também muito descrita a categoria que se refere ao **papel dos mais velhos** (18 sujeitos), nomeadamente, o **papel que estes tinham na educação dos mais novos** (12) e na **gestão quotidiana da casa** (6) (cf. anexos 4 e 6). A percepção dos sujeitos é **maioritariamente positiva em relação ao clima do Lar** no que se refere **às relações entre iguais, mas é negativa ao nível da relação adulto - criança**. No que diz respeito ao **papel dos mais velhos na educação dos mais novos** a avaliação dos sujeitos é sobretudo **ambivalente**, havendo no discurso dos sujeitos aspectos positivos e negativos que atribuem na avaliação deste papel. Ao nível da **gestão quotidiana** denotamos alguns sujeitos que **consideram positivo pelas competências que puderam desenvolver** e /ou adquirir, mas também se observa que existem sujeitos que associam a este papel uma avaliação ambivalente (cf. anexos 4 e 6).

4.2.3.1 Clima do Lar

O **clima vivido no Lar** é evocado de forma positiva pela maioria dos sujeitos (12), que o entende como um **ambiente familiar**, traduzido na própria estrutura física da instituição, organizada em casas individuais, de diferentes dimensões, construídas em madeira, onde residiam rapazes e raparigas de diferentes idades. Para muitos deles, cada casa assemelhava-se a uma **“família”**, onde os jovens **“mais velhos”** (um do sexo masculino e outro do sexo feminino) eram identificados como os **“pais”** por terem responsabilidade pelos mais novos e pela organização da casa, sendo as restantes crianças e jovens comparados à figura de **“irmãos”**.

Neste ambiente, as **relações entre iguais**, de amizade, de partilha, de entajuda, de cumplicidade e confiança, são vistas sobretudo como um **factor importante na adaptação à vida do Lar**. O mesmo já não se pode dizer da relação entre adulto/criança, sendo percebida de forma desfavorável por um significativo número de sujeitos pelos sentimentos de exclusão, situações de conflito e tensão a que deu origem.

A percepção acerca do papel dos mais velhos, dos recursos e das regras da casa são vistos de forma diferenciada pelos sujeitos, associando-se a estes algumas avaliações positivas, ambivalentes mas também negativas (cf. anexo 6).

Relação entre iguais

- **Amizade:**

"(...) tínhamos bons amigos e era isso que fazia a nossa família, estávamos todos no mesmo barco (...) Eu cresci num meio onde tinha muitos amigos. No colégio nós éramos uma família e acho que foi um dos factores que minimizou a nossa passagem por lá porque nós tínhamos amigos (...)" (Suj.B).

"(...) tínhamos amigos de todas as idades (...)" (Suj.F).

- **ambiente familiar:**

" (...) eu praticamente considerava uma família, uma casa normal, embora haja certas e determinadas quezilas (...)" (Suj.D).

"(...) Entre aquelas sete pessoas nós éramos uma família. Era como se fosse um pai, uma mãe e os irmãos (...) fazíamos brincadeiras entre nós, tínhamos muitas, muitas brincadeiras (risos) (...)"(Suj.H).

"(...) parece que cada casa é uma família. Eu sou da família da D...a outra é da família de não sei quem (...) Para mim aquilo era minha família. Por mais que entrassem pessoas novas, aquilo era a minha família (...)"(Suj.J).

"(...) parecíamos irmãos. Passado algum tempo era como se fosse uma grande família (...) já lá tínhamos mais irmãos que os outros (...) andávamos sempre a tramar alguma (...)" (Suj.L).

"(...) Era uma vida o mais possível familiar (...)"(Suj.M).

"(...) uma pessoa sente-se como se fosse família, numa casa normal. Eu vivi aquilo como uma família, eu sempre me relacionei com aquelas crianças, ainda hoje tenho fotografias, uma recordação da minha casa, era uma família, nós procurávamos que eles sentissem bem uns com os outros lá dentro (...)"(Suj.N).

"(...) achava que aquilo era como se fosse uma família (...)" (Suj.P).

- **entreajudada:**

"(...) tentei ajudar as pessoas que lá estavam (...) outro rapaz que lá vivia era também da Guiné e quando eu tinha problemas a matemática preferia não ir ao estudo e esperar que ele viesse à noite para ir ter com ele e ele ajudava-me (...)"(Suj.E).

- **união:**

" (...) havia aquela pequena rivalidade entre nós (...) mas quando íamos à escola todos se defendiam uns aos outros, éramos todos unidos (...)"(Suj.C).

- **partilha:**

"(...) era difícil nós estarmos sozinhos e portanto tínhamos sempre de partilhar ...as alegrias, as tristezas, a má disposição com outros e isso obrigou a pessoa a conviver e aprender com os outros e a superar essas limitações (...) aquilo era quase como uma outra família (...) Também não era tudo bom, a gente também fazia patifarias, digamos que a amizade, cobria essas coisas e essa cumplicidade envolvia sempre alguns ... (risos) mas eu acho que era bom ambiente (...)" (Suj.G).

No que se refere à **relação entre adultos e crianças/jovens**, como já referimos, a **percepção** de alguns sujeitos é predominantemente **negativa**, descrevendo situações e acontecimentos (que se passaram consigo ou com outros jovens) em que deixam transparecer sentimentos de injustiça, frustração e de exclusão relacionados com o tratamento desigual das crianças/jovens acolhidos que atribuem a alguns adultos do Lar (profissionais). Estes dados assemelham-se aos que foram identificados na relação adulto/criança noutros estudos nacionais (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Quintãns, 2009)

Relação adulto - criança

- **Injustiça:**

“(…) Há certas injustiças (…) Houve algumas que aconteceram realmente, pelo tempo que passei vi muitas pessoas que foram mandadas embora injustamente só porque a directora não gostava da pessoa. Funciona assim, a [directora] é assim e nós temos de aceitar como ela é. Se ela for com a cara de uma pessoa, vai com a cara da pessoa, se ela não for com a cara da pessoa, mesmo que ela estude, não roube ou se porte bem não há volta a dar. Isso foi uma coisa que realmente fez-me pensar: uma pessoa porta-se bem, faz a coisas segundo os critérios todos e é injustiçada; enquanto que outras são os diabinhos de lá e eram sempre os beneficiados. Nas primeiras vezes, em parte, sentia-me frustrado mas depois eu comecei, pessoalmente, a ignorar isso e realmente percebi o que estava ali a fazer e continuei em frente, a tirar o curso, a arranjar a minha vida para sair dali (...)” (Suj.B).

“(…) eram as injustiças que há no Colégio de, pronto a directora dar mais atenção a uns que aos outros. E depois uns faziam mal e os outros é que apanhavam (...) Só para dar um exemplo, um dia fui passar o fim-de-semana e não tinha o hábito de chegar e cumprimentar a directora. Nunca o fiz (...) A directora entrou dirigiu-se a mim e deu-me uma sova, uma sova, bateu-me à frente de todos, sem mas nem porquê. Entrou, bateu e foi-se embora. Depois eu soube o motivo foi por eu não ter ido cumprimentá-la. Ela tinha muitas destas coisas. Houve uma vez também (...) a minha irmã já tinha ido embora e ficaram duas mais velhas, que era a A...E... e a C... elas (...) não gostavam de fazer nada e então ficava para os mais novos, eu recusei, bateram-me (...) fui mais uma colega minha pela estrada fora para espaiar e ela começou a escrever na estrada palavões e quem levou fui eu (...) era assim estas injustiças. A directora quando soube a verdade veio-me pedir desculpa, era assim as injustiças lá (...) a quem ela devia bater não batia que hoje em dia são uns drogados da rua (...)” (Suj.O).

- **Tratamento desigual:**

“(…) um bocado mais velho, aconteceram coisas que eu comecei a ver que não eram muito correctas (...) eram situações que evidenciavam que havia gente preferida no Colégio (...) Esse tipo de coisas deixou-me muito chateado porque eram pessoas que não faziam nada a ninguém e andavam atrás deles para os mandar embora (...)” (Suj.C).

“(…) não adiantava nos queixarmos, às vezes quando se passava uma coisa bonita, até mesmo a directora, tinha os seus predilectos, venha quem vier, isso era, porque a gente via as coisas..não é? A uns faziam uma festinha na cabeça e outros queriam lá saber tinham de desenrascar-se por seu lado (...) nunca tive lá um carinho, se a gente for ver eu nunca tive um carinho, nem eu nem a maior parte das pessoas que lá estão, não senti apoio nenhum, nem carinho, nem por parte de ninguém (...)” (Suj.N).

“(…) não achava bem os outros terem um tratamento diferente, a directora fechar os olhos a umas coisas e não abrir a outras (...) só queria que houvesse um bocado de justiça (...) Ela tinha três filhos adoptivos dentro da instituição que tinham tudo desde comprar carros, comprar motas, alugar casa para a mais velha, ela tinha tudo mesmo, comprar essas coisas todas (...) Eu não estou a dizer que era contra isso, não, ela estava no direito dela mas só acho que ela não devia de retirar umas coisas a uns para outros ficarem sem nada (...)” (Suj.I).

- **Exclusão:**

"(...) eu de certa forma sentia-me excluída porque sempre que eu queria alguma coisa nunca tinha mas via que havia pessoas que tinham aquilo queriam, às vezes, até em excesso, dois, três e quatro, enquanto que havia pessoas que não tinham nada (...) Se eram crianças mais afectuosas, mais afáveis e se não tinham tantos problemas emocionais, eram bem recebidas e até presenteadas com doces ou com festas, enquanto que as outras que eram mais rebeldes, pronto mais..cada um tem os seus problemas, eram mais excluídas (...)" (Suj.M).

A negatividade das relações entre adultos e crianças atingiu momentos de especial conflitualidade, chegando a culminar na expulsão de alguns jovens do Lar. Esta fragilidade ao nível da intervenção institucional que conduz à saída precoce e involuntária do acolhimento num período tão crítico da vida de um jovem foi observada também nos estudos de Gomes, M (Coord.) 2005 e Quintães, 2009).

- **Conflito e tensão:**

" (...) à medida que fui crescendo, deparei-me com determinadas injustiças e fui criando alguns tipos de conflitos com a pessoa que dirigia; isso levou-a a querer tirar-me de lá à força toda mas ela nunca teve sorte comigo porque eu sempre fui uma pessoa que tive alguma esperteza, inteligência e conhecia alguns dos meus direitos, simplesmente, ela não me podia tirar de lá assim. De maneira que eu fui expulsa e eu disse - Olhe marque uma audiência no tribunal, faça o que entender eu quero ver se eles me tiram daqui - Porque é lógico que não se pode mandar uma pessoa para a rua, sem nada. Na altura eu já era adolescente, já estava nos 16, 17 anos; penso que ela esperava até que eu tivesse os 18 anos para me poder mandar embora mas as coisas não eram bem assim. Eu estudava e acho que ela não ia conseguir de maneira nenhuma (...)" (Suj.M).

"(...) na altura fui um bocado ignorada porque a directora não gostava muito de mim, não gostava. Não sei porquê mas não gostava. Eu sentia isso perfeitamente (...) eu por qualquer coisinha que eu fizesse, não fazia por mal, era castigada (...) A pessoa não estava a ser correcta (...) [a directora] queria pôr-me numa casa de correcção (...)" (Suj.I).

Não obstante este carácter marcadamente negativo das relações adultos - crianças presente nos relatos de grande parte dos jovens - adultos entrevistados, esta percepção não é absolutamente unânime. De facto, importa destacar a opinião positiva de dois sujeitos, nomeadamente em relação à directora do Lar:

" (...) nós assumíamos a (...) quase como uma segunda mãe (...) quando eu tinha um problema ia ter com ela e resolvia (...)" (Suj.G).

" (...) não há dúvida e por tudo o que aconteceu enquanto eu estive na Comunidade (...) ajudou-me imenso (...)" (Suj.P).

4.2.3.2 Papel dos mais velhos

Outro aspecto emergente no discurso dos entrevistados a propósito da filosofia de funcionamento do Lar assenta no papel que esta instituição confere aos jovens mais velhos, nomeadamente na educação dos mais novos e na gestão quotidiana da casa. A análise dos relatos

dos sujeitos (Suj.H, Suj.C, Suj.B, Suj.D, Suj.E) permite perceber que a direcção do Lar atribuía aos jovens mais velhos do sexo masculino e feminino de cada uma das casas em que a instituição estava organizada várias tarefas e responsabilidades para com as crianças mais novas, desde a preocupação com os cuidados mais básicos (alimentação, higiene, vestuário...) até ao estabelecimento e cumprimento das regras e horários da casa, assim como a própria repreensão caso não fossem cumpridas.

Educação dos mais novos

- **Disciplina:**

“(...) tínhamos aquelas lições de moral, de vez em quando, quando a gente se portava mal, aquelas lições de moral que abrangia tudo. Era quando a D..., a mais velha que era responsável da casa, estava inspirada, apanhávamos cada seca, quer dizer, na altura, nós pensávamos que era uma seca mas agora eu não penso que foi seca, penso que valeu a pena, para pensar (...) Nós uma vez passámos uma noite inteira a jogar ao galo na cara de uma mocita enquanto ela dormia. Nessa noite riscámos os pijamas todos (...) No dia a seguir lavámos os pijamas à mão e levámos umas reguadas valentes (risos) da responsável da casa, agora também já tem a vida dela. Mas era engraçado (...)” (Suj.H).

- **Rotinas:**

“(...) aos Domingos eram os mais velhos que organizavam os meninos (...) nós é que fazíamos o comer para os meninos (...)” (Suj.N).

“(...) as pessoas mais velhas que podiam (...) tomar conta dos mais novos, nomeadamente, hora de comida, hora de ir deitar (...) alguém que metesse, não digo respeito mas que tomasse conta dos miúdos e os metesse na linha, digamos assim (...) Foi uma boa política visto os empregados só estarem durante o dia (...)” (Suj.D).

“(...) tínhamos orientação de pessoas mais velhas (...) no meu tempo aprendia-se, fomos levados a aprender com a pessoa mais velha que está a fazer para que um dia tu possas vir a fazer (...) tinham de elaborar horários para estar em casa (...)” (Suj.E).

“(...) os mais velhos começavam a desenrascar-se e a tomar conta de si e isso ajudou a gente a crescer e a responsabilizar-se pelas coisas (...) havia muitas crianças e eles tinham de fazer o trabalho dessas crianças, tratar delas (...)” (Suj.G).

Alguns jovens - adultos (Suj.F, Suj.O, Suj.A, Suj.J) parecem revelar **ambivalência na avaliação** que fazem deste aspecto, ora entendendo-o como uma boa experiência na medida em que contribuiu para a **aprendizagem e responsabilização** dos mais velhos, ajudando-os no seu processo de desenvolvimento, ora criticando o facto de este papel **não ter um acompanhamento** e uma **supervisão** adequada por parte dos profissionais do Lar, o que dava azo a **situações de abuso do “poder”** que detinham sobre os mais novos. Também o facto de não haver uma preparação inicial aos jovens “mais velhos” que assumiam esse papel, de este ser desempenhado **de forma imposta e não voluntária**, de implicar uma grande dedicação e empenho pelas crianças muito pequenas e com necessidades educativas especiais a que tinham ao seu cuidado, de ser desgastante ao conciliá-lo com a sua vida escolar, acabando mesmo por influenciar o seu rendimento e desempenho escolar, a saída da escola, são outros aspectos criticados pelos sujeitos entrevistados.

- **Responsabilidade imposta/ausência de acompanhamento:**

“ (...) os mais velhos das casas que tentam dar alguma educação mediante o percurso que vai seguindo. E eu tive algumas pessoas que nesse cargo que ajudaram a desenvolver parte do meu carácter (...) Havia uma responsabilidade muito imposta nos adolescentes mais velhos; na questão de poderem tomar conta dos mais novos (...) no que toca a certificarem-se se as crianças iam deitar-se cedo, se jantavam (...) A experiência é boa, é importante mas não era muito apoiada, era uma posição assumida sem qualquer acompanhamento, informação e preparação da pessoa que ia assumir esse cargo e sem essa pessoa ter a noção do que era assumir esse cargo (...)” (Suj.F).

“ (...) quando as crianças adoeciam, não somos nós com 17 ou 18 anos vamos com o menor às urgências. Devia ser um monitor. A [directora] não ia, porque se houvesse um adulto com carta, esse adulto é que ia. Levava e depois olha é, desenrasquem-se. Era assim mesmo. Se nós sabemos fazer alguma coisa hoje, foi derivado a isso, ao desenrasquem-se. É assim mesmo (...)” (Suj.O).

- **Abuso de poder:**

“(...) alguns cometiam; ou abusavam por serem mais velhos. Às vezes, há sempre um ou outro, não digo toda a gente, que tenta se valer e arma-se, coisas assim do género, que é normal (...)” (Suj.A).

- **Influência no rendimento escolar:**

“(...) chegou ao 10.º ano, [a directora] pôs-me responsável de uma casa, com uma criança deficiente, com crianças de 4 e 5 anos (...) cancelei a matrícula (...) andava na Jaime Cortesão a tirar o curso tecnológico de animação social, chegava às 7 horas, para estar a dar de jantar, dar banhosera meia noite, uma da manhã e eu a estudar. Tinha de dar atenção a eles todos, deitá-los e depois estudar (...) No outro dia ia para as aulas, chegava à escola tinha testes, não me lembrava de nada, ficava tudo em branco (...) estava responsável por tanta criança, não conseguia estudar e por muito que puxasse pela cabeça não me saía nada (...)” (Suj.O).

Gestão quotidiana da casa

A **gestão quotidiana da casa** (limpeza, arrumação, confecção de comida, etc.) descrita pelos jovens–adultos como sendo outro papel atribuído aos jovens “mais velhos”, nomeadamente aos fins-de-semana, é percebida por alguns sujeitos (Suj.B, Suj.E, Suj.G) como **positiva**, uma vez que promovia a **partilha e a entreajuda** entre iguais, assim como o desenvolvimento do sentimento de responsabilidade e de competências várias:

“(...) Era responsável de casa, ou seja, tinha de preparar as refeições (...) Aos fins de semana nós é que cozinhávamos, fazíamos a fadina, lavávamos a loiça, tínhamos de arrumar o quarto (...) foi uma boa experiência ter de tomar conta de uma casa quando havia lá pessoas que eram mais velhas do que eu. Acho que foi dar-me uma certa responsabilidade, achei piada (...)” (Suj.B).

“(...) lavar a loiça, arrumar a casa que era aos fins-de-semana quando tínhamos mais tempo. E na altura aprendia-se muita coisa porque aos fins de semana não tínhamos empregadas e tínhamos de ser nós a cozinhar ou era o mais velho e os pequenitos a acompanharem, a ajudarem, se precisam de coisas para irem buscar e irem ver como é que se faz (...)” (Suj.E).

“(...) Recordo-me que a loiça ao jantar éramos sempre nós que lavávamos porque a cozinheira saía às 7 horas (...) éramos sempre grupo de três, dois adultos e uma criança, ou um adulto, havia sempre uma articulação de adultos e crianças. Havia grupos para a limpeza do jardim (...) pelo menos ao sábado aquilo era tudo limpo (...) acho que isso foi importante porque nos ajudou a todos a superar muitas dificuldades, muitas situações em que tinha de ser mesmo assim...pronto...se nós não fizessemos a cama...também ninguém ia fazer a cama...ou a limpeza dos quartos ou tratar da nossa roupa, etc. (...)” (Suj.G).

Outros sujeitos (Suj. M, Suj.O) revelam **alguma ambivalência** em relação a este assunto, referindo, por um lado, ter constituído um factor positivo para o seu **amadurecimento**

pessoal, ganho de **responsabilidade e aquisição de competências** mas, por outro lado, consideram que este papel era demasiado exigente e que **retirava tempo para outras actividades**, nomeadamente, visitas que podiam efectuar ao fim-de-semana:

“(...) A certa altura da minha vida também assumi a responsabilidade de uma das casas e tive de tomar conta. Achei que era demasiada responsabilidade porque os jovens querem ter a sua liberdade e, naquela altura, já tínhamos de dividir tarefas, toda a gente era responsável por lavar a loiça à noite, cada dia era uma pessoa (...) Eu fui sempre mais reservada, estava sempre no meu canto, possivelmente, até foi bom ter essa responsabilidade para amadurecer (...)” (Suj.M).

“(...) quando eu tomei a direcção de uma casa, já deixei de ir todos os fins de semana, começava a ir de 15 em 15 dias que era para aprender a cozinhar, pronto ter a responsabilidade da casa (...) Quando não estava o mais velho ficávamos nós com esse papel, fazíamos o jantar (...) Ao fim de semana éramos nós que cozinávamos, não havia educadores, nem auxiliares. Nós é que limpávamos (...) temos de ter a atenção de ter a casa limpa, de passar a roupa (...)” (Suj.O).

- **Maus-tratos na relação íntima**

Importa ainda destacar que um sujeito faz referência a acontecimentos que **marcaram, de forma negativa**, a sua adolescência, relacionados com uma relação íntima que estabeleceu com outro jovem com quem partilhava a responsabilidade pela casa em que ambos viviam:

“(...) na minha adolescência com os meus quinze/dezasseis anos, foi uma fase mais difícil mais crítica, foi aí que foi a fase mais difícil da minha vida (...) é muito pessoal...a pessoas não sabiam porque eu nunca contei a ninguém...a única pessoa que sabe hoje em dia é o meu marido (...) eu era responsável por uma das casas...e então nessa fase (...) havia um rapaz que era também responsável e foi ele... foi meu namorado lá na altura...e foi muito difícil...(silêncio) (...) tive momentos muito difíceis lá...complicados...e pessoalmente sobre isso eu nem queria falar (...) ainda andámos os dois à batatada (...)”(Suj.N).

4.2.3.3 Recursos humanos

Ao nível dos recursos humanos, os aspectos ligados à **motivação e envolvimento dos profissionais** do Lar e **gestão dos recursos humanos** foram mencionados pelo mesmo número de sujeitos (4) dos oito que se pronunciaram a este respeito. (cf. anexos 4 e 6).

- **Motivação e envolvimento**

As **opiniões** dos sujeitos (Suj.L, Suj.M, Suj. C, Suj.B) **dividem-se** entre as que avaliam positivamente a dedicação, preocupação, empenho e **motivação de alguns profissionais** para com as crianças e jovens do Lar, e as que salientam o papel de **outros menos implicados**, sem perfil adequado ou formação necessária para trabalhar com aquele tipo de população:

“(...) a Psicóloga, a... eu desabafava muito com ela e tive sempre o apoio muito importante dela (...) Há a [directora] (...) é uma pessoa que eu admiro, para a [directora] acho que nada é impossível (...) Lembro-me da preocupação [dela] para nós não estarmos tristes, o desejo dela é para que ninguém fique sozinho e está sempre a lutar para as pessoas serem um bocadinho felizes, é isso o que eu admiro mais na [directora] mas ela é humana também erra (...)” (Suj.L).

“(...) acho que as pessoas que geriam a instituição eram um pouco dadas ao tipo de crianças que lá havia (...)(Suj.M).

“(...) (risos) havia algumas que eram muito dedicadas, eram oito ou oitenta. Tinha umas que eram muito dedicadas depois havia uns assim, assim e depois tinha aqueles que – este é o meu trabalho, eu ganho o meu dinheiro, vou para casa e acabou - O que eu achei disso? Eu na altura pensei que eram pessoas hipócritas ou que eram ridículas (...) Muita gente faz o que não gosta e reage assim (...) Eu lembro-me de ter uma empregada que me dizia sempre – S... desculpa estás mal vestido vai lá despir-te, vai-te trocar, S... desculpa essas calças estão sujas vai trocar - na altura enervava-me muito, só que depois, já mais velho, comecei a ver que era das poucas empregadas que se preocupava com a imagem dos miúdos quando eles iam para a escola e, no entanto, eu era abandalhado não queria nada saber disso (...)(Suj.C).

“(...) os funcionários não são exemplares (...) uns são mais responsáveis do que outros (...) uma instituição acolhe vários tipos de crianças, umas traumatizadas, outras com vários problemas, é preciso ter muita paciência (...) eu notava em certos aspectos; mesmo o corpo docente. Nós lá temos um centro de explicações e os funcionários não podem ter uma resposta imediata como se fosse na família, não podem perder a calma e mandar vir logo com a criança (...)(Suj.B).

- **Gestão dos recursos humanos**

Ao nível da gestão dos recursos humanos, a opinião dos sujeitos (Suj.G, Suj.I, Suj.N, Suj.O) convergem considerando que havia um **número insuficiente de funcionários** face às necessidades do Lar e ao número de crianças acolhidas, destacando também a **ausência de monitores para acompanhamento nocturno**:

“(...) ali na Comunidade em Eiras perdeu-se os monitores, era só empregadas de limpeza, chegava às 5 horas iam-se embora, não havia responsáveis à noite, era cada um por si e era os mais velhos. (...) Os tempos bons que eu estive lá no Colégio, como era bem pequenina foi em Bencanta (...) porque havia monitores, que estavam de manhã à noite . E era totalmente diferente do que era ali (...)(Suj.O).

“(...) muitas vezes, os funcionários não chegavam para isso (...)(Suj.G).

“(...) não havia técnicos suficientes para que pudessem ajudar essas crianças com diversos problemas (...)(Suj.I).

“(...) Ao fim de semana não havia ninguém [funcionárias], havia durante a semana (...)(Suj.N).

4.2.3.4 Regras de funcionamento da instituição

Os poucos sujeitos que teceram comentários sobre as regras da instituição (4) (cf. anexos 4 e 6), referem-se sobretudo ao grau de **flexibilidade/liberdade** que havia no Lar e às **restrições/castigos** a que estavam sujeitos.

- **Flexibilidade/liberdade**

Os sujeitos (Suj.O e Suj.N) referem não haver restrições na permissão para as entradas e saídas do Lar, inclusivamente à noite, não havendo também rigor no cumprimento dos demais horários da instituição (horas das refeições, hora de dormir, tempo de lazer, tempo de estudo, etc.). A supervisão do comportamento das crianças e jovens do Lar estava dependente dos jovens “mais velhos” que tinham a responsabilidade pela sua casa e pelos elementos mais novos que lá viviam.

Esta aparente permissividade facilitaria episódios de fugas de alguns jovens, em relação às quais o Lar assumia uma atitude entendida pelos entrevistados como passiva:

“(…) Enquanto lá estive entrávamos e saíamos e não havia problema nenhum. Para mim estava bem (...) havia aquelas meninas que saíam à noite para as discotecas e apareciam de manhã, muitas vezes estava eu a ir para as aulas de manhã e estavam elas a entrar e a directora nem sabia. Era um à vontade, entrávamos e saíamos, aquilo não era fechado (...) Eu acho que a regra da Comunidade é assim: se vocês querem ser alguém, têm de fazer por isso e lutar por isso. Acho que é mais ou menos essa regra que lá está mas está mal. Está mal porque chega-se a uma idade, eles querem lá saber, eu faço o que quero, deixam-nos andar. Há lá casas assim (...) Havia casas, que eram aquelas regras e era aquilo mesmo, chegava aquela hora, mais ninguém sai, enquanto que havia casas, estavam lá na rua, a fazer barulho às tantas a manhã. Eu acho que é assim, na Comunidade é cada um por si e pronto (...)” (Suj.O).

(...) lá não havia horários, uma pessoa andava ali à vontade. Não havia horas para comer, para deitar deitávamos os mais novos e depois ficávamos a ver televisão. Cada casa tinha televisão, tinha tudo...não é? (...) a gente é que ia dormir quando queria (...) Ali a gente não tinha dificuldade em nada (...) a gente saía às horas que queria e entrava às horas que queria (...) o tribunal tirou-nos ao meu pai mas a gente ia com ele, naquele tempo aquilo era tão mal organizado. Lembro-me de um menino que, eu não sei o que é feito dele, ele não tinha praticamente família nem nada e ele fugiu da instituição, fugiram vários, a instituição nunca foi atrás, nunca (...) Lembro-me de um menino que, eu não sei o que é feito dele, ele não tinha praticamente família nem nada e ele fugiu da instituição, fugiram vários, a instituição nunca foi atrás, nunca (...) O meu irmão mais novo...por exemplo, foi entregue pelo tribunal à instituição, o meu irmão saiu de lá e era menor mas ninguém fez nada, nem queixa (...)” (Suj.N).

• Restrições/castigos

As restrições/castigos foram descritos pelos sujeitos (Suj.J e Suj.H) que os consideram justificados em função dos actos cometidos e, nesse sentido, encaram este tipo de acções punitivas como parte da disciplina desejável na educação de crianças/jovens:

“(…) Eu ainda sou do tempo em que a educação era mais rígida lá, não podia jogar à bola quando queria - eu era doida para jogar à bola, ao sol ou à chuva - apanhava castigo, tinha regras, a certa hora tinha de estar na cama, não podia sair de casa sem levar o pequeno almoço para a escola (...) eu ainda apanhei lá, os primeiros anos, os meus primeiros 10 anos naquela casa foram eu posso dizer que apanhei, tive muitos castigos mas em casa dos meus pais também nos acontece o mesmo. Eu vejo filhos a apanharem porque se portam mal, acho que faz parte da educação, fez parte da minha educação claro que há sempre exageros mas isso não, eu não fui espancada como há em alguns Colégios, as crianças a serem espancadas, eu não fui espancada, levava uma palmada de vez em quando porque me portava mal e admito que me portava mal (...)” (Suj.J).

“(…) se eu tirasse uma negativa a mais ficava logo de castigo, ponham-me logo de castigo a lavar a loiça não sei quantas semanas, ficava sem poder ir para lado nenhum. Na altura eram castigos dolorosos para uma criança (risos), um jovem de 14 anos queria era passear e mais no verão que tínhamos sempre aqueles campos de férias (...) Cortar umas férias era doloroso (risos) por isso eu tinha de me atinar (risos) (...) eu costumava ir para a quinta quando era pequenita tinha lá um namorado. Às vezes fazia de propósito, portava-me mal e a [directora] - tu vais para a quinta! (risos), era o castigo que a gente levava, era ir para a quinta para apanhar batatas (...) (Risos)” (Suj.H).

• Outros

Comportamentos de risco e práticas ilícitas são ainda referidos por um dos sujeitos, que critica a falta de regulação e de intervenção por parte do Lar:

“(…) Havia certas coisas lá que se passavam que eu não achava correcto, desde passarem droga, haver relações sexuais lá dentro, essas coisas todas e não eram vistas, não eram castigadas (...) Conteí isso à [uma] senhora e a directora depois veio a saber (...) Eu não queria sujar o nome da instituição, mas automaticamente eu estava a sujar, eu não queria (...)” (Suj.I).

4.2.4 O papel do Lar no período de transição e autonomização

Quando inquirimos os sujeitos sobre apoio que receberam do Lar no período de transição para a sua vida autónoma, só oito sujeitos pronunciaram-se sobre este assunto, fazendo uma **apreciação, maioritariamente negativa**, ou seja, referem não ter recebido **nenhum apoio nem acompanhamento ou manifestação de preocupação** por parte do Lar, contudo, há vezes diferentes que traduzem experiências distintas em relação a este aspecto. Esta ausência de apoio do Lar, após a saída manifestada pela maioria dos nossos entrevistados, vai de encontro aos dados do estudo de Quintães (2009) e de Gomes, M (Coord.) 2005; onde também observam que a maioria dos sujeitos não recebeu qualquer tipo de apoio por parte da instituição no período de transição e autonomização, **levando a alguns jovens a recorrerem aos escassos recursos disponíveis** (fratria, família alargada, amigos). Ao nível da relação que os jovens mantêm (ou mantiveram) com o Lar, constata-se também que cerca seis sujeitos convergem nas suas opiniões referindo estabelecer uma relação de proximidade com o Lar, e cinco sujeitos não mantêm qualquer relação com a instituição. (cf. anexos 4 e 6).

Os sujeitos (Suj.I, Suj.N, Suj.P) convergem na opinião que têm sobre o Lar quando referem não ter recebido nenhum apoio deste, denotando-se nestes sujeitos um sentimento de desamparo pelo afastamento, ausência de interesse ou preocupação manifestados pelo Lar neste período tão significativo da sua vida:

“ (...) Não tive, não tive esse tipo de apoio (...)” (Suj.I).

“ (...) Ninguém da instituição se importou...nada (...)” (Suj.N).

“ (...) eu não tinha mais ninguém em Coimbra a não ser as pessoas da Comunidade (...) mas não tive apoio nenhum da Comunidade depois de sair...nem estás bem...ou estás mal (...)” (Suj.P).

O sujeito M, também faz uma apreciação negativa acerca do papel que o Lar desempenhou no período de transição, para além de referir que não teve apoio do Lar, salienta que ainda teve de pedir ajuda financeira à sua família de origem para pagar as despesas da sua mudança. Percebemos, ainda, no discurso deste sujeito, que embora ele não tenha sido apoiado pelo Lar sabe que outros jovens o foram em termos financeiros ou materiais, denotando-se assim alguma desigualdade no apoio e disponibilidade fornecido pelo Lar no processo de transição dos jovens para a vida independente:

“ (...) Não houve apoio nenhum, até para eu trazer os meus pertences de lá para cá tive de pagar muito caro. Na altura, eu pedi uma carrinha emprestada para trazer as coisas, obrigaram-me a pagar 100 euros para eu trazer as minhas coisas, nem nesse aspecto houve ajuda que eu achei uma coisa impressionante. Eu não tinha dinheiro para pagar, quem pagou foram os meus familiares. Mas achei um absurdo porque eu estava a dar-lhe uma vaga para poderem acolher outra criança, eu não ia trazer as minhas coisas no

comboio, as coisas de uma vida inteira, as recordações, as roupas, livros, no fundo quem consegue trazer isso tudo no comboio ou numa camioneta? (...) Lá está as diferenças porque há outras pessoas que não só não tiveram de pagar como, mensalmente, recebiam ajuda da própria Comunidade. Vinham de propósito aqui a Lisboa, trazer alimentos, dinheiro; lá está as diferenças são tão grandes, há uns que são escolhidos outros que são excluídos (risos) (...)” (Suj.M).

É de salientar a apreciação desfavorável que o Suj. O atribui ao papel do Lar, por este ter recusado apoiá-lo ao nível da procura de emprego. Denota-se também neste sujeito um sentimento de injustiça, na medida em que tinha conhecimento que outros jovens obtinham esse tipo de apoio por parte do Lar:

“ (...) Pedi ajuda à directora para me arranjar trabalho e ela nunca me ajudou em nada. Pedi para ela me ajudar a ir para a Vênus porque ela tinha conhecimentos e forneciam para lá bolos e tudo, nunca me ajudou, enquanto aos outros ajudava (...)” (Suj.O).

Dois sujeitos (Suj.A e Suj.H) fazem referência à disponibilidade e abertura do Lar, nomeadamente, da directora do Lar na prestação de apoio no período de transição para a vida independente, embora não tenham, efectivamente, chegado a beneficiar do apoio daquela, por sua própria iniciativa:

“ (...) Depois de eu sair acabaram as férias de Verão; ela [a directora] disse que se eu quisesse podia voltar mas eu recusei na altura (...)” (Suj.A).

“ (...) nunca me negaram ajuda. A [directora] disse que sempre que eu precisasse de alguma coisa para falar (...)” (Suj.H).

O sujeito C é o único que tem uma apreciação é ambivalente, revelando, por um lado, ser insuficiente e pontual a ajuda que teve do Lar após ter entrado para a universidade, por outro lado, considera importante o apoio fornecido pela directora do Lar na sua procura de emprego:

“ (...) eu como tinha entrado na faculdade (...) eles me disseram: “Ah, como tu entraste na faculdade foste o único nós vamos te apoiar no que for preciso (...) ajudaram o primeiro mês quando voltei ao Colégio, no fim-de-semana disseram: “Ai sabes S., como vais ser pai a gente não te pode ajudar tens de pedir ajuda às tuas tias”, eu fiquei assim (...) a directora do Colégio, ela apesar de tudo, ela sempre foi muito correcta comigo, só que tem aquelas ovelhas negras que estão lá colados. Ela ajudou-me em muitas coisas, mesmo há pouco tempo, o trabalho onde eu estou praticamente foi ela que me arranjou. Senão acho que tinha andado muito tempo à procura de trabalho. Eu antes tinha aquela vergonha de chegar e pedir ajuda para arranjar trabalho, só que depois disseram, vai S... tanta gente fez isso, tanta gente que não merece foi lá e ela ajudou porque é que tu não vais se tu nunca fizeste assim grandes asneiras no Colégio, não vais lá pedir ajuda porquê? A partir daí pensei, Oh Pá! eu não tenho nada a esconder, nada a perder vou lá (...)” (Suj.C).

Quando inquirimos os sujeitos no sentido de saber se mantêm (ou mantiveram) alguma relação com o Lar após a sua saída, observamos que dos **onze sujeitos** que se pronunciaram a este respeito, seis sujeitos (Suj.P, Suj.D, Suj.C, Suj.B, Suj.M, Suj.E) (cf. anexos 4 e 6) **ainda hoje mantêm uma relação de proximidade com o Lar**, fazendo visitas regulares, preocupando-se e contribuindo com a sua ajuda para o Lar, apesar de já terem saído há muito tempo:

“ (...) Sim... vou ver a [directora] às vezes, ainda agora foi lá para mostrar a menina...quase todos os dias vejo os meninos da Comunidade que vão lá à pastelaria onde eu trabalho buscar as coisas (...)” (Suj.P).

“ (...) em média vou lá duas vezes por semana, normalmente, aos domingos quando não tenho muita coisa para fazer, vou visitar as pessoas com quem gostei de estar e continuo a gostar de estar (...) Isso faz com que eu recorde sempre e vá visitar sempre que possível ou telefono a uma ou duas pessoas que eu realmente considero que merecem o meu respeito (...) Eu faço parte do núcleo de Gestão de Economia, no qual houve uma feira de solidariedade ao nível de roupa, falei com o Presidente e levámos a roupa e um bocado de dinheiro à instituição. É uma forma de eu agradecer e lembrar às pessoas que jamais esquecerei eles e que foram importantes na minha vida e claro que continuam a ser porque foram as pessoas que me marcaram durante uns anos (...)” (Suj.D).

“ (...) até hoje sou capaz ainda de ir lá, com todo o sorriso e com todo o gosto. Toda a gente sabe que eu vou lá (...) depois tenho, agora não posso dizer que são meus amigos porque eram miúdos, eram pequenitos quando eu estava lá, tinham doze, onze anos, agora devem ter dezassete mas alguns deles não digo que me admiram mas respeitam porque quando era mais velho deles nunca fui tão mau como alguns da minha idade eram. Por isso ainda hoje alguns falam comigo na boa (...)” (Suj.C).

“ (...) Sim, com a [directora], o F... o motorista (...) as vezes costumo ir lá falar com o contabilista. Não vou lá muitas vezes mas aos fins-de-semana passo por lá para dizer um olá (...) É engraçado que até o ano passado ia lá sempre passar o Natal, menos este ano. Mesmo estando cá fora ia lá passar o Natal. Foi uma coisa que ficou no hábito da gente passar lá o Natal. Este ano é que foi diferente fui passar com uns amigos (...)” (Suj.B).

No entanto, **cinco sujeitos** (Suj.F, Suj.N, Suj.O, Suj.J, Suj.H) **referem não ter, actualmente, qualquer relação com o Lar**, embora durante algum tempo, tivessem alguns contactos ou por terem ainda familiares acolhidos ou por sentirem necessidade de estarem com as pessoas com quem mantinham relações de amizade, que faziam parte do seu dia-a-dia e que lhes eram significativas:

“ (...) Com a instituição não. Mantinha antes, enquanto o meu irmão estava lá (...) Mas a minha relação com a instituição acabou a partir do momento em que eu saí de lá (...)” (Suj.F).

“ (...) Não...nunca mais lá fui...se vir a directora falo para ela ...mas não...nunca mais tive ligação com a instituição ...é assim não é pela instituição ...passei lá tanto que não quero recordar o que lá passei (...)” (Suj.N).

“ (...) Eu desde que saí de lá nunca mais lá voltei (...)” (Suj.O).

“ (...) Estive assim, aí um mês. Eu ia lá dia sim, dia não (...) depois comecei a pensar que precisava de me desligar porque já não estava lá mas eu ia à instituição como se eu ainda lá estivesse (...)” (Suj.J).

“ (...) Já fui lá mais vezes, agora já não, não tenho tempo para isso. Não dá mesmo. Fica assim desviado da zona, mas quando posso vou lá, continuo a manter relações com os mais pequenitos que agora já são grandes (risos) (...)” (Suj.H).

Verifica-se, assim, uma **pluralidade de vozes**, que traduzem **diferentes vivências e entendimentos da instituição e do seu papel**, conforme as experiências individuais e as trajectórias de vida de cada sujeito.

4.2.5 Iniciativa da saída da instituição

Em relação à saída do Lar, a maioria dos sujeitos (12) (cf. anexos 4 e 6) refere que foi por **iniciativa própria**. Decisão esta, muitas vezes, relacionada com o facto de atingirem a maioridade,

de planearem e perspectivarem uma vida em comum com o namorado/a fora do Lar, de considerarem que o Lar já tinha prestado o apoio necessário, sentindo-se agora capazes de sair e viver a sua vida de forma autónoma:

(...) Foi por iniciativa minha (...)” (Suj.F).

“ (...) Por causa de uma paixoneta saí de lá (...)” (Suj.A).

“ (...) Já vinham a falar há muito mas eu antecipei-me antes de eles me dizerem. Tinha a noção que havia pessoas que precisavam de mais ajuda do que eu e é mais por isso que eu não levei isso em conta. Acho que o tempo que eu precisei eles ajudaram-me (...) E acho que ter saído contribuiu para uns entrarem e serem ajudados também (...)” (Suj.E).

“ (...) eu fui dizer à [directora] que me ia embora – não foi a [directora] a dizer tu vais embora (...)” (Suj.J).

“ (...) Foi uma decisão minha, quer dizer, de ambos (...) Eu comuniquei à directora que queria sair, aos dezoito anos já éramos maiores e foi assim (...)” (Suj.N).

“ (...) Eu saí da Comunidade para dar lugar ao meu irmão mais novo (...) pedi à [directora] para meter o meu irmão no meu lugar. Como eu não poderia sair da Comunidade (...) porque não tinha 18 anos (...) Eu falei com a [directora], chegámos a um acordo e eu saí para dar lugar ao D... (...)” (Suj.P).

“ (...) A opção de sair foi minha porque eu conheci lá um rapaz, que é o pai da L., na altura, ele não trabalhava nem estudava e, por isso, obrigaram-no a sair...Acho que não foi muito bom. Eu namorava com ele, desde muito cedo (...) estipulou-se que eu vinha para cá, estudava e ele trabalhava (...) Devia ter acabado o 12.º ano enquanto podia, esperar mais um bocadinho mas havia muita tensão (...)” (Suj.M).

Para além dos aspectos referenciados, as relações e eventos conflituais envolvendo profissionais e responsáveis do Lar constituem um outro factor relevante evocado por alguns entrevistados como precipitante, facilitador ou, de alguma forma, motivador da sua saída da instituição:

“ (...) Eu saí porque eu quis (...) saí porque aconteceu um episódio menos feliz na Comunidade, o caso do homicídio. Foi nessa altura que eu saí (...) eu não conseguia lá estar (...) como não estava a sentir-me muito bem lá, saí (...)” (Suj.H).

“ (...) Quando eu deixei de estudar (...) deitaram-me esse embuste, que eu não podia lá estar sem fazer nada e havia lá montes sem fazer nenhum e até mais velhos que eu. E eu...á é?...Então pronto (...) anulei a matrícula e vim embora da comunidade (...)” (Suj.O).

“ (...) Eu queria sair porque já não aguentava estar lá (...)” (Suj.I).

Existem, no entanto, três sujeitos (Suj.B, Suj.C, Suj.D) que descrevem a sua saída como sendo uma **decisão tomada pelo Lar** e não da sua própria iniciativa:

“ (...) Não. Eu fui convidado a sair (risos) (...)” (Suj.B).

“ (...) Eu acho que não houve escolha para mim, tinha de sair (...) saí por ter sido pai (...)” (Suj.C).

“ (...) tive uma conversa com a directora na qual eu concordo com ela. Estou com vinte e dois anos e consigo me desenrascar enquanto que eu estou a ocupar o lugar de uma pessoa que poderá ter dez anos, não ter a minha capacidade de manobra de sobrevivência. (...)” (Suj.D).

4.2.6 O funcionamento actual da instituição

Dos quinze sujeitos entrevistados, apenas seis (Suj. B, Suj. C, Suj.D, Suj.E, Suj. M, Suj.P) mantêm algum tipo de contacto com a instituição, no entanto, os depoimentos que encontrámos sobre as evoluções de funcionamento institucional actuais estendem-se a outros sujeitos (Suj.J, Suj.A, Suj.H, Suj.P, Suj.H) que, apesar de não manterem contacto com o Lar, falam ou relacionam-se com pessoas que lá trabalham ou mantêm uma relação afectiva com as crianças e jovens que lá estão acolhidas e de alguma forma vão obtendo informação sobre as alterações nas condições de funcionamento do Lar.

O discurso de **seis entrevistados** (Suj.A, Suj.C, Suj.E, Suj.H, Suj.J, Suj.P) (cf. anexos 4 e 6) exprimem uma opinião sobre o funcionamento actual do Lar que reflecte uma **imagem predominantemente negativa**, ou seja, consideram que as condições actuais do Lar ao nível de organização, funcionamento e ambiente são diferentes e piores do que na altura em que estavam acolhidos:

"(...) Sei que mudou muita coisa em relação à altura em que eu estava lá; muita mesmo! (...) Havia muita liberdade só que nós éramos mais conscientes, errávamos mas éramos mais controlados; também errávamos, mas não fazíamos tanto (...)" (Suj.A).

" (...) Bem, eu acho que no tempo em que eu entrei era muito mais divertido, muito mais interessante porque tínhamos pessoas mais velhas (...) retiraram praticamente tudo, tem de estar todo o mundo à espera que venha comida da cozinha para poderem levar para casa. Enquanto que no meu tempo aprendia-se (...) E sei lá, é muito diferente (...) acho que era muito mais alegre o nosso ambiente do que o deles. Porque estão a querer impor as coisas que antes não existiam (...) Quando converso com os que lá estão e digo-lhes como eram as coisas na minha altura todos dizem-me – quem me dera estar nesse tempo! (...)" (Suj.E).

" (...) A Comunidade está muito pior agora do que na minha altura...muito pior....agora é raro um jovem de 14 anos que não esteja metido na droga...na Comunidade...eu não sei onde é que eles vão arranjar dinheiro para isso (...)" (Suj. P).

Para estes sujeitos **as mudanças entretanto efectuadas não foram positivas ou consideram insuficientes** para a melhoria do acolhimento, nomeadamente, no que se refere à redução do número de crianças acolhidas, que entendem prejudicar o convívio, a partilha, a união, a riqueza proporcionada pelo relacionamento interpessoal; à mudança do sistema misto para um não misto; à não existência de jovens "mais velhos" para orientarem e acompanharem os mais novos e à idade de saída de muitos jovens, que julgam ser muito precoce pela falta de maturidade e preparação para a saída. Estes jovens - adultos consideram ainda que as **crianças e jovens** que se encontram **actualmente acolhidas no Lar têm demasiada liberdade, pouca supervisão e disciplina. Esta apreciação negativa tem impacto na forma como os sujeitos elaboram simbolicamente a sua relação afectiva com a instituição** e, conseqüentemente, a sua relevância subjectiva (ex. Suj.J):

“ (...) tive uma educação diferente daquela que eles têm hoje, sem dúvida nenhuma (...) agora deve ser pior porque que as crianças não estão habituadas a fazer nada (...) quando não têm cadeiras é porque partem as cadeiras, alguma vez no meu tempo isso acontecia, nunca na vida (...) Tenho é pena daquilo funcionar da maneira como funciona (...) agora já não penso tanto nisso mas na altura pensava, dói-me saber que o Colégio está naquelas condições (...) Eu não queria ter vergonha de dizer eu estive na Comunidade e, agora, receio dizer seja a quem for (...).É completamente diferente (...) Tenho pena que a Comunidade tenha chegado a esse ponto porque eu orgulhava-me ter passado na Comunidade (...)” (Suj.J).

“ (...) Aquilo para mim é muito bonito, só que hoje em dia, eu jamais se fosse criança ou não, eu jamais iria gostar de estar como eles estão, sabendo como eu sei (...) éramos muitos mais miúdos, havia muitas brincadeiras porque éramos muito mais, havia mais aquela concorrência de querer brincar, havia aquela vontade. Hoje em dia, ele fazem um grupo de quatro ou cinco miúdos e vão brincar. Eles fizeram mudanças que na minha opinião foram erradas: o facto de dizerem: “temos de reduzir o Colégio a menos de metade” para segurança dos miúdos. E reduziram o Colégio a menos de metade tirando os mais velhos quando muitos deles é que organizavam os miúdos; mesmo a pouca organização que os mais velhos tinham era importante e é hoje importante lá. Se hoje for lá, os quartos estão desarrumados; depois das empregadas irem embora os quartos, a casa fica destruída até ao outro dia quando as empregadas chegam. Enquanto que antigamente, os mais velhos é que organizavam uma casa (...) Eu acho que foi um exagero essas mudanças que fizeram, um exagero mesmo (...) reduziram o Colégio a menos de metade (...) no meu ponto de vista, foram um bocado precipitadas por mais que a lei diga que é mais seguro ter dois miúdos por quarto (...) Hoje em dia os que têm dezassete, dezoito anos também já estão todos para andar. E aos dezoito anos, eles e eu (risos) quando eu saí com dezanove anos não sabia o que fazer quanto mais alguns que aos dezassete, dezasseis anos nem sequer acabaram o 10.ºano e quiseram sair (...)” (Suj.C).

“ (...) Hoje, segundo eu sei, está muita coisa mal. Eu voltava aquilo para 20 anos atrás (risos) (...) quando eu lá estava, eu não podia dar um passo sem pedir autorização (...) sei que hoje entram lá pessoas (...) aquilo não tem segurança, não tem segurança. Isto foi-me dito por uma pessoa que lá vai buscar um garoto e que falou comigo assim; diz que entrou lá, ninguém lhe perguntou – olhe, quem é o senhor? Não, ele entrou, agarrou no garoto e veio embora. Acho que era a segunda vez que ele lá ia para passear com ele e ir ao cinema (...) Agora não me parece que seja assim (...) Ele achou aquilo... não sei se hei-de dizer, assim um baldaço (...)” (Suj.H).

“ (...) passado pouco tempo de eu ter saído, separaram os homens e as mulheres, uma casa era só de mulheres e outra casa era só homens mas isso não resulta nada (...)” (Suj.J).

“ (...) Eu acho que é um bom método, falando do que estava. Neste momento já não está assim está diferente. Agora são mais pequenos, são mais novos, só que esse é um dos problemas às vezes os mais novos para ter uma certa educação convém ter um mais velho numa casa, um ou dois mais velhos. Eu noto que no meu tempo as pessoas eram mais bem educadas, ou seja, portavam-se menos mal, não faltavam tanto às aulas eram muito mais educados pela presença dos mais velhos (...) o facto de não haver mais velhos nas casas é um bocado estranho porque assim os mais novos são mais mal educados, dizem mais asneiras, respondem mais aos directores. Com a presença dos mais velhos isso não acontecia, acho que o sistema como estava antigamente era mais fiável do que o que existe actualmente (...)” (Suj.B).

Dois sujeitos (Suj.F, Suj.D) consideram que o Lar tem vindo a fazer mudanças meritórias, especialmente, o facto de passar a existir casas só de raparigas e casas só de rapazes, uma separação que o Sujeito F crê poder contribuir para acautelar comportamentos promíscuos. O sujeito D considera favorável o facto da instituição ser flexível na idade de saída dos jovens:

“ (...) Acho que é uma das coisas que já mudaram. Já não há casas com ambos os sexos ou é de rapazes ou de raparigas, o que claro que evita muitas das circunstâncias que se passaram (...) As alterações já se foram fazendo ao longo do tempo, pelo menos é a impressão que eu tenho (...)” (Suj.F).

“ (...) Eu acho que a intenção da instituição e de qualquer instituição (...) é sempre tentar melhorar e fazer cada vez melhor, isso, em prol de ter boas condições para as pessoas que lá vivem, das que estão fora e das que dão algumas coisas para lá (...) eu acho que a instituição (...) não analisa as pessoas por idade, analisa as pessoas por condições para ver se elas estão preparadas ou não. Suponhamos que poderá sair uma pessoa com dez anos, desde que haja condições, por exemplo se for adoptada, se houver uma família que a acolhe poderia sair da instituição ou eu por exemplo, eu saí com vinte e dois anos se eu sáisse antes não tinha condições, não estava preparado para o mundo fora daquilo que estava habituado, acho que é uma boa política que eles estão a elaborar (...)” (Suj.D).

4.2.7 Sugestões de mudança para o acolhimento institucional

A crítica às condições actuais de funcionamento do Lar é acompanhada, no discurso de alguns sujeitos, por **propostas de mudança**, especialmente relacionadas com a **intervenção educativa durante o período de acolhimento** (23) e a **autonomização dos jovens** (10) (cf. anexos 4 e 6).

Sugestões relacionadas com a intervenção educativa durante o acolhimento

Em relação ao período de acolhimento, a maior parte das sugestões de mudança apontadas pelos jovens - adultos é dirigida ao modelo educativo do Lar, à qualidade da educação, e às modalidades de intervenção e acompanhamento que a instituição deve proporcionar às crianças e jovens acolhidas (aspectos educacionais) (11). São ainda feitas sugestões relacionadas com a gestão dos recursos humanos (6), de carácter organizacional (4) e relativa à protecção e segurança dos jovens acolhidos (2) (cf. anexos 4 e 6).

aspectos educacionais

Dos onze sujeitos que mencionam mudanças dirigidas ao modelo educativo do Lar (cf. anexos 4 e 6) ou seja, à qualidade da educação, à forma de intervenção e acompanhamento que a instituição deve proporcionar às crianças e jovens acolhidas encontram-se sugestões para:

- a) **aquisição de competências de vida diária** (cuidados pessoais, alimentação, gestão de despesas):

“ (...) se eu sou higiénico é porque houve muita gente que perdeu o tempo a dizer “ fulano tens de tomar banho, fulano tens de lavar os dentes, fulano tens de comer sopa”. Isso é o que falta naqueles miúdos, sendo miúdos que vieram de famílias humildes o facto de não comerem sopa (risos) que é algo importante (...) eles não dão valor à energia que gastam, não dão valor à água que gastam, não dão valor, principalmente, à comida que têm. Porque no dia em que eles saírem, aos dezassete anos, eles vão ter de procurar a comida deles (...) Se eles não ensinam estas coisas quando eles têm oito, nove, dez, onze, doze anos quando chegarem aos quinze nunca saberão fazer essas coisas (...)” (Suj.C).

- b) **valorização do mérito individual:**

“ (...) Não se deve (...) só ver as pessoas, é preciso dar-se mérito às pessoas que lá estão pelas atitudes que têm e não pela cara delas. Não é correcto que uma pessoa que chumba sete anos seja mais privilegiado do que aquela pessoa que nunca chumbou no seu percurso escolar. Acho que isso tem de mudar definitivamente (...)” (Suj.B).

c) excessiva liberdade:

“ (...) Uma das coisas que eu achava mal na instituição era a liberdade a mais que se dava aos jovens; muita liberdade leva, às vezes, a caminhos errados. Não há controlo agora e também não havia na minha altura (...) Quando eu sai de lá, houve muita coisa, liberdade a mais, não havia controlo sobre os jovens (...)” (Suj.A).

“ (...) a questão da liberdade excessiva (...) é boa mas tem as suas desvantagens (...)” (Suj.F).

d) promoção de relações com a família de origem ou famílias de apoio:

“ (...) Eu acho, sem dúvida alguma, deviam investir na educação (...) depois, proporcionar saídas com outras pessoas, outras famílias. Tentar levar as saídas mesmo até ao fim, não é irem lá dois dias e depois não voltarem porque acontece (...)” (Suj.H).

e) retirada da responsabilidade dos “mais velhos” na educação dos mais novos:

“ (...) acho que não devíamos ser nós (...) quem sou eu para chegados aos 15, 16 ou 18 anos tomar conta de 9 ou 10 crianças com problemas piores ou melhores que os meus? Nós somos obrigados a lidar com várias situações, às vezes, há pessoas que não têm esse potencial e pode criar atrito e revoltas. Isso é uma das coisas que está mal na Comunidade com a qual nunca concordei. Eu se vou para uma instituição é porque eu quero ser educada, quero ser acarinhada e quero que tratem de mim, não vou para uma instituição para tratar dos outros, não é? E ali isso é isso que acontece muito (...)” (Suj.J).

“ (...) se já era difícil uma pessoa de catorze anos, tomar conta de si própria, imagina o que é uma pessoa de catorze anos tomar conta de si própria e tomar conta dos mais novos. E acho isso, sei lá, esquisito (...)” (Suj.E).

f) promoção de actividades de ocupação de tempos livres para as crianças mais pequenas:

“ (...) As crianças assim pequeninas, 3, 4, 5 anos que andam lá à abandalhadas ninguém faz nada com eles, ninguém faz actividades, não há ninguém que mexa, que pegue naquelas crianças (...) choca-me e dói-me saber que as crianças estão abandonadas, se é que eu posso utilizar esse termo, estão muito abandonadas. Acho que deviam ter alguém que pegue nelas e faça actividades (...) Por isso, acho que a Comunidade devia ser mais activa, acho que é mal empregada estar assim porque eu acho que tem muito boas condições (...)” (Suj.J).

g) prevenção, tratamento e acompanhamento individualizado aos jovens com comportamentos de risco:

“ (...) Criam-se crianças lá que vêm do mundo da droga e não saem dela porque não são ajudados (...)” (Suj.J).

“ (...) eu só acho que a falta de acompanhamento levou alguns a tomarem caminhos menos bons. O meu irmão hoje não tinha que estar numa casa de correcção se tivesse sido mais acompanhado, se tivesse outro tipo de regras, menos liberdade. Ele foi condenado por uma coisa que fez quando tinha para aí uns 16 anos (...) ele, de nós os três, foi o pior porque já nasceu viciado em heroína, já teve outros tipos de problemas. Depois nós saímos da instituição e ele ficou mais desacompanhado e, se calhar, nesse sentido isso influenciou. Todas medidas que eles tomarem foram ineficazes (...)” (Suj.M).

h) acompanhamento e incentivo escolar:

“ (...) a educação é o mais importante. Também ninguém me incentivou a estudar. É assim, um pai e uma mãe, se o filho for deixar de estudar perguntam porque é que não vais estudar...ali não...podia ter continuado até ao 9.º e 10.º ano (...) eu acho que devia haver ali qualquer coisa que incentivasse os jovens...por exemplo (...) antes não havia aquela coisa de dizerem...olha estuda pelo teu futuro (...)” (Suj.N).

i) reforço do apoio psicológico na preparação para a saída:

“ (...) eu acho que foi uma coisa que falhou na Comunidade...é que apoio psicológico que havia na Comunidade (...) acho que aí falhou um bocadinho...havia de ter havido mais apoio...foi muito complicado...foi muito complicado (...)” (Suj.P).

“ (...) da Psicóloga. Eu não me lembro...Eu acho até que nem éramos nós que devíamos ir ter com a psicóloga mas sim a psicóloga marcar uma consulta connosco lá dentro... Ela tinha o horário dela. Entrava acho que às nove e saía às cinco...pronto, o horário normal (...)” (Suj.N).

“ (...) Prepará-los para a vida cá fora porque a vida cá fora não é fácil. Preparar como? Ao nível de conversas de pai para filho, há lá pessoas que fazem de pais. Prepará-los com conversas como nós fazemos com os nossos filhos acho que deveriam fazer igual (...) Sei lá, preparar as pessoas, as crianças porque este mundo está difícil e elas não sabem para o que vêm e, quando vêm, enterram-se, há muitos assim. E é uma pena (...)” (Suj.H).

“ (...) eu acho que as pessoas que iam para lá e que tinham problemas deviam ter uma pequena preparação para enfrentar a sociedade cá fora (...) acho que devia de haver uma preparação para a saída (...) ajudar as crianças a tirar aquela mágoa que sentem dos problemas porque elas foram para lá com problemas (...)” (Suj.I).

recursos humanos

No que diz respeito aos recursos humanos, os seis sujeitos que se pronunciam a este respeito consideram que o perfil, a formação e o número de profissionais que prestam serviço na instituição constituem factores determinantes da qualidade do atendimento prestado.

a) formação dos profissionais:

“ (...) Acho que em alguns casos deviam ter mais formação profissional (...) ao nível psicológico, deviam ter uma formação profissional em como lidar com estas crianças (...)” (Suj.B).

b) motivação dos profissionais:

“ (...) Os profissionais que estão lá acho que deviam ter mais humildade connosco (...) dar um pouco de atenção (...) eu penso que as pessoas trabalham só pelo dinheiro (...) eu por exemplo (...) trabalho por aquilo que eu faço, dou o meu melhor e ali a gente não sente isso (...)” (Suj.N).

c) substituição dos profissionais e responsáveis sem perfil adequado:

“ (...) Era bom que mudassem tudo (...) não era tirar um e meter outro, tudo mesmo, porque há pessoas que estão lá que se calhar não se deram bem comigo e como não tiveram hipótese de vingar-se de mim podem querer fazê-lo com pessoas que não têm nada a ver com isso (...) Acho que isso ajudava muito, dava outra motivação, dava outra proximidade porque se já sabemos de uma pessoa antes de nos aproximarmos dela acho que não tem interesse nenhum e acho que é importante haver essa mudança para que as coisas continuem bem (...)” (Suj.E).

“ (...) Em primeiro lugar o que devia mudar – eu sei que isso não vai acontecer – era a direcção...porque a [directora] tem de admitir foi uma excelente pessoa, foi uma grande mulher, apesar dos defeitos que todos temos, ela não é perfeita como nós também não somos (...) já não tem cabeça mais para aquilo, não tem mão, não tem pulso, não tem nada. E quando não há mão, não há pulso as coisas abandonam-se um bocadinho, é isso que, neste momento, está acontecer (...) só quando ela morrer é que passa para outro e, pelo que eu vejo, se é a pessoa que na altura estava prevista, ainda vai ser pior (...) porque ninguém o respeita (...).Acho que ele não é um bom exemplo, acho que não se deve dar para as mãos um Colégio nem a ele nem a qualquer pessoa que ali tenha passado (...)” (Suj.J).

d) número de profissionais:

“ (...) devia ter mais pessoas a ajudar (...)” (Suj.O).

“ (...) se houvesse mais pessoas disponíveis para apoiar e para controlar acho que se calhar ele [o irmão] não tinha que passar por essa situação (...).”

aspectos organizacionais

Dos quatro sujeitos que se referem a mudanças relacionadas com aspectos organizacionais do Lar, encontramos sugestões para implementar um sistema não misto (ou seja, passar a ser um lar exclusivamente masculino ou feminino) no sentido de evitar comportamentos promíscuos entre as crianças e jovens acolhidas, para proporcionar um acompanhamento 24h que dê resposta a eventuais necessidades sentidas pelas crianças no período nocturno e, ainda, sugestões para reduzir o período de acolhimento de forma a possibilitar a sua integração de forma mais precoce na comunidade.

e) necessidade de acompanhamento 24 h:

“ (...) À noite não fica ninguém, não vêem se as crianças são deitadas a horas, se fazem os trabalhos de casa ou não fazem, se precisam de alguma coisa ou não precisam, se falta um cobertor senão falta. Ninguém vê nada disso, ninguém (...) devia ser alguém destacado (...) e não era auxiliares (...) Agora eu acho que essa parte está mal. Das 9h às 5h está lá toda a gente (...)” (Suj.J).

“ (...) É preciso porque nem sempre um adulto sabe lidar como determinados assuntos (...) eu acho que nesse aspecto, à noite deviam ter mais responsabilidade porque há sempre um que foge, há sempre um que faz asneiras e das grossas (risos) (...)” (Suj.O) .

f) sistema não misto:

“ (...) Acho que não devia ser misto. Ela devia ter posto rapazes de um lado e raparigas noutra (...)” (Suj.L).

g) redução do período de acolhimento:

“ (...) acho que a Comunidade devia de ser um local de passagem, não um local de estar quando já não é necessário. Porque tudo o que nós fazemos na Comunidade fazemos cá fora se quisermos (...)” (Suj.P).

Importa ainda destacar ao nível do acolhimento sugestões ligadas à protecção mencionadas por dois sujeitos (Suj. H, Suj.J).

h) maior protecção e segurança:

“ (...) Como instituição de crianças que é deveria ter um bocadinho mais de segurança. Ter lá um portão grande, aberto à distância e identificar as pessoas (...)” (Suj.H).

“ (...) Acho que devia ser mais controlado (...) Eu tenho um cliente (...) ele comentou (...) Olhe sabe que eu tenho ido buscar uma criança na Comunidade e da primeira vez que eu lá fui, fiquei muito chocado porque eu entrei e ninguém me perguntou quem eu era nem nada (...)” (Suj.J).

Sugestões relacionadas com a autonomização dos jovens

No período pós-institucional, as propostas de mudança apontadas por alguns jovens - adultos reflectem muito a sua própria experiência e as dificuldades sentidas depois de saírem do Lar,

assentando sobretudo em aspectos de carácter financeiro, habitacional, psicológico, social e apoio ao emprego.

apoio financeiro

Os sujeitos (Suj.M, Suj.P, Suj.B, Suj.F) consideram que deveria haver um apoio financeiro, sob a forma de subsídio, para os jovens após a saída do Lar, de forma a ajudá-los no seu processo de autonomização, visto a maior parte deles não poder recorrer à família de origem, dependendo de si próprios a sua subsistência. Referem ainda que este apoio deveria ser fornecido sobretudo pelo Estado, uma vez que reconhecem que a instituição não tem condições para fazê-lo, podendo esta colaborar ao nível técnico no processo de obtenção desse apoio:

“ (...) há muitas crianças que necessitam deste apoio, chegando a uma altura, eles arranjam maneira não é de nos expulsar mas é tentar que cada um vá para o seu lado, mesmo sem apoios nenhuns ou qualquer tipo de ajuda. Isso eu não acho que seja bom (...) Eu acho que o problema não é da instituição porque a instituição já tem tantas coisas com que se preocupar, os poucos dinheiros que tem é para sustentar aqueles que lá estão. Eu acho é que o estado que devia ter condições especiais para este tipo de pessoas (...)” (Suj.M).

“ (...) sai sem nada, absolutamente nada e quer dizer....senti-me um bocadinho mal nessa altura porque não tinha como sobreviver (...) foi um bocadinho difícil (...) durante 15 dias a minha alimentação foi o que eu comia na pastelaria, uma sandes à tarde (...) na Comunidade nós temos tudo, incluindo cama, roupa e comida na mesa, não nos preocupamos com nada (...) eu comecei a caminhar pelas minhas próprias pernas...mas eu acho que isso deveria mudar um bocadinho (...)” (Suj.P).

“ (...) Uma das maiores preocupações que eu tive e a maior parte das pessoas que saem de uma instituição deve ter é: se não tivermos uma base familiar para ajudar a única forma é nós nos sustentarmos a nós próprios. O estado Português dá mais subsídios, casas a pessoas que se calhar têm rendimentos, e a maior parte deles tem, enquanto que as pessoas que saem de uma instituição não têm qualquer tipo de apoio do estado (...)” (Suj.B).

“ (...) na parte financeira, como é óbvio, que é uma das principais dificuldades que se passa nesta fase de transição quando se sai da instituição e se passa a viver por conta própria (...) Eu acho que a principal é essa porque partimos de um momento em que temos um tecto e alimentação garantida que são os bens básicos e passamos para um momento em que isso depende de nós e para depender de nós, como é óbvio, é a parte financeira (...) eu tive de trabalhar (...) Não parte tanto da instituição parte mais do próprio estado português, do próprio governo e das instituições públicas (...) Não imagino que a Comunidade possa fazer mais do que faz que é durante o período em que as pessoas estão lá. Chega o período de sair, por muito que queiram também não têm muitas possibilidades de ajudar essas pessoas. Podem ter alguma facilidade como instituição e com o pessoal técnico deveria ter e não tem alguma facilidade em comunicar e tratar dessa burocracia, dar algum apoio a esse nível. Esse se calhar deveria ser o ponto a melhorar (...)” (Suj.F).

apoio habitacional

Uma outra sugestão lançada pelos sujeitos (Suj.M, Suj. P, Suj.B) refere-se à habitação. Isto porque, como já foi referido, alguns jovens não dispõem de suporte familiar, necessitando por isso de habitação para se poderem orientar autonomamente. Na narrativa destes sujeitos são evidentes críticas às políticas do governo e ao sistema de protecção de menores na medida em que, para proteger as crianças, retira-as da família de origem acolhendo-as numa instituição, mas após a saída destas não disponibiliza nenhum tipo de apoio ou suporte habitacional, acabando estas por regressarem à sua família de origem, mesmo que esta não tenha condições de recebê-los. De

referir que o sujeito P e o sujeito B mencionam ser importante a existência de um espaço residencial de transição para os jovens como forma de preparação, orientação e acompanhamento para a sua vida independente:

“ (...) não tinha casa (...) foi assim um bocado...A certa altura a [directora] virou-se para mim e disse que eu tinha de arranjar um quarto e eu pensei: mas como, como é que eu vou arranjar um quarto? (...) eu acho que não faz sentidos os tribunais, o sistema de segurança social, as assistentes sociais tirarem as crianças à família e depois daí a uns anos saem e voltam para lá. Não faz nexo, não tem lógica; é o que acontece muitas vezes (...) ou então mandá-las embora e subsidiar uma casa entre seis ou quatro meses até arranjam emprego (...) ” (Suj.B).

“ (...) [o] estado dá casas a tantas pessoas casas, algumas que precisam outras que não precisam tanto mas as principais pessoas abrangidas deviam ser estas pessoas (...) ” (Suj.M).

“ (...) havia de ser...os que estão para sair...sair devagar...não é...agora já estás aí...resolve (...) se saem...se têm de sair daqui a dois meses...irem para uma casa para começar a ter a própria orientação das coisas (...) ” (Suj.P).

apoio psicológico

O sujeito P sugere a necessidade de existir apoio psicológico aos jovens após a sua saída do Lar, na medida em que se trata de uma fase da vida em que os jovens se encontram potencialmente vulneráveis pela quebra da sua principal rede de suporte social (relações interpessoais do grupo de pares). Para este sujeito a fase de transição foi muito difícil e exigiu muito em termos emocionais considerando, por isso, essencial promover o bem-estar psicológico dos jovens que saem da instituição para que estes consigam fazer face aos desafios que se colocam no âmbito do seu processo de autonomização. O reforço ao nível do apoio psicológico não se aplica somente durante o acolhimento; existem sujeitos que consideram fundamental este apoio na preparação para a saída e no acompanhamento pós-saída:

“ (...) falta de apoio mesmo...até se calhar só para falar (...) eu acho que essa era a falta que eu senti mais porque depois eu vim cá para fora e senti-me um bocadinho...enquanto eu não me ambientei senti-me um bocadinho (...) suporte psicológico...não é? Porque é assim...eu vinha de uma situação muito frágil e acho que o apoio psicológico não faria mal às pessoas que saem da Comunidade (...) ” (Suj.P).

“ (...) Prepará-los para a vida cá fora porque a vida cá fora não é fácil. Preparar como? Ao nível de conversas de pai para filho, há lá pessoas que fazem de pais. Prepará-los com conversas como nós fazemos com os nossos filhos acho que deveriam fazer igual (...) Sei lá, preparar as pessoas, as crianças porque este mundo está difícil e elas não sabem para o que vêm e, quando vêm, enterram-se, há muitos assim. E é uma pena (...) ” (Suj.H).

“ (...) eu acho que as pessoas que iam para lá e que tinham problemas deviam ter uma pequena preparação para enfrentar a sociedade cá fora (...) acho que devia de haver uma preparação para a saída (...) ajudar as crianças a tirar aquela mágoa que sentem dos problemas porque elas foram para lá com problemas (...) ” (Suj.I).

apoio na procura de emprego

Uma outra sugestão que merece destaque no período de transição mencionada pelo sujeito B diz respeito ao apoio na procura de emprego. Após a saída muitos jovens ficam entregues a si próprios, por isso, o apoio ao nível da sua integração profissional constituiria um recurso

fundamental para ajudá-los no seu processo de autonomização e transição para a vida independente:

“ (...) mandaram-me embora sem ter emprego (...) Acho que a Comunidade e a segurança social devem arranjar acordos para não mandarem os jovens embora assim, sem ter pelo menos um emprego (...) acho que isso é um grande problema das instituições, pelo menos na Comunidade (...) Isso acho que foi uma dificuldade que eu tive (...) tive de arranjar emprego para me auto sustentar (...) a maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...)” (Suj.B).

apoio social

O apoio social aos jovens no período de autonomização é outra sugestão de mudança apresentada pelo sujeito J. De acordo com este jovem - adulto era importante proporcionar acompanhamento e orientação social aos jovens com o intuito destes poderem vislumbrar novas oportunidades e alternativas de vida:

(...) é assim...não queres estudar então vás embora e se vai embora para onde é que ele vai? Vai para a rua e na rua o que é que faz? Mete-se na droga ou se for uma mulher prostitui-se. E é assim que acontece, já se repetiram lá casos assim, de crianças muito problemáticas que saíram de lá piores e estão num mundo onde ninguém deseja estar (...)” (Suj.J).

As sugestões apresentadas pelos participantes no sentido de melhorar o acolhimento institucional para as crianças e jovens, algumas delas vão de encontro às sugestões apresentadas pelos jovens do estudo de Quintães (2009), nomeadamente, ao nível da qualificação dos recursos humanos, da motivação e gosto dos profissionais em trabalhar com crianças e jovens, da necessidade de proporcionar às crianças e jovens a aquisição de competências várias para a sua autonomia de vida e de um maior apoio no período pós-acolhimento. Estes aspectos anunciados pelos próprios actores que vivenciaram a experiência de institucionalização, que necessitam de ser melhorados ao nível do acolhimento institucional e do contexto pós-institucional, são também referenciados pela literatura que tem vindo a ser realizada sobre este assunto (Department of Health, 1992, cit. Martins, 2004; Martins, 2005; Casas, 1993, Broa, 1998, cit. Quintães, 2009).

4.2.8 O significado da instituição no percurso de vida dos sujeitos

Quando interrogados sobre o **papel da instituição na configuração das suas vidas actuais**, os sujeitos fazem uma **apreciação tendencialmente positiva**, atribuindo-lhe grande relevo tanto ao nível do seu desenvolvimento individual como social.

Ao **nível do desenvolvimento individual**, dos quinze sujeitos que se pronunciaram a este respeito, **a maioria (12)** (cf. anexo 4) **tem uma percepção positiva** acerca da influência da instituição salientando que esta foi um marco na sua infância e adolescência, um espaço de abrigo, acolhimento e protecção que permitiu o desenvolvimento da sua personalidade. Por outro lado, a

passagem pela instituição, de acordo com a percepção dos sujeitos, permitiu alterar as condições de vida do seu *background* familiar, promovendo uma mudança no destino, influenciando assim a sua situação actual de vida. A experiência de viver num espaço com crianças e jovens que possuíam diversas problemáticas foi referenciado, por alguns jovens - adultos, como um factor que ajudou a relativizar a sua própria situação. Estes resultados parecem corroborar algumas das vantagens ou potencialidades que os cuidados residenciais podem proporcionar identificadas por Zurita e Fernandez del Valle (1996, cit. por Quintãns, 2009).

a) marco na infância e na adolescência:

" (...) marcou a minha adolescência (...) e depois porque cresci lá (...) foi a minha adolescência, foi desde criança (...)" (Suj.A).

" (...) Apanhou-me a parte da adolescência, seja como for essa altura é marcante para todos (...) foi a minha adolescência (...)" (Suj.F).

" (...) Foi a minha vivência lá e a minha experiência (...) Eu encaro aquilo como uma experiência de vida, como uma lição (...) Depois como uma experiência e, sendo uma experiência, eu considero das experiências melhores que eu já tive na minha vida (...)" (Suj.C).

b) um abrigo:

" (...) Acho que foi um Lar de acolhimento (...) acolheu-me (...) Acho que foi o melhor. Sinceramente! (...) Acho que obrigou-nos a crescer mais rápido (...)" (Suj.B).

" (...) se eu não tivesse vindo para a comunidade se calhar como seria a minha vida hoje e tenho a certeza que seria muito pior, muito pior mesmo (...) tinha continuado a ser maltratada e mais do que isso (...)" (Suj.P).

" (...) eu só agradeço por me terem criado e pronto (...) saímos de lá com um ensino totalmente diferente porque nós temos de cuidar, a partir de uma certa idade, temos de cuidar dos mais novos e só isso dá que uma pessoa desenvolva não é? E que tenha mais obrigações porque no meu caso, pronto eu fui lá criada não é? (...) la ser uma miséria. Pelos pais que eu tive, que eu tinha, pais pobres, bêbados, devia ser uma miséria porque eu olho para a minha irmã mais velha e o meu irmão mais velho (...) eu acho que não era ninguém (...)" (Suj.O).

c) relativização dos problemas:

" (...) da minha parte considero positiva porque (...) nunca falhei com os meus objectivos, pelo menos durante o tempo que lá estive e acho que isso contribuiu muito, o facto de olhar para uns, às vezes motivava-me ver que, pensar em mim, eu não quero ser isto, eu tenho capacidades para mais e a minha vida não é isto eu consigo ser mais do que isto. Acho que isso ajudou-me muito (...) acho que isso ajudou-me a crescer muito (...)" (Suj.E).

" (...) Ainda bem que aconteceu, se calhar a essa hora não sei qual seria o meu destino (...) Eu acho que para mim a instituição foi muito importante porque fez-me se calhar abrir os olhos (...)" (Suj.D).

" (...) No fundo o que a instituição me deu, o que mais me ensinou foi eu aprender a ver que há sempre pessoas que estão piores do que eu; eu nunca sou a pior do mundo e isso é que faz com que a pessoa continue a viver e a ter força para seguir; é que há sempre alguém a passar fome e neste momento eu não estou, pessoas que não têm o que vestir, pessoas que têm pais que os espancam, que os maltratam, que andam no mundo da droga com 12, 13 anos. Eu acho que isso tudo é pior do que aquilo que eu passei; então isso tudo ajuda uma pessoa a ter força para seguir; no fundo nós aprendemos isso lá (...) E nós todos os dias ao vermos situações diferentes da nossa, nós estávamos a ver que não éramos os únicos a termos problemas (...) Há pessoas com mais problemas que nós e isso ajuda a que, apesar de não resolvermos o nosso problema, tentamos ajudar os outros também, aprendemos a partilhar a dor, o sofrimento uns com os outros. E acho que isso é muito bom (...) foi uma outra oportunidade que a vida me deu ter ido para o colégio e ter tido quem me apoiasse, quem me educasse (...) Eu resumo a minha

passagem pela instituição como a salvação da minha vida. Custa-me um bocadinho falar sobre isto (choro) (...) Para mim aquilo era a minha família (...) No fundo parece que eu nunca tinha estado em mais lado nenhum (...) (Suj.J).

" (...) aprendi a dar mais valor ao que eu tenho hoje. Eu aprendi...por exemplo...nunca tive carinho...dou carinho aos meus filhos hoje, nunca tinha tido uma casa e eu trabalhei para ter. Eu dou valor a essas coisas, às pequenas coisas que eu tenho...aos meus filhos, ao meu marido porque praticamente somos só nós os quatro...não temos mais ninguém. Eu vejo assim, sou eu, o meu marido e os meus filhos. Não tenho mais ninguém (...) " (Suj.N).

d) construção da personalidade:

" (...) eu aprendi lá muita coisa (...) o papel da comunidade foi fundamental na minha vida, na minha personalidade, na minha maneira de ser e foi a comunidade que me ajudou e se não fosse a comunidade não era o que sou hoje de certeza absoluta (...) para mim foi uma mais valia estar na comunidade (...) " (Suj.P).

" (...) teve um papel fundamental, positiva, na construção da minha personalidade (...) " (Suj.G).

(...) A Comunidade significou muito porque nos anos que eu lá estive foram anos de formação pessoal (...) foi na Comunidade que eu tive as crises de adolescência (...) tive o meu primeiro namoro (...) formou-me como pessoa. Se calhar sou organizadinha, tenho as tarefas, consigo trabalhar e tenho alguma independência agora porque estive lá. Se estivesse com os pais biológicos, se calhar não era assim (...) Acho que eles dão uma preparação, ao início ensinam, tentam ensinar as crianças a serem independentes (...) Foi na Comunidade que eu aprendi a ser independente (...) Eu já disse à minha mãe biológica, agradeço por me teres lá colocado. Se calhar hoje, sei lá, tinha para aí, três ou quatro filhos e não sei de quem, andava a lavar casas, não sei. Acho que se não fosse a comunidade, se calhar estava pior (...) mesmo sendo um Colégio há aquelas pessoas que têm uma imagem muito má dos Colégios, para mim se não fosse a Comunidade eu não teria sido tão feliz. Acabei por ser feliz na Comunidade, é engraçado (...) " (Suj.L).

Importa também referir que **três sujeitos** (Suj. M, Suj.I, Suj.H) **revelam nas suas produções verbais alguma ambivalência em relação ao significado atribuído à instituição**, identificando, por um lado, **aspectos positivos** acerca da influência da instituição na sua **segurança e protecção, na sua personalidade, na educação, na condição social**. Por outro lado, identificam também **aspectos negativos como os castigos** de que foram objecto, a aprendizagem da indiferença e da injustiça, a vivência de uma experiência que não foi boa:

" (...) Custou-me um bocado, mas foi bom, foi bom (...) aprendi a ser gente porque não ia ser no meio da rua que havia de ser gente, não é? Nós sabemos que a vida não é assim. Levei porrada quando tinha de levar (risos), umas palmadas porque a educação é feita dessas coisas, levei castigos quando os tinha que levar também me deram carinho quando o tinha de levar (...) ali influencia muito a maneira como somos educados, aprendemos a falar com as pessoas, isto tudo eu penso que partiu de lá (...) acho que o significado é o mesmo ao de uma família. É o que eu sinto (...) eu, todos os dias, paro para pensar o que é que seria de mim se eu não tivesse entrado para a Comunidade, nesta altura, devia andar na prostituição, sei lá, na droga, sim porque é o fim de muitas pessoas sem pais que vivem na rua, não sei, até podia ter sido esse o meu fim mas não foi (...) Acho que foi essencial; foi frutífero; foi importante. Porque sabe Deus, caso eu não fosse para lá eu hoje não sei qual seria o meu futuro mas de certeza que não tinha estudado (...) Sabe Deus a minha vida agora, andava por aí (...) " (Suj.H).

" (...) Vivi grande parte da minha infância, logicamente que tinha de ter um impacto sob a minha vida (...) foi mais um caminho que eu tive de percorrer não foi algo que tivesse de marcar a minha vida (...) Para mim foi uma passagem, algo que teve de acontecer. Eu tinha de estar ali. Para mim foi normal, teve de acontecer, eu tinha de lá estar (...) Para mim foi uma fase da minha vida, não foi algo que tivesse impacto positiva ou negativa. Foi um percurso que tive de fazer (...) Ali só aprendi a injustiça, a indiferença, entre outras coisas. Porque houve lá algumas situações menos...eu fechava-me no meu próprio mundo, já sabia que aquilo era assim e não havia mais nada...Hoje não, hoje sei que há mais alguma coisa e que não preciso de ter medo ou de viver com traumas de infância porque existe mais (...) eu considero que a

Comunidade Juvenil foi um abrigo para situações menos boas que poderiam ter acontecido se eu continuasse com os meus pais (...)” (Suj.M).

“ (...) Pelo menos não tive maus-tratos (...) Supostamente o meu pai acabaria por ter abusado de mim (...) não acabaria os maus-tratos, a pancada, a fome e essas coisas todas. (...) tinha casado ali com alguém da aldeia ou tinha engravidado de alguém da aldeia. Supostamente era isso que acontecia (...) mas se eu lhe disser que aprendi alguma coisa, não (...) Não vou dizer que foi uma boa experiência, não foi boa, não gostei de lá estar (...)” (Suj.I).

Dos onze sujeitos que mencionaram a influência da instituição no seu desenvolvimento social, a maioria (8) também tem uma percepção positiva destacando o contributo do Lar no seu processo de socialização, nomeadamente, na sua formação escolar e profissional, na aquisição de competências sociais, enriquecimento do relacionamento interpessoal e integração profissional:

“ (...) Fiz lá muitas amizades, diverti-me imenso (...) O convívio; aquilo era uma coisa fantástica. Era mesmo! (...)” (Suj.A).

“ (...) ajudou tal como uma família ajuda para mais tarde os filhos serem inseridos na sociedade, foi o que a instituição foi para mim (...) Acho que foi boa. Deram-nos uma oportunidade na vida para a gente estudar, tirar um curso (...) preparou-me para o futuro, para o mercado de trabalho, para fazer as nossas vidas (...)” (Suj.B).

“ (...) Muito importante (...) fez-me (...) pensar não só em mim mas pensar nas pessoas que me rodeiam e antes de ter qualquer tipo de comportamento ou atitude parar e pensar que ara além da minha pessoa existem mais pessoas (...)” (Suj.D).

“ (...) Acho que foi bom, o facto de ter passado por lá, ajudou-me a compreender melhor as pessoas, saber compreendê-las e quem sabe talvez ajudá-las. Por que eu antes não tinha essa noção das pessoas terem problemas e disponibilizar o meu tempo para ouvir e tentar ajudar (...) Se não tivesse passado por lá talvez não daria importância às pessoas, não queria saber dos problemas dos outros (...)” (Suj.E).

“ (...) foi marcante pela instituição em si, pela convivência que proporciona com outros jovens da mesma idade, mais velhos e mais novos, de ambos os sexos. (...) poder conhecer pessoas de outras culturas (...) de diversas circunstâncias familiares, de todo o país (...) com outras experiências (...) ajuda-nos a falar facilmente com as pessoas e a socializar (...) Essa parte é a parte mais importante da instituição (...) deu-me capacidade de falar com as pessoas, de socializar mais (...) do que se estivesse num ambiente familiar normal (...)” (Suj.F).

“ (...) teve um papel fundamental, positiva (...) no percurso formativo e educacional (...) ao nível dos meus estudos (...) Esperava que dali pudesse sair algum futuro bom para a minha vida, a nível de educação, esperava mais tarde que pudesse sair dali já a trabalhar e por acaso veio a acontecer...no fundo esperava dali uma orientação porque eu sabia que não tinha solução voltar para a aldeia, voltar para a aldeia era voltar para o zero e dali não poderia vir nada de bom e daí que eu me aplicasse sempre e me empenhasse para que pudesse...quando saísse tivesse êxito em todo aquele percurso e o que veio acontecer...o que não aconteceu com todos...mas de qualquer modo...o meu percurso teve um final feliz (...)” (Suj.G).

“ (...) Estudei, fiz o 12.º ano, não concluí mas estudei durante a minha permanência lá (...) E acho que foi essencial a minha vida lá (...) não tinha tido as experiências que tive, em questão de férias porque as crianças querem ter férias em conjunto com outras pessoas, querem relacionar-se com outras pessoas, perceber as coisas e porque é que acontecem, não tinha (...) Fiz amigos (...)” (Suj.H).

“ (...) agradeço (...) por me terem dado a oportunidade de ter estudado porque se fosse na rua eu não estudava, digo obrigada por isso (...)” (Suj.O).

Importa destacar três sujeitos (Suj.I, Suj.M, Suj.N) que revelam alguma ambivalência relativamente ao significado e à influência que o Lar teve nas suas vidas. Se, por um lado, a

instituição constituiu um **factor determinante de protecção, desenvolvimento, aprendizagem e integração social**, por outro, os sujeitos **lamentam as experiências negativas e a ausência de experiências consideradas fundamentais para o seu bem-estar e desenvolvimento futuro**:

“ (...) não sei, se calhar foi a melhor coisa que eles fizeram (...) o meu pai alcoólico, a minha mãe alcoólica (...) hoje vendo assim, mais claramente, esta se calhar foi a melhor solução (...) o que ia ser o meu futuro? (...) Eu esperava que a instituição (...) me desse uma educação completa (...) Eu aprendi o que eu sei hoje foi com os erros e as asneiras (...) levei muito pontapé na vida e a gente vai crescendo assim (...) muita gente não caiu na má vida porque não calhou...ali naquela casa (...) Teve muita coisa boa, eu penso, eu não convivi com os meus pais, com a família mas convivi com meninos que passaram como eu ou mais que eu e então com essa convivência...foi com isso que eu aprendi a lidar (...) aprendi a dar mais valor ao que eu tenho hoje (...) aos meus filhos, ao meu marido (...) eu digo ao meu filho, ele é pequenito mas eu digo faz o bem e não olhes a quem (...) na instituição eu aprendi que todos somos humanos que temos de olhar uns pelos outros e que não podemos ser egoístas, temos de dar também (...)” (Suj.N).

(...) Vivi grande parte da minha infância, logicamente que tinha de ter um impacto sob a minha vida (...) Para mim foi uma fase da minha vida, não foi algo que tivesse impacto positiva ou negativa. Foi um percurso que tive de fazer (...) Ali só aprendi a injustiça, a indiferença, entre outras coisas (...) eu fechava-me no meu próprio mundo (...) hoje sei (...) que não preciso de ter medo ou de viver com traumas de infância porque existe mais (...) eu considero que a Comunidade Juvenil foi um abrigo para situações menos boas que poderiam ter acontecido se eu continuasse com os meus pais (...) Não. Não teve nenhuma influência de maneira nenhuma (...) Tudo aquilo que eu tenho não recebi, não foi dado, foi ganho com muito esforço, não teve qualquer tipo de influência aquilo que vivi no passado (...) a única coisa de valor que eu adquiri lá foi os conhecimentos escolares, mais nada (...)” (Suj.M).

“ (...) Pelo menos não tive maus-tratos (...) Supostamente o meu pai acabaria por ter abusado de mim (...) não acabaria os maus-tratos, a pancada, a fome e essas coisas todas. (...) mas se eu lhe disser que aprendi alguma coisa, não (...) Não vou dizer que foi uma boa experiência, não foi boa, não gostei de lá estar (...)” (Suj.I).

Da análise verifica-se que as **opiniões dos sujeitos convergem** em determinados aspectos relativos à experiência de institucionalização: **no impacto da chegada, na adaptação, na forma como percebem a organização do Lar e a sua filosofia de funcionamento, no papel que o Lar teve no período de transição, na iniciativa de saída, na imagem actual que têm sobre o Lar, nas sugestões de mudança importância da instituição na vida dos sujeitos em termos individuais e sociais**. Denota-se também a existência de **uma pluralidade de sujeitos, que traduzem diferentes vivências e entendimentos da instituição e do seu papel**, revelando que apesar dos jovens terem vivenciado no mesmo contexto institucional, **a experiência de acolhimento foi vivenciada de forma diferente** e por isso teve um significado também diferente, tendo em conta a influência de determinados factores: **as próprias características pessoais, capacidades e competências individuais e sociais, a qualidade dos relacionamentos interpessoais estabelecidos dentro do Lar (com os seus pares, profissionais, outros) e a rede de apoios formais e informais que tiveram durante o acolhimento e no período pós-acolhimento**.

4.3 Outros significativos

“(…)ele[*o tio*] deve ser um segundo Deus para mim porque o meu pai faleceu e ele fez de pai, fez de irmão, fez de tio, fez de tudo e penso que ele não tem obrigação de fazer isso (...)acho que lhe devo um grande obrigado e, se tudo correr bem, espero um dia, não sei, não digo pagar-lhe mas ver os objectivos traçados serem concluídos para que ele se possa sentir –se realizado e satisfeito pelo esforço que tem vindo a fazer comigo até então (...)” (Suj.E).

4.3.1 Pessoas significativas

Procurámos perceber se ao longo do percurso de vida dos sujeitos existiram pessoas significativas (família de origem, nova família e amigos) e qual o papel que desempenharam, ou seja, quisemos identificar se os sujeitos beneficiaram de uma rede informal de apoio e qual o seu significado.

4.3.2 Família de origem

Com o intuito de nos revelarem um pouco dos seus antecedentes e *background* familiar, inquirimos os sujeitos relativamente aos familiares com quem viviam antes de entrar para o Lar, aos motivos que estiverem na origem da sua institucionalização, aos contactos que estabeleceram com a sua família de origem durante o acolhimento e à percepção que os sujeitos fazem do papel que esta desempenhou no seu percurso de vida.

4.3.2.1 Características da família de origem

Das narrativas conseguimos identificar que os sujeitos eram provenientes de: *família nuclear*, *família monoparental*, *família reconstituída* e *família alargada*. A **família nuclear é a predominante**, como podemos constatar no quadro que se segue.

Quadro 5: Tipologia familiar

Tipologia familiar	Antes		
	Exemplos	Sujeitos	Total
Nuclear	“(…) Os meus pais separaram-se e a minha mãe não tinha condições para ficar comigo (...)” (Suj.A)	F, G, H, M, N, O, P	7
Monoparental	“(…) os meus pais separaram-se eu tinha cinco anos e a dada altura a minha irmã foi viver com a minha mãe (...)” (Suj.B)	A, B, I, L	4
Reconstituída	“(…) Eu morava com o meu pai e a minha mãe e tínhamos um outro irmão, que era de um outro relacionamento do meu pai (...) tinha mais irmãos (...)” (Suj.J)	D, J,	2
Alargada	“(…) O meu pai faleceu eu ainda era muito novo, tinha dez, onze anos, sou o irmão mais velho dos meus irmãos todos, para o meu tio facilitar a tarefa à minha mãe, tirou-me a mim e fui ficar com ele e os meus irmãos mais novos ficaram com a minha mãe (...)” (Suj.E)	C, E	2

Constatámos ainda que alguns dos jovens – adultos são também órfãos de pai e de mãe (Suj O e Suj.N), órfãos de mãe (Suj. F e Suj.M), órfãos de pai (Suj. E e o Suj.H). É de referir também que os sujeitos na sua maioria são provenientes de famílias numerosas, com três ou mais irmãos (quadro 6).

Quadro 6: número de irmãos

Antes		
N.º irmãos	Frequência	Total
1-2	A, B, I, H	4
3-4	E, F, J, L, M, P,	6
> 4	C, D, N, O	4

No que diz respeito aos motivos que os sujeitos referenciaram como estando na **origem da sua entrada para a instituição** foi possível identificar uma variedade de **problemas sócio familiares: pobreza, maus-tratos, abandono, guerra, deficiência sensorial, alcoolismo na família, toxicodependência dos pais, disfuncionalidade familiar, problemas psicológicos na família**. Estes resultados são congruentes com os resultados dos estudos efectuados a nível nacional (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009). Da análise observa-se que alguns sujeitos fizeram referência a mais do que um motivo, o que demonstra a complexidade do ambiente familiar em que viviam e a multiplicidade de factores envolvidos na tomada de decisão para a institucionalização dos sujeitos. Denota-se que **a pobreza é o problema sócio familiar mais frequentemente mencionado pelos sujeitos** (10), seguindo-se o **alcoolismo na família** (4) e os **maus-tratos** (4), bem como os **problemas psicológicos na família** (3) e a **disfuncionalidade familiar** (3). Também merecedor de especial destaque é o facto da instituição ter iniciado o seu trabalho com crianças e jovens do Instituto de Cegos em Coimbra (onde observamos que o sujeito G identifica o problema da deficiência sensorial como o motivo da sua institucionalização) e crianças e jovens das ex-colónias, nomeadamente da Guiné (são os casos dos sujeitos D e E que identificam a guerra como um dos motivos da sua vinda para Portugal e entrada no Lar). (quadro 7).

Quadro 7: motivos sócio familiares da institucionalização

Motivo	Antes		
	Exemplos	Frequência	Total
Pobreza	<i>" (...) Os meus pais não tinham possibilidades de ter a mim e a minha irmã (...)" (Suj.F)</i>	A, B, C, E, F, J, L, M, N, O	10
Guerra	<i>" (...) Na altura quando vim para Portugal (...) Isso foi em noventa e oito quando começou a guerra, a minha família resolveu mandar-nos para cá (...) estavam a recrutar as pessoas e a minha família achava que isso iria prejudicar-nos ao nível escolar e achou que o melhor era afastar-nos e tentar vir estudar para Portugal (...)" (Suj.D)</i>	D, E	2

	<i>" (...) na altura havia a guerra lá na Guiné, foi em noventa e oito (...) as aulas tinham começado ou estávamos de férias não me lembro bem e como não sabiam o tempo que aquilo ia durar o meu tio pensou que em vez de estarmos à espera que acabe, não acabe, porque não sabíamos ao certo se realmente ia acabar ou não, resolveu nos mandar para cá (...)" (Suj.E)</i>		
Necessidades educativas especiais	<i>" (...) se eu não tivesse uma deficiência eu nunca tinha vindo ali parar...isso (risos) não tenho qualquer dúvida disso, mesmo sabendo que...evidentemente que a instituição tinha outras crianças sem deficiência, mas por outro lado tinham problemas de família, ou eram órfãos, ou famílias muito carenciadas e que não os podiam ter ou filhos de imigrantes. Numa primeira fase aquilo começou com filhos de imigrantes. Portanto eu não me encaixava em nenhuma dessas situações...eu foi exclusivamente a deficiência obrigou-me a vir parar ao... senão eu nunca (...)" (Suj.G)</i>	G	1
Alcoolismo na família	<i>" (...) Todos os dias uma bebedeira (...) O meu pai era alcoólico (...)" (Suj.H)</i>	H, N, O, P	4
Maus – tratos	<i>" (... Todos os dias um enxerto de porrada (...)" (Suj.H) " (...) Os motivos foram os maus-tratos e uma tentativa de violação por parte do meu pai. Eu dei queixa do meu pai mas não consegui provar nada (...)" (Suj.I) " (...) eu vim para Comunidade porque eu fui violada pelo meu pai...e eu estava grávida (...)" (Suj.P) " (...) ele [o irmão] acabou por abusar das minhas irmãs mais velhas, nós somos quatro, comigo quatro. Desses abusos surgiu uma criança da minha irmã mais velha, que era dele (...)" (Suj.J)</i>	H, I, P, J	4
Problemas psicológicos na família	<i>" (...) ela [a mãe biológica] era meio maluquinha (...)" (Suj.L) " (...) as minhas irmãs têm alguns problemas psicológicos e não sei como é que eu também não estou enrolada no meio (...)" (Suj.J)</i>	J, L, O	3
Disfuncionalidade familiar	<i>" (...) O motivo foi que eu estava numa família (...) problemática ao nível de relacionamentos uns com os outros (...) houve ali um conflito muito grande, entraram em confronto um com o outro e o meu pai matou o meu irmão (...)" (Suj.J) " (...) [o pai] Apagava as luzes do contador de casa para eu não estudar (...)" (Suj.H)</i>	J, H, M	3
Toxicod dependência na família	<i>" (...) Eu tinha uns pais que se envolveram com a toxicod dependência (...) era difícil uma pessoa que vive dependente de drogas conseguir tratar adequadamente os seus filhos (...)" (Suj.M)</i>	M,	1
Abandono	<i>" (...) Fui abandonada pela minha mãe biológica (...) Ela tinha os filhos e deixava-os em casa da minha avó (...)" (Suj.I)</i>	L	1
Total			29

Tendo em conta a experiência de institucionalização dos sujeitos, considerámos relevante inquirir os mesmos sobre a existência de casos de acolhimento institucional na família. Das produções verbais identificamos que a maioria teve ou ainda tem familiares institucionalizados. Somente dois sujeitos (Suj. L e Suj.H) não fazem referência sobre este assunto (quadro 8).

Quadro 8: casos de acolhimento institucional na família

	Sem referência a historial	Com historial		Total
		Durante o acolhimento	Actualmente	
Sujeitos	L, H	A, B, D, E, F, I, J, M, P	C, E, J, M, P	
Total	2	9	5	15

4.3.2.2 O papel da família de origem no percurso de vida dos sujeitos

Depois de conhecermos o contexto familiar de origem dos jovens - adultos interessa agora, saber qual a percepção que os sujeitos têm sobre o papel que a família desempenhou nos diferentes momentos da sua vida.

antes da entrada para o Lar

Da análise, verificamos que, no período que antecede a sua entrada para a instituição, só o sujeito E faz referência à família de origem atribuindo-lhe uma apreciação ambivalente (cf. anexo 4), ou seja, por um lado, considera que a sua entrada tardia para a escola deve-se à ausência de interesse e motivação escolar por parte dos seus pais, nomeadamente, do progenitor, mas por outro lado, faz referência ao papel importante que o seu tio desempenhou após o progenitor ter falecido:

“(...) acho que o facto dele [o pai] não ter estudado muito, acha isso contribuiu para que ele não quisesse deixar que o filho fosse para a escola. Porque se fosse na situação do meu tio, certamente, já estaria formado há muitos anos e não estou a atribuir responsabilidades a ninguém, é o meu ponto de vista. A minha mãe também não se preocupava muito; eles não dão importância à escola e eu acho que, maioritariamente, nos países africanos os pais que não estudam não levam em conta, não se interessam se filhos vão ou não para a escola, para eles é-lhes indiferente (...) eu entrei muito tarde, por culpa dos pais, mais do meu pai (...) ele [o tio] deve ser um segundo Deus para mim porque o meu pai faleceu e ele fez de pai, fez de irmão, fez de tio, fez de tudo e penso que ele não tem obrigação de fazer isso (...)” (Suj.E).

durante o período de institucionalização

Das narrativas dos sujeitos observamos que a **presença da família de origem** (nomeadamente dos progenitores) durante o período de acolhimento, foi pouco evidente (cf. anexo 4). As visitas eram escassas, ocorrendo com alguma frequência, sobretudo, no **período inicial de acolhimento**. O relacionamento familiar estabelecia-se, essencialmente, através das visitas que os sujeitos faziam aos fins-de-semana, feriados e nos períodos de férias (Páscoa, Verão e Natal):

“(...) Recordo-me que o meu pai veio cá mais no início, nos primeiros tempos. Ainda veio cá uma vez ou duas visitar (...)” (Suj.G).

“(...) durante aqueles anos em que lá estivemos ela [a mãe] foi lá, pelo menos 3 vezes, telefonava (...)” (Suj.I).

“(...) O meu pai não ia à instituição porque ele trabalhava durante a semana e ao fim de semana a gente vinha para casa sempre quando podíamos...A minha mãe foi visitar uma vez em Cantanhede (...)” (Suj.N).

“(...) O meu pai ia lá só levar-me quando eu ia passar o fim-de-semana, ele ia lá levar (...)” (Suj.O).

“(...) A minha mãe ia (...) quando começou a ter condições eu ia passar os fins-de-semana, férias e feriados; ficava com ela e o meu irmão mais novo (...)” (Suj.A)

É merecedor de destaque o envolvimento e os laços afectivos demonstrados, neste período, por parte de alguns elementos da família alargada (tios, padrinhos, avós) de alguns sujeitos (Suj.F, Suj.C, Suj.H, Suj.M):

“ (...) Os meus pais iam lá muito poucas vezes, quem ia mais era a minha avó e a minha tia. De resto não (...)” (Suj.M).

“ (...) ele [o tio] ia-nos visitar sempre, ele vinha da Guiné, de seis em seis meses ele ia lá visitar, ficava pelo menos um dia connosco a conversar sobre o que tínhamos feito, o que correu de mal, o que não correu, conversávamos todos e isso foi uma força (...)” (Suj.E).

“ (...) fui acompanhado durante as férias, tínhamos as férias que vínhamos passar com a família (...) sempre vim a Lisboa desde os dez anos, vinha passar as férias com a família, nas férias da Páscoa, do Verão, do Carnaval, no Natal, sempre passei bastante tempo em Lisboa nunca me afastei completamente de Lisboa. Meus tios, meus avós, vínhamos todos, vinha a minha irmã e o meu irmão (...)” (Suj.F).

“ (...) Quando eu estava na instituição quem me ia visitar, era a minha tia que estudava aqui, as outras como estavam longe, às vezes era muito complicado virem aqui. Mas aquela minha tia que estava aqui até ia visitar (...)” (Suj.C).

“ (...) os tios e os padrinhos apoiaram enquanto eu lá estive, iam-me buscar (...) Eram raras as vezes que ele [o pai] lá ia. Ao princípio quando eu fui para lá ele ia muitas vezes (...) tinha uma relação próxima com o meu padrinho, o irmão do meu pai, ele trabalhava mesmo ao lado do colégio, entre a Comunidade e a escola D. Dinis. Ao fim de semana, à sexta-feira, lá ia eu, saía da escola e ia ter com ele para passar o fim-de-semana (...)” (Suj.H).

Também os sujeitos (Suj.D e Suj.C) mantinham pouco contacto com a sua família de origem, referenciando algumas viagens que efectuaram ao seu país para visitar a família de origem:

“ (...) Sim, fui lá umas duas vezes, como sabe a viagem não é propriamente barata (...) no primeiro mês queria voltar para a Guiné, estava farto de Portugal, não era o meu mundo. E claro, foram-me incentivando, a família (...)” (Suj.D).

“ (...)” (...) A minha mãe não ligava porque ela nunca soube o número do Colégio, quando soube era complicado, essas coisas de ligar de lá para cá, só agora, antes eram mais as pessoas daqui da Europa que ligavam para lá (...) minha mãe só conheci aos vinte e um anos porque nunca tinha regressado lá, quer dizer ela conheceu-me até aos dois anos, só que são imagens que desaparecem nas crianças. Eu fui lá ao Senegal ver a minha mãe, o resto da minha família, os meus irmãos, só que o meu pai não cheguei a conhecer na mesma (...)” (Suj.C).

O sujeito N é o único que descreve que estava diariamente com o seu progenitor, um vez que este vivia próximo do Lar e faz uma apreciação positiva do tipo de relação que mantinha com o mesmo:

“ (...) eu via o meu pai constantemente porque era perto...do Colégio a gente dava uma escapadela e íamos a casa...Era boa...claro contente. Todo contente sempre (...) Foi muito importante essas visitas assim (...)” (Suj.N).

Um outro aspecto que merece a nossa atenção diz respeito aos testemunhos de dois sujeitos (Suj. P e Suj.J) que revelam a existência de situações em que o relacionamento com a família de origem estava interdito por imposição do tribunal de menores:

“ (...) tive muito tempo sem ninguém me vir ver...muito tempo mesmo (...) eu vim em Novembro...vieram me ver em Maio ou Junho, vários meses (...) não podia haver, porque ele estava a perseguir-me e não podia saber onde é que eu estava. Por isso eu não podia contactar a minha família (...)” (Suj.P).

“ (...) Depois, passado um ano, é que a minha mãe soube onde é que eu estava porque na altura não lhe disseram para onde é que eu ia (Suj.J).

No discurso do sujeito O, está patente o vínculo afectivo com o seu progenitor e a importância atribuída às visitas que este lhe fazia e o relacionamento que gostaria de ter estabelecido com este durante o acolhimento mas que não foi entendido pelo Lar:

“ (...) houve um dia no Natal que ele [o pai] apareceu lá, à noite, mas não entrou, ficou ao portão e depois foram-me chamar. E eu fiquei contente porque ele nunca tinha lá aparecido...e numa festa de Natal ele aparecer, eu fiquei contente e chorei (...) Viram-me a chorar, a [directora] tirou logo conclusões erradas, porque o teu pai é mau, teu pai não te merece, nem procurou o motivo porque eu estava a chorar, não quis saber, foi logo assim...mas pronto. Nesse dia estive com ele, depois dele ter saído é que fiquei a chorar (...) eu queria ir a casa do meu pai não me deixaram. Os outros iam e eu não podia ir...porque o meu pai era bêbado e morava sozinho e parecia mal uma menina ir para casa do pai, embora tivessem lá os outros irmãos mas eram rapazes (...) deixou-me ir a casa do meu pai, quando estava lá a minha irmã (...) eu adorava o meu pai (...) ele fazia-me uma festa, havia alturas de eu ficar mal comigo mesma perante os meus irmãos (...) Enquanto eu estive no Colégio (...) morreu o meu pai, fazia-me falta a família (...)” (Suj.O).

Interessa referir que apesar dos contactos e visitas que os sujeitos (Suj. C e Suj.E) efectuavam à família de origem, constata-se que estes não eram suficientes para estreitar a relação e os laços familiares, denotando-se algum desconforto e falta de confiança pelo distanciamento e afastamento inerente ao próprio acolhimento institucional:

“ (...) A minha mãe chegou fui a Lisboa vê-la, tipo fiquei de manhã e à tarde já me queria ir embora, já não estava à vontade porque já não falávamos bem, tinha dificuldades em olhar frente a frente, não sei, não sei isso ainda hoje acontece (...) Eu ia lá de férias duas semanas e não conseguia ficar lá duas semanas porque era muita agitação (...)” (Suj.E).

“ (...) Eu saía de férias, uma, duas semanas e depois acabou (...) Às vezes, passava um ano e ligavam no Natal, no dia de anos e quando eram três vezes era milagre ou era dar uma notícia ruim – fulano está doente ou fulano está no hospital fora isso não ligavam (...)” (Suj.C).

De acordo com sujeitos (Suj. L e Suj.J) podemos observar que os contactos efectuados pela família de origem nem sempre eram positivos, levando-os a vivenciar situações que os fragilizava emocionalmente:

“ (...) houve uma altura que ela [mãe biológica] tentou ligar para a Comunidade. Depois marcava e não aparecia. Eu desisti (...) Aos 18 anos ligou-me e quando fiz 20 anos (...) veio com uma conversa (...) estou tão doente e agora quem vai cuidar de mim? E eu fui assim – o teu filho mais novo, tu ficaste com ele – E ela – Ai coitadinho, não tem nada – Eu disse-lhe – ele que lute, eu também não tenho as coisas de mão beijada. E ela – Então e ninguém toma conta de mim? - E eu, Olha! Devias ter pensado nisso quando deixaste os teus filhos, não? - Ela disse – vou-me matar – No dia em que eu fiz 20 anos ela ligou-me e acabou o telefonema a dizer que se ia suicidar (...)” (Suj.L).

“ (...) Quando eu fui para a instituição o meu pai estava preso, eu sofri bastante ao princípio, porque o meu pai era tudo para mim (...) Isso fez com que eu sofresse muito e chorava muitas noites, às vezes metiam-me de castigo e ralhavam comigo e eu não chorava por isso, chorava porque pensava no meu pai, era tudo assim. Eu ia visitar o meu pai uma vez por mês à prisão, era sempre muito doloroso para mim (...) passado um ano, é que a minha mãe soube onde é que eu estava (...) tive muitos problemas com a minha mãe porque ela ia sempre lá criar confusão, houve vezes que até tiveram de chamar a polícia para ela sair de lá (...)” (Suj.J).

Só o sujeito B faz uma apreciação negativa do papel da sua família de origem devido à ausência de contacto ou relacionamento durante o período de acolhimento:

“ (...) passaram-se Natais, passaram-se Páscoas nem sequer um telefonema, isso conta para o futuro e no presente conta sempre (...)” (Suj.B).

no período de transição e autonomização

São poucos os sujeitos (Suj.F, Suj.M, Suj.N) que fazem uma apreciação positiva do papel desempenhado pela família de origem, no período de transição e autonomização, ou seja, que identificam ter recebido apoio que os tenham ajudado a ultrapassar diversas dificuldades neste período significativo da sua vida:

“ (...) até mesmo depois de sair da instituição (...) Sim, a família ajudou claro na parte financeira (...) Tive o acompanhamento muito próximo dos meus tios, muito do que necessitávamos eram eles que ajudavam (...) as propinas eram a minha tia que pagava (...)” (Suj.F).

“ (...) Eu separei-me do pai dela fez em Fevereiro 2 anos e estive um ano e alguns meses com o meu tio (...) a ajuda dos meus tios foi muito importante, ajudou-me porque eu estava com uma filha desempregada nos braços, não tinha dinheiro para pagar, não tinha nada. Nesse ponto ajudou-me bastante depois pude tomar outras decisões importantes. Sem dúvida que a ajuda dos meus tios foi muito importante, eu não tinha nada para lhes oferecer e eles acolheram-me e permitiram que eu ficasse o tempo que eu quisesse até organizar a minha vida (...)” (Suj.M).

“ (...) eu fui viver com o meu pai e vivi sempre com o meu pai até começar a namorar com o meu actual marido (...) essa fase da minha vida foi uma fase maravilhosa da minha vida porque nunca tinha vivido com os meus pais...quer dizer...com a minha família (...) mais tarde é que tive uma relação óptima com o meu pai, a partir dos meus dezoito anos...melhor não podia ser (...) até ele falecer (...)” (Suj.N).

O sujeito A, faz uma apreciação negativa do papel que os seus tios desempenharam no período de autonomização, na medida em que disponibilizaram ajudá-lo mas o resultado não foi positivo uma vez que o ambiente proporcionado não foi o melhor:

“ (...) quando era para ser internado apareceram os meus tios da Suíça e propuseram-me ir para lá, que me ajudavam nisto e naquilo. Eu fui para lá e não me ajudaram em nada; davam-se mal uns com os outros, discutiam e era um mau ambiente (...)” (Suj.A).

Como já foi referido anteriormente, **no período de acolhimento, alguns dos sujeitos que visitavam as suas famílias sentiam dificuldade na aproximação** e em estabelecer uma convivência e relacionamento próximo com estas. **Com a saída do Lar** e na ausência de um trabalho e investimento que deveria ser feito por parte do Lar com as famílias de origem destes jovens, **a (re) aproximação e a adaptação para três sujeitos (Suj.E, Suj.H, Suj.I) foi ainda mais difícil:**

“ (...) Fui viver com a minha mãe para Lisboa, foi muito complicado porque nunca gostei de estar em Lisboa (...) fui para lá e em menos de três meses já tinha ido para Londres (...) têm acontecido situações um bocadito chatas, dela falar e pôr-se aos gritos, isso incomoda-me muito (...) acho que me habituei a estar no meu cantinho, sem agitação e acho que ela não percebeu essa mudança. Porque pensava que eu era aquele pequenino falador, muito agitado, acho que está a custar-lhe muito a encaixar essa situação, acho que isso vai-nos levar a conflitos sempre (...)” (Suj.E).

“ (...) Quando saí fui para casa da minha mãe, era lá perto da Comunidade (...) a minha mãe tinha alugado uma casa e estive a viver com ela mas durou pouco tempo (...) foram muitos anos separados da minha mãe e o meu feitio com o dela, no dia - a - dia, não dá. Ela tem uma maneira de pensar que choca com a minha, é totalmente diferente, não dá, não conseguimos. No princípio não custou, ou seja, ao início, foi tudo muito bonito não custou nada mas o dia-a-dia com a minha mãe, com o feitio dela, foi se tornando cada vez mais difícil. Considero que foi mais difícil depois (...)” (Suj.H).

“ (...) [quando saí fui viver] Com a minha mãe (...) eu não conhecia a minha mãe. Os meus pais separaram-se eu tinha 7 anos. Foi difícil eu adaptar-me (...) As minhas grandes dificuldades depois de sair foi eu conseguir me adaptar à minha mãe (...) ” (Suj.I).

no presente

Quando perguntámos aos sujeitos sobre a percepção que têm hoje acerca da influência que a sua família de origem teve na sua vida observamos que para **alguns jovens** (Suj.A, Suj.D, Suj.G, Suj.M) **a presença e o apoio de alguns elementos familiares foram significativos na sua vida:**

“ (...) A minha mãe é a única família que eu tenho e ela nunca me abandonou quando eu mais precisei mesmo (...) ” (Suj.A).

“ (...) Preocupam-se comigo sem dúvida nenhuma, mais com a saúde porque sabem que eu sou rigoroso comigo próprio ao nível escolar (...) ” (Suj.D).

“ (...) a família embora tenha estado na rectaguarda (...) considero que naquilo em que a família se relacionou, interveio, esteve sempre bem. Nunca se opuseram a nada, nunca deixaram de me apoiar (...) ” (Suj.G).

“ (...) Se os meus tios não me tivessem acolhido a minha vida não era hoje o que é em muitos sentidos (...) ” (Suj.M).

No entanto, para **quatro sujeitos** (Suj.J, Suj. L, Suj.B, Suj.H) a percepção que têm é que **a família de origem não desempenhou nenhum papel**, ou seja, o caminho e as etapas que foram percorrendo foi feito sem a ajuda desta:

“ (...) Não teve nenhuma (...) ” (Suj.J).

“ (...) A minha mãe biológica, nenhum. Vou ser sincera, nenhum (...) ” (Suj.L).

“ (...) Nenhuma, nenhuma. Sem dúvida alguma não teve nenhuma – por acaso não – não me chateia minimamente nada, nem me sinto revoltado, só que não teve nenhuma (...) Se eu for a ver tudo o que eu tenho foi às minhas custas; acho que não tiveram peso nenhum sinceramente (...) ” (Suj.B).

“ (...) Acho que a minha mãe não merece os filhos que tem, acho que não (...) A minha família não teve papel nenhum (...) ” (Suj.H).

Podemos verificar ainda, em **três sujeitos** (Suj.P. Suj.I, Suj.E) uma **apreciação ambivalente** por revelarem nos seus discursos elementos positivos mas também negativos em relação ao papel exercido pela família de origem. É de sublinhar que o Sujeito P, em função do papel ausente da sua progenitora, assumiu (e ainda assume) o papel e a responsabilidade de “ mãe ” e “ educadora ” em relação aos seus irmãos mais novos:

“ (...) nem negativa, nem positiva...como eu digo, a ligação que eu tinha era com os meus irmãos...era mais de educadora deles do que outra coisa. Com a minha mãe, tinha o papel de ajudar (...) também não quero pensar nisso...não quero pensar (...) dos meus irmãos... eu no fundo sentia-me como se fosse mãe deles...como ainda hoje me sinto (...) a minha mãe...eu não culpo a minha mãe de nada...a minha mãe não me pode dar uma coisa que não teve não é? Ela não teve carinho...não me pode dar...eu não posso exigir dela uma coisa que ela não sabe o que é...é o que acho (...) ” (Suj.P).

“ (...) Ela tem ajudado, ela tem ajudado bastante com a menina e isso tudo mas nós chocamos e temos imensas discussões (...) Posso dizer que a minha mãe não tem, não sabe realmente o que é ser mãe. Então o meu padrasto e ela...é um bocado difícil conviver com eles (...) Eu gostava de ter tido uma família diferente (...) ” (Suj.I).

“ (...) Acho que foi um papel muito importante, pelo menos o do meu tio. Da minha mãe não digo (risos) mas também contribuiu, acho que se não fosse ela de certeza que não iria existir e devo um grande obrigado todos os dias. Mas quem contribuiu, quem sempre me deu força, influenciou e apoiou de todas as formas foi o meu tio (...) acho que lhe devo um grande obrigado e, se tudo correr bem, espero um dia, não sei, não digo pagar-lhe mas ver os objectivos traçados serem concluídos para que ele se possa sentir – se realizado e satisfeito pelo esforço que tem vindo a fazer comigo até então (...) Há momentos em que me sinto muito triste e ele dá-me sempre um empurrão, são momentos ultrapassáveis e são obstáculos que nós temos de enfrentar porque isso é uma batalha que não se pode deixar ir abaixo e acho que ele é o impulsor dos meus objectivos, da minha caminhada até aqui e, certamente, irá ser por muitos anos se Deus quiser (...)” (Suj.E).

Ainda no âmbito da família de origem, importa dar a conhecer testemunhos de dois sujeitos (Suj. O e Suj.J) que tentaram apoiar elementos da sua família de origem, nomeadamente, sobrinhos que estavam numa situação de risco:

“ (...) ainda estava na Comunidade ela [irmã mais velha] já tinha cinco filhos eu tentei que as crianças fossem todas para instituições e consegui. Só que, entretanto, não chegou 1 mês para as assistentes sociais mexerem os cordelinhos e deram-lhe os filhos todos outra vez. Eu a partir daí disse não há justiça. As pessoas preferem que as crianças sofram do que tenham uma educação, como eu tive, neste caso. Porque eu partilho o meu exemplo, eu cresci num Colégio, foi a minha salvação ter crescido num Colégio. Eu acho que para os meus sobrinhos o caminho certo era esse mas não foi isso que aconteceu (...)” (Suj.J).

“ (...) Eu...tenho duas sobrinhas que foram adoptadas e eu sempre lutei com a minha irmã mais velha. Não deixes de ir vê-la, tu sabes o que é que sofremos numa instituição, tu sabes o que é que se passa. Já que passámos por lá temos que avaliar, se ela for para uma instituição, já temos uma ideia...tudo bem que há mais instituições, pode não ser da mesma forma mas podem ser ainda piores. E era uma coisa que eu não gostava para mim. Tanto que lutei com esta última sobrinha, a filha dela, lutei com ela, para ela ficar com a miúda, consegui que ela ficasse com a miúda mas ela pôr tudo a perder e depois foi para adopção novamente, mas pronto, antes para adopção...mas também na adopção há casais que tratam bem como tratam mal, isso é como tudo. É assim, se fosse um filho meu...se eu fosse necessitada, se tivesse um filho em risco de ir para uma instituição eu não deixava, não deixava mesmo, lutava para ficar com ele (...)” (Suj.O).

Olhando para os discursos de cada um destes sujeitos percebemos que **a experiência institucional foi vivida de maneira diferente por cada um deles, levando-os a interpretar de maneira diferente o papel que a instituição pode desempenhar.** Para melhor ilucidarmos este aspecto tomamos como exemplo dois casos: o caso do sujeito J que entrou para o Lar, aos oito anos, indo contra a própria vontade da sua progenitora e o caso do sujeito O, que foi retirado da sua família muito cedo, sendo primeiro acolhido num centro de acolhimento e separado dos seus irmãos, entrando depois para o Lar aos quatro anos. A diferença existente na idade de entrada destes sujeitos para o acolhimento parece ser significativa na experiência e na percepção que cada um tem acerca da institucionalização.

4.3.3 Nova família

Sendo a nossa amostra constituída por jovens - adultos, inquirimos os mesmos no sentido de saber se já tinham ou não constituído a sua própria família, qual a importância que tem na sua vida e qual a representação que têm sobre a educação dos filhos.

4.3.3.1 Constituição da própria família

Da análise dos dados foi possível identificar que **nove sujeitos já constituíram família**, sendo estes na sua maioria do sexo feminino. Em relação ao número de filhos, verificamos que **a maioria tem somente um filho**, havendo só dois sujeitos (Suj.N e Suj.G) com dois filhos (quadro 9)

Quadro 9: Constituição de família própria

Actual				
Sujeitos	Idade	Sexo	Família constituída	N.º filhos
A	27	Masc.	Não	-
B	26	Masc.	Não	-
C	24	Masc.	Sim	1
D	26	Masc.	Não	-
E	24	Masc.	Não	-
F	26	Masc.	Não	-
G	45	Masc.	Sim	2
H	27	Fem.	Sim	1
I	28	Fem.	Sim	1
J	28	Fem.	Sim	1
L	25	Fem.	Não	-
M	25	Fem.	Sim	1
N	34	Fem.	Sim	2
O	28	Fem.	Sim	1
P	32	Fem	Sim	1

4.3.3.2 O papel da nova família na vida dos sujeitos

Quando inquirimos os sujeitos que já tinham constituído **família própria** sobre a importância que esta tem para a sua vida, **todos descrevem como sendo muito significativa**, destacando, essencialmente, nos filhos, como um factor de grande satisfação e realização na sua vida actual:

“ (...) A minha filha tem muita importância para mim (...)” (Suj.C).

“ (...) tenho os meus filhos...tenho a parte da família que é positiva e boa claro (...) a nova família não tem problemas...mesmo os meus sogros, apoiam muitíssimo, estão sempre a vir cá (...)” (Suj.G).

“ (...) É muito bom, acho que não tem explicação (...) acho que ela é tudo o que me faltou, é ela agora (...) Sinto-me feliz (...) Estou com o meu marido há 12 anos, temos uma filha com cinco anos (...)” (Suj.H).

“ (...) É imensa...é a minha alegria, a minha vida, é tudo (...)” (Suj.I).

“ (...) é a coisa mais importante que eu tenho neste momento (...)” (Suj.J).

“ (...) a minha vida hoje é mais significativa sabendo que eu tenho uma filha que lhe posso dar uma vida melhor e que posso educá-la (Suj.M).

“ (...) É a minha fortuna (...) Foi a melhor coisa que me aconteceu até hoje...foi os filhos e o meu marido (...)” (Suj.N).

“ (...) Tem muita importância (...) Suj.O).

“ (...) Papel muito importante. É assim eu vivo para eles e sinto-me bem. Eu sinto-me bem a chegar a casa e ter o meu marido à minha espera e preocupado por eu estar bem, se eu ando mais triste ou mais nervosa, ele está preocupado comigo, está sempre a telefonar, pronto e com a minha filha...só o sorriso dela...já me alegre não é? (...)” (Suj.P).

4.3.3.3 Intenção de constituir família

Aos jovens que ainda não constituíram família considerámos que seria relevante perceber qual a opinião destes sobre a intenção de virem a construir um projecto familiar. Da análise constatamos que em **todos eles existe esse interesse e vontade, embora constitua um projecto a longo prazo**, dado que no presente **existem outras prioridades a serem consideradas** (conclusão do curso, progressão e estabilidade profissional, reunir condições financeiras, assegurar a sua estabilidade individual e a de outros elementos da sua família de origem):

“ (...) O meu próximo objectivo é acabar o curso. Ao fim de ter a minha estabilidade financeira e não só, poderei vir a pensar nisso (...) Para sustentar o próximo preciso de ter condições para me sustentar a mim próprio primeiro e ver se tenho condições para sustentar o próximo (...) tem de haver condições mínimas para tudo (...)” (Suj.D).

“ (...) Não penso neste momento, tem de ser com metas. Não neste momento (...) a vontade de cada pessoa é a vontade de constituir família, casar (...) realmente quero constituir família, quero ter filhos no futuro (...) são pequenas metas que pretendo obter mas nada planeado (...)” (Suj.F).

“ (...) Eu penso, mas preocupo-me mais em criar condições para mim e para os meus irmãos, só depois a minha família. Acho que não tendo condições para os meus irmãos, acho que seria, não digo péssimo, mas mau estar a criar família e não pensar nos meus irmãos em primeiro. Mas se tiver de acontecer, não seja por isso (...)” (Suj.E).

“ (...) Eu penso em ter filhos só que olho à minha volta; é complicado. Está cada vez mais difícil a vida (...) Se eu acho que não tenho condições porque é que eu hei-de ter um filho? Para viver ainda mais condicionado? Um dia mais tarde quem sabe; a vida a dois talvez proporcione (...)” (Suj.A).

“ (...) Gostava de ter uma família, gostava de ter dois filhos (...) sempre me preveni, mesmo sem ter namorado sempre tomei a pílula (...) porque não quero ter um filho sem poder dar-lhe...se calhar pelo que eu passei, por causa do que eu vejo. Há casos piores (...) agora tenho aquele bichinho que não tinha, este ano o instinto maternal, o relógio biológico está a começar (...)” (Suj.L).

O Sujeito B também revela que a construção de um projecto familiar se trata de uma decisão que deve ser bem pensada em função da experiência que eles próprios vivenciaram:

“ (...) Sim, acho que sim. Só que na nossa perspectiva ter uma família é um bocado mais caricato pela experiência que eu passei; pela experiência que nós tivemos. Para ter família ou ter filhos – não é assim! Tem de ser bem pensado, nós termos filhos para irem para uma instituição não vale a pena, não é? (...)” (Suj.B).

4.3.3.4 Representações sobre a educação a dar aos filhos

Sobre a **representação** que os jovens - adultos têm **sobre a educação a dar aos filhos** é interessante observar que **todos eles** (os que já têm filhos e os que ainda não têm filhos) **descrevem que a educação a transmitir aos filhos assenta nas aprendizagens que adquiriram ao longo do seu percurso de vida, ou seja, nas experiências vivenciadas nos diversos espaços de socialização: contexto de família de origem, contexto institucional e pós-institucional**. Todos eles, procuram (ou pretendem) transmitir aos filhos valores, comportamentos e atitudes que consideram fundamentais para um bom desenvolvimento dos mesmos (ao nível físico, emocional e social), apesar da maioria não os terem recebido por parte dos seus progenitores, reconhecendo, por isso, que se trata de um papel com grande responsabilidade, como descreve o Sujeito M:

“ (...) Procuo dar-lhe uma boa educação para que ela possa ter bons princípios, procuro ser uma mãe presente diferente da situação que vivi (...) tento dar-lhe aquilo que eu não tive (...) Procuo dar-lhe bons princípios, uma boa orientação para que ela possa ter uma boa educação e ser uma pessoa bem formada (...) É uma grande responsabilidade, tendo em conta que eu nunca tive um percurso normal de vida (Suj.M).

“ (...) Primeiro, tento não fazer o que a minha mãe fez comigo. Vou tratar da minha filha de maneira diferente (...) Há limites e eu tento inculcar-lhe ao mesmo tempo aquilo que me foi inculcado a mim enquanto criança e jovem da comunidade (...)” (Suj.H).

“ (...) tento transmitir à minha filha aquilo que eu não tive. Eu acho que isto é um processo um bocadinho duro porque eu tento dar à minha filha aquilo que eu não tive (...) eu vou tentar fazer com que nunca falte à minha filha aquilo que me faltou a mim (Suj.J).

“ (...) Na minha experiência...o que eu tento dar aos meus filhos... principal é amor e carinho...aquilo que eu não tive e tentar dar o meu melhor, tentar explicar (...) que temos de lutar para ter, porque a vida é difícil para toda a gente (...) muitas vezes queria comer e não tinha comer e passava muitas vezes fome...não se pode estragar (...) para mim (...) tem de estar tudo à mesa (...) acho que as horas de comer é quando a gente pode estar todos juntos é importante...isso nunca tive (...)” (Suj.N).

“ (...) Na minha casa o que havia era berros e pancada, depois na comunidade, ensinaram-me algumas coisas como é evidente, mas foi no dia-a-dia que eu fui aprendendo...o que devia fazer... que não devia fazer (...) a mim nunca ninguém me disse isto está certo e aquilo está errado. Eu tive de aprender sozinha e eu acho que eu estou a tentar transmitir o melhor possível (...)” (Suj.P).

“ (...) dar aos filhos aquilo que eu não tive. Vou ser mãe galinha, quase de certeza (...)” (Suj.L).

O Sujeito A, considera que deve educar os seus filhos procurando evitar que estes cometam os erros que cometeu no passado, tendo em especial atenção, a questão da liberdade excessiva que, na sua opinião, considera prejudicial aos jovens de hoje:

“ (...) Primeiro vou tentar que nunca façam coisas que eu fiz; dar uma boa educação. Eu acho que, principalmente agora, os pais dão muita liberdade aos filhos. No meu tempo, não é que tenha sido há muito tempo (risos) éramos maiores aos dezoito agora é aos dezasseis. E vê-se coisas na rua, à meia-noite por exemplo, miúdas de treze e catorze anos. Eu acho que hoje em dia é um abuso de: tabaco, álcool, discotecas; é tudo e mais alguma coisa. Há muita liberdade hoje em dia (...)” (Suj.A).

Pelo contrário, os sujeitos (Suj.G e Suj.D) tencionam que os filhos sigam os seus comportamentos e as aprendizagens adquiridas na instituição e ao longo do seu percurso de vida:

“ (...) eu tento que de algum modo eles sigam os meus comportamentos, de algumas coisas boas que eu fiz ou que aprendi na comunidade (...) tento de algum modo cultivar a sociabilidade, a convivência com os outros, a camaradagem (...) que não haja grandes desvios (...)” (Suj.G).

“ (...) a ideia praticamente não passará de aplicar aquilo que eu vi e aquilo que eu aprendi ao longo dos anos (...)” (Suj.D).

O sujeito F, apesar de referir que não tem nenhum ideal definido ao nível da educação para dar aos seus filhos, por considerar que cada criança é diferente uma da outra, não podendo existir um plano rígido para ser seguido. Para este sujeito tudo dependerá das circunstâncias pessoais em que se encontrar das próprias experiências que os filhos tiverem. Admite porém que a experiência que teve com os seus irmãos mais novos constituiu uma preparação para um eventual filho que possa vir a ter:

“ (...) Não tenho particularmente um ideal definido para uma educação porque a educação não se pode definir um plano e aplicá-lo a uma criança quando ela nasce. É um ser humano, só por aí tem muitas variáveis. Não, não pensei nem tenho particularmente ideais de educação. Eu tinha os meus irmãos mais novos, o meu irmão, sempre cuidei dele, mudei-lhe as fraldas, vestia-o e dei-lhe banho enquanto estive na instituição portanto encaro aí uma preparação para um possível filho que possa vir a ter. Não vejo nada em particular porque isso irá reflectir-se segundo o meu carácter, nas circunstâncias e experiências que os meus próprios filhos depois irão ter (...)” (Suj.F).

“ (...) À minha filha eu pretendo dar, não digo o melhor de mim mas pretendo dar o melhor possível. O que eu pretendo sobretudo é que ela seja uma criança que tenha sempre o pé na realidade (...) Às vezes ela brinca com a comida e eu digo-lhe – Olha eu nunca passei fome porque eu tive num Colégio (...) mas eu tenho os meus primos que estão na Guiné, que estão no Senegal, passaram fome (...)” (Suj.C).

De uma forma geral, procuram dar aos filhos amor, atenção, ambiente familiar funcional, acompanhamento, supervisão, etc.:

“ (...) Tento dar muito amor ao meu filho (...)” (Suj.O).

“ (...) dedicar-me ao máximo a eles, fazê-los entender porque é que as coisas são assim e saber ouvir eles, levar em conta o que dizem e comparar o que passei (...)” (Suj.E).

“ (...) quando estou chateada, nervosa, mais stressada, tento não mostrar isso a ela (...)” (Suj.I).

“ (...) Pela minha experiência a maior parte das coisas que a gente tem de fazer, na altura, é darmos educação; temos de ser rígidos, não muito. Mas uma das coisas que, se calhar, não podemos fazer é controlar demasiado (...)” (Suj.B).

4.3.4 Outros significativos

Das produções verbais dos sujeitos foi possível identificar que para além da família de origem e da nova família existiram outras pessoas que foram significativas no seu percurso de vida: **namorado/a** (relação íntima), **amigos** (do Lar e fora do Lar), **vizinhos e pais adoptivos** (cf. anexo 4).

relação íntima

Os sujeitos (Suj. L, Suj.M, Suj.O, Suj.E) identificam que a relação que estabeleceram com o/a namorado/a **foi importante pelo apoio emocional** que este/a forneceu durante o período de acolhimento:

“ (...) Tive um namoro de três anos na Comunidade (...) parecia-me, eu agora riu-me com a situação, mas a namorar com ele eu não via mais ninguém, a minha vida acabava ali. Parecia que tinha casado (...) na altura procurava também uma fonte de segurança (...)” (Suj.L).

“ (...) Eu cresci e aquilo a que me agarrei foi à minha relação que eu tinha com o pai dela (...)” (Suj.M).

“ (...) Eu era uma menina chorona, era uma menina triste. Eu passei essa dificuldade com o meu namorado na altura, porque ele apoiava-me, ajudava-me. Eu se tivesse que chorar...eu contava-lhe as mágoas e chorava (...) acho que foi quando comecei a namorar, ter ali uma pessoa sempre ao meu lado. Acho que me levou a superar isso (...)” (Suj.O).

“ (...) [quando frequentava o curso profissional]. Eu vivia sozinho e houve um dia que me deu vontade de pegar nas minhas coisinhas e ir embora porque estava sozinho (...) era um sítio onde as pessoas de cor...tipo olhavam diferente, não me sentia à vontade com a situação e queria ir embora. Lembro-me de uma namorada que eu tive chamada C..., telefonei para ela (...) ficámos a falar quase a noite toda (...) no dia seguinte acordei, pensei muito no que ela me disse, o facto de ter ido até lá (...) não é a melhor solução voltar para trás, e às vezes fico a pensar e acho que ela ajudou-me muito porque se calhar se não fosse ela eu teria abandonado, não sei. E já não fui embora, ela ajudou-me (...)” (Suj.E).

Importa, no entanto, destacar que a **apreciação ambivalente** que o sujeito I faz de um relacionamento que manteve no Lar, manifestando, por um lado, que este **constituiu um importante suporte** e, por outro, revela **aspectos negativos** desse relacionamento, nomeadamente, **maus-tratos**:

“ (...) comecei a namorar com um rapaz de lá que era mais velho, muito mais velho que eu, ele era até funcionário de lá. Namoramos pelo menos seis anos. Mas foi importante porque ele apoiou-me bastante, acho que durante aqueles anos todos ele foi a minha família, foi a minha mãe e o meu pai (risos) (...) pensámos em fazer a vida juntos mas não deu certo (...) começou a beber muito e a dar-me maus tratos, chegou a queimar-me com o cigarro e a puxar-me o cabelo (...) foi o meu maior incentivo para fugir de Coimbra senão eu tinha ficado por lá (...)” (Suj.I).

Encontramos também **apreciações positivas e negativas** dos relacionamentos que alguns sujeitos estabeleceram no período de transição e autonomização. Para o sujeito P, **a decisão de sair do Lar e ir viver com o namorado foi considerada positiva:**

“ (...) fui para um quarto viver [com o namorado], onde nos mantivemos durante um ano e pouco, entretanto...depois passámos para uma casa (...) Foi a minha tábu de salvação. Penso que foi isso...acho que foi (...)” (Suj.P).

No entanto, os sujeitos (Suj. N e Suj.A) fazem uma **apreciação negativa dessa decisão considerando que foi precipitada e imatura**. Ambos descrevem como sendo um período muito difícil da sua vida:

“ (...) eu fui viver com ele a gente pensava em fazer uma vida (...) a irmã dele já tinha saído e acho que tinha alugado uma casa (...) a gente decidiu vamos, pronto, foi mesmo assim, foi de cabeça mas depois (...) a gente éramos novos só que não deu, não deu (...) eu comecei a desviar...quer dizer a desviar dele.... e fui viver com o meu pai, até aos dezanove (...).só que ele não me largava....foi uma parte muito difícil da minha vida (...)” (Suj.N).

“ (...) Pensava que era um homem e que estava preparado para a realidade e não estava (...) acabei por arrendar uma casa; eu mais a tal rapariga. Ela também era de lá e acabou por sair de lá também. As coisas não correram bem (...) Acabámos por nos separarmos; tive uma depressão profunda (silêncio), tentei o suicídio; foi uma complicação (...)” (Suj.A).

amigos do Lar

Como já observámos anteriormente, **as relações interpessoais estabelecidas no Lar foram de grande importância para os sujeitos**. A maioria dos jovens – adultos fizeram relações de amizade com o grupo de pares mas também com outras pessoas que conheceram no contexto da instituição, nomeadamente, **profissionais ligados ao Lar, voluntários, pessoas amigas do Lar, padrinhos**, etc. Da análise percebemos a importância que estas pessoas tiveram para os sujeitos (Suj.B, Suj.H, Suj.J e Suj.O) nas **fases fulcrais do seu processo de desenvolvimento**, nomeadamente, a **infância e a adolescência**, durante o período de acolhimento:

“ (...) Há duas pessoas, um casal Suíço. São amigos da instituição. Na altura eu tinha catorze anos, eles levaram-me de férias para a Suíça, pagaram-me várias coisas, pagaram-me um curso na Cambridge School (...) Eu acho que identifico mais essas pessoas como meus pais do que a minha própria família porque eles ajudaram-me muito (...) Acho que foi o único apoio que tive foi o dessas pessoas gostarem de mim (...) Foi um apoio, um grande apoio; foram pessoas que eu sempre gostei desde miúdo. Aliás pela primeira vez na minha vida senti estar numa família; ter um pai e uma mãe (...) Sempre me apoiaram (...) tanto monetário como afectivo, do que a minha própria família (...)” (Suj.B).

“ (...) Fiz amigos, aprendi a valorizar os amigos na Comunidade (...) uma empregada, uma das senhoras que lá trabalhava que eu hoje até trato por mãe adoptiva...essa funcionária me dava mais apoio. Às vezes, aos fins-de-semana, ia à casa dela...eu tinha mais ligação com ela (...) e com as minhas “madrinhas” (...)” (Suj.H).

“ (...) Eu tive ligações muito fortes (...) quando eu tinha 9 anos, mais ou menos, a assistente social que me pôs na instituição foi com uma senhora amiga fazer um tratamento a Condeixa e antes de regressarem a Águeda, porque eu era de Águeda, lembrou-se – Olha deixa-me ir à instituição ver umas meninas que eu pôs lá, e essa senhora foi com ela. Essa senhora gostou muito de mim, logo à partida e perguntou – Ah não quer vir comigo passar o fim-de-semana? Eu disse que queria e comecei a ir com ela um fim de semana, umas férias e para mim, hoje essa senhora, eu acho que ela merecia o altar mesmo porque ela é um coração aberto para ajudar seja quem for, não é só a mim. Ela ajudou-me bastante (...) Eu considero

ela como uma tia para mim. Não é uma mãe porque ninguém substitui a nossa mãe, eu penso assim, mas é uma tia. Era importante (...) Eu tinha verdadeira consciência que ela não era minha família mas era alguém que me queria bem, que me tratava bem, alguém que eu gostava (...) se há pessoa que eu considero que foi muito importante no meu progresso no Colégio foi esse casal lá em Águeda (...)” (Suj.J).

“ (...) As coisas boas é as amizades que se constrói lá (...) tive amigas (...) estava lá sozinha no Colégio, eu chorava muito, eu ouvia músicas, chorava. A O... é que me apoiava, porque a história da O... é mais ou menos do meu género, só que a dela é um bocadinho mais trágica, acho eu (...) conheci uma senhora numa festa de Carnaval e comecei a ir passar os fins de semana (...) os [padrinhos] estiveram sempre comigo, nas horas boas, nas horas más (...) Quando o meu pai morreu estiveram sempre presentes (...)” (Suj.O).

Verificamos também que estas relações significativas foram importantes para os sujeitos (Suj.A, Suj.B, Suj.J, Suj.O) não só durante o acolhimento mas também no período de transição, ou seja, depois de saírem do Lar, quer ao nível emocional, afectivo, formativo, educativo, habitacional, profissional, etc.:

“ (...) na minha vida agora e desde que me tornei responsável eu considero esses meus amigos: a I...e o A...eles deram-me a mão...estive a viver em casa desse irmão da I...No meu caso eu consegui [trabalho] por intermédio da I...que também foi residente na Comunidade (...) Sempre me ajudaram e continuam em tudo, em tudo o que eu preciso. Ajudam-me e não pedem nada em troca, são verdadeiros amigos, foram mesmo e de que maneira! Muito mesmo! Eu já estava há muitos anos sem os ver, sete anos (...) começámos a sair os dois outra vez (...)” (Suj.A).

“ (...) houve lá um motorista da Comunidade, ele alugou-me a casa e arranjou-me o quarto, durante uns anitos. Na altura não lhe paguei a renda do quarto mas depois quando arranjei emprego, paguei-lhe tudo (...)” (Suj.B).

“ (...) saí para ir viver para casa de um casal (...) actualmente são os meus padrinhos de casamento. Também estiveram lá na Comunidade, ela era professora, estava lá destacada e eu tive um relacionamento muito forte com ela e acabamos por ter ligação mesmo depois dela ter saído de lá. Na altura em que eu pensei em sair da instituição, ela propôs eu ir para casa dela um tempo até eu conseguir me orientar. Estive lá só meio ano (...)” (Suj.J).

“ (...) Eu quando saí da Comunidade fui para a casa dela (...) a minha madrinha ajudou-me sempre (...) Para mim não foi difícil porque eu fui para casa de uma pessoa que gostava de mim e de quem eu gostava também. Fui para casa de uma família que me acolhia já há muito tempo. Para mim não se tornou difícil (...)” (Suj.O).

É de destacar que **algumas destas amizades continuam, no presente, a ser significativas** para os sujeitos (Suj.C, Suj.G, Suj.J, Suj.M, Suj.O) revelando desempenharem um papel importante nos diversos períodos do percurso de vida destes:

“ (...) A maioria são amigos, tal como eu costumo dizer alguns chegam a ser mais minha família que alguns membros da minha própria família (...) colegas do Colégio. Há um deles (...) é o meu grande amigo. Quando eu tinha os meus doze, quinze, vinte anos falava com ele (...) ainda falo com ele na Net, escrevo o que eu sinto ou que deixo de sentir, quando aquilo já está a estourar, eu aí tiro tudo o que tenho para dizer e digo para ele (...)” (Suj.C).

“ (...) tive e muitos ainda os conservo, daí a importância que eu acho que a Comunidade teve (...)” (Suj.G).

“ (...) Ainda este mês foram [padrinhos baptismo] à minha casa estiveram a almoçar lá e tudo (...) volta e meia vou lá e eles vêm cá. Acho que é muito importante, continuar assim (...) ainda hoje eu tenho amizade com pessoas com quem vivi (...) vamos a casa umas das outras mas pouco mais (...) nunca deixámos de ter contacto com ela...nunca consegui me afastar das S... porque foram pessoas que considero da minha família porque cresceram comigo, andámos na escola, fomos do mesmo quarto, partilhávamos as mesmas asneiras, tudo... são como se fossem minhas irmãs (...)” (Suj.J).

“ (...) Ainda mantemos o contacto. Ela [jovem da instituição] vive em Coimbra. Ela foi sempre assim uma base (...) tenho uma outra amiga que eu conheci lá na Comunidade, uma senhora Holandesa que fazia voluntariado, actualmente ainda mantenho contacto com ela. Em princípio nas férias do Verão vamos lá passar uma semana ou duas com ela, ela está grávida vai ter um bebe, antes mantínhamos contacto por

carta, agora, mais por Internet e são essencialmente essas pessoas lá de Coimbra com quem eu mantenho contacto (...)” (Suj.M).

“ (...) ainda continuam hoje. A O..., a S...M..., de vez em quando vejo-a também mas quem vejo mais é a O..., essa é que ficou uma amiga para sempre. Ela foi ao meu casamento, vem aqui a casa. Ainda esta semana (...) estive com ela (...) até hoje, tanto amiga foi lá dentro como amiga foi cá fora. E quando eu preciso ela apoia-me. Dar uma força, quando a filha dela nasceu eu fui lá, quando me abracei a ela chorei e o meu marido... é uma chorona! Não fales nisso que ela chora – mas deixa estar, ela chorar, ela precisa de chorar. Eu sei que com ela posso contar (...)” (Suj.O).

amigos fora do Lar

Para além dos amigos criados no Lar, os sujeitos foram estabelecendo **relações privilegiadas com pessoas que conheceram no seu percurso fora do Lar**: na escola, universidade, trabalho, etc. Dois sujeitos (Suj.D e Suj. G) fazem referência a este tipo de relações já no período de acolhimento:

“ (...) pessoal da minha turma do 7.º ao 9.º ano (...) foram pessoas que me marcaram mesmo ao nível de apoio social (...) levavam-me a todos os sítios que eles iam, perguntavam – me se eu queria passar fins-de-semana, convidavam-me para ir com eles (...)” (Suj.D).

“ (...) era amigos da escola, era quase que uma vida dupla. Tínhamos grupos no liceu. No 12.º ano participei nas associações de estudantes, quase na direcção, envolvi-me muito (...) depois acabaram-me por me meterem lá e depois na faculdade foi (risos) não me largavam para essas coisas mas foi aí que começaram essas minhas andanças por grupos e o associativismo. Na universidade em que conheci muita gente, entrei em muitas situações, projectos, em grupos e eu acho que esses foram os melhores anos (...)” (Suj.G).

A maioria dos sujeitos (Suj.D, Suj.F, Suj.L, Suj.P, Suj.D, Suj.G e Suj. M) estabeleceu estas amizades, essencialmente, no período de transição (**amigos de curso, de trabalho, de residência universitária, patrões, etc.**):

“ (...) Saí, aluguei um quarto, a casa era de um amigo, a renda não era assim tão elevada, ele conhecia a minha situação, compreendia a situação e as coisas foram-se resolvendo (...) era um amigo completamente externo (...)” (Suj.D).

“ (...) quando saí da instituição estive a viver numa residência (...) fui criando também algumas amizades nessa residência e na própria universidade. Mais na residência (...) esse espaço que existe em nós, na nossa vida, para amigos ocupei com as pessoas da residência (...)” (Suj.F).

“ (...) Apoiava-me mais nos amigos (...) preferia contar as coisas a um amigo ou dois do que ter alguém que não conhecia de lado nenhum e ir-lhe contar, desabafar (...) amigos que arranjei na escola de hotelaria e no trabalho (...)” (Suj.L).

“ (...) os meus colegas da pastelaria, ajudaram-me imenso (...) às vezes só o conversar (...) Esses amigos eu conheci depois de sair (...) No meu casamento, foram os meus amigos (...) Eram importantes porque se calhar me davam aquilo que eu precisava, carinho e atenção (...) Uma amiga minha que eu fiz [na pastelaria] é a minha melhor amiga e vai ser a madrinha da B... (...) Os meus patrões ajudaram. Eu sempre trabalhei para as mesmas pessoas que trabalho hoje (...) Foi muito importante trabalhar para estas pessoas, foi muito importante na minha vida, senão das coisas mais importantes porque são pessoas que me ajudaram sempre, sempre. Quando (...) eu era revoltada, estas pessoas compreenderam-me e, de uma certa maneira, começaram a me ajudar (...)” (Suj.P).

“ (...) Há um amigo, colega de trabalho, nós criámos laços e eu aprendi muito ao nível do trabalho e ao nível da vida (...) ele já esteve a estudar na União Soviética (...) Expliquei-lhe as minhas dificuldades, ele tentou abrir-me os olhos, comparando o que se passava lá e o que se passava cá em Portugal (...) as dificuldades que ele teve lá e as que eu estou a ter, não se comparava praticamente nada. Fora da família é essa pessoa (...)” (Suj.D).

“ (...) Uns daqui da ACAPO e outros fora... eles são muita vezes o suporte do nosso dia-a-dia, podemos partilhar quando estamos tristes e alegres, partilhar essas situações, a camaradagem, a cumplicidade, uma série de coisas (...)” (Suj.G).

“ (...) Eu conheci umas pessoas muito interessantes que se chamam testemunhas de Jeová...ganhei uma grande família, pessoas da organização são meus amigos. Reunimos para conviver, vamos ao cinema, às vezes deixo a minha filha com eles para poder passear; há um certo grupo de pessoas com quem eu me identifiquei. Há uma senhora (...) Para mim ela é como se fosse uma mãe, ela deu-me aquilo que eu precisava, não dinheiro mas o apoio espiritual, a orientação, o carinho, tudo o que uma pessoa precisa para saber viver. No fundo ela ensinou-me a ser um pouco mais mulher, mais responsável, deu-me carinho e afecto. Posso sempre contar com ela em todas as ocasiões (...)” (Suj.M).

vizinhos

Uma outra relação que importa destacar que os sujeitos (Suj. N e Suj.O) referem ter estabelecido no seu percurso à qual **atribuem grande importância é a relação com vizinhos**. Estes foram significativos no período de acolhimento, período de transição e ainda o são actualmente:

“ (...) a minha vizinha de São Martinho e os filhos também, enquanto estivemos lá (...) sempre nos ajudaram (...) Ela é uma segunda mãe para os meus irmãos, para mim não considero tanto (...) A filha dela também teve os problemas dela e ia para a Comunidade para o pé de mim, para espairecer um bocado (...) filha dela [vizinha] (...) estamos sempre juntas também (...) hoje essa senhora é minha madrinha de casamento (...)” (Suj.O).

“ (...) tinha amigos, amigos vizinhos. Quando estávamos no Colégio eram eles que nos iam visitar. Estes vizinhos eram muito importantes (...) os filhos, a família deles (...) A senhora é como se fosse uma mãe para mim. Sempre foi. Depois da minha mãe morrer, o meu pai vivia ao pé dessa senhora, e essa senhora, eu ainda vivi com ela, depois do meu pai morrer, um ano e pouco (...) ainda hoje tenho uma grande amizade por esses vizinhos...eles são como se fossem meus irmãos hoje em dia. Frequentamos a casa uns dos outros...juntamo-nos de vez em quando (...)” (Suj.N).

pais adoptivos

A **relação privilegiada com os pais adoptivos** foi identificada somente pelo sujeito L, mas podemos constatar que esta **teve e continua a ter um grande significado na sua vida**:

“ (...) quem me ajudou foram os meus pais adoptivos (...) Os meus pais ajudaram-me sempre (...) os meus pais estão lá para ajudar, a minha mãe não tinha obrigação, os meus pais não tinham obrigação nenhuma, sempre me ajudaram em tudo (...)” (Suj.L).

4.4 Escola/trabalho

“(...) Eu vejo que cada dia que passa as pessoas levam cada vez mais em conta os estudos e acho muito importante uma pessoa estudar (...)” “Antes bastava estudar até aos 9.º ano agora já vai passar para o 12.º ano. Se já era difícil com 9.º ano agora já vai ser difícil com o 12.º ano, daqui a nada já é a licenciatura. Por isso quem deixou de estudar há três, cinco anos atrás porque preferiu trabalhar corre o risco de ser dispensado (...) Os estudos não só contribuem para arranjar trabalho mas sim para a formação da pessoa em si própria (...)” (Suj.E)

“(...) Sem o trabalho não vivemos nem sobrevivemos (...) O trabalho faz-me bem(...) Eu acho que é essencial, além de ser o nosso meio de subsistência (...)” (Suj.A)

No que diz respeito à escola pedimos aos jovens - adultos para relembrem o seu percurso escolar de forma a fazerem uma auto análise da sua condição de aluno. Também inquirimos os sujeitos sobre a escolaridade que possuíam à saída do Lar e a que possuem no presente. Em relação ao trabalho procurámos identificar a profissão que cada sujeito desempenha actualmente. Para perceber qual a percepção dos sujeitos em relação à importância que atribuem à escola e ao trabalho na sua vida, considerámos relevante inquiri-los sobre o grau de satisfação com o seu nível de escolaridade e com o seu trabalho actual, bem como sobre as expectativas escolares e profissionais e as dificuldades que sentiram nestes dois contextos.

4.4.1 Situação escolar e profissional

O cenário observado revela ao que ao nível da escolaridade **mais de metade dos sujeitos revelam níveis de escolaridade médios** (8 sujeitos têm o 12.º ano), verificando-se também níveis baixos (4 sujeitos com o 9.º ano e 2 sujeitos com o 6.º ano), **só um possui habilitação superior**. Os jovens - adultos, **encontram-se, maioritariamente, empregados** (12), **detendo trabalhos, de um modo geral, pouco qualificados**, ligados à área da restauração onde quatro jovens (Suj.A, Suj.H, Suj.O, Suj.P) desempenham a função de empregados de balcão. Cinco sujeitos (Suj.B, Suj.F, Suj.J, Suj.L, Suj.M) que realizaram cursos técnicos profissionais estão a trabalhar nas respectivas áreas de formação (área de informática, gestão e informática, administrativa). O sujeito G foi o único que até ao presente tem formação superior, encontrando-se a trabalhar desde que terminou o curso como funcionário público no ministério da educação. No presente só três sujeitos (Suj. C, Suj.D, Suj.F) estão a frequentar o ensino superior, como trabalhadores-estudantes. Importa também salientar que cinco sujeitos (Suj.A, Suj.B, Suj.H, Suj.N, Suj.O) desistiram dos estudos após

deixarem o Lar, um deles (sujeito B) encontrava-se a frequentar um curso superior mas desistiu do mesmo para dar prioridade à sua vida profissional. Nos quadros que se seguem podemos observar mais detalhadamente a situação escolar e profissional de cada um dos sujeitos entrevistados (quadros 10 e 11). Estes resultados também vão de encontro aos dados de alguns estudos nacionais (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Quintãns, 2009) e de alguns estudos internacionais (Cashmore, et al., 2007; Moslehuddin and Mendes, 2006; Pecora et al., 2006; Weiner, Kupermintz, 2001, cit. por Zeira, 2009; Jackson, 2001; Dobel-Ober et al., 2004, cit. por Fernandez, 2009).

Quadro 10: situação escolar e profissional dos sujeitos

Sujeitos	Período de acolhimento		Período actual	Total
	Escolaridade à saída	Escolaridade actual	Trabalho actual	
A	9. Ano	9.ºano ²¹	Empregado de balcão	15
B	12.º Ano	12.º Ano ²²	Técnico de informática e gestão	
C	12.º Ano	12.º ano ²³	Auxiliar de copa a tempo inteiro ²⁴	
D	12.º Ano	12.º ano ²⁵	Empregado de bar em part-time ²⁶	
E	12.º Ano	12.º Ano	Desempregado ²⁷	
F	12.º Ano	12.º ano ²⁸	Técnico de informática	
G	Lic. História	Lic.História	Técnico superior de Educação na DREC ²⁹	
H	9.º Ano ³⁰	9.º Ano ³¹	Empregada de balcão	
I	6.º Ano	6.º Ano ³²	Desempregada	
J	9.ºano ³³	12.º Ano ³⁴	Chefe de restaurante	
L	11.º Ano	12.º Ano ³⁵	Empregada de restaurante	
M	11.º Ano	12.º Ano ³⁶	Técnica administrativa	
N	6.º Ano	6.º Ano ³⁷	Desempregada	
O	9.º Ano ³⁸	9.º Ano	Empregada de balcão	
P	6.º Ano	9.º Ano ³⁹	Empregada de balcão	

21 Desistiu de prosseguir os estudos após a saída do Lar

22 Entrou na Universidade de Aveiro em Eng.ª Informática mas desistiu

23 Frequenta o 1.º ano o curso de Arte e design na ESEC. Quando saiu da instituição entrou na Universidade de Bragança no curso de Eng.ª Civil mas desistiu. Posteriormente entrou no curso de Arquitectura em Lisboa tendo desistido também deste.

24 Trabalhador – estudante

25 Frequenta o 3.º ano do curso de Gestão na FEUC – Trabalhador -estudante

26 Trabalhador – estudante

27 Aguarda os documentos de naturalização. Em Setembro vai para Londres iniciar o curso de Gestão, onde já esteve cerca de a tirar um curso de inglês

28 Frequenta o 3.º ano do curso de Eng.ª Informática no ISEL

29 Professor de História

30 Quando saiu da instituição frequentava o 3.º ano do curso profissional de Recepção e Atendimento na Escola Profissional de Penacova mas não fez a PAP (Prova de Aptidão Profissional) mas não terminou

31 Encontra-se inscrita nas *Novas oportunidades* para conclusão o 12.º ano

32 Encontra-se inscrita nas *Novas Oportunidades* para conclusão do 9.º ano

33 Quando saiu da instituição faltava um módulo e o exame final para terminar o curso profissional de Gestão Hoteleira

34 Fora da instituição terminou o módulo e realizou o exame final, a PAP (Prova de Aptidão Profissional) terminando o curso profissional de nível III de Gestão Hoteleira com equivalência ao 12.º ano

35 Fora da instituição terminou o 12.º ano e realizou o curso profissional de Gestão Hoteleira de nível IV

36 Fora da instituição realizou o curso profissional de gestão e administração que lhe deu equivalência ao 12.º ano

37 Fora da instituição inscreveu-se no 7.º ano para continuar mas desistiu

38 Quando saiu da instituição frequentava o curso profissional de Animação Sócio Cultural mas desistiu. Actualmente está a realizar um curso de esteticista na CEAC

Quadro 11 – Níveis de escolaridade actuais

Actual					
Nível de Esc. actual	6.º Ano	9.ºano	12.º Ano	Licenciatura	Total
Total	2	4	8	1	15

Podemos observar no quadro 10 que à saída da instituição havia cinco sujeitos (Suj.B, Suj.C, Suj.D, Suj.E, Suj.F) que tinham o 12.º ano concluído e actualmente existem oito o que significa que três jovens (Suj.J, Suj.L, Suj.M) no período pós-institucional conseguiram concluir este nível de escolaridade. Também ao nível do 6.ºano houve alterações, uma vez que à saída da instituição, havia três sujeitos (Suj.I, Suj.N, Suj.P) com o 6.º ano e neste momento só dois mantêm esse nível de escolaridade, uma vez que o sujeito P conseguiu concluir o 9.ºano. Actualmente, três jovens estão inscritos no programa *Novas Oportunidades*, dois para concluir o 12.º ano (Suj.P, Suj.H) e um para concluir o 9.º ano (Suj.I).

4.4.1.1 Percepção dos sujeitos sobre a sua condição de aluno

No que diz respeito à sua condição de aluno ao longo do percurso escolar, **alguns** sujeitos (Suj.B, Suj.E, Suj.F, Suj.G, Suj.L) evidenciaram que se **consideram bons alunos**, referindo terem boas notas e nunca terem chumbado de ano:

“ (...) sempre gostei de estudar nunca tive grandes problemas (...) Sempre gostei da escola, nunca tive fobia às aulas nem nada disso (...) Eu por acaso não chumbei nenhum ano (...) ” (Suj.B).

“ (...) Considero que me esforcei muito, desde que comecei ainda não chumbei, até ao 12.º ano (...) nunca chumbei e passei sempre sem negas e tentei ajudar as pessoas que lá estavam. Na altura quando cheguei havia pessoas com dois anos de diferença de estudo, consegui apanhá-los e passá-los (...) ” (Suj.E).

“ (...) sempre tive boas notas, razoáveis, sempre passei de ano, não chumbei (...) sempre me dei bem na escola, sempre fui um dos melhores alunos (...) ” (Suj.F).

“ (...) Tinha boas notas e por isso, o primeiro curso que fui, entrei logo (risos) (...) ” (Suj.G).

“ (...) Sempre fui muito inteligente, pelo que dizem (...) tirava boas notas (...) Fui sempre boa aluna (...) tirava boas notas (...) ” (Suj.L).

Outros se identificam como **alunos razoáveis**, ou seja, não se consideram bons alunos nem maus alunos:

“ (...) As minhas notas não eram as melhores mas também não eram as piores (...) ” (Suj.H).

“ (...) Nunca chumbei (...) era normal, era um aluno médio (...) nunca foi um bom aluno e nunca fui um mau aluno, enquanto estive na instituição nunca chumbei, tinha notas minimamente satisfatórias (...) ao nível

39 Quando saiu da instituição inscreveu-se na Escola de Hotelaria para no Centro de Reconhecimento e Validação de Competências (CRVC) e tirou o 9.º ano e actualmente está inscrita nas *Novas Oportunidades* para terminar o 12.º ano

escolar (...) eu sou minimamente responsável, sei quando devo estudar e quando não devo estudar (...)
(Suj.D).

Só um sujeito descreve que **sempre teve dificuldades** de aprendizagem:

" (...) Eu sempre tive imensas dificuldades na aprendizagem (...)" (Suj.I).

Importa salientar que os sujeitos (Suj.A, Suj.N e Suj.C) descrevem que na primária eram bons alunos, havendo depois uma alteração na sua motivação e rendimento escolar:

" (...) Na primária era bom aluno, era muito bom aluno (...) era muito bom a matemática (...) Quando era de cabeça, era um espectáculo! mas a partir da máquina de calcular deixei de querer saber; depois deixei de querer saber mesmo da matemática. E uma pessoa sem a matemática não faz nada (...) No 5.º ano (...) no primeiro período tinha cinco negativas, no segundo três e no terceiro uma. Eu fazia as coisas assim. Eu estava mal, agora olhando, eu sinto que estava mal. No 6.º ano a mesma coisa, no primeiro período muitas, no segundo menos. Eu dizia à [directora] – não se preocupe que eu recupero – Eu fazia sempre a mesma coisa; chumbei no 8.º ano; não consegui recuperar por uma negativa; só por uma não consegui, tinha de aprender. Ela disse faz-te bem chumbar uma vez para aprenderes (...) Em termos de estudos comecei a afastar-me um bocadito (...)" (Suj.A).

" (...) Era boa aluna. Tinha boas notas (...) Depois de entrar para o ciclo...aí é que já foi mais complicado (...)" (Suj.N).

" (...) Por acaso quando era miúdo sempre tive boas notas, tinha excelentes notas mesmo (...) Desenrascava-me bem (risos) eu tinha boas notas, só que (...) o facto de nós vivermos todos juntos e tínhamos aquele vício de: "Ah vai chamar fulano e vamos jogar à bola", quantas vezes eu dizia não vou jogar à bola depois pensava "não, eu tenho de estudar, eu tenho de estudar" mas acabava sempre por sair. Era preguiça que toda agente apanha depois de ter tanta gente à volta acaba por ser puxado mas sempre me desenrasquei à mesma na escola (...) Quando comecei a chegar ao 9.ºano deixei-me um bocado de agarrar nos livros (...) fui para a ARCA que era aquilo que eu dominava e na Arca não estudava, tirava as minhas notas e sai de lá com uma média de dezasseis, era raro estudar (...)" (Suj.C).

O sujeito M, pelo contrário, tem a percepção que no início do seu percurso escolar tinha um comportamento escolar instável e desadequado colocando problemas aos professores durante as aulas, no entanto, depois de sair do Lar e ao realizar o curso profissional a sua atitude e motivação pela escola mudou de forma significativa, reflectindo-se no seu rendimento escolar:

" (...) era um pouco rebelde e essa rebeldia manifestava-se em todo o lado. As professoras tiveram dificuldade em leccionar (risos) com a minha presença lá (...) depois cresci e isso também mudou (...) acabei, tirei um curso de técnica administrativa, consegui acabar com uma boa média, média de 19 (...)"
(Suj.M).

4.4.1.2 Dificuldades sentidas no seu percurso escolar

Quando pedimos aos sujeitos para identificarem as principais dificuldades que sentiram no seu percurso escolar, conseguimos destacar **seis tipos de dificuldades** relacionadas com **escola e formação, trabalho e estudo, relações interpessoais, psicológicas e saúde** (cf. anexos 4 e 6). As dificuldades mais frequentemente mencionadas (8) são as dizem respeito a aspectos da escola e

formação (oferta formativa escassa, repetição de ano, ausência de orientação escolar e profissional, saída da escola por imposição do progenitor):

“ (...) fui tirar um curso, no centro de emprego, de reparação de viaturas; bate chapas. Só que era de nove meses, não serve para nada, tinha de ser três anos, mas era o que havia e eu sujeitei-me aquele (...) ” (Suj.A).

“ (...) falhei uma vez no exame nacional e automaticamente fui convidado a sair, tirando isso a comunidade não corta as asas a ninguém para quem quiser estudar (...) ” (Suj.B).

“ (...) Quando vim tinha passado para o 8.º ano (...) só que na altura a Guiné estava em guerra, nunca mais sabia o resultado, acabei por fazer o 7.º ano (...) ” (Suj.D).

“ (...) vim com o 6.º ano mas depois tive de repetir (...) ” (Suj.E).

“ (...) em Inglês, era primeiro ano (...) eu não sabia nada, sabia contar os números até dez e mal...a professora então ela explicava-me, tive aulas de apoio com ela...mas o inglês para mim era...igual a zero (...) ” (Suj.O).

“ (...) estava no 11.º ano (...) Senti-me um bocado desorientada porque estava no secundário e não sabia se havia de ir para a escola de hotelaria ou se havia de continuar. Foi a única dúvida que tive (...) ” (Suj.L).

“ (...) senti muita falta de perguntarem como foi o meu dia na escola, senti muita falta disso, de chegar e perguntarem: então como correu? nunca nem perguntavam estão os trabalhos de casa feitos? (...) a gente faltava à escola (...) ninguém na instituição nunca me incentivou (...) ” (Suj.N).

“ (...) saí da escola aos 9 anos (...) ” (Suj.P).

Seguidamente, destacam-se as dificuldades ao nível das **relações interpessoais** (6), (ser o mais novo da turma, ser a velha da turma, sentimentos de discriminação) que foram significativas marcando alguns jovens durante o período escolar:

“ (...) Tive o azar de ser sempre o mais novo da minha turma. No 5.º ano eu tinha dez/onze anos mas a maior parte da minha turma tinha dezassete/dezoito anos; eu era o mais novo. E, às vezes, uma pessoa ao querer dar-se com os mais velhos e fazer as coisas que eles faziam, não foi o melhor para mim (...) ” (Suj.A).

“ (...) Às vezes estava sozinha por opção, era a mais velha da turma, já tinha outra idade, estava a entrar na idade da adolescência, os meus colegas eram mais novos, não me misturava com eles porque já tinha outras ideias, mais maduras (...) ” (Suj.I).

“ (...) Quando cheguei fui para o ciclo (...) os miúdos olhavam para nós como se fossemos... sei lá... não sei (...) Éramos um bocadinho diferenciados mas havia muitos do Colégio e não ligávamos a isso. Mas as pessoas olhavam para nós com um bocado de discriminação, pouco, mas olhavam, pela maneira como a gente se vestia porque a Comunidade não tinha posses (...) ” (Suj.B).

“ (...) Recordo-me de ter a experiência de ir à escola mas como tinha dificuldades em ler para o quadro não fui bem aceite (...) Não sei...não me recordo... (risos) realmente não sei...é um período que já não tenho (...) ” (Suj.G).

“ (...) na escola havia coisas que eu não queria ver; só depois de começar a ver ganhei uma certa maturidade. Havia pequenas coisas que dependem da sociedade não tem nada a ver com o Colégio (...) Assim que me chamavam negro eu reagia logo, era agressivo logo nessas coisas (...) ” (Suj.C).

As dificuldades **ao nível do trabalho** foram sentidas por cinco sujeitos no período pós-institucional. Esta experiência implicou muito esforço individual por parte dos sujeitos uma vez que dependiam de si próprios para assegurar a sua subsistência e pagar os estudos. Alguns destes

sujeitos acabaram por abandonar os estudos pela dificuldade em conciliar ambos (Suj.B, Suj.C, Suj.M):

“ (...) a maior parte das vezes é complicado nós temos de pagar renda e quem está a trabalhar não pode ter bolsa, quem não tem bolsa tem de pagar propinas (...) Tive que desistir; automaticamente desisti (...)” (Suj.B).

“ (...) trabalhava e estudava (...) era um trabalho que ocupava o dia todo. Eu saía às oito do trabalho e ia directamente para a escola, depois chegava à uma da manhã ao Barreiro (...) tinha de acordar outra vez às seis (...) Esta era a minha rotina. Acabei ficando mal do estômago porque alimentava-me mal, uma série de stress, de mês a mês tinha de vir aqui a Coimbra, arranjava quatro dias e ficava com a minha filha. Andei assim um ano, depois perdi a cabeça e deixei a escola, deixei o trabalho (...)” (Suj.C).

“ (...) Não foi especialmente fácil. Eu vim para a Universidade, entrei em Eng.^ª Informática no ISEL (...) comecei a trabalhar (...) Se tivesse tido apoio se calhar as coisas seriam bastante diferentes, não teria necessidade de ter ido trabalhar. O rendimento seria superior, não teria de trabalhar, não teria de fazer noites de sextas e sábados à noite, não me obrigaria a faltar às aulas segunda-feira de manhã porque me deitava tarde no domingo e tinha o horário trocado (...)” (Suj.F).

“ (...) para estar a horas no trabalho tinha de faltar algumas horas à escola e, às vezes, para estar na escola não podia estar no trabalho. Vi que aquilo não ia resultar, estava a ser uma situação demasiado stressante (...) era demasiado difícil trabalhar de manhã e estudar à noite. A minha filha ficava com os meus tios eu praticamente não a via durante o dia, ela chegava a casa dava-lhe o banho, ela jantava ou às vezes já jantava nos meus tios, ia pô-la dormir depois eu ia para a escola, só saía às 23, 24h, não tinha carro (...) tinha de esperar uma hora pelos transportes, era muito fatigante, stressante, às vezes, estava frio (...) dessa vez não terminei, acabei por desistir (...)” (Suj.M).

“ (...) Ainda tentei prosseguir os estudos, já estava eu a trabalhar, no meu primeiro emprego ainda me inscrevi para ir estudar à noite, só que trabalhar e estudar não dava. Por que é assim as aulas começavam às sete da noite e eu saía às dez e meia da noite, não dava para ir estudar. Inscrevi-me na José Falcão mas não dava...era para continuar o 7.º ano, continuar a estudar (...) trabalhar e estudar não dava (...)” (Suj.N).

A vida escolar de quatro sujeitos foi também marcada por dificuldades **ao nível psicológico**, ou seja, por questões ligadas ao seu estado emocional (solidão, baixa auto-estima, falta de confiança, fragilidade emocional) que parecem ter interferido no desempenho e concretização das suas expectativas escolares:

“ (...) senti-me mesmo muito sozinho (...) sentia aquela necessidade de ter um amigo, bastava ter um amigo meu (...) Eu senti-me lá muito sozinho, muito mal; é uma fase que acho que deixo logo, não digo que apago da minha memória porque nada apaga. Estive uns três meses, fugi mesmo, vim embora (...) Penso que se calhar foi isso que me safou senão tinha entrado em depressão e andava aí mesmo feito um doidinho (...)” (Suj.C).

“ (...) eu pus na minha cabeça, que estava a ficar velho que não tinha tempo nem capacidades para entrar para a universidade (...) Depois do 9.ºano fui tirar um curso profissional em Mortágua, o curso em sistemas de informação (...)” (Suj.D).

“ (...) supostamente, fiquei traumatizada dos meus pais se terem separado, dos maus-tratos que a minha mãe levava por parte do meu pai (...)” (Suj.I).

“ (...) eu a matemática sabia e explicava às minhas colegas e houve uma vez um teste que eu sabia a matéria toda, expliquei às minhas colegas antes de entrarmos para o teste, elas tiraram positiva eu cheguei ao teste e não fiz nada. E isto é uma revolta muito grande...porque uma pessoa sabe mas não sai (...) só me apeteceia chorar. E uma vez a geografia foi a Geografia que também me aconteceu (...)” (Suj.O).

São também merecedoras de destaque as dificuldades mencionadas por dois sujeitos (Suj.O e Suj.H) **ao nível de problemas de saúde** que revelam ter dificultado a sua vida enquanto estudantes:

“ (...) apanhei meningite (...) eu perdi um ano, não sei se foi um ou dois (...) eu nunca tinha chumbado (...) ” (Suj.O).

“ (...) Cada ano tínhamos um estágio, no 1.º ano fui para Oliveira de Azeméis, tive uma paralisia facial e vim para Coimbra (...) ” (Suj.H).

4.4.1.3 Expectativas escolares e profissionais

Inquirimos os sujeitos sobre as suas **expectativas, interesses, sonhos, planos em termos escolares e profissionais** e constatamos que **oito sujeitos** (cf. anexo 4) **tinham como objectivo prosseguir os estudos para realizarem um curso superior** (educação de infância, gestão de empresas, veterinária, arquitectura, eng.^a Informática, professor de educação física, etc.). Quando comparamos as produções verbais dos sujeitos acerca das suas **expectativas com o nível de habilitações e trabalho que possuem no presente** constatamos que **estas não foram concretizadas** por diversas circunstâncias: contrariedades com as quais se foram debatendo no itinerário de vida, nomeadamente, saída precipitada do Lar, média insuficiente, dificuldades económicas, falta de tempo por estarem a trabalhar, etc.:

“ (...) se a [directora] quisesse podia receber o meu irmão...ela é que não quis e eu assim ficava lá e conseguia realizar o meu sonho que era tirar o curso de gestão (...)”(Suj.P).

“ (...) O meu objectivo era fazer os estudos ou ir para Educadora de Infância que eu sempre quis (...)” (Suj.O).

“ (...) Eu quando era miúda tinha um sonho de ser veterinária (...) é muito difícil e requer grandes notas e muito estudo (...) Estas decisões podiam ser tomadas se eu permanecesse no colégio e continuasse a estudar (...)” (Suj.M).

“ (...) Tenho pena de não ter entrado para a Universidade que, na altura em que era criança, o sonho do meu pai era eu entrar na universidade (...)” (Suj.J).

“ (...) eu queria ser enfermeira (...) mas as médias eram muito altas (...) nunca entrei (...)” (Suj.H).

“ (...) Se eu tivesse mesmo tempo fazia o curso de Arquitectura (...)” (Suj.C).

“ (...) Eng.^a informática (...) Eu sempre gostei de informática mas eram muito caras as propinas (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...)” (Suj.B).

“ (...) Eu queria ser jogador de futebol, como não dava queria ser professor de educação física (...) só que sem a matemática não vou lá. Por isso, desisti e já não me interessa (...)” (Suj.A).

4.4.1.4 O significado da escola na vida dos sujeitos

Das narrativas dos sujeitos observamos que **a escola foi preponderante na sua vida**, exercendo influência em diversos aspectos. O **papel profissional** da escola foi o mais frequentemente mencionado pelos sujeitos (9), seguindo-se o **papel pessoal** (8) e o **papel social** (2) (cf. anexos 4 e 6).

Nove sujeitos percebem que as qualificações escolares e competências profissionais são factores essenciais que **facilitam a entrada no mercado de trabalho**:

“ (...) Eu acho que foi importante. Ter ido para o técnico-profissional ajudou-me mais na integração no mercado de trabalho e tive muitas perspectivas de trabalho (...) ” (Suj.B).

“ (...) claro, eu tinha o 12.º ano e frequentava Eng.ª Informática onde já tinha terminado o 1.º ano e isso permitiu-me entrar na empresa onde estou e evoluir e tenho evoluído até agora. Sim sem dúvida (...) ” (Suj.F).

“ (...) Tive sorte porque de facto comecei logo a trabalhar e não tive tempo para pensar em mais nada e foi importante essa relação...acabar de estudar e começar logo a trabalhar (...) ” (Suj.G).

“ (...) Eu acho que ter o curso de restauração interferiu um bocadinho no trabalho que eu tenho actualmente interferiu um bocadinho. Interferiu também por estar hoje como chefe, senão não estava (...) ” (Suj.J).

“ (...) eu via as pessoas a licenciarem-se e a não arranjam trabalho, bem, eu pensei, vou para a escola de Hotelaria, sigo o curso profissional e começo a trabalhar (...) ” (Suj.L).

“ (...) Nem precisei de procurar trabalho porque depois do curso fiquei logo no sítio onde estagiei e me mantenho até agora (...) ” (Suj.M).

O Sujeito A, embora não tenha prosseguido os estudos, considera que a escola foi importante para si e reconhece que se tivesse concluído o curso profissional a sua situação profissional actual seria diferente:

“ (...) Foi importante (...) E acho que devia ter tirado um curso (...) devia ter aproveitado, ter tirado um curso. Hoje em dia é essencial! (...) gosto muito do que faço, mas não se ganha bem. Eu acho que, hoje em dia, é essencial ter um curso (...) A experiência conta mas ter um diploma é uma coisa muito diferente, é muito diferente mesmo (...) ” (Suj.A).

Também o sujeito D, considera que o curso de Arte e Design que está a realizar não lhe vai oferecer muita saída profissional por isso pretende tirar arquitectura uma vez que é um curso com maior reconhecimento em termos profissionais:

“ (...) no curso em que eu estou, de Design, é um curso que as pessoas não ligam muito aos designers aqui em Portugal, não dão muita credibilidade, tanto que os que fazem o trabalho de designer são os decoradores e os arquitectos (...) Por isso ainda tenho essa possibilidade de voltar a acabar arquitectura não só por gostar mas porque há sempre trabalho, basta ter o diploma de arquitecto na mão as pessoas dão logo, não é dizer dão trabalho mas no mundo da arte aceitam logo, directamente (...) ” (Suj.D).

O sujeito E possui o 12.º ano e pretende prosseguir os seus estudos em Londres na área de gestão, para ele, cada vez mais, é importante investir nas habilitações para conseguir garantir trabalho:

“ (...) cada dia que passa as pessoas levam cada vez mais em conta os estudos e acho muito importante uma pessoa estudar (...) Antes bastava estudar até aos 9.º ano agora já vai passar para o 12.º ano. Se já era difícil com 9.º ano agora já vai ser difícil com o 12.º ano, daqui a nada já é a licenciatura. Por isso quem deixou de estudar há três, cinco anos atrás porque preferiu trabalhar corre o risco de ser dispensado (...)” (Suj.E).

Oito sujeitos consideram também que a escola assume um papel **importante em termos pessoais, na realização e valorização individual, na aquisição de conhecimentos e na mudança da sua mentalidade, etc.:**

“ (... A escola teve uma importância fundamental para...na minha educação, na minha formação cívica (...)” (Suj.G).

“ (...) eu orgulho-me de ter conseguido lutar para ter agora o curso, não ia andar 3 ou 4 anos e depois deitar tudo ao ar. Então andei sempre atrás daquilo que eu realmente queria (...)” (Suj.J).

“ (...) sim para a formação da pessoa em si própria. Não digo ajudar directamente as pessoas que nos rodeiam mas ajudar a ver as coisas de outra forma e sei lá fazermos pensar de maneira diferente (...) ” (Suj.E).

“ (...) É a sabedoria (...) Dou muita importância porque gosto de estar numa mesa com as pessoas, embora não domine um determinado assunto de que estão a falar gosto de, pelo menos, ter uma palavra a dizer, ter uma noção básica daquilo (...)” (Suj.D).

O **papel social** da escola foi também referenciado por dois sujeitos (Suj.M e Suj.H). Para estes, o contexto escolar é **importante para a vivência, o convívio e relacionamento interpessoal dos jovens, constituindo uma mais valia para a sua integração social:**

“ (...) para estar inserida na sociedade (...) ” (Suj.M).

(...) a relação interpessoal, tudo (...) Acho que é muito importante para a vida de uma criança, neste caso, de um jovem (...)” (Suj.H).

Importa ainda sublinhar que para **alguns sujeitos** (Suj.E, Suj.D, Suj.G, Suj. J, Suj.H, Suj.M) a **escola assume uma conjugação de papéis** (profissional, pessoal e social) demonstrando, por um lado, uma visão global sobre a influência que a escola exerceu nas suas vida e, por outro lado, a diversidade de percursos dos sujeitos e a importância que cada um atribuiu às suas próprias experiências escolares.

4.4.1.5 As dificuldades sentidas no percurso profissional

Quando inquirimos os sujeitos sobre as principais dificuldades que encontraram no contexto profissional, conseguimos destacar **três tipos de dificuldades:** a *procura de emprego*, *experiências diversas* e *relações laborais*. A **procura de emprego** (6) e as **experiências diversas** (6) foram as mais frequentemente mencionadas pelos sujeitos, seguindo-se as **dificuldades nas relações laborais** (4) (cf. anexos 4 e 6).

Cinco sujeitos (Suj.B, Suj.C, Suj.M, Suj.N, Suj.H) após saírem do Lar ficaram entregues a si mesmos, ou seja, a sua subsistência estava dependente deles próprios, por esse motivo começaram logo a procurar trabalho mas depararam-se com algumas **contrariedades**, destacando-se o tempo na **procura de emprego e sentimentos de discriminação social** (racial, idade, gravidez) quando procuravam emprego:

“ (...) Nos primeiros anos, só tive mesmo dificuldade em arranjar trabalho em Coimbra (...) Considero que a zona de Coimbra para trabalhar é complicada até porque as pessoas são exploradas (...) ” (Suj.B).

“ (...) A sociedade é um bocado rígida para com os imigrantes e é bocado discriminatória (...) Eu já desde novo cheguei a estas conclusões, tinha para aí dezoito, dezanove anos quando eu comecei a sentir isso porque eu antes não procurava trabalho. Tinha um emprego três meses, ganhava um dinheirinho para comprar as minhas roupas e não queria saber de mais nada. Comecei a sentir isso na pele quando saí de casa para ir procurar trabalho e sentia aquelas coisas. Tanto que muita gente falava comigo ao telefone, não sabia que eu era negro porque não sentiam o sotaque quando eu chegava ficavam meio desamparado (...) ” (Suj.C).

“ (...) Eu não tinha contrato a termo certo, não estava efectiva, estava a contratos e quando descobriram que eu estava grávida não renovaram o contrato e acabei por ficar desempregada (...) Ainda tentei ver algum trabalho mas eu não estava aqui há muito tempo, não conhecia ninguém, ainda não tinha carro e não era tão fácil de me deslocar, além de que a barriga já era grande e as pessoas (...) ” (Suj.M).

“ (...) a minha falta foi mesmo arranjar trabalho (...) foi a única coisa que eu senti mais foi isso (...) Eu saí da instituição sem trabalho, sem nada (...) ninguém me aceitava por ser pequenina (...) ” (Suj.N).

“ (...) Só passado dois meses é que arranjei trabalho (...) ” (Suj.H).

Importa também referir que um sujeito que está **desempregado** revela ter dificuldade em encontrar emprego no presente (este sujeito possui o 6.º ano de escolaridade):

“É muito difícil é muito difícil agora (...) ” (Suj.I).

A necessidade de garantir a subsistência e a baixa escolaridade que os sujeitos (Suj.A, Suj.H, Suj.I, Suj.J, Suj.M, Suj.P) possuíam fez com que alguns tivessem de passar por diversas experiências de trabalho. **Os primeiros trabalhos** que conseguiram arranjar **foram precários, rotineiros, indiferenciados e mal remunerados**, normalmente, ligados à área da restauração, limpezas, área comercial, construção civil, etc.) que os levava a permanecer pouco tempo num local de trabalho e a procurar um segundo ou terceiro trabalho para conseguirem alguma estabilidade e independência financeira:

“ (...) Trabalhei um ano e tal na Junta de Freguesia da Mealhada (...) como cantoneiro (...) trabalhei nas obras da construção civil, dos dezassete até aos vinte e dois anos; nem fazia descontos. E trabalhei uns meses numa Serração (...) ” (Suj.A).

“ (...) trabalhei no Pingo Doce depois trabalhei no Modelo, entretanto, fiz telemarketing, não gostei nada (...) ” (Suj.H).

“ (...) Já passei por outros trabalhos, já fiz um bocadinho de tudo (...) Depois de eu sair do pronto-a-vestir trabalhei sempre na restauração, desde que estou aqui em Lisboa (...) era muito aventureira, queria muito aprender e cansava-me bastante a rotina (...) ” (Suj.I).

“ (...) saí da comunidade, fiz a minha vida (...) tive um, dois, três trabalhos assim para me safar (...) eu nunca estava mais de um ano num trabalho porque fartava-me eu gosto de experimentar coisas novas (...) tinha aquela coisa de sair de um sítio, despedia-me, entrava logo no dia a seguir noutra lado e então não gozava férias (...)” (Suj.J).

“ (...) Já estive em cafés, em estabelecimentos, já estive em vendas, já estive em estabelecimentos comerciais e nada disso me deixava realizada (...) comecei a trabalhar num Continente, não gostava. Eu nunca gostei de tarefas monótonas (...) até porque eu achava que devia arranjar um emprego em que eu tivesse os fins-de-semana só para a minha filha (...)” (Suj.M).

“ (...) comecei a arranjar trabalho...fazer limpezas (...)” (Suj.P).

Quatro sujeitos (Suj.I, Suj.M, Suj.J) identificaram no seu percurso profissional **dificuldades ao nível das relações laborais** (com os colegas e patrões) que parecem ter **resultado de algumas características individuais e comportamentais** (pouca tolerância, dificuldade de adaptação a novas situações, impulsividade, insegurança):

“ (...) não me dei...não me dava com a minha encarregada. Apercebi-me que as pessoas estavam a abusar da minha pessoa, aí então saltou-me a tampa (...) e acabei por me ir embora (...)” (Suj.I).

“ (...) ainda continuava com algum espírito de rebeldia (...) Tive alguns problemas no trabalho porque era repondona, era muito repondona, não aceitava bem aquilo que as pessoas me diziam, eu tinha a própria ideia formada e ninguém me demovia disso. Falava aquilo que me vinha à mente, nem pensava nas consequências que isso podia trazer (...)” (Suj.M).

“ (...) tinha uma gerente (...) era a minha chefe. Para ela tudo o que eu fazia estava mal feito mas o patrão gabava-me a mim e o meu trabalho. Então ela revoltava-se (...) E eu então disse (...) farta de problemas já ando eu, então quero a carta de despedimento (...) E saí de lá (...)” (Suj.O).

“ (...) Quando eu entrei (...) era uma jovenzinha que não me davam mais que 20 aninhos, pensavam que eu era uma pirralha que ia para ali e que queria mandar em toda a gente. Há pessoas que têm dois anos de casa e as pessoas chocam – então mas é esta que vem para aqui mandar em mim? Então eu estou aqui há dois anos, eu sei o que faço não preciso que me venham dizer como é que eu tenho de fazer as coisas. Porque o conflito era esse, não aceitarem que fosse alguém de fora, mais novo mandar neles porque todos eles são mais velhos que eu (...)” (Suj.J).

4.4.1.6 O significado do trabalho na vida dos sujeitos

Das narrativas denotamos que os sujeitos atribuem maioritariamente ao trabalho um **significado ao nível material** (9), seguindo-se o **bem-estar físico** (3) e de **integração social** (2) (cf. anexos 4 e 6).

Para a maioria dos sujeitos o trabalho constitui fundamentalmente uma fonte de rendimento económica que lhes permite assegurar a sua subsistência, pagar as suas despesas, responder às suas necessidades e responsabilidades adquirindo a sua independência financeira:

“ (...) Sem o trabalho não vivemos nem sobrevivemos; tenho de pagar renda deste apartamento; é complicado isto (...) Eu acho que é essencial, além de ser o nosso meio de subsistência. Sem o dinheiro não fazemos nada, é mesmo assim! (...)” (Suj.A).

“ (...) É a independência, é dinheiro, dá para podermos comprar as nossas coisas. Temos de dar valor ao custo da vida. Só aí é que se vê o que a vida custa. É cara, temos de poupar (...)” (Suj.O).

“ (...) Comecei a trabalhar e ganhei a minha independência através do meu próprio trabalho (...) no 12.º parei um ano (...) estive a trabalhar, tirei a carta de condução, comprei um carro, ganhei alguma liberdade monetária (...) ” (Suj.F).

“ (...) Acho que é o fundamental para toda a gente (risos). Temos de trabalhar para sobreviver porque eu não acredito que quem não trabalhe consiga viver ou tem uma base familiar ou ganhou o euro milhões para não trabalhar (risos) (...) E é muito bom! (Suj.B).

(...) O trabalho dá-me independência (...) eu não gosto muito de pedir (...) se calhar foi por ter sido abandonada as 7 anos e pensar – se eu agora ficar sozinha como é que eu me desenrasque? - Quero ter sempre a minha independência (...)” (Suj.L).

Para além da importância financeira, alguns sujeitos (Suj.P, Suj.A, Suj.J) descrevem que o trabalho contribui para o seu bem-estar físico e psicológico:

“ (...) eu estive a estudar à noite (...) porque durante o dia eu ajudava na cozinha da comunidade...porque era preciso eu estar ocupada (...) e à noite ia estudar...Foi por minha iniciativa porque eu precisava muito de estar ocupada não é? por toda a situação, quanto mais ocupada eu estivesse melhor (...) ” (Suj.P).

“ (...) tive vários problemas de saúde, incluindo a depressão profunda (...) faz-me bem devido ao que eu passei, distrai-me; é essencial. Eu devido a esses problemas todos engordei muito, cheguei aos cento e vinte quilos. Agora, felizmente, estou com noventa e dois. Tenho vindo a diminuir aos poucos. O trabalho faz-me bem. Distrai-me, faço ginástica (risos), faz-me andar de um lado para o outro (...) ” (Suj.A).

“ (...) é uma quebra na rotina da vida das pessoas (...) ” (Suj.J).

Um outro papel atribuído ao trabalho pelos sujeitos (Suj.D e Suj.H) refere-se à **aquisição de competências profissionais e pessoais, à experiência e valorização pessoal, ao estatuto social que facilita o processo de integração e afirmação social:**

“(...) Quero trabalhar cá em Portugal, só depois de amadurecer ir para a Guiné já preparado e maduro para quando lá chegar conseguir ter uma voz activa. Eu não quero chegar lá inexperiente, quero ir já com uma certa experiência (...) para ter uma voz activa, opinar quando acho que devo e saber o que dizer nos locais apropriados e no momento certo (...)” (Suj.D) .

“ (...) o trabalho influencia muito as capacidades de raciocinar, de se relacionar com as outras pessoas (...) ” (Suj.H).

É importante referir que **três sujeitos encontravam-se desempregados** na altura da entrevista (Suj.I, Suj.E, Suj.N).

4.4.1.7 Grau de satisfação com o seu nível de escolaridade actual

Os testemunhos analisados revelam que **a maioria dos indivíduos (9) não está satisfeita com o seu nível de escolaridade** (cf. anexos 4 e 6), sendo de destacar que, de entre estes nove, sete pretendem progredir nos estudos de forma a realizar os seus objectivos pessoais e profissionais:

“ (...) Não (risos) não. Vou tentar outra (...) Quero acabar o 12.º ano para tentar concorrer ao INEM (...) ” (Suj.H).

“ (...) gostaria de ir para a faculdade (...) gostava de tirar estética mas ao nível superior não existe, só com o bacharelato e no particular (...) mas é difícil (...) vai depender do meu estado de saúde (...)” (Suj.I).

“ (...) Não, ainda quero continuar (...) Sei que nos dias de hoje uma pessoa nunca tem tudo a nível profissional mas quero subir a nível profissional (...) ” (Suj.L).

“ (...) Não...uma pessoa nunca está satisfeita (...) ” (Suj.N).

“ (...) Não. Gostava ainda de ter mais, de conseguir mais...vamos ver, devagarinho, pretendo continuar (...) ” (Suj.P).

“ (...) Satisfeito não me considero porque eu ainda espero acabar o meu curso, estou a estudar outra vez (...) Tenho um projecto que é ser arquitecto, se Deus quiser, ainda vou a tempo (...) Mas sendo pai, o facto de ter de trabalhar, não é por ser obrigado mas tenho uma filha e acho que não me sentiria bem não poder ajudar a minha filha ou não poder contribuir com alguma coisa, sempre tive isso na cabeça (...)” (Suj.C).

“ (...) Não. Porque eu sei que estou um bocadinho atrasado, pronto, pela minha idade já devia ter pelo menos a licenciatura (...) estou a contar com três anos de licenciatura mais um que eu quero fazer mestrado (...)” (Suj.E).

Os sujeitos (Suj. A e Suj.B) embora não estejam satisfeitos com a escolaridade actual consideram que **já não têm tempo nem condições para continuar os estudos:**

“ (...) Não; agora é muito, muito difícil eu poder fazer qualquer coisa (...) Eu devia mas não me estou a ver (...) ” (Suj.A).

“ (...) Não me considero satisfeito (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...) Sim, queria tirar mais certificações da Microsoft (...) Acho que em certos aspectos as certificações da Microsoft são mais valiosas que um diploma (...) ” (Suj.B).

Dos **três sujeitos que se consideram satisfeitos com o nível de escolaridade**, nomeadamente, o Suj.J e Suj.M, apontam a nova família como a sua prioridade no presente, optando por canalizar o seu tempo para estar com os filhos, motivo pelo qual não pensam em prosseguir os estudos:

“ (...) Sim... Porque correu tudo bem (...) ” (Suj.G).

“ (...) Sim. Se eu quiser mais é uma questão a pensar futuramente. Mas neste momento não pretendo estudar mais (...) Eu neste momento estou muito bem; se eu for para a universidade não vou ganhar mais, portanto, não vale a pena a matar-me mais com isso. Acho que prefiro ocupar mais o tempo com a minha filhota que já é pouco (...)” (Suj.J).

“ (...) Sim, eu sinto-me satisfeita porque tenho o 12.º ano e acho que não preciso de ir mais além porque eu tenho bons motivos (...) projectos a nível de carreira não tenho (...) ” (Suj.M).

Importa ainda destacar que **três sujeitos parecem ter uma apreciação ambivalente**, por um lado, **referem estar satisfeitos** com a sua escolaridade actual, por outro lado, **demonstram alguma insatisfação e desejo de melhorar:**

“ (...) Estou satisfeito, embora não vá muito à faculdade porque trabalho a noite, a minha média anual é fazer seis cadeiras (...) o meu projecto futuro não faço. O meu objectivo é acabar o curso (...)” (Suj.D).

“ (...) É assim, estar estou...é assim, uma pessoa vê hoje em dia pedem o 12º ano. Uma pessoa com o 12º ano também não é nada. É só mais por acabar o 12º ano e é mais uma coisa que uma pessoa tem. Depois os padrões dizem que eu tenho de ter um estudo próprio para lá estar e mais não sei quanto...e então olhe

vou tirar (...) eu gostava de fazer o 12.º ano (...) Lamento não ter acabado o curso de animação sócio cultural. Mas agora para a vida que eu levo também não... já não vou a tempo. Tenho uma criança (...) estou inscrita e quero ver se faço o 12.º ano, mas até lá não penso em nada (...)” (Suj.O).

“ (...) Sim (...) neste momento eu tenho várias ideias, não tenho projectos. Já tive a experiência de ir trabalhar para o estrangeiro, estar seis meses a trabalhar em Londres, por exemplo, através da minha empresa. Tenho uma intenção de voltar a ter essa experiência, estar mais tempo no estrangeiro (...)” (Suj.F).

4.4.1.8 Grau de satisfação com o trabalho actual

Relativamente à satisfação com o trabalho, constatámos que só quatro sujeitos (Suj.G, Suj.M, Suj.F, Suj.J) (cf. anexos 4 e 6) mencionam estar satisfeitos com o seu trabalho. Algumas das razões que são apontadas referem-se ao tempo que dispõem para estar com a família, ao aspecto não rotineiro, ao trabalho perto de casa e à estabilidade profissional:

“ (...) Sim gosto, foi o que eu escolhi entre aqueles que havia, tive curiosidade e fiz (...) Eu gosto de fazer aquilo que faço (...) há tempo para o trabalho, tempo para a família e desse tempo não prescindo. Estou no trabalho e naquela altura faço aquilo que tenho de fazer (...) (...) Eu sinto-me satisfeita com o trabalho que tenho e acho que não preciso ir mais longe (...) Há uns dias que saio, outros estou ao computador a escrever cartas, outros dias que estou a tratar de outro tipo de assuntos (...) penso que consegui fazer aquilo que queria (...)” (Suj.M).

“ (...) Sim (...) ” (Suj.F).

“ (...) Considero-me satisfeito porque no fundo trabalho, tenho a sorte de trabalhar a 100 metros de casa (...)” (Suj.G).

(...) O meu projecto é o que eu estou a fazer neste momento. Que corra sempre bem, que dure muitos anos sem ter muita chatice (...)” (Suj.J).

Cinco sujeitos têm uma apreciação ambivalente, ou seja, por um lado, **referem estar satisfeitos com o trabalho** que têm actualmente, por outro lado, **revelam alguma insatisfação com o ordenado que auferem**, manifestam interesse em mudar de trabalho por não estarem a fazer aquilo que gostariam e não gostam de estar afastados da sua rede de amigos, etc. :

“ (...) Gosto, embora não seja aquilo que queria mas gosto (...) Já pensei em sair (...) mas depois eu penso assim, eu saio de lá, já lá estou efectiva. Saio de lá e vou para outro lado a contrato e venho para a rua. Mal por mal vou deixar-me ficar onde estou. Eu já pensei em sair de lá, na altura estava grávida, andei a concorrer para as Cáritas (...)” (Suj.O).

“ (...) Gosto muito do que faço. Não estou satisfeito porque o ordenado não é uma grande coisa, mas eu quero sempre melhor. Eu agora gosto do que faço e tenho de procurar o melhor para mim (...)” (Suj.A).

“ (...) Gosto, gosto, tudo o que seja relacionado com outras pessoas, falar com outras pessoas eu gosto (...) queria ver se acabava com as Novas Oportunidades que é para eu me inscrever no INEM. Eu queria ir para o INEM (...)” (Suj.H).

“ (...) Gosto, embora não seja aquilo que queria mas gosto. A minha madrinha dizia que eu tinha muito jeito para cabeleireira, e eu também gosto (...) Já pensei em sair (...) mas depois eu penso assim, eu saio de lá, já lá estou efectiva. Saio de lá e vou para outro lado a contrato e venho para a rua. Mal por mal vou deixar-me ficar onde estou. Eu já pensei em sair de lá, na altura estava grávida, andei a concorrer para as Cáritas (...)” (Suj.O).

“ (...) Neste momento acho que estou satisfeito com isso (...) eu gosto do meu emprego, gosto muito de trabalhar lá, tanto que já conhecia algumas pessoas que lá trabalhavam de há muitos anos mas não gosto de viver. Saí de uma cidade, tive de deixar a minha vida aqui em Coimbra; os meus amigos e tive de ir para uma cidade que nem gosto muito apesar de ter nascido lá. Estou há oito meses (risos). Estive aqui em Coimbra até aos vinte e cinco anos. E acho que a única coisa que me custa mais um bocadinho é estar em Lisboa mas tirando isso é uma questão de hábito. E, neste momento, nós temos de olhar pela nossa vida profissional mais do que pela pessoal. É assim que funcionam as coisas aqui. Mas venho aqui aos fins-de-semana dá para matar saudades e posso estar com os meus amigos (...)” (Suj. B).

É de referir ainda que o sujeito C manifesta insatisfação face ao trabalho e o Sujeito I (que se encontra desempregado) revela sentimento de não realização profissional:

“ (...) é um trabalho que eu não gosto, acho que pouca gente gosta (...)” (Suj.C).

“ (...) estes últimos anos trabalhei sempre no ramo da hotelaria como empregada de mesa. É dos trabalhos que eu posso dizer, mais ingratos, bastante ingratos e cansativos (...) Eu, neste momento, com quase trinta anos, ainda não estou realizada ao nível profissional, (risos) é absurdo mesmo dizer mas não me sinto profissionalmente realizada (...)” (Suj.I).

4.5 Serviços

“ (...) Desde miúdo tinha a sensação que nos tínhamos de desenrascar (...) A maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...) tínhamos de ir trabalhar para ter (...)” (Suj.B).

4.5.1 Apoios formais

Quando inquirimos os sujeitos sobre os apoios formais que beneficiaram ao longo do seu percurso de vida, denotámos que estes foram quase inexistentes (cf. anexos 4 e 6).

Foram muito poucos os apoios formais que os sujeitos beneficiaram (com apoio percebido) e que consideraram terem sido importantes. Destes conseguimos identificar três tipos de apoio: médico, formação, técnico.

apoio médico

O apoio médico, nomeadamente, a consulta psiquiátrica, foi referenciado pelo sujeito A no período de transição. Este apoio foi essencial para o jovem - adulto na medida em que conseguiu obter tratamento para a depressão grave em que vivia e que já se prolongava no tempo, recuperando o seu bem-estar emocional e retomando a sua vida social e profissional:

“ (...) consegui ir a uma consulta na psiquiatria e ela receitou-me outros medicamentos; completamente diferentes dos outros e eu até dissemos: se me tivesse receitado isto ao princípio eu talvez tivesse recuperado num instante. Só dois medicamentos e eu tomava montes deles; só dois medicamentos arrumaram, puseram-me bem, ponham-me bem disposto e não pensava tanto nas coisas (...)” (Suj.A).

Também os sujeitos (Suj.P e Suj.N) evidenciaram a importância que o apoio médico (psiquiátrico e psicológico) desempenha enquanto suporte emocional no presente. Um deles faz referência ao facto de poder usufruir da ADSE do seu marido, beneficiando de descontos em consultas e medicação:

“ (...) eu tenho uma psicóloga, já quase há 7 anos e é uma psicóloga de verdade, não é o que acontecia ali dentro. Sempre que vou lá eu venho de lá renovada (...)” (Suj.P).

“ (...) Eu ando na psiquiatria, ando a tomar medicação (...) porque me faz falta (...) tive o meu filhos apanhei uma depressão pós-parto e com outros problemas já com antecedentes...acumulou-se tudo e então...tenho de tomar medicação por causa disso....tenho a ADSE do meu marido...é importante...a medicação é mais barata...com o meu filhos andei em médicos particulares...e era mais barato (...) tive poio psiquiátrico no instituto maternal...antes, durante e depois...passado um ano do C...descobriram que eu tinha uma depressão pós parte já muito avançada...então foi complicado e até hoje faço tratamento (...)” (Suj.N).

apoio formação

O apoio ao nível da formação foi referenciado por dois sujeitos. O sujeito G que considera ter sido importante a atribuição da acção social escolar, durante o período de acolhimento, porque lhe deu condições de estudo e capacidade de colmatar necessidades ao nível escolar que de outra forma seriam impossíveis de ultrapassar. Este sujeito também faz referência à bolsa de estudo que beneficiou, considerando um apoio fundamental para realizar o seu curso superior e conseguir colocação no mercado de trabalho:

“ (...) cada um de nós ao abrigo da acção social escolar das escolas tínhamos as nossas pequenas bolsas, que não se traduziam em dinheiro mas era em material escolar, como se faz ainda hoje. O que a casa não dava, dava a escola, os livros, as canetas, os papéis, passe (...) eram fundamentais quer o apoio da escola, até nas senhas de alimentação das cantinas, dos transportes (...)” (Suj.G).

O sujeito M também valoriza o curso de formação profissional que realizou através do IEFP admitindo ter sido uma oportunidade que lhe permitiu atingir dois grandes objectivos: ter equivalência ao 12.º ano e conseguir inserir-se no mercado de trabalho. Durante o seu percurso pós-institucional este sujeito teve muita dificuldade em conseguir conciliar a sua vida de estudante com a sua vida profissional e familiar. Por isso, observamos que este curso foi preponderante no seu itinerário na medida em que conseguiu investir e melhorar a sua qualificação e, ao mesmo tempo, garantir a sua subsistência e também a da sua filha, através das regalias que este forneceu: bolsa de formação e subsídio para dependentes a cargo:

“ (...) surgiu um curso profissional e pareceu-me uma boa ideia porque eu não tinha de trabalhar, eles pagavam-me para tirar o curso e acho que isso foi muito interessante. Pagavam-me pouco mas na altura como eu estava com os meus tios eu não precisava de pagar renda portanto o dinheiro que eu ganhava dava para comprar as coisas para ela. Também não precisava de pagar Colégio porque era pago por eles e o almoço comia na escola também pelo instituto. A única coisa que eu tinha de me preocupar era com as roupas, higiene e os transportes. E esse pouco dinheiro que eu tinha dava perfeitamente (...)” (Suj.M).

apoio técnico

O apoio técnico foi mencionado pelo sujeito O, onde se constata o papel importante que os professores e uma assistente social desempenharam, durante o período de acolhimento, na medida em que impediram que a sua matrícula fosse anulada podendo assim prosseguir os seus estudos:

“ (...) em pequena eu tive meningite e então ela [a directora] pensou que eu não tinha capacidades, que era uma atrasadinha mental. O que valeu a mim foi a matrícula já estar feita na escola, senão eu não me matriculava. E ela queria anular e os professores não deixaram (...) querer tirar-me dos estudos para me pôr num colégio de deficientes, em Miranda e a assistente social de lá não me aceitou porque fez-me testes e viu que eu era capacitada para andar numa escola normal (...)” (Suj.O).

É de salientar também que o sujeito A beneficiou, após saída do Lar, do rendimento social de inserção da segurança social, atribuindo a este apoio formal uma apreciação ambivalente: por um lado, considerou significativo na altura em que lhe foi concedido porque encontrava-se numa situação social de carência económica, por outro lado, percebe que ele não teve influência nenhuma na sua vida porque teve de devolver à segurança social o valor total do subsídio que tinha beneficiado, apesar da sua situação continuar precária:

“ (...) Sim, o rendimento social de inserção da segurança social; isto depois de sair. Não foi nenhum porque na altura eu precisava e depois pediram-me o dinheiro todo que me tinham dado. Ajudaram-me quando eu precisei, depois mandaram-me uma cartinha a pedir o dinheiro todo que me deram. Ainda cheguei a pagar quinhentos euros. Depois mandaram-me uma carta a pedir setecentos e tal euros. Eu precisava porque não tinha e não tenho o dinheiro, fica lá ninguém tira de lá a dívida. Um dia que eu vá para o subsídio de desemprego, eles vão tirar o dinheiro do subsídio de desemprego, foi o que fizeram com os quinhentos euros. Tiraram todos os meses cento e tal euros. Esse apoio foi essencial mesmo, mas depois (risos).” (Suj.A).

Para além desta apreciação ambivalente, é importante também destacar que as narrativas de três sujeitos (Suj.M, Suj.F e Suj.I) evidenciam uma incongruência entre os apoios formais que receberam e a percepção que têm desses mesmos apoios, ou seja, os apoios recebidos são diferentes dos apoios percebidos. Esta incongruência parece dever-se ao facto dos sujeitos considerarem que os apoios que beneficiaram foram pontuais ou insuficientes perante as necessidades que enfrentavam para conseguirem estabelecer-se de forma autónoma e independente. Estes apoios destacam-se sobretudo ao nível material e financeiro (benefício de algum vestuário e alimentação, etc.), ao nível de formação (benefício de bolsa de estudo num valor inferior à sua totalidade), ao nível habitacional (benefício de apoio habitacional em situação de risco) como podemos observar nos seus próprios discursos:

“ (...) Eu tive muito poucos apoios (...) Tive um apoio de uma instituição de apoio à grávida que me deu umas roupinhas, umas fraldinhas, coisas muito poucas, isso foi uma ajuda mas insignificante perante as dificuldades (...)” (Suj.M).

“ (...) Pessoas que tinham pais e mães, tiveram grandes apoios e eu nunca consegui, sempre me foi negado. Inclusive quando eu me quis candidatar ao rendimento mínimo disseram-me – eu não conseguia arranjar ninguém para ficar com a minha filha, fui lá pedir um apoio – que eu era jovem e tinha força para trabalhar. Eu ia levar a minha filha para o trabalho comigo? Não houve nenhum tipo de apoio, tive muitas dificuldades quando tive a L.... porque fiquei desempregada. A ela nada faltou, nunca mas a nós faltou e

nunca tive nenhum apoio (...) uma vez a segurança social deu-me uma lata de leite, muito pouquinho. Eu conheço uma colega minha que todas as semanas ia buscar uma lata de leite e davam-lhe as que ela quisesse, não tinha de justificar, não tinha de chorar, não tinha que nada. Eu vejo algumas situações destas e não tive nenhum apoio comparado ao que elas tiveram. Tive sempre que lutar para vencer (...)" (Suj.M).

" (...) Não, na minha experiência foi um caso concreto da burocracia (...) porque no momento em que pedi a bolsa foi-me dito e foi assumido que quando eu saísse da instituição iria ter a bolsa máxima devido às minhas circunstâncias. Mas devido à burocracia, às entrevistas, existiam uma série de obstáculos que as próprias pessoas, os próprios formulários para as bolsas não admitiam que eu tivesse um rendimento zero, portanto não podiam fazer um cálculo de uma bolsa com rendimento zero, o que me deixou ali um bocado (...) supostamente, seria o equivalente ao ordenado mínimo e não foi, era metade ou menos de metade. E foi a única coisa que tive, o resto que eu tive foi a trabalhar (risos). Foi, vamos lá ver eu tinha a residência, tinha onde dormir. O apoio da bolsa era talvez o suficiente para a alimentação, não daria mais do que para isso (...) portanto não encaro esse apoio sequer o suficiente para a totalidade as coisas (...)" (Suj.F).

" (...) Houve uma discussão que nós tivemos o ano passado que ela [a mãe] apontou-me uma faca. Acho que ela não tem...Eu fiz queixa dela, fui à segurança social dizer o que se estava a passar e a segurança social pagou-nos duas noites numa pensão para a gente não ir para casa. Na altura, ajudavam-nos até termos uma casa ou tínhamos a opção de ir para uma instituição daquelas de mães solteiras (...)" (Suj.I).

São também merecedores de destaque os apoios formais aos quais os sujeitos (Suj.M, Suj.F, Suj.I) recorreram mas que lhes foram recusados (sem apoio percebido). As suas narrativas evidenciam críticas lançadas, pelos próprios, ao sistema de protecção social devido às grandes dificuldades que vivenciaram no período de transição para a sua vida autónoma. É de salientar ainda que o contexto familiar de origem que motivou a institucionalização dos jovens e ausência de uma rede informal lhes desse suporte e resposta a diversas necessidades e problemas que enfrentavam neste período significativo da sua vida, parece ter levado os sujeitos a recorrerem à rede formal de apoio (serviços públicos e privados) encontrando nesta várias adversidades, contrariedades e incongruências das políticas sociais existentes:

- a) Não conseguir vaga numa creche para a filha dificultando a sua vida profissional;
- b) Não beneficiar de subsídio de desemprego após o seu contrato de avença ter terminado tendo ficado numa situação de desemprego;
- c) Necessitar de apoio económico para prosseguir os seus estudos e a resposta social oferecida (rendimento social de inserção) não se adequar à sua situação de estudante, uma vez que para usufruir do mesmo era necessário estar inscrito no centro de emprego;
- d) Habitação social recusada;
- e) Não beneficiar de respostas sociais:

" (...) não foi fácil porque eu tive uma época de exames finais e tinha de espalhá-la pelos meus amigos, uma dia ficava com um outro dia ficava com outro e eu passava aqui dias inteiros a estudar (...) Um dos grandes problemas quando ela nasceu foi mesmo a escola. Não há muitas escolas aqui e as poucas que existem estão superlotadas e quando se consegue vaga é numa escola que até mete medo ao susto, uma pessoa não quer arriscar os filhos nessas condições (...) Foi muito difícil arranjar um sítio para ela ficar, ainda hoje é (...)" (Suj.M).

" (...) acabei por ficar desempregada. Não tive direito a nenhum subsídio do estado, nem subsídio de desemprego, nem nada (...) Eu conheço algumas colegas, em situações semelhantes às minhas mas pessoas que não estiveram na instituição e que viviam com os pais tiveram muitos apoios do estado (...)" (Suj.M).

“ (...) tinha a possibilidade do rendimento mínimo da segurança social mas depois também existe algum círculo aí, porque para ter o rendimento mínimo teria de estar inscrito no centro de emprego e eu estava interessado em estudar e não em trabalhar portanto há aqui um círculo vicioso, o que não me permitiu, de maneira alguma ter pedido o rendimento mínimo (...) Quando sai da instituição não obtive apoio, não o obtive por causa do círculo vicioso (...)” (Suj.F).

“ (...) recorri a casas da Câmara eles disseram que só tinham casas para dar a pessoas que viviam nas barracas ou a pessoas que têm necessidades especiais, eu no fundo não vivia na barraca por tinha alguém que me acolheu depois disso não tinha mais nada. E aquelas pessoas que não têm familiares, que não têm mais nada? Se calhar é por isso que têm uma vida menos boa, mais degradante e acabam por seguir os exemplos dos pais, de roubar, de drogas ou prostituição (Suj. M).

“ (...) Eu pedi ajuda e não consegui arranjar (...) não tive nenhuma ajuda. Mas é engraçado que se formos a ver, ciganos e pretos têm tudo, que é mesmo assim, têm tudo, têm direito a tudo, têm direito a casa com renda baixa, têm direito a subsídios. E eu com esta doença, com uma filha e passando algumas dificuldades, estando ali na casa da minha mãe numa situação onde o clima é pesado, tendo em conta também o que eu passei, não ajuda em nada. Tenho receio porque eu não quero a minha filha num Colégio (...)” (Suj.I).

Ao panorama demonstrado pelas percepções dos sujeitos no que diz respeito às dificuldades de acesso aos apoios formais, à recusa desses próprios apoios, à rigidez dos critérios das respostas sociais na sua atribuição, introduzimos também as afirmações de três sujeitos (Suj, E, Suj.J, Suj.C) que revelam não ter beneficiado de nenhum apoio formal:

“ (...) Não (...)” (Suj.E).

“ (...) Não, Não. Nunca tive de ninguém mesmo (...)” (Suj.J).

“ (...) Não, não quando sai nada (...)” (Suj.C).

Só o sujeito L, refere que poderia ter recorrido a apoios mas não o fez porque não quis:

“ (...) Eu fugi um bocadinho dos apoios (risos) (...) Eu podia ter tido os apoios eu é que optei por não ter (...)” (Suj.L).

Considerações Finais

Este estudo procurou centrar a sua análise nas narrativas de jovens - adultos acerca das experiências de institucionalização na sua infância e/ou adolescência e na sua percepção acerca da influência que estas exerceram no seu percurso e condições de vida actuais. A opção pelo acolhimento prolongado, proporcionado pelos Lares de Infância e Juventude, incide na sua especificidade enquanto resposta de protecção de longo prazo, assumindo um papel não negligenciável no desenvolvimento e socialização das crianças e jovens. Pensámos que seria um caminho que nos podia ajudar a perceber não só o significado e o papel que o acolhimento desempenhou nas suas vidas, mas também a identificar outros factores igualmente influentes.

Adoptando uma perspectiva ecológica e reconhecendo a complexidade de factores que condicionam a experiência individual, optou-se por explorar o significado da vivência institucional

não a isolando ou abstraindo, mas tendo em conta outros aspectos susceptíveis de influenciar esta vivência, nomeadamente, as características individuais, condições da instituição, outros significativos (família de origem, nova família, amigos), escola, trabalho, serviços.

Assim, passamos a apresentar as principais tendências dos dados obtidos:

Ao **nível do indivíduo** observou-se que a **entrada** na instituição constituiu uma fase muito significativa para todos os sujeitos. Separaram-se de todas as suas referências de origem necessitando de se adaptar a uma nova situação (com excepção dos três sujeitos que já vinham de uma outra instituição). Cada um vivenciou esta experiência de maneira diferente em função das suas condições e características (psicológicas, relacionamento interpessoal, competências e recursos pessoais) que influenciaram a sua **adaptação à vida no Lar**. Da análise dos dados foi evidente que à entrada para o Lar uns jovens estavam mais tristes, mais constrangidos, mais fragilizados, mais revoltados do que outros, revelando necessidades e preocupações específicas que deviam ser identificadas e trabalhadas durante o acolhimento, mas que parecem não ter sido atendidas, explicando assim o **estado emocional** que manifestaram nos primeiros tempos do acolhimento e as memórias negativas que guardam desse período. Apesar de alguns considerarem terem sido bem acolhidos, todos os sujeitos recordam a chegada e os primeiros tempos do acolhimento como tendo sido marcados por grandes dificuldades, essencialmente pela separação abrupta das suas famílias de origem. Revela-se assim fundamental dar uma especial atenção ao período inicial de acolhimento, tendo em consideração as especificidades de cada uma das crianças e dos jovens, como a idade de entrada, a experiência ou não de uma institucionalização anterior, o estado emocional, os motivos de institucionalização, a preparação ou não para a entrada no Lar pela família ou por algum profissional.

Em relação ao **processo de saída**, é de salientar que, do ponto de vista psicológico, a apreciação é predominantemente negativa, a maioria dos jovens revelaram fragilidade emocional, pela falta de preparação psicológica para a saída, pela ruptura de laços afectivos que foram construídos durante o período de acolhimento, pelo sentimento de pertença ao espaço institucional, pelos sentimentos de insegurança, solidão, desamparo, choque e revolta inerentes ao processo de independência que tiveram de enfrentar após deixarem a instituição. Alguns sujeitos revelaram sentimentos de ambivalência neste processo de transição, identificando sentimentos de liberdade, realização, curiosidade em conhecer o mundo, mas também reconheceram não estarem preparados para a vida cá fora. Constatou-se que as apreciações se dividem entre aqueles que se consideravam preparados para a saída, para viverem a sua vida de forma autónoma e independente, dispondo de competências e recursos pessoais considerados importantes para esse

efeito (sentido de responsabilidade, competências de gestão da vida doméstica, um curso profissional, trabalho, experiência de ter vivido um ano fora do Lar, entre outros) e aqueles que não se sentiam preparados por reconhecerem que lhes faltavam recursos (não tinham como fazer face às suas despesas, não sabiam o que iam fazer, onde iam ficar, etc.). Outros ainda revelaram alguma ambivalência na medida em que se sentiam independentes e capazes da sua autonomização mas reconheceram que planearam tarde como seria a sua vida fora da instituição. A qualidade das **relações interpessoais** estabelecidas entre as crianças e jovens e seus pares e alguns profissionais, os sentimentos de identificação, de amizade, de partilha, de união, o clima “familiar” que resultava da interacção entre as crianças e jovens acolhidos, constituíram para a maioria deles um factor significativo para a sua adaptação à vida no Lar. Os estudos da SCML (2004), de Gomes, M (Coord.) 2005 e de Quintãns (2009) também demonstraram nas suas conclusões que as relações afectivas significativas dos jovens com os seus pares são percebidas de forma positiva e parecem constituir um factor de grande importância pelo efeito securizante no seu processo de desenvolvimento. É, no entanto, de referir que para algumas crianças e jovens iniciar e manter uma relação de amizade, de confiança é um processo que se reveste de algumas dificuldades devido a características pessoais (timidez, medo, receio, etc.).

No que diz respeito à aquisição de **competências e recursos pessoais** (autonomia, responsabilidade, independência, capacidade de iniciativa e de resolução de problemas, etc.), estas foram identificadas por alguns sujeitos como sendo desenvolvidas de forma involuntária, como resultado de experiências negativas quer no decurso do período de acolhimento, quer já no contexto pós-institucional. No entanto, foram feitas apreciações positivas que dizem respeito à aquisição de algumas competências de gestão doméstica e de aspectos relacionados com a disciplina e a conduta que resultaram da forma como estava organizada a instituição.

Em relação à **imagem que os sujeitos têm de si**, podemos observar que a maioria tem a percepção de que mudou muito com a passagem pelo Lar e que essa mudança foi positiva, ou seja, estes jovens têm uma auto-imagem melhorada em comparação com a imagem que tinham na fase de entrada para o Lar e mesmo durante o período de acolhimento. Esta melhoria da sua auto-imagem parece estar relacionada com o processo de amadurecimento pessoal, e com o desenvolvimento pessoal e social destes sujeitos, em que a troca de experiências, a convivência em grupo, o relacionamento interpessoal e mesmo as adversidades e constrangimentos que tiveram de enfrentar são entendidos pelos próprios como relevantes. No entanto, é de referir que três sujeitos consideram que não mudaram, mantendo as suas características pessoais e a sua personalidade igual. Só um sujeito tem uma apreciação negativa da sua imagem durante o seu percurso de vida (antes, durante e depois do acolhimento).

Em suma, cada indivíduo, ao entrar para a instituição, levou consigo o seu próprio historial familiar, um conjunto de valores e padrões de comportamento, as suas características e especificidades que definiam a sua identidade, os seus receios e ansiedades, os seus traumas, os seus problemas de saúde, as suas dúvidas, os seus sonhos e expectativas de vida que ditaram uma melhor ou pior adaptação ao novo contexto com que se depararam. Por isso, é fundamental que todos estes aspectos, ou seja, a singularidade de cada criança ou jovem seja reconhecida e respeitada pelos profissionais do Lar. Esta atenção diferenciada envolve um diagnóstico inicial aprofundado para que os mesmos sejam atendidos, percebidos e acompanhados de forma individualizada, permitindo depois delinear um projecto de vida individual, de acordo com o perfil de necessidades e recursos observado.

Ao nível da **adaptação à vida no Lar** importa referir que esta foi, para a maioria dos jovens, facilitada pela ligação afectiva que estabeleceram com várias pessoas significativas (pares, profissionais, outros) e pelo ambiente familiar proporcionado. A dimensão das **relações interpessoais** reveste-se, assim, de importância acrescida no contexto institucional. Também Alves (2007) no estudo que realizou sobre *Percursos Adolescentes em Lares de Infância e Juventude* destaca a importância da proximidade e qualidade das relações estabelecidas no Lar entre as crianças e seus pares e entre adultos. No entanto, no que se refere às **relações adulto - criança**, apesar de alguns jovens referirem a sua proximidade relativamente a alguns profissionais, vários foram os sujeitos que evocaram sentimentos de injustiça e de indiferença dos adultos que os marcaram e influenciaram a sua vivência no Lar, provocando tensão e animosidade nestas relações, o que precipitou a saída de alguns jovens, por iniciativa do Lar ou deles próprios. Estas experiências que alguns vivenciaram revelam desmotivação, pouco envolvimento ou dedicação de alguns profissionais. A este respeito, os jovens - adultos sugerem que sejam introduzidas mudanças na equipa e direcção do Lar, que seja fornecida formação específica aos profissionais e um aumento da dotação de **recursos humanos** para que possam fazer um acompanhamento adequado a cada criança acolhida.

A forma como os jovens - adultos ocupavam o seu **quotidiano no Lar**, as actividades que a instituição promovia e aquelas que eles próprios tinham liberdade para organizar foram referidas como aspectos positivos que contribuíram para seu desenvolvimento pessoal e social. Nas sugestões lançadas pelos jovens - adultos encontram-se, no entanto, algumas que se relacionam com a filosofia de funcionamento do Lar, nomeadamente, maior dinamização das actividades pedagógicas e lúdicas para os mais novos, implementação de um sistema de segurança à entrada e

saída do Lar, mudança para um sistema não misto (de um só sexo) e a criação de mecanismos de segurança, de supervisão e controlo da conduta das crianças e jovens acolhidos, uma vez que os existentes eram e ainda são débeis. Estas sugestões ganham sentido acrescido quando a maioria dos sujeitos considera que o Lar tem vindo a sofrer mudanças negativas após a sua saída, o que configura uma imagem negativa da instituição no presente.

No que se refere ao **papel atribuído aos mais velhos** na educação dos mais novos e na gestão quotidiana da casa, por um lado, são identificados aspectos negativos que assentam, sobretudo, no facto de considerarem que é um papel demasiado exigente, interferindo no seu tempo de estudo, sem preparação e sem o devido acompanhamento e supervisão dos profissionais. Por outro lado, existem aspectos positivos que revelam o desenvolvimento de capacidades individuais (autonomia, independência, iniciativa, resolução de problemas, etc.) e de algumas competências de gestão da vida doméstica (cozinhar, arrumar, limpar, etc.) no âmbito da responsabilidade que lhes atribuíram. De acordo com as rotinas e actividades diárias da instituição, com a filosofia de funcionamento e organização do Lar, de forma diferenciada, com maior ou menor facilidade em função das dificuldades e constrangimentos que foram enfrentando e de acordo com o tipo e qualidade das experiências vivenciadas, as crianças e jovens foram adoptando condutas, adquirindo competências e desenvolvendo capacidades, aprendendo a tomar conta de si próprios e de outros e a assumir responsabilidades muito mais cedo do que qualquer outro jovem da sua idade que estão inseridos nas suas famílias de origem. Para a maioria tratou-se de um caminho que foi percorrido com grandes dificuldades, onde faltou o acompanhamento individual ou supervisão de um adulto que os ajudasse a superá-las, descobrir e a desenvolver todas as suas potencialidades.

Numa das mudanças mais significativas da sua vida – **a saída do Lar** – a maioria dos jovens revela que não se sentia preparada, nem sequer tinha pensado nesta possibilidade, no período em que estiveram acolhidos. As suas narrativas traduzem sentimentos de desamparo, solidão, desorientação e confusão neste período das suas vidas. Muitos ficaram praticamente entregues a si mesmos. Todavia, alguns desenvolveram, durante o acolhimento, competências pessoais e sociais que os ajudaram no processo de autonomização (ex. gerir dinheiro, tarefas domésticas, cuidados de higiene, iniciativa, resolução de problemas, partilha, gosto por ajudar os outros, etc.). É também de destacar um sujeito que decidiu interromper os seus estudos, por um ano, tendo ficado junto de familiares, onde procurou adquirir outras competências que considerou serem significativas para a sua saída do Lar (ex. viver um ano fora do Lar, tirar a carta de condução, possuir experiência profissional, ter alguma independência económica, etc.). De referir ainda que a maioria dos jovens

não beneficiou de qualquer apoio por parte da instituição, evidenciando várias dificuldades no seu processo de autonomização e adaptação à vida independente: ausência de apoio e acompanhamento psicológico na preparação para a saída (deixar o espaço, o quarto, a casa, desvincular-se das pessoas com quem tinham fortes laços afectivos, habituar-se a viver sozinho, necessidades ao nível habitacional, financeiro, emprego, etc.). Os **apoios formais** (serviços públicos e privados) foram também quase inexistentes ou manifestaram-se insuficientes perante as necessidades que os sujeitos sentiram. Os dados desta investigação vão assim ao encontro de alguns estudos nacionais (SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009) e internacionais, que têm vindo a demonstrar que os jovens que saem das instituições de acolhimento enfrentam dificuldades a vários níveis no processo de transição para a vida independente, porque não adquirem competências de vida necessárias durante o acolhimento nem são apoiados por serviços no contexto pós-institucional, o que os coloca numa situação de vulnerabilidade social e de desvantagem (Biehal et al., 1994; Broad, 1999; Festinger 1983; Stein & Munro, 2008), com menos oportunidades de adquirir uma formação superior (Barth, 1990; Biehal, et al,1995; Cashmore & Paxman, 2006; Cheung & Heath, 1994; Clare, 2006; Courtney & Dworsky, 2006; Pecora et al, 2005; Stein, 2006) e de ter um emprego estável (Cheung & Heath, 1994; Courtney & Dworsky, 2006; Stein, 2006; Wade & Dixon, 2006). São mais vulneráveis a incorporarem a população sem abrigo (Barth, 1990; Biehal & Wade, 1996; Courtney & Dworsky, 2006; London & Halfpenny, 2006; Stein, 2006; Wade & Dixon, 2006), a sofrer de problemas de saúde mental e física (Cook, 1994; McDonald, et al., 1996; Pecora et al, 2005), tendo mais probabilidades de se envolver em actividades ilícitas (Barth, 1990; MacDonald et al, 1996; Brandford, 2002) ou consumo de drogas (McMillen & Tufei, 1999), de ser pais adolescentes (Stein, 2006; Brandford, 2002) e de ter menor suporte social e menos sentimentos de bem-estar (Bueheler, Orme, Post, & Patterson, 2000, cit. por Zeira, 2009). A este respeito, é de salientar que alguns dos sujeitos que integraram a amostra deste estudo referiram ter conhecimento de outros jovens que saíram da mesma instituição “...crianças muito problemáticas que saíram de lá piores e estão num mundo onde ninguém deseja estar...” ligadas ao consumo de droga, prostituição, delinquência, etc. No entanto, não foi constatada nenhuma destas situações nos jovens entrevistados.

Neste sentido, as questões do **quando** e **como** o jovem deve sair devem ser trabalhadas desde o início do seu acolhimento, de forma a serem analisadas as diversas alternativas de definição do seu projecto de vida, privilegiando o contexto familiar e o seu percurso escolar e profissional, tendo em conta a sua futura inserção sócio profissional. A conjugação de esforços entre diversos organismos públicos e privados no sentido de serem oferecidas condições aos jovens após a sua saída do Lar, nomeadamente, disponibilizando um espaço residencial transitório que

funcionaria como uma “rede”, constitui outra das sugestões apontadas pelos próprios. Relativamente a este assunto, importa sublinhar que, de acordo com um dos sujeitos inquiridos, a instituição de referência neste estudo disponibilizava um espaço habitacional fora da instituição, de que ele próprio beneficiou, destinado aos jovens que entravam no ensino superior. Segundo este jovem - adulto, este apoio foi muito importante, referindo que só saiu de lá após já ter trabalho e adquirido habitação própria, sendo o único sujeito que refere não ter sentido dificuldades de adaptação na passagem para a sua vida independente. Revela-se assim o carácter crítico de um espaço de transição (como já existe em várias instituições, os chamados *apartamentos de autonomização*) com o objectivo de possibilitar a todos os jovens, de uma forma gradual, a aquisição de competências de vida, bem como beneficiar de orientação escolar e profissional, incentivo e apoio material para a progressão dos seus estudos, de forma a conseguirem obter bons resultados ao nível académico e profissional.

De acordo com a investigação que tem vindo a ser feita sobre o contexto pós-institucional, as características da família de origem, as características individuais dos próprios jovens, as condições do acolhimento e os serviços de apoio no contexto pós-institucional são determinantes do percurso de vida e do sucesso da transição para a vida independente (Kerman et. al, 2002).

Ao nível do **background familiar** dos jovens - adultos, constata-se diversos problemas sócio familiares como a pobreza, alcoolismo, toxicodependência, maus-tratos, disfuncionalidade familiar, problemas psicológicos, vulnerabilidade social, etc.⁴⁰. Características e dinâmicas de contextos familiares que também vão ao encontro do que alguns estudos nacionais e internacionais têm vindo a demonstrar, ou seja, que as crianças e jovens institucionalizadas provêm, sobretudo, de estratos sociais mais desfavorecidos onde predominam grandes carências socio-económicas (Fox e Berrick, 2007; Gudbrandsson, 2004; Moslehuddin, 2006; SCML, 2004; Gomes, M (Coord.) 2005; Alves, 2007; Quintãns, 2009).

No que diz respeito ao **papel desempenhado pela família de origem**, constatou-se que esta, ao longo do percurso de vida dos jovens, na maioria dos casos, esteve ausente, não tendo exercido influência evidente nas suas vidas. É interessante destacar o discurso de um sujeito que demonstra claramente o afastamento familiar durante o período de acolhimento: “ *depois de entrar para o Lar parece que deixei de ter família*”. Esta expressão exemplifica bem o distanciamento afectivo da família de origem, o papel ausente ou a fraca participação que esta teve em todo o processo de desenvolvimento das crianças e jovens institucionalizadas. Observou-se que os contactos dos jovens com as suas famílias de origem não foram suficientemente promovidos

40 Só um sujeito refere ter sido acolhido pela sua deficiência sensorial, não mencionando problemas no seu contexto familiar.

durante o período de acolhimento para aproximar as crianças e jovens dos diversos elementos da sua família nuclear ou alargada. O trabalho com as famílias não parece ter sido objecto de um investimento claro e aprofundado por parte do Lar, de forma a criar condições para que as crianças e jovens pudessem regressar às mesmas após deixarem o Lar ou, caso esta solução não fosse possível, encontrar uma outra resposta alternativa. Esta situação fez com que a maioria dos jovens permanecesse em acolhimento durante um período muito prolongado da sua vida (em média, cerca de 10 anos). No entanto, apesar deste “pálido” relacionamento com a família de origem, este não é um quadro generalizável à totalidade dos sujeitos. Na verdade, alguns fazem referências à presença de determinados familiares (progenitora, tios, avós), nomeadamente, pelas visitas que faziam ao Lar, pelo fim-de-semana e férias que passavam juntos. Não obstante, são poucos os sujeitos que identificam a família de origem como sendo um suporte, uma rede de apoio com a qual podiam contar. Estes dados revelam a necessidade de haver um trabalho e acompanhamento, por parte do Lar, com as famílias de origem destes jovens, que seja apropriado e atempado em função de cada situação, do grau de “risco” e dos vínculos afectivos que estas e os jovens mantenham entre si. Esta intervenção com as famílias permitiria minimizar as privações e o afastamento inerentes ao processo de institucionalização, minimizar os casos de insucesso na (re)aproximação familiar que alguns jovens vivenciaram após deixarem o Lar, restabelecendo, dessa forma, os laços familiares, quando possível, tal como concluiu o estudo do I.S.S (2005).

Merece especial destaque a importância que os jovens - adultos atribuem às **relações interpessoais** que estabeleceram com **pessoas significativas** (amigos do Lar, amigos fora do Lar, vizinhos, pais adoptivos) durante o período de institucionalização, após a saída e no presente. Nestas relações significativas foram identificados: colegas de trabalho, patrões, colegas de escola, de residência, etc. Interessa ainda referir o relevante papel que alguns vizinhos desempenharam, nomeadamente no percurso de vida de dois sujeitos. As relações íntimas estabelecidas no Lar foram referidas, por alguns sujeitos, como sendo também significativas ao nível emocional, da integração no grupo de pares e do processo de transição para a sua vida independente, levando alguns jovens a viver com o/a namorado/a, vislumbrando a construção de um futuro comum. É, no entanto, importante referir que algumas destas experiências não tiveram continuidade, levando alguns jovens a admitir que foi uma decisão precipitada. Estas pessoas *significativas* parecem ter constituído a rede informal de apoio destes jovens e, ainda o são, no presente, sendo para alguns como elementos da sua “família”.

Os sujeitos que já constituiriam **família própria** atribuem-lhe um papel importante na sua vida actual, sendo destacada como elemento essencial do seu bem-estar e felicidade. Para os que ainda

não constituíram família, existem muitas preocupações na concretização de um projecto desta natureza, nomeadamente, assegurar estabilidade económica e profissional. É interessante verificar que, ao contrário do que mostra um estudo realizado sobre o contexto pós-institucional dos jovens na Roménia (UNICEF- Innocenti Research Centre, 1999), todos os sujeitos do nosso estudo manifestaram intenção de ter a sua própria família, os seus filhos, ainda que a longo prazo. Observámos ainda que a representação dos sujeitos (os que já constituíram família e os que ainda não constituíram família) ao nível da educação a dar aos filhos assenta na experiência adquirida ao longo do seu percurso de vida: ambiente familiar de origem, contexto institucional e experiências fora do Lar. Todos os valores e ideais educacionais que os sujeitos procuram transmitir aos seus filhos traduzem na prática posturas, atitudes e comportamentos diferentes daqueles que os progenitores tiveram com eles próprios.

Ao nível do **percurso escolar**, constata-se que a maioria dos jovens – adultos considera que o Lar ofereceu condições para poderem frequentar a escola e realizar formação profissional, aspectos que não conseguiriam usufruir se estivessem na sua família de origem. Ainda assim, alguns sujeitos registaram dificuldades de aprendizagem, desmotivação e ausência de incentivo ao nível escolar. A maior parte considerava-se bom aluno ou razoável, possuindo várias expectativas escolares e profissionais que não chegaram a ser concretizadas. O nível de escolaridade obtido pela maioria dos sujeitos é médio (12.º ano), havendo alguns que enveredaram por cursos profissionais que lhes deram equivalência a este nível. Só um sujeito conseguiu até ao presente concluir o ensino superior. Após a saída, alguns jovens, insatisfeitos com o seu nível de escolaridade, conseguiram prosseguir nos estudos, obtendo um nível superior àquele que tinham à saída do Lar, mas outros enfrentaram muitas dificuldades, nomeadamente, na conciliação dos estudos com o trabalho, acabando por desistir.

Depois de saírem do Lar, um dos objectivos essenciais assentava na **procura de emprego**. Alguns sentiram dificuldades, passando por diversas experiências de trabalho precárias, mal remuneradas e que não ofereciam condições de estabilidade profissional. Aqueles que realizaram um curso superior ou técnico profissional são os que possuem maior estabilidade e os que estão mais satisfeitos com o seu trabalho actual, havendo alguns que, apesar de gostarem do que fazem, ambicionam mudar a sua situação profissional, procurando um trabalho que vá mais ao encontro dos seus interesses, reconhecendo que para isso acontecer necessitam de investir na sua formação.

No que diz respeito aos **serviços**, ou seja, apoios formais (públicos ou privados) de que os jovens beneficiaram ao longo do seu percurso de vida, regista-se que estes foram quase inexistentes. Conseguimos identificar somente três tipos de apoios formais (médico, formação, técnico) de que terão beneficiado (apoio percebido) e que consideram ter sido importantes. O apoio médico prende-se com consultas de apoio psiquiátrico e psicológico que três sujeitos necessitaram após deixarem o Lar, assim como no presente. O apoio de formação diz respeito à bolsa de estudo a que um jovem teve acesso e que lhe permitiu realizar um curso superior e, por último, a um curso de formação profissional financiado pelo IEFP que uma jovem teve possibilidade de frequentar para concluir o 12.º ano e durante o qual também suportaram as despesas com a creche da sua filha, caso contrário não teria a possibilidade de prosseguir os seus estudos. O apoio técnico refere-se ao apoio fornecido por profissionais (professores e técnicos de serviço social) que intercederam a favor de uma jovem de forma a impedir que a sua matrícula fosse anulada pela responsável do Lar. Identificaram-se apoios que foram recebidos pelos jovens, mas que não foram percebidos enquanto tal por serem pontuais ou insuficientes face às suas necessidades (os apoios recebidos não são coincidentes com os apoios percebidos). Aqui enquadram-se: o rendimento social de inserção, que num caso foi concedido, sendo posteriormente exigida a sua devolução; uma bolsa de estudo que não foi atribuída na sua totalidade, obrigando o jovem a arranjar emprego para poder fazer face às suas despesas escolares; apoio habitacional de emergência por uma noite. Importa ainda fazer referência a alguns apoios que foram solicitados pelos jovens mas que foram recusados: habitação social, vaga numa creche para a filha de forma a poder trabalhar, subsídio de desemprego após contrato de avença, apoio económico para poder prosseguir os estudos, etc.

Em suma, tal como foi anteriormente referido, embora todos os jovens - adultos tivessem passado pelo contexto de acolhimento prolongado em Lar de Infância e Juventude, esta experiência não foi vivenciada por todos de igual forma, assim como foi distinta a influência que esta exerceu e o significado que teve para os sujeitos. O seu processo de desenvolvimento, a forma como lidaram com o processo de transição para a vida independente e o seu bem-estar actual resultam, como vimos, de muitos outros factores, além da experiência de institucionalização que partilharam. O *background* de cada um, as condições da família de origem, os motivos que estiveram na origem da institucionalização, a relação e a qualidade do vínculo estabelecido com os seus elementos familiares e o suporte que estes disponibilizaram ao longo do seu percurso de vida constituem alguns desses factores. Também as características individuais, as capacidades, competências e potencialidades que definem cada jovem, assim como as suas dificuldades e limitações constituem,

por sua vez, aspectos de referência que ajudam a explicar a forma como os jovens lidaram com as situações adversas que foram encontrando no seu itinerário de vida.

A vivência institucional constituiu, sem dúvida, um marco na infância e adolescência dos jovens acolhidos. A maioria dos entrevistados faz um balanço positivo, ou seja, tem a percepção de que a instituição teve uma influência positiva nas suas vidas, proporcionando:

- abrigo e acolhimento;
- um espaço onde tiveram a oportunidade de crescer;
- uma oportunidade para se desenvolverem em termos pessoais e sociais;
- um contexto que permitiu o estabelecimento de relações interpessoais significativas, estruturantes da sua personalidade e desenvolvimento;
- uma experiência que os ajudou a relativizar a sua própria história de vida, devido à partilha com os seus pares de histórias de vida mais problemáticas;
- uma oportunidade de frequentar a escola e de realizar uma formação profissional que os habilitou para entrar no mercado de trabalho, apesar dos momentos menos bons que lá vivenciaram;
- um contexto social que alterou as condições de vida do seu *background* familiar, promovendo uma mudança no seu destino e melhorando as condições de vida actual;

Importa, no entanto, identificar os aspectos negativos da institucionalização enunciados por alguns sujeitos na descrição de uma experiência particularmente difícil e penosa que deixou marcas e que, hoje, ainda não foram emocionalmente ultrapassadas:

- pela retirada brusca da família, levando a sentimentos de tristeza, medo, isolamento, etc.;
- ausência de uma explicação clara por parte da família e da instituição dos motivos que levaram ao acolhimento que conduziram a sentimentos de revolta, confusão, instabilidade, impulsividade, desejo de fuga, etc.;
- pela falta de apoio emocional por ocasião da admissão na instituição que ajudasse na fase de separação da família e adaptação progressiva ao Lar;
- pelos castigos de que foram objecto por parte dos profissionais;
- pela aprendizagem da indiferença e injustiça, revelada na relação adulto - criança;
- pelos maus-tratos que resultaram entre pares (relação íntima) e pelo sentimento de insegurança inerente a este relacionamento;
- pelo encaminhamento para uma adopção precipitada, mal planeada e orientada que acabou por ser mal sucedida, tendo regressado ao Lar depois dessa experiência falhada;

- pelo sentimento de discriminação pela experiência da maternidade na adolescência e por esta resultar da violação do próprio progenitor;
- pela ausência de planificação das visitas dos jovens à família de origem e falta de valorização, investimento na reaproximação dos laços familiares;
- pela saída precipitada promovida por parte do Lar;
- pela falta de preparação para a saída, apoio e acompanhamento pós - institucional (emocionais, psicológicos, familiares, recursos sociais, materiais e financeiros, educativos, habitacionais e inserção profissional);
- pelos “efeitos colaterais” provocados pelos casos de homicídio e de violação que ocorreram no interior da instituição;
- pela não satisfação das expectativas que tinham em relação à instituição, ao nível afectivo e emocional, incentivo e acompanhamento educacional, formativo e profissional.

Pelo exposto, verificamos que as **relações interpessoais** desenvolvidas no contexto institucional merecem ser aqui destacadas pela sua importância na organização psíquica e sócio-afectiva das crianças e jovens acolhidas. Como Martins salienta (2005), o mais importante está na “(...) *qualidade das relações estabelecidas entre a criança e o contexto em que se desenvolve – qualquer que seja este contexto, a família ou a instituição (...) o que está em causa é a construção de relações estáveis, contínuas, que tenham significado pessoal para as partes envolvidas e funcionem como referência ou organizador da compreensão que o menor tem do mundo envolvente (...)*”. As instituições devem, por isso, ter consciência da relevância deste tipo de relações e do papel que a interpeosolidade tem no desenvolvimento da identidade, promovendo esta dimensão junto dos seus profissionais, qualificando-os e motivando-os para uma mudança das dinâmicas relacionais no seio institucional.

Importa, no entanto, salientar as vulnerabilidades identificadas pelos jovens e que interessa atender para que possa haver uma **mudança nas práticas das instituições**, melhorando os padrões de **qualidade do acolhimento** e proporcionando **desenvolvimento e bem-estar**. Alguns jovens esperavam que a instituição desse resposta às suas necessidades, ou seja, que fosse capaz de oferecer um **acompanhamento mais individualizado** durante o acolhimento, que atendesse às suas características pessoais, que lhes desse conforto em termos afectivos, emocionais, que disponibilizasse maior apoio e orientação escolar, que tratasse todas as crianças e jovens de igual forma, que os ouvisse e os compreendesse mais. Contavam também que a instituição lhes desse a oportunidade de **desenvolverem as suas capacidades e competências para a sua autonomia de vida**, que os ajudasse a realizar os seus objectivos profissionais, que os orientasse no seu

projecto de vida e preparasse para a vida fora do Lar e que os apoiasse no período de transição e autonomização. Assim, tal como Alves (p. 184, 2007) refere nas conclusões do seu estudo “ é possível favorecer o desenvolvimento equilibrado do jovem que viva em instituição de acolhimento, desde que se encontrem reunidas condições de funcionamento adequadas (...) as experiências que investem claramente na qualidade e proximidade das relações estabelecidas entre os adultos e as crianças e os seus pares acolhidos. Para que tal se verifique, a pequena dimensão da instituição, legalmente definida, surge como condição fundamental e obrigatória (...)”. Esta autora também conclui que as **instituições de pequena dimensão** podem oferecer melhores condições para a qualidade das relações dentro do Lar e para um acompanhamento mais personalizado: “A dimensão da instituição assume, efectivamente, uma importância determinante em termos de funcionamento institucional adequado, uma vez que garante uma intervenção individualizada junto de cada criança/jovem na seguinte proporção lógica: menos residentes, mais atenção para cada um deles, logo, garantia de um acompanhamento mais individualizado”.

Em relação ao **acompanhamento e apoio pós-institucional** importa sublinhar que é fundamental investir numa preparação prévia à saída, ou seja, preparar os jovens emocionalmente, capacitá-los, ter em atenção se estão reunidas as condições nos seus diversos contextos de saída (familiares ou outros). Depois de deixarem o Lar, é crucial que sejam promovidas redes formais e informais de suporte (em articulação com outros organismos) de forma a garantir o acesso a recursos que os apoiem na sua autonomização (apoio ao emprego, à habitação, etc.). Devem também ser incentivados durante o acolhimento e pós-acolhimento no seu percurso escolar e profissional, para que possam competir no mercado de trabalho em igualdade de circunstâncias, deixando de constituir um grupo em situação de vulnerabilidade social e em desvantagem. Nos últimos anos têm sido realizados estudos que demonstram que a existência de programas de apoio à transição de jovens (ex.: *Independent living, Advocates to Successful Transition to independence*) e de redes de apoio social podem influenciar de forma positiva o seu processo de autonomização e independência e contribuir para o apoio emocional e afectivo, para o sucesso escolar, profissional e bem-estar futuro (Georgeades, 2005; Bravo & Dell Valle, 2003; Osterlink & Lines, 2006; Jones & Lansdverk, 2006; Freundlich & Avery, 2006).

Pensamos que através de partilha de esforços e de responsabilidades, nomeadamente, dos Lares de Infância e Juventude, em articulação com serviços públicos e privados, com os recursos da comunidade local, nomeadamente, as empresas, etc., é possível haver uma mudança de atitudes e práticas que conduzam a uma melhoria da qualidade de vida e bem-estar das crianças e jovens acolhidos.

Os resultados obtidos por este estudo devem ser ponderados em função das limitações que o próprio apresenta: grupo de estudo reduzido e visão centrada unicamente nos sujeitos (não tendo sido entrevistados os profissionais nem as famílias dos sujeitos). Dessa forma, consideramos, como proposta para futura investigação, que seria relevante alargar o tamanho da amostra e seguir um desenho longitudinal. Afigura-se igualmente interessante realizar um estudo comparativo que permita analisar o desenvolvimento e bem-estar de crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude com crianças e jovens que tenham sido acolhidos em famílias de acolhimento ou mesmo adoptadas.

Como já foi referido, a investigação nesta área é um meio importante para conhecer, reflectir e melhorar as práticas e as políticas acerca do acolhimento institucional. Estamos conscientes de que com este trabalho ficam mais inquietações, dúvidas e interrogações do que respostas concretas. No entanto, consideramos que a própria natureza do trabalho, as percepções e apreciações que os sujeitos aceitaram “partilhar” neste estudo sobre a sua experiência institucional e sobre as suas condições actuais de vida possam constituir pistas para novos trabalhos sobre este tema.

Ao procurarmos perceber o significado da instituição na vida destes jovens, observámos que a maioria dos jovens - adultos atribui à vivência na instituição um papel fundamental no seu desenvolvimento pessoal e social, influenciando de forma positiva o percurso e condições de vida actuais. Por outro lado, verificou-se que aspectos relativos ao próprio indivíduo, ao apoio informal de pessoas significativas, à aquisição de habilitações escolares e profissionais, às condições do acolhimento, ao trabalho e à existência de apoios e recursos no período pós-acolhimento, podem funcionar como *factores protectores* na transição dos jovens - adultos para a vida independente e contribuir para uma melhoria da sua qualidade de vida.

Em função dos resultados obtidos, podemos considerar que a institucionalização, enquanto contexto substitutivo para as crianças e jovens que não tiveram possibilidades de crescer junto das suas famílias de origem, pode transformar o “risco” em oportunidade se esta respeitar os direitos das crianças e providenciar um acolhimento personalizado de qualidade e convenientemente monitorizado e supervisionado, assente no desenvolvimento e bem-estar afectivo e educacional das criança e jovens acolhidos, se houver empenho na definição e execução dos seus projectos de vida, se adquirirem recursos e competências para a sua vida autónoma, se forem acompanhados e apoiados em termos emocionais e materiais após deixarem a instituição. Se as instituições podem ser, de facto, um recurso para as crianças e jovens que delas necessitam, é um imperativo legal, ético e técnico identificar e agir sobre os seus constrangimentos e potenciar os seus aspectos

positivos, qualificando uma resposta fundamental para os menores em perigo e absolutamente crítica para o sistema de protecção em Portugal.

Referências Bibliográficas

- Albarello, L. et al. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Albuquerque, A. e Tróccoli, B. (2004). *Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjectivo*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Universidade de Brasília. Vol. 20, n.2, 153 – 164.
- Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada – Percursos de Adolescentes em Lares de Infância e Juventude*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Barber, J. e Delfabbro, P. (2005). *Children's Adjustment to long-term foster care*. *Children and Youth Services Review*, Canadá, n. ° 27, p. 329 - 340.
- Blanco, A e Diaz, D (2005). *El bienestar social: su concept y medición*. Universidade Autónoma de Madrid. *Psicothema*. Vol. 17, n.º 4, p. 582 – 589.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1991). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. P. 92- 97; 134 - 139. Porto: Porto Editora.
- Boudon, R., Besnard, P. Cherkaoui, M. & Lécuyer, B. (1990). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Brandford, C. (2002). *Foster youth transition to independence study*. Seattle. Office of Children's Administration Research.
- Bravo, A., Del Valle, J.F (2003). *Las redes de apoyo social de los adolescentes acogidos en residências de protección. Un análisis comparativo con población normativa*. *Psicothema*, n. °15, p. 136 - 142.
- Campos, A. (1984). *O Menor Institucionalizado – Um desafio para a sociedade: atitudes, aspirações e problemas para a sua reintegração na sociedade*. Petrópolis: Vozes.
- Campenhoudt, L. (2003). *Introdução à análise dos fenómenos sociais*. Lisboa. Editora Gradiva.
- Cansado, T. *Institucionalização de crianças e jovens em Portugal Continental. O Caso das Instituições Particulares de Solidariedade Social*.
<http://www.ces.uc.pt/ecadernos/media/documentos/ecadernos2/Teresa%20Cansado.pdf>
- Carmo, H. (1996). *Exclusão Social – Rotas de Intervenção*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Casa Pia de Lisboa (2004). *“A Casa Pia de Lisboa e as estratégias de acolhimento das crianças em*

risco - um projecto de esperança”.

Cashmore, J. et al (2007). *The Educational Outcomes of young people 4 - 5 years after leaving care. An Australian Perspective*. Adoption & Fostering ,Vol. 31 n.º1.

Cavalcant, L. et al., (2007). *Instituição precoce e prolongada de crianças : discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento*. Aletheia, n.º 25, p. 20 – 34.

Ceconello, A. (2003). *Resiliência e Vulnerabilidade em Famílias de Risco*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Child Safety Service, Department of Communities (2006) - *Supporting children and young people in care through transition*.

<http://www.childsafety.qld.gov.au/practice-manual/documents/prac-paper-transition-support.pdf>

Child Safety Service, Department of Communities (s/ano). *Where to from here? A Guide to community services for young people making the transition for living independently*.

<http://www.childsafety.qld.gov.au/fostercare/documents/transition-living-independently.pdf>

Child Safety Service, Department of Communities (2005). *Working with children and young people in out of home care*.

<http://www.childsafety.qld.gov.au/practice-manual/documents/prac-paper-workinouthomecare.pdf>

Child Safety Service, Department of Communities (2005). *Placing Children in out-of-home care- principles and guidelines for improving outcomes*.

<http://www.childsafety.qld.gov.au/practice-manual/documents/ppplacinghomeprin.pdf>

ComQol 5. Comprehensive Quality of Life Inventory. (2000). University of Melbourne. Austrália.

Comissão Nacional de Protecção das Crianças e jovens em Risco (CNPJCJR) (2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009). *Relatórios Anuais de Actividade das Comissões de Protecção de Crianças e jovens*.

Correia, M. (2003). *A constituição Social da Mente. (Re)descobrimo Jerome Bruner e Construção de Significados*. Estudos de Psicologia, Vol. 8, n.º 003, p. 505 - 513.

Cummins, R. (2000). *Objective and subjective quality of life: An interactive model*. Social Indicators Research. Holanda. N.º 52, p. 55 - 72.

Davidson- Arad, B. et al (2004). *Correspondence in Residents' and Staff members' Assessments of the Quality of Life of Children in Residential Care Facilities*. Social Indicators Research.

Holanda. n. ° 68, p.77 - 89.

Davidson- Arad, B. (2004). *Fifteen-month follow-up of children at risk: Comparison of the quality of life children removed from home and children remaining at home*. *Children and Youth Services Review*. Israel. n. ° 27, p.1 - 20.

DeSocio, J. (2005). *Assessing Self-development Through Narrative Approaches in Child and Adolescent Psychotherapy*. Oregon. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, Vol.18, n.º 2, p. 53 - 61

Dias, J. e al (2002). *Uma reforma da Justiça civil em avaliação. A Adopção: os Bloqueios de um Processo Administrativo e Jurídico Complexo*. Observatório Permanente da Justiça Portuguesa. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, p. 124-133.

Dutra, E. (2002). *A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica*. *Estudos de Psicologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. n. ° 7(2), p. 371 - 378.

Eurochild (2010) - *Children in Alternative Care* - National Surveys-2nd Edition January.

http://www.eurochild.org/fileadmin/user_upload/Publications/Eurochild_Reports/Eurochild%20Publication%20%20Children%20in%20Alternative%20Care%20%202nd%20Edition%20January2010.pdf

European Foundation for the improvement of living and working conditions (2003). *Quality of Life in Europe. First European Quality of life Survey*. Irlanda.

Fahey, T et al (2003). *Monitoring quality of life in Europe*. European Foundation for the Improvement of living and working conditions. Irlanda.

Fernandes, A. (2008). *CRS 5 Report for Congress. Youth Transitioning From Foster Care: Background, Federal programs, and Issues for Congress*. Congressional Research Service. Prepared for members and Committees of Congress, n. ° 21.

Fernandez, E. (2009). *Children's Wellbeing in care: Evidence from a longitudinal study of outcomes*. *Children and Youth Services Review*. n. ° 31. Austrália. p.1092 - 1100.

FICE- Federation Internationale des Communautés Educatives. (2008). *Residential Child Care and its Alternatives, International perspectives*. USA.

Fox, A. e Berrick, J. (2007). *A Response to No One Ever Asked Us: A Review of Children's Experiences in Out-of-Home Care*. *Child and Adolescent Social Work Journal*, Vol. 24, nº.1, p. 23 - 51.

Frame, L. (2002). *Maltreatment reports and placement outcomes for infants and toddlers in out-of-home care*. University of California. *Infant Mental Health Journal*, Vol. 23(5), p. 517 -

540.

- Freundlich, M, Avery R.J. (2006). *Transitioning from congregate care: Preparation and outcomes. Journal of Child and Family Studies*, n. ° 15, p. 507 - 518.
- Galinha, I. e Ribeiro, J. (2005). História e evolução do conceito de Bem-Estar Subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, n.º 6 (2), p. 203 – 214.
- Gaspar, T. et al.(2005). *Qualidade de vida e Bem-estar em crianças e adolescentes*. Lisboa
- Geenen, S. e Powers, L. (2007). “*Tomorrow is another problem*”. *The experiences of youth in foster care during their transition into adulthood. Children and Youth Service Review*. Portland State University. Regional Research Institute. USA. N. ° 29, p. 1085 - 1101.
- Georgeades, S. (2005). *A multi-outcome evaluation of an independent living program. Child and Adolescent Social Work Journal*, n. ° 22, p. 417 - 329.
- Giacomi, C. (2004). *Bem-estar Subjectivo: em busca da qualidade de vida*. Temas em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria. Vol.12, nº 1, p. 43 – 50.
- Goodman, N et al (2001). *It’s my Life. A Framework for Youth Transitioning from foster care to successful adulthood*. Casey Family Programs. Seattle.
- Goddard, J. e Horrocks, C. (2006). *Adults who grew up in care: Constructing the self and accessing care files*. Department of Social Sciences and Humanities. University of Bradford. UK.
- Gomes, M (Coord). (2005). *Percursos de vida dos jovens após a saída de Lares de Infância e Juventude*. Lisboa. Centro de Estudos Territoriais, Ed. ISCTE
- Gomes, A. (2007) *Apontamentos sobre a investigação sociológica: possibilidades e caminhos da pesquisa. Rev. Lusófona de Educação*, n.º 10, p.51 – 61.
- Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social e CID- Crianças, Idosos e Deficientes Cidadania, Instituições e Direitos (2005). *Manual de Boas Práticas. Um Guia para o Acolhimento Residencial de Crianças e Jovens - para dirigentes, profissionais, crianças, jovens e famílias*.
- Guerreiro, M. e Abrantes, P. (2007). *Transições Incertas. Os jovens perante o trabalho e o emprego*. Comissão para a igualdade no trabalho e emprego. Lisboa.
- Guerra, I.(2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Principia.
- Gudbrandsson, B. (2004). *Children in institutions: prevention and alternative care*. Focus on Children & Families. Working Group on Children at Risk and in Care. Final Report, as approved by the European Committee for Social Cohesion (CDCS) at its 12th meeting. Strasbourg, p. 2 - 32.

- Herrán, A., et al. (2008). *Valoración del acogimiento residencial en centros de protección de menores: las vivencias de los jóvenes y sus familias*. *Tendências Pedagógicas*, n. ° 13, p. 193 - 210.
- Houston, D. (2003). *A Method from the "Lifeworld": Some Possibilities for Person Centred Planning for Children Care*. *Children & Society*. School of Social Work, Queen's University, Belfast. Vol.17, p. 57 - 70.
- Instituto para o Desenvolvimento Social do Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000). *Lares de crianças e jovens. Caracterização e dinâmicas de funcionamento*.
- Instituto para o Desenvolvimento Social do Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000). *Crianças e jovens que vivem em Lar. Caracterização sociográfica e percursos de vida*.
- Instituto de Segurança Social, I.P.(2007). *Plano de Intervenção Imediata (PII). Relatório de caracterização Sumária das Instituições de Acolhimento de 2006*.
- Instituto de Segurança Social, I.P.(2008). *Plano de Intervenção Imediata (PII). Relatório de caracterização das crianças e jovens em situação de acolhimento de 2007*.
- Instituto de Segurança Social, I.P.(2009). *Plano de Intervenção Imediata (PII). Relatório de caracterização das crianças e jovens em situação de acolhimento de 2008*.
- Instituto de Segurança Social, I.P.(2009). *Guia Prático. Respostas Sociais. Infância e Juventude. Crianças e jovens em Perigo*.
- Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.(2008). Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. *Estudo de Diagnóstico e Avaliação das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. Relatório Final*.
- Jarmoc, J. (2004). *The conception of self in children's narratives*. Polónia. *Early Child Development and Care*. Vol. 174 (1), p. 81-97.
- Jaklitsch, B. (2003). *Aftercare services. The John H. Chafee Independence Program*. The University of Oklahoma, National Resource Centre for Youth Services. A Service of USDHHS Children's Bureau.
- Jones, L., Lansdverk, J. (2006). *Residential education: Examining a new approach for improving outcomes for foster youth*. *Children and Youth Services Review*, n. ° 28, p. 1152 - 1168.
- Kerman, B. et al. (2002). *Outcomes for Young Adults Who Experienced Foster Care*. *Children and Youth Services Review*. Holanda. Vol.24, n. ° 5, p.319 - 344.
- Knorth E.J. et al. (2008). *Under one roof: A review and selective meta-analysis on the outcomes of*

- residential child and youth care*. Children and Youth Services Review 30, p. 123 - 140.
- Konig, R. (1971). *Sociologia*. Enciclopédia Meridiano Fischer, n. °11. Lisboa. Editora Meridiano.
- Lawford, J. e Eiser, C. (2001). Exploring links between the concepts of quality of life and resilience. *Pediatric Rehabilitation*, Vol. 4, n.º 4, p. 209 – 216.
- Leal, C. (2008). *Reavaliar o conceito de qualidade de vida*. Universidade dos Açores.
- Lonne, B et al. (2009). *Reforming Child Protection*. New York.
- Lopes, M. (2004). *Crianças e Jovens em Risco nos séculos XVIII e XIX: O Caso Português no Contexto Europeu*, in *Crianças e jovens em Risco. Da Investigação a Intervenção*, Silva M. H. D. e al, Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra, Almedina, p.37-63.
- Maclean, K. (2003). *The Impact of Institutionalization on Child Development*. Development and Psychopathology, U.S.A., n. ° 15, p. 853 - 884.
- Marshall, C. e Rossman, G. (1994). *Designing Qualitative Research, Second Edition*. Sage Publications. London.
- Marteleira, J. (2004). *Jovens à Margem. Análise Sociológica de um Centro Educativo*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra.
- Martins, E. e Szymanski, H. (2004). *Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas*. Universidade Católica de São Paulo. Estudos de Psicologia, n.º 9 (1), p. 177 – 187.
- Martins, P. (2005). *A qualidade dos serviços de protecção às crianças e jovens: as respostas institucionais. Comunicação apresentada no "Encontro Cidade Solidária: crianças em risco: será possível converter o risco em oportunidade?"*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. <http://hdl.handle.net/1822/3163>
- Martins, P. (2004). *Protecção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco – Representações sociais, modos e espaços*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/3238>
- Martins, P. (2005). *O Desenvolvimento pessoal e social da criança em contexto de vida institucional - elementos para uma análise da ecologia da interpersoalidade*. Encontro Inadaptação Social, Porto, – “Inadaptação Social: transformações, intervenção e avaliação”. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6750>
- Matos, M. et al (2005). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes*. Projecto Europeu Kidscreen-

- Maxwell, A. (1996). *Qualitative Research Design – An Interactive Approach*, Vol.41, 17 - 98.
- Mendes, P. e Moslehuddin, B. (2006). *From Dependence to Interdependence: Towards Better Outcomes for Young People Leaving State Care*. Department of Social Work Monash University. Austrália. *Child Abuse Review*, Vol.15, p.110 - 126.
- McCoy, H.et al. (2008). *Older youth leaving the foster care system: Who, what, when, where, and why?* *Children and Youth Services Review*, 30. P.735 – 745.
- Missão Criança – Associação de defesa da criança em risco e institucionalizada.
<http://missaocrianca.blogs.sapo.pt/>
- Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (2009). Carta Social. *Rede de Serviços e equipamentos*.
- Ministério do Trabalho e Solidariedade Social (2007). *Políticas para a Infância na área da Segurança Social*.
- Moreno – Jiménez, B., Castro, E (2005). *Calidad de vida relacionada con la salud infantil y el transplante de órganos: Una revisión de literatura*. *Revista Colombiana de Psicología*, n. ° 14, p. 46 - 52.
- Mulkerns, H., Owen, C. (2008). *Identity development in emancipated young adults following foster care*. *Smith College Studies in Social Work*, n. °78, p. 427 - 449.
- Notes on “Quality of Life” in Urban Communities and Participation (s/ano). The global development Research Centre (GDRC). <http://www.gdrc.org/uem/qol-define.html>.
- Oliveira, M. (2006). *Identidade, Narrativa e Desenvolvimento na Adolescência: Uma revisão crítica*. *Psicologia em Estudo*. Maringá.Vol. II, n.º 2, p. 427 – 436.
- Osterling, K. L., Hines A.M. (2006). *Mentoring adolescent foster youth: promoting resilience during developmental transitions*. *Child and family Social Work*. n. ° 11, p. 241 - 253.
- Palareti, L. (2009). *Different ecological perspectives for evaluating residential care outcomes: Which window for the black box?* *Children and Youth Services Review*. Italy. n. ° 31. p. 1080 - 1085.
- Pecora, P. et al. (2006). *Educational and employment outcomes of adults formally placed in foster care: Results from the Northwest Foster Care Alumni Study*. *Children and Youth*

Services Review, n. ° 28, p. 1459 - 1481.

- Peled, E. et al. (2002). *Where Do They Go From Here? Destinations of Youth Exiting a Shelter*. *Children and Youth Services Review*, Vol.24, n. ° 4, p.269 - 285.
- Pereira, M. (2008). *Desenvolvimento de crianças em Centros de Acolhimento Temporária e relação com os seus cuidadores*. Universidade do Minho. Instituto Educação e Psicologia. Tese de Mestrado.
- Pité, J. (1997). *Dicionário Breve de Sociologia*. Editorial Presença.
- Pinheiro, D. (2004). *A resiliência em discussão*. *Psicologia em Estudo*, Maringá V.9, n.º 1, p. 67-75.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ªedição. Lisboa: Gradiva.
- Quintãns, C. (2009). *Era uma vez a instituição onde cresci: Narrativas de adultos sobre experiências de institucionalização*. Tese de mestrado, pela Universidade do Minho.
- Ribeiro, M. (1995). *As histórias de vida procedimento de pesquisa sociológica: Reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 44.
- Ribeiro, J. (1999). *Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS)*. *Análise Psicológica*, n.º 3 (XVII). Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa. p. 547 – 558.
- Rodrigues, E. (1997). *Menores em Risco: Que Família de Origem?* In *Crianças de Risco*, Instituto de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa. 541 - 574.
- Rodrigues S. (2004). *A experiência da perda de visão, a vivência de um processo de reabilitação e as percepções sobre a qualidade de vida*”. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho. [Http://hdl.handle.net/1822/5403](http://hdl.handle.net/1822/5403)
- Rocha, D. e Deusdará, B. (2005). *Análise de conteúdo e análise de discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajectória*. *Alea*, Vol. 7, n. °2, p. 305 - 322.
- Rojas, M. (2007). *Life Satisfaction and Satisfaction in Domains of Life: Is it a Simple or a Simplified Relationship?* Universidad de las Americas, Puebla, México. In *Journal of Happiness Studies*, p.1 - 35.
- Rushton, A. e Dance, C. (2004). *The Outcomes of Late Permanent Placements. The Adolescent Years*. *Adoption & Fostering*, Vol. 28 n. °1.
- Salina, A. (2007). *O abrigo como factor de risco e protecção: indicadores e avaliação institucional*. Universidade de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de

Pós-Graduação em Educação Especial.

- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (2004). *Estudo das Trajectórias de Vida das Crianças e Jovens Saídas dos Lares da SCML: 1986 - 2001*.
- Santos, C. et al (2005). *Lugares para Acolher e Reintegrar - Projecto L.A.R.* do Colégio de Santa Catarina da Casa Pia de Lisboa.
- Santos, S. (2006). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes com problemas de saúde: conceptualização, medida e intervenção*. Psicologia, Saúde & Doenças. Lisboa. n.º 7 (1), p. 98 – 94.
- Seabra, H. (2005). *Delinquência a preto e branco. Estudo de jovens em reinserção social*. Dissertação de mestrado. ACIME. Lisboa.
- Scott, T. e Cameron, S. (2004). *Identity, Self-esteem, and the use of life books for children and young people in care*. Developing practice, n.º 10, p. 57 – 64.
- Scottish Executive Social Research. (2005). *Quality of life and well-being. Measuring the benefits of culture and sport*. Literature Review and Thinkpiece.
- Siqueira, A. e Dell'Aglio, D. (2006). *O impacto da institucionalização na Infância e na Adolescência: uma revisão da literatura*. Psicologia & Sociedade, n.º 18 (1), p. 71 – 80.
- Souza, M. e Cerveny, C. (2006). *Resiliência psicológica: Revisão da literatura e análise da produção científica*. Revista Interamericana de Psicologia . Vol. 40, n.º 1, p. 119 -126.
- Sullivan, D.J. e al. (2008). *The Well-being of children in foster care: Exploring physical and mental health needs*. Children and Youth Services Review 30, p.774 -786.
- Srecht, P. (1997). *Crescer Vazio. Repercussões Psíquicas do Abandono, Negligência e Maus-tratos em Crianças e Adolescentes*. Assírio & Alvim, p. 73 - 99; 104 -109.
- Strijker J. et al. (2005). *Typologies and Outcomes for foster children*. Child & Youth Care Forum, 34 (1).p. 43-55.
- The International Save Children Alliance. (2003) *A Last Resort - The growing concern about children in residential care- save the children's position on residential care*.
<http://www.savethechildren.net/alliance/resources/publications.html>
- Unicef (2007). Innocenti Research Centre. Report card 7. *Child poverty in perspective: An overview of child well-being in rich countries. A comprehensive assessment of the lives and well-being of children and adolescents in the economically advanced nations*.
- Unicef (1999). Innocenti Research Centre. *Report 12. Leaving Institutional care*. Roménia.

<http://www.unicef-irc.org/research/ESP/youth/r12inst.pdf>

Unicef (2006). United Nations Secretary - General's Study . *Violence Against Children in Care and Justice Institutions*, n. ° 5.

<http://www.unicef.org/violencestudy/5.%20World%20Report%20on%20Violence%20against%20Children.pdf>

Unicef (2009). Innocenti Research Centre. *Data on children in Central and Eastern Europe and the Commonwealth of Independent States: The TransMONEE database* (CEE/CIS).

<http://www.unicef-irc.org/databases/transmonee/>.

Unicef. Convenção dos Direitos da Criança.

http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

United States Government Accountability Office (2004). *Report to Congressional Requesters. Foster Youth HHS Actions Could Improve Coordination of Services and Monitoring of States Independent Living Programs*.

Vorria, P. et al. (1998). *A comparative Study of Greek Children in long-term residential group care and in two-parent families: II. Possible Mediating Mechanisms*. J.Child Psychol.Psychiat. Vol.39, N. 2. p. 237-245.

Zeira, A. (2009). *Alumni of Educational residential settings in Israel: A cultural perspective*. *Children and Youth Services Review*. n. °31. Israel. P. 1074 -1079.

Legislação Nacional

Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro – Lei de Protecção das Crianças e Jovens em Perigo.

Lei n.º 166/99 de 14 de Setembro – Lei Tutelar Educativa.

Lei n.º 31/2003, de 22 de Agosto, altera o Código Civil, a lei de Protecção de Crianças e Jovens em perigo, o DL n.º 185/93, de 22/5, a Organização Tutelar de Menores e o Regime Jurídico da Adopção.

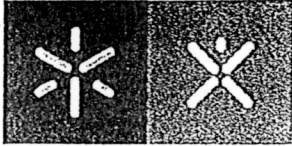
Despacho n.º 8393/2007 – Criação do Plano DOM – Desafios, Oportunidades e Mudanças.

Decreto-Lei n.º 11/2008 de 17 de Janeiro estabelece o regime de execução do acolhimento familiar.

Decreto-lei n.º 105/2008, de 25 de Junho do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.

Anexos

Anexo 1 - Cartas à Direcção do Lar de Infância e Juventude



Universidade do Minho
Instituto de Estudos da Criança

Exma. Senhora Directora da
Comunidade Juvenil São Francisco de Assis de Coimbra

Dr.^a Teresa Granado

A Dra. Maria Adelaide Mendes dos Santos, no âmbito do seu curso de Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Social pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, pretende realizar, sob minha orientação científica, um trabalho de investigação sobre a qualidade de vida e bem-estar actual de jovens-adultos com experiência de acolhimento institucional prolongado. Este trabalho, de natureza qualitativa, procura indagar o modo como estes jovens elaboram a experiência de vivência institucional e percebem o seu impacto na definição das suas trajectórias de vida.

Sendo a Comunidade Juvenil São Francisco de Assis uma instituição de acolhimento institucional prolongado de crianças e jovens com uma extensa experiência neste sector, venho, por este meio, solicitar-lhe a sua colaboração, designadamente facilitando o acesso a informação sobre a filosofia de funcionamento da instituição, a dados de natureza documental sobre o historial de acolhimento dos indivíduos que integram o grupo de estudo e relativa à sua actual localização. Estima-se um período de 3-4 meses para a realização do trabalho empírico e recolha de dados.

A utilização desta informação destina-se estritamente para fins de pesquisa, garantindo-se o seu anonimato e confidencialidade. Uma vez terminado o trabalho, ser-lhe-á disponibilizada uma cópia da versão final.

Agradecendo toda a colaboração que possa prestar à realização deste estudo, fico disponível para prestar todos os esclarecimentos que considerar necessários, endereçando-lhe os meus melhores cumprimentos.

Universidade do Minho, 9 de Julho de 2007

Paula Beatriz Hastria
(Vice-Presidente do Instituto de Estudos da Criança)
Universidade do Minho

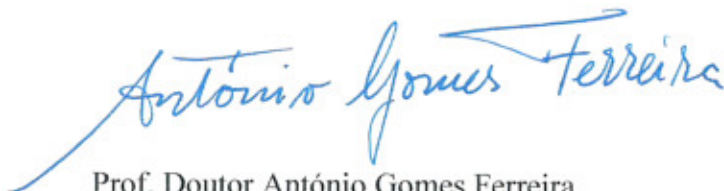


FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DECLARAÇÃO

Eu, António Gomes Ferreira, na qualidade de Coordenador do Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Educação e Desenvolvimento Social, declaro que Maria Adelaide Mendes dos Santos se encontra a realizar a dissertação de mestrado, cujo projecto de investigação se intitula "A qualidade de vida e bem-estar actual de jovens-adultos após acolhimento institucional prolongado - Percepções e significados da vivência institucional e da sua influência na definição das trajectórias de vida", que decorre sob a orientação da Prof^a. Doutora Paula Cristina Marques Martins. Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa, visando investigar os níveis de qualidade de vida e bem-estar actual de indivíduos com experiência anterior de acolhimento institucional prolongado (durante pelo menos 6 anos e que estejam a viver de forma independente há 5 ou mais anos). Sublinha-se que a utilização da informação se destina estritamente à investigação em causa, garantindo-se, obviamente, a sua confidencialidade.

Coimbra, 6 de Junho de 2007


Prof. Doutor António Gomes Ferreira

Anexo 2 - Guião de Entrevista

Caracterização sociográfica	<p>Nome: Idade: Estado civil: Naturalidade: Residência: Nível de escolaridade: Profissão</p>
Dimensões	Exemplos de questões
Indivíduo	<ul style="list-style-type: none"> - Como se caracterizaria antes de entrar para a instituição ? E depois? Acha que houve mudanças na sua maneira de ser e encarar a vida? O que é que provocou essas mudanças? - Lembra-se de como se sentiu ao entrar para a instituição? E depois durante o acolhimento como foi? Sentiu alguma dificuldade? E à saída da instituição como se sentia? - Como é que explica a forma como conseguiu enfrentar e ultrapassar os momentos mais difíceis dessas diversas etapas? - Hoje, olhando para o caminho que foi percorrendo e para a sua vivência na instituição, como vê a criança /adolescente que foi e o adulto que se tornou ? - Tem algum projecto(s) para o futuro? Qual (s)? Porquê? - De uma forma geral, como é que se sente em relação à sua vida e consigo próprio? - Que avaliação faz das escolhas e decisões que foi tomando e ao percurso que fez até hoje? Porquê? - Como se sentiu ao realizar esta entrevista? - Quer falar de algum assunto que tivesse ficado por abordar? - Posso contactá-lo posteriormente, caso seja necessário esclarecer algum ponto ?

instituição	<ul style="list-style-type: none"> - Quando entrou para o lar? - No seu percurso de vida, a passagem pela instituição deve ter sido uma das experiências marcantes para si. Consegue explicar de que forma é que o/a marcou? - Que recordações guarda desse período da sua vida? - Agora, passados alguns anos fora da instituição, como vê hoje a sua passagem por lá? Que avaliação faz? Que significado teve para si? - Considera que teve alguma influência na sua vida actual? Porquê? - Já alguma vez pensou em como seria a sua vida hoje, se não tivesse passado pela instituição? - Acha que seria diferente? De que forma? - Sentia-se preparado para sair? Porquê? - Quando saiu do lar? - De quem foi a iniciativa de sair ? - A instituição apoiou-o depois de sair ? - Após a sua saída manteve contacto com a instituição? E actualmente? - Para onde foi ? Com quem foi viver? - Se tivesse que explicar a alguém como viveu os primeiros tempos após a sua saída o que diria? Porquê? - Hoje, tendo presente tudo o que vivenciou na instituição e, já de uma forma distanciada, existe, na sua opinião, alguma coisa na instituição que deveria mudar? O quê?
--------------------	--

<p style="text-align: center;">Outros significativos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recorda-se do motivo que o levou à instituição? - Antes de entrar para a instituição vivia com a sua família de origem, recorda-se como era? - Depois de entrar para a instituição a sua família acompanhou-o? Iam visitá-lo/a à instituição? - E depois de sair da instituição? - Na sua opinião, qual foi o papel que a sua família desempenhou na seu percurso de vida? - E actualmente, como vê a relação que tem com a sua família de origem? - Existe alguém de quem se sente mais próximo? Porquê? - Actualmente, já constituiu família? (Se ainda não tiver constituído família, perguntar se pensa em constituir. Porquê?) - Que importância atribuiu à sua nova família? Porquê? - Que significado tem para si? Porquê? - Como se sente com a sua nova família? - E em relação à educação dos seus filhos, como avalia a educação que está a dar? (Se não tiver filhos perguntar, se tivesse ou caso venha a ter como vê a educação deles?) - Ao longo do seu percurso de vida, das vivências que teve existiu alguma (s) pessoa (s) que considere como significativa (s) para si, que o/a tenha influenciado/apoiado em algum momento da sua vida? Porquê?
<p style="text-align: center;">Escola/trabalho</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Que recordações guarda da sua passagem pela escola, do seu tempo de aluno? - Que escolaridade tinha quando saiu da instituição? - Há algo da sua vivência escolar que o tivesse marcado de alguma forma? Porquê? - Hoje, considera-se satisfeito com a escolaridade/formação que possui? Porquê? - O que significou para si a escola? Que importância teve para a sua vida? - O que faz actualmente? - Gosta do seu trabalho? Porquê? - Se tivesse que explicar a alguém a importância que o trabalho tem na sua vida, o que diria?

Serviços	<ul style="list-style-type: none">- Em algum momento da sua vida ou situação beneficiou de algum tipo de apoio ou serviço? Qual?- E actualmente?- Que importância atribui a esse (s) apoios?
-----------------	--

Muito obrigada pela sua participação!

Anexo 3 – Indicadores Teóricos

Quadro 12 – indicadores sobre o acolhimento

EXPERIÊNCIA DE ACOLHIMENTO			
Momentos	Dimensões	Componentes KERMAN, B. et al., (2002)	Indicadores
Antes	Familiar	<ul style="list-style-type: none"> • Origem e condições familiares – <i>background</i> familiar • Factores de risco 	<ul style="list-style-type: none"> • Motivo/razão de acolhimento • Condições da família de origem (situação económica, situação laboral, escolaridade, estrutura e relacionamento familiar) • Elementos familiares com problemas de droga, álcool, justiça, foro psicológico
	Individual	<ul style="list-style-type: none"> • Características individuais 	<ul style="list-style-type: none"> • Sexo, idade, necessidades especiais, problemas de comportamento
Durante	Institucional	<ul style="list-style-type: none"> • História e condições do serviço de acolhimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Historial de acolhimento (outras experiências de colocação) • Relacionamentos estáveis e contínuos • Segurança, estabilidade, sentimento de pertença • Duração • Idade de entrada

Quadro 13 – Indicadores sobre a qualidade de vida e bem-estar

PERÍODO DE TRANSIÇÃO E VIDA ACTUAL			
Dimensões	Componentes	Indicadores objectivos e subjectivos	Fonte
Pessoal	<ul style="list-style-type: none"> • Realização e desenvolvimento pessoal • Aspirações pessoais • Bem-estar subjectivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos e emoções (felicidade e satisfação) • Opiniões e percepções sobre a própria vida 	<ul style="list-style-type: none"> - ComQol-S5- Comprehensive Quality of life inventory - Rojas, M. (2007) -Albuquerque, A. S. (2004) - Kerman, B. et al., (2002) - Giacomoni, Claudia (2004)
Emprego	<ul style="list-style-type: none"> • Condições de trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> • Actividade profissional • Satisfação com o trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Rojas, M. (2007) - Pecora, et al., (2006) - Davidson-Arad B. e Wozner (2005)
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Condições de educação e formação 	<ul style="list-style-type: none"> • Nível de escolaridade • Satisfação com a escolaridade 	<ul style="list-style-type: none"> - Davidson-Arad B. e Wozner (2005) - Rojas, M. (2007) - Pecora, et al (2006)
Suporte social	<ul style="list-style-type: none"> • Suporte informal <ul style="list-style-type: none"> - família - outros significativos • Suporte formal (serviços públicos e privados) 	<ul style="list-style-type: none"> • Importância e significado da família • Importância e significado dos outros significativos (amigos, vizinhos, outros) • Importância e significado dos serviços 	<ul style="list-style-type: none"> - Rojas, M. (2007) - ComQol-S5- Comprehensive Quality of life inventory - Innocent Report Card 7 (2007) - Kerman, B. et al, (2002) - Ribeiro, José (1999)

Anexo 4 - Greilha de Análise das Entrevistas

I Indivíduo

1. Representações de si próprio no percurso de vida			
Sujeitos	Antes	Período de acolhimento	Período de transição
A		<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) eu tinha muito medo (...) Era uma criança assustada; não conhecia ninguém (...) Eu sempre fui muito tímido (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Não estava nada preparado, nada preparado. Não, não estava nada preparado (...)”</p>
		<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal “ (...) Eu depois de conhecer e de me dar gostava, não havia problema. Sim, muito facilmente. Posso dizer que ao nível relacional facilmente (...) à medida que o tempo foi passando, comecei a dar-me com amigos; sempre fui uma pessoa divertida, sociável (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Depois do que eu passei tive que mudar muito mesmo. A maneira de pensar (...) Agora posso dizer que sou um homem; não o era quando sai e pensava que sim (...) Tive de levar muito pontapé é uma maneira de dizer mas é verdade e sofrer muito (...) abri os olhos e acordei para a realidade (...) não foi nada fácil. Olhando para trás não merecia assim tanto, mas uma pessoa na altura... só passando por elas (...)”</p>
B		<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal “ (...) quando comecei a relacionar-me com a minha namorada, logo no primeiro dia, pus tudo em pratos limpos contei a minha vida toda. Expliquei-lhe como é que era, onde trabalhava, com quem trabalhava, quanto ganhava, o que é que pagava para não haver dúvidas de nada, de nada; pé atrás sempre. Eu fiz questão de esclarecer tudo, tudo, tudo. Porque eu fiquei com o pé atrás com o que eu passei (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) ao longo dos anos, apercebi-me que as coisas cá fora não são perfeitas e lá dentro também não podiam ser perfeitas. E ao longo do tempo acalmei mais um bocadinho, tirei aquele espírito de revolução de achar que o sistema está mal e de tentar mudá-lo. Não passei a ser indiferente mas não dei muita importância e foi isso o que me fez acalmar um bocadinho a nível pessoal e profissional (...) Agora acho que pelo menos eu preocupo-me mais com o meu futuro, tento ver soluções mesmo ao nível de formação profissional, formação pessoal (...)”</p>
		<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Desde miúdo tinha a sensação que nos tínhamos de desenrascar; enquanto que havia pessoas que tinham nós tínhamos de ir trabalhar para ter. Ou seja, qualquer coisa que a gente quisesse a gente tinha de ir trabalhar porque a instituição não ajudava. Dava o essencial, ou seja, ao longo dos anos criámos a iniciativa de nos desenrascarmos, de não ficarmos bloqueados num problema e tentar sempre solucionar (...) A maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Durante a institucionalização deram-nos ferramentas que nos permitiram desenrascar em diversas situações (...) Essa foi uma das coisas de que me apercebi quando cheguei cá fora: aconteceu-me um problema e tive bastantes problemas, como toda a gente tem, mas conseguimos dar a volta; não somos bloqueados nesse aspecto, além de que na instituição aprendemos desde cozinhar, a lavar pratos, ou seja, conseguimos ter formação um pouco de tudo. Há pessoas que não sabem estrear um ovo por exemplo. Acho que isso foi importante. Não é só viver e estudar é preciso saber fazer outras coisas. Nesse aspecto, cá fora, eu utilizei os conhecimentos que adquiri na instituição e mesmo da formação que eu tive. Cá fora aprendi a não ficar bloqueado num problema mas tentar solucioná-lo (...) Quando sai comecei a pensar mais acerca do futuro, o que é que eu ia fazer o que não ia fazer, ou</p>

			seja, acho que planeei um bocado tarde como seria cá fora a minha vida (...)"	
		<p>1.3. Aspectos de relacionamento interpessoal “ (...) Tínhamos bons amigos e era isso que fazia a nossa família na instituição; estávamos todos no mesmo barco (...). Eu cresci num meio onde tinha muitos amigos. No Colégio nós éramos uma família e acho que foi um dos factores que minimizou a nossa passagem por lá porque nós tínhamos amigos e éramos muito jovens (...).”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Eu quando entrei na instituição estava muito revoltado (...). Os primeiros dias foram estranhos; foi uma mudança radical, andava triste, queria fugir (risos) para ir para o pé da família, era miúdo na altura e foi um bocado...custou a primeira semana (...).”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) tive algumas dificuldades ao nível pessoal porque houve alturas que a gente está sozinho (...) acho que é preciso ter um grande estôfo; não desesperear um bocado e ter sangue frio (...).”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) até aos meus dezoito anos, tinha aquela raiva de coisas que aconteciam em Lisboa entre eu e as minhas tias, entre eu e sei lá algumas pessoas no Colégio. Hoje em dia não penso em nada disso, não me interessa se alguém tem raiva de mim ou deixa de ter. Antes eu pensava, me interessava (...) quando eu sabia que alguém não gostava de mim eu jogava na mesma moeda (risos)”</p>
C		<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) chorei. Foram os primeiros dias, talvez mesmo uma semana ou mais não me estou a lembrar mas sei que aquele dia ficou-me na cabeça; até hoje não esqueço (...) eu era muito tímido, muito tímido e calado (...) Quando era muito pequenino, até aos dez, onze anos eu era muito tímido (...) tinha os meus lados; sempre tive o meu lado ruim depois de provocado acabou ali, aquele S... que era tímido mudava completamente. Depois aos doze, treze anos eu era muito tímido (...) tinha os meus lados (...). Houve um tempo que eu era muito revoltado (...) era mais turbulento no Colégio, se for lá perguntar a eles como era o S.... eles vão dizer – Ah aquele era um...para brigar, era isto e isto – era muito turbulento (...) reagia logo à provocação ou quando alguém falava de mim ou ouvia algum cochicho eu reagia logo. Não era muito de criar problemas mas bastava uma fagulha assim eu pegava logo (...).”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Preparado ou não sai como muita gente (...).”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) eu como tinha entrado na faculdade (...) Eu senti-me lá muito sozinho, muito mal; é uma fase que acho que deixo logo, não digo que apago da minha memória porque nada apaga (...) andei desamparado, andei mesmo um ano e tal desamparado já depois da saída, de ter arranjado trabalho em Lisboa e de andar a estudar, andava ainda desamparado. Fiquei mal, com dores, com problemas no estômago, andava mesmo, eu não digo que andava com depressão, não sei se era porque eu nunca pensei em ter depressão (...). Mas eu naquela altura acho que andava assim meio desequilibrado (...).”</p>	

	<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal “ (...) Fui encontrando algumas barreiras. Isso de explodir facilmente quando era novo não me permitia ter namoradas, pensei, fogo, se eu não mudar nunca vou ter uma namorada, depois mudei, deixei essas coisas, arranjei uma namorada (...) cheguei aos catorze arranjei namorada deixei essas coisas todas e fiquei mais consciente, mais tranquilo (...)”</p> <p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Eu não considero que era um miúdo muito esperto ou muito inteligente (...) tinha aquela coisa de ser ingênuo, não me interessava os gastos que fazia, não controlava as coisas. Desde novo quando eu queria alguma coisa ia trabalhar e depois comprava as coisas que eu queria, roupa, sapatos (...) No Colégio, quando atingi uma certa idade já não havia coisas para mim, como éramos muitos com aquele número de pé, vinham por exemplo cinco ou seis sapatos ou botas os outros iam logo a correr e apanhavam quando eu chegava já não havia nada para mim. Eu ficava sempre a pescar, não tinha hipótese (...) Tinha de me desenterrar por mim próprio. Essas mudanças ocorreram porque eu encontrava barreiras, só por isso (...)”</p> <p>1.1 Características físicas e auto-imagem “ (...) Eu fui para lá pequenino, era o único negro pequenito (...) era dos miúdos que sabia me vestir porque as minhas tias me molam muito a cabeça, quando ia para Lisboa (...)”</p>	
--	---	--

D	<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal</p> <p>" (...) ao longo do tempo foram-me ensinando as coisas que eles sabiam e que eu desconhecia e é óbvio que também essas pessoas tinham curiosidade em conhecer a minha cultura, como são as coisas do sítio onde eu vivi e fomos trocando impressões. É claro que eu aprendia com eles e eles tentavam saber alguma coisa, para nós nos conseguirmos adaptar uns aos outros, para eu saber como eu havia de lidar com eles e eles comigo (...)"</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>" (...) Sim, sentia-me preparado para sair, até foi bom para eu aplicar aquilo que eu tenho vindo a aprender ao longo dos anos que estive na instituição (...)"</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) Eu acho que praticamente nada mudou, nada mudou. Eu era teimoso, era persistente, eu era a pessoa que eu sou. Acho que não mudei (...). Sou uma pessoa muito empenhada e sou muito determinado (...) considero-me uma pessoa empenhada e quando quero aprender uma coisa faço tudo e mais alguma coisa para aprender (...) não consigo estar parado, gosto de estar sempre ocupado com tudo e mais alguma coisa, por isso integrei a associação (...) Claro que antigamente não tinha a visão que tenho hoje para analisar as coisas mas acabo por ser sempre a mesma pessoa com a mesma personalidade (...) sou muito curioso (...)"</p>
E	<p>1.3 Aspectos de relacionamento interpessoal</p> <p>" (...) nunca tive problemas com ninguém (...). Foi um bocadinho chato porque as pessoas achavam-me anti-social, porque eu no meio das pessoas sinto-me impressionado, não me sinto à vontade, prefiro estar sempre no meu cantinho, mas o tempo foi passando e fui conhecendo e fui falando (...)"</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) fez-me uma grande confusão ao princípio (...)"</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) quando acabei o curso foi muito triste, tive de sair de lá (...) Dificuldades mesmo foi abandonar o sítio porque eu já não tinha lá as pessoas de quando eu lá entrei, já tinham ido embora praticamente todos, de resto as que lá estavam não eram aquelas com quem eu me dava bem (...)"</p> <p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>" (...) Preparado não digo (...) encarei isso com grande indiferença, apesar de ter gostado de lá estar (...)"</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) acho que me habituei mesmo aquilo de estar sozinho, de não estar com muita gente, embora estar no Colégio ajudou um bocadinho a adaptar-me a essa situação mas acho quando sai de lá voltei mesmo aquela vida, não quero confusões quero estar no meu cantinho (...) em termos pessoais...continua a ser uma grande confusão para mim entrar numa multidão. Eu joguei futebol e sempre tive essa dificuldade, nos jogos tremia e tinha as mãos a transpirar e isso ainda hoje acontece-me (...) acho que estou no mesmo (...) Acho que não mudei (...)"</p> <p>1.2 Aspectos relacionamento interpessoal</p> <p>" (...) talvez cresci mais (...) antes não tinha a noção das pessoas terem problemas e disponibilizar o meu tempo para ouvir e tentar ajudar (...) acho que isso ajudou-me a crescer muito, saber dos problemas dos outros que antes não me preocupava e não queria saber porque estava muito bem comigo e não queria saber dos outros para nada (...)"</p>

F	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Antes de entrar já tinha mudado bastante. Eu, de pequeno era uma criança muito nervosa mas chegou uma fase, antes de eu chegar à instituição, em que eu já tinha algumas responsabilidades perante os meus irmãos, ou perante a minha irmã neste caso. Portanto, aí foi mais a fase de transição antes de entrar na instituição onde passei de nervoso para alguém mais responsável ou com mais responsabilidades, foram-me inculcadas obrigatoriamente, sem eu dizer que sim ou que não mas que me mudaram e tornou-me mais calmo (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos de relacionamento interpessoal “ (...) como havia jovens de várias idades facilmente nos integrámos, conhecemos outros rapazes e começamos nas brincadeiras normais, no ambiente normal (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Já tinha estado um ano fora da instituição (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) não alterei nem com a entrada na instituição nem com a saída da instituição (...) tanto ao nível de personalidade, não, não alteraram, continuei a ter as mesmas características (...) Consigo desenvolver uma conversa e falo com qualquer pessoa mas isso são artefactos que a gente vai ganhando (...) sou fechado e eu reservo-me (...) se tenho um problema tento de resolvê-lo e não pedir ajuda para resolvê-lo, nunca tive (...) é uma característica minha sou algo orgulhoso mas não é suficiente (...)”</p>
---	--	--	---	---

<p>G</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Como criança...acho que era um pouco introvertido na altura ainda não tinha a espontaneidade que tenho hoje (...) recordo-me que era tímido, de poucas falas (...) Recordo...foram assim...um pouco estranhos porque aquilo era completamente diferente do que nós estávamos habituados (...)”</p>	<p>1.3 Aspectos psicológicos “ (...) Sim... Estava porque cada um de nós sabia que mais tarde ou mais cedo teria de sair e fazer a própria vida, a forma como a instituição estava estruturada obrigava-nos a essa preparação, a cuidar das nossas coisas, da nossa roupa, alguns sabiam até cozinhar e a saída já não foi propriamente já nenhum choque, nem nada porque no fundo nós já estávamos...estávamos dentro mas com um pé fora (...) Eu comecei logo a trabalhar e comprei uma casa (...) não teve grande impacto (...)”</p> <p>1.3 Aspectos psicológicos “ (...) quando sai (...) mas o meu drama era de facto a solidão... de modo que isso obrigou-me e formou muito a personalidade (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Eu acho que a instituição me mudou para uma pessoa mais aberta, mais extrovertida, mais participativa, envolvida em muitas coisas, muitos projectos (...) Acho que a casa e toda aquela convivência me...oito anos...no fundo não foram 8 foram 17 anos. Contando os anos da Bencanta com os outros de Eiras foram 17 anos com mais 6 ou 7 do Loreto, foram vinte e tal anos sempre com jovens. Acho que isso necessariamente tinha que me mudar porque eu tinha sempre jovens por todo o lado. Era difícil nós termos quase um momento de isolamento a não ser que a pessoa se refugiasse nos cantos da casa (...) eu noto que quem não viveu nestes ambientes, noto as pessoas muito mais inibidas, enrascadas em todos os níveis, não têm aquela desenvoltura que qualquer jovem que passou por lá tem, até porque as pessoas vão para todos os lados, participam, estão muito mais activas, muito mais inseridas nas Comunidades onde residem do que outros jovens que hoje chegam aqui à ACAPO completamente desinseridos de tudo (...)”</p>
<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Como criança...acho que era um pouco introvertido na altura ainda não tinha a espontaneidade que tenho hoje (...) recordo-me que era tímido, de poucas falas (...) Recordo...foram assim...um pouco estranhos porque aquilo era completamente diferente do que nós estávamos habituados (...)”</p>	<p>1.3 Aspectos psicológicos “ (...) quando sai (...) mas o meu drama era de facto a solidão... de modo que isso obrigou-me e formou muito a personalidade (...)”</p>	<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal “ (...) Os amigos fazia com facilidade (...) Mudou...porque foi o fruto dessa interação permanente com tantos jovens. A própria entrada nas escolas propiciava isso. Era difícil estarmos sós, tínhamos em todo o lado...gente (risos). Quer dizer era nos quartos, nos corredores, nas salas, nos jardins, portanto era difícil nós estarmos sozinhos e portanto tínhamos sempre de partilhar...as alegrias, as tristezas, a má disposição com outros e isso obrigou a pessoa a conviver e aprender com os outros e a superar essas limitações (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Eu acho que a instituição me mudou para uma pessoa mais aberta, mais extrovertida, mais participativa, envolvida em muitas coisas, muitos projectos (...) Acho que a casa e toda aquela convivência me...oito anos...no fundo não foram 8 foram 17 anos. Contando os anos da Bencanta com os outros de Eiras foram 17 anos com mais 6 ou 7 do Loreto, foram vinte e tal anos sempre com jovens. Acho que isso necessariamente tinha que me mudar porque eu tinha sempre jovens por todo o lado. Era difícil nós termos quase um momento de isolamento a não ser que a pessoa se refugiasse nos cantos da casa (...) eu noto que quem não viveu nestes ambientes, noto as pessoas muito mais inibidas, enrascadas em todos os níveis, não têm aquela desenvoltura que qualquer jovem que passou por lá tem, até porque as pessoas vão para todos os lados, participam, estão muito mais activas, muito mais inseridas nas Comunidades onde residem do que outros jovens que hoje chegam aqui à ACAPO completamente desinseridos de tudo (...)”</p>

H		<p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>" (...) aprendi de facto a disciplinar-me a mim próprio e digamos a ter sempre uma conduta (...) vivendo sem a família, apenas com amigos, aprendi de facto a gerir a minha vida e a gerir os meus recursos e as minhas coisas (...) A instituição (...) obrigava-nos a aprender a lavar louça, aprender a passar a ferro, a limpar o jardim, a limpar o quarto...todas essas coisas (...) a responsabilizarmos pela gestão do nosso próprio dinheiro (...)"</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) Eu era muito fechada, muito carrancuda, um feito muito difícil. Mesmo uma criança insuportável (risos) (...) eu amuava muito facilmente (...) os primeiros dias foram um bocadinho complicados porque eu andava sempre com a minha mãe, andava para trás e para frente com ela e ver-me assim de repente sem chão debaixo dos pés (...)"</p> <p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>" (...) Eu antes guardava tudo, se eu tivesse alguma coisa na ideia para comprar lá ia pedir o que faltava à minha mãe ou ao meu pai – olha queria comprar aquilo e tal, então ia guardando e isso faz-nos crescer. Faz-nos ver como é que a gente vai fazer o dia-a-dia, gerir o dia-a-dia com o dinheiro, acho que isso é bastante importante. Há aquelas pessoas que têm e esbanjam logo. Para uma criança, para um jovem eu acho que isso é importante que é para ele se orientar na vida (...)"</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>" (...) Mais ou menos (risos), mais ou menos (...) Foi um passo um bocadinho acelerado, confesso, foi (...) Não estava preparada porque ainda não tinha trabalho (...) não estava assim muito preparada, não (...)"</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) a vida cá fora é muito... não nos podemos iludir com tudo o que abana, digamos, tudo o que mexa, não nos podemos deixar iludir, temos de contornar, fazer as coisas (...)"</p>		<p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>" (...) Mudei desde que fui para lá porque ninguém me podia dizer nada. Eu amuava, ficava de cara feia mesmo. Não me podiam dizer nada. E eu, ao ir para lá, fez-me de certa maneira aprender. Hoje sou uma pessoa extrovertida e rio-me. Levo a vida a rir e a contar piadas, graças a isso (...) Isso melhorou, bastante (...) depois de eu ir para Comunidade, mudou bastante, porque eu já não amuo, já deixo que me digam as coisas, entra a cem e sai a duzentos. Há coisas e coisas, nós não podemos dizer que é a tudo, há coisas e coisas (...) Aprendi a levar a vida mais na desportiva, a viver um dia de cada vez, a não querer tudo ao mesmo tempo. Às vezes por querer tudo ao mesmo tempo, batemos com a cabeça e também já são várias ratoeiras da vida (...)"</p>
---	--	---	---	--	--

I		<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Eu chorei muito, foi muito difícil, não foi fácil (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) preparada para sair não (...) Tive de tornar-me independente, as pessoas tinham de ser independentes (...)”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Eu quando sai choquei com muitas coisas. E acho que tive dificuldade em me adaptar (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) A C... mudou um bocado. Só tem uma coisa em comum, passados estes anos todos, ainda tem a mesma mágoa, o mesmo sentimento, não consegui ultrapassá-lo, desfazer-me dele. É a única coisa que há em comum (...) Eu neste momento não posso dizer até que ponto são as minhas capacidades porque eu já não sou a mesma C...que era o ano passado, já não sou. Já não tenho aquela energia que eu tinha, já não tenho por causa do cansaço ao nível psicológico (...) eu sou traumatizada daquilo que eu vivi (...) O meu irmão vê-me como eu fosse uma fracassada (...) Um dia, todas as pessoas que fizeram mal haviam de ser castigadas, de uma maneira ou de outra, o destino, eu creio um bocado nisso, acho que acaba por se encarregar (...)”</p>
---	--	---	--	--

<p>J</p>	<p>1.2. Aspectos psicológicos “ (...) a minha mãe passou uma noite a convencer-me para não ir e eu com oito anos tive a capacidade de dizer – não, eu vou, eu vou porque se calhar é melhor para mim (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) era uma criança, uma pirralhazita, reguila (...) eu era como aquelas crianças traquinas que nunca estão quietas (...) Era uma Maria rapaz que é mesmo assim e uma Maria rapaz o que é que ela faz, gosta de andar sempre na brincadeira, não gosta de estar ali feita anjinha (...) Essa minha irmã (...) tem uns certos problemas psicológicos (...) Ela foi como se fosse uma filha para mim lá no Colégio. Ela sentia-se sempre protegida pela mana O... Eu é que a protegia sempre, se alguém a quisesse bater eu ia lá e defendia, não admitia que gozassem com ela tão pouco. Na Comunidade outra coisa que fizeram mal – mas cresci um bocadinho com isso – meterem-me na cabeça que a minha irmã nunca ia ter capacidades para ter uma vida como toda a gente leva, casar, ter filhos; que eu tinha que pensar em fazer a minha vida com ela sempre às costas – casas e sabes que a tua irmã tem de ser sempre... é tipo a tua empregada doméstica em casa, tens de ter sempre ela ao pendurão – Então eu cresci sempre com essa coisa na cabeça. Eu tenho de crescer, quer case ou não, quer compre uma casa ou não, a minha irmã está sempre comigo, está sempre comigo (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Eu achei que já tinha as condições reunidas para sair da Comunidade, tinha acabado o meu curso, ainda estive um ano depois de ter acabado o curso porque ficaram módulos por fazer e o projecto para apresentar. Após ter feito isso tudo, sai da Comunidade (...) andei a morar sozinho para aí uns quatro anos. Estive num apartamento alugado com estudantes (...)”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Aquilo era a minha família e custou-me, foi difícil mentalizar-me – eu vou sair da Comunidade! (...) (choro) (...) a Comunidade já era a minha casa (choro) (...) Eu saí de lá mas eu todos os dias estava lá, todos os dias. Eu saía do trabalho e ia para lá (...) trabalhava na baixa, no intervalo, à tarde, eu tinha necessidade de ir à Comunidade, eu pensava para onde é que eu vou? (...) lá ia para a Comunidade (...) depois comecei a pensar que precisava de me desligar porque já não estava lá mas eu ia à instituição como se eu ainda lá estivesse. E entrava na casa onde tinha estado, simplesmente, tinha consciência de que aquele quarto que lá estava já não era o meu. Custou-me um bocado, eu estive muitos anos ali a morar, foi muito complicado (choro) (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) a minha personalidade é sempre esta (...) Eu penso um bocadinho assim. Agora há certas coisas que podemos melhorar, isso é óbvio. Mas isso, já não tem a ver com a nossa personalidade, tem a ver com o viver do dia-a-dia (...) eu acho que sou igual, mais mulher como é óbvio, mais adulta, com um pensamento mais maduro (...) Eu não sou melhor que ninguém, tenho a minha personalidade e tento lutar por aquilo que eu quero e mais nada, sem passar por cima de ninguém. Se há coisa que eu não faço é passar por cima seja de quem for, não, eu não sou assim. Eu tento atingir o meu objectivo com o meu mérito e mais nada (...) se eu começo é porque eu quero (...) agora tenho de pensar um bocadinho mais uma vez que tenho uma filha para criar, já não posso fazer as coisas dessa maneira (...)”</p>
-----------------	---	---	--	---

L		<p>Aspectos psicológicos</p> <p>“ (...) nessa altura era muito inconstante, muito, muito impulsiva, não pensava muito antes de fazer as coisas, era muito impulsiva (...) era uma miúda terrível (risos), eu não parava quieta um minuto (...) era muito irrequieta (...) Fui muito triste porque eu pensei que a minha mãe tinha falecido. Eu pensei então, se os meus primos estão ali porque é que eu não posso estar? Ia muito revoltada com a minha família (...) muito revoltada, muito (...) Cheguei lá muito desorientada (...)”</p> <p>Aspectos relacionamento interpessoal:</p> <p>“ (...) passado uma semana, arranjei uns amigos (...) e isso também passou-me rápido (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>“ (...) Eu fui monitora de férias com miúdos da Comunidade, uma vez com cinco, dos 3 aos 5 anos, e outra vez com um miúdo hiperactivo e correu sempre tudo bem. E quando eles incutem aquelas funções, a fadina, os mais velhos lavarem a própria roupa, a casa estar sempre impecável a gente na altura não acha piada nenhuma – isso já nos dá alguma independência, já conseguimos sair dali e ir viver sozinho e não ter muitos problemas (...) Como estive no Colégio, sempre quis ter as coisas por mim. Isto de estar a pedir, estar à espera ou a depender de alguém (...) não me senti nada perdida nem despreparada (...)”</p>	<p>Aspectos psicológicos</p> <p>“ (...) Agora sou uma pessoa mais calma, menos impulsiva, já penso antes de fazer as coisas, sou mais calma e agora começo a lançar a minha vida (...) Nunca tive depressões, não tenho paciência para estar doente, nem paciência nem tempo (risos) Eu penso eu estou assim mas há quem esteja pior. É o que eu digo à minha mãe que está doente – estás doente mas há piores e lutam. Há pessoas com cancro e lutam todos os dias – Temos de ver, temos saúde, temos inteligência, como eu costumava dizer, temos duas mãos e duas pernas temos de lutar, enquanto pudermos (...)”</p>
M		<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal</p> <p>“ (...) Havia certo tipo de grupos e ao namorar com ele recebi um certo tipo de protecção e de aprovação de alguns grupos (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais</p> <p>“ (...) Claro que as coisas nunca são como se espera, não somos preparados para as coisas que vamos enfrentar no mundo. No fundo lá nós comemos, bebemos, dormimos e não temos qualquer responsabilidade financeira ou de qualquer outro tipo. Podemos trabalhar umas férias do verão para comprar as roupas, as coisas que nós gostamos mas no fundo o dinheiro era para gastar em coisas que nos apetecia, não é aquela responsabilidade de ter pagar uma renda ou cuidar da casa. Portanto neste sentido não fomos bem preparados (...)”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>“ (...) era nova e não conhecia nada (...) de certa forma revoltada (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos</p> <p>“ (...) Aquilo que sou hoje, comparando a minha vida agora com a vida anterior eu acho que hoje a minha vida tem real significação porque eu não me lamento daquilo que vivi, são coisas que acontecerem, aprendi que há sempre pessoas em situações piores que as minhas e nós não devemos ter pena de nós nem nos devemos lamentar, devemos procurar resolver os nossos problemas e andar para a frente (...) no fundo aprendi (...) a desenvolver qualidades e a ser uma pessoa mais apreciada (...) procuro não viver para mim própria mas dar também algo aos outros, é isso que eu procuro (...)”</p>

	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) antes de entrar nesta instituição... não tinha amigos... era um bocaco isolada (...)”</p>	<p>1.4- Competências e recursos pessoais “ (...) Uma pessoa tem de crescer ali dentro mesmo que não queira (...) Eu era uma criança quando fui para a instituição e tive que aprender a viver segundo um padrão de valor diferente do habitual. No fundo tive que crescer por mim própria e sobreviver (...) não é que eu me sentisse diferente mas nós tentávamos compensar pelo facto de não termos pai e mãe e pertencermos a uma instituição; tentávamos parecer melhores ou mais valorizados ou destacarmo-nos em alguma coisa, para que fôssemos vistos não como os coitadinhos mas sim como aquela pessoa que realmente é boa naquilo (...)”</p> <p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) os primeiros dias chorei bastante e não tive ninguém que me acarinhasse, que me compenhasse, foi difícil. De maneira que eu me sentia muito triste, um pouco abandonada (...) eu sempre fui um bocaco rebelde não sei porquê, acho que era já inato à minha personalidade, gostava de subir às árvores e de fazer esse tipo de coisas. Era um bocaco Maria rapaz. Eu não me lembro já muito bem dessa altura (...) Foi muito difícil porque por causa dessa minha rebeldia (...)”</p>	<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal “ (...) ainda continuava com algum espírito de rebeldia (...)”</p> <p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) decidi e fui à vida, eu não me preparei (...) (risos) se eu não estava... estive que estar. Teve de ser. Se calhar até nem me sentia mas teve que ser. E assim, não estava mesmo preparada porque havia de ter lá ficado a pensar bem na vida (...) pensar bem no que vou fazer (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) agora não me sinto mas na altura eu era uma criança revoltada (...)”</p>
--	--	--	---	---

N

			<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) eu senti-me um peixinho fora de água. Sentia-me mais realizada, porque ia fazer...ia conquistar o mundo para mim. Sentia-me com forças, vontade para... sentia-me mais livre para explorar até o mundo (...) a gente cá fora explora mais e vive mais até do que lá dentro (...) Cá fora tive de aprender tudo de novo (...) eu não tive ninguém que apoiasse (...)”</p>	
	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Não era uma pessoa muito alegre, não era, para ser sincera (...) era uma criança muito revoltada (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Eu era uma menina chorona, era uma menina triste, notava-se em mim (...) eu era uma criança muito triste, por qualquer coisa eu estava a chorar, levantava-me a voz eu chorava (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Sentia...Estava preparada porque estava responsável não é? Uma pessoa tem de crescer ali dentro, mesmo que não queira porque temos de tomar conta de crianças, temos de ter a atenção de ter a casa limpa, de passar a roupa, dar a educação aos mais novos. E sentia-me preparada (...) Sim, em certa parte sim, porque a organização que ela tinha, agora não sei como é, de pôr, a partir de uma certa idade, a tomar conta de outros, pessoas responsáveis a tomar conta de outros, só aí faz com que nos desenvolvamos mais. E acho que sim...porque há Colégios que as pessoas vêm para fora e não são ninguém, não sabem nada (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) agora sinto-me uma pessoa independente (...) Hoje sou uma pessoa responsável, preocupada, com dívidas. Não deixo faltar. Eu quando vejo o dinheiro a ficar curto, começo logo, tens de reduzir (risos). Vejo-me outra pessoa, totalmente diferente (...) Sei que sou triste mas tento não mostrá-lo, porque há clientes lá na... Quando eu falo da minha história, eles dizem, a tua vida não foi fácil, mas não parece, tu não demonstras. Tento não demonstrar (...) Eu tive de crescer rápido, tomar assim um choque e acordar porque comecei a ver a sogra a meter-se muito e eu tive de enfrentar coisas de que não sabia, saber enfrentar os outros e não baixar a cabeça e isso eu aprendi foi depois de casada (...) depois do casamento são outras responsabilidades (...) e os pontapés que a vida leva, uma pessoa tem de abrir os olhos e tomar decisões (...)”</p>
			<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) foi um alívio (...)”</p>	

		<p>1.4 Competências e recursos pessoais <i>" (...) aprendi a fazer comer. Uma vez, ainda não sabia cozinhar, fui passar o fim-de-semana a casa do meu pai e ele estava doente e eu não sabia cozinhar. Mas ele tinha fome e eu tinha de cozinhar (risos). Eu fiz batata frita com ovo, tudo sem sal, o homem vai a comer, mas o que é isto? (risos) Então mas eu não sei cozinhar (risos) Eu não sabia fazer comer, o que é que ele queria que eu fizesse. Foi tudo para o lixo. Aí senti-me tão mal nesse dia. Não estavam lá os meus irmãos nesse dia. O homem, doente, queria comer. E eu está bem, eu faço a comida (risos) (...)"</i></p>		
		<p>1.3 Aspectos relacionamento interpessoal <i>" (...) com o passar da vida (...) eu comecei a namorar eu passei essa fase (...)"</i></p>		

<p>P</p>	<p>1.4 Aspectos psicológicos “ (...) eu sempre tive este jeito, mesmo em pequenina...esquisitava demais... havia coisas que eu não....tolerava...ou tentava mostrar que não estavam bem (...)”</p>	<p>1.1 Características físicas e auto-imagem “ (...) Eu quando entrei para a Comunidade era uma menina...uma menina vítima de maus-tratos e de mais coisas e então...foi...é claro que na Comunidade me deram muito apoio...muito apoio (...) era uma jovem pequenininha, muito magrinha (...)”</p>	<p>1.4 Competências e recursos pessoais “ (...) Sim... Eu acho que foi o melhor.... Sentia. Era uma coisa que eu queria...que o meu irmão salsse da terra e viesse para cá (...) De um dia para o outro...de um minuto para o outro (...) recordei bem os dias depois de sair da Comunidade (...) E assim...não nos ensinam a gerir dinheiro...não...eu por vezes...no princípio... gastei dinheiro...gastei mais do que aquilo que tinha, depois passava o resto do mês ó tio ou tia (...) nós na Comunidade somos é muito protegidos e não nos ensinam (...) o mundo cá fora é uma selva... e não é aquilo que eles ensinam lá dentro (...)”</p>	<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) por tudo o que eu passei a vida fez-me assim (...) era muito, muito revolvida (...) chegou a uma altura...as pessoas começaram a me conhecer e então...eu usei essa revolta essa...tudo para meu benefício...que foi trabalhar cada vez mais e erguer-me...ajudou-me a crescer...se calhar também tive sorte de estar com as pessoas certas, de me dar com as pessoas certas (...) eu cresci imenso cá fora...cresci imenso cá fora e acho que pensando assim se calhar deveria ter saído antes...não é? (...) tudo o que me aconteceu só me serviu para que eu tivesse mais força, eu não vou deixar-me ir abaixo eu vou continuar, vou construir uma vida foi assim que eu sempre pensei e que eu penso. Eu costumo dizer eu hoje estou aqui mas eu vim de lá de baixo, não é que eu tenha muita coisa mas o que tenho não vou perder daqui só para cima, para trás, para baixo anda o caracol, caracol não, caranguejo (risos) (...) não me ando a lamentar. A maior parte das pessoas lamentam-se que não têm sorte...e eu em vez de fazer isso, faço ao contrário, faço por ter sorte ou por conseguir as coisas que eu quero...não é?...não vale a pena estarmos a lamentar (...) é assim...de uma maneira...nós,podemos tentar melhorar e não sei quê...mas o que nós passamos está lá...não se apaga...não tem uma borracha...chega ali com um apagador e...apaga aquilo, infelizmente isto está marcado para a minha vida toda...uns dias mais intensamente...uns dias menos...mas está lá...eu acho...acho que...a minha maneira de ser...as pessoas...agora já nem tanto...agora estou mais calminha...mas eu choco muito com as pessoas...depois as pessoas lamentam-se muito e eu não gosto...fico perturbada com essas coisas (...)”</p>
<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) sai diferente (...) Sim... Completamente diferente (...) parece que toda a gente me devia e ninguém me pagava. Era mesmo esse o espírito e depois toda a gente tinha de me entender e eu não tinha que dar justificação de nada... A vida me fez assim (...)”</p>				

		<p>1.2 Aspectos psicológicos “ (...) Eu quando entrei para a Comunidade era uma menina...uma menina vítima de maus-tratos e de mais coisas (...) a falta da família, da minha mãe e dos meus irmãos. Eu chorava muito, aquilo era terrível para mim (...)”</p>	<p>1.3 Aspectos de relacionamento interpessoal “ (...) dificuldades em fazer amigos fora da instituição...Tinha algumas...por causa desta minha maneira de ser...as pessoas não gostam muito de pessoas que digam na cara aquilo que sentem, ainda hoje é um bocadinho difícil (risos) mas já está a melhorar...também com 32 anos (...)”</p>	
		<p>1.3 Relacionamento interpessoal “ (...) Não tive dificuldade em fazer amigos, mas não fiz muitos amigos (...) dava-me bem com toda a gente...só com os mais velhites é que não...havia lá alguns (...) Não tive dificuldade em fazer amigos, mas não fiz muitos amigos (...)”</p>		

Sujeitos	2. Balanço sobre o passado	3. Condições de vida e bem-estar actual
A	<p>" (...) Agora, olhando para trás, eu devia ter aproveitado e não ter saído (...). E olhando para trás, estou arrependido, claro que sim! (...) Nem sempre foram as melhores. As vezes precipito-me um pouco, penso que sei tudo. Em vez de pensar bem as coisas penso logo que sei. Depois faço as coisas e não dão certo. Tenho de pensar mais nas coisas, dar mais ouvidos às pessoas (...). Eu olho para trás e, às vezes, até me apetece a bater em mim mesmo; penso no estúpido que eu fui, como é que eu fui capaz de fazer o que fiz, porque fui fazer aquilo! Não se justificava; era andar para a frente, eu pensava que era um homem e não era. Mas por um lado é assim: eu podia ter feito isto, podia ter feito aquilo mas sei lá se não precisava de passar por tudo o que passei para ser o que sou hoje, responsável, ter encontrado uma pessoa que eu amo, essas coisas todas. Claro que não era preciso isso, sempre perdi sete anos e não os recupero. Isto é que custa (...). "</p>	<p>" (...) Bem, bem, muito bem! Não guardo mágoa (...) sinto-me bem (...) Agora, felizmente, superei isso tudo (...)."</p>
B	<p>" (...) Algumas foram más, tomei erradamente, agora é que a gente vê (...). Fiz algumas coisas erradas na vida se pudesse voltar atrás fazia diferente. Por exemplo, ter escolhido o agrupamento de humanidades quando estava a estudar, escolhi isso e a directora tirou-me porque eu não gostava e tirava más notas (...). Mas há outras que tomei bem (...)."</p>	<p>" (...) acho que podia fazer melhor. Acho que o esforço que eu tive e os anos que tive – valeram a pena. Passei por muitas dificuldades, porque eu estava sozinho e tive de pagar parte dos estudos, por isso é que eu tive de desistir também da faculdade. Apesar de na instituição nunca ninguém saber que eu entrei; também nunca contei a ninguém. Em parte, também tive algumas dificuldades ao nível pessoal porque houve alturas que a gente está sozinho; acho que é preciso ter um grande estofó; não desespere um bocado e ter sangue frio. Nesse aspecto acho que tive muito trabalho mas acho que valeu a pena. Eu estou contente mas espero melhorar algumas coisas no futuro (...)."</p>
C	<p>" (...) Eu costumo dizer que me arrependo pouco. Algumas coisas que me arrependo são asneiras que eu fiz quando era miúdo, não de agora mais velho e consciente. Fiz uma grande asneira aos dezoito anos que foi ter engravidado a mãe da minha filha. Isso foi uma asneira, o mal está feito, não se pode voltar atrás (...) acho que na minha vida até agora arrependo-me de duas ou três coisas, se calhar até é muito, uma ou duas (...). (risos) foi uma parvoíce (...) quando era miúdo, estava no Colégio, mas isso era uma parvoíce (risos) coisas de miúdos, era uma brincadeira estúpida, tinha onze, doze anos (risos). Foi uma brincadeira, arrependo-me de uma parvoíce (...). O resto, ponderei, deixei de ponderar, uma, duas, três vezes, fiz e não me arrependo porque tive tempo de pensar. Quando não tenho tempo de pensar é que eu fico assim naquela devia ter pensado, mas raramente arrependo-me, nem mesmo quando faço asneiras graves, raramente, me arrependo (...)."</p>	<p>" (...) Hoje em dia eu sou feliz como sou (...). Eu estou de bem com a vida, tenho poucas pressões (...) sou feliz quando vejo a minha filha a ir (...) sou feliz quando consigo atingir uma coisa que eu quero (...), isso da felicidade é relativo, às vezes fico feliz e não chego a atingir aquilo que pretendo, não sei se está a ver. Pronto, eu sou assim, não vivo, a pensar na escola vou tirar dezoitos, não vivo a pensar nisso, mesmo sabendo. Eu nunca vivi assim. Eu quando vejo um doze ou um treze fico contente (risos) (...) o mais importante é estar estável, é isso que eu procuro. Ter o meu dinheiro para pagar as minhas contas (...). O meu dinheiro chega para pagar aquilo que eu quero, mas por exemplo não chega para andar aí (risos) a comprar roupa ou sapatilhas, coisa que não faço muito, compro só quando tenho mesmo aquela necessidade. É essa coisa de ter os pés bem assentes na terra (...). Não posso andar a comprar roupas, não tenho dinheiro para andar a ir ao cinema ou à discoteca, quatro ou cinco vezes por mês como ele faz. Mas eu não tenho mesmo e mesmo se tivesse também não o faria, mas eu sou feliz como sou (...)."</p>

D	<p>" (...) Certas. Voltaria a fazer (...)"</p>	<p>" (...) Não tenho razão de queixa. Não tenho razão de queixa. Eu acho que as coisas não estão a correr como eu quero, estão a correr de uma forma normal e não tenho razões de queixa, também não se pode ter tudo bom senão a vida não tinha interesse. E eu não sou uma excepção (...)"</p>
E	<p>" (...) Acho que ainda não me arrependi de nenhuma escolha que fiz, se tivesse sido só eu a decidir talvez mas cada escolha que eu faço tenho alguém sempre que me orienta e acho que isso ajuda-me muito, a ter muito mais ideias e projectos novos (...)"</p>	<p>" (...) agora sinto-me preparado para grandes desafios, coisas grandes, de responsabilidade (...) acho que me vou dar bem porque sei o que quero (...)"</p>
F	<p>" (...) Tenho alguns arrependimentos de não ter acabado o curso, como devia, de ter andado na rambola do que estudar mas faz parte. Acho que se andei na rambola é porque também acabei de socializar com outras pessoas, conhecer outras pessoas e enriquecer-me noutras áreas que não a formação escolar. O único arrependimento que tenho é esse, mas não é nada que não se consiga fazer ainda e que seja um obstáculo (...)"</p>	<p>" (...) sinto-me feliz (...) Eu neste momento encontro-me melhor do que me encontrava há uns anos atrás, como é óbvio. Neste momento já tenho três anos de experiência profissional, tive progresso de carreira muito rápido e extenso, tenho estabilidade financeira. Alugo casa sozinho, vivo sozinho, dependo de mim próprio, tiro férias, vou para o estrangeiro as minhas custas e viço (...). De resto sinto-me bem, tenho um percurso diferente das outras pessoas e chegar ao ponto onde eu cheguei deixa-me orgulhoso (...) mas tenho a noção que posso ser mais feliz (...) já viajei muito, mais do que muita gente tenha feito e eu, especialmente com as minhas possibilidades, tenho tido a sorte e tenho feito por isso também. Tenho de viajar é o que realmente gosto mais de fazer e tenho feito e quero continuar a fazer (...)"</p>
G	<p>-</p>	<p>" (...) o meu percurso teve um final feliz (...) não tenho muitas razões de queixa (...)"</p>
H	<p>" (...) Às vezes é complicado tomar decisões mas a avaliação que faço, não sei, acho que é boa. Eu sempre consegui passar, superar tudo, as coisas boas, as coisas menos boas, consegui sempre superar, umas com mais dificuldades outras com menos. A morte do meu pai foi uma delas (...) eu acho que consegui, acho que é positiva. Se eu consegui ultrapassar essa fase acho que consigo ultrapassar muito mais (...)"</p>	<p>" (...) Agora sou uma mulher feliz (...) Estou com o meu marido há 12 anos, temos uma filha com cinco anos. Sou feliz (...) Sinto-me bem, sinto-me com força (...) é muito bom, acho que não tem explicação, acho que só a pessoa que é mãe, que passa por uma sensação dessas de ser mãe é que sente (...) ela é tudo o que me faltou, é ela agora (...)"</p>
I	<p>" (...) algumas delas não foram as mais correctas (...) Outras foram (...) Lá está ninguém é perfeito (risos) se eu fosse perfeita não tinha passado por metade do que eu passei (...) o ano passado (...) ajudavam-nos até termos uma casa ou tínhamos a opção de ir para uma instituição daquelas de mães solteiras. Eu agora começo a questionar-me se até que ponto fiz bem em regressar para lá novamente. Mas passar por novo ciclo novamente...se eu tiver de sair de lá, tenho de sair por mim, tenho de ter estrutura para poder sair (...)"</p>	<p>" (...) ainda estou a viver com a minha mãe e com o meu padrasto, eles alíam-me tudo à cara. Mas eu também não posso, por mais que queira neste momento ajudá-los e eles alíam-me tudo à cara (...) a minha mãe não tem, não sabe realmente ser mãe. Então o meu padrasto e ela...é um bocadinho difícil conviver com eles (...) eu contento-me com muito pouco, ter paz de espírito, concluir os meus objectivos, ter saúde. Gostaria de ir para a faculdade, gostaria de ter estabilidade e poder dar à minha filha outra estabilidade, termos as duas estabilidade. Eu e o pai dela nós já tentámos e temos a ideia ainda de tentar (...)"</p>

J	<p>" (...) acho que se fosse hoje fazia igual (...). Acho que sim, que foi produtivo para o meu dia-a-dia, para a minha vida. Cada vez que faço alguma coisa eu tenho de pensar bastante, qual a vantagem, a não ser que seja uma coisa sem significado nenhum que tenha de ser resolvido na hora mas quando é uma coisa de mudança ou de progresso, acho que é uma coisa que tenha de ser pensada, não pode ser assim (...)."</p>	<p>" (...) eu sinto-me feliz, eu sinto-me feliz porque casei como uma pessoa sonha casar pela igreja (...) tive uma filha sem problemas nenhuns, a minha gravidez foi uma gravidez santa, apesar de eu me ter matado a trabalhar com uma barrigona (...) o parto foi normal, correu muito bem, ela não nasceu com problemas nenhuns graças a Deus (...) eu sinto-me feliz como estou, sinto porque eu acho que tenho o essencial para viver e esse essencial para mim é algo com o qual me sinto bem. Tenho um marido que gosta de mim (...) tenho uma filha que eu gosto muito (...) tenho a minha irmã que melhor ou pior tenho conseguido ajudá-la de qualquer maneira, sempre, sempre está do meu lado (...) tenho os amigos de verdade (...) o que mais me importa no dia-a-dia eu tenho por isso acho que sinto bem e se isto continuar assim, acho que sou uma pessoa feliz (...)."</p>
L	<p>" (...) Ao nível emocional, em relação ao tal namoro, se calhar fazia diferente, não me atrava tanto de cabeça mas na altura procurava também uma fonte de segurança (...). Ao nível profissional fazia igual e espero ainda fazer melhor mas acho que fazia igual, mesmo alguns que foram errados mas ia acabar por fazer igual (...)."</p>	<p>" (...) agora não sou totalmente feliz. Estou a começar a fazer a minha vida, já tenho outros objectivos, estou semi realizada. Sei que nos dias de hoje uma pessoa nunca tem tudo a nível profissional mas quero subir a nível profissional e quero conseguir realizar uma vida que me possa dar modos de ter filhos, casar, de pagar uma casa (...) o meu plano de felicidade vai ser quando eu tiver filhos (...) mas uma pessoa vê os preços...olhe comprei o carro agora, estou a pagar o carro, se eu não tivesse os meus pais, não sei como é que as pessoas, pagam casa, carro, luz e não sei o quê mais...assusta-me um bocadinho. Mas o meu plano de felicidade vai ser quando eu tiver filhos (...)."</p>
M	<p>" (...) Eu fiz algumas escolhas na minha vida que não devia ter feito mas não nos devemos arrependar porque se eu me arrependesse, nesta altura, não tinha a L...e sem dúvida, é uma herança que eu ganhei (...). Devia ter acabado o 12.º ano enquanto podia, esperar mais um bocadinho mas havia muita tensão (...). Podia ser Doutora agora, já tinha acabado a universidade (...) já devia ter arranjado uma profissão que gostasse e neste momento estar integrada no mercado de trabalho, podia estar a ganhar um bom salário e não ter preocupações se o dinheiro vai chegar para isto ou para aquilo. Estas decisões podiam ser tomadas se eu permanecesse no colégio e continuasse a estudar. Houve uma série de decisões erradas que eu tomei que condicionaram muito a minha vida mas não posso dizer que estou arrependida disso porque, hoje, havia coisas que eu tinha de abdicar se tivesse mudado as minhas escolhas (...)."</p>	<p>" (...) Não guardo ressentimentos, não tenho nada a esconder. Tive uma vida difícil e superei. Considero que tenho uma vida minimamente normal, já passei por muito e cá estou (...). Tudo o que tenho foi resultado do meu esforço e dedicação (...) eu sinto-me realizada (...). Eu estou bem na vida, tenho uma casa, tenho uma filha, tenho um emprego, tenho amigos, não há mais nada que eu precise, tudo o que preciso tenho (...) posso dizer que as maiores dificuldades já passaram (...)."</p>
N	<p>" (...) Depois de eu sair da instituição e depois de eu começar a viver com o meu pai a minha vida virou 180 graus, devia de sair da instituição e viver com o meu pai, mas é assim a vida (...). (...)."</p>	<p>" (...) Estou muito satisfeita com a minha vida. Tenho um homem mais maravilhoso do mundo, os filhos. E tudo o que temos foi com sacrifício dos dois (...). Tudo o que tenho foi construído com amor. Eu arranjei novas amizades, são poucos mas são bons, estou muito satisfeita com a vida que tenho (...)."</p>

O	<p>“ (...) Se fosse agora, acho que voltava atrás e tinha feito os meus projectos. Tinha acabado os estudos. Se fosse hoje. Foi, foi um lapso. Pontapé que as pessoas vão levando depois arrependi-me (...) acho que me precipitei, foi o que a minha madrinha disse, devia ter saído da comunidade e vir para aqui estudar na mesma. Só que pronto (...) sei lá...falhou...era mais compreensão da directora, não sei (...) Se eu tivesse falado com a minha madrinha. A cabeça não pensa às vezes, Olha. É acto dos nervos. Tinha para ai uns 19/20 anos (...)”</p>	<p>“ (...) Sinto-me bem, realizada porque o sonho de uma mulher é casar e ter a sua família, não é? (...)”</p>
P	<p>“ (...) Certas ou erradas nunca tive dificuldade em tomá-las (risos)”</p>	<p>“ (...) sinto-me bem. Eu sinto-me bem (...)”</p>

Sujeitos	4. Sentimento ao realizar a entrevista	Apreciação
A	“ (...) Bem, fez-me lembrar certas coisas. Foi bom falar de certos assuntos e de certas coisas que eu devia ter feito e não fiz (...)”	Positiva
B	“ (...) Acho que foi uma perspectiva boa. Já não é a primeira entrevista que a gente faz sobre o que é que a gente pensava da instituição. Eu acho que é bom porque a imagem que as pessoas de fora têm de uma instituição não é realmente a imagem do que se passa lá dentro. As pessoas vêm com uma imagem errada e este tipo de inquéritos mesmo que sejam anónimos ou não, acho que mostram como é que a instituição funciona. Acho que não é só as pessoas vão lá e – aquela senhora é uma santa, aquela senhora faz tudo. As pessoas que vão lá fazem essa imagem e há, realmente, coisas que não são como parecem. Acho que a entrevista mostra, mais ou menos, às pessoas o que é o Colégio, que não são todos delinquentes, que não saem de lá todos drogados e nem que não vão ser todos ladrões. Acho que há pessoas que conseguem ter estudos e conseguem fazer uma vida perfeitamente normal como uma pessoa que sai de uma família (...)”	Positiva
C	“ (...) Tranquilo. Eu não tenho problemas nenhuns em falar, nem tenho problemas nenhuns em contar a minha vida, faz parte da minha vida porque é que eu havia de ter problemas? Há uma coisa que eu tenho problemas e não contei, é aquela parte que não contei, aquele podrezito, e deixei ficar. Mas também não é assim tão podre, era coisas de miúdos, fazia aquelas patéticas, só que eu não me sinto à vontade para estar a contar isso, pronto (...)”	Ambivalente/ Complexa
D	“ (...) Confesso que acho que não estava preparado para este tipo de perguntas. As coisas foram acontecendo, acho que respondi a todas as perguntas, espero ter correspondido às suas expectativas, de uma forma natural. Se calhar senti-me aliviado, havia coisas que nunca mais tinha falado ou se calhar as pessoas nunca me perguntaram mas daqui a pouco, antes de começar a trabalhar, vou tirar uns segundos para pensar. Eu já não falava neste tipo de assuntos há algum tempo, sinto-me mais leve, se calhar ao falar disso, ao dar esta entrevista se calhar está a dar-me a ideia para um futuro projecto, do que eu posso fazer, eu sou assim (...)”	Ambivalente/ Complexa
E	“ (...) Ao princípio estava um bocadinho nervoso porque não sabia muito do que se tratava mas pelos vistos são coisas que eu vivi que não foram muito difíceis falar. Senti-me bem, apesar de algumas coisas mas isso acontece a todos na vida, haver momentos bons e momentos menos bons, isso faz com que fiquemos mais fortes e possamos arranjar soluções para sair dos mesmos. Acho que é mesmo isso, recordar faz parte da nossa vida e há momentos que temos de recordar para termos forças (...)”	Ambivalente /Complexa
F	“ (...) Esta entrevista é diferente por estar a ser gravada, o que eu estou a falar aqui já eu falei mil e quinhentas vezes noutras situações, com amigos, com outras pessoas, em entrevistas para obter a bolsa de estudo para a faculdade, tinha de contar a minha vida desde os dez até aos vinte anos. Para a bolsa de estudo tinha uma entrevista com a assistente social, onde tinha de descrever o meu percurso desde que entrei na escola primária até este momento, portanto, não é nada de novo e já é algo que faço facilmente (...)”	Positiva

G	<p>“ (...) foi agradável recordar um conjunto de espaços e situações da minha vida, porque eu acho que foram os melhores momentos da minha vida... foram os que passei na Comunidade e talvez na universidade em que conheci muita gente, entrei em muitas situações, projectos, em grupos e eu acho que esses foram os melhores anos (...)”</p>	Positiva
H	<p>“ (...) Olhe, senti-me no passado. Assim uma miúda que foi crescendo. Foi bom ir revivendo os momentos (...)”</p>	Positiva
I	<p>“ (...) Senti-me até um bocado mais leve... não me feriu dizer algumas coisas, não me feriu. Ajudou-me... no fundo aliviou-me a tirar um bocado da mágoa. Não foi difícil contar as coisas que eu passei. Já foram, algumas delas já consegui superar dentro do meu passado outras ainda não. Não vivo agora do passado mas às vezes tento compreender o passado e o presente que eu vivo agora; tento compreender porque é que as coisas me acontecem, o porquê de eu ter sofrido tanto e ainda estar a sofrer, às vezes tento conjugar e compreender o porquê e chego à conclusão que é difícil (...)”</p>	Ambivalente/ Complexa
J	<p>“ (...) Senti-me a viver assim uns anos para trás mas já regresssei ao actual (risos). Não, comoveu-me mais porque há muito tempo que já não falava disto. Na altura em que eu saí do Colégio, era quase todos os dias – Ah porque eu tive num Colégio e não sei quê, por não sei quantos... Por mais que nós não queiramos que saibam por exemplo, no trabalho – eu nunca escondi de ninguém, a minha vida, acho que a minha vida é um livro aberto, não tenho problemas de falar do que eu passei ou deixei de passar porque é a tal situação, há pessoas que estão piores do que eu, então não é nada de mais a minha vida, não condenei ninguém, não fiz mal a ninguém e não tenho nada a esconder, não quero mal a ninguém portanto não tenho nada a esconder de ninguém, por isso, tento fazer a minha vida; também não ando a pôr no jornal. Quando eu saí do Colégio era um tema constante, constante. Então desde que eu casei e depois do meu marido saber a história toda, contada por mim, parece que toda a gente sabia e já não precisava de contar a mais ninguém e agora estar a lembrar outra vez o passado, foi estar a mexer em tudo outra vez. Não é, não é desagradável, mas também não é fácil. Nunca é desagradável falar sobre nós, sobre a nossa vida, sobre as nossas dificuldades porque no fundo faz bem falar, acho que faz bem falar. Uma pessoa quando está com problemas acho que se meter cá para fora que fica muito mais aliviada do que se ficar a sofrer sozinha, acho que é um alívio. Para mim não é desagradável falar sobre a vida, neste caso a minha vida. Só que custa falar e revelar certos pormenores que foram mais marcantes e menos bons na nossa vida (...)”</p>	Ambivalente/complexa
L	<p>“ (...) Como é que eu me senti? Fez-me perguntas que eu já não me lembrava e fez-me pensar em coisas que se calhar... e tirar conclusões que de outro modo não as tiraria. Senti-me bem e até foi bom falar disto (...)”</p>	Positiva

M	<p>“ (...) Achei estranho quando me ligou para fazer a entrevista, senti-me até um bocado desconfiada depois vi que aquilo que eu passei não tem de ser passado por toda a gente. No fundo este tipo de entrevistas servem para sensibilizar as pessoas e ajudar a criar medidas que proporcionem melhores condições. No fundo se eu posso ajudar os outros porque não hei-de fazê-lo. Não guardo ressentimentos, não tenho nada que esconder. Tive uma vida difícil e superei. Considero que tenho uma vida minimamente normal, já passei por muito e cá estou. Eu acho que se o meu contributo puder ajudar outros porque não? Não, eu só acho que há coisas que se enterram com o passado e acho que não vale a pena a relembrar certos momentos, não vale. Acho que o essencial está dito e o que merece ser partilhado está cá. Não sinto nenhum problema em realizar a entrevista, no fundo se eu puder transmitir aos outros que ainda existe esperança no meio deste mundo e que eu encontrei esperança e se eles também puderem encontrar, apesar das dificuldades que passam, para mim isso é realizador, acho que sim acho que é isso (...)”</p>	Ambivalente/complexa
N	-	-
O	<p>“ (...) Risos) Senti-me bem...às vezes a falar ainda me comove (choro). Foi....mas pronto, tento esquecer, tento levar, tento fazer-me forte... Há alturas que sim (...)”</p>	Ambivalente/complexa
P	<p>“ (...) Foi bom. É assim. Eu não ando para aí a espalhar aquilo que me aconteceu, mas pronto...se precisava que eu fizesse a entrevista...eu não tenho nada a esconder...eu tenho muito orgulho de ter estado na Comunidade...isso eu continuo a dizer...eu gosto muito de ajudar as pessoas, mesmo pessoas da Comunidade...uma vez tive lá meninas da Comunidade a trabalhar...antes de eu ter a B...não é que a distância fosse muita...mas eu trazia-as e levava-as a casa e dizia-lhes porque é que vocês não fazem assim, sempre a tentar ajudar pronto...nenhuma delas se aguentou, vieram-se todas embora, porque é complicado trabalhar...é difícil...dói as pernas ao final do dia (...)”</p>	Positiva

Sujeitos	1. Adaptação à vida institucional
A	<p>" (...) Posso dizer que é normal (...). Nós vamos crescendo e vamos vendo o ambiente à nossa volta; os que são adultos e que depois também vão saindo. Mas uma pessoa vai vendo as coisas e vai aprendendo, de certa forma, a não cometer os mesmos erros que alguns cometiam (...)."</p>
B	<p>" (...) Na altura eu desconhecia porque é que eu fui parar a um Colégio. Mais tarde, quando tivemos acesso ao nosso processo, nós reparámos que nenhum dos pais quis assumir a responsabilidade (...) ao longo dos anos, apercebi-me que as coisas cá fora não são perfeitas e lá dentro também não podiam ser perfeitas. E ao longo do tempo acalmei mais um bocadinho, tirei aquele espírito de revolução de achar que o sistema está mal e de tentar mudá-lo. Não passei a ser indiferente mas não dei muita importância e foi isso o que me fez acalmar um bocadinho a nível pessoal e profissional (...) depois como tudo na vida a gente habitua-se e habituei-me (...) uma pessoa começou a se habituar (...) muitas pessoas das quais eu vi umas sentiam falta do carinho dos pais, passavam traumas, muitas ficaram um bocadinho traumatizadas, com essa experiência, eu por acaso não (...) Realmente houve muitas coisas que me marcaram. É estranho, estranho. A gente via, pensava algumas coisas, que nós vamos crescer e não vamos saber o que é ter uma família, nunca vamos saber o que é ter um pai e uma mãe (...) em certos aspectos levou-me a pensar e raciocinar um pouco e perguntar o porquê (...)."</p>
C	<p>" (...) Eu recorde-me, eu lembro-me (...) a minha tia contou-me uma história que iam visitar alguém e que eu tinha de ficar uns dias. Mas quando eu cheguei lá e vi muitos miúdos eu vi logo que era para ficar uns dias ou mais (...) quando eu ouvi a directora a falar (...) ela estava a falar de um modo que eu estranhei: "nós vamos cuidar bem dele", eu pensei, não disse nada a minha tia, mas eu vou ficar aqui quanto tempo, uns dias, isto é o quê? Quando foi para despedir (...) ela disse: "olha eu vou ao café e já volto" (risos) e deu-me um beijo. Só que eu já estava a suspeitar, fui para a janela à espera dela o resto da tarde toda. Chamaram para brincar, brinquei depois voltei a ir para a janela e ela não vinha, pensei pronto já foi embora. Eu lembro-me disso (...) eu vou ser sincero quando eu fui para lá eu sempre olhei para muitos dos meus colegas que talvez tivessem problemas. Eu nunca tive esse tipo de problemas porque eu olhava para a minha família e pensava: a minha família não é pobre, não é rica, não tem problemas de alcoolismo nem de droga nem nada disso mas então porque é que eu estou aqui? (...) Eu encaro aquilo como uma experiência de vida, como uma lição (...) Com o tempo eu fui percebendo, aos poucos e poucos, que toda a gente tem um certo tipo de problemas na família, se não é o dinheiro é a droga...há sempre qualquer coisa. Eu comecei a reparar nesse tipo de problemas só depois quando eu já tinha uma certa idade, quando eu já tinha capacidade de organizar as coisas na minha cabeça (...)."</p>
D	<p>" (...) Fui recebido de braços abertos, nunca hesitaram em ajudar-me naquilo que eu precisava (...) E isso é sem dúvida uma das coisas que eu jamais irei esquecer (...). Completamente normal. Eu vim de um país com uma cultura completamente diferente, foi muito difícil adaptar-me à cultura, principalmente, ao clima, embora tenha chegado no mês de Agosto, para mim era frio (...). A adaptação, ao nível de alimentos. Eu estava habituado a outro tipo de alimentos, inclusive quando eu cheguei fui parar ao hospital com a primeira coisa que eu comi não consegui aguentar, estive a vomitar (...). Foi muito difícil a adaptação a tudo e a mais alguma coisa, o clima então (...). Passado algum tempo, fui-me habituando às coisas, embora fosse difícil mas quando as pessoas querem realmente aprender alguma coisa, adaptam-se a algo completamente diferente daquilo que têm vindo a viver ao longo de muitos anos, acabam por se habituar (...). Depois com uma questão de hábito o tempo foi passando, fui-me habituando e aqui estou (...)."</p>

E	<p>" (...) Não, nunca me disseram (...) o facto de ter me habituado aquela vida, de cair de repente naquele ambiente onde estavam cerca de cem pessoas ou mais (...) Vim em Agosto, havia uma diferença de clima, sentia um bocadinho de frio, lá para a tarde porque já não havia sol mas como eles empregavam casacos e coisas assim, foi bom, são momentos que eu recorro hoje, lembro-me perfeitamente das pessoas (...)"</p>
F	<p>" (...) foi muito repentino e sem qualquer informação ou enquadramento antes de chegar lá. Foi entrar numa carrinha, vais para ali e quando chegámos lá e nos meses seguintes é que nos apercebemos o que é que era. Não houve um antes a dizer – olha vais para ali, isto e assim – não houve isso (...) Diferença, diferença houve sempre como é óbvio. Eu vivia num apartamento, vivia em Lisboa, na Moraria que é um bairro bastante conhecido, ao passar para Coimbra, para um sítio rodeado por florestas, basicamente, e "fechado", entre aspas como é óbvio porque podíamos sair, tínhamos grande liberdade no que toca a esse aspecto e conhecer muito mais pessoas. Antes era uma convivência diária só com a minha irmã e com a família e passou a ser com muito mais gente, que não era família e passámos a conhecer. Sim, facilmente, não tive qualquer problema (...) Depois depende de pessoa para pessoa, o quão fácil consegue integrar-se ou não, eu não tive qualquer dificuldade (...) Não tenho recordações muito gerais. Eu lembro-me perfeitamente desde os dez até aos vinte tudo o que passei lá. Não tenho nada assim momentos muito marcantes. Não, tenho os momentos normais, da escola, convívios normais, de desporto, de trabalhar. Todos eles foram positivos (...) Pontos marcantes que possam ter falado ou referenciado, eu conheço esses pontos todos, a mim não marcaram especialmente, mas marcaram como é óbvio. Um deles sim, mas não estava lá porque estava a trabalhar em Lisboa. Quando isso aconteceu fui lá. Mas afectou-me porque os irmãos eram meus amigos, o ambiente, estava lá o meu irmão. Sim, mas não me deixo marcar facilmente (...)"</p>
G	<p>" (...) Recordo... foram assim... um pouco estranhos porque aquilo era completamente diferente do que nós estávamos habituados (...) entrei ali na Comunidade e portanto já fui encontrar muita gente... toda ela nos era desconhecida... era tudo estranho, as regras eram diferentes, recordo-me que não havia aquela vigilância, aquele rigor, aquela disciplina (...) eu tinha 7 anos quando deixei a família, vivíamos também isolados da Comunidade, da sociedade. Era um regime de internato, fechado e rigoroso, com regras muito precisas e concretas, com horários para tudo. Era um regime... não digo com disciplina "aféria" mas era um regime muito fechado (...) No... custou-me muito e chorei (...) uma vez até me passou pela cabeça... porque aquilo (...) fica ao pé da linha de comboio (...) eu cheguei-me a passar pela cabeça... eu sabia que tinha vindo de comboio... e houve quem fizesse... chegou-me a passar pela cabeça... ir pela linha fora, pensando eu que conseguiria vir ter a casa... à aldeia... mas nunca o fiz... mas houve muitos que fugiram do... e foram para a estação apanhar o comboio, não aguentaram o impacto daquilo e arranjavam maneira de escapar e metiam-se num comboio e fugiam (...) e acho que foram os melhores momentos da minha vida, foram os que passei na comunidade e talvez na universidade (...)"</p>
H	<p>" (...) Quando cheguei, (risos) cheguei de táxi mais a minha mãe, estavam uns poucos de garotos, miúdos, todos agarrados às redes para nos verem (...) Entretanto a minha mãe foi embora mas foi complicado (...)"</p>
I	<p>" (...) o dia-a-dia no Colégio, não me consegui adaptar aos vários tipos de crianças, de adolescentes que, naquela altura, tinham vários tipos de problemas (...) Na altura, acho que tive uma grande força interior que me ajudou a superar essas dificuldades (...)"</p>
J	<p>" (...) fui muito bem acolhida (...) Eu fui de espontânea vontade: as assistentes sociais chegaram ao pé de mim e disseram – Olha os teus pais estão assim estão assado, não achas que era melhor ir para um Colégio? Eu nem tinha a noção do que era um Colégio, elas falaram – vais para o pé de outras crianças e tal – Se calhar é o que uma criança quer ouvir numa situação daquelas em que anda a passar fome e a dormir de porta em porta, acho que naquela hora o que a criança quer ouvir é uma coisa melhor – E eu disse, eu quero! (...) Agarraram-me e no outro dia a seguir levaram-me, sem roupa, sem nada. Só com a roupa que eu tinha vestido. Ainda me lembro do primeiro vestido que eu levei para lá (...) passado uma semana arranjei uns amigos (...) Eu tenho várias recordações, várias recordações. Eu acho que cada momento lá tem um significado para mim, principalmente, ao princípio, os primeiros anos (...)"</p>

L	<p>" (...) Fui muito bem acolhida (...) o que me custava mais era o dia da mãe...estive sempre habituada até aos 7 anos à minha mãe. O que me custou foi os primeiros dias das mães na Comunidade (...) uma senhora cujo filho já era adoptado faleceu num acidente, foi atropelado e ela foi muito triste para a Comunidade (...) Eu tinha 11 anos, sendo de cor era mais difícil ser adoptada, a [directora] encaminhou-me para esta senhora. Só que, o único erro neste tudo, se calhar foi a pressão para eu ser adoptada – ah, ela tem onze anos e é de cor se não for agora nunca mais é adoptada! – E foi o rapazito ter falecido há 15 dias e terem-me logo metido lá, assim de cabeça. Depois foi os choques, chateei-me aos 14 anos, com aquelas crises da adolescência, tive uma grande discussão e voltei para a Comunidade (...) Depois fizemos as pazes, começamos a vagar, ia lá passar os fins-de-semana (...)"</p>
M	<p>" (...) Foram horríveis. Primeiro os meus pais tiveram uma conversa connosco antes de nós irmos, eu já tinha 8 anos e já tinha algum entendimento. Eles aliciaram-me porque disseram que havia muitos animais e que ia ser giro – sempre fui dada à natureza e aos animais e achei muito interessante – mas quando cheguei não havia animais nenhuns, senti-me um bocado enganada. Disseram-me que iam visitar muitas vezes e que ia passar muito tempo com eles e eu deixei-me iludir um bocado pela ideia. Logicamente, quando eu me vi confrontada com a situação, sozinha, não aceitei bem (...) A pessoa tem de se adaptar ao ambiente e depois as coisas foram correndo (...)"</p>
N	<p>" (...) Nos primeiros dias... eu fui para lá...eu e a minha irmã...éramos as duas... separaram-nos...era complicado...ali não faziam distinção de irmãos (...) como eu já vinha de um Colégio...o impacto não foi assim...O impacto maior foi quando eu fui para o primeiro...que eu falei-me de chorar...a gente gritava porque queria ir para casa...não é? Agora quando fomos para o segundo já fomos mais preparados (...) era assim e a gente tinha de se ir habituando e aprendendo com estas coisas (...) Mal...outras vezes bem (...). Eu passei um bocado mal lá também (siência) (...) nunca me senti lá segura (...)"</p>
O	<p>" (...) antes de ir para lá estive no Ninho dos pequeninos (...) Evito falar...evito falar... porque ainda me...há coisas que ainda chocam (...)"</p>
P	<p>" (...) Foi horrível, foi horrível. Para já no dia em que eu cheguei à Comunidade, lembro-me como se fosse hoje (...). Cheguei à Comunidade com as assistentes sociais, com a minha mãe e com a polícia e estava na hora de jantar e estava na hora de jantar era massa com carne. Eu nunca tinha comido massa na minha vida, o meu comer era batatas, era da terra, era batatas, bem, aquilo fez-me uma impressão. Depois ter de comer com garfo e faca, que nunca ninguém me tinha ensinado e eu não comi (...) foi sempre o choque das pessoas olharem para mim, de...eu vejo pessoas a falar e a olharem para mim de lado, de eu andar no autocarro, por exemplo para aqui e acolá, as pessoas olharem para mim e ficarem a comentar (...) eu fui violada pelo meu pai e eu estava grávida, daí já eu me sentir muito mal, depois as pessoas coscuvilhar, depois...olhe eu nem quero me lembrar...porque foi horrível (...) as pessoas diziam...olha aquela grávida...as pessoas não sabem...as pessoas falavam (...) entretanto, quando eu tive o bebé...olhe foi horrível...não quero...isso é uma coisa que ainda hoje me perturba...ainda hoje me perturba (...) depois me fizeram ter o bebé a parto natural e levei cento e tal pontos e a [directora] queria processar a médica e eu disse à [directora] não, não vale a pena (...) já era muita coisa...foi a morte do bebé, três horas depois de nascer, depois foi o funeral dele a seguir...olhe foi horrível essa parte...é uma parte que eu sinceramente (...) a [directora] apoiou-me muito...mesmo muito (...)"</p>

Sujeitos	2. Organização da vida diária	3. Filosofia de funcionamento
A	<p>2.1 Actividades e rotinas Intercâmbio internacional “ (...) o intercâmbio com jovens franceses, alemães, nós íamos lá e interagiamos uns com os outros (...) era bom! (...) ”</p> <p>2.1 Actividades e rotinas Lazer/culturais “ (...) jogar futebol, ir para a discoteca, as nossas festas que nós fazíamos lá (...) as actividades que nós organizávamos não, propriamente, a Comunidade mas nós que estávamos lá dentro (...) era bom! (...) ”</p>	<p>3.1 Papel dos mais velhos – Gestão quotidiana da casa “ (...) Havia sempre um responsável por casa. Eu, com quinze anos, fiquei responsável pela minha casa. A [directora] achou que eu devia ser. Fui o mais novo responsável de casa, o primeiro com 15 anos e já tinha responsabilidade (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) Não quer dizer que eu fosse um exemplo para a maior parte das pessoas (risos), mas conseguia que os da minha casa cumprissem e não se metessem em muitos problemas; coisas assim do género (...) uma pessoa vai vendo as coisas e vai aprendendo, de certa forma, a não cometer os mesmos erros que alguns cometiam; ou abusavam por serem mais velhos. Às vezes, há sempre um ou outro, não digo toda a gente, que tenta se valer e arma-se, coisas assim do género, que é normal (...)”</p>
B	<p>2.1 Actividades e rotinas – Lazer/culturais “ (...) Nós fomos para muitas colónias de férias (...) ”</p> <p>2.1 Actividades e rotinas – Escola/Formação “ (...) Nós lá temos um centro de explicações (...) ”</p>	<p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) os mais velhos tinham o poder, não de bater, mas poder castigar ou reprimir os mais novos (...) mandar as crianças tomar banho (...) ”</p> <p>3.2 Clima do lar – Relação adulto -criança “ (...) Há certas injustiças no estado Português e na Comunidade Juvenil S. Francisco de Assis aconteceu a mesma coisa. Isso é algo que a gente se habituou. A gente baseia-se naquilo que conhece e em todas as instituições devem existir injustiças, pelo menos é essa a ideia que eu tenho. Houve algumas que aconteceram realmente, pelo tempo que passei vi muitas pessoas que foram mandadas embora injustamente só porque a directora não gostava da pessoa. Funciona assim, a [directora] é assim e nós temos de aceitar como ela é. Se ela for com a cara de uma pessoa, vai com a cara da pessoa, se ela não for com a cara da pessoa, mesmo que ela estude, não roube ou se porte bem não há volta a dar. Isso foi uma coisa que realmente fez-me pensar: uma pessoa porta-se bem, faz a coisas segundo os critérios todos e é injustificada; enquanto que outras são os diabinhos de lá e eram sempre os beneficiados. Nas primeiras vezes, em parte, sentia-me frustrado mas depois eu comecei, pessoalmente, a ignorar isso e realmente percebi o que estava ali a fazer e continuei em frente, a tirar um curso, a arranjar a minha vida para sair dali (...) ”</p>

		<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) tinhamos bons amigos e era isso que fazia a nossa familia, estávamos todos no mesmo barco (...) Eu cresci num meio onde tinha muitos amigos. No colégio nós éramos uma familia e acho que foi um dos factores que minimizou a nossa passagem por lá porque nós tinhamos amigos (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Gestão quotidiana da casa “ (...) Era responsável de casa, ou seja, tinha de preparar as refeições (...) Aos fins-de-semana nós é que cozinhávamos, fazíamos a fachina, lavávamos a loiça, tinhamos de arrumar o quarto, ou seja, qualquer problema nós é que comunicávamos à directora. Ainda hoje acho esquisito me terem atribuído essa tarefa, mas foi uma boa experiência ter de tomar conta de uma casa quando havia lá pessoas que eram mais velhas do que eu. Acho que foi dar-me uma certa responsabilidade, achei piada (...)”</p> <p>3.3 Recursos humanos – Motivação e envolvimento “ (...) Os funcionários não são exemplares – é como tudo na vida – alguns são competentes outros são incompetentes uns são mais responsáveis do que outros (...) uma instituição acolhe vários tipos de crianças, umas traumatizadas, outras com vários problemas, é preciso ter muita paciência (...) eu notava em certos aspectos; mesmo o corpo docente. Nós lá temos um centro de explicações e os funcionários não podem ter uma resposta imediata como se fosse na familia, não podem perder a calma e mandar vir logo com a criança (...)”</p>
C		<p>3.2 Clima do Lar – Relação adulto - criança “ (...) Um bocado mais velho, aconteceram coisas que eu comecei a ver que não eram muito correctas. Eu não digo que era uma pessoa sempre correcta mas eram situações que evidenciavam que havia gente preferida no Colégio (...) Esse tipo de coisas deixou-me muito chateado porque eram pessoas que não faziam nada e ninguém andava atrás deles para os mandar embora (...) Hoje já saíram todos, só lá está um, dois, três miúdos Guineenses (...)”</p> <p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) havia aquela pequena rivalidade entre nós (...) mas quando íamos à escola todos se defendiam uns aos outros, éramos todos unidos (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) Os mais velhos, muitos deles é que organizavam os miúdos; mesmo a pouca organização que os mais velhos tinham era importante e é hoje importante lá (...) Eles é que faziam as leis: às nove horas os desta idade vão para a cama, às dez e meia vão os outros, às onze vão os mais velhos até aos quinze, os quinze para cima podem fazer o que quiserem (...) alguns estavam-se nas tintas se os miúdos tomavam banho ou não tomavam banho mas eles andavam arrumados e o quarto arrumado, tinham de andar (...)”</p>

		<p>3.3 Recursos Humanos – Motivação e Envolvimento “ (...) (risos) Na altura em que eu estava lá, havia algumas que eram muito dedicadas, eram oito ou oitenta. Tinha umas que eram muito dedicadas depois havia uns assim, assim e depois tinha aqueles que – este é o meu trabalho, eu ganho o meu dinheiro, vou para casa e acabou – O que eu achei disso? Eu na altura pensei que eram pessoas hipócritas ou que eram rídiculas (...) Muita gente faz o que não gosta e reage assim. Aquelas pessoas que eram dedicadas aos miúdos, são pessoas que faziam o que gostavam apesar de não ganhar muito dinheiro, faziam o que gostavam. Não acordavam e diziam – Ah eu tenho de ir aturar uma série de crianças ou de ir arrumar uma casa de miúdos trapalhões que nem sequer sabem fazer uma cama (...) Eu lembro-me de ter uma empregada que me dizia sempre – S... desculpa estás mal vestido vai lá despir-te, vai-te trocar. S... desculpa essas calças estão sujas vai trocar – na altura enervava-me muito, só que depois, já mais velho, comecei a ver que era das poucas empregadas que se preocupava com a imagem dos miúdos quando eles iam para a escola e, no entanto, eu era abandalhado não queria nada saber disso (...)”</p>
<p>D</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas – Lazer/culturais “ (...) tínhamos actividades (...) desportivas como jogar futebol, voleibol (...) mas eu só queria actividades culturais (...) praticamente era só isso, nas outras actividades não participava até porque não tinha jeito para desenho, não dava importância (...) ”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Eu praticamente considerava uma família, uma casa normal, embora haja certas e determinadas quezilas (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) As pessoas mais velhas que podiam ter a mínima responsabilidade para tomar conta dos mais novos, nomeadamente, hora de comida, hora de ir deitar, para coordenar a casa para ter alguém que metesse, não digo respeito mas que tomasse conta dos miúdos e os metesse na linha, digamos assim (...) Foi uma boa política visto os empregados só estarem durante o dia (...) ”</p>
<p>E</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas-Lazer/culturais “ (...) Desde que a gente cumprisse o que tinha a fazer podíamos fazer tudo o que quiséssemos, jogar à bola, ficar no jardim ou na fonte à conversa (...) ”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) tentei ajudar as pessoas que lá estavam (...) outro rapaz que lá vivia era também da Guiné e quando eu tinha problemas a matemática preferia não ir ao estudo e esperar que ele viesse à noite para ir ter com ele e ele ajudava-me (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Gestão quotidiana da casa “ (...) tinham de elaborar horários para estar em casa, lavar a loiça, arrumar a casa que era aos fins-de-semana quando tínhamos mais tempo. E na altura aprendia-se muita coisa porque aos fins de semana não tínhamos empregadas e tínhamos de ser nós a cozinhar ou era o mais velho e os pequenitos a acompanharem, a ajudarem, se precisam de coisas para irem buscar e irem ver como é que se faz (...)”</p> <p>3.2 Clima do Lar – Relação adulto – criança “ (...) Eles aproveitam muito o facto de nós sermos muito respeitadores. Respeitam mais as pessoas malcriadas, digamos assim, e não deixam passar nada (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) tínhamos orientação de pessoas mais velhas (...) no meu tempo aprendia-se, fomos levados a aprender com a pessoa mais velha que está a fazer para que um dia tu possas vir a fazer (...)”</p>

F	<p>2.1 Actividades e rotinas – Intercâmbio Internacional “ (...) com dezasseis anos fiz um voluntariado internacional com a minha irmã e outras pessoas da comunidade (...) três semanas em França (...) gostei bastante da experiência (...) mostrei interesse em participar outra vez. E, no ano seguinte, com dezasseis anos fui sozinho para Paris uma semana (...) Depois dessa semana escolhi ir para Holanda, Amesterdão (...) estive uma semana na Irlanda em Dublin (...) convidaram-me para ir num projecto de uma semana para o Brasil, onde estive em Porto Galinhas (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) tínhamos amigos de todas as idades (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) Tive algumas pessoas de referência (...) a própria educação tem os mais velhos das casas que tentam dar alguma educação mediante o percurso que vai seguindo. E eu tive algumas pessoas que nesse cargo que ajudaram a desenvolver parte do meu carácter (...) Havia uma responsabilidade muito imposta nos adolescentes mais velhos; na questão de poderem tomar conta dos mais novos (...) no que toca a certificarem-se se as crianças iam deitar-se cedo, se jantavam (...) A experiência é boa, é importante mas não era muito apoiada, era uma posição assumida sem qualquer acompanhamento, informação e preparação da pessoa que ia assumir esse cargo e sem essa pessoa ter a noção do que era assumir esse cargo (...) na altura fui mais velho numa casa mas já tinha a minha irmã, o meu irmão não me foi marcante porque sempre tive essa relação de irmão mais velho e estava habituado a tomar conta deles. Portanto eram eles e mais alguns (...)”</p>
G	<p>2.1 Actividades e rotinas-Escolar/Formação “ (...) fomos para a escola (...) depois vínhamos outra vez das aulas. Havia uma sala de estudo a partir das 5h talvez, começavam a chegar, uns da primária, outros do ciclo, outros do liceu, essa sala era orientada por monitores e isso era mais ou menos até às 7 e meia, ajudavam-nos nos trabalhos de casa (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Tínhamos grupos na Comunidade (...) começou a haver grupos a partir do 9.º ano, iam os às discotecas juntos (...) era difícil nós estarmos sozinhos e portanto tínhamos sempre de partilhar...as alegrias, as tristezas, a má disposição com outros e isso obrigou a pessoa a conviver e aprender com os outros e a superar essas limitações (...) aquilo era quase como uma outra família, não havia assim grandes problemas (...) Também não era tudo bom, a gente também fazia patifarias, digamos que a amizade, cobria essas coisas e essa cumplicidade envolvia sempre alguns... (risos) mas eu acho que era bom ambiente (...)”</p>
	<p>2.1 Actividades e rotinas – Outras “ (...) Tínhamos uma vida muito intensa na comunidade com reuniões de toda a casa, havia sempre reuniões com a irmã Teresa para definir tarefas, havia grupos para tudo (...) reuniões com toda a gente, pequeninos e grandes (...) onde eram definidas regras, feito o balanço da semana, eram feitos grupos diversos porque grande parte do trabalho de casa era feito por nós (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relação adulto-criança “ (...) Nós assumimos a irmã Teresa quase como uma segunda mãe (...) quando eu tinha um problema ia ter com ela e resolvia (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais Velhos – Educação dos mais novos “ (...) os mais velhos começavam a desenrascar-se e a tomar conta de si e isso ajudou a gente a crescer e a responsabilizar-se pelas coisas e a tomar conta das suas coisas e isso já não era preocupação para a irmã Teresa se cada um superar essas coisas, ela já sabia que a gente desenrascava-se (...) havia muitas crianças e eles tinham de fazer o trabalho dessas crianças, tratar delas (...)”</p>

		<p>3.3 Recursos Humanos – Gestão de recursos humanos “ (...) Muitas vezes, os funcionários não chegavam para isso (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Gestão quotidiana da casa “ (...) Recordo-me que a louça ao jantar éramos sempre nós que lavávamos porque a cozinheira saía às 7 horas e era algum monitor que servia ou algum jovem ou dois dos mais velhos que ajudavam. A lavagem da louça éramos sempre grupo de três, dois adultos e uma criança, ou um adulto, havia sempre uma articulação de adultos e crianças. Havia grupos para a limpeza do jardim (...) pelo menos ao sábado aquilo era tudo limpo (...) havia grupos para visitas. Sim, eu acho que todos colaborávamos. Sim acho que isso foi importante porque nos ajudou a todos a superar muitas dificuldades, muitas situações em que tinha de ser mesmo assim...pronto...se nós não fizéssemos a cama...também ninguém ia fazer a cama...ou a limpeza dos quartos ou tratar da nossa roupa, etc. (...)”</p>
<p>H</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas-Lazer/culturais “ (...) Depois disso [jantar] havia uns que viam televisão, outros estavam nos quartos, tinha um jardim grande e andavam cá fora a jogar à bola (...) havia também actividades culturais. Na altura do Natal fazíamos sempre para angariar dinheiro para as prendas, fazíamos postais e andávamos a vender, o primeiro rádio que tive foi da venda de postais (...) tínhamos uma capelinha lá que tinha sido feita com o trabalho dos jovens e com o apoio de alguns padres jesuitas e eles iam lá (...) havia missa sempre aos sábados (...)”</p> <p>2.1 Actividades e rotinas – Lazer/culturais “ (...) tínhamos dança (...) pelos escuteiros, arranjámos uma equipa e eu estava a jogar futebol de circo (...) fiz ténis, fiz atletismo federado. A minha paixão foi o atletismo, ainda ganhei umas medalhas, também fiz esgrima, aeróbica (...) ajuda no desenvolvimento das pessoas, no relacionamento com as pessoas, ajuda a crescer, fica-se a conhecer as coisas. A gente ia sempre passear. Eu, uma vez, estava em duas coisas ao mesmo tempo, andava no futebol e no ténis (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Entre aquelas sete pessoas nós éramos uma família. Era como se fosse um pai, uma mãe e os irmãos (...) fazíamos brincadeiras entre nós, tínhamos muitas, muitas brincadeiras (risos).”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) Tínhamos aquelas lições de moral, de vez em quando, quando a gente se portava mal, aquelas lições de moral que abrangia tudo. Era quando a D..., a mais velha que era responsável da casa, estava inspirada, apanhávamos cada seca, quer dizer, na altura, nós pensávamos que era uma seca mas agora eu não penso que foi seca, penso que valeu a pena, para pensar. Nós temos de partir de alguém, é costume partir dos pais, as pessoas educam-se consoante as atitudes dos pais acho eu que é mais ou menos isso, e nós, partíamos consoante o que eles nos diziam lá (risos) (...) Nós uma vez passámos uma noite inteira a jogar ao galo na cara de uma mocita enquanto ela dormia. Nessa noite riscámos os pijamas todos. Nós tínhamos um grupo de dança lá e, no dia a seguir, acho que fomos dançar a Mortágua e então com aquela ansiedade de irmos passear não dormíamos (risos) e riscámos o pijama uma da outras, eu e mais outra colega. No dia a seguir lavámos os pijamas à mão e levámos umas reguadas valentes (risos) da responsável da casa, agora também já tem a vida dela. Mas era engraçado (...)”</p> <p>3.4 Regras de casa – restrições/castigos “ (...) se eu tirasse uma negativa a mais ficava logo de castigo, ponham-me logo de castigo a lavar a loiça não sei quantas semanas, ficava sem poder ir para lado nenhum. Na altura eram castigos dolorosos para uma criança (risos), um jovem de 14 anos queria era passear e mais no verão que tínhamos sempre aqueles campos de férias (...) Cortar umas férias (risos) por isso eu</p>

	<p>2.1 Actividades e rotinas – Intercâmbio Intermacional “ (...) no verão que tínhamos sempre aqueles campos de férias, intercâmbios com franceses, nós passávamos 15 dias espectaculares porque íamos um dia para cada lado (...)”</p>	<p>tinha de me atinar (risos) (...) eu costumava ir para a quinta quando era pequenita tinha lá um namorado. As vezes fazia de propósito, portava-me mal e a [directora] – tu vais para a quinta! (risos), era o castigo que a gente levava, era ir para a quinta para apanhar batatas (...) (Risos)”</p>
<p>I</p>	<p>3.3 Recursos Humanos – gestão de recursos humanos “ (...) Não havia técnicos suficientes para que pudessem ajudar essas crianças com diversos problemas (...)”</p> <p>3.5 Outros “ (...) Havia certas coisas lá que se passavam que eu não achava correcto, desde passarem droga, haver relações sexuais lá dentro, essas coisas todas e não eram vistas, não eram castigadas (...) Conteí isso à [uma] senhora e a directora depois veio a saber (...) Eu não queria sujar o nome da instituição, mas automaticamente eu estava a sujar, eu não queria (...)”</p> <p>3.2 Clima do lar – relação adulto – criança “ (...) na altura fui um bocado ignorada porque a directora não gostava muito de mim, não gostava. Não sei porquê mas não gostava. Eu sentia isso perfeitamente (...) eu por qualquer coisinha que eu fizesse, não fazia por mal, era castigada (...) A pessoa não estava a ser correcta, eu não estou a dizer que eu era perfeita mas não achava bem os outros terem um tratamento diferente, a directora fechar os olhos a umas coisas e não abrir a outras (...) só queria que houvesse um bocado de justiça, se eu posso dizer isso, justiça (...) [a directora] queria pôr-me numa casa de correcção e eu estava a dizer a verdade. Foram essas coisas também que me marcaram (...) Ela tinha três filhos adoptivos dentro da instituição que tinham tudo desde comprar carros, comprar motas, alugar casa para a mais velha, ela tinha tudo mesmo, comprar essas coisas todas. Eu acho que aquilo não era do ordenado que ela recebia que ela ia sustentar aqueles filhos todos. Ela de certeza também retirou alguns donativos. Eu não estou a dizer que era contra isso, não, ela estava no direito dela mas só acho que ela não devia de retirar umas coisas a uns para outros ficarem sem nada e retirar aquilo que era nosso por direito. Houve uma situação, uma visita lá de uns senhores Suíços que até ajudaram o meu irmão nos estudos, eles mandavam todos os meses um x dinheiro para o meu irmão, a directora ficou algumas vezes com esse dinheiro e o meu irmão chamou-lhe à razão. A partir daí eles nunca mais ajudaram nada para o Colégio e acho muito bem, eu acho que ele fez bem (...)”</p>	<p>3.3 Recursos Humanos – gestão de recursos humanos “ (...) Não havia técnicos suficientes para que pudessem ajudar essas crianças com diversos problemas (...)”</p> <p>3.5 Outros “ (...) Havia certas coisas lá que se passavam que eu não achava correcto, desde passarem droga, haver relações sexuais lá dentro, essas coisas todas e não eram vistas, não eram castigadas (...) Conteí isso à [uma] senhora e a directora depois veio a saber (...) Eu não queria sujar o nome da instituição, mas automaticamente eu estava a sujar, eu não queria (...)”</p> <p>3.2 Clima do lar – relação adulto – criança “ (...) na altura fui um bocado ignorada porque a directora não gostava muito de mim, não gostava. Não sei porquê mas não gostava. Eu sentia isso perfeitamente (...) eu por qualquer coisinha que eu fizesse, não fazia por mal, era castigada (...) A pessoa não estava a ser correcta, eu não estou a dizer que eu era perfeita mas não achava bem os outros terem um tratamento diferente, a directora fechar os olhos a umas coisas e não abrir a outras (...) só queria que houvesse um bocado de justiça, se eu posso dizer isso, justiça (...) [a directora] queria pôr-me numa casa de correcção e eu estava a dizer a verdade. Foram essas coisas também que me marcaram (...) Ela tinha três filhos adoptivos dentro da instituição que tinham tudo desde comprar carros, comprar motas, alugar casa para a mais velha, ela tinha tudo mesmo, comprar essas coisas todas. Eu acho que aquilo não era do ordenado que ela recebia que ela ia sustentar aqueles filhos todos. Ela de certeza também retirou alguns donativos. Eu não estou a dizer que era contra isso, não, ela estava no direito dela mas só acho que ela não devia de retirar umas coisas a uns para outros ficarem sem nada e retirar aquilo que era nosso por direito. Houve uma situação, uma visita lá de uns senhores Suíços que até ajudaram o meu irmão nos estudos, eles mandavam todos os meses um x dinheiro para o meu irmão, a directora ficou algumas vezes com esse dinheiro e o meu irmão chamou-lhe à razão. A partir daí eles nunca mais ajudaram nada para o Colégio e acho muito bem, eu acho que ele fez bem (...)”</p>

J	<p>2.1 Actividades e rotinas-Escola/Formação “ (...) Lembro-me, perfeitamente, quando vínhamos da escola para fazer os trabalhos de casa tínhamos professores destacados na instituição para nos ajudarem nos deveres da escola e essas coisas todas (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Parece que cada casa é uma família. Eu sou da família da D...a outra é da família de não sei quem (...) Para mim aquilo era minha família. Por mais que entrassem pessoas novas, aquilo era a minha família (...)”</p>
	<p>2.1 Actividades e rotinas – Lazer/Culturais “ (...) Eu sempre fui muito activa em actividades (...) Depois de fazermos os trabalhos da escola tínhamos sempre uma ou duas horas de trabalhos têxteis. Havia uma senhora que já tinha uma idadezinha que ensinava a fazer bordados, a fazer ponto cruz, a fazer Arraiolos e eu fui das poucas que aprendi porque ninguém se interessava por nada disso; eu gosto fazer talvez porque aprendi muito a fazer e comecei a habituar-me cedo, gosto de fazer e ainda hoje faço, já fiz dois quadros de ponto cruz para a minha filha. Fiz o meu primeiro casaquinho da minha filha, aprendi e ponho em prática, não são coisas que eu queira esquecer (...) A única coisa em que eu gostava de estar sozinha era a desenhar, gostava de desenhar lá num cantito, sem ninguém me chatear a cabeça. Mas como eu gostava de desenhar à noite, sempre era tudo mais calmo, os outros já estavam a dormir ou estavam na sala a ver televisão, eu estava sempre lá meu carlinho. O único momento em que eu gostava de estar sozinha era (...) a desenhar (...) à noite (...) aos fins-de-semana que era quando podíamos estar até mais tarde porque durante a semana às nove horas tinha de estar na cama (...)”</p>	<p>3.4 Regras da casa – restrições/castigos “ (...) Eu ainda sou do tempo em que a educação era mais rígida lá, não podia jogar à bola quando queria – eu era dóida para jogar à bola, ao sol ou à chuva – apanhava castigo, tinha regras, a certa hora tinha de estar na cama, não podia sair de casa sem levar o pequeno almoço para a escola (...) eu ainda apanhei lá, os primeiros anos, os meus primeiros 10 anos naquela casa foram eu posso dizer que apanhei, tive muitos castigos mas em casa dos meus pais também nos aconteceu o mesmo. Eu vejo filhos a apanharem porque se portam mal, acho que faz parte da educação, fez parte da minha educação claro que há sempre exageros mas isso não, eu não fui espancada como há em alguns Colégios, as crianças a serem espancadas, eu não fui espancada, levava uma palmada de vez em quando porque me portava mal e admito que me portava mal (...)”</p>
L	<p>2.1 Actividades e rotinas – Escola/formação “ (...) Comunidade tinha professores de apoio. Nós chegávamos das aulas, tínhamos aulas de manhã ou à tarde e tínhamos professores que nos ajudam a fazer os trabalhos de casa (...)”</p>	<p>3.1 Papel dos mais velhos – Educação dos mais novos “ (...) Eu quando atingi os 18 anos também já era responsável por outras crianças, apesar de eu achar que isso não é o correcto (...) Eu acho que é uma boa experiência mas não está correcto (...)”</p> <p>3.3 Recursos Humanos – Motivação e envolvimento “ (...) a Psicóloga, a... Eu desabatava muito com ela e tive sempre o apoio muito importante dela (...) Há a [directora], ainda hoje penso na [directora], como é que ela aguenta, é uma pessoa que eu admito, para a [directora] acho que nada é impossível (...) Lembro-me da preocupação da [directora] para nós não estarmos tristes, o desejo dela é para que ninguém fique sozinho e está sempre a lutar para as pessoas serem um bocadinho felizes, é isso o que eu admito mais na [directora] mas ela é humana também erra (...)”</p>

	<p>2.1 Actividades e rotinas-Lazer/culturais “ (...) A gente ia para os pinhais (...) era giro (...) ”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) o K...e eu andávamos sempre juntos, parecíamos irmãos. Passado algum tempo era como se fosse uma grande família (...) éramos como se fôssemos uma família, éramos pequenitos, aliás tínhamos mais irmãos que os outros (...) andávamos sempre a tramar alguma (...)”</p>
<p>M</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas-Lazer/Culturais “ (...) tinha uma grande fonte, ainda chegámos a tomar banho lá algumas vezes (risos), tinha baloiços. Eu gostava muito de animais ainda recebi um cão que eu queria mesmo, um Cocker Spaniel, passámos bons momentos juntos (...) gostava de subir às árvores (...) ”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Era uma vida o mais possível familiar (...)”</p>
		<p>3.2 Clima do lar – Relação adulto criança “ (...) Se eram crianças mais afectuosas, mais afáveis e se não tinham tantos problemas emocionais, eram bem recebidas e até presenteadas com doces ou com festas, enquanto que as outras que eram mais rebeldes, pronto mais...cada um tem os seus problemas, eram mais excluídas (...) E eu de certa forma sentia-me excluída porque sempre que eu queria alguma coisa nunca tinha mas via que havia pessoas que tinham aquilo queriam, às vezes, até em excesso, dois, três e quatro, enquanto que havia pessoas que não tinham nada (...) à medida que fui crescendo, deparei-me com determinadas injustiças e fui criando alguns tipos de conflitos com a pessoa que dirigia; isso levou-a a querer tirar-me de lá à força toda mas ela nunca teve sorte comigo porque eu sempre fui uma pessoa que tive alguma esperteza, inteligência e conhecia alguns dos meus direitos, simplesmente, ela não me podia tirar de lá assim. De maneira que eu fui expulsa e eu disse – Olhe, marque uma audiência no tribunal, faça o que entender eu quer ver se eles me tiram daqui – Porque é lógico que não se pode mandar uma pessoa para a rua, sem nada. Na altura eu já era adolescente, já estava nos 16, 17 anos; penso que ela esperava até que eu tivesse os 18 anos para me poder mandar embora mas as coisas não eram bem assim. Eu estudava e acho que ela não ia conseguir de maneira nenhuma (...)”</p> <p>3.3 Recursos humanos – Motivação e envolvimento “ (...) acho que as pessoas que geriam a instituição eram um pouco dadas ao tipo de crianças que lá havia (...) ”</p>
		<p>3.1 Papel dos mais velhos Gestão quotidiana da casa “ (...) A certa altura da minha vida também assumi a responsabilidade de uma das casas e tive de tomar conta. Achei que era demasiada responsabilidade porque os jovens querem ter a sua liberdade e, naquela altura, já tínhamos de dividir tarefas, toda a gente era responsável por lavar a loiça à noite, cada dia era uma pessoa (...) Eu fui sempre mais reservada, estava sempre no meu canto, possivelmente, até foi bom ter essa responsabilidade para amadurecer (...) ”</p>

		<p>3.2 Clima do lar – espaço físico “ (...) aquilo era um espaço agradável (...) Eu gostava da vida de lá porque eu gostava muito da natureza (...) tinha muitos vales e muitos montes e muitos prados e eu apreciava muito a natureza e ainda hoje continuo a apreciar (...) é um lugar onde a pessoa está junto da natureza e se sente bem (...)”</p>
<p>N</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas – Lazer/Culturais “ (...) eu quando era pequenina andei no ballet, depois andei na piscina também...ia-me afogando (risos) apanhei medo sai. Gostava muito do ballet, se eu pudesse continuar o ballet, mas só andei um ano em cada coisa. No Ballet, piscina e no atletismo (...) festa de Carnaval (...) havia festas de Natal (...) na altura do verão fomos sempre passar férias (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) uma pessoa sente-se como se fosse família, numa casa normal. Eu vivi aquilo como uma família, eu sempre me relacionei com aquelas crianças, ainda hoje tenho fotografias, uma recordação da minha casa, era uma família, nós procurávamos que eles sentissem bem uns com os outros lá dentro (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos Gestão quotidiana da casa “ (...) os mais velhos eram responsáveis pelas casas, (...) E eu era responsável por uma das casas (...) Na casa tínhamos de tratar da alimentação, manter a casa mais ou menos ordem (...) na minha adolescência com os meus quinze/dezasseis anos, foi uma fase mais difícil mais crítica, foi aí que foi a fase mais difícil da minha vida (...) é muito pessoal... a pessoas não sabiam porque eu nunca contei a ninguém... a única pessoa que sabe hoje em dia é o meu marido (...) eu era responsável por uma das casas... e então nessa fase (...) havia um rapaz que era também responsável e foi ele... foi meu namorado lá na altura... e foi muito difícil... (silêncio) (...) tive momentos muito difíceis lá... complicados... e pessoalmente sobre isso eu nem queria falar (...) ainda andámos os dois à batatada (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos Educação dos mais novos “ (...) Aos Domingos eram os mais velhos que organizavam os meninos (...)”</p>

		<p>3.2 Clima do Lar – Relação adulto criança “ (...) Nunca tive apoio lá de ninguém, não adiantava nos queixarmos, às vezes quando se passava uma coisa bonita, até mesmo a directora, tinha os seus predilectos, venha quem vier, isso era, porque a gente via as coisas... não é? A uns faziam uma festinha na cabeça e outros queriam lá saber tinham de desentrançar-se por seu lado (...) nunca tive lá um carinho, se a gente for ver eu nunca tive um carinho, nem eu nem a maior parte das pessoas que lá estão, não senti apoio nenhum, nem carinho, nem por parte de ninguém (...)”</p> <p>3.4 Regras da Casa flexibilidade/liberdade “ (...) Lá não havia horários, uma pessoa andava ali à vontade. Não havia horas para comer, para deitar deitávamos os mais novos e depois ficávamos a ver televisão. Cada casa tinha televisão, tinha tudo... não é? (...) a gente é que ia dormir quando queria (...) Não havia um monitor a dizer para ir para a cama (...) Ali a gente não tinha dificuldade em nada (...) a gente saía às horas que queria e entrava às horas que queria (...) o tribunal tirou-nos ao meu pai mas a gente ia com ele, naquele tempo aquilo era tão mal organizado. Lembrou-me de um menino que, eu não sei o que é feito dele, ele não tinha praticamente família nem nada e ele fugiu da instituição, fugiram vários, a instituição nunca foi atrás, nunca (...) Lembrou-me de um menino que, eu não sei o que é feito dele, ele não tinha praticamente família nem nada e ele fugiu da instituição, fugiram vários, a instituição nunca foi atrás, nunca (...) O meu irmão mais novo... por exemplo, foi entregue pelo tribunal à instituição, o meu irmão saiu de lá e era menor mas ninguém fez nada, nem queixa... estas pequenas coisas... eu não tenho de achar porque graças a Deus ele está bem na vida porque ele... ele quis sair... ele veio embora mas uma directora que sabe que ele foi para lá porque o tribunal assim ordenou e depois não se importar com a saída (...)”</p> <p>3.3. Recursos Humanos – Motivação e envolvimento “ (...) Sempre me dei muito bem com ela, ajudava-me por exemplo a ir ao médico ou assim, claro tarefa dela, levar as crianças aos médicos, não sei se ainda hoje é assim. Sempre me dei bem com ela, com a filha dela, com filhos. A gente saía e tudo (...)”</p> <p>3.3 Recursos Humanos – Gestão de Recursos Humanos “ (...) Ao fim de semana não havia ninguém [funcionárias], havia durante a semana (...)”</p>
<p>O</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas – Escolar/Formação “ (...) As vezes a [directora] tinha reuniões conosco no final do ano, por causa das notas e depois falava acerca das drogas, do álcool, ela chamava sempre a atenção. Depois proibia os rapazes e as raparigas porque aquilo é... há mistura... aquilo chegou a uma altura em que entrávamos, rapazes e raparigas não havia problema nenhum. Mas desde que começou haver abusos... a engravidarem, proibiu-se (...)”</p>	<p>3.1 Papel dos mais velhos – Gestão quotidiana da casa “ (...) quando eu tomei a direcção de uma casa, já deixei de ir todos os fins de semana, começava a ir de 15 em 15 dias que era para aprender a cozinhar, pronto ter a responsabilidade da casa (...) Quando não estava o mais velho ficávamos nós com esse papel, fazíamos o jantar (...) Ao fim de semana éramos nós que cozinhávamos, não havia educadores, nem auxiliares. Nós é que limpávamos (...) temos de ter a atenção de ter a casa limpa, de passar a roupa (...)”</p>

	<p>3.1 Papel dos mais velhos Educação dos mais novos</p> <p>" (...) Havia a mais velha, depois éramos nós, com 15 anos, embora com 10 já ficassemos algumas horas a tomar conta. E então com 15 anos já ajudávamos (...) quando as crianças adoeciam, não somos nós com 17 ou 18 anos vamos com o menor as urgências. Devia ser um monitor. A [directora] não ia, porque se houvesse um adulto com carta, esse adulto é que ia. Levava e depois olha é, desentrasquem-se. Era assim mesmo. Se nós sabemos fazer alguma coisa hoje, foi derivado a isso, ao desentrasquem-se. É assim mesmo (...) chegou ao 10.º ano, [a directora] pôs-me responsável de uma casa, com uma criança deficiente, com crianças de 4 e 5 anos (...) cancelei a matrícula (...) andava na Jaime Cortesão a tirar o curso tecnológico de animação social, chegava às 7 horas, para estar a dar de jantar, dar banhos...era meia noite, uma da manhã e eu a estudar. Tinha de dar atenção a eles todos, deitá-los e depois estudar (...) No outro dia ia para as aulas, chegava à escola tinha testes, não me lembrava de nada, ficava tudo em branco (...) estava responsável por tanta criança, não conseguia estudar e por muito, que puxasse pela cabeça não me saía nada (...). "</p> <p>3.4 Regras da Casa Flexibilidade/liberdade</p> <p>" (...) Enquanto lá estive entrávamos e saíamos e não havia problema nenhum. Para mim estava bem (...) havia aquelas meninas que saíam à noite para as discotecas e apareciam de manhã, muitas vezes estava eu a ir para as aulas de manhã e estavam elas a entrar e a directora nem sabia. Era um à vontade, entrávamos e saíamos, aquilo não era fechado (...) Eu acho que a regra da Comunidade é assim: se vocês querem ser alguém, têm de fazer por isso e lutar por isso. Acho que é mais ou menos essa regra que lá está mas está mal. Está mal porque chega-se a uma idade, eles querem lá saber, eu faço o que quero, deixam-nos andar. Há lá casas assim (...) Havia casas, que eram aquelas regras e era aquilo mesmo, chegava aquela hora, mais ninguém sai, enquanto que havia casas, estavam lá na rua, a fazer barulho às tantas a manhã. Eu acho que é assim, na Comunidade é cada um por si e pronto (...). "</p>
	<p>3.2 Clima do Lar – Relação adulto criança</p> <p>" (...) eram as injustiças que há no Colégio de, pronto a directora dar mais atenção a uns que aos outros. E depois uns faziam mal e os outros é que apanhavam (...) A mim marcou-me (...) tenho muita coisa má (...) Só para dar um exemplo, um dia fui passar o fim-de-semana e não tinha o hábito de chegar e cumprimentar a directora. Nunca o fiz (...) eu vim e estávamos numa das casas a ver uns filmes. A directora entrou dirigiu-se a mim e deu-me uma sova, uma sova, bateu-me à frente de todos, sem mas nem porquê. Entrou, bateu e foi-se embora. Depois eu soube o motivo foi por eu não ter ido cumprimentá-la. Ela tinha muitas destas coisas. Houve uma vez também (...) a minha irmã já tinha ido embora e ficaram duas mais velhas, que era a A...E... e a C... elas (...) não gostavam de fazer nada e então ficava para os mais novos, eu recusei, bateram-me (...) fui mais uma colega minha pela estrada fora para espalhar e ela começou a escrever na estrada palavões e quem levou fui eu (...) era assim estas injustiças. A directora quando soube a verdade veio-me pedir desculpa, era assim as injustiças lá (...) a quem ela devia bater não batia que hoje em dia são uns drogados da rua (...). "</p>

		<p>3.3 Recursos Humanos – Gestão de Recursos Humanos “ (...) ali na Comunidade em Eiras perdeu-se os monitores, era só empregadas de limpeza, chegava às 5 horas iam-se embora, não havia responsáveis à noite, era cada um por si e era os mais velhos. (...) Os tempos bons que eu estive lá no Colégio, quando era bem pequenina foi em Bencanta (...) porque havia monitores, que estavam de manhã à noite. E era totalmente diferente do que era ali (...)”</p>
<p>P</p>	<p>2.1 Actividades e rotinas – Intercâmbio Internacional “ (...) eu aprendi lá muita coisa (...) fui duas vezes à Alemanha, intercâmbios e ia de colónia de férias para a Tocha (...)”</p> <p>2.1 Actividades e rotinas-Lazer/Culturais “ (...) fomos à baixa (...) ao pão de açúcar e comprávamos muitas gelatinas, muitas gomas...aquilo era uma maravilha (...)”</p>	<p>3.2 Clima do lar – Relação adulto-criança “ (...) não há dúvida e por tudo o que aconteceu enquanto eu estive na Comunidade, a [directora] ajudou-me imenso (...)”</p> <p>3.1 Papel dos mais velhos-Educação dos mais novos “ (...) Dos mais novinhos eram os mais velhos que tomavam conta (...) ”</p> <p>3.2 Clima do lar – Relações entre pares “ (...) Achava que aquilo era como se fosse uma família (...)”</p>

Sujeitos	4. Relação com a instituição e apoio no período pós-institucional
A	<p>4.1 Apoio “ (...) Depois de eu sair acabaram as férias de Verão; ela [a [directora]] disse que se eu quisesse podia voltar mas eu recusei na altura (...)”</p>
B	<p>4.2 Relação “ (...) Sim, com a [directora], o F... o motorista (...) as vezes costume ir lá falar com o contabilista. Não vou lá muitas vezes mas aos fins-de-semana passo por lá para dizer um olá (...). É engraçado que até o ano passado ia lá sempre passar o Natal, menos este ano. Mesmo estando cá fora ia lá passar o Natal. Foi uma coisa que ficou no hábito da gente passar lá o Natal. Este ano é que foi diferente fui passar com uns amigos (...)”</p>
C	<p>4.2 Relação “ (...) até hoje sou capaz ainda de ir lá, com todo o sorriso e com todo o gosto. Toda a gente sabe que eu vou lá (...) depois tenho, agora não posso dizer que são meus amigos porque eram miúdos, eram pequenitos quando eu estava lá, tinham doze, onze anos, agora devem ter dezassete mas alguns deles não digo que me admiram mas respeitam porque quando era mais velho deles nunca fui tão mau como alguns da minha idade eram. Por isso ainda hoje alguns falam comigo na boa (...)”</p>
	<p>4.1 Apoio “ (...) eu como tinha entrado na faculdade (...) eles me disseram: “Ah, como tu entraste na faculdade foste o único nós vamos te apoiar no que for preciso (...) ajudaram o primeiro mês quando voltei ao Colégio, no fim-de-semana disseram: “Ai sabes S., como vais ser pai a gente não te pode ajudar tens de pedir ajuda às tuas tias”, eu fiquei assim (...) a directora do Colégio, ela apesar de tudo, ela sempre foi muito correcta comigo, só que tem aquelas ovelhas negras que estão lá colados. Ela ajudou-me em muitas coisas, mesmo há pouco tempo, o trabalho onde eu estou praticamente foi ela que me arranjou. Senão acho que tinha andado muito tempo à procura de trabalho. Eu antes tinha aquela vergonha de chegar e pedir ajuda para arranjar trabalho, só que depois disseram, vai S... tanta gente fez isso, tanta gente que não merece foi lá e ela ajudou porque é que tu não vais se tu nunca fizeste assim grandes asneiras no Colégio, não vais lá pedir ajuda porquê? A partir daí pensei, Oh Pai! eu não tenho nada a esconder, nada a perder vou lá (...)”</p>
D	<p>4.2 Relação “ (...) Em média vou lá duas vezes por semana, normalmente, aos domingos quando não tenho muita coisa para fazer, vou visitar as pessoas com quem gostei de estar e continuo a gostar de estar e claro tiveram um marco no meu percurso de vida. Sem dúvida nenhuma jamais esquecerei delas. Isso faz com que eu recorde sempre e vá visitar sempre que possível ou telefono a uma ou duas pessoas que eu realmente considero que merecem o meu respeito (...) Eu faço parte do núcleo de Gestão de Economia, no qual houve uma feira de solidariedade ao nível de roupa, falei com o Presidente e levámos a roupa e um bocado de dinheiro à instituição. É uma forma de eu agradecer e lembrar às pessoas que jamais esquecerei eles e que foram importantes na minha vida e claro que continuam a ser porque foram as pessoas que me marcaram durante uns anos (...)”</p>
E	<p>4.2 Relação “ (...) eu vou lá já só para estar com ele [o irmão] e os outros mais novos (...)”</p>

F	<p>4.2 Relação “ (...) Com a instituição não. Mantinha antes, enquanto o meu irmão estava lá (...) Mas a minha relação com a instituição acabou a partir do momento em que eu saí de lá (...) ”</p>
G	<p>4.2 Relação “ (...) Muitas vezes ainda ia lá...eles telefonavam-me para ir lá jantar ainda havia alguma articulação com a instituição (...) ”</p>
H	<p>4.2 Relação “ (...) Já fui lá mais vezes, agora já não, não tenho tempo para isso. Não dá mesmo. Fica assim desviado da zona, mas quando posso vou lá, continuo a manter relações com os mais pequenitos que agora já são grandes (risos) (...) ”</p>
	<p>4.1 Apoio “ (...) nunca me negaram ajuda. A [directora] disse que sempre que eu precisasse de alguma coisa para falar (...) ”</p>
I	<p>4.1 Apoio “ (...) Não tive, não tive esse tipo de apoio (...) ”</p>
J	<p>4.2 Relação “ (...) Estive assim, aí um mês. Eu ia lá dia sim, dia não (...) depois comecei a pensar que precisava de me desligar porque já não estava lá mas eu ia à instituição como se eu ainda lá estivesse (...) ”</p>
L	-
M	<p>4.2 Relação “ (...) Algumas pessoas que estiveram lá e com quem falo não gostam de retornar lá e reviver o passado. Eu gosto, gosto de ver o que mudou o que não mudou, como é que as pessoas estão, o que é que elas fizeram da vida (...) ”</p>

	<p>4.1 Apoio “ (...) Não houve apoio nenhum, até para eu trazer os meus pertences de lá para cá tive de pagar muito caro. Na altura, eu pedi uma caminha emprestada para trazer a coisas, obrigaram-me a pagar 100 euros para eu trazer a minhas coisas, nem nesse aspecto houve ajuda que eu achei uma coisa impressionante. Eu não tinha dinheiro para pagar, quem pagou foram os meus familiares. Mas achei um absurdo porque eu estava a dar-lhe uma vaga para poderem acolher outra criança, eu não ia trazer as minhas coisas no comboio, as coisas de uma vida inteira, as recordações, as roupas, livros, no fundo quem consegue trazer isso tudo no comboio ou numa camioneta? Teve de ser uma carinha e até isso tive de pagar para usufruir. Lá está as diferenças porque há outras pessoas que não só não tiveram de pagar como, mensalmente, recebiam ajuda da própria Comunidade. Vinham de propósito aqui a Lisboa, trazer alimentos, dinheiro; lá está as diferenças são tão grandes, há uns que são excluídos outros que são excluídos (risos) (...)”</p>
N	<p>4.2 Relação “ (...) Não...nunca mais lá fui...se vir a directora falo para ela...mas não...nunca mais tive ligação com a instituição...é assim não é pela instituição...passei lá tanto que não quero recordar o que lá passei (...)”</p> <p>4.1 Apoio “ (...) Ninguém da instituição se importou...nada (...)”</p>
O	<p>4.2 Relação “ (...) Eu desde que sai de lá nunca mais lá voltei (...) na altura do meu casamento (...) eu tinha uma mágoa com a directora e fiquei naquela, convidado não convidado? E então elas disseram convidas porque ela bem ou mal criou-te, ajudou-te a criar não é? Também tens de lhe agradecer por isso, não é? E eu pronto, está bem. Convidei a [directora], assim como ela entrou na igreja, saiu. Nem água vem, nem água vai. Comeu, bebeu, cumprimentou-me mas não conviveu, nada, nem uma prenda. Mas não era pela prenda...mas pronto...é mais o gesto (...)”</p> <p>4.1 Apoio “ (...) Pedi ajuda à directora para me arranjar trabalho e ela nunca me ajudou em nada. Pedi para ela me ajudar a ir para a Vénus porque ela tinha conhecimentos e forneciam para lá bolos e tudo, nunca me ajudou, enquanto aos outros ajudava (...)”</p>
P	<p>4.1 Apoio “ (...) eu não tinha mais ninguém em Coimbra a não ser as pessoas da Comunidade (...) mas não tive apoio nenhum da Comunidade depois de sair...nem estás bem...ou estás mal (...)”</p> <p>4.2 Relação “ (...) Sim... vou ver a [directora], às vezes, ainda agora foi lá para mostrar a menina...quase todos os dias vejo os meninos da Comunidade que vão lá à pastelaria onde eu trabalho buscar as coisas (...)”</p>

Sujeitos	5. Iniciativa da saída da instituição	
A	" (...) Por causa de uma paixoneta sai de lá (...)"	Individual
B	" (...) Não. Eu fui convidado a sair (risos) (...)"	Lar
C	" (...) Eu acho que não houve escolha para mim, tinha de sair (...) sai por ter sido pai (...)"	Lar
D	" (...) tive uma conversa com a directora na qual eu concordo com ela. Estou com vinte e dois anos e consigo me desenrascar enquanto que eu estou a ocupar o lugar de uma pessoa que poderá ter dez anos, não ter a minha capacidade de manobra de sobrevivência. (...)"	Lar
E	" (...) Já vinham a falar há muito mas eu antecipei-me antes de eles me dizerem. Tinha a noção que havia pessoas que precisavam de mais ajuda do que eu, é mais por isso que eu não levei isso em conta. Acho que o tempo que eu precisei eles ajudaram-me, não digo que não tenha passado dificuldades mas as dificuldades que eu passei se calhar, se a maioria dos que lá estão tivessem passado as dificuldades que eu lá tive, já era muito bom. E acho que ter saído contribuiu para uns entrarem e serem ajudados também (...)"	Individual
F	" (...) Foi por iniciativa minha (...)"	Individual
G	" (...) Eu fiquei de sair em Dezembro e a casa não estava pronta e só sai em finais de Janeiro, ainda vivia com a minha esposa um mês e tal no meu quarto...mas com o pleno acordo da irmã Teresa (...)"	Individual
H	" (...) Eu sai porque eu quis, acho que a Comunidade não podia fazer mais nada, eu já tinha 20 anos (...). Foi uma opção minha e do meu marido (...) sai porque aconteceu um episódio menos feliz na Comunidade, o caso do homicídio. Foi nessa altura que eu sai (...) eu não conseguia lá estar (...) como não estava a sentir-me muito bem lá, sai (...) Depois ainda levei uns puxões de orelhas da [directora] porque a [directora] foi para o Algarve de férias e eu fui embora sem ela saber (risos). Agarrei nas minhas trouxas e vim embora. Depois fui lá quando ela veio, fui lá dar-lhe uma satisfação, ela deu-me um puxão de orelhas (risos). Depois estive lá a falar com ela, ela disse que percebia. Eu já tinha vinte anos na altura e não estava lá por ordem do tribunal, mesmo que estivesse já tinha passado a idade (...)"	Individual
I	" (...) Eu queria sair porque já não aguentava estar lá (...)"	Individual
J	" (...) eu fui dizer à [directora] que me ia embora – não foi a [directora] a dizer tu vais	Individual

	embora (...)"	
L	" (...) Optei por sair (...sucedeu aquilo da D... e eu disse- Olha quero voltar, não consigo estar ali41 (...) sai porque vi nos 6 meses que lá passei sozinha, vi que não conseguia lá estar, não valia a pena, não aguentava lá estar, então sai (...)"	Individual
M	" (...) A opção de sair foi minha porque eu conheci lá um rapaz, que é o pai da L., na altura, ele não trabalhava nem estudava e, por isso, obrigaram-no a sair...Acho que não foi muito bom. Eu namorava com ele, desde muito cedo (...) mas como nós já estávamos há muito tempo separados, não deu para ficar e então estipulou-se que eu vinha para cá, estudava e ele trabalhava (...). Devia ter acabado o 12.º ano enquanto podia, esperar mais um bocadinho mas havia muita tensão (...)"	Individual
N	" (...) Foi uma decisão minha, quer dizer, de ambos (...) Eu comuniquei à directora que queria sair, aos dezoito anos já éramos maiores e foi assim (...)"	Individual
O	" (...) Quando eu deixei de estudar disseram-me assim – se vais deixar de estudar não vais ficar em casa sem fazer nada – e na altura já me tinha inscrito nos Cafés Febres e noutros trabalhos, só que estava à espera de resposta. Enquanto não veio a resposta, deitaram-me esse embuste, que eu não podia lá estar sem fazer nada e havia lá montes sem fazer nenhum e até mais velhos que eu. E eu...ai é?...Então pronto (...) anulei a matrícula e vim embora da comunidade (...)"	Individual
P	" (...) Eu saí da Comunidade para dar lugar ao meu irmão mais novo (...) por opção, eu saí da Comunidade e pedi à [directora] para meter o meu irmão no meu lugar. Como eu não poderia sair da Comunidade, supostamente porque não tinha 18 anos e a tutela previa até aos 18 anos. Eu falei com a [directora], chegámos a um acordo e eu saí para dar lugar ao D...foi por isso que eu saí (...)"	Individual

41 A entrevistada refere-se ao caso de um homicídio de uma jovem que ocorreu na instituição

Sujeitos	6. Percepção actual sobre a instituição	Apreciação	7. Sugestões de mudança
A	<p>" (...) Sei que mudou muita coisa em relação à altura em que eu estava lá; muita mesmo! Às vezes, oiço falar; eu tenho uma colega minha a trabalhar comigo que também foi da instituição e vou ouvindo falar (...) Havia muita liberdade só que nós éramos mais conscientes; errávamos mas éramos mais controlados; também errávamos, mas não fazíamos tanto (...)"</p>	Negativa	<p>Acolhimento – aspectos educacionais "(...) Uma das coisas que eu achava mal na instituição era a liberdade a mais que se dava aos jovens; muita liberdade leva às vezes, a caminhos errados. Não há controlo agora e também não havia na minha altura (...) Quando eu sai de lá, houve muita coisa, liberdade a mais, não havia controlo sobre os jovens. É difícil, é difícil. Compreende-se por um lado, porque não se pode tomar aquilo numa prisão; eu acho que tem de partir da cabeça de cada um. E é difícil porque são jovens e os jovens querem é divertir-se (...)"</p>
B	<p>" (...) Eu acho que é um bom método, falando do que estava. Neste momento já não está assim está diferente. Agora são mais pequenos, são mais novos, só que esse é um dos problemas às vezes os mais novos para ter uma certa educação convém ter um mais velho numa casa, um ou dois mais velhos. Eu noto que no meu tempo as pessoas eram mais bem educadas, ou seja, portavam-se menos mal, não faltavam tanto às aulas eram muito mais educados pela presença dos mais velhos (...) o facto de não haver mais velhos nas casas é um bocadinho estranho porque assim os mais novos são mais mal educados, dizem mais asneiras, respondem mais aos directores. Com a presença dos mais velhos isso não acontecia, acho que o sistema como estava antigamente era mais fiável do que o que existe actualmente (...)"</p>	Positiva	<p>Transição e autonomização – apoio ao emprego "(...) mandaram-me embora sem ter emprego (...) Acho que a Comunidade e a segurança social devem arranjar acordos para não mandarem os jovens embora assim, sem ter pelo menos um emprego (...) acho que isso é um grande problema das instituições, pelo menos na Comunidade, acho que esse é um dos grandes problemas dos jovens (...) Isso acho que foi uma dificuldade que eu tive (...) tive de arranjar emprego para me auto sustentar (...) a maior parte das pessoas pede ajuda aos pais, nós não, tínhamos de ser nós próprios (...)"</p> <p>Transição e autonomização – apoio financeiro "(...) Uma das maiores preocupações que eu tive e a maior parte das pessoas que saem de uma instituição deve ter é: se não tivermos uma base familiar para ajudar a única forma é nós nos sustentarmos a nós próprios. O estado Português dá mais subsídios, casas a pessoas que se calhar têm rendimentos, e a maior parte deles tem, enquanto que as pessoas que saem de uma instituição não têm qualquer tipo de apoio do estado (...)"</p> <p>Transição e autonomização – apoio habitacional "(...) não tinha casa (...) foi assim um bocadinho...A certa altura a [directora] virou-se para mim e disse que eu tinha de arranjar um quarto e eu pensei: mas como, como é que eu vou arranjar um quarto? Não tenho emprego, não tenho casa (...) Porque eu acho que não faz sentido os tribunais, o sistema de segurança social, as assistentes sociais tirarem as crianças à família e depois daí a uns anos saem e voltam para lá. Não faz nexo, não tem lógica; é o que acontece muitas vezes (...) ou então mandá-las embora e subsidiar uma casa entre seis ou quatro meses até arranjam emprego (...)"</p> <p>Acolhimento – aspectos educacionais "(...) Não se deve, em certas situações, só ver as pessoas, é preciso dar-se mérito às pessoas que lá estão pelas atitudes que têm e não pela cara delas. Não é correcto que uma pessoa que chumba sete anos seja mais privilegiado do que aquela pessoa que nunca chumbou no seu percurso escolar. Acho que isso tem de mudar definitivamente (...)"</p> <p>Acolhimento – recursos humanos "(...) Acho que em alguns casos deviam ter mais formação profissional (...) ao nível psicológico, deviam ter uma formação profissional em como lidar com estas crianças (...)"</p>

<p>C</p>	<p>“ (...) Se hoje for lá, os quartos estão desarrumados; depois das empregadas irem embora os quartos, a casa fica destruída até ao outro dia quando as empregadas chegam. Enquanto que antigamente, os mais velhos é que organizavam uma casa (...). Eu acho que foi um exagero essas mudanças que fizeram, um exagero mesmo (...). Hoje em dia eles mudaram muita coisa que pensaram que estava mal, só que como eu costumava dizer: o que é mau aos olhos de um não quer dizer que seja bom aos olhos de outro, mas se for perguntar a muita gente que esteve lá muitos anos como eu estive, vimos aquele Colégio ser transformado (...) havia muitas brincadeiras porque éramos muitos mais, havia mais aquela concorrência de querer brincar, havia aquela vontade. Hoje em dia, eles fazem um grupo de quatro ou cinco miúdos e vão brincar. Eles fizeram mudanças que na minha opinião foram erradas: o facto de dizerem: “temos de reduzir o Colégio a menos de metade” para segurança dos miúdos. E reduziram o Colégio a menos de metade (...) no meu ponto de vista, foram um bocado precipitadas por mais que a lei diga que é mais seguro ter dois miúdos por quarto (...) Hoje em dia os que têm dezasseite, dezoito anos também já estão todos para andar. E aos dezoito anos, eles e eu (risos) quando eu saí com dezanove anos não sabia o que fazer quanto mais alguns que aos dezasseite, dezasseis anos nem sequer acabaram o 10.º ano e quiseram sair (...)”</p>	<p>Negativa</p>	<p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>“ (...) Antigamente quando me obrigavam, achava estranho, ficava chateado porque eu queria ir brincar e ficava chateado. Hoje em dia, eu penso nisso, se eu sou higiénico é porque houve muita gente que perdeu o tempo a dizer “fulano tens de tomar banho, fulano tens de lavar os dentes, fulano tens de comer sopa”. Isso é o que falta naqueles miúdos, sendo miúdos que vieram de famílias humildes o facto de não comerem sopa (risos) que é algo importante (...) eles não dão valor à energia que gastam, não dão valor à água que gastam, não dão valor, principalmente, à comida que têm. Porque no dia em que eles saírem, aos dezasseite anos, eles vão ter de procurar a comida deles. Eu não sei, cada um reage de forma diferente perante a pressão, eu não sei como é que muitos se desentramaram, mas é assim que eles estão a querer fazer do destino daqueles miúdos. Se eles não ensinam estas coisas quando eles têm oito, nove, dez, onze, doze anos quando chegarem aos quinze nunca saberão fazer essas coisas (...)”</p>
<p>D</p>	<p>“ (...) Eu acho que a intenção da instituição e de qualquer instituição seja cooperativa ou financeira é sempre tentar melhorar e fazer cada vez melhor, isso, em prol de ter boas condições para as pessoas que lá vivem, das que estão fora e das que dão algumas coisas para lá (...). Eu acho que não, eu acho que a instituição o que fez, fez bem, não analisa as pessoas por idade, analisa as pessoas por condições para ver se elas estão preparadas ou não. Suponhamos que poderá sair uma pessoa com dez anos, desde que haja condições, por exemplo se for adoptada, se houver uma família que a acolhe poderia sair da instituição ou eu por exemplo, eu saí com vinte e dois anos se eu saísse antes não tinha condições, não estava preparado para o mundo fora daquilo que estava habituado, acho que é uma boa política que eles estão a elaborar (...)”</p>	<p>Positiva</p>	<p>-</p>

E	<p>" (...)" Bem, eu acho que no tempo em que eu entrei era muito mais divertido, muito mais interessante porque tínhamos pessoas mais velhas (...) retiraram praticamente tudo, tem de estar todo o mundo à espera que venha comida da cozinha para poderem levar para casa. Enquanto que no meu tempo aprendia-se alegre o nosso ambiente do que o deles. Porque estão a querer impor as coisas que antes não existiam (...). Quando converso com os que lá estão e digo-lhes como eram as coisas na minha altura todos dizem-me – quem me dera estar nesse tempo! (...)"</p>	Negativa	<p>Acolhimento – recursos humanos</p> <p>" (...). Agora dizem que aquilo tem seguranças, seguranças que se calhar não têm formação para aquilo. Seguranças que foram pessoas que ficaram lá e que não fizeram nada da vida deles e que agora estão a ver as coisas muito mais graves e não terem por onde pegar. Estão lá e dizem que trabalham, não tenho nada a ver com isso se realmente trabalham ou não. Acho que muita coisa devia de mudar para que aquilo volte realmente ao tempo em que eu lá estive e gostei (...). Acho que as mudanças que deviam fazer no Colégio – não digo isto porque o meu irmão está lá, o amigo dele está lá, mas pode não ser para ele mas para as pessoas que possam ir futuramente para lá – passa por terem muito mais condições do que têm agora lá e talvez mudarem as pessoas que lá trabalham porque se contribuem para alguma coisa, se ajudam ou não ajudam, isso já não me interessa porque já não estou lá. Acho que é muito importante, tudo na vida tem os seus momentos e acho que as pessoas que lá estão já tiveram os seus melhores, não digo que não estejam nos seus melhores mas já estiveram melhor. Era bom que mudassem tudo, mas tudo mesmo, não era tirar um e meter outro, tudo mesmo, porque há pessoas que estão lá que se calhar não se deram bem comigo e como não tiveram hipótese de vingarem de mim podem querer fazê-lo com pessoas que não têm nada a ver com isso, por exemplo, o meu irmão, as pessoas que se dão bem comigo ou eu até posso ir lá e dizer que aquela é isto e aquilo sem elas chegarem às conclusões por elas mesmas. Acho que isso ajudava muito, dava outra motivação, dava outra proximidade porque se já sabemos de uma pessoa antes de nos aproximarmos dela acho que não tem interesse nenhum e acho que é importante haver essa mudança para que as coisas continuem bem (...)"</p> <p>Acolhimento-aspectos educacionais</p> <p>" (...). se já era difícil uma pessoa de catorze anos, tomar conta de si própria, imagina o que é uma pessoa de catorze anos tomar conta de si própria e tomar conta dos mais novos. E acho isso, sei lá, esquisito porque quando eu estava lá, tinha catorze anos e era capaz de ser um dos mais novos do Colégio e tínhamos orientação de pessoas mais velhas e mesmo assim cansavam-se porque tinham de elaborar horários para estar em casa, lavar a loiça, arrumar a casa que era aos fins de semana quando tínhamos mais tempo (...). Por exemplo, para sairmos, no nosso tempo bastava darmos conhecimento às pessoas mais velhas da casa, que depois eles tratavam de falar com a directora se ela perguntasse ou assim. Agora não é bem assim porque acho que é muito mais fácil uma pessoa de vinte e tal anos mandar – está na hora vai para a cama, aí não há aquele conflito de vou, não vou, não está na hora – do que uma de catorze anos. Acho que é muito difícil ver uma de catorze anos mandar uma pessoa de treze, catorze anos para a cama, isso não cabe na cabeça de ninguém (...)"</p>
F	<p>" (...). Acho que é uma das coisas que já mudaram. Já não há casas com ambos os sexos ou é de rapazes ou de raparigas, o que claro que evita muitas das circunstâncias que se passaram (...). As alterações já se foram fazendo ao longo do tempo, pelo menos é a impressão que eu tenho (...)"</p>	Positiva	<p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>" (...). a questão da liberdade excessiva que é boa mas tem as suas desvantagens,</p>

			<p>Transição e autonomização – apoio financeiro</p> <p>“ (...) na parte financeira, como é óbvio, que é uma das principais dificuldades que se passa nesta fase de transição quando se sai da instituição e se passa a viver por conta própria (...) Eu acho que a principal é essa porque partimos de um momento em que temos um tecto e alimentação garantida que são os bens básicos e passamos para um momento em que isso depende de nós e para depender de nós, como é óbvio, é a parte financeira. Para ter um tecto e comida é com a parte financeira, não há muito mais (...) eu tive de trabalhar (...) Não parte tanto da instituição parte mais do próprio estado português, do próprio governo e das instituições públicas (...) Os mecanismos têm a ver com as próprias instituições públicas portuguesas. Não imagino que a Comunidade possa fazer mais do que faz que é durante o período em que as pessoas estão lá. Chega o período de sair, por muito que queiram também não têm muitas possibilidades de ajudar essas pessoas. Podem ter alguma facilidade como instituição e com o pessoal técnico deveria ter e não tem alguma facilidade em comunicar e tratar dessa burocracia, dar algum apoio a esse nível. Esse se calhar deveria ser o ponto a melhorar, talvez. (...)”</p>
G			<p>Acolhimento – protecção e segurança</p> <p>“ (...) Como instituição de crianças que é deveria ter um bocadinho mais de segurança. Ter lá um portão grande, aberto à distância e identificar as pessoas (...) ”</p>
H	<p>“ (...) Hoje, segundo eu sei, está muita coisa mal. Eu voltava aquilo para 20 anos atrás (risos). É assim, eu não sei, eu não estou por dentro agora mas oiço falar não sei se é ou se não é verdade. Sei que, quando eu lá estava, eu não podia dar um passo sem pedir autorização. Sei também que havia colegas minhas que fugiam para os bailes e que saltavam pela janela, por exemplo (risos). Mas também sei que hoje entram lá pessoas e nós sabemos com os casos de desaparecimentos de crianças, venda de órgãos, crianças traficadas para Espanha e outros países que aquilo não tem segurança, não tem segurança. Isto foi-me dito por uma pessoa que lá vai buscar um garoto e que falou comigo assim; diz que entrou lá, ninguém lhe perguntou – olhe, quem é o senhor? Não, ele entrou, agarrou no garoto e veio embora. Acho que era a segunda vez que ele lá ia para ir passear com ele, ir ao cinema (...) Na altura em que eu lá estava aquilo era aberto ao público mas se alguém fizesse alguma coisa, eram como pintainhos atrás da mãe, gritava tudo, já ninguém saía dali porque alertavam todos. Agora não me parece que seja assim mas eu também não sei não estou por dentro. Isto foi contado pela pessoa que lá foi. Ele achou aquilo não sei se hei-de dizer, assim ao baldaço (...) ”</p>	<p>Negativa</p>	<p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>“ (...) Prepará-los para a vida cá fora porque a vida cá fora não é fácil. Preparar como? Ao nível de conversas de pai para filho, há lá pessoas que fazem de pais. Prepará-los com conversas como nós fazemos com os nossos filhos acho que deveriam fazer igual. Eu felizmente, tive essa sorte não posso dizer que não tive. Tive pessoas que me deram conselhos, pessoas que conversaram comigo. Agora eu tenho a sensação que há ninguém que faça isso (...) Sei lá, preparar as pessoas, as crianças porque este mundo está difícil e elas não sabem para o que vêm e, quando vêm, enterram-se, há muitos assim. E é uma pena (...) Eu acho, sem dúvida alguma, deviam investir na educação (...) depois, proporcionar saídas com outras pessoas, outras famílias. Tentar levar as saídas mesmo até ao fim, não é ir lá dois dias e depois não voltarem porque acontece (...) ”</p>

I	<p>" (...) Eu agora não sei como está aquilo, não faço ideia (...)"</p>	<p>Neutro/não se aplica</p>	<p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>" (...) eu acho que as pessoas que iam para lá e que tinham problemas deviam ter uma pequena preparação para enfrentar a sociedade cá fora. É o meu ponto de vista, é o que eu acho (...) acho que devia de haver uma preparação para a saída (...) ajudar as crianças a tirar aquela mágoa que sentem dos problemas porque elas foram para lá com problemas (...)"</p>
J	<p>" (...) tive uma educação diferente daquela que eles têm hoje, sem dúvida nenhuma (...) agora deve ser pior porque que as crianças não estão habituadas a fazer nada, não estão habituadas a fazer nada (...) quando não têm cadeiras é porque partem as cadeiras, alguma vez no meu tempo isso acontecia, nunca na vida, eu partir uma cadeira porque estou enervada e me chateei (...) Agora isso não acontece, eu sei que não acontece porque um bocadinho antes de eu sair isso já não acontecia, já era um bocadinho liberal demais mas quem sou eu para estar a falar nisso (...) Tenho é pena daquilo funcionar da maneira como funciona, pelo menos neste momento (...) agora já não penso tanto nisso mas na altura pensava, dói-me saber que o Colégio está naquelas condições, onde eu passei e não me arrependo de ter passado. Eu não queria ter vergonha de dizer eu estive na Comunidade e, agora, receio dizer seja a quem for que eu estive na Comunidade, digo que estive num Colégio mas não quer dizer que tenha sido na Comunidade. As pessoas que conhecem a Comunidade, neste momento, não é a imagem de quando a O... esteve na Comunidade. É completamente diferente (...). Tenho pena que a Comunidade tenha chegado a esse ponto porque eu orgulhava-me ter passado na Comunidade e eu agora tenho receio de dizer que estive na Comunidade é essa a diferença de alguns anos para cá (...) Quando eu sai, passado pouco tempo de eu ter saído, separaram os homens e as mulheres, uma casa era só de mulheres e outra casa era só homens mas isso não resulta nada (...)"</p>	<p>Negativa</p>	<p>Acolhimento-proteção e segurança</p> <p>" (...) Acho que devia ser mais controlado, uma criança com 14, 15 anos ir para uma discoteca, acho que não tem jeito. Eu não sou antiquada, eu acho que as pessoas têm de gozar a vida mas tem um limite (...). Eu tenho um cliente (...) ele comentou (...) Olhe sabe que eu tenho ido buscar uma criança na Comunidade e da primeira vez que eu lá fui, fiquei muito chocado porque eu entrei e ninguém me perguntou quem eu era nem nada, eu podia agarrar uma criança e levá-la – E depois foi levar a criança lá e disse – Olha vou deixar-te em casa, vamos falar com alguém para dizer que eu te deixei...Ele disse – Não é preciso! Não é preciso! Deixa-me aqui e pode ir embora, não é preciso dizer a ninguém que eu cheguei – Assim e depois vir com conversas – Ah eu estive ontem até às duas da manhã a ver o não sei o quê...e a fazer não sei quantos. Uma criança com 8 anos, uma criança com 8 anos a dizer que esteve até às duas da manhã a ver televisão ou isto ou aquilo, sabe-se lá o quê a ver na televisão. Entrar ali qualquer pessoa e agarrar uma criança e levar, que é o prato do dia hoje em dia, eu não sei como é que não desapareceram mais crianças naquela instituição. Ali acho que nunca desapareceu mas acho que é um perigo vê-se todos os dias desaparecerem crianças, a [directora] tem sorte ainda de não ter acontecido isso ali. Acho que não há um sistema de segurança, não há e isso é muito mau. Eu estou a falar porque isto podia ter acontecido comigo, podia entrar lá alguém e levar-me e nunca mais ninguém saber de mim. Olha a história da Maddy e de tantas crianças que desapareceram e ninguém lhes vê rastros. Pode acontecer o mesmo, a [directora] tem um Santo lá no alto por não ter ainda acontecido nada disso, ainda ninguém se lembrou e eu espero que nunca ninguém se lembre (...)"</p>

Transição e autonomização – apoio social

“ (...) é assim...não queres estudar então vás embora e se vai embora para onde é que ele vai? vai para a rua e na rua o que é que faz? mete-se na droga ou se for uma mulher prostitui-se. E é assim que acontece, já se repetiram lá casos assim, de crianças muito problemáticas que saíram de lá piores e estão num mundo onde ninguém deseja estar. Uma das prostitutas que está no Farnão Magalhães esteve na Comunidade há muitos anos mas esteve. Já era do meu tempo, daquela Comunidade que eu estou a falar, imagino agora. Ela era uma excelente bailarina, andava no Ballet, entretanto, saiu da Comunidade porque engravidou, teve uma filha, a filha depois teve de ir para a adopção, a filha depois foi lá parar e depois deram para a adopção...entretanto adoptaram-na e ela continua a se prostituir. A falha dessa acho que não teve muito a ver com a Comunidade porque quando ela saiu de lá não era assim (...) não sei se já ouviu falar no J...., foi um menino que foi para lá com 2 meses de idade, foi criado pela [directora] e está um completamente...é um vândalo, é um vândalo, mexe com drogas, foge da polícia, andou a conduzir sem carta, é mesmo um criminoso, pode-se chamar neste momento que ele é um criminoso e a [directora] sempre o protegeu, sempre o protegeu, por exemplo, faltou poucas as vezes que ele quase lhe bateu porque ela não lhe dava dinheiro para a droga. Eu acho que isso é um péssimo exemplo para outras crianças que saibam que o J... cresceu ali e tem aquela educação. Ainda por cima, foi criado pela [directora], não foi por nenhum dos outros elementos (...) E quem diz o J... diz mais crianças que ali passaram, assim. Criam-se crianças lá que vêm do mundo da droga e não saem dela porque não são ajudados (...)”

Acolhimento – Aspectos organizacionais

“ (...) A noite não fica ninguém, não se vêem se as crianças são deitadas a horas, se fazem os trabalhos de casa ou não fazem, se precisam de alguma coisa ou não precisam, se falta um cobertor senão falta. Ninguém vê nada disso, ninguém (...) devia ser alguém destacado de forma e não era auxiliares aquelas de limpeza, como estão lá das 9h às 5h da tarde. Essas são empregadas de limpeza não são de educação, apesar de agora serem auxiliares de educação mas eu estou a falar de educação mas com formação (...) Agora eu acho que essa parte está mal. Das 9h às 5h está lá toda a gente, a fazer ou não alguma coisa, depois quem fica, a [directora] a tomar conta de 100 crianças? Não, 100 crianças, como é que a [directora] consegue pôr a mão em 100 crianças? Vai de casa em casa, quando chegar à última já a primeira está abandalhada outra vez (...)”

Acolhimento – aspectos educacionais

“ (...) na altura, em que eu estava lá eu fazia, eu e todas as que tomavam conta das crianças fazem parte dessa equipa de trabalho, apesar de ser uma adolescente como os outros a tomar conta das crianças, estou indirectamente a fazer parte de uma equipa de trabalho. Mas eu acho que não devíamos ser nós (...) quem sou eu para chegados aos 15, 16 ou 18 anos tomar conta de 9 ou 10 crianças com problemas piores ou melhores que os meus? Nós somos obrigados a lidar com várias situações, às vezes, há pessoas que não têm esse potencial e pode criar atrito e revoltas. Isso é uma das coisas que está mal na Comunidade com a qual nunca concordei. Eu se vou para uma instituição é porque eu quero ser educada, quero ser acarinhada e quero que tratem de mim, não vou para uma instituição para tratar dos outros, não é? E ali isso é isso que acontece muito. Eu fui educada até uma determinada idade, a partir do momento que a pessoa que está a tomar conta de mim sai da instituição passo a ser eu a tomar conta de outros, ou seja, quando eu devia de continuar a ser acompanhada passo a ser eu a acompanhar outros (...) acho que não devia ser só com o pé em falso, quando caíssemos devíamos ter alguém a nos agarrar por trás e isso não acontece. A partir do momento que aquele apoio sai deixamos de ter apoio acho que isso está um bocadinho mal (...) tenho muita pena das crianças, já não falo em adolescentes. As crianças assim pequeninas, 3, 4, 5 anos que andam lá à abandalhadas ninguém faz nada com eles, ninguém faz actividades, não há ninguém que mexa, que pegue naquelas crianças (...) choca-me e dói-me saber que as crianças estão abandonadas, se é que eu posso utilizar esse termo, estão muito abandonadas. Acho que deviam ter alguém que pegue nelas e faça actividades (...) Por isso, acho que a Comunidade devia ser mais activa, acho que é mal empregada estar assim porque eu acho que tem muito boas condições (...)”

			<p>Acolhimento – recursos humanos</p> <p>“ (...) Em primeiro lugar o que devia mudar – eu sei que isso não vai acontecer – era a direcção porque a [directora] tem de admitir – foi uma excelente pessoa, foi uma grande mulher, apesar dos defeitos que todos temos, ela não é perfeita como nós também não somos mas foi uma grande mulher ao ter criado a instituição, a vida que ela passou, é uma heroína! – tem de sentir e admitir que já não tem cabeça mais para aquilo, não tem mão, não tem pulso, não tem nada. E quando não há mão, não há pulso as coisas abandalham-se um bocadinho, é isso que, neste momento, está acontecer. Ninguém passa por cima das ordens dela porque ela é a directora máxima, é directora vitalícia, ou seja, só quando ela morrer é que passa para outro e, pelo que eu vejo, se é a pessoa que na altura estava prevista, ainda vai ser pior, o F.... Se for ele, então aí vai ser pior porque ninguém o respeita, ele é um mau exemplo para toda a gente. Ele foi para lá bebé. Por ele ter crescido lá devia ser um exemplo para toda a gente mas não é, não é. Como é que ele pode dizer a uma criança para não ir a uma discoteca, se ele próprio vai para discotecas com mulheres, à descarada, embebeda-se e faz asneiras e tudo. Então um adolescente, já não digo as crianças mas um adolescente que vai a discotecas, constantemente – no meu tempo não íamos mas agora eu sei que vão – ver um futuro presidente ver o que ele faz, nunca ninguém o vai respeitar, nunca ninguém vai respeitar uma pessoa assim. Então não sendo respeitado ele nunca vai ter mão para levar aquilo lá...Acho que ele não é um bom exemplo, acho que não se deve dar para as mãos um Colégio nem a ele nem a qualquer pessoa que ali tenha passado (...)”</p> <p>Acolhimento – aspectos organizacionais</p> <p>“ (...) Acho que não devia ser misto. Ela devia ter posto rapazes de um lado e raparigas noutro, mas também o que tiver de acontecer acontece, não sei (...)”</p>
<p>L</p>			<p>Transição e autonomização – apoio financeiro</p> <p>“ (...) há muitas crianças que necessitam deste apoio, chegando a uma altura, eles arranjam maneira não é de nos expulsar mas é tentar que cada um vá para o seu lado, mesmo sem apoios nenhuns ou qualquer tipo de ajuda. Isso eu não acho que seja bom (...) Eu acho que o problema não é da instituição porque a instituição já tem tantas coisas com que se preocupar, os poucos dinheiros que tem é para sustentar aqueles que lá estão. Eu acho é que o estado que devia ter condições especiais para este tipo de pessoas (...)”</p> <p>Transição e autonomização – apoio habitacional</p> <p>“ (...) Pessoas que não têm mais nada, estado dá casas a tantas pessoas casas, algumas que precisam outras que não precisam tanto mas as principais pessoas abrangidas deviam ser estas pessoas (...)”</p> <p>Acolhimento – recursos humanos</p> <p>“ (...) Comunidade não é uma prisão mas se houvesse mais pessoas disponíveis para apoiar e para controlar acho que se calhar ele [o irmão] não tinha que passar por essa situação (...)”</p>
<p>M</p>			

			<p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>“ (...) eu só acho que a falta de acompanhamento levou alguns a tomarem caminhos menos bons. O meu irmão hoje não tinha que estar numa casa de correção se tivesse sido mais acompanhado, se tivesse outro tipo de regras, menos liberdade em certos aspectos. Ele foi condenado por uma coisa que fez quando tinha para aí uns 16 anos, foi condenado como menor, agora acho que tem 18 anos (...) No fundo, ele de nós os três foi o pior porque já nasceu viciado em heroína, já teve outros tipos de problemas. Depois nós saímos da instituição e ele ficou mais desacompanhado e, se calhar, nesse sentido isso influenciou. Todas medidas que eles tomarem foram ineficazes (...)”</p>
<p>N</p>	<p>“ (...) não sei como é agora (...)”</p>	<p>Neutro /Não se aplica</p>	<p>Acolhimento-apoio psicológico</p> <p>“ (...) da Psicóloga. Eu não me lembro... Eu acho até que nem éramos nós que devíamos ir ter com a psicóloga mas sim a psicóloga marcar uma consulta connosco lá dentro... Ela tinha o horário dela. Entrava acho que às nove e saía às cinco...pronto, o horário normal (...)”</p> <p>Acolhimento – aspectos educacionais</p> <p>“ (...) a educação é o mais importante. Também ninguém me incentivou a estudar. É assim, um pai e uma mãe, se o filho for deixar de estudar perguntam porque é que não vais estudar...ali não...podia ter continuado até ao 9.º e 10.º ano (...) eu acho que devia haver ali qualquer coisa que incentivasse os jovens...por exemplo (...) antes não havia aquela coisa de dizerem...olha estuda pelo teu futuro (...)”</p>
<p>O</p>	<p>“ (...) Nem sei... Eu desde que saí de lá nunca mais lá voltei. Não sei se aquilo mudou se não mudou (...) agora não sei como é (...)”</p>	<p>Neutro/não se aplica</p>	<p>Acolhimento – recursos humanos</p> <p>“ (...) Os profissionais que estão lá acho que deviam ter mais humildade connosco (...) dar um pouco de atenção (...) eu penso que as pessoas trabalham só pelo dinheiro (...) como é que hei-de explicar eu por exemplo quando vou trabalhar naquilo que gosto...eu não vou trabalhar só pelo dinheiro, eu trabalho por aquilo que eu faço, dou o meu melhor e ali a gente não sente isso (...)”</p> <p>Acolhimento-recursos humanos</p> <p>“ (...) devia ter mais pessoas a ajudar (...)”</p> <p>Acolhimento – aspectos organizacionais</p> <p>“ (...) durante o dia estão lá as empregadas e vai sempre havendo alguém...mas durante a noite é preciso. É preciso porque nem sempre um adulto sabe lidar como determinados assuntos (...) eu acho que nesse aspecto, à noite deviam ter mais responsabilidade porque há sempre um que foge, há sempre um que faz asneiras e das grossas (risos) (...)”</p>

<p>P</p>	<p>" (...) A Comunidade está muito pior agora do que na minha altura...muito pior...agora é raro um jovem de 14 anos que não esteja metido na droga...na Comunidade...eu não sei onde é que eles vão arranjar dinheiro para isso (...)"</p>	<p>Negativa</p>	<p>Acolhimento – aspectos educacionais "(...) eu acho que foi uma coisa que falhou na Comunidade...é que apoio psicológico que havia na Comunidade (...) porque...acho que aí falhou um bocadinho...havia de ter havido mais apoio...foi muito complicado...foi muito complicado (...)"</p> <p>Transição e autonomização – apoio financeiro "(...) Sai sem nada, absolutamente nada e quer dizer...senti-me um bocadinho mal nessa altura porque não tinha como sobreviver (...) foi um bocadinho difícil (...) sai da Comunidade no dia 15 de Outubro, sem um tostão no bolso, sem nada para comer. E durante 15 dias a minha alimentação foi o que eu comia na pastelaria, uma sandes à tarde (...) na Comunidade nós temos tudo, incluindo cama, roupa e comida na mesa, não nos preocupamos com nada (...) eu comecei a caminhar pelas minhas próprias pernas...mas eu acho que isso deveria mudar um bocadinho (...)"</p> <p>Transição e autonomização – apoio habitacional "(...) procurei um quarto e encontrei não tive grande dificuldade (...) tinha de arranjar maneira de o conseguir pagar e isso foi começar a arranjar trabalho...fazer limpezas (...) havia de ser...os que estão para sair...sair devagar...não é...agora já estás aí...resolve (...) se saem...se têm de sair daqui a dois meses...irem para uma casa para começar a ter a própria orientação das coisas (...)"</p> <p>Transição e autonomização – apoio psicológico "(...) falta de apoio mesmo...até se calhar só para falar (...) eu acho que essa era a falta que eu senti mais porque depois eu vim cá para fora e senti-me um bocadinho...enquanto eu não me ambientei senti-me um bocadinho (...) suporte psicológico...não é? Porque é assim...eu vinha de uma situação muito frágil e acho que o apoio psicológico não faria mal às pessoas que saem da Comunidade (...)"</p> <p>Acolhimento – aspectos organizacionais "(...) acho que a Comunidade devia de ser um local de passagem, não um local de estar quando já não é necessário. Porque tudo o que nós fazemos na Comunidade fazemos cá fora se quisermos (...)"</p>
-----------------	---	-----------------	--

Sujeitos	8.1 Desenvolvimento individual	8.2 Desenvolvimento e integração social
A	<p>" (...) marcou a minha adolescência, passada lá (...) e depois porque cresci lá (...) foi a minha adolescência, foi desde criança (...)"</p>	<p>" (...) Fiz lá muitas amizades, diverti-me imenso (...). O convívio; aquilo era uma coisa fantástica. Era mesmo! (...)"</p>
B	<p>" (...) Acho que foi um lar de acolhimento (...) acolheu-me (...) Acho que foi o melhor. Sinceramente! (...) Acho que obrigou-nos a crescer mais rápido (...)"</p>	<p>" (...) ajudou tal como uma família ajuda para mais tarde os filhos serem inseridos na sociedade, foi o que a instituição foi para mim (...) deu-me oportunidade de estudar (...) Acho que foi boa. Deram-nos uma oportunidade na vida para a gente estudar, tirar um curso (...) preparou-me para o futuro, para o mercado de trabalho, para fazer as nossas vidas (...)"</p>
C	<p>" (...) Agora chego à conclusão que o facto de ter estado no Colégio fez-me muito bem, percebi muitas coisas que talvez só iria entender quando chegasse aos dezoito ou dezanove anos e percebi quando tinha onze anos (...) e acho que sou das poucas pessoas que se podem dar ao luxo de dizer que vivi lá quase vinte anos e não me arrependo nunca de ter vivido naquele Colégio (...) Foi a minha vivência lá e a minha experiência (...) Eu encaro aquilo como uma experiência de vida, como uma lição (...) Depois como uma experiência e, sendo uma experiência, eu considero das experiências melhores que eu já tive na minha vida (...)"</p>	
D	<p>" (...) Ainda bem que aconteceu, se calhar a essa hora não sei qual seria o meu destino (...) Eu acho que para mim a instituição foi muito importante porque fez-me se calhar abrir os olhos (...)"</p>	<p>" (...) Muito importante (...) fez-me (...) pensar não só em mim mas pensar nas pessoas que me rodeiam e antes de ter qualquer tipo de comportamento ou atitude parar e pensar que ara além da minha pessoa existem mais pessoas (...)"</p>

<p>E</p>	<p>" (...) da minha parte considero positiva porque (...) nunca falhei com os meus objectivos, pelo menos durante o tempo que lá estive e acho que isso contribuiu muito, o facto de olhar para uns, às vezes motivava-me ver que, pensar em mim, eu não quero ser isto, eu tenho capacidades para mais e a minha vida não é isto eu consigo ser mais do que isto. Acho que isso ajudou-me muito (...) acho que isso ajudou-me a crescer muito (...)"</p>	<p>" (...) Acho que foi bom, o facto de ter passado por lá, ajudou-me a compreender melhor as pessoas, saber compreendê-las e quem sabe talvez ajudá-las. Por que eu antes não tinha essa noção das pessoas terem problemas e disponibilizar o meu tempo para ouvir e tentar ajudar porque estava num sítio onde não tinha ninguém com esses tipos de problemas ou de alguém de quem eu pudesse ajudar (...) acho que isso foi muito bom (...) saber dos problemas dos outros que antes não me preocupava e não queria saber porque estava muito bem comigo e não queria saber dos outros para nada. E acho que isso ajudou-me muito. Ainda me lembro [em] Londres (...) quando sai da escola vi uma rapariga na rua a chorar, eu não a conhecia de lado nenhum, fui perguntar-lhe o que se passava (...) ela disse que estava com problemas em casa, perdeu o emprego e tinha a renda para pagar (...) dei-lhe sessenta e cinco libras mas foi para ajudá-la. Quando cheguei a casa é que eu fiquei a pensar que aquele dinheiro podia ter servido para mais alguma coisa porque estava mais o meu primo e não sabia das necessidades dele. Mas da minha parte eu preferi ajudar do que fazer, propriamente, outras coisas com aquele dinheiro. E quando penso nisso lembro-me que se fosse uns anos atrás ou se calhar se eu tivesse ficado naquela convivência que eu tive, sempre muito privado, não com muitas pessoas, se calhar isso não teria acontecido. Acho que o Colégio contribuiu muito, o facto de poder ajudar ou compreender as pessoas. (...) Se não tivesse passado por lá talvez não daria importância às pessoas, não queria saber dos problemas dos outros. Talvez, talvez diferente não me preocuparia com os outros talvez (...) Fui para lá já com um projecto, por exemplo, um caminho já ambicionado, tipo vais para isto e graças a Deus conseguí seguir esse caminho sem desvios (...) Confesso que o tempo que estive lá foi muito bom, pelo menos ao nível dos estudos (...)"</p>
<p>F</p>	<p>" (...) Apanhou-me a parte da adolescência, seja como for essa altura é marcante para todos (...) foi a minha adolescência (...)"</p>	<p>" (...) foi marcante pela instituição em si, pela convivência que proporciona com outros jovens da mesma idade, mais velhos e mais novos, de ambos os sexos. (...) poder conhecer pessoas de outras culturas (...) havia muita gente que vinha de África, por exemplo, de diversas circunstâncias familiares, de todo o país, pessoas da mesma idade e mais velhas e com outras experiências (...) ajuda-nos a falar facilmente com as pessoas e a socializar (...) Essa parte é a parte mais importante da instituição (...) deu-me capacidade de falar com as pessoas, de socializar mais (...) do que se estivesse num ambiente familiar normal (...)"</p>
<p>G</p>	<p>" (...) teve um papel fundamental, positiva, na construção da minha personalidade (...)"</p>	<p>" (...) teve um papel fundamental, positiva (...) no percurso formativo e educacional (...) ao nível dos meus estudos (...) Esperava que daí pudesse sair algum futuro bom para a minha vida, a nível de educação, esperava mais tarde que pudesse sair dali já a trabalhar e por acaso veio a acontecer...no fundo esperava dali uma orientação porque eu sabia que não tinha solução voltar para a aldeia, voltar para a aldeia era voltar para o zero e daí não poderia vir nada de bom e daí que eu me aplicasse sempre e me empenhasse para que pudesse..quando saísse tivesse êxito em todo aquele percurso e o que veio acontecer...o que não aconteceu com todos...mas de qualquer modo...o meu percurso teve um final feliz (...)"</p>

<p>H</p>	<p>“ (...) Custou-me um bocadinho, mas foi bom; foi bom (...) aprendi a ser gente porque não ia ser no meio da rua que havia de ser gente, não é? Nós sabemos que a vida não é assim. Levei porrada quando tinha de levar (risos), umas palmadas porque a educação é feita dessas coisas, levei castigos quando os tinha que levar também me deram carinho quando o tinha de levar (...) ali influencia muito a maneira como somos educados, aprendemos a falar com as pessoas, isto tudo eu penso que partiu de lá (...) acho que o significado é o mesmo ao de uma família. É o que eu sinto (...) eu, todos os dias, paro para pensar o que é que seria de mim se eu não tivesse entrado para a Comunidade, nesta altura, devia andar na prostituição, sei lá, na droga, sim porque é o fim de muitas pessoas sem pais que vivem na rua, não sei, até podia ter sido esse o meu fim mas não foi (...) Acho que foi essencial; foi frutífero; foi importante. Porque sabe Deus, caso eu não fosse para lá eu hoje não sei qual seria o meu futuro mas de certeza que não tinha estudado (...) Sabe Deus a minha vida agora, andava por aí (...)”</p>	<p>“ (...) Estudei, fiz o 12.º ano, não concluí mas estudei durante a minha permanência lá (...) E acho que foi essencial a minha vida lá (...) não tinha tido as experiências que tive, em questão de férias porque as crianças querem ter férias em conjunto com outras pessoas, querem relacionar-se com outras pessoas, perceber as coisas e porque é que acontecem, não tinha (...) Fiz amigos (...)”</p>
<p>I</p>	<p>“ (...) Pelo menos não tive maus-tratos (...) Supostamente o meu pai acabaria por ter abusado de mim (...) não acabaria os maus-tratos, a pancada, a fome e essas coisas todas. (...) tinha casado ali com alguém da aldeia ou tinha engravidado de alguém da aldeia. Supostamente era isso que acontecia (...) mas se eu lhe disser que aprendi alguma coisa, não (...) Não vou dizer que foi uma boa experiência, não foi boa, não gostei de lá estar (...)”</p>	<p>“ (...) não teria feito o 6.º ano (...)”</p>

J

“ (...) passei lá a minha adolescência toda. Estive lá desde os oito anos e sai de lá acho que tinha vinte e um anos. Ou seja, foram muitos anos e, ainda por cima, são aqueles anos que nos marcam mais na vida, que é a nossa infância e a nossa adolescência. Sei lá, eu acho que foi bom, foi bom, ter passado por aquela experiência (...) o Colégio apesar de não eu ter tido uma pessoa para contar uma história, naqueles momentos mais fracos, tínhamos sempre alguém (...) tínhamos o responsável de casa, o mais velho que nos tenta dar uma educação que, por sua vez, também já lhe deram a ele, é mesmo assim (...). No fundo o que a instituição me deu, o que mais me ensinou foi eu aprender a ver que há sempre pessoas que estão piores do que eu; eu nunca sou a pior do mundo e isso é que faz com que a pessoa continue a viver e a ter força para seguir; é que há sempre alguém a passar fome e neste momento eu não estou, pessoas que não têm o que vestir, pessoas que têm pais que os espancam, que os maltratam, que andam no mundo da droga com 12, 13 anos. Eu acho que isso tudo é pior do que aquilo que eu passei; então isso tudo ajuda uma pessoa a ter força para seguir; no fundo nós aprendemos isso lá porque eu tenho um pai preso que matou um irmão meu...na altura é sempre problemático mas depois, logo a seguir, entra uma criança com 8 anos que o pai violou, o próprio pai e depois a mãe suicidou-se por causa do pai. Eu acho que isso é pior que a minha situação. Se calhar para outras pessoas não é mas eu acho que isso é pior, eu ser violada pelo meu próprio pai acho que é horrível, é horrível; quem diz isto diz outras situações (...) E nós todos os dias ao vermos situações diferentes da nossa, nós estávamos a ver que não éramos os únicos a termos problemas (...). Há pessoas com mais problemas que nós e isso ajuda a que, apesar de não resolvermos o nosso problema, tentamos ajudar os outros também; aprendemos a partilhar a dor, o sofrimento uns com os outros. E acho que isso é muito bom (...). Claro que sabia melhor estar ao pé dos pais e ter uns pais que aconchegassem e essas coisas todas. Uma vez que não tive essa oportunidade, acho que foi uma outra oportunidade que a vida me deu ter ido para o colégio e ter tido quem me apoiasse, quem me educasse ou tentasse dar uma melhor educação porque às vezes nem sempre é a mais certa mas é assim mesmo. Acho que foi a minha salvação devido ao meu problema, ao porquê de ter ido para lá. Acho que foi a minha salvação (...). Se calhar, se eu não tivesse passado pelo Colégio tinha sido duas vezes pior, não é? (...) O tempo que eu lá passei gostei, gostei e dou graças a Deus de ter tido essa oportunidade, se calhar hoje não tinha nem educação, não tinha só uma filha, tinha ido para vidas mais difíceis. Digo eu, a gente não sabe, quem sabe se não estava melhor mas olhando para o exemplo da minha mãe e das minhas irmãs, como não foram orientadas, meteram-se onde não deviam e eu por ter sido orientada consigo ser hoje o que sou (...). Eu resumo a minha passagem pela instituição como a salvação da minha vida. Custa-me um bocadinho falar sobre isto (choro) (...) No fundo parece que eu nunca tinha estado em mais lado nenhum. Eu quando fui para a instituição tinha 8 anos era uma criança e acolheram-me ali. Para mim aquilo era a minha família. Por mais que entrassem pessoas novas, aquilo era a minha família. As 100 pessoas que lá estavam eram a minha família e uma família grande, apesar que haver sempre atritos, de um não gostar tanto daquele, mas isso há em todo o lado, até no trabalho isso acontece (...).”

L	<p>“ (...) A Comunidade significou muito porque nos anos que eu lá estive foram anos de formação pessoal (...) foi na Comunidade que eu tive as crises de adolescência (...) tive o meu primeiro namoro (...) formou-me como pessoa. Se calhar sou organizadinha, tenho as tarefas, consigo trabalhar e tenho alguma independência agora porque estive lá. Se estivesse com os mais pais biológicos, se calhar não era assim (...) Acho que eles dão uma preparação, ao início ensinam, tentam ensinar as crianças a serem independentes (...) Foi na Comunidade que eu aprendi a ser independente (...) Eu já disse à minha mãe biológica, agradeço por me teres lá colocado. Se calhar hoje, sei lá, tinha para aí, três ou quatro filhos e não sei de quem, andava a lavar casas, não sei. Acho que se não fosse a comunidade, se calhar estava pior (...) mesmo sendo um Colégio há aquelas pessoas que têm uma imagem muito má dos Colégios, para mim se não fosse a Comunidade eu não teria sido tão feliz. Acabei por ser feliz na Comunidade, é engraçado (...)”</p>	
M	<p>“ (...) Vivi grande parte da minha infância, logicamente que tinha de ter um impacto sob a minha vida (...) foi mais um caminho que eu tive de percorrer não foi algo que tivesse de marcar a minha vida (...) Para mim foi uma passagem, algo que teve de acontecer. Eu tinha de estar ali. Para mim foi normal, teve de acontecer, eu tinha de lá estar (...) Para mim foi uma fase da minha vida, não foi algo que tivesse impacto positiva ou negativa. Foi um percurso que tive de fazer (...) Ali só aprendi a injustiça, a indiferença, entre outras coisas. Porque houve lá algumas situações menos...eu fechava-me no meu próprio mundo, já sabia que aquilo era assim e não havia mais nada...Hoje não, hoje sei que há mais alguma coisa e que não preciso de ter medo ou de viver com traumas de infância porque existe mais (...) eu considero que a Comunidade Juvenil foi um abrigo para situações menos boas que poderiam ter acontecido se eu continuasse com os meus pais (...)”</p>	<p>“ (...) Não. Não teve nenhuma influência de maneira nenhuma (...) Tudo aquilo que eu tenho não recebi, não foi dado, foi ganho com muito esforço, não teve qualquer tipo de influência aquilo que vivi no passado (...) a única coisa de valor que eu adquiri lá foi os conhecimentos escolares, mais nada (...)”</p>
N	<p>“ (...) aprendi a dar mais valor ao que eu tenho hoje. Eu aprendi...por exemplo...nunca tive carinho...dou carinho aos meus filhos hoje, nunca tinha tido uma casa e eu trabalhei para ter. Eu dou valor a essas coisas, às pequenas coisas que eu tenho... aos meus filhos, ao meu marido porque praticamente somos só nós os quatro...não temos mais ninguém. Eu vejo assim, sou eu, o meu marido e os meus filhos. Não tenho mais ninguém (...)”</p>	<p>“ (...) se calhar foi a melhor coisa que eles fizeram porque eu não sabia, o meu pai alcoólico, a minha mãe alcoólica, eu não sabia, hoje vendo assim, mais claramente, esta se calhar foi a melhor solução. Quando a minha mãe morreu, tinha doze, treze anos, já não estava com a minha mãe o que ia ser o meu futuro? (...) Eu esperava que a instituição fosse como o Colégio, eu estive num Colégio... esperava que me desse uma educação completa (...) por exemplo ensinar-nos as coisas da vida que a gente não sabia de nada...refiro-me a tudo (...) Eu aprendi o que eu sei hoje foi com os erros e as asneiras porque ali nunca nos deram apoio fosse no que fosse (...) cá fora é que eu fui aprendendo e vendo como é que a vida era...lá não...como a gente lá fazia o que queria (...) levei muito pontapé na vida e a gente vai crescendo assim (...) muita gente não caiu na má vida porque não calhou...ali naquela casa (...) Teve muita coisa boa, eu penso, eu não convivi com os meus pais, com a família mas convivi com meninos que passaram como eu ou mais que eu e então com essa convivência...foi com isso que eu aprendi a lidar (...) eu digo ao meu filho, ele é pequenito mas eu digo faz o bem e não olhes a quem. Porque é assim a gente não sabe o nosso futuro, a gente tem de pensar nos outros e na instituição eu aprendi que todos somos humanos que temos de olhar uns pelos outros e que não podemos ser egoístas, temos de dar também (...)”</p>

<p>O</p>	<p>“ (...) eu só agradeço por me terem criado e pronto (...) saímos de lá com um ensino totalmente diferente porque nós temos de cuidar, a partir de uma certa idade, temos de cuidar dos mais novos e só isso dá que uma pessoa desenvolva não é? e que tenha mais obrigações porque no meu caso, pronto eu fui lá criada não é? (...) la ser uma miséria. Pelos pais que eu tive, que eu tinha, pais pobres, bêbados, devia ser uma miséria porque eu olho para a minha irmã mais velha e o meu irmão mais velho (...) eu acho que não era ninguém (...)”</p>	<p>“ (...) agradeço (...) por me terem dado a oportunidade de ter estudado porque se fosse na rua eu não estudava, digo obrigada por isso (...)”</p>
<p>P</p>	<p>“ (...) existem lá pessoas que ficaram mais tempo, muito mais, e se calhar não aproveitaram aquilo que eu aproveitei, que foi aprender (...) eu aprendi lá muita coisa (...) Eu só tenho a dizer que o papel da comunidade foi fundamental na minha vida, na minha personalidade, na minha maneira de ser e foi a comunidade que me ajudou e se não fosse a comunidade não era o que sou hoje de certeza absoluta (...) para mim foi uma mais valia estar na comunidade (...) se eu não estivesse na comunidade eu hoje não era o que eu sou porque eu nunca tinha saído da minha terra, não é? (...) foi um papel positivo, é como eu digo, se eu não tivesse ido para a comunidade eu hoje não era o que eu sou, bem ou mal, foi a comunidade que me deu uma oportunidade, foi a [directora] quem me ajudou, porque era para eu vir quinze dias, era para eu ir para uma família de acolhimento, foi a [directora] que pediu para eu ficar, e eu também queria e foi o melhor que me aconteceu, não há dúvida (...) eu às vezes penso se eu não tivesse vindo para a comunidade se calhar como seria a minha vida hoje e tenho a certeza que seria muito pior, muito pior mesmo (...) tinha continuado a ser maltratada e mais do que isso...outras coisas (...) se eu não fosse para a comunidade eu hoje não era assim (...)”</p>	

Anexo 4 - Grelha de Análise das Entrevistas

III Outros Significativos

1. Família de Origem			
1.1 Características da família de origem			
Sujeitos	1.1.1 Tipologia familiar	1.1.2 Motivos sócio familiares da institucionalização	1.1.3 Casos de Acolhimento institucional na família
A	<p>“ (...) Os meus pais separaram-se e a minha mãe não tinha condições para ficar comigo (...)”</p>	<p>Monoparental</p> <p>“ (...) Eu precisava mesmo de ir a minha mãe não tinha condições para me ter. Eu precisava mesmo (...) Foi mesmo a minha família. Eu tinha lá estado duas semanas, passadas essas duas semanas sai. Depois passados uns meses voltei e aí já fiquei definitivo mesmo (...)”</p>	<p>Pobreza</p> <p>“ (...) meu irmão mais novo. Ele foi para o Colégio uns anos mais tarde e acabou ficando tantos anos como eu. Eu sai e ele ainda lá ficou. Não foi muita a diferença, se calhar ficou uns dez anos, nove/dez anos (...)”</p>
B	<p>“ (...) os meus pais separaram-se eu tinha cinco anos e a dada altura a minha irmã foi viver com a minha mãe (...)”</p>	<p>Monoparental</p> <p>“ (...) Não tinham condições financeiras para nos sustentar (...)”</p>	<p>Pobreza</p> <p>“ (...) entrei com a minha irmã (...)”</p>
C	<p>“ (...) houve problemas entre eles os dois, o meu pai puxava de um lado a minha mãe de outro e pronto a minha avó (...) adoptou-me e trouxe-me para cá (...) Da parte da mãe tenho esta que é a mais velha e tenho dois mais novos, da parte do pai tenho uns outros que também não conheço, mais uns cinco ou seis da parte do pai (...)”</p>	<p>Reconstituída</p> <p>“ (...) uma das minhas tias não podia ficar comigo (...) vim com a minha suposta mãe mas na realidade era minha avó. Ela adoptou-me e trouxe-me para cá; quem apanhava todos os membros da família era uma tia minha que era enfermeira e ainda hoje é só que está doente. Ela como recebia bem e recebe, ela trouxe muitos membros da família só que, com o tempo, ela foi ficando com o cinto mais apertado (...) entretanto a minha avó tinha uma doença que depois agravou aqui em Portugal e faleceu. E foi aí, ela meteu-me no Colégio (...)”</p>	<p>Pobreza</p> <p>“ (...) tenho lá a minha prima (...)”</p>
D	<p>“ (...) o meu irmão, da parte da mãe (...) eu sou de família africana eu tenho para aí uns dezoito irmãos (risos) (...)”</p>	<p>Reconstituída</p> <p>“ (...) Na altura quando vim para Portugal (...) Isso foi em noventa e oito quando começou a guerra, a minha família resolveu mandar-nos para cá. Na altura tínhamos um conhecido que tinha um filho lá que conseguiu entrar em contacto com a instituição, a própria instituição disse que não havia problema em aceitar e assim foi. Havia guerra, na altura estavam a recrutar as pessoas e a minha família achava que isso iria prejudicar-nos ao nível escolar e achou que o melhor era afastar-nos e tentar vir estudar para Portugal, basicamente,</p>	<p>Guerra</p> <p>“ (...) éramos quatro, um irmão, um sobrinho e um primo (...)”</p>

			foi o que aconteceu (...)"		
E	" (...) O meu pai faleceu eu ainda era muito novo, tinha dez, onze anos, sou o irmão mais velho dos meus irmãos todos, para o meu tio facilitar a tarefa à minha mãe, tirou-me a mim e fui ficar com ele e os meus irmãos mais novos ficaram com a minha mãe (...) somos quatro a contar comigo (...)"	Alargada	" (...) na altura havia a guerra lá na Guiné, foi em noventa e oito e ainda tínhamos aulas, as aulas tinham começado ou estávamos de férias não me lembro bem e como não sabiam o tempo que aquilo ia durar o meu tio pensou que em vez de estarmos à espera que acabe, não acabe, porque não sabíamos ao certo se realmente ia acabar ou não, resolveu nos mandar para cá. Entretanto, por acaso tínhamos familiares cá, só que não tinham condições (...) Se uma pessoa já dá dificuldades, imagine com mais quatro pessoas. E com a ajuda de um amigo dele ou familiar, não sei, conseguiu entrar em contacto com o Colégio e eles aceitaram nos receber (...)"	Guerra Pobreza	" (...) viemos quatro, primos e sobrinhos (...)" " (...) tenho lá um irmão mais novo e ficava com ele. Sim ainda está lá agora (...)"
F	" (...) os meus pais (...) e a minha irmã (...)"	Nuclear	" (...) Os meus pais não tinham possibilidades de ter a mim e a minha irmã (...)"	Pobreza	" (...) Eu não fui sozinho, fui com a minha irmã (...) inicialmente, era eu e a minha irmã (...) eu e a minha irmã saímos praticamente em simultâneo. Eu vim para a universidade e ela veio viver para Lisboa também. O meu irmão continuou lá mas neste momento já saiu (...)"
G	" (...) com os meus pais (...)"	Nuclear	" (...) se eu não tivesse uma deficiência eu nunca tinha vindo ali parar...isso (risos) não tenho qualquer dúvida disso, mesmo sabendo que...evidentemente que a instituição tinha outras crianças sem deficiência, mas por outro lado tinham problemas de família, ou eram órfãos, ou famílias muito carenciadas e que não os podiam ter ou filhos de imigrantes. Numa primeira fase aquilo começou com filhos de imigrantes. Portanto eu não me encaixava em nenhuma dessas situações (...) eu fui exclusivamente a deficiência obrigou-me a vir parar ao Loreto e depois do Loreto ali sei que eu nunca (...)"	Necessidades educativas especiais	" (...) passei, entre 1969 e 1975 por uma escola de ensino especial que era o Instituto de Cegos de Coimbra. Estive lá 6 anos, onde fiz toda a escolaridade primária (...)"
H	" (...) o meu pai era alcoólico. Todos os dias um enxerto de porrada. Apagava as luzes do contador de casa para eu não estudar (...) O meu pai era alcoólico (...)"	Nuclear	" (...) Todos os dias uma bebedeira. Todos os dias um enxerto de porrada. Apagava as luzes do contador de casa para eu não estudar (...) O meu pai era alcoólico (...)"	Alcoolismo na família Disfuncionalidade familiar Maus – tratos	-

I	" (...) com a minha mãe (...) os meus pais separaram-se tinha 7 anos (...)"	Monoparental	" (...) Os motivos foram os maus-tratos e uma tentativa de violação por parte do meu pai. Eu dei queixa do meu pai mas não consegui provar nada. Isso foi humilhante, foi uma coisa, foi uma experiência muito humilhante, humilhada perante o tribunal e custou-me ultrapassar essa parte (...)"	Maus-tratos	" (...) Eu e o meu irmão entrámos juntos (...)"
J	" (...) Eu morava com o meu pai e a minha mãe e tínhamos um outro irmão, que era de um outro relacionamento do meu pai, que criou muitos conflitos na minha família (...) tinha mais irmãos mas aquele foi o que deu mais problemas (...) nós somos quatro, comigo quatro (...)"	Reconstituída	" (...) O motivo foi que eu estava numa família com problemas não só psicológicos mas também muito financeiros e um bocadinho também problemática ao nível de relacionamentos uns com os outros. Eu morava com o meu pai e a minha mãe e tínhamos um outro irmão, que era de um outro relacionamento do meu pai, que criou muitos conflitos na minha família (...). Os meus pais trabalhavam, a minha mãe no campo e o meu pai na fábrica e ele acabou por abusar das minhas irmãs mais velhas, nós somos quatro, comigo quatro. Desses abusos surgiu uma criança da minha irmã mais velha, que era dele. Só que depois o meu irmão dizia que era do meu pai e depois houve ali um conflito muito grande, entraram em confronto um com o outro e o meu pai matou o meu irmão. Pronto, aquilo, ou era um ou outro, surgiu meu irmão morrer (...). Na altura tinha 8 anos e tinha uma irmã com 7 anos. Depois andei de porta em porta porque os meus vizinhos expulsaram a minha mãe de casa, eles achavam que ela também tinha a ver com a situação, que tinha ajudado. As assistentes sociais que nos acompanhavam, a mim e à minha irmã mais nova, apelaram logo, quiseram logo tirar-nos dos meus pais, principalmente, eu porque ainda era das minhas irmãs a que tinha mais cabeça para estudar, as minhas irmãs têm alguns problemas psicológicos e não sei como é que eu também não estou enrolada no meio (...) a minha irmã tem muitos problemas, não só psicológicos como físicos (...) Essa minha irmã, teve um traumatismo craniano quando era pequenina e tem uns certos problemas psicológicos mas ela é uma pessoa normal, sabe fazer tudo mas é de compreensão mais lenta, depois tem o sistema nervoso um bocadinho alterado que se irrita mais facilmente (...)"	Pobreza Problemas psicológicos na família Disfuncionalidade familiar Maus -tratos	" (...) tenho a outra irmã que, na altura, a minha mãe tirou-a da instituição e como já era maior de idade não puderam fazer nada (...) tenho uma irmã mais nova que esteve comigo na Comunidade. Eu fui para a Comunidade, passado um ano foi ela. Enquanto não pôde entrar na Comunidade esteve em casa de um casal, até conseguir vaga depois veio para o pé de mim. E esteve lá até aos 18 anos, ela esteve lá menos tempo do que eu porque, entretanto, houve uma família que doava para a instituição roupa que queria levar uma pessoa para fim de semana, calhou ser a minha irmã e depois quis levá-la de vez (...)" " (...) minha irmã mais velha está na Arcil uma instituição na Lousã (...)"
L	" (...) estava com a minha mãe biológica (...) o meu pai nem o conheço e até tenho medo de conhecer (...) Ela teve quatro filhos e ficou com um (...)"	Monoparental	" (...) Fui abandonada pela minha mãe biológica (...) e ela era meio maluquinha (...) Ela tinha os filhos e deixava-os em casa da minha avó e a minha avó já tinha 16 filhos não tinha condições de me criar, foi por isso, fui para lá porque a minha avó não tinha condições para me criar (...)"	Abandono Problemas psicológicos na família Pobreza	

M	<p>" (...) Eu tinha uns pais que se envolveram na toxicodependência (...)"</p>	Nuclear	<p>" (...) Eu tinha uns pais que se envolveram com a toxicodependência, éramos dois na altura depois nasceu um terceiro (...) era difícil uma pessoa que vive dependente de drogas conseguir tratar adequadamente os seus filhos e chegou a uma altura que a assistência social interveio no sentido de nos dar uma melhor qualidade de vida. Fomos os dois para a Comunidade, o mais novo era demasiado pequeno, tinha acabado de nascer e foi para outra instituição, foi isso (...)"</p>	<p>Toxicodependência na família</p> <p>Pobreza</p> <p>Disfuncionalidade familiar</p>	<p>" (...) tenho um irmão que está na universidade, ainda não acabou mas conseguiu um bom emprego, esse entrou comigo na Comunidade (...) o mais novo era demasiado pequeno, tinha acabado de nascer e foi para outra instituição (...)</p> <p>O mais novo está cá mas como fez umas asneiras está numa instituição de correção por mais 6 meses e depois sai. Ele depois ficou lá sozinho, por sua conta, nós saímos os dois. Ele esteve lá no Colégio mais tempo do que nós (...)"</p>
N	<p>" (...) Os meus pai, tanto o meu pai tal como a minha mãe eram alcoólicos (...) não tinham possibilidades de nos ter (...)"</p>	Nuclear	<p>" (...) Foi pelo tribunal...o tribunal nos tirou ao nosso pai (...) O meus pais, tanto o meu pai tal como a minha mãe eram alcoólicos e, pronto não tinham possibilidade de nos ter. Éramos 5 filhos, somos 5 (...)"</p>	<p>Alcoolismo na família</p> <p>Pobreza</p>	<p>" (...) Estávamos a viver todos juntos e quando a gente foi para os Colégios separaram-nos a todos...eu por exemplo fiquei com a minha irmã mais velha, o meu irmão mais velho... eu sou a do meio, tenho um casal acima e um casal abaixo de mim...depois a mim e à minha irmã mais velha juntaram-nos. Ao meu irmão mais velho, meteram-no em Semide e aos meus irmãos mais novos meteram-nos no "Ninho". Quer dizer...separaram-nos completamente a todos (...)"</p>
O	<p>" (...) com os meus pais (...) somos cinco ao todo (...)"</p>	Nuclear	<p>" (...) Pelos pais que eu tive, que eu tinha. Pais pobres, bêbados (...) a minha irmã mais velha e o meu irmão mais velho. Eles foram acolhidos mas sofreram ainda. Sofreram do álcool, por isso têm uma pancada. Não sei, se o pancadão que eles têm é derivado do álcool... eu acho que não era ninguém...porque o meu irmão, o A...., ainda chegou a viver com o meu pai, depois dele ter morrido, ele era um coitado lá em São Martinho. Ele ia de pijama para o mato, não tinha aquela orientação de um adulto. Não sei se foi da altura...do motivo da morte, ele ficou um bocadinho (...)"</p>	<p>Alcoolismo na família</p> <p>Pobreza</p> <p>Problemas psicológicos na família</p>	<p>" (...) estive no Ninho dos pequeninos e as minhas irmãs estiveram em Cantanhede e depois chegando a uma idade temos que sair. Então elas foram...sairam da Cantanhede foram para a Comunidade, eu e o meu irmão, estávamos os dois no Ninho, como ele era mais velho estava na idade de sair, para eu não ficar sozinha fui com ele para a Comunidade (...) o meu irmão mais velho (...) está numa instituição, numa casa de apoio a pessoas necessitadas (...) meteram-no numa instituição e ele então está lá (...)"</p>

<p>P</p>	<p>" (...) Eu estava com a minha mãe, com os meus irmãos... com o meu pai... com toda a gente (...) um tem 25 e outro tem (...) 27 (...) e a minha irmã (...)"</p>	<p>Nuclear</p>	<p>" (...) eu vim para Comunidade porque eu fui violada pelo meu pai... e eu estava grávida (...) o meu pai fez a mesma coisa à minha irmã mais velha (...) se meteu no álcool, porque ele fez-lhe vários abortos (...)"</p>	<p>Maus-tratos</p> <p>Alcoolismo na família</p>	<p>" (...) Na instituição estava eu... que tinha ido primeiro, havia o meu irmão A... e havia o D... que estava com a minha mãe, que não havia lugar para ele na Comunidade. Então por opção, eu saí da Comunidade e pedi à [directora] para meter o meu irmão no meu lugar (...) conseguir tirar o meu irmão da cadeia (...) a minha irmã tem 39 anos e está num lar (...)"</p>
-----------------	--	-----------------------	--	---	--

1.2 Papel da família de origem				
Sujeitos	Antes	Período de acolhimento	Período Transição	Período actual
A		<p>" (...) A minha mãe ia (...) quando começou a ter condições eu ia passar os fins-de-semana, férias e feriados; ficava com ela e o meu irmão mais novo (...)"</p>	<p>" (...) Quando era para ser internado apareceram os meus tios da Suíça e propuseram-me ir para lá, que me ajudavam nisto e naquilo. Eu fui para lá e não me ajudaram em nada; davam-se mal uns com os outros, discutiam e era um mau ambiente (...)"</p>	<p>" (...) A minha mãe é a única família que eu tenho e ela nunca me abandonou quando eu mais precisei mesmo (...). Tenho com o meu irmão que foi para Luxemburgo, uma vez por outra; só mais nada. De resto tenho família mas não nos damos (...) consegui arranjar casa (...) e trouxe a minha mãe para o pé de mim para viver comigo (...). Não ia abandonar a minha mãe, ela só me tem a mim. Ela tem estado sempre ao meu lado, sempre, sempre (...). Eu era incapaz de deixá-la sozinha. Há aquelas pessoas que dizem: "já tens idade para viver sozinho, a tua independência, não sei quê". Só para provar às outras pessoas que sou independente vou abandonar a minha mãe que não tem mais ninguém? Acho isso uma estupidez. Uma coisa não tem nada haver com a outra (...)"</p>
B		<p>" (...) passaram-se natais, passaram-se Páscoas nem sequer um telefonema, isso conta para o futuro e no presente conta sempre (...)"</p>		<p>" (...) Sim mantenho, só que não vale a pena eles são como conhecidos e não como família (...). Eu e a minha irmã nunca tivemos uma relação muito próxima (...). Nenhuma, nenhuma. Sem dívida alguma não teve nenhuma – por acaso não – não me chateia minimamente nada, nem me sinto revoltado, só que não teve nenhuma (...). Se eu for a ver tudo o que eu tenho foi às minhas custas; acho que não tiveram peso nenhum sinceramente (...)"</p>

C		<p>“ (...) Quando eu estava na instituição quem me ia visitar, era a minha tia que estudava aqui, as outras como estavam longe, às vezes era muito complicado virem aqui. Mas aquela minha tia que estava aqui até ia visitar (...) Eu saía de férias, uma, duas semanas e depois acabou (...) Às vezes, passava um ano e ligavam no Natal, no dia de anos e quando eram três vezes era milagre ou era dar uma notícia ruim – fulano está doente ou fulano está no hospital fora isso não ligavam (...) Eu acho que foi um papel de espectador, não vou estar a enganar ninguém e muito menos a mim mesmo, foi um papel de espectador e o que acontece a muitas crianças que estão no Colégio, não digo que todas as famílias eram assim, a minha família era assim. Elas não eram os meus pais, eram as minhas tias e talvez por serem tias não se sentiram na obrigatoriedade de cuidar de mim (...) Era de espectador porque se não ligas ao teu sobrinho que está um ano inteiro num Colégio, quando ele vem de férias é que vais lembrar – Ah este é o meu sobrinho tem boas notas na escola, está a tentar estudar para isto (...) A minha mãe não ligava porque ela nunca soube o número do Colégio, quando soube era complicado, essas coisas de ligar de lá para cá, só agora, antes eram mais as pessoas daqui da Europa que ligavam para lá (...) minha mãe só conheci aos vinte e um anos porque nunca tinha regressado lá, quer dizer ela conheceu-me até aos dois anos, só que são irmãs que desapareceram nas crianças. Eu fui lá ao Senegal ver a minha mãe, o resto da minha família, os meus irmãos, só que o meu pai não cheguei a conhecer na mesma (...)”</p>		<p>“ (...) Eu tenho uma boa ligação com essa minha tia e uma boa ligação com a minha irmã, só que a conheci também por volta dos catorze anos. Ela vive no Canadá e veio aqui para me conhecer e a partir daí liga-me sempre que pode e fala comigo, mas liga-me pelo menos uma vez por mês, não de ano a ano como acontecia com algumas das minhas tias que estavam mesmo aqui ao pé de mim (...) Eu não conhecia ela, era tudo novo, ela já já me conhecia, ela tinha muito mais sentimento da parte dela para mim do que eu para ela. Eu já tinha desligado um bocado da minha família, já tinha mesmo, ninguém quer saber também não quero saber, se me procurarem eu procuro, se não procurarem, meu Deus, seja o que Deus quiser. Então, quando ela veio aqui para me ver, fiquei muito contente mas eu vi que ela estava mais ansiosa, eu às vezes adormecia ela queria me tocar e eu ficava assim, acordava, não assustado mas acordava e pensava – ela está a tocar-me mas porquê? - Depois compreendi o porquê, foi aí que ela me explicou, ela é que cuidava de mim, gostava muito de mim (...)”</p>
D		<p>“ (...) Sim, fui lá umas duas vezes, como sabe a viagem não é propriamente barata (...) no primeiro mês queria voltar para a Guiné, estava farto de Portugal, não era o meu mundo. E claro, foram-me incentivando, a família (...)”</p>		<p>“ (...) Sim, mantenho contacto, em média trocamos dois ou três vezes e-mails por semana, com os meus irmãos. Eles estão na Guiné, como sabe eu sou de família africana eu tenho para ai uns dezoito irmãos (risos). Um está em Espanha, outro agora vai estudar para Londres e outro está cá em Coimbra. Também mantenho contacto com eles, telefónico e por e-mail. Estão na Guiné (...) Eles não se preocupam muito ao nível escolar porque sabem como eu sou, eu próprio me preocupo (...) Preocupam-se comigo sem dívida nenhuma, mais com a saúde porque sabem que eu sou rigoroso comigo próprio ao nível escolar (...)”</p>

<p>E</p>	<p>“ (...) acho que o facto dele [o pai] não ter estudado muito, acho isso contribuiu para que ele não quisesse deixar que o filho fosse para a escola. Porque se fosse na situação do meu tio, certamente, já estaria formado há muitos anos e não estou a atribuir responsabilidades a ninguém, é o meu ponto de vista. A minha mãe também não se preocupava muito; eles não dão importância à escola e eu acho que, maioritariamente, nos países africanos os pais que não estudam não levam em conta, não se interessam se filhos vão ou não para a escola, para eles é-lhes indiferente (...) eu entrei muito tarde, por culpa dos pais, mais do meu pai (...)”</p>	<p>“ (...) Nos primeiros tempos, normalmente, ele [o tio] ia-nos visitar sempre, ele vinha da Guiné, de seis em seis meses ele ia lá visitar, ficava pelo menos um dia connosco a conversar sobre o que tínhamos feito, o que correu de mal, o que não correu, conversávamos todos e isso foi uma força (...) A minha mãe chegou fui a Lisboa vê-la, tipo fiquei de manhã e à tarde já me queria ir embora, já não estava à vontade porque já não falávamos bem, tinha dificuldades em olhar frente a frente, não sei, não sei isso ainda hoje acontece (...) Eu ia lá de férias duas semanas e não conseguia ficar lá duas semanas porque era muita agitação (...)”</p>	<p>“ (...) Fui viver com a minha mãe para Lisboa, foi muito complicado porque nunca gostei de estar em Lisboa (...) fui para lá e em menos de três meses já tinha ido para Londres (...) não sei, não sei se a situação com a minha mãe já está ultrapassada ou não porque há dias, agora têm acontecido situações um bocadito chatas, dela falar e pôr-se aos gritos, isso incomoda-me muito, prefiro não... gritar também fale baixo que eu não estou para ouvir aos altos gritos que eu estou aqui perto, coisas assim e ela não gosta diz que eu sou resmungão que eu sou isto e aquilo mas não é, acho que me habituei a estar no meu cantinho, sem agitação e acho que ela não percebeu essa mudança. Porque pensava que eu era aquele pequenino falador, muito agitado, acho que está a custar-lhe muito a encaixar essa situação, acho que isso nos vai levar a conflitos sempre (...)”</p>	<p>“ (...) Acho que foi um papel muito importante, pelo menos o do meu tio. Da minha mãe não digo (risos) mas também contribuiu, acho que se não fosse ela de certeza que não iria existir e devo um grande obrigado todos os dias. Mas quem contribuiu, quem sempre me deu força, influenciou e apoiou de todas as formas foi o meu tio (...) ele deve ser um segundo Deus para mim porque o meu pai faleceu e ele fez de pai, fez de irmão, fez de tio, fez de tudo e penso que ele não tem obrigação de fazer isso. Ele está a fazer isso porque quer ser solidário para comigo e para com os meus irmãos; acho que lhe devo um grande obrigado e, se tudo correr bem, espero um dia, não sei, não digo pagar-lhe mas ver os objectivos traçados serem concluídos para que ele se possa sentir – se realizado e satisfeito pelo esforço que tem vindo a fazer comigo até então (...). Há momentos em que me sinto muito triste e ele [o tio] dá-me sempre um empurrão, são momentos ultrapassáveis e são obstáculos que nós temos de enfrentar porque isso é uma batalha que não se pode deixar ir abaixo e acho que ele é o impulsionador dos meus objectivos, da minha caminhada até aqui e, certamente, irá ser por muitos anos se Deus quiser. Está na Guiné (...) Eu falo com ele [tio] com frequência por e-mail (...) com o meu irmão mais novo (...) agora já falamos porque já não há aqueles amigos que eu deixei no Colégio e eu vou lá já só para estar com ele e os outros mais novos e agora falamos mais de futebol, da escola falamos mais por mensagens e às vezes encontramos no Messenger (...) Acho que é muito mau eu estar muito tempo longe das pessoas de quem eu gosto, acabo por ficar muito fechado (...)”</p>
-----------------	--	--	---	--

F		<p>" (...) Eu sempre fui algo independente, não posso dizer que alguma vez tive dependência da família mas sei reconhecer que nos ajudaram durante o período que estivemos na instituição até mesmo depois de sair da instituição (...) Eu fui acompanhado durante as férias, tínhamos as férias que vínhamos passar com a família (...) sempre vim a Lisboa desde os dez anos, vinha passar as férias com a família, nas férias da Páscoa, do Verão, do Carnaval, no Natal, sempre passei bastante tempo em Lisboa nunca me afastei completamente de Lisboa. Meus tios, meus avós, vínhamos todos, vinha a minha irmã e o meu irmão, vínhamos passar férias a Lisboa (...) a minha mãe faleceu quando eu tinha catorze anos e com o meu pai mantive pouco contacto com ele desde os dez anos quando fui para a instituição (...)"</p>	<p>" (...) Sim, a família ajudou claro na parte financeira (...) Tive o acompanhamento muito próximo dos meus tios, muito do que necessitávamos eram eles que ajudavam. (...) as propinas eram a minha tia que pagava (...)"</p>	<p>" (...) depois de sair da instituição não tenho mantido contacto com ele [o pai] (...) Sim, tenho os meus tios do lado materno (...)"</p>
G		<p>" (...) Recordo-me que o meu pai veio cá mais no início, nos primeiros tempos. Ainda veio cá uma vez ou duas visitar. Também depois não se mostrou muito necessário. No Loreto ele ainda veio algumas vezes, em Bencanta, chegou a vir uma vez ou duas e foi mais porque aproveitou a boleia de alguém, vinham lá da aldeia para o hospital, a Coimbra (...) Vinha cá mais vezes um familiar meu que trabalhava na Fundação Bissaya Barreto e às vezes ele aparecia lá, estava cá e às vezes aparecia lá e levava-me uns rebuçados, umas bolachas (risos) umas coisas...mas de resto...visitas de família eram quase raríssimas...nestes anos todos....O meu pai...poucas vezes... Não... Muito raramente...À casa na Luis de Camões, acho que não veio ninguém. A partir de 84 já não veio praticamente ninguém. As últimas visitas foram a Bencanta. Também já havia telefones...já falávamos com muita frequência...não havia telemóveis mas já falávamos ao telefone (...) eu lembro-me que escrevia para os meus pais e eles respondiam, com alguma regularidade (...) la nas férias de Verão, férias da Páscoa, Natal...não havia dinheiro para mais (...) Eu gostava muito...e gosto da vida do campo...ia sempre todos os dias... de manhã com os meus pais para o campo (...) fazia todos os trabalhos agrícolas (...)"</p>		<p>" (...) a família embora tenha estado na rectaguarda, porque no fundo eu passei todos estes anos praticamente sem eles, se somássemos os tempos de férias, isto se calhar não daria sequer anos, somando as três instituições (...) somando as quinzenas de férias, isso daria pouco tempo, mas considero que naquilo em que a família se relacionou, interveio, esteve sempre bem. Nunca se opuseram a nada, nunca deixaram de me apoiar (...)"</p>

H		<p>" (...) O meu pai coitadito não digo nada porque ela quando me pôs lá o meu pai nem sequer sabia. Estas coisas é que a gente vem a descobrir ao longo dos anos; não achei correcto mas também o que é que eu posso fazer agora, não é? Entretanto os tios e os padrinhos apoiaram enquanto eu lá estive, iam-me buscar (...) ele às vezes ia lá à instituição. Eram raras as vezes que ele lá ia. Ao princípio quando eu fui para lá ele ia muitas vezes (...) tinha uma relação próxima com o meu padrinho, o irmão do meu pai, ele trabalhava mesmo ao lado do colégio, entre a Comunidade e a escola D. Dinis. Ao fim de semana, à sexta-feira, lá ia eu, saía da escola e ia ter com ele para passar o fim-de-semana. A segunda-feira trazia-me de manhã (...) era mais eu que vinha passar o sábado com o meu pai. A minha mãe era mais complicado (...) Eu costumava ir ao fim de semana lá a casa, almoçava com ele (...) depois quando comecei a crescer, a [directora] lá me deixava ir vê-lo; à minha mãe eu costumava ir vê-la ao trabalho dela (...)"</p>	<p>" (...) Quando sai fui para casa da minha mãe, era lá perto da Comunidade (...) a minha mãe tinha alugado uma casa e estive a viver com ela mas durou pouco tempo (...) foram muitos anos separados da minha mãe e o meu feito com o dela, no dia -a-dia, não dá. Ela tem uma maneira de pensar que choca com a minha, é totalmente diferente, não dá, não conseguimos. No princípio não custou, ou seja, ao início, foi tudo muito bonito não custou nada mas o dia-a-dia com a minha mãe, com o feito dela, foi se tornando cada vez mais difícil. Considero que foi mais difícil depois (...)"</p>	<p>" (...) Sim, continuo a falar com a minha mãe mas já não tenho muita ligação. Estou semanas sem a ver (...) Acho que a minha mãe não merece os filhos que tem, acho que não (...) A minha família não teve papel nenhum (...) O meu pai já faleceu faz 5 anos, ainda conheceu a neta. Gostava de ter esclarecido com ele coisas que agora já não posso fazer porque eu era induzida numa coisa mas afinal não era aquilo, lá está as tais ratoeiras da vida. Mas estou com os meus irmãos, com o meu irmão mais velho todos os dias, esse não o largo (risos), tem 24 anos mas não o largo e, com o pequenito, já estive mais (...) A família que tenho é da parte do meu pai mas relativamente falo com todos (...) ainda hoje tenho uma relação próxima com ele [padrinho e tio], já está assim para o velhote (risos) mas ainda lá vou para ele ver a B..., tenho um bom relacionamento com ele (...) os meus tios, irmãos dos meu pai, com eles sinto-me muito próxima porque ainda tenho muito convívio. De vez em quando faz um primo anos, lá vamos nós (...) a minha mãe não conhece ninguém também cresceu num colégio (...)"</p>
I		<p>" (...) durante aqueles anos em que lá estivemos ela foi lá, pelo menos 3 vezes, telefonava (...)"</p>	<p>" (...) [quando sai fui viver] Com a minha mãe (...) eu não conhecia a minha mãe. Os meus pais separaram-se eu tinha 7 anos. Foi difícil eu adaptar-me (...) As minhas grandes dificuldades depois de sair foi eu conseguir me adaptar à minha mãe (...)"</p>	<p>" (...) Com a minha mãe sim, com o meu irmão não. O meu irmão é uma pessoa extremamente revoltada. O meu irmão vê-me como uma fracassada...tenho bastantes críticas por parte do meu irmão (...) Ela tem ajudado, ela tem ajudado bastante com a menina e isso tudo mas nós chocamos (...) Posso dizer que a minha mãe não tem, não sabe realmente o que é ser mãe. Então o meu padraço e ela...é um bocadinho difícil conviver com eles (...) Eu gostava de ter tido uma família diferente (...)"</p>

<p>J</p>	<p>" (...) Quando eu fui para a instituição o meu pai estava preso, eu sofri bastante ao princípio, porque o meu pai era tudo para mim, muito mais que a minha mãe. É mau dizer isto dos pais mas é verdade. A minha mãe sempre nos criou alguns problemas familiares apesar de eu gostar dela na mesma. Mas o meu pai era o exemplo da vida para mim, exemplo da vida, então aquilo aconteceu...sofri muito na altura porque as pessoas assim que souberam da situação – oh então vais para um Colégio porquê? Se fosse outra criança acanhava-se eu não, eu dizia porque o meu pai matou o meu irmão e então foi preso – O teu pai matou o teu irmão? Deve ser um assassino! É assim, a imagem que eu tinha do meu pai era de um ídolo e as pessoas de repente diziam que ele era um assassino. É um choque tremendo para uma criança. A pessoa fica ali, e pensa o meu pai fez aquilo foi para se defender porque o meu irmão é que era mau, porque elas eram minhas irmãs e ele tentou fazer mal ao meu pai. Mas as pessoas não sabendo o que se passa por trás, não podem condenar uma pessoa. E foi isso, consegui sempre superar e pensava as pessoas não sabem o que estão a dizer porque quem passa por elas é que sabe. Eu que estava lá em casa, mesmo com 8 anos, sabia o que se passava e eles não sabem. Porque o meu pai pode ter muitos defeitos do mundo, todos têm defeitos mas assassino ele não era, assassino não era. Aquilo foi...aconteceu, pronto. Isso fez com que eu sofresse muito e chorava muitas noites, às vezes metiam-me de castigo e ralhavam comigo e eu não chorava por isso, chorava porque pensava no meu pai, era tudo assim. Eu ia visitar o meu pai uma vez por mês à prisão, era sempre muito doloroso para mim. Depois, passado um ano, é que a minha mãe soube onde é que eu estava porque na altura não lhe disseram para onde é que eu ia. Passado um ano ela foi para lá, tive muitos problemas com a minha mãe porque ela ia sempre lá criar confusão, houve vezes que até tiveram de chamar a polícia para ela sair de lá (...) Estive afastada da minha irmã, da que está na Arcil, 10 anos. Não soube nada dela. Depois de ter entrado para a Comunidade, não soube mais nada dela (...) Já foi há muito tempo...quando ele saiu eu acho que ainda estava na Comunidade. Ele esteve lá no Cidral, acho que 8 anos. Eu estive 13 anos no Colégio, por isso ainda estava na Comunidade quando ele saiu. Na altura, tentei ajudá-lo mas a minha mãe é muito complicada, não dá (...)"</p>		<p>" (...) Não teve nenhuma (...) O meu pai entretanto saiu da prisão. Ele está junto com a minha mãe. Só que o meu pai já está muito velhote, um homem que batia na mulher, agora se for preciso é a mulher que bate nele porque ele está xexé de todo. E a minha mãe continua a mesma de sempre (...) tenho mantido uma certa distância; sempre que tentei ajudar ou resolver alguma coisa eu acabo sempre por ser prejudicada ou por ser a má da fita. Então para parar de ter problemas comigo, por causa dos outros, afastei-me um bocadinho, até mudei o meu número de telemóvel. Isto há relativamente pouco tempo, há um ano para cá, mais ou menos, para ver se dão um bocadinho de descanso à minha vida porque se não... sempre moraram assim, sempre quiseram levar a vida deles assim e eu cheguei à conclusão que não sou eu que os vou mudar...tudo bem. Desde que, dentro do programa deles eles sejam felizes então deixa estar. Não sou eu que vou mudar (...) a minha irmã tem muitos problemas, não só psicológicos como físicos e eu não podia sustentá-la. Através de conhecimentos, de amigos que eu tenho, consegui pô-la na Arcil e ela está lá pelos vistos está bem, volta e meia vejo-a de relance, sem ela me ver a mim. Sei que essa está bem pronto. Dentro da maneira dela de viver essa está bem, não anda a passar fome, ao contrário da outra com os oito filhos (...) já não falo com a minha mãe há dois anos. Não sei desde que fui para o colégio parece que deixei de ter família, nunca mais soube de primos nem tios, só soube das minhas irmãs, mais nada. As outras tento manter uma certa distância, sei o que se passa com elas mas elas não sabem o que se passa comigo (...) Só tenho um relacionamento com a mais nova, neste momento (...) ninguém tem o meu número a não ser essa mais nova e eu já lhe disse, não lhe dá o meu número a ninguém. Prefiro saber por fora. Mas também evito saber porque se eu sei sofrer, não gosto de saber que o meu pai passou mal. O meu pai passou no Sobral Cid 15 dias e quando eu soube ele já lá estava há 15 dias, soube pela minha irmã, a minha mãe ligou e disse-lhe – Ah o teu pai está no hospital, vocês não querem saber dele – Não é não querer saber, eu cheguei lá mas a minha mãe não soube, eu fui lá e o meu pai não me conheceu, pura e simplesmente está xexé de todo e eu fiquei muito triste na altura porque... (choro) mexeu bastante, o homem que ele era e o homem que ele está, ele está completamente acabado e isso dói bastante (choro). Às vezes fico a pensar se não seria bom ele ter ficado preso toda a vida em vez de ter a vida que ele leva agora depois de ter saído da prisão. Porque lá ao menos era bem tratado e dava-se bem com toda a gente, ele comia e dormia, tinha a vida dele, a sua rotina (...).então eu tento afastar-me não é pelo meu pai, é mesmo pela minha mãe, tem de ser, o meu pai nem a neta conhece (choro), eu gostava que ao menos, antes e ele morrer, ele visse a neta mas não sei se tenho coragem de ir lá a casa deles (choros) para lhe mostrar a neta. Não sei, não sei. Porque a minha mãe é muito conflituosa, já me chateei com ela uma vez e não queria me chatear mais, não quero mais chateices, pelo menos com ela (...)"</p>
----------	--	--	--

L	<p>" (...) houve uma altura que ela [mãe biológica] tentou ligar para a Comunidade. Depois marcava e não aparecia. Eu desisti. E foi o meu irmão mais novo que disse -Olha desiste! Eu era a única menina, não a vejo desde os 7 anos. Aos 18 anos ligou-me e quando fiz 20 anos também porque já tinha a vida mais orientadinha, já tinha carro, andava a estudar, já trabalhava, ela ligou-me no meu aniversário eu nunca me esqueço porque veio com uma conversa (...) estou tão doente e agora quem vai cuidar de mim? E eu fui assim - o teu filho mais novo, tu ficaste com ele - E ela - Ai coitadinho, não tem nada - Eu disse-lhe - ele que lute, eu também não tenho as coisas de mão beijada E ela - Então e ninguém toma conta de mim? - E eu - Olha devias ter pensado nisso quando deixaste os teus filhos, não? - Ela disse - vou-me matar - No dia em que eu fiz 20 anos ela ligou-me e acabou o telefonema a dizer que se ia suicidar. Depois andou uns tempos que me ligava nas datas mesmo tristes, que era no Natal, na passagem de ano e eu atendia e ela acabava depois por desligar o telefone porque eu dizia-lhe - quanto mais mulher sou, quanto mais velha fico menos te percebo como mulher, como é que tu tens 1,2,3 filhos, ao menos tomavas precauções (...)"</p>	<p>" (...) A minha mãe biológica, nenhum. Vou ser sincera, nenhum (...) agora conheço-a já falo mas não me dou bem com ela, nem a chamo mãe (...) Dizia-lhe - Agora quanto mais mulher sou, menos te percebo porque nos abandonaste. Mas fizeste a tua opção, agora deixa-nos viver, temos que seguir a nossa vida, não te devemos nada (...) O meu pai não o conheço e até tenho medo de conhecer. Se calhar já devia ter procurado por ele mas o meu pai também sabe que eu estou em Coimbra, digo eu, se ele quiser que me procure (...). Mas com o resto... nem tento me envolver muito, É olá e adeus, não crio muitos relacionamentos com medo de me desiludir (...) Eu com a família biológica, dou-me bem, por exemplo, com os meus irmãos, tenho um irmão mais novo, uns meses, dou-me muito bem com ele, falamos quase todos os dias (...) Encontramo-nos, falamos-nos, ajudamo-nos (...)"</p> <p>Pais adoptivos</p> <p>" (...) Sinto-me mais próxima dos meus pais adoptivos, a minha mãe e com o meu irmão (...)"</p>	<p>" (...) Mantenho, a minha mãe acabou por falecer eu devia ter uns 14 anos, o meu pai continua na sua vida, não sei se bem se mal, ele chegou a ver a neta uma vez, ela tinha para aí 6 meses depois nunca mais mantive nenhum contacto com ele. Mantenho contacto com os meus irmãos, tenho um irmão que está na universidade, ainda não acabou mas conseguiu um bom emprego, esse entrou comigo na Comunidade, o mais novito está cá mas como fez umas asneiras está numa instituição de correcção por mais 6 meses e depois sai (...) Eu falo com os meus tios, com os meus primos que não vivem muito longe daqui. A minha tia vive mais longe mas sempre que podemos também falamos, com os meus irmãos também falo de vez em quando. A proximidade é mais ou menos relativa. A vida também é um bocadinho ocupada e quando se tem filhos já é mais difícil. Mas tento, dentro do possível, manter o contacto com eles (...) a minha mãe acabou por falecer eu devia ter uns 14 anos, o meu pai continua na sua vida, não sei se bem se mal, ele chegou a ver a neta uma vez, ela tinha para aí 6 meses depois nunca mais mantive nenhum contacto com ele (...)"</p>
M	<p>" (...) Os meus pais iam lá muito poucas vezes, quem ia mais era a minha avó e a minha tia. De resto não. Porque os meus pais... hoje poderia dizer que eles nunca lá iriam porque é natural com a vida que tinham, aquilo é como se fosse uma doença, não têm mesmo oportunidade ou possibilidade de o fazer, estão mesmo dependentes daquela situação e não fazem mais nada da vida senão ganhar para sustentar o vício (...) algumas férias, alguns fins de semana, passávamos com uma tia, iamos à praia, estávamos em casa dela, tínhamos sempre mais regalias, tínhamos computador, tínhamos jogos e televisão e o espaço era diferente. Mas ela sozinha também não podia fazer muito, porque só no Verão temos três meses de férias e ela tinha só quinze dias ou uma semana depois ficávamos no Colégio esse tempo todo sozinhos (...)"</p>	<p>" (...) Eu separei-me do pai dela fez em Fevereiro 2 anos e estive um ano e alguns meses com o meu tio (...) Se os meus tios não me tivessem acolhido a minha vida não era hoje o que é em muitos sentidos (...) a ajuda dos meus tios foi muito importante, ajudou-me porque eu estava com uma filha desempregada nos braços, não tinha dinheiro para pagar, não tinha nada. Nesse ponto ajudou-me bastante depois pude tomar outras decisões importantes. Sem dúvida que a ajuda dos meus tios foi muito importante, eu não tinha nada para lhes oferecer e eles acolheram-me e permitiram que eu ficasse o tempo que eu quisesse até organizar a minha vida (...)"</p>	<p>" (...) Mantenho, a minha mãe acabou por falecer eu devia ter uns 14 anos, o meu pai continua na sua vida, não sei se bem se mal, ele chegou a ver a neta uma vez, ela tinha para aí 6 meses depois nunca mais mantive nenhum contacto com ele (...)"</p>

<p>N</p>	<p>" (...) O meu pai não ia à instituição porque ele trabalhava durante a semana e ao fim de semana a gente vinha para casa sempre quando podíamos...A minha mãe foi visitar uma vez em Cantanhede (...) eu via o meu pai constantemente porque era perto...do Colégio a gente dava uma escapadela e íamos a casa... Era boa...claro contente. Todo contente sempre...eles sabiam que íamos a casa...nunca tive problemas... (...) Foi muito importante essas visitas assim (...)"</p>	<p>" (...) eu fui viver com o meu pai e vivi sempre com o meu pai até começar a namorar com o meu actual marido (...) eu quando fui viver com o meu pai eu já trabalhava, já ganhava o meu dinheiro e o meu pai sempre me pôs à vontade para tudo, até mesmo para conversar, para tudo mesmo...nunca tive problemas (...) essa fase da minha vida foi uma fase maravilhosa da minha vida porque nunca tinha vivido com os meus pais...quer dizer...com a minha família...até ele falecer (...) mais tarde é que tive uma relação ótima com o meu pai, a partir dos meus dezoito anos...melhor não podia ser (...) hoje em dia, muitas vezes, os filhos têm vergonha dos pais...também às vezes...mas eu não tinha...pronto pelo facto o meu pai ser alcoólico, não tinha de nada de me envergonhar disso (...)"</p>	<p>" (...) entre irmãos é ótima...ainda é hoje (...) entre a família alargada...isso então...nada (risos) Quando casei não convidei ninguém da minha família, a não ser um primo (...)"</p>
-----------------	--	---	---

0	<p>“ (...) a minha mãe faleceu tinha eu sete anos... e o meu pai ia lá só levar-me quando eu ia passar o fim de semana, ele ia lá levar (...) ouve um dia no Natal que ele apareceu lá, à noite, mas não entrou, ficou ao portão e depois foram-me chamar. E eu fiquei contente porque ele nunca tinha lá aparecido... e numa festa de Natal ele aparecer, eu fiquei contente e chorei. Ele depois foi-se embora e eu fiquei a chorar. Viram-me a chorar, a [directora] tirou logo conclusões erradas, porque o teu pai é mau, teu pai não te merece, nem procurou o motivo porque eu estava a chorar, não quis saber, foi logo assim...mas pronto. Nesse dia estive com ele, depois dele ter saído é que fiquei a chorar (...) eu queria ir a casa do meu pai não me deixaram. Os outros tam e eu não podia ir...porque o meu pai era bêbado e morava sozinho e parecia mal uma menina ir para casa do pai, embora tivessem lá os outros irmãos mas eram rapazes (...) deixou-me ir a casa do meu pai, quando estava lá a minha irmã, e depois houve um problema, que depois foi mentira, da minha irmã andar a dizer que andava grávida do meu pai...uma das minhas irmãs a mais velha, não é a C... é a outra, tem uma pancada e não era...e isso também chegou aos ouvidos da [directora] e já não fui a casa (...) É assim, eu adoro o meu pai, adorava o meu pai, ele também devia adorar, os filhos todos, quando ele não bebia tanto, ele fazia-me uma festa, havia alturas de eu ficar mal comigo mesma perante os meus irmãos (...) Enquanto eu estive no Colégio (...) morreu o meu pai, fazia-me falta a família (...)”</p>		<p>“ (...) Com todos. Estou sempre com todos. Ainda este natal estive. Convidei o meu irmão mais velho, que ele está numa instituição (...) Fui lá buscá-lo, depois fui a casa da C... mas antes tinha falado com a B...ao telefone (...) encontramos-nos todos, só não live com a B...mas pronto já tinha estado com ela (...)”</p>
---	---	--	--

<p>P</p>		<p>" (...) tive muito tempo sem ninguém me vir ver...muito tempo mesmo...vieram me ver...eu vim em Novembro...vieram me ver em Maio ou Junho, vários meses (...) não podia haver, porque ele estava a perseguir-me e não podia saber onde é que eu estava. Por isso eu não podia contactar a minha família (...)"</p>	<p>" (...) Nem negativa, nem positiva...como eu digo, a ligação que eu tinha era com os meus irmãos...era mais de educadora deles do que outra coisa. Com a minha mãe, tinha o papel de ajudar...pronto...não sei o que lhe dizer porque também não quero pensar nisso...não quero pensar (...) dos meus irmãos... eu no fundo sentia-me como se fosse mãe deles...como ainda hoje me sinto (...) a minha mãe...eu não culpo a minha mãe de nada...a minha mãe não me pode dar uma coisa que não teve não é? Ela não teve carinho...não me pode dar...eu não posso exigir dela uma coisa que ela não sabe o que é...é o que acho (...) as coisas estão totalmente diferentes (...) a minha mãe hoje...está completamente diferente...ela pergunta como é que estás? Estás bem? Mas isso aconteceu quê? De há dois anos para cá (...) O meu irmão está a viver aqui no Loreto (...) Está a viver comigo o meu sobrinho, o filho dele, um dos filhos dele porque os outros, duas entreguei para adopção através da comunidade e o outro está a viver com eles, este era maltratado e eu tirei, ficou comigo (...) sou tutora dele (...) o que ele precisa é minha responsabilidade, acabei de chegar de Penacova porque fui buscá-lo à escola (...) Já não vejo a minha irmã há quase dois anos (...) Sabe que (suspiro) eu já tenho estes dois mais novos às minhas costas. Depois entretanto apareceu o mais velho que estava a viver no Porto, apareceu cá em Coimbra, com a esposa, um filho de 3 anos para a gente cuidar e pronto, vou buscar a minha irmã para quê para dar mais problemas? (...)"</p>
-----------------	--	---	---

2. Nova Família			
Sujeitos	Constituição familiar		N.º filhos
A	" (...) Não (...)"	Não	-
B	" (...) Não, Não (...)"	Não	-
C	" (...) Engravidei a minha namorada (...) a minha filha vai fazer cinco anos (...)"	Sim	1
D	"Não, não, não (risos). A minha única família é a associação académica de Coimbra e a universidade (...)"	Não	-
E	" (...) Não (...)"	Não	-
F	" (...) Não (...)"	Não	-
G	" (...) Sim, o A...de 5 anos, o P...de 11 anos, a esposa tem 37 anos (...)"	Sim	2
H	" (...) Já (...) uma filha com cinco anos (...)"	Sim	1
I	" (...) Tenho a l... Namorámos durante dois anos e depois aconteceu a l... Ela não foi planeada, não foi (...)"	Sim	1
J	" (...) Já (...) uma filha (...) que eu gosto muito, que é linda de morrer (...)"	Sim	1
L	" (...) Não (...)"	Não	-
M	" (...) Já (...) uma mocinha. Já vai fazer 5 anos no Verão (...)"	Sim	1
N	" (...) Sim, marido e dois filhos. A L...de 4 meses e o C...vai fazer 5 anos (...)"	Sim	2
O	" (...) Há 8 anos (...) o meu filho (...)"	Sim	1
P	" (...) Sim, eu, o meu marido e a minha filha que tem 6 meses e mais um sobrinho que tenho ao meu encargo (...)"	Sim	1

Sujeitos que já constituíram família	
<p>Sujeitos</p>	<p>2.2.1 Representações sobre a educação dos filhos</p> <p>" (...) Não sei. À minha filha eu pretendo dar, não digo o melhor de mim mas pretendo dar o melhor possível. O que eu pretendo sobretudo é que ela seja uma criança que tenha sempre o pé na realidade. Eu acho que muitas crianças que vivem a vida num conto de fadas, que os pais fazem aquilo que é feio, tentam passar areia nos olhos das crianças porque a realidade é uma coisa completamente diferente (...). Mas à minha filha eu gosto de inculcar a realidade. Quando eu não tenho possibilidades de comprar uma coisa a ela, eu digo: desculpa filha mas eu não tenho dinheiro para isso ou não tenho possibilidades para isso, e ela diz – Ah mas eu quero aquilo! Mas tu queres, o pai não tem dinheiro! Não é querer ou não querer – não vou ficar a iludir a minha filha com coisas que não é possível. Às vezes ela brinca com a comida e eu digo-lhe – Olha eu nunca passei fome porque eu tive num Colégio (...) mas eu tenho os meus primos que estão na Guiné, que estão no Senegal, passaram fome. Eu já tinha uma ideia mas quando eu fui lá, eu fiquei parvo porque (...) a comida não digo que é contada mas é racionalizada (...). É isso que eu procuro ensinar à minha filha, não brincar com a comida (...). Porque não se sabe o dia de amanhã, se acontecer e ela tem de ficar comigo, ela vai ter de viver aquilo que eu vivo. É a realidade, eu não vivo a enganar (...). Eu digo sempre à mãe da minha filha se eu agora tiver um filho, a A... vai ficar em que plano? Ela tem uma madrinha e um padrinho e quando vai para casa dela, ela vem sempre muito mimada, eu não digo que é mau estar a dar mimos a uma criança, mas elas vivem naquela coisa que é um conto de fadas, vivem agarrados à minha filha, é tudo muito bonito, mas a realidade é esta, isso acontece muitas vezes e ela viveu isso no Colégio e sabe como é que é. Porque ela mesmo tinha sido adoptada, coisa que eu nunca aceitei e tentaram adoptar-me uma vez. Depois eu fui claro, eu tenho mãe, apesar de não conhecer a minha mãe e de não conhecer o meu pai. É muito bonito quando a crianças são pequeninas, é como se um cãozinho quando é pequenino é bonito quando chega a uma idade já está a morder e dizem – Ah! Este cão já é ruim! As crianças já não acontece assim porque é um ser humano mas quando vem outra criança, as coisas ficam complicadas para aquela criança porque o bebé passa a ter toda a atenção (...)"</p>
<p>2.2 Papel da nova família</p>	<p>" (...) Fiz uma grande asneira aos dezoito anos que foi ter engravidado a mãe da minha filha. Isso foi uma asneira, o mal está feito, não se pode voltar atrás (...). A minha filha tem muita importância para mim, mas eu não sei explicar, há aquelas coisas que as pessoas dizem: sou capaz de passar fome para dar comer à minha filha, dizem isso muitas vezes e eu fico a pensar, pois se tu passares fome, ficas doente como é que vais alimentar a tua filha? É isso que as pessoas não vêem, porque vivem nessa história (...). Eu jamais iria ter três trabalhos para dar cabo do meu corpo para alimentar a minha filha. Para isso eu prefiro ter um trabalho, mais ou menos, consigo me orientar a mim e à minha filha, estar psicologicamente bem do que ter três trabalhos ou quatro, não dava para pensar na minha filha, podia dar todas as coisas à minha filha. É isso que eu digo que é iludir e é ilusão, chegava aos trinta e seis anos estaria acabado de certeza. E é por isso que muitas pessoas vivem na ilusão, de iludir os próprios filhos eu não, eu jamais faria isso. Se eu fizesse dois trabalhos, é porque eu sabia que um trabalho é muito leve e o outro não é tão pesado, aí conciliava os dois. Agora o trabalho que eu faço, que é na copa, com o tempo que eu tenho para ir às aulas e fazer os trabalhos, pensar em arranjar outro trabalho, seria loucura. Eu nunca veria a minha filha e jamais acabaria o meu curso e aos trinta e seis anos já estaria todo partido (...). Eu agora vivo sozinho, vivo num quarto mas quando cheguei de França, estive outra vez um ano com a mãe da minha filha, voltamos outra vez a acabar, mas é assim a vida (...)"</p>

G	<p>" (...) eu tento que de algum modo eles sigam os meus comportamentos, de algumas coisas boas que eu fiz ou que aprendi na comunidade. Gosto que eles se relacionem com outros, se integrem em atividades fora de casa ou desportivas (...) tento de algum modo cultivar a sociabilidade, a convivência com os outros, a camaradagem. Esses valores todos que acho que se estão a perder hoje nos jovens (...) que não haja grandes desvíos (...) se não tivermos um pouco de controlo neles as coisas podem desviar-se (...)"</p>	<p>" (...) tenho os meus filhos...tenho a parte da família que é positiva e boa claro (...) a nova família não tem problemas...mesmo os meus sogros, apoiam muitíssimo, estão sempre a vir cá (...)"</p>
H	<p>" (...) Primeiro, tento não fazer o que a minha mãe fez comigo. Vou tratar da minha filha de maneira diferente. Há limites não podemos dar tudo e fazer tudo. Há limites e eu tento incutir-lhe ao mesmo tempo aquilo que me foi incutido a mim enquanto criança e jovem da comunidade (...) Eu quando estou a brincar com a minha filha eu sou pior que ela, o meu irmão é igual, adora a afilhada e então parecem dois putos, dois putos do infantilário. Mas também nós temos de ter essa parte, isso faz parte da vida, da família, nós temos de ter essa parte de criança para podermos...o que eu não tive da parte da minha mãe e do meu pai eu tento de dar a ela. E o tempo, apesar de não ser muito, o tempo que eu tenho é passado sem dúvida com ela (...)"</p>	<p>" (...) É muito bom, acho que não tem explicação (...) acho que ela é tudo o que me faltou, é ela agora (...) Sinto-me feliz (...) Estou com o meu marido há 12 anos, temos uma filha com cinco anos (...)"</p>
I	<p>" (...) eu queria dar-lhe um ambiente mais calmo, pelo menos um ambiente mais calmo. E quando estou chateada, nervosa, mais sifessada, tento não mostrar isso a ela. Mas ali em casa é impossível porque não dá para lhe dar estabilidade e paz de espírito que tanto eu e ela precisamos. Há discussões entre eles, gritos, baixo nível, ali já não dá, há falta de respeito. Não sei ainda mas vai ter de mudar, há qualquer coisa que vai ter de mudar (...) vou fazer por isso, eu vou arranjar uma solução (...)"</p>	<p>" (...) É imensa... é a minha alegria, a minha vida, é tudo (...)"</p>
J	<p>" (...) Eu agora já sou mãe e sei, tento transmitir à minha filha aquilo que eu não tive. Eu acho que isto é um processo um bocadinho duro porque eu tento dar à minha filha aquilo que eu não tive, se há alguém que não tem culpa são eles, não é? Não é estragá-los de mimos nem nada disso (...) eu vou tentar fazer com que nunca falte à minha filha aquilo que me faltou a mim (...)"</p>	<p>" (...) é a coisa mais importante que eu tenho neste momento (...)"</p>
	<p>" (...) ainda estava na Comunidade ela [irmã mais velha] já tinha cinco filhos eu tentei que as crianças fossem todas para instituições e consegi. Só que, entretanto, não chegou 1 mês para as assistentes sociais mexerem os cordelinhos e deram-lhe os filhos todos outra vez. Eu a partir daí disse não há justiça. As pessoas preferem que as crianças sofram do que tenham uma educação, como eu tive, neste caso. Porque eu partilho o meu exemplo, eu cresci num Colégio, foi a minha salvação ter crescido num Colégio. Eu acho que para os meus sobrinhos o caminho certo era esse mas não foi isso que aconteceu. Eu na altura fiquei um bocadinho triste com isso porque a menina, a mais nova, tinha 5 meses era muito pequenina, chegou a estar na minha guarda mas depois eu não podia, estava fora de questão. Mas pronto, não consegi fazer nada, até que eu decidi me afastar (...)"</p>	

<p>M</p>	<p>" (...) Procuo dar-lhe uma boa educação para que ela possa ter bons princípios, procuro ser uma mãe presente diferente da situação que vivi (...). Eu tento sempre compensá-la, às vezes, tento dar-lhe aquilo que eu não tive e ela não precisa porque ela tem fartura (...). Procuo dar-lhe bons princípios, uma boa orientação para que ela possa ter uma boa educação e ser uma pessoa bem formada (...). É uma grande responsabilidade, tendo em conta que eu nunca tive um percurso normal de vida (...)."</p>	<p>" (...) Acho que actualmente os desejos das pessoas é fazer a escolaridade, ter um curso, comprar casa, ter um marido e ter filhos. Acho que é o desejo de qualquer pessoa (...) a minha vida hoje é mais significativa sabendo que eu tenho uma filha que lhe posso dar uma vida melhor e que posso educá-la (...) estou separada do pai da L. mas mantemos uma relação normal. Um dos motivos que nos levou à separação é que ele empenhava-se demasiado nas tarefas dele e não dava tanta atenção à família. Acho que hoje é comum, no mundo em que vivemos. E, actualmente às vezes, só vê a filha uma vez por mês mas por opção própria porque ele pode vê-la sempre que quiser, pode fazer o que quiser, pode ir passear, ela pode lá dormir em casa, sem perturbar as actividades escolares dela; ele ocupou a vida dele demasiado com os seus próprios afazeres que às vezes não tem tempo para a filha. Trabalhávamos os dois, adaptamo-nos à nova situação em que tivemos de trabalhar para ganhar o nosso sustento, dentro dos possíveis as coisas foram resultando, só que depois eu engravidei da L. e achámos que era uma boa ideia, não víamos porque não, tínhamos empregos, tínhamos uma casa, não víamos nenhum problema. Só que eu acho que ele não estava preparado (risos), psicologicamente para assumir a responsabilidade de ter uma filha e isso fez com que houvesse grandes problemas entre nós. Correu tudo bem até a um certo ponto. Com os problemas financeiros começam a surgir os problemas entre o casal (...) entretanto, a L. nasceu, começaram a surgir mais problemas porque ele não aceitou bem, a criança rouba um bocadinho do pai, ele não aceitou bem, não partilhava devidamente as responsabilidades comigo porque como eu não trabalhava achava que eu devia de assumir toda a responsabilidade de cuidar dela, da casa e de tudo e ele só tinha de trabalhar fora; os problemas começaram a se agravar intensamente. Ele pensava que por eu estar desempregada e por ter uma filha nos braços, não ia para a frente e que podia fazer o que bem entendesse e até assumir um certo controlo sobre a vida. Até que surgiu uma oportunidade, acabei por me separar dele e fui fazer a vida de uma outra maneira, fui para a casa de uns familiares e mais tarde aluguei esta casinha e agora estamos aqui (...)."</p>
<p>N</p>	<p>" (...) Na minha experiência...o que eu tento dar aos meus filhos... principal é amor e carinho...aquilo que eu não tive e tentar dar o meu melhor, tentar explicar que a vida não é só...a gente querer...também temos de lutar para ter, porque a vida é difícil para toda a gente (...). tento levá-lo na linha...porque muitas vezes queria comer e não tinha comer e passava muitas vezes fome...não se pode estragar (...) para mim tem de ser...aqui em casa na hora do pequeno almoço tem de estar tudo à mesa, o pai pode trabalhar, entrar às oito mas eu tenho de estar à mesa com ele, acho que as horas de comer é quando a gente pode estar todos juntos é importante...isso nunca tive (...)."</p>	<p>" (...) É a minha fortuna (...). Foi a melhor coisa que me aconteceu até hoje, foi os meus filhos e o meu marido (...). Eu e o meu marido... Tivemos um ano juntos... comprámos a casa, depois fizemos a obra e depois viemos viver para aqui (...) tivemos de juntar dinheiro para fazer o nosso casamento. E quem acabou por pagar o meu pagamento foi o meu sogro...foi ele que pagou tudo (...)."</p>

O	<p>" (...) Tento dar muito amor ao meu filho. Se bem que eu acho que estou a estragá-lo com tanto amor (risos), com tanto carinho (...) Eu...tenho duas sobrinhas que foram adoptadas e eu sempre lutei com a minha irmã mais velha. Não deixes de ir vê-la, tu sabes o que é que sofremos numa instituição, tu sabes o que é que se passa. Já que passámos por lá temos que avaliar, se ela for para uma instituição, já temos uma ideia...tudo bem que há mais instituições, pode não ser da mesma forma mas podem ser ainda piores. E era uma coisa que eu não gostava para mim. Tanto que lutei com esta última sobrinha, a filha dela, lutei com ela, para ela ficar com a miúda, consegui que ela ficasse com a miúda mas ela pôr tudo a perder e depois foi para adopção novamente, mas pronto, antes para adopção...mas também na adopção há casais que tratam bem como tratam mal, isso é como tudo. E assim, se fosse um filho meu...se eu fosse necessitada, se tivesse um filho em risco de ir para uma instituição eu não deixava, não deixava mesmo, lutava para ficar com ele (...)"</p>	<p>" (...) Tem muita importância (...) Também tive de lutar, por causa do meu casamento, por causa da sogra. A minha sogra parece ter uma tendência para os rapazes, para os proteger (risos) e tive de lutar um bocadinho contra ela e quando nasceu o meu filho também. Houve uma situação que eu emagreci 10 quilos, assim de repente, por causa dela. Ela ficava com ele porque aqui a creche é só a partir dos 3 anos. Como não tinha creche, ela ficava-me com ele. (...) consegui e sempre a lutar com ela porque ele, na casa dela, era chocolates, era rebuçados, era tudo e mais alguma coisa e eu dizia para não dar, para não dar. Chega-me aqui, estávamos a almoçar, aparece logo com um chocolate, e eu... não lhe dê.. E o pai dizia, não dê's mãe. Mas não porquê? Vocês só dão ouvidos aos médicos. Mas não dê não sabe que ele tem esse problema, não pode. Não pode o quê? Eu saltei da cadeira e disse mas ele não vai comer, não vai comer... Arranjámos aqui uma discussão, que ela chegou-me a dizer, tu não és mãe, tu não és nada...O quê? Olhe com quem você veio falar. E eu disse-lhe, graças a Deus que eu sei tomar conta de crianças e não venha nem você nem ninguém dizer que eu não sei ser mãe, porque graças a Deus estive numa instituição... ai gabo-me por saber educar crianças...porque eles estavam com febre éramos nós que íamos para as urgências com eles. Uma vez fui até com uma mais velha, fui de madrugada para as urgências e vim sozinha num táxi que eu vinha (...)"</p>
P	<p>" (...) É assim a educação que eu tive eu acho que aprendi um bocado comigo. Na minha casa o que havia era berros e pancada, depois na comunidade, ensinaram-me algumas coisas como é evidente, mas foi no dia-a-dia que eu fui aprendendo...o que devia fazer... que não devia fazer (...) porque é que eu devia fazer isto e porque é que eu não devia fazer aquilo...porque a mim nunca ninguém me disse isto está certo e aquilo está errado. Eu tive de aprender sozinha e eu acho que eu estou a tentar transmitir o melhor possível...mas também é muito cedo para dizer estas coisas (risos) (...)"</p>	<p>" (...) Papel muito importante. É assim eu vivo para eles e sinto-me bem. Eu sinto-me bem a chegar a casa e ter o meu marido à minha espera e preocupado por eu estar bem, se eu ando mais triste ou mais nervosa, ele está preocupado comigo, está sempre a telefonar, pronto e com a minha filha...só o sorriso dela...já me alegra não é? (...)"</p>

Sujeitos que ainda não constituíram família	
Sujeitos	2.2.1.Representações da educação a dar a eventuais filhos
A	<p>" (...) Primeiro vou tentar que nunca façam coisas que eu fiz; dar uma boa educação. Eu acho que, principalmente agora, os pais dão muita liberdade aos filhos. No meu tempo, não é que tenha sido há muito tempo (risos) éramos maiores aos dezoito agora é aos dezasseis. E vê-se coisas na rua, à meia-noite por exemplo, miúdas de treze e catorze anos. Eu acho que hoje em dia é um abuso de: tabaco, álcool, discotecas; é tudo e mais alguma coisa. Há muita liberdade hoje em dia (...)"</p>
B	<p>" (...) Pela minha experiência a maior parte das coisas que a gente tem de fazer, na altura, é damos educação; temos de ser rígidos, não muito. Mas uma das coisas que, se calhar, não podemos fazer é controlar demasiado. Dar mais liberdade para que eles não sejam obrigados a esconder as coisas; se nós demos liberdade a eles, não muita, liberdade também trás responsabilidade. Com liberdade eles não vão fazer as coisas às escondidas de nós e acho que isso é a melhor coisa; dar um bocadinho mais de liberdade do que o sistema educacional de hoje (...)"</p>
D	<p>" (...) A ideia praticamente não passará de aplicar aquilo que eu vi e aquilo que eu aprendi ao longo dos anos. Eu acho que a educação de um filho parte do princípio dos próprios pais. A partir do momento em que os pais tiverem o princípio do bom senso, acho que os filhos conseguirão adoptar esse estilo, sem dúvida nenhuma. É isso que eu pretendo. Estudar muito (risos), estudar muito, principalmente o objectivo escolar (...)"</p>
E	<p>" (...) Sei lá, dedicar-me ao máximo a eles, fazê-los entender porque é que as coisas são assim e saber ouvir eles, levar em conta o que dizem e comparar o que passei. Apesar dos tempos já não serão os mesmos certamente, mas irá servir sempre para fazer uma comparação (...)"</p>
	<p>2.1. Intenção de constituir família</p> <p>" (...) Mas penso, tenho namorada; ela ainda é casada mas já está separada; vive em casa dos pais. Os papéis já entraram mesmo, divórcio está em andamento. Eu penso em ter filhos só que olho à minha volta; é complicado. Está cada vez mais difícil a vida. Por vezes penso e a minha namorada pensa da mesma maneira: pôr uma criança no mundo como este, às vezes, eu acho que é um pouco cruel. Se eu não tenho muitas condições, eu tenho condições, não posso dizer que sou pobre, pobre. Eu trabalho para ter o que tenho mas considero que não tenho muito. Se eu acho que não tenho condições porque é que eu hei-de ter um filho? Para viver ainda mais condicionado? Um dia mais tarde quem sabe; a vida a dois talvez proporcione (...)"</p> <p>" (...) Sim, acho que sim. Só que na nossa perspectiva ter uma família é um bocadinho mais caricato pela experiência que eu passei; pela experiência que nós tivemos. Para ter família ou ter filhos – não é assim! Tem de ser bem pensado, nós termos filhos para irem para uma instituição não vale a pena, não é? (...)"</p> <p>" (...) O meu próximo objectivo é acabar o curso. Ao fim de ter a minha estabilidade financeira e não só, poderei vir a pensar nisso. Porque é assim, eu não vou estar a pensar numa coisa para a qual eu não estou preparado. Para sustentar o próximo preciso de ter condições para me sustentar a mim próprio primeiro e ver se tenho condições para sustentar o próximo. Não fazer por vontade própria ou por querer, tem de haver condições mínimas para tudo (...)"</p> <p>" (...) Eu penso, mas preocupo-me mais em criar condições para mim e para os meus irmãos, só depois a minha família. Acho que não tendo condições para os meus irmãos, acho que seria, não digo péssimo, mas mau estar a criar família e não pensar nos meus irmãos em primeiro. Mas se tiver de acontecer, não seja por isso (...)"</p>

F	<p>“ (...) Não tenho particularmente um ideal definido para uma educação porque a educação não se pode definir um plano e aplicá-lo a uma criança quando ela nasce. É um ser humano, só por aí tem muitas variáveis. Não, não pensei nem tenho particularmente ideais de educação. Eu tinha os meus irmãos mais novos, o meu irmão, sempre cuidei dele, mudei-lhe as fraldas, vesti-o e dei-lhe banho enquanto estive na instituição portanto encaro aí uma preparação para um possível filho que possa ver a ter. Não vejo nada em particular porque isso irá reflectir-se segundo o meu carácter, nas circunstâncias e experiências que os meus próprios filhos depois irão ter (...)”</p>	<p>“ (...) Não penso neste momento, tem de ser com metas. Não neste momento (...) Não, projecto de vida, não diria projecto de vida, porque um projecto de vida é demasiado idealista, não.... Alguns pontos, que não pode chamar projecto é a vontade de cada pessoa é a vontade de constituir família, casar. Mas não tenho nenhuma ideia feita, realmente quero constituir família, quero ter filhos no futuro mas não...acho que isso é uma parte...são pequenas metas que pretendo obter mas nada planeado (...)”</p>
L	<p>“ (...) Eu vou ser mãe galinha, vou ser mãe galinha. Deve ser aquela coisa, dar aos filhos aquilo que eu não tive. Vou ser mãe galinha, quase de certeza (...)”</p>	<p>“ (...) Eu sei lá. Isto está tão caro (risos) (...) assusta-me um bocado (...) Gostava de ter uma família, gostava de ter dois filhos (...) Eu lembro-me de namorar e de acontecer uma gravidez inesperada no nosso círculo e do meu namorado ficar preocupado, eu disse-lhe – tu só vais ter um filho quando eu achar que tu tens capacidades para o sustentar (risos) e vais ter que o pedir – Há precauções, os filhos não caem do céu, também há acidentes mas não acredito muito nisso, se uma mulher souber prevenir, há médicos. Eu nunca quis ter filhos, sempre me preveni, mesmo sem ter namorado sempre tomei a pilula, sempre me preveni, porque não quero ter um filho sem poder dar-lhe...se calhar pelo que eu passei, por causa do que eu vejo. Há casos piores (...) agora tenho aquele bichinho que não tinha, este ano o instinto maternal, o relógio biológico está a começar (...)”</p>

3. Outros

Sujeitos	Período de Acolhimento	Período de transição	Período Actual
A	<p>Relação íntima “ (...) na altura, uma pessoa pensa que é o amor das nossas vidas. Há coisas que nos distraem (risos) e uma pessoa gosta de namorar e essas coisas todas e começamos a esquecer um pouco os estudos (...)”</p>	<p>Amigos do lar “ (...) na minha vida agora e desde que me tornei responsável eu considero esses meus amigos: a I...e o A.... eles deram-me a mão... estive a viver em casa desse irmão da I....No meu caso eu consegui [trabalho] por intermédio da I...que também foi residente na Comunidade (...) Sempre me ajudaram e continuam em tudo, em tudo o que eu preciso. Ajudam-me e não pedem nada em troca, são verdadeiros amigos, foram mesmo e de que maneira! Muito mesmo! Eu já estava há muitos anos sem os ver, sete anos (...) começámos a sair os dois outra vez (...)”</p> <p>Relação íntima “ (...) Pensava que era um homem e que estava preparado para a realidade e não estava (...) acabei por arrendar uma casa; eu mais a tal rapariga. Ela também era de lá e acabou por sair de lá também. As coisas não correram bem (...) Acabámos por nos separarmos; tive uma depressão profunda (silêncio), tentei o suicídio; foi uma complicação (...)”</p>	<p>Relação íntima “ (...) hoje tenho namorada (...) uma pessoa que amo (...)”</p>
	<p>Amigos do lar (...) Fiz lá muitas amizades (...)”</p>		

<p>B</p>	<p>Amigos do lar “ (...) Há duas pessoas, um casal Suíço. São amigos da Instituição. Na altura eu tinha catorze anos, eles levaram-me de férias para a Suíça, pagaram-me várias coisas, pagaram-me um curso na Cambridge School (...) Eu acho que identifiquei mais essas pessoas como meus pais do que a minha própria família porque eles ajudaram-me muito (...) Acho que foi o único apoio que tive foi o dessas pessoas gostarem de mim (...) pagaram-me explicações de matemática. Foi um apoio, um grande apoio; foram pessoas que eu sempre gostei desde miúdo. Aliás pela primeira vez na minha vida senti estar numa família; ter um pai e uma mãe (...) Sempre me apoiaram (...) acho que sim, foram estas pessoas que me deram mais apoio, tanto monetário como afectivo, do que a minha própria família (...)</p>	<p>Amigos do lar “ (...) Houve lá um motorista da Comunidade, ele alugou-me a casa e arranjou-me o quarto, durante uns anos. Na altura não lhe paguei a renda do quarto mas depois quando arranjei emprego, paguei-lhe tudo (...)</p>	<p>Amigos do lar “ (...) actualmente ainda mantemos ligação (...) ainda hoje mantemos contacto (...)</p>
<p>C</p>			<p>Amigos do lar “ (...) A maioria são amigos, tal como eu costumava dizer alguns chegam a ser mais minha família que alguns membros da minha própria família, só que é diferente, foram pessoas que eu passei mais tempo junto do que com a minha família. Sim, colegas do Colégio. Há um deles que é o meu grande amigo agora está em Lisboa, ele vai tentar voltar novamente para Inglaterra, esteve lá dois anos, voltou para resolver umas coisas, esse é o meu grande amigo. Quando eu tinha os meus doze, quinze, vinte anos falava com ele (...) ainda falo com ele na Neto, escrevo o que eu sinto ou que deixo de sentir, quando aquilo já está a estourar, eu aí tiro tudo o que tenho para dizer e digo para ele (...)</p>

D	<p>Amigos fora do lar</p> <p>" (...) Lembro-me do pessoal da minha turma do 7.º ao 9.º ano (...) foram pessoas que me marcaram mesmo ao nível de apoio social (...) levavam-me a todos os sítios que eles iam, perguntavam – me se eu queria passar fins de semana, convidavam-me para ir com eles (...)"</p>	<p>Amigos fora do lar</p> <p>" (...) Saí, aluguei um quarto, a casa era de um amigo, a renda não era assim tão elevada, ele conhecia a minha situação, compreendia a situação e as coisas foram-se resolvendo (...) Não, não, era um amigo completamente externo (...) Há um amigo, colega de trabalho, nós criámos laços e eu aprendi muito ao nível do trabalho e ao nível da vida. Porque ele já esteve a estudar na União Soviética, na altura, as coisas estavam complicadas. Expliquei-lhe as minhas dificuldades, ele tentou abri-me os olhos, comparando o que se passava lá e o que se passava cá em Portugal. Para ele Portugal era uma colónia de férias, comparando os problemas, as dificuldades que ele teve lá e as que eu estou a ter, não se comparava praticamente nada. Fora da família é essa pessoa (...)"</p>	
E	<p>Relação íntima</p> <p>" (...) [quando frequentava o curso profissional]. Eu vivia sozinho e houve um dia que me deu vontade de pegar nas minhas coisinhas e ir embora porque estava sozinho; lá não se passava absolutamente nada, às sete da tarde não saía ninguém e eu não conhecia ninguém; era um sítio onde as pessoas de cor...tipo olhavam diferente, não me sentia à vontade com a situação e queria ir embora. Lembro-me de uma namorada que eu tive chamada C., telefonei para ela e expliquei que estava lá mas que por dentro queria ir embora, ficámos a falar quase a noite toda, o saldo dela acabou eu fui carregar o telemóvel e sei lá, no dia seguinte acordei, pensei muito no que ela me disse, o facto de ter ido até lá, que não devia de voltar atrás, não é a melhor solução voltar para trás, e às vezes fico a pensar e acho que ela ajudou-me muito porque se calhar se não fosse ela eu teria abandonado, não sei. E já não fui embora, ela ajudou-me (...)"</p>		
F	<p>Amigos fora do lar</p> <p>" (...) Fora, quando sai da instituição estive a viver numa residência com cento e vinte quartos portanto onde tínhamos cento e oitenta pessoas; fui criando também algumas amizades nessa residência e na própria universidade. Mais na residência do que na universidade, o facto de estar na residência e ter mais</p>	<p>Amigos do lar</p> <p>" (...) Sim tenho uns amigos que fui criando na instituição, dos quais alguns deles ainda mantenho contacto (...)"</p>	

		<p>gente, esse espaço que existe em nós, na nossa vida, para amigos ocupei com as pessoas da residência e não propriamente com os colegas da universidade (...)"</p>	<p>Amigos fora do lar "(...) Claro que mantenho o contacto os que eu tenho agora, parte deles, foram constituídos nessa residência (...) Os amigos (risos), o papel dos amigos, acho que é o mesmo papel na maior parte das pessoas mais na área da convivência, de sair à noite. É importante para isso, por isso é que se chamam amigos. Para confidentes e desabafar digamos em momentos mais difíceis não porque como eu já disse sou fechado e eu reservo-me e não sou desse tipo (...)"</p>
<p>G</p>	<p>Amigos fora do lar "(...) era amigos da escola, era quase que uma vida dupla. Tínhamos grupos no liceu. No 12.º ano participei nas associações de estudantes, quase na direcção, envolvi-me muito, não sei porquê mas foi já nos últimos anos que me comecei a meter nessas coisas porque escrevia bem e estavam sempre a pedir – olha! Escreve aqui um texto aqui para isto ou para a campanha e depois acabaram-me por me meter lá e depois na faculdade foi (risos) um desastre porque não me largavam para essas coisas mas foi aí que começaram essas minhas andanças por grupos e o associativismo. Na universidade em que conheci muita gente, entrei em muitas situações, projectos, em grupos e eu acho que esses foram os melhores anos (...)"</p>	<p>Amigos fora do lar "(...) Uns daqui da ACAPO e outros fora... eles são muita vezes o suporte do nosso dia-a-dia, podemos partilhar quando estamos tristes e alegres, partilhar essas situações, a camaradagem, a cumplicidade, uma série de coisas (...)"</p>	<p>Amigos do lar "(...) tive e muitos ainda os conservo, daí a importância que eu acho que a Comunidade teve (...)"</p>

H

Amigos do lar

" (...) Fiz amigos, aprendi a valorizar os amigos na Comunidade (...) uma empregada, uma das senhoras que lá trabalhava que eu hoje até trato por mãe adoptiva...essa funcionária me dava mais apoio. Às vezes aos fins-de-semana ia à casa dela, tinha mais ligação com ela (...) as minhas "madrinhas" (...) costumavam mandar dinheiro para a viagem eu apanhava o comboio e elas iam esperar. No fim-de-semana ia ao cinema, ia à praia, eram coisas diferentes que fazíamos. As madrinhas surgiram porque a [directora] foi a um programa de televisão (...) lembro-me que disseram para quem quisesse ser madrinha ou padrinho de bolsa verde, padrinhos que mandavam todos os meses 25 euros e tinham um relacionamento com as crianças da instituição. Eu nesse dia ganhei duas madrinhas, não tinha nenhuma e acabei com duas (risos) (...) acontecia a minha madrinha mandar (...) quando mandava o vale com os 25 Euros (...) ela mandava dinheiro à parte para mim. O V. separava x dinheiro é para S... (...) era muito importante porque nós não tínhamos dinheiro, davam umas mesadas mas depois começou a ficar negro e deixaram de dar as mesadas (...)"

Relação íntima

" (...) o meu marido, na altura namorado, já trabalhava e (...) às vezes ia passar o fim-de-semana à casa do meu namorado (...)"

I	<p>Relação íntima</p> <p>“ (...) o que me marcou mais foi quando eu tive o meu primeiro amor. Namorámos muito tempo, uns 3 anos mas nunca tivemos envolvimento sexual, nunca, só beijos, mais nada, nunca tivemos mais nada. Mas eu gostava muito dele (...) Após ter falecido esse rapaz eu, passados pelo menos uns dois anos, comecei a namorar com um rapaz de lá que era mais velho, muito mais velho que eu, ele era até funcionário de lá. Namoramos pelo menos seis anos. Mas foi importante porque ele apoiou-me bastante, acho que durante aqueles anos todos ele foi a minha família, foi a minha mãe e o meu pai (risos) (...) pensámos em fazer a vida juntos mas não deu certo porque depois ele começou a demonstrar o que ele era no fundo (...) começou a beber muito e a dar-me maus tratos, chegou a queimar-me com o cigarro e a puxar-me o cabelo (...) foi o meu maior incentivo para fugir de Coimbra senão eu tinha ficado por lá (...)”</p>	<p>Amigos fora do lar</p> <p>“ (...) Até agora tenho uma amiga mas posso dizer que é amiga, falo com ela, ela aconselha-me. Foi até engraçado, a gente conheceu-se no Hospital Amadora Sintra, eu estava com uma depressão porque estava cansada, tinha acabado de sair do trabalho e estava extremamente cansada. Ficámos com o contacto uma da outra, ela também tem uma filha, vive mais ou menos nas mesmas condições que eu. É também mãe solteira, vive na casa dos pais, a filha dela também tem a mesma idade que a minha, às vezes vem aqui à minha casa, vamos as duas com as miúdas ao parque (...)”</p>	
---	---	--	--

J

Amigos do lar

" (...) Nós fizemos amigos no Colégio. Eu tive ligações muito fortes (...) quando eu tinha 9 anos, mais ou menos, a assistente social que me pôs na instituição foi com uma senhora amiga fazer um tratamento a Condeixa e antes de regressarem a Águeda, porque eu era de Águeda, lembrou-se – Olha deixa-me ir à instituição ver umas meninas que eu pôs lá, e essa senhora foi com ela. Essa senhora gostou muito de mim, logo à partida e perguntou – Ah não queres vir comigo passar o fim-de-semana? Eu disse que queria e comecei a ir com ela um fim de semana, umas férias e para mim, hoje essa senhora, eu acho que ela merecia o altar mesmo porque ela é um coração aberto para ajudar seja quem for, não é só a mim. Ela ajudou-me bastante (...) Eu considero ela como uma tia para mim. Não é uma mãe porque ninguém substitui a nossa mãe, eu penso assim, mas é uma tia. Era importante... eu penso assim, cada criança tem uma maneira de pensar. Eu tinha verdadeira consciência que ela não era minha família mas era alguém que me queria bem, que me tratava bem, alguém que eu gostava. Porque havia crianças, pelo que eu via lá, que consideravam as pessoas boas aquelas que davam chocolate ou que são isto ou dão aquilo. E eu não era assim. Para mim as pessoas boas são as pessoas que me queriam bem, que me queriam educar, mesmo que me desse um ralhete, eu já estava habituada a isso. Eu também era muito reguila quando era criança. Então se há pessoa que eu considero que foi muito importante no meu progresso no Colégio foi esse casal lá em Águeda (...)"

Amigos do lar

" (...) Eu quando sai não fui viver sozinha, na altura, sai para ir viver para casa de um casal que até mora aqui perto, ali ao pé do continente, que actualmente são os meus padrinhos de casamento. Também estiveram lá na Comunidade, ela era professora, estava lá destacada e eu tive um relacionamento muito forte com ela e acabamos por ter ligação mesmo depois dela ter saído de lá. Na altura em que eu pensei em sair da instituição, ela propôs eu ir para casa dela um tempo até eu conseguir me orientar. Estive lá só meio ano (...)"

Amigos do lar

" (...) e ainda hoje ela [madrinha baptismo] me ajuda bastante. Eu considero ela como uma tia para mim. Não é uma mãe porque ninguém substitui a nossa mãe, eu penso assim, mas é uma tia (...) e a minha madrinha de casamento, são pessoas com quem eu posso falar tudo, a minha madrinha é a primeira a apontar o dedo se eu estiver errada (...) optei por sair de lá e fui para casa dos meus padrinhos até arranjar outra coisa melhor. Só que entretanto, os meus padrinhos como não têm filhos, os filhos morreram eu fiquei lá, não pago renda, acabo por fazer companhia a eles porque eles não têm ninguém, ajudo-os no que for preciso. Não pagando renda eu vou me safando aqui, pensei eu assim (...). Ainda este mês foram [padrinhos baptismo] à minha casa estiveram a almoçar lá e tudo, têm uma filha da minha idade que também uma filhota um mês mais nova que a minha, são coincidências mas nós mantemos sempre contacto, apesar de Águeda ser uma distanciazinha, volta e meia vou lá e eles vêm cá. Acho que é muito importante, continuar assim (...). Ainda hoje eu tenho amizade com pessoas com quem vivi (...) vamos a casa umas das outras mas pouco mais (...) nunca deixamos de ter contacto com ela...nunca consegui me afastar das S... porque foram pessoas que considero da minha família porque cresceram comigo, andámos na escola, fomos do mesmo quarto, partilhávamos as mesmas asneiras, tudo... são como se fossem minhas irmãs (...)"

L	<p>Relação íntima “ (...) Tive um namoro de três anos na Comunidade, aí amadureci muito tarde. Sei lá, parecia-me, eu agora ri-me com a situação, mas a namorar com ele eu não via mais ninguém, a minha vida acabava ali. Parecia que tinha casado (...) Eu dizia sempre, se um dia tu acabares comigo, eu nem ponha a hipótese de ser eu a acabar com ele, foi o que acabou por acontecer (risos), no dia dos meus 19 anos, hoje somos amigos na mesma. Mas fui muito dada, se calhar fui depressa demais nessa relação (...) na altura procurava também uma fonte de segurança (...)”</p>	<p>Amigos fora do lar “ (...) Apoiava-me mais nos amigos, eu sou uma pessoa muito desconfiada. Não sou uma pessoa de me abrir (...) sou um pessoa muito fechada e quando estava com um amigo, preferia contar as coisas a um amigo ou dois do que ter alguém que não conhecia de lado nenhum e i-lhe contar, desabafar (...) amigos que arranjei na escola de hotelaria e no trabalho (...)”</p>	<p>Relação íntima “ (...) quando uma pessoa precisa de falar é o namorado (...)”</p>
M	<p>Relação íntima “ (...) Eu cresci e aquilo a que me agarrei foi à minha relação que eu tinha com o pai dela (...) Nós começámos a namorar mais ou menos com 14,15 anos, nunca pensei que fosse nada sério mas manteve-se a relação e houve alguns percalços até que chegou uma altura que nós vimos que aquilo era mais sério (...)”</p>	<p>Amigos fora do lar “ (...) Eu conheci umas pessoas muito interessantes que se chamam testemunhas de Jeová...ganhei uma grande família, pessoas da organização são meus amigos. Reunimos para conviver, vamos ao cinema, às vezes deixo a minha filha com eles para poder passear, há um certo grupo de pessoas com quem eu me identifiquei. Há uma senhora que por volta das três horas vem estudar comigo. Para mim ela é como se fosse uma mãe, ela deu-me aquilo que eu precisava, não dinheiro mas o apoio espiritual, a orientação, o carinho, tudo o que uma pessoa precisa para saber viver. No fundo ela ensinou-me a ser um pouco mais mulher, mais responsável, deu-me carinho e afecto. Posso sempre contar com ela em todas as ocasiões (...)”</p>	<p>Amigos do lar “ (...) Ainda mantemos o contacto. Ela [jovem da instituição] vive em Coimbra. Ela foi sempre assim uma base (...) tenho uma outra amiga que eu conheci lá na Comunidade, uma senhora Holandesa que fazia voluntariado, actualmente ainda mantenho contacto com ela. Em princípio nas férias do Verão vamos lá passar uma semana ou duas com ela, ela está grávida vai ter um bebe, antes mantínhamos contacto por carta, agora, mais por Internet e são essencialmente essas pessoas lá de Coimbra com quem eu mantenho contacto (...)”</p> <p>Vizinhos “ (...) tenho o meu vizinho que falo com ele (...)”</p>
	<p>Amigos do lar “ (...) Ninguém (...) não tinha ninguém a quem eu pudesse recorrer quando tinha problemas. Era mais nós, amigas, a A... era uma grande amiga (...)”</p>		

<p>N</p>	<p>Amigos do lar “ (...) tive poucos mas também tive, havia uma rapariga que era muito minha amiga que morreu, era muito doente, também se veio embora sem ninguém saber. Eu nunca fui ao funeral dela porque eu gostava de recordá-la como se ela tivesse hoje viva...primeiro era uma grande amizade que nós tínhamos. Ela era muito doente, ela fazia os tratamentos e a gente passava muito tempo (...)”</p>	<p>Relação íntima “ (...) eu fui viver com ele a gente pensava em fazer uma vida (...) sai com o tal rapaz e com a irmã e fomos viver para São Martinho (...) a irmã dele já tinha saído e acho que tinha alugado uma casa, aqui em Fala, a gente decidiu vamos, pronto, foi mesmo assim, foi de cabeça mas depois (...) Eles é que pagavam a renda, naquela altura eu tinha esse apoio não precisava (...) a gente éramos novos só que não deu, não deu (...)”</p> <p>Amigos fora do lar “ (...) sempre tive, os senhores da loja, até os meus patrões, sempre se aprontaram, quando o meu pai morreu e tudo (...)”</p>	
<p>Vizinhos “ (...) tinha amigos, amigos vizinhos. Quando estávamos no Colégio eram eles que nos iam visitar (...) Estes vizinhos eram muito importantes (...)”</p>	<p>Vizinhos “ (...) amigos vizinhos (...) os filhos, a família deles, dessas pessoas (...) A senhora é como se fosse uma mãe para mim. Sempre foi. Depois da minha mãe morrer, o meu pai vivia ao pé dessa senhora, e essa senhora, eu ainda vivi com ela, depois do meu pai morrer, um ano e pouco (...)”</p>	<p>Vizinhos “ (...) ainda hoje tenho uma grande amizade por esses vizinhos...eles são como se fossem meus irmãos hoje em dia. Frequentamos a casa uns dos outros...juntamo-nos de vez em quando (...)”</p>	
<p>O</p>	<p>Vizinhos “ (...) a minha vizinha de São Martinho e os filhos também, enquanto estivemos lá (...) sempre nos ajudaram (...) Ela é uma segunda mãe para os meus irmãos, para mim não considero tanto (...) A filha dela também teve os problemas dela e ia para a Comunidade para o pé de mim, para espaiar um bocado (...)”</p>	<p>Amigos fora do lar “ (...) Tenho o meu colega P... Da primeira vez que eu fui para lá, contei a minha história toda. Ele não foi ao meu casamento porque no mesmo dia tinha uma irmã a casar também (risos), foi ao baptizado do R... Eu vou à casa deles, eles vêm aqui quando há festas de anos ou assim (...)”</p>	<p>Amigos do lar “ (...) ainda continuam hoje. A O..., a S...M..., de vez em quando vejo-a também mas quem vejo mais é a O..., essa é que ficou uma amiga para sempre. Ela foi ao meu casamento, vem aqui a casa. Ainda esta semana, na segunda-feira estive com ela (...) até hoje, tanto amiga foi lá dentro como amiga foi cá fora. E quando eu preciso ela apoia-me. Dar uma força, quando a filha dela nasceu eu fui lá, quando me abraçou a ela chorei, e o meu marido – é uma chorona! Não fales nisso que ela chora – mas deixa estar, ela chorar, ela precisa de chorar. Eu sei que com ela posso contar (...) De lá de dentro mais ninguém (...)”</p>

		<p>Amigos do lar</p> <p>“ (...) Eu quando sai da Comunidade fui para a casa dela (...) a minha madrinha ajudou-me sempre (...) Para mim não foi difícil porque eu fui para casa de uma pessoa que gostava de mim e de quem eu gostava também. Fui para casa de uma família que me acolhia já há muito tempo. Para mim não se tomou difícil (...)”</p>	
	<p>Relação íntima</p> <p>“ (...) Eu era uma menina chorona, era uma menina triste. Eu passei essa dificuldade com o meu namorado na altura, porque ele apoiava-me, ajudava-me. Eu se tivesse que chorar...eu contava-lhe as mágoas e chorava (...) acho que foi quando comecei a namorar, ter ali uma pessoa sempre ao meu lado. Acho que me levou a superar isso (...) o vir passar os fins-de-semana, parece que não, mas aliviava-me porque eu falava com a irmã dele também. Tanto que ela dizia-me que eu à noite sonhava e chamava a minha mãe (...)”</p>		
	<p>Amigos do lar</p> <p>“ (...) As coisas boas é as amizades que se constrói lá (...) tive amigas (...) A O... porque foi uma criança como eu. Ela quando entrou no Colégio eu já lá estava, mas ficámos amigas desde aí (...) estava lá sozinha no Colégio, eu chorava muito, eu ouvia músicas, chorava. A O... é que me apoiava, porque a história da O... é mais ou menos do meu género, só que a dela é um bocadinho mais trágica, acho eu. Mas de resto, dá para comparar uma com a outra (...) conheceu uma senhora numa festa de Carnaval e comecei a ir passar os fins-de-semana (...) os [padrinhos] estiveram sempre comigo, nas horas boas, nas horas más (...) Quando o meu pai morreu estiveram sempre presentes (...)”</p>		<p>Vizinhos</p> <p>“ (...) a filha dela [vizinha] (...) estamos sempre juntas também (...) hoje essa senhora é minha madrinha de casamento (...)”</p>

		<p>Amigos fora do lar</p> <p>" (...) os amigos, por exemplo os meus colegas da pastelaria, ajudaram-me imenso. É o que eu digo, às vezes só o conversar (...) Esses amigos eu conheci depois de sair, fui construindo uma amizade. Também as amizades passam por altos e baixos (...) No meu casamento, foram os meus amigos. Eu acho que nesse dia só vai mesmo os amigos, é o que eu acho. Eram importantes porque se calhar me davam aquilo que eu precisava, carinho e atenção (...) Uma amiga minha que eu fiz desde que eu fui para a Vénus, um mês ou dois depois ela andava a fazer compras comigo para a casa, louças e essas coisas. Começou assim, ainda hoje é minha amiga e uma outra mocita que também, pronto, é a minha melhor amiga e vai ser a madrinha da B... que eu conheci através da pastelaria e que mantemos a amizade até hoje e pronto (...) Os meus irmãos ajudaram. Eu sempre trabalhei para as mesmas pessoas que trabalho hoje (...) Foi muito importante trabalhar para estas pessoas, foi muito importante na minha vida, senão das coisas mais importantes porque são pessoas que me ajudaram sempre, sempre. Quando eu falava que era revoltada, estas pessoas compreenderam-me e, de uma certa maneira, começaram a me ajudar (...)"</p>	
P	<p>Relação íntima</p> <p>" (...) namorava com um moço que também pertencia à Comunidade (...)"</p>	<p>Relação íntima</p> <p>" (...) fui para um quarto viver [com o namorado], onde nos mantivemos durante um ano e pouco, entretanto...depois passámos para uma casa (...) Foi a minha tábia de salvação. Penso que foi isso...acho que foi (...)"</p>	<p>Amigos do lar</p> <p>" (...) tenho amigos que trabalharam lá, mantenho contacto com essas pessoas que eu disse da Alemanha, com o T...com a M..., quando eles vêm cá vem visitar (...)"</p>

Período não identificado

L	<p>Pais adoptivos</p> <p>" (...) quem me ajudou foi foram os meus pais adoptivos (...) Os meus pais ajudaram-me sempre (...) os meus pais estão lá para ajudar, a minha mãe não tinha obrigação, os meus pais não tinham obrigação nenhuma, sempre me ajudaram em tudo (...)"</p>
---	--

Anexo 4- Grelha de Análise das Entrevistas

IV- Escola- Trabalho

1. Percorso escolar e profissional			
Sujeitos	1.1 Escolaridade à saída do lar	1.2 Escolaridade Actual	1.3 Profissão actual
A	" (...) Estava no 10.º ano e tinha pensado em tirar um curso de Hotelaria (...) desisti a meio do 10.º ano (...)"	" (...) Actualmente, tenho o 9.º ano (...)"	" (...) sou empregado de balcão (...) numa pastelaria (...)"
B	" (...) Eu quando sai tinha o 12.º ano do técnico-profissional (...) O curso tecnológico que tirei foi informática e gestão (...)"	" (...) E estive a tirar o Bachelato (...) Na universidade de Aveiro era Eng.ª informática, mas como não está acabado! (...)"	" (...) estou no departamento de informática da Staples, faço formação e dou suporte aos sistemas de informação (...)"
C	" (...) Quando comecei a chegar ao 9.º ano deixei-me um bocadinho de agarrar nos livros depois disse não vou estar a perder o meu tempo a fazer o 12.º ano normal e fui para a ARCA que era aquilo que eu dominava e na Arca não estudava, tirava as minhas notas e sai de lá com uma média de dezasseis, era raro estudar (...) Tirei o curso profissional de Cerâmica na Arca (...)"	" (...) Fui para Bragança tirar Eng.ª Civil, era um curso que eu não gostava (...) Cheguei a entrar em Arquitectura em Lisboa (...) voltei a deixar (...) Estou a tirar o curso de Arte e Design na ESEC, estou outra vez no 1.º ano (...)"	" (...) É a tempo inteiro (...) na copa, na cozinha (...) sou trabalhador – estudante (...)"
D	" (...) Depois do 9.º ano fui tirar um curso profissional em Mortágua, o curso em sistemas de informação (...) Após ter acabado o curso (...) entrei em Gestão na primeira opção, na Faculdade de Economia (...)"	" (...) No plano antigo, estarei no 3.º ano, com Bolonha só saberei no fim do ano lectivo (...)"	" (...) Arranjei um part-time que actualmente ainda o faço e estudo e ainda tenho tempo para estar meido na vida académica da universidade (...)"
E	" (...) até ao 12.º ano (...) acabei o curso técnico profissional de gestão e organização de empresas (...) em Tábua (...)"	" (...) quando acabei o 12.º ano eu fui para Londres, estive lá a fazer o curso de inglês durante oito meses mas depois tive de voltar, voltei só o ano passado em Junho, fiquei lá praticamente quase dois anos (...)"	" (...) Estou à espera dos meus documentos assim que acabarem eu vou embora para Londres (...) vim agora porque tenho de tratar da minha naturalização, já meti a dez de Setembro e possivelmente sai este mês ou em Abril e espero voltar para lá, para fazer o exame em Agosto e iniciar a faculdade em Setembro o curso de Gestão. Quero seguir mesmo (...)"
F	" (...) No 12.º ano parei um ano (...) estive a trabalhar, tirei a carta de condução, comprei um carro, ganhei alguma liberdade monetária e depois regresssei para acabar o 12.º ano (...)"	" (...) neste momento tenho o 12.º ano e a frequência universitária (...) Eu vim para a Universidade, entrei em Eng.ª Informática no ISEL (...) Faltam-me dois anos para acabar a licenciatura mas, nesta altura, também já decidi não estou interessado em tirar um curso na área de Eng.ª Informática, tão técnica, vou mudar de curso brevemente, não vou terminar Eng.ª Informática. Ainda não tenho a decisão tomada, como é óbvio, desde que comecei a trabalhar não tenho frequentado o ISEL, tenho pago as propinas somente...ainda não tenho a decisão tomada, tenho de ver ainda, tenho de analisar (...)"	" (...) eu trabalho para uma multinacional americana, Axent, uma consultora, estou na área da implementação de sistemas de informação onde tenho estado com projectos de SAP, é um software para pequenas e médias empresas para gestão das próprias empresas tanto a nível logístico, financeiro, tudo. Como empresa de consultoria trabalhamos em projectos, vendemos projectos para outras empresas e integramos equipas de projecto onde implementamos esse tal programa de gestão (...)"

G	" (...) o primeiro curso que fui...entrei logo (risos), entrei em Coimbra em História (...) Acabei o curso em 1988, tive um ano de estágio, em 1990 foi quando eu comecei a trabalhar, ainda estive na Comunidade algum tempo e a trabalhar, talvez um ano (...) tinha 22 quando entrei e acabei com 26 anos (...)"			" (...) Professor de História, embora neste momento eu já não dou aulas há uns 14 anos, sou técnico superior de educação, trabalho na DREC, é mais um serviço de retaguarda de apoio às escolas (...)"
H	" (...) Eu frequentei o 12.º ano mas não acabei. Aquilo é feito por módulos, fiz os módulos todos, cheguei ao 3.º ano, faltava-me dois. Estava num curso profissional de Recepção e Atendimento na Escola Profissional de Penacova mas não fez a PAP (Prova de Aptidão Profissional) (...) Quando eu sai da instituição estava no último ano (...)"	" (...) Inscrevi-me na Avelar Brotero para ficar com o diploma de 12.º ano (...) queria ver se acabava com as Novas Oportunidades (...)"		" (...) Sou empregada de balcão. Trabalho na área da restauração (...)"
I	" (...) No colégio fiz o 6.º ano e fiz um curso profissional de encadernação mas foi o curso mais horrível que eu tirei até hoje (...)"	" (...) Agora estou a terminar o 9.º ano nas Novas Oportunidades (...)"		" (...) estes últimos anos trabalhei sempre no ramo da hotelaria como empregada de mesa (...) [desempregada]
J	" (...) Fiz o liceu e depois tirei o curso de hotelaria. Como esse curso era de nível III tive equivalência ao 12.º ano (...)"	" (...) Eu ainda tinha um módulo por fazer e já estava fora da Comunidade e até consegui acabar (...)"		" (...) candidatei-me logo ao lugar de chefe e não de um funcionário normal e fui aceite logo como tal. Entrei na empresa logo como chefe (...) sou chefe de loja, numa loja são 8 pessoas, noutra loja são 11, ao todo são 19 pessoas (...)"
L	" (...) estava no 11.º ano (...)"	" (...) Tenho o 12.º e o nível IV do curso tecnológico de Gestão Hoteleira (...)"		" (...) Trabalho num restaurante (...)"
M	" (...) estava a meio do 12.º ano (...)"	" (...) Determinada como eu sou achei que isso não podia continuar e achei que tinha de tirar a carta de condução e que tinha de acabar 12.º ano. Foi o que eu fiz, já tinha a L. quando acabei o 12.º ano, quando tirei a carta também (...) quando acabei o 12.º ano (...) acabei, tirei um curso de técnica administrativa, consegui acabar com uma boa média, média de 19 (...) curso de gestão e administração (...)"		" (...) trato da parte administrativa da empresa, recebo a correspondência e dou o devido tratamento. Passo as facturas e recibos, controlo os pagamentos, faço serviços externos em Câmaras, bancos e correios (...)"
N	" (...) fiz até ao 6.º ano, 7.º incompleto (...)"	" (...) Inscrevi-me na José Falcão mas não dava...era para continuar o 7.º ano, continuar a estudar (...) estou a tirar um curso da CEAC de esteticista eu adoro (...)"		" (...) agora estou desempregada, despedi-me. Antes era empregada de balcão que eu adorava, num café (...)"
O	" (...) no 10.º Ano (...)"	" (...) eu estudei até ao 10.º ano (...) deixei os estudos (...)"		" (...) a pastelaria onde estou hoje, já lá estou há 8 anos (...)"
P	" (...) Na comunidade fiz o 2.º ano à noite, num ano, o 6.º ano (...) Eu fiz o 6.º ano na comunidade à noite (...)"	" (...) Sai da comunidade e tirei o 9.º ano em 2004, no CRVC da escola de hotelaria, em 3 meses fiquei com o 9.º ano (...)"		" (...) Sou empregada de balcão estou responsável por um turno, por tudo o que isso implica, desde gerir produtos até gerir pessoal (...) tenho uma empresa de limpeza...trabalho na pastelaria e tenho uma empresa de limpeza...Eu já faço isto há 5/7anos (...)"

Sujeitos	1.4 Condição de aluno	1.5 Dificuldades no percurso escolar
A	<p>“ (...) Na primária era bom aluno, era muito bom aluno (...) era muito bom a matemática, mas depois a máquina de calcular estragou o esquema todo, estragou tudo. Quando era de cabeça, era um espectáculo! mas a partir da máquina de calcular deixei de querer saber, depois deixei de querer saber mesmo da matemática. E uma pessoa sem a matemática não faz nada (...) No 5.º ano (...) no primeiro período tinha cinco negativas, no segundo três e no terceiro uma. Eu fazia as coisas assim. Eu estava mal, agora olhando, eu sinto que estava mal. No 6.º ano a mesma coisa, no primeiro período muitas, no segundo menos. Eu dizia à [directora] – não se preocupe que eu recupero – Eu fazia sempre a mesma coisa; chumbei no 8.º ano; não conseguí recuperar por uma negativa; só por uma não conseguí, tinha de aprender. Ela disse faz-te bem chumbar uma vez para aprenderes (...) Em termos de estudos comecei a afastar-me um bocadito (...)”</p>	<p>Escola e formação “ (...) fui tirar um curso, no centro de emprego, de reparação de viaturas; bate chapas. Só que era de nove meses, não serve para nada, tinha de ser três anos, mas era o que havia e eu sujeitei-me aquele (...)”</p> <p>Relações interpessoais “ (...) Tive o azar de ser sempre o mais novo da minha turma. No 5.º ano eu tinha dez/onze anos mas a maior parte da minha turma tinha dezassete/dezoito anos; eu era o mais novo. E, às vezes, uma pessoa ao querer dar-se com os mais velhos e fazer as coisas que eles faziam, não foi o melhor para mim (...)”</p>
B	<p>“ (...) sempre gostei de estudar nunca tive grandes problemas (...) Sempre gostei da escola, nunca tive fobia às aulas nem nada disso (...) Eu por acaso não chumbei nenhum ano (...)”</p>	<p>Trabalho e estudo “ (...) a maior parte das vezes é complicado nós termos de pagar renda e quem está a trabalhar não pode ter bolsa, quem não tem bolsa tem de pagar propinas; sinceramente não quis. Tive que desistir; automaticamente desisti. No primeiro ano fiquei fora e tive de voltar para a instituição porque não entrei no exame nacional e quando estava cá fora tentei mais uma vez e consegui. Só que depois não queria dizer que não, mas tive mesmo de largar aquilo (...) Passei por muitas dificuldades, porque eu estava sozinho e tive de pagar parte dos estudos, por isso é que eu tive de desistir também da faculdade (...) Eu sempre gostei de informática mas eram muito caras as propinas e eu também estava a trabalhar; tinha de ir para lá, pagar propinas não valia a pena. Não entrei em Coimbra e para o ISEC era mais complicado, tinha mais custos (...)”</p> <p>Escola e formação “ (...) falhei uma vez no exame nacional e automaticamente fui convidado a sair, tirando isso a comunidade não corta as asas a ninguém para quem quiser estudar (...)”</p> <p>Relações interpessoais “ (...) Quando cheguei fui para o ciclo (...) o miúdo olhava para nós como se fôssemos... sei lá... não sei. Na altura era miúdo (risos). Isso agora mudou um bocadito. Éramos um bocadinho diferenciados mas havia muitos do Colégio e não ligávamos a isso. Mas as pessoas olhavam para nós com um bocadito de descriminação, pouco, mas olhavam, pela maneira como a gente se vestia porque a Comunidade não tinha posses (...)”</p>

<p>C</p>	<p>“ (...) Por acaso quando era miúdo sempre tive boas notas, tinha excelentes notas mesmo (...). Desenrascava-me bem (risos) eu tinha boas notas, só que (...) o facto de nós vivermos todos juntos e tínhamos aquele vício de: “Ah vai chamar fulano e vamos jogar à bola”, quantas vezes eu dizia não vou jogar à bola depois pensava “não, eu tenho de estudar, eu tenho de estudar” mas acabava sempre por sair. Era preguiça que toda agente apanha depois de ter tanta gente à volta acaba por ser puxado mas sempre me desenasquei à mesma na escola (...). Quando comecei a chegar ao 9.º ano deixei-me um bocadinho de agarrar nos livros depois disse não vou estar a perder o meu tempo a fazer o 12.º ano normal e fui para a ARCA que era aquilo que eu dominava e na Arca não estudava, tirava as minhas notas e saí de lá com uma média de dezasseis, era raro estudar (...).”</p>	<p>Psicológicos</p> <p>“ (...) Na altura também andava a sentir pressões mas houve pouca gente que se preocupou com o que eu podia estar a sentir (...) senti-me mesmo muito sozinho. Como nós vivíamos aqui no Colégio todos juntos, eu mesmo até aos dezasseis anos era já mais velho de casa e tinha no quarto quase sempre duas pessoas, enquanto que havia mais velhos que tinham no máximo uma pessoa e até alguns deles ficavam sozinhos no quarto. Não digo que sentia necessidade de ter alguém ao lado mas sentia aquela necessidade de ter um amigo, bastava ter um amigo meu, não digo que tivesse crescido comigo mas que fosse do Colégio eu já me sentiria à vontade. Eu senti-me lá muito sozinho, muito mal; é uma fase que acho que deixo logo, não digo que apago da minha memória porque nada apaga. Estive uns três meses, fugi mesmo, vim embora (...) eu, chegado a um ponto, explodo, deixo tudo ir embora e não me interessa, quer esteja no trabalho ou na escola; foi o que eu fiz, deixei. Penso que se calhar foi isso que me safou senão tinha entrado em depressão e andava aí mesmo feito um doídimho (...) deixei a escola, deixei o trabalho mas são escolhas que a gente faz mas não estou arrependido (...)”</p> <p>Relações interpessoais</p> <p>“ (...) na escola havia coisas que eu não queria ver; só depois de começar a ver ganhei uma certa maturidade. Havia pequenas coisas que dependem da sociedade não tem nada a ver com o Colégio (...). Assim que me chamavam negro eu reagia logo, era agressivo logo nessas coisas (...)”</p> <p>Trabalho e estudo</p> <p>“ (...) saí de Bragança e fui para Lisboa (...) Chequei a entrar em Arquitectura em Lisboa, só que tinha pouco tempo (...) trabalhava e estudava. E aquele curso era um curso que rouba muito tempo ao estudante, ao aluno, acabei de desistir mesmo só por isso. Senão a esta hora estava lá a tirar o curso (...) era um trabalho que ocupava o dia todo. Eu saía às oito do trabalho e ia directamente para a escola, depois chegava à uma da manhã ao Barreiro porque a minha tia morava no Barreiro; tinha de acordar outra vez às seis (...) Esta era a minha rotina. Acabei ficando mal do estômago porque alimentava-me mal, uma série de stress, de mês a mês tinha de vir aqui a Coimbra, arranjava quatro dias e ficava com a minha filha. Andei assim um ano, depois perdi a cabeça e deixei a escola, deixei o trabalho (...)”</p> <p>Escola e formação</p> <p>“ (...) Quando vim tinha passado para o 8.º ano (...) só que na altura a Guiné estava em guerra, nunca mais sabia o resultado, acabei por fazer o 7.º ano (...)”</p>
<p>D</p>	<p>“ (...) Nunca chumbei (...) era normal, era um aluno médio (...) nunca foi um bom aluno e nunca fui um mau aluno, enquanto estive na instituição nunca chumbei, tinha notas minimamente satisfatórias (...) excepto o ano passado na faculdade, que chumbei (...) ao nível escolar (...) eu sou minimamente responsável, sei quando devo estudar e quando não devo estudar. Se houver duas cadeiras para fazer e se eu fiz só uma é porque fiz gestão para não tentar fazer as duas e chumbar as duas, escolhi uma só para conseguir passar no recurso, e no outro ano tentar fazer a outra cadeira, como já aconteceu (...)”</p>	

		<p>Psicológicos</p> <p>" (...) eu pus na minha cabeça, que estava a ficar velho que não tinha tempo nem capacidades para entrar para a universidade (...) Depois do 9.º ano fui tirar um curso profissional em Mortágua, o curso em sistemas de informação (...) Após ter acabado o curso com vinte e um anos achei que não aprendi nada e que tinha capacidades para mais e aí avancei, entrei em Gestão na primeira opção, na Faculdade de Economia (...)"</p>
E	<p>" (...) Considero que me esforcei muito, desde que comecei ainda não chumbei, até ao 12.º ano (...) nunca chumbei e passei sempre sem negas e tentei ajudar as pessoas que lá estavam. Na altura quando cheguei havia pessoas com dois anos de diferença de estudo, consegui apanhá-los e passá-los (...)"</p>	<p>Escola e formação</p> <p>" (...) vim com o 6.º ano mas depois tive de repetir (...)"</p>
F	<p>" (...) Sempre tive boas notas, razoáveis, sempre passei de ano, não chumbei (...) sempre me dei bem na escola, sempre fui um dos melhores alunos (...) Quando cheguei ao secundário, tive no 11.º ano, tomei a opção de parar um ano, chumbar de propósito algumas cadeiras para poder repeti-las no ano seguinte para aumentar a média (...)"</p>	<p>Relações interpessoais</p> <p>" (...) Depois do primeiro dia de escola tínhamos estudo e havia lá muita gente que estava lá no Colégio e que não conseguia; não me sentia à vontade ao pé deles e preferia estudar sozinho por mais que não percebesse preferia do que estar lá a enfrentar aquilo tudo (...)"</p> <p>Trabalho e estudo</p> <p>" (...) Não foi especialmente fácil. Eu vim para a Universidade, entrei em Eng.ª Informática no ISEL (...) comecei a trabalhar (...). Se tivesse tido apoio se calhar as coisas seriam bastante diferentes, não teria necessidade de ter ido trabalhar. O rendimento seria superior, não teria de trabalhar, não teria de fazer noites de sextas e sábados à noite, não me obrigaria a faltar às aulas segunda-feira de manhã porque me deixava tarde no domingo e tinha o horário trocado, não sei, isso é premeditar também. Podia ter concluído mais o curso, podia ter acabado o curso ou não mas isso mais uma vez é... são circunstâncias (...)"</p>
G	<p>" (...) Tinha boas notas e por isso, o primeiro curso que fui, entrei logo (risos) (...)"</p>	<p>Relações interpessoais</p> <p>" (...) Recordo-me de ter a experiência de ir à escola mas como tinha dificuldades em ler para o quadro não fui bem aceite (...) Não sei... não me recordo... (risos) realmente não sei... é um período que já não tenho (...)"</p>
H	<p>" (...) As minhas notas não eram as melhores mas também não eram as piores (...)"</p>	<p>Saúde</p> <p>" (...) Cada ano tínhamos um estágio, no 1.º ano fui para Oliveira de Azeméis, tive uma paralisia facial e vim para Coimbra (...)"</p>
I	<p>" (...) Eu sempre tive imensas dificuldades na aprendizagem (...)"</p>	<p>Relações interpessoais</p> <p>" (...) Às vezes estava sozinha por opção, era a mas velha da turma, já tinha outra idade, estava a entrar na idade da adolescência, os meus colegas eram mais novos, não me misturava com eles porque já tinha outras ideias, mais maduras (...)"</p> <p>Psicológicos</p> <p>" (...) Não sei (...) supostamente, fiquei traumatizada dos meus pais se terem separado, dos maus-tratos que a minha mãe levava por parte do meu pai, pode ter sido isso tudo (...)"</p>

J	<p>" (...) eu (...) ainda era das minhas irmãs a que tinha mais cabeça para estudar (...) Eu fiz a primária, fiz o ciclo, fiz o liceu e depois tirei o curso de hotelaria (...) Eu sempre fui muito activa em actividades, mesmo na primária. Lembro-me, perfeitamente, quando vínhamos da escola para fazer os trabalhos de casa tínhamos professores destacados na instituição para nos ajudarem nos deveres da escola e essas coisas (...)"</p>	
L	<p>" (...) Sempre fui muito inteligente, pelo que dizem (...) tirava boas notas (...) Fui sempre boa aluna (...) tirava boas notas (...) A escola era ali perto (...) éramos conhecidos por sermos da comunidade mas por acaso tínhamos muitos amigos, eu falo por mim e pelos que eu conheço que andavam na escola (...) tínhamos sempre muitos amigos, não nos diferenciavam nem nos excluíam muito pelo contrário (...)"</p>	<p>Escola e formação</p> <p>" (...) estava no 11.º ano (...) Senti-me um bocado desorientada porque estava no secundário e não sabia se havia de ir para a escola de hotelaria ou se havia de continuar. Foi a única dúvida que tive (...)"</p>
M	<p>" (...) era um pouco rebelde e essa rebeldia manifestava-se em todo o lado. As professoras tiveram dificuldade em leccionar (risos) com a minha presença lá (...) depois cresceu e isso também mudou (...) acabou, tirei um curso de técnica administrativa, consegui acabar com uma boa média, média de 19 (...)"</p>	<p>Trabalho e estudo</p> <p>" (...) ele não conseguiu manter a casa sozinho porque as rendas são muito caras, a renda era quase o ordenado dele. É óbvio que para sustentar duas pessoas era preciso mais, então eu comecei a trabalhar. O problema é que, na altura, era nova e não conhecia nada, foi um problema arranjar um trabalho perto da escola, foi impossível. Então para estar a horas no trabalho tinha de faltar algumas horas à escola e, às vezes, para estar na escola não podia estar no trabalho. Vi que aquilo não ia resultar, estava a ser uma situação demasiado stressante (...) Eu ainda cheguei a entrar para a escola (...) mas depois não consegui, era demasiado difícil trabalhar de manhã e estudar à noite. A minha filha ficava com os meus tios eu praticamente não a via durante o dia, ela chegava a casa dava-lhe o banho, ela jantava ou às vezes já jantava nos meus tios, ia pô-la dormir depois eu ia para a escola, só saía às 23, 24h, não tinha carro, às vezes, tinha de esperar uma hora pelos transportes, era muito faticante, stressante, às vezes, estava frio... foi preciso muita coragem para conseguir... dessa vez não terminei, acabei por desistir (...)"</p>
N	<p>" (...) Era boa aluna. Tinha boas notas (...) Depois de entrar para o ciclo... ai é que já foi mais complicado (...)"</p>	<p>Escola e formação</p> <p>" (...) senti muita falta de perguntarem como foi o meu dia na escola, senti muita falta disso, de chegar e perguntarem: então como correu? Nunca nem perguntavam estão os trabalhos de casa feitos? (...) a gente faltava à escola (...) ninguém na instituição nunca me incentivou (...)"</p>

		<p>Trabalho e estudo</p> <p>“ (...) Ainda tentei prosseguir os estudos, já estava eu a trabalhar, no meu primeiro emprego ainda me inscrevi para ir estudar à noite, só que trabalhar e estudar não dava. Por que é assim as aulas começavam às sete da noite e eu saía às dez e meia da noite, não dava para ir estudar. Inscrevi-me na José Falcão mas não dava...era para continuar o 7.º ano, continuar a estudar (...) trabalhar e estudar não dava (...)”</p>
O		<p>Saúde</p> <p>“ (...) apanhei meningite (...) repeti o 7.º ano (...) eu era pequenina não me lembro, tinha sete anos (...) lembro-me de me sentir mal, de vomitar, de descer as escadas, agarrar-me ao varão e a cair aos bocados, cheguei ao fundo das escadas caí, a partir daí não me lembro de mais nada. Lembro-me da minha madrinha depois no Pediatríco comigo, a dar-me água com açúcar mas devo ter apagado de vez porque só me lembro depois quando acordei e vi um rapaz ao lado de mim (...) eu perdi um ano, não sei se foi um ou dois (...) eu nunca tinha chumbado (...)”</p> <p>Psicológicos</p> <p>“ (...) eu a matemática sabia e explicava às minhas colegas e houve uma vez um teste que eu sabia a matéria toda, expliquei às minhas colegas antes de entrarmos para o teste, elas tiraram positiva eu cheguei ao teste e não fiz nada. E isto é uma revolta muito grande...porque uma pessoa sabe mas não sai (...) só me apetecia chorar. E uma vez a geografia foi a Geografia que também me aconteceu (...)”</p> <p>Escola e formação</p> <p>“ (...) em Inglês, era primeiro ano (...) eu não sabia nada, sabia contar os números até dez e mal...a professora então ela explicava-me, tive aulas de apoio com ela...mas o inglês para mim era...igual a zero (...)”</p>
P		<p>Escola e formação</p> <p>“ (...) saí da escola aos 9 anos, que foi quando completei a 4.ª classe e nessa altura não era obrigatório mandarem para a escola. então chamaram lá...o senhor que diz que é meu pai... e disseram para eu ir para o ciclo e ele disse que não que eu não ia porque precisava de mim em casa, para tomar conta dos irmãos mais novos porque a minha mãe era alcoólica (...)”</p>

Sujeitos	1.6 Expectativas escolares e profissionais	1.7 Papel da escola
A	<p>" (...) Eu queria ser jogador de futebol, como não dava queria ser professor de educação física; só que sem a matemática não vou lá. Por isso, desisti e já não me interessa (...) eu estava mesmo naquela do curso, era mesmo o que eu queria, hotelaria. Dentro da hotelaria, empregado de mesa (...) acabei por desistir mesmo (...)"</p>	<p>Profissional " (...) Foi importante (...) E acho que devia ter tirado um curso (...) devia ter aproveitado, ter tirado um curso. Hoje em dia é essencial! (...) gosto muito do que faço, mas não se ganha bem. Eu acho que, hoje em dia, é essencial ter um curso (...). A experiência conta mas ter um diploma é uma coisa muito diferente, é muito diferente mesmo (...)"</p>
B	<p>" (...) Eng.ª informática mas como não está acabado! Eu sempre gostei de informática mas eram muito caras as propinas (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...)"</p>	<p>Profissional " (...) Eu acho que foi importante. Ter ido para o técnico profissional ajudou-me mais na integração no mercado de trabalho e tive muitas perspectivas de trabalho (...)"</p>
C	<p>" (...) Se eu tivesse mesmo tempo fazia o curso de Arquitectura e ninguém me tirava de lá, Lisboa ou em qualquer lado (...)"</p>	<p>Profissional " (...) Sendo arquitecto e saindo com uma média de onze, doze, dezassete ou dezoito eu tenho possibilidade de arranjar trabalho. Agora no curso em que eu estou, de Design, é um curso que as pessoas não ligam muito aos designers aqui em Portugal, não dão muita credibilidade, tanto que os que fazem o trabalho de designer são os decoradores e os arquitectos (...). Por isso ainda tenho essa possibilidade de voltar a acabar arquitectura não só por gostar mas porque há sempre trabalho, basta ter o diploma de arquitecto na mão as pessoas dão logo, não é dizer dão trabalho mas no mundo da arte aceitam logo, directamente (...)"</p>
D		<p>Pessoal " (...) É a sabedoria (...) Dou muita importância porque gosto de estar numa mesa com as pessoas, embora não domine um determinado assunto de que estão a falar gosto de, pelo menos, ter uma palavra a dizer, ter uma noção básica daquilo (...)"</p> <p>Profissional " (...) O curso superior é meio caminho andado, embora actualmente para arranjar emprego não basta ter um curso superior, também há o factor C, o carácter das pessoas e o sítio onde as pessoas possam arranjar trabalho (...)"</p>
E	<p>" (...) sinto-me atrasado, sinto que devia estar mais longe do que estou, o que não quer dizer que não possa lá chegar, posso é chegar mais tarde. Às vezes falo com ele [o tio] e digo que estou muito preocupado porque tenho os meus colegas que estudaram comigo e que já estão na universidade, estão no 2.º ano ou vão para o 2.º ou para o 3.º e que ainda não entrei. E ele diz para não me preocupar porque para além de ter feito esse curso profissional tenho um diploma e posso trabalhar como técnico profissional de gestão e organização de empresas e consigo falar e escrever inglês muito melhor que eles e isso é uma vantagem mas mesmo assim continuo a achar que isso não chega, devia estar melhor e espero estar melhor porque</p>	<p>Profissional " (...) Eu vejo que cada dia que passa as pessoas levam cada vez mais em conta os estudos e acho muito importante uma pessoa estudar. Há quem tenha amigos que consideram os pais são chatos porque só falam em escola ou só sabem chatear por causa da escola. Eu digo que um dia mais tarde eles vão perceber o porquê dos pais serem assim. Antes bastava estudar até aos 9.º anos agora já vai passar para o 12.º ano. Se já era difícil com 9.º ano agora já vai ser difícil com o 12.º ano, daqui a nada já é a licenciatura (...) Os estudos não só contribuem para arranjar trabalho (...)"</p>

	nada me impede de o fazer ou de o ser (...)"		Pessoal " (...) mas sim para a formação da pessoa em si própria. Não digo ajudar directamente as pessoas que nos rodeiam mas ajudar a ver as coisas de outra forma e sei lá fazermos pensar de maneira diferente (...)"
F			Profissional " (...) Ah, claro, eu tinha o 12.º ano e frequentava Eng.ª Informática onde já tinha terminado o 1.º ano e isso permitiu-me entrar na empresa onde estou e evoluir e tenho evoluído até agora. Sim sem dúvida (...)"
G			Pessoal " (...) A escola teve uma importância fundamental para...na minha educação, na minha formação cívica (...)"
			Profissional " (...) Acho que foi muito positiva porque não criou ali nenhum vazio, nem nenhum espaço que eu me desorientasse ou que não tivesse rumo, ou não soubesse o que é que havia de fazer. Tive sorte porque de facto comecei logo a trabalhar e não tive tempo para pensar em mais nada e foi importante essa relação...acabar de estudar e começar logo a trabalhar...isso foi...acabou por ser uma continuidade...no fundo foi o trabalhar estudando e depois trabalhar mesmo (risos) isso acabou por ser útil e positiva (...)"
H	" (...) Quando era miúda eu lembro-me de escolher ciências quando fui para o 10.º ano porque eu queria ser enfermeira mas as médias eram muito altas que eu já não...nunca entrei, fiquei logo por terra (...) meti-me naquele curso para acabar o 12.º ano, por ser mais fácil porque o que eu queria era a área da saúde só que as médias eram muito altas e eu não tinha média para entrar (...)"		Pessoal " (...) A escola? tudo; a aprendizagem, a educação (...)"
			Social " (...) a relação interpessoal, tudo (...) Acho que é muito importante para a vida de uma criança, neste caso, de um jovem (...)"
I	" (...) "Eu gostava de tirar estética mas ao nível superior não existe, só existe com o bacharelato e no particular não há em nenhuma universidade (...)"		

J	<p>" (...) Tenho pena de não ter entrado para a Universidade que, na altura em que era criança, o sonho do meu pai era eu entrar na universidade mas pronto as situações não permitiram (...) Eu já tive, eu gostava de ser tudo, o problema é esse. Eu gosto de psicologia, gosto de desenho, gosto de desporto, gosto de muita coisa e coisas que não têm a ver uma coisa com a outra, que é ainda mais engraçado, assim não escolho nada. Depois de sair da Comunidade pensei, tive colegas minhas que estudavam na universidade e trabalhavam e diziam para eu estudar à noite. Eu andei a informar-me e os cursos que existem à noite não são os cursos que eu realmente quero, não vou para um curso qualquer, só para dizer que tenho um curso. Eu neste momento estou muito bem; se eu for para a universidade não vou ganhar mais, portanto, não vale a pena a matar-me mais com isso. Acho que prefiro ocupar mais o tempo com a minha filha que já é pouco (...)"</p>	<p>Profissional " (...) Eu acho que ter o curso de restauração interferiu um bocadinho no trabalho que eu tenho actualmente interferiu um bocadinho. Interferiu também por estar hoje como chefe, senão não estava. Na altura quando eu concorri, candidatei-me logo ao lugar de chefe e não de um funcionário normal e fui aceite logo como tal. Entrei na empresa logo como chefe. Eu acho que ajudou um bocadinho, a entrar ajudou, não o facto de ter o 12.º ano mas o curso em si, agora no dia-a-dia talvez não haja assim muita (...)"</p> <p>Pessoal " (...) Eu acho que foi uma boa experiência e foi bom para mim (...) Na altura, eu nem sequer sabia o que era hotelaria. Acho que não estou arrependida porque sei fazer um pouco de tudo se formos a ver bem (...) E eu orgulho-me de ter conseguido lutar para ter agora o curso, não ia andar 3 ou 4 anos e depois deitar tudo ao ar. Então andei sempre atrás daquilo que eu realmente queria. Se eu comecei tinha de acabar, tínhamos um prazo de 5 anos para acabar depois desses 3 anos. E eu sou das que conseguiu acabar, tenho o meu diploma (...)"</p>
L		<p>Profissional " (...) eu via as pessoas a licenciarem-se e a não arranjarem trabalho, bem, eu pensei, vou para a escola de Hotelaria, sigo o curso profissional e começo a trabalhar (...)"</p>
M	<p>" (...) Eu quando era miúda tinha um sonho de ser veterinária, desde miúda tive o sonho de ser veterinária mas é muito difícil e requer grandes notas e muito estudo (...)"</p>	<p>Pessoal " (...) A escola é sempre importante. A pessoa precisa de adquirir os conhecimentos (...)"</p> <p>Profissional (...) Nem precisei de procurar trabalho porque depois do curso fiquei logo no sítio onde estagiei e me mantenho até agora (...)"</p> <p>Social " (...) para depois estar inserida na sociedade. Acho que toda a gente pensa assim (...)"</p>
N		

O	<p>" (...) O meu objectivo era fazer os estudos ou ir para Educadora de Infância que eu sempre quis... falei com a [directora] e com professores e tínhamos lá psicólogos, falávamos... ou isso ou cabeleireira (...)"</p>	<p>Pessoal " (...) Tem muita importância hoje em dia uma pessoa ter estudos, saber ler e escrever, pronto sabe desenrascar – se, é melhor que um analfabeto, não é? (...) Se nós queremos ser alguém, temos que fazer por isso (...)"</p>
P	<p>" (...) quando eu tinha o 6.º ano eu sentia-me mal... mesmo muito mal porque eu achava que tinha capacidades para mais e para conseguir mais (...) (...) quando surgiu a oportunidade de eu fazer o RVCC e eu fui fazer logo, em 3 meses fiquei com o 9.º ano, com um certificado com as competências que já temos, foi ótimo. Numa semana, aprendi a mexer no computador que o meu marido me ensinou, porque ele trabalha nessa área e... pronto... é ótimo eu chegar a casa... ligar o computador... ligar-me à Internet e fazer aquilo... eu adoro... e além disso tenho vários cursos de formação relacionados com a minha área de trabalho... porque todos os anos fazemos... eu acho que o conhecimento não ocupa lugar. Eu gosto de aprender, cada vez mais (...) se a [directora] quisesse podia receber o meu irmão... ela é que não quis e eu assim ficava lá e conseguia realizar o meu sonho que era tirar o curso de gestão (...)"</p>	<p>Pessoal " (...) realização pessoal, mais nada não é por eu ter o 12.º ano que vou ganhar mais... eu ali não tenho por onde subir mais... só se for para cima do balão, mas como eu não posso subir para cima do balcão (risos) (...)"</p>

Sujeitos	1.8 Dificuldades no percurso profissional	1.9 Papel do trabalho
<p>A</p>	<p>Experiências diversas “ (...) Trabalhei um ano e tal na Junta de Freguesia da Mealhada (...) trabalhei nas obras da construção civil, dos dezassete até aos vinte e dois anos; nem fazia descontos. E trabalhei uns meses numa Serração (...)”</p>	<p>Material “ (...) Sem o trabalho não vivemos nem sobrevivemos; tenho de pagar renda deste apartamento; é complicado isto (...) Eu acho que é essencial, além de ser o nosso meio de subsistência. Sem o dinheiro não fazemos nada – é mesmo assim (...)”</p> <p>Bem-estar físico e psicológico “ (...) tive vários problemas de saúde, incluindo a depressão profunda (...) faz-me bem devido ao que eu passei, distrai-me; é essencial. Eu devido a esses problemas todos engordei muito, cheguei aos cento e vinte quilos. Agora, felizmente, estou com noventa e dois. Tenho vindo a diminuir aos poucos. O trabalho faz-me bem. Distraí-me, faço ginástica (risos), faz-me andar de um lado para o outro (...)”</p> <p>Material “ (...) Acho que é o fundamental para toda a gente (risos). Temos de trabalhar para sobreviver porque eu não acredito que quem não trabalhe consiga viver ou tem uma base familiar ou ganhou o euro milhões para não trabalhar (risos) (...) E é muito bom!”</p>
<p>B</p>	<p>Procura de emprego “ (...) Nos primeiros anos, só tive mesmo dificuldade em arranjar trabalho em Coimbra (...) Considero que a zona de Coimbra para trabalhar é complicada até porque as pessoas são exploradas (...)”</p>	<p>Material “ (...) eu faço porque eu preciso do dinheiro, hoje em dia eu preciso do dinheiro para pagar a escola. Não posso dizer que se eu sair daqui vou morrer de fome, não vou porque é como eu lhe digo eu tenho as minhas tias mas eu não quero voltar para lá, essa é a diferença (...) eu tenho coisas para pagar mesmo (...)”</p>
<p>C</p>	<p>Procura de emprego “ (...) A sociedade é um bocado rígida para com os imigrantes e é bocado discriminatória, não sei... Eu já desde novo cheguei a estas conclusões, tinha para aí dezoito, dezanove anos quando eu comecei a sentir isso porque eu antes não procurava trabalho. Tinha um emprego três meses, ganhava um dinheirinho para comprar as minhas roupas e não queria saber de mais nada. Comecei a sentir isso na pele quando sai de casa para ir procurar trabalho e sentia aquelas coisas. Tanto que muita gente falava comigo ao telefone, não sabia que eu era negro porque não sentiam o sotaque quando eu chegava ficavam meio desamparados (...)”</p>	<p>Material “ (...) eu faço porque eu preciso do dinheiro, hoje em dia eu preciso do dinheiro para pagar a escola. Não posso dizer que se eu sair daqui vou morrer de fome, não vou porque é como eu lhe digo eu tenho as minhas tias mas eu não quero voltar para lá, essa é a diferença (...) eu tenho coisas para pagar mesmo (...)”</p>
<p>D</p>		<p>Integração Social “ (...) Quero trabalhar cá em Portugal, só depois de amadurecer ir para a Guiné já preparado e maduro para quando lá chegar conseguir ter uma voz activa. Eu não quero chegar lá inexperiente, quero ir já com uma certa experiência (...) para ter uma voz activa, opinar quando acho que devo e saber o que dizer nos locais apropriados e no momento certo (...)”</p>

E		<p>Outra “ (...) estou a aguardar, estou a ver se me inscrevo num trabalho. Ainda hoje estive no centro de emprego. Já cá estou há duas semanas e andei pelo Dolce Vita e Fórum a pedir as fichas de inscrição mas como não tenho a experiência, nunca trabalhei assim a sério talvez seja por isso que não me chamam, está a ser muito difícil. Mas eu fui ao centro de emprego a semana passada, inscrevi-me, hoje de manhã fui lá outra vez e deram-me uns contactos que eu tenho de fazer para ver se me marcam entrevista. Sim, eu estou a fazer porque estou parado há algum tempo e já estou cansado de não fazer nenhum. Estou à espera dos meus documentos assim que acabarem eu vou embora para Londres (...)”</p>
F		<p>Material “ (...) Comecei a trabalhar e ganhei a minha independência através do meu próprio trabalho (...) no 12.º parei um ano (...) estive a trabalhar, tirei a carta de condução, comprei um carro, ganhei alguma liberdade monetária (...)”</p>
G		<p>Material “ (...) A partir de uma certa altura eu não precisava que eles me apoiassem financeiramente...pois eu tinha a minha bolsa e depois comecei a trabalhar...não queria que me enviassem mais dinheiro (...)”</p>
H	<p>Procura de emprego “ (...) Só passado dois meses é que arranjei trabalho (...)”</p> <p>Experiências diversas “ (...) trabalhei no Pingo Doce depois trabalhei no Modelo, entretanto, fiz telemarketing, não gostei nada (...)”</p>	<p>Integração social “ (...) o trabalho influencia muito as capacidades de raciocinar, de se relacionar com as outras pessoas (...)”</p>
I	<p>Experiências diversas “ (...) Já passei por outros trabalhos, já fiz um bocadinho de tudo (...) Depois de eu sair do pronto-a-vestir trabalhei sempre na restauração, desde que estou aqui em Lisboa (...) era muito aventureira, queria muito aprender e cansava-me bastante a rotina (...)”</p> <p>Procura de emprego “ (...) É muito difícil, é muito difícil agora (...)”</p>	<p>Outra “ (...) eu agora também não posso, por mais que eu queira, neste momento ajudá-los (...)”</p>

	<p>Relações laborais</p> <p>" (...) depois não me dei... não me dava com a minha encarregada. A percebi-me que as pessoas estavam a abusar da minha pessoa, aí então saltou-me a tampa (...) e acabei por me ir embora (...) "</p>	
<p>J</p>	<p>Experiências diversas</p> <p>" (...) saí da comunidade, fiz a minha vida (...) tive um, dois, três trabalhos assim para me safar (...) eu nunca estava mais de um ano num trabalho porque fátava-me eu gosto de experimentar coisas novas (...) tinha aquela coisa de sair de um sítio, despedia-me, entrava logo no dia a seguir noutro lado e então não gozava férias, eu só queria trabalhar, trabalhar. Muitos amigos meus diziam que eu era viciada no trabalho, só queria trabalhar não pensava em mais nada (...) "</p>	<p>Material</p> <p>" (...) O trabalho tem todo o significado (...) além do dinheiro que nos faz muita falta (...)"</p>
	<p>Relações Laborais</p> <p>" (...) Quando eu entrei (...) era uma jovenzinha que não me davam mais que 20 aninhos, pensavam que eu era uma piraíilha que ia para ali e que queria mandar em toda a gente. Há pessoas que têm dois anos de casa e as pessoas chocam – então mas é esta que vem para aqui mandar em mim? Então eu estou aqui há dois anos, eu sei o que faço não preciso que me venham dizer como é que eu tenho de fazer as coisas. Porque o conflito era esse, não aceitarem que fosse alguém de fora, mais novo mandar neles porque todos eles são mais velhos que eu (...) "</p>	<p>Bem-estar físico e psicológico</p> <p>" (...) é uma quebra na rotina da vida das pessoas (...)"</p>
<p>L</p>		<p>Material</p> <p>" (...) O trabalho dá-me independência (...), eu não gosto muito de pedir (...) Sei lá, se calhar foi por ter sido abandonada as 7 anos e pensar – se eu agora ficar sozinha como é que eu me desenrasque? Quero ter sempre a minha independência (...)"</p>
<p>M</p>	<p>Experiências diversas</p> <p>" (...) Já estive em cafés, em estabelecimentos, já estive em vendas, já estive em estabelecimentos comerciais e nada disso me deixava realizada (...) comecei a trabalhar num Continente, não gostava. Eu nunca gostei de tarefas monótonas, gostei sempre que algum dinamismo, de alguma diversidade. Está bem que em todos os trabalhos acaba por haver uma certa monotonia mas pelo menos tem mais diversidade (...) até porque eu achava que devia arranjar um emprego em que eu tivesse os fins de semana só para a minha filha porque quando ela estava na escola e eu tinha folgas, tinha de tirá-la da escola para estar comigo e depois chegava ao fim de semana tinha de arranjar alguém para ficar com ela. Não concordava nada com isso (...)"</p> <p>Relações laborais</p> <p>" (...) Tive alguns problemas no trabalho porque era respondona, era muito repondona, não aceitava bem aquilo que as pessoas me diziam, eu tinha a própria ideia formada e ninguém me demovia disso. Falava aquilo que me vinha à mente, nem pensava nas consequências que isso podia trazer (...)"</p>	<p>Material</p> <p>" (...) Hoje em dia, toda a gente precisa de um trabalho. A pessoa precisa de trabalhar para sobreviver. É óbvio que toda a gente precisa de ganhar dinheiro. É importante, nesse sentido, só preciso do trabalho para ganhar dinheiro, mais nada (risos) (...)"</p>

	<p>Procura de emprego “ (...) Eu não tinha contrato a termo certo, não estava efectiva, estava a contratos e quando descobriram que eu estava grávida não renovaram o contrato e acabei por ficar desempregada (...) Ainda tentei ver algum trabalho mas eu não estava aqui há muito tempo, não conhecia ninguém, ainda não tinha carro e não era tão fácil de me deslocar, além de que a barriga já era grande e as pessoas (...)”</p>	
<p>N</p>	<p>Procura de emprego “ (...) a minha falta foi mesmo arranjar trabalho (...) foi a única coisa que eu senti mais foi isso (...) Eu sai da instituição sem trabalho, sem nada (...) ninguém me aceitava por ser pequenina...e graças a elas eu consegui o meu primeiro emprego (...)”</p>	<p>Outra “ (...) De momento não tenho (...)”</p>
<p>O</p>	<p>Relações laborais “ (...) tinha uma gerente (...) era a minha chefe. Para ela tudo o que eu fazia estava mal feito mas o patrão gabava-me a mim e o meu trabalho. Então ela revoltava-se (...) E eu então disse (...) feita de problemas já ando eu, então quero a carta de despedimento (...) E sai de lá (...)”</p>	<p>Material “ (...) É a independência, é dinheiro, dá para podermos comprar as nossas coisas. Temos de dar valor ao custo da vida. Só aí é que se vê o que a vida custa. É cara, temos de poupar (...)”</p>
<p>P</p>	<p>Experiência diversas “ (...) comecei a arranjar trabalho...fazer limpezas (...) trabalhava na [pastelaria] e trabalhava na casa deles, como empregada doméstica (...)”</p>	<p>Bem-estar físico e psicológico “ (...) eu estive a estudar à noite (...) porque durante o dia eu ajudava na cozinha da comunidade...porque era preciso eu estar ocupada (...) e à noite ia estudar...Foi por minha iniciativa porque eu precisava muito de estar ocupada não é? por toda a situação, quanto mais ocupada eu estivesse melhor (...)”</p>

Sujeitos	1.10 Satisfação com o nível de escolaridade actual	Apreciação	1.11 Satisfação com o trabalho actual	Apreciação
A	<p>" (...) Não; agora é muito, muito difícil eu poder fazer qualquer coisa (...) Eu devia mas não me estou a ver (...)"</p>	Negativa	<p>" (...) Gosto muito do que faço. Não estou satisfeito porque o ordenado não é uma grande coisa, mas eu quero sempre melhor. Eu agora gosto do que faço e tenho de procurar o melhor para mim (...)"</p>	Ambivalente/ complexa
B	<p>" (...) Não me considero satisfeito (...) Gostava de continuar mas agora já não tenho tempo e é melhor esquecer (...) Sim, queria tirar mais certificações da Microsoft. Não acredito que volte a estudar porque a gente vê as notícias e há tantos licenciados desempregados, nem sei se vale a pena voltar a estudar. Acho que em certos aspectos as certificações da Microsoft são mais valiosas que um diploma. Este é o meu projecto, manter-me na empresa e como é uma multinacional espero um dia ser transferido para o estrangeiro para sair de Portugal (...) espero melhorar as coisas no futuro (...)"</p>	Negativa	<p>" (...) Neste momento acho que estou satisfeito com isso (...) eu gosto do meu emprego, gosto muito de trabalhar lá, tanto que já conhecia algumas pessoas que lá trabalhavam de há muitos anos mas não gosto de viver. Sai de uma cidade, tive de deixar a minha vida aqui em Coimbra; os meus amigos e tive de ir para uma cidade que nem gosto muito apesar de ter nascido lá. Estou há oito meses (risos). Estive aqui em Coimbra até aos vinte e cinco anos. E acho que a única coisa que me custa mais um bocadinho é estar em Lisboa mas tirando isso é uma questão de hábito. E, neste momento, nós temos de olhar pela nossa vida profissional mais do que pela pessoal. É assim que funcionam as coisas aqui. Mas venho aqui aos fins-de-semana dá para matar saudades e posso estar com os meus amigos (...)"</p>	Ambivalente/complexa
C	<p>" (...) Satisfeito não me considero porque eu ainda espero acabar o meu curso, estou a estudar outra vez (...) Tenho um projecto que é ser arquitecto, se Deus quiser, ainda vou a tempo (...) Mas sendo pai, o facto de ter de trabalhar, não é por ser obrigado mas tenho uma filha e acho que não me sentiria bem não poder ajudar a minha filha ou não poder contribuir com alguma coisa, sempre tive isso na cabeça (...)"</p>	Negativa	<p>" (...) é um trabalho que eu não gosto, acho que pouca gente gosta (...)"</p>	Negativa

D	" (...) Estou satisfeito, embora não vá muito à facilidade porque trabalho a noite, a minha média anual é fazer seis cadeiras (...) o meu projecto futuro não faço. O meu objectivo é acabar o curso (...)"	Ambivalente/complexa	-	
E	" (...) Não. Porque eu sei que estou um bocadinho atrasado, pronto, pela minha idade já devia ter pelo menos a licenciatura (...) estou a contar com três anos de licenciatura mais um que eu quero fazer mestrado (...)"	Negativa	-	
F	" (...) Sim (...) tenho várias ideias, não tenho projectos. Já tive a experiência de ir trabalhar para o estrangeiro, estar seis meses a trabalhar em Londres, por exemplo, através da minha empresa. Tenho uma intenção de voltar a ter essa experiência, estar mais tempo no estrangeiro (...)"	Positiva	" (...) Sim (...)"	Positiva
G	" (...) Sim... Porque correu tudo bem (...)"	Positiva	" (...) Considero-me satisfeito porque no fundo trabalho, tenho a sorte de trabalhar a 100 metros de casa (...)"	Positiva
H	" (...) Não (risos) não. Vou tentar outra (...) Quero acabar o 12.º ano (...)"	Negativa	" (...) Gosto, gosto, tudo o que seja relacionado com outras pessoas, falar com outras pessoas eu gosto (...) queria ver se acabava com as Novas Oportunidades que é para eu me inscrever no INEM. Eu queria ir para o INEM (...)"	Ambivalente/ Complexa
I	" (...) gostaria de ir para a faculdade (...) gostava de tirar estética mas ao nível superior não existe, só com o bacharelato e no particular (...) mas é difícil (...) vai depender do meu estado de saúde (...)"	Negativa	" (...) estes últimos anos trabalhei sempre no ramo da hotelaria como empregada de mesa. É dos trabalhos que eu posso dizer, mais ingratos, bastante ingratos e cansativos (...) Eu, neste momento, com quase trinta anos, ainda não estou realizada ao nível profissional, (risos) é absurdo mesmo dizer mas não me sinto profissionalmente realizada (...)"	Negativa
J	" (...) Sim. Se eu quiser mais é uma questão a pensar futuramente. Mas neste momento não pretendo estudar mais (...)"	Positiva	" (...) O meu projecto é o que eu estou a fazer neste momento. Que corra sempre bem, que dure muitos anos sem ter muita chatices, chatices sérias porque chatices há todos os dias, ainda para mais se eu sou chefe de loja, numa loja são 8 pessoas, noutra loja são 11, ao todo são 19 pessoas, ou seja, são muitas personalidades diferentes, é muita chatices, entre eles, entre uns e outros e comigo também (...) o objectivo é ganhar cada vez mais porque senão, por este andar da carruagem, cada vez o custo de vida aumenta e os nossos vencimentos continuam a mesma coisa (...)"	Positiva

L	" (...) Não, ainda quero continuar (...) Sei que nos dias de hoje uma pessoa nunca tem tudo a nível profissional mas quero subir a nível profissional (...)"	Negativa	" (...) Gosto, gosto. Não quero ficar por aqui. Acho que daqui saio para uma recepção e queria ser assim assistente, começar a subir num hotel (...)"	Ambivalente /Complexo
M	" (...) Sim, eu sinto-me satisfeita porque tenho o 12.º ano e acho que não preciso de ir mais além porque eu tenho bons motivos (...) projectos a nível de carreira não tenho (...)"	Positiva	" (...) Sim gosto, foi o que eu escolhi entre aqueles que havia, tive curiosidade e fiz (...) Eu gosto de fazer aquilo que faço (...) há tempo para o trabalho, tempo para a família e desse tempo não prescindo. Estou no trabalho e naquela altura faço aquilo que tenho de fazer (...) Eu sinto-me satisfeita com o trabalho que tenho e acho que não preciso ir mais longe (...) Há uns dias que saio, outros estou ao computador a escrever cartas, outros dias que estou a tratar de outro tipo de assuntos (...) penso que consegui fazer aquilo que queria (...)"	Positiva
N	" (...) Não...uma pessoa nunca está satisfeita (...)"	Negativa	.	
O	" (...) É assim, estar estou...é assim, uma pessoa vê hoje em dia pedem o 12.º ano. Uma pessoa com o 12.º ano também não é nada. É só mais por acabar o 12.º ano e é mais uma coisa que uma pessoa tem. Depois os patrões dizem que eu tenho de ter um estudo próprio para lá estar e mais não sei quanto...e então olhe vou tirar (...) eu gostava de fazer o 12.º ano (...) Lamento não ter acabado o curso de animação socio-cultural. Mas agora para a vida que eu levo também não... já não vou a tempo. Tenho uma criança (...) estou inscrita e quero ver se faço o 12.º ano, mas até lá não penso em nada (...)"	Ambivalente/complexa	" (...) Gosto, embora não seja aquilo que queria mas gosto. A minha madrinha dizia que eu tinha muito jeito para cabeleireira, e eu também gosto (...) Já pensei em sair (...) mas depois eu penso assim, eu saio de lá, já lá estou efectiva. Saio de lá e vou para outro lado a contrato e venho para a rua. Mal por mal vou deixar-me ficar onde estou. Eu já pensei em sair de lá, na altura estava grávida, andei a concorrer para as Cáritas (...)"	Ambivalente/complexa
P	" (...) Não. Gostava ainda de ter mais, de conseguir mais...vamos ver, devagarinho, pretendo continuar (...)"	Negativa	" (...) eu gosto de trabalhar...mas não gosto de me matar (risos)"	Neutro/não se aplica

Serviços públicos e privados		Período de Acolhimento		Período de Transição		Actual		Apreciação	
Sujeitos	Antes	Apreciação	Período de Acolhimento	Apreciação	Com apoio percebido – I.S.S – Material e financeiro	Apreciação	Actual	Apreciação	Apreciação
A					<p>Com apoio percebido – I.S.S – Material e financeiro</p> <p>" (...) Sim, o rendimento social de inserção da segurança social; isto depois de sair. Não foi nenhum porque na altura eu precisava e depois pediram-me o dinheiro todo que me tinham dado. Ajudaram-me quando eu precisei, depois mandaram-me uma cartinha a pedir o dinheiro todo que me deram. Ainda cheguei a pagar quinhentos euros. Depois mandaram-me uma carta a pedir setecentos e tal euros. Eu precisava porque não tinha e não tenho o dinheiro, fica lá, ninguém tira de lá a dívida. Um dia que eu vá para o subsídio de desemprego, eles vão tirar o dinheiro do subsídio de desemprego, foi o que fizeram com os quinhentos euros. Tiraram todos os meses cento e tal euros. Esse apoio foi essencial mesmo, mas depois (risos)."</p> <p>Com apoio percebido – S.N.S – Médico</p> <p>" (...) Uma vez lá consegui ir a uma consulta na psiquiatria e ela receitou-me outros medicamentos; completamente diferente dos outros e eu até disse: se me tivesse receitado isto ao princípio eu talvez tivesse recuperado num instante. Só dois medicamentos e eu tomava montes deles; só dois medicamentos arrumaram, puseram-me bem, ponham-me bem disposto e não pensava tanto nas coisas (...)"</p>	Ambivalente/complexa			
B									

G	<p>Sem apoio percebido – não identificado</p> <p>“ (...) não me recordo, nessa altura não havia nada disso, não me recordo que eles [pais] tivessem algum apoio ou porque não haveria ou eles não saberiam da sua existência (...)”</p>	<p>Neutro/não se aplica</p>	<p>Com apoio percebido – I.S.S – Formação</p> <p>“ (...) cada um de nós ao abrigo da acção social escolar das escolas tínhamos as nossas pequenas bolsas, que não se traduziam em dinheiro mas era em material escolar, como se faz ainda hoje. O que a casa não dava, dava a escola, os livros, as canetas, os papéis, passe (...) eram fundamentais quer o apoio da escola, até nas senhas de alimentação das cantinas, dos transportes (...) Não era fácil muitas vezes a casa gerir porque tinha muitos utentes e o apoio estatal era muito pouco nesses primeiros anos (...) já não digo Segurança Social porque na altura era ainda o Instituto de Apoio à Família (IFAS) dentro da segurança social, havia um organismo de apoio à família (...)”</p>	<p>Positiva</p>			<p>Neutro/não se aplica</p>
H						<p>Com apoio percebido – I.S.S – Material e Financeiro</p> <p>“ (...) Não, actualmente, só tenho o abono da B... (...)”</p>	<p>Neutro/ Não se aplica</p>

I	<p>Incongruente – I.S.S – Habitacional</p> <p>“ (...) Houve uma discussão que nós tivemos o ano passado que ela [a mãe] aporitou-me uma faca. Acho que ela não tem...Eu fiz queixa dela, fui à Segurança Social dizer o que se estava a passar e a Segurança Social pagou-nos duas noites numa pensão para a gente não ir para casa. Na altura, ajudavam-nos até termos uma casa ou tínhamos a opção de ir para uma instituição daquelas de mães solteiras (...)”</p> <p>Sem apoio percebido – não identificado</p> <p>“ (...) Eu pedi ajuda e não consegui arranjar (...) não tive nenhuma ajuda. Mas é engraçado que se fomos a ver, ciganos e pretos têm tudo, que é mesmo assim, têm tudo, têm direito a tudo, têm direito a casa com renda baixa, têm direito a subsídios. E eu com esta doença, com uma filha e passando algumas dificuldades, estando ali na casa da minha mãe numa situação onde o clima é pesado, tendo em conta também o que eu passei, não ajuda em nada. Tenho receio porque eu não quero a minha filha num Colégio (...)”</p> <p>Com apoio percebido – S.N.S-Médico</p> <p>“ (...) desde que eu fiquei assim [o ano passado], a nível psicológico, tenho de tomar estes comprimidos para toda a vida, tenho de fazer uma vez por mês análises para ver o desenvolvimento (...)”</p>	Negativa	Neutro/ Não se aplica	
J				
L	<p>Sem apoio percebido – não identificado</p> <p>“ (...) Eu fugi um bocadinho dos apoios (risos) (...) Eu podia ter tido os apoios eu é que optei por não ter (...)”</p>		Neutra/não se aplica	

M					<p>Incongruente – I.P.S.S – Material e financeiro “ (...) Eu tive muito poucos apoios (...) Tive um apoio de uma instituição de apoio à grávida que me deu umas roupinhas, umas fraldinhas, coisas muito poucas, isso foi uma ajuda mas insignificante perante as dificuldades (...)”</p>			
					<p>Incongruente – I.S.S – Material e financeiro “ (...) Pessoas que tinham pais e mães, tiveram grandes apoios e eu nunca consegui, sempre me foi negado. Inclusive quando eu me quis candidatar ao rendimento mínimo disseram-me – eu não conseguia arranjar ninguém para ficar com a minha filha, fui lá pedir um apoio – que eu era jovem e tinha força para trabalhar. Eu ia levar a minha filha para o trabalho comigo? Não houve nenhum tipo de apoio, tive muitas dificuldades quando tive a L.... porque fiquei desempregada. A ela nada faltou, nunca mas a nós faltou e nunca tive nenhum apoio (...) uma vez a segurança social deu-me uma lata de leite, muito pouquinho. Eu conheço uma colega minha que todas as semanas ia buscar uma lata de leite e davam-lhe as que ela quisesse, não tinha de justificar, não tinha de chorar, não tinha que nada. Eu vejo algumas situações destas e não tive nenhum apoio comparado ao que elas tiveram. Tive sempre que lutar para vencer (...)”</p>			

M					<p>Com apoio percebido – IEFPP – Formação <i>“ (...) Só mais tarde surgiu um curso profissional e pareceu-me uma boa ideia porque eu não tinha de trabalhar, eles pagavam-me para tirar o curso e acho que isso foi muito interessante. Pagavam-me pouco mas na altura como eu estava com os meus tios eu não precisava de pagar renda portanto o dinheiro que eu ganhava dava para comprar as coisas para ela. Também não precisava de pagar Colégio porque era pago por eles e o almoço comia na escola também pelo instituto. A única coisa que eu tinha de me preocupar era com as roupas, higiene e os transportes. E esse pouco dinheiro que eu tinha dava perfeitamente. Hoje em dia as pessoas querem o dinheiro para pagar os Colégios, as casas e o que sobra é para a alimentação e o lazer. E eu no fundo tinha aquele dinheiro para aquilo (...)”</i></p>	Positiva		
---	--	--	--	--	--	----------	--	--

M					<p>Sem apoio percebido – I.S.S – Formação “ (...) As vezes não foi fácil porque eu tive uma época de exames finais e tinha de espalhá-la pelos meus amigos, uma dia ficava com um outro dia ficava com outro e eu passava aqui dias inteiros a estudar (...) Um dos grandes problemas quando ela nasceu foi mesmo a escola. Não há muitas escolas aqui e as poucas que existem estão superlotadas e quando se consegue vaga é numa escola que até mete medo ao susto, uma pessoa não quer arriscar os filhos nessas condições. Ela foi chamada para um Colégio que eu fiquei toda contente mas quando vi aquilo desisti. Era uma sala com uns 8 bebés mas tipo um corredor, de um lado, tinha os bebés nas cadeirinhas, sentadinhos e os pés batendo na parede e do outro, tinha aquelas coisinhas para eles brincarem e eles ficavam ali o dia todo e uma pessoa ver aquilo não dava. Foi muito difícil arranjar um sítio para ela ficar, ainda hoje é (...)”</p>	Negativa		
				<p>Sem apoio percebido – I.S.S – Material e financeiro “ (...) acabei por ficar desempregada. Não tive direito a nenhum subsídio do estado, nem subsídio de desemprego, nem nada, de maneira que ficou ele a sustentar a casa toda, coisa que era mesmo no limite (...) Eu conheço algumas colegas, em situações semelhantes às minhas mas pessoas que não estiveram na instituição e que viviam com os pais tiveram muitos apoios do estado (...)”</p>	Negativa			

M				<p>Sem apoio percebido – S.M.H – Habitacional “ (...) Eu já queria separar-me do P... há mais tempo, não sabia como e recorri a casas da Câmara eles disseram que só tinham casas para dar a pessoas que viviam nas barracas ou a pessoas que têm necessidades especiais, eu no fundo não vivia na barraca por tinha alguém que me acolheu depois disso não tinha mais nada. E aquelas pessoas que não têm familiares, que não têm mais nada? Se calhar é por isso que têm uma vida menos boa, mais degradante e acabam por seguir os exemplos dos pais, de roubar, de drogas ou prostituição. Não houve apoio nenhum (...)”</p>	Negativa		
N	<p>Sem apoio percebido – não identificado “ (...) não, nada disso. Antes de eu ir para o colégio passei muita fome, nada, nada. Não sei de nada, essas coisas eu não me lembro, isso não havia na altura (...)”</p>	Negativa				<p>Com apoio percebido – I.S.S – Material e financeiro “ (...) o abono (...)”</p>	Neutro/não se aplica

N						<p><i>Positiva</i></p>
O			<p>Com apoio percebido – I.P.S.S – Técnico “ (...) o que me revoltava mais foi (...) chegar ao 7.º ano, querer tirar-me dos estudos para me pôr num colégio de deficientes, em Miranda e a assistente social de lá não me aceitou porque fez-me testes e viu que eu era capacitada para andar numa escola normal (...)”</p>	<p><i>Positiva</i></p>		<p>Com apoio percebido – S.N.S – Médico “ (...) eu hoje por exemplo tenho uma psiquiatra. Eu ando na psiquiatra, ando a tomar medicação e tudo porque me faz falta. Antigamente não. ...e está a fazer-me bem agora...ando na psiquiatra...tive o meu filhos apanhei uma depressão pós-parto e com outros problemas já com antecedentes...acumulou-se tudo e então...tenho de tomar medicação por causa disso...tenho a ADSE do meu marido...é importante...a medicação é mais barata...com o meu filhos andei em médicos particulares...e era mais barato (...) tive poio psiquiátrico no instituto maternal...antes, durante e depois...passado um ano do C...descobriam que eu tinha uma depressão pós parte já muito avançada...então foi complicado e até hoje faço tratamento...já tentei tirar a medicação (...)”</p>
					<p>Com apoio percebido – I.S.S – Formação “ (...) creche (...)”</p>	<p><i>Neutro/não se aplica</i></p>
						<p><i>Neutro/não se aplica</i></p>

0		<p>Com apoio percebido – M.E – Técnico</p> <p>" (...) em pequena eu tive meningite e então ela [a directora] pensou que eu não tinha capacidades, que era uma atrasadinha mental. O que valeu a mim foi a matrícula já estar feita na escola, senão eu não me matricularia. E ela queria anular e os professores não deixaram (...)"</p>	Positiva				
---	--	---	----------	--	--	--	--

P	<p>Sem apoio percebido – M.E – Técnico</p> <p>“ (...) quando completei a 4.º classe (...) nessa altura não era obrigatório mandarem para a escola, não é? então chamaram o senhor que diz que é meu pai e disseram para eu ir para o ciclo e ele disse que não porque eu não ia porque precisava de mim em casa para tomar conta dos irmãos mais novos porque a minha mãe era alcoólica (...) ninguém foi ver se isso era verdade ou mentira (...)”</p>	Negativa			<p>Com apoio percebido – S.N.S – Médico</p> <p>“ (...) eu tenho uma psicóloga, já quase há 7 anos e é uma psicóloga de verdade, não é o que acontecia ali dentro. Sempre que vou lá eu venho de lá renovada (...)”</p>	Positiva
---	--	----------	--	--	---	----------

Sujeitos	Período não identificado	Apreciação
E	Sem apoio percebido – não identificado “ (...) Não (...) ”	<i>Neutra/Não se aplica</i>
J	Sem apoio percebido – não identificado “ (...) Não, Não. Nunca tive de ninguém mesmo (...) ”	
L	Sem apoio percebido – não identificado “ (...) Eu fugi um bocadinho dos apoios (risos) (...) Eu podia ter tido os apoios eu é que optei por não ter (...) ”	

Anexo 5- Grelha de Categorias e Subcategorias

I - Indivíduo	II - instituição	III - Outros significativos	IV - Escola -Trabalho	V - Serviços
<p>Antes → Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Representações de si próprio <ol style="list-style-type: none"> Características físicas e auto-imagem Aspectos psicológicos Aspectos relacionament o interpessoal e recursos pessoais Competências e recursos pessoais <p>Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Balanço sobre o passado Condições de vida e bem-estar actual Sentimento ao realizar a entrevista 	<p>Período de Acolhimento</p> <ol style="list-style-type: none"> Adaptação à vida institucional Organização da vida diária <ol style="list-style-type: none"> Actividades e rotinas <ul style="list-style-type: none"> Lazer/culturais Tarefas domésticas Escola/formação Intercâmbio internacional Filosofia de funcionamento <ol style="list-style-type: none"> Papel dos mais velhos <ul style="list-style-type: none"> Gestão quotidiana da casa Educação dos mais novos Clima <ul style="list-style-type: none"> Relação adulto – criança Relações entre pares Espaço envolvente Recursos humanos <ul style="list-style-type: none"> Motivação e envolvimento Gestão dos recursos humanos Regras da casa <ul style="list-style-type: none"> Restrições/castigos Flexibilidade/liberdade Outros <p>Período de Transição e Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Relação e apoio da instituição no período pós-institucional <ol style="list-style-type: none"> Apoio Relação Iniciativa de saída da instituição <ul style="list-style-type: none"> Individual Lar Percepção actual sobre a instituição Sugestões de mudança <ol style="list-style-type: none"> Acolhimento <ul style="list-style-type: none"> Aspectos educacionais Aspectos organizacionais Protecção e segurança 	<p>Antes → Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Família de origem <ol style="list-style-type: none"> Características da família de origem <ol style="list-style-type: none"> Tipologia familiar <ul style="list-style-type: none"> Nuclear Monoparental Alargada Reconstituída Motivos sócio familiares da institucionalização <ul style="list-style-type: none"> Pobreza Guerra Necessidades educativas especiais Alcoolismo na família Distfuncionalidade familiar Maus-tratos Problemas psicológicos na família Abandono Toxicod dependência na família Casos de Acolhimento Institucional na família <p>Período de Acolhimento e Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Papel da família de origem <p>Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Nova família <ol style="list-style-type: none"> Intenção de Constituir família Representação sobre a educação a eventuais filhos Papel da Nova Família Representações sobre a educação dos filhos 	<p>Antes → Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Percurso escolar e profissional <ol style="list-style-type: none"> Escolaridade à saída do lar Escolaridade actual Profissão actual Condição de aluno Dificuldades no percurso escolar <ul style="list-style-type: none"> Trabalho e estudo Escola e formação Relações interpessoais Expectativas escolares e profissionais Papel da escola <ul style="list-style-type: none"> Profissional Pessoal Social Dificuldades no percurso profissional <ul style="list-style-type: none"> Experiências diversas Procura de emprego Relações laborais Papel do trabalho 	<p>Antes → Período Actual</p> <ol style="list-style-type: none"> Serviços públicos e privados <ul style="list-style-type: none"> Instituto de Segurança Social (ISS) Serviço Nacional de Saúde (SNS) Instituto de emprego e formação profissional (IEFP) Serviço Municipal de habitação (S.M.H) Instituição Particular de Segurança Social (IPSS) Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (M.C.T.E.S) Ministério da Educação (M.E) <p>1.1 Tipos de apoio</p> <ul style="list-style-type: none"> Material e financeiro Formação Habitacional Médico Técnico

	<ul style="list-style-type: none"> • Recursos humanos 7.2 Transição e autonomização <ul style="list-style-type: none"> • Apoio habitacional • Apoio social • Apoio financeiro • Apoio psicológico • Apoio ao emprego 8. Processos de atribuição de significado sobre o papel da instituição <ul style="list-style-type: none"> 8.1 Desenvolvimento individual 8.2 Desenvolvimento social e integração social 	<p style="text-align: center;"><u>Período de Acolhimento → Período Actual</u></p> <p>3. Outros significativos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação íntima • Vizinhos • Pais adoptivos • Amigos do lar • Amigos fora do lar 	<ul style="list-style-type: none"> • Material • Bem-estar físico e psicológico • Integração social • Outra <p>1.10 Satisfação com o nível de escolaridade actual</p> <p>1.11 Satisfação com o trabalho actual</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não especificado 1.2 Percepção dos apoios formais <ul style="list-style-type: none"> • Com apoio Percebido • Sem apoio percebido • Incongruente
--	---	--	---	---

Anexo 6 – Quadros Síntese dos Dados

I Indivíduo

Quadro 1 – Representação que os sujeitos têm de si próprios no seu percurso de vida

Representação de si próprios		Frequência	Total
Antes	Aspectos psicológicos	F, J, N, P	4
	Características físicas e auto – imagem	-	-
	Aspectos de relacionamento interpessoal	-	-
	Competências e recursos pessoais	-	-
Sub-total		-	4
Período de acolhimento	Aspectos psicológicos	A, B, C, E, G, H, I, J, L, M, N, O, P	13
	Características físicas e auto-imagem	C, P	2
	Aspectos de relacionamento interpessoal	A, B, C, D, E, F, G, L, M, N, O, P	12
	Competências e recursos pessoais	B, C, G, H, M, N, O	7
Sub-total		-	34
Período de transição	Aspectos psicológicos	A, B, C, E, G, H, I, J, M, N, O, P	12
	Características físicas e auto-imagem	-	-
	Aspectos de relacionamento interpessoal	M,	1
	Competências e recursos pessoais	A, B, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P	14
Sub-total		-	26
Actual	Aspectos psicológicos	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P	15
	Características físicas e auto-imagem	-	-
	Aspectos de relacionamento interpessoal	A, E	2
	Competências e recursos pessoais	-	-
Sub-total		-	17
Total		-	82

Quadro 2: apreciação dos sujeitos sobre o balanço do passado

Balanço sobre o passado		
Apreciação	Sujeitos	Total
Positivo	D, E, J	3
Ambivalente/complexo	B, C, F, H, I, L, M	7
Negativo	A, N, O	3
Neutro/não se aplica	P	1
Total		14

Quadro 3 – Apreciação dos sujeitos sobre as condições de vida e bem – estar actual

Condições de vida e bem-estar actual		
<i>Apreciação</i>	Sujeitos	Total
Positivo	A, E, G, H, J, M, N, O, P	9
Ambivalente/complexo	B, C, D, F, L	5
Negativo	I	1
Total		15

Quadro 4: Apreciação dos sujeitos sobre o sentimento ao realizar a entrevista

Sentimento ao realizar a entrevista		
<i>Apreciação</i>	Sujeitos	N=14
Positiva	A, B, F, G, H, L, P	7
Ambivalente/complexa	C, D, E, I, J, M, O	7
Total		14

Anexo 6- Quadro Síntese de Dados

II Instituição

Quadro 1: Percepção dos sujeitos sobre a organização da vida diária da instituição

Período de acolhimento					
Actividades e Rotinas	Organização da vida diária				Total
	Intercâmbio internacional	Lazer/culturais	Escola/formação	Outras	
Sujeitos	A, F, H, P	A, B, D, E, G, H, J, L, M, N, P	B, G, J, L, O	G	
Total	4	11	5	1	21

Quadro 2: Percepção dos sujeitos sobre a filosofia de funcionamento da instituição

Período de acolhimento			
Filosofia de funcionamento		Frequência	Total
Papel dos mais velhos	Gestão quotidiana da casa	A, B, E, M, N, O	6
	Educação dos mais novos	A, B, C, D, E, F, G, H, J, N, O, P	12
Sub-total		-	18
Clima/ambiente do lar	Relação entre pares	B, C, D, E, F, G, H, J, L, M, N, P	12
	Relação adulto-criança	B, C, E, G, I, M, N, O, P	9
	Espaço físico	M	1
Sub-total		-	22
Recursos humanos	Motivação e envolvimento	B, L, M, N	4
	Gestão de recursos humanos	G, I, N, O	4
Sub-total		-	8
Regras da casa	Restrições /castigos	H, J,	2
	Flexibilidade/liberdade	N, O	2
Sub-total		-	4
Outros		I	1
Sub-total			1
Total			53

Quadro 3: Percepção dos sujeitos sobre o apoio fornecido pela instituição

Período de Transição		
Apoio fornecido pelo lar	Frequência	Total
Com apoio	C	1
Sem apoio	A, H, I, M, N, O, P	7
Total	-	8

Quadro 4: Percepção dos sujeitos sobre a relação que mantêm com a instituição

Período de Transição		
Relação com o lar	Frequência	Total
Com relação	B, C, D, E, M, P	6
Sem relação	F, H, J, N, O	5
Total	-	11

Quadro 5: Percepção dos sujeitos sobre a iniciativa de saída

Iniciativa de saída a lar		Total
Individual	Lar	
Frequência	Frequência	
A, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P	B, C, D	
12	3	15

Quadro 6: Percepção actual dos sujeitos sobre a instituição

<i>Apreciação</i>	Percepção actual dos sujeitos sobre a instituição	
	Sujeitos	Sub-total
Positiva	D, F	2
Negativa	A, B, C, E, H, J, P	7
Neutro/não se aplica	I, N, O	3
Total		12

Quadro 7: Sugestões de mudança sugeridas pelos jovens – adultos

Actual			
	Sugestões	Frequência	Total
Período de Acolhimento	Aspectos educacionais	A, B, C, E, F, H, I, J, M, N, P	11
	Aspectos organizacionais	J, L, O, P	4
	Recursos humanos	B, E, J, M, N, O	6
	Protecção e segurança	H, J	2
Sub-total			23
Período de Transição e autonomização	Apoio social	J	1
	Apoio habitacional	B, M, P	3
	Apoio psicológico	P	1
	Apoio financeiro	B, F, M, P	4
	Apoio ao emprego	B	1
Sub-total			10
Total			33

Quadro 1 – Tipos de dificuldades sentidas no percurso escolar

Dificuldades sentidas no percurso escolar	Frequência	Total
Aspectos educacionais	A, B, D, E, L, N, O, P	8
Saúde	H, O	2
Trabalho e estudo	B, C, F, M, N	5
Relações interpessoais	A, B, C, E, G, I	6
Psicológicas	C, D, I, O	4
Total	-	25

Quadro 2: Tipos de Papéis atribuídos à escola

Papel da escola	Frequência	Total
Profissional	A, B, C, D, E, F, G, J, L,	9
Pessoal	D, E, G, H, J, M, O, P	8
Social	H, M	2
Total	-	19

Quadro 3: Tipos de dificuldades sentidas no percurso profissional

Dificuldades sentida no percurso profissional	Frequência	Total
Experiências diversas	A, H, I, J, M, P	6
Procura de emprego	B, C, H, I, M, N	6
Relações laborais	I, J, O, M	4
Total	-	15

Quadro 4: Tipos de papéis atribuídos ao trabalho

Papel do trabalho	Frequência	Total
Material	A, B, C, F, G, J, L, M, O	9
Bem-estar físico e psicológico	A, J, P	3
Integração social	D, H	2
Outra (Desempregada/o)	E, I, N	3
Total	-	17

Quadro 5: Satisfação dos sujeitos acerca da escolaridade actual

Apreciação	Frequência	Total
Positiva	G, J, M	3
Negativa	A, B, C, E, H, I, L, N, P	9
Ambivalente/complexa	F, D, O	3
Total	-	15

Quadro 6: Satisfação dos sujeitos acerca do trabalho actual

Apreciação	Frequência	Total
Positiva	F, G, J, M	4
Negativa	C, I	2
Ambivalente/complexa	A, B, H, L, O	5
Neutro/não se aplica	P	1
Total	-	12

Anexo 6- Quadros Síntese dos dados

V Serviços

Quadro 1 – Percepção dos sujeitos sobre os apoios formais (públicos e privados) – com apoio percebido

Com apoio percebido								
Momento	Serviço	Tipo de apoio	Apreciação				Frequência	Total
			Positiva	Negativa	Ambivalente	Neutro/não se aplica		
Período de acolhimento	M.E	Técnico	√				O	1
	I.P.S.S	Técnico	√				O	1
	I.S.S	Formação	√				G	1
Período de transição	I.S.S	Material e financeiro			√		A	1
	IEFP	Formação	√				M	1
	SNS	Médico	√				A	1
Período actual	S.N.S	Médico				√	G	1
	I.S.S	Material e financeiro				√	H, N, O	3
		Formação				√	N	1
	S.N.S	Médico				√	I	1
			√			N, P	2	
Total								14

Quadro 2 – Percepção dos sujeitos sobre os apoios formais (públicos e privados) – Sem apoio percebido

Sem apoio percebido				
Momento	Serviço	Tipo de apoio	Frequência	Total
Antes	M.E	Técnico	P	1
	-	Não identificado	G, N	2
	-	Não identificado	C	1
Período de transição	I.S.S	Material e financeiro	F, M	2
		Formação	M	1
	S.M.H	Habitacional	M	1
Período actual	-	Não identificado	I	1
Período não identificado	-	Não identificado	E, J, L	3
Total				12

Quadro 3 – Percepção dos sujeitos sobre os apoios formais (públicos e privados) – Incongruente (apoio recebido ≠ apoio percebido)

Incongruente (apoio recebido ≠ apoio percebido)				
Momento	Serviço	Tipo de apoio	Frequência	Total
Período de transição	M.C.T.E.S	Formação	F	1
		Material e financeiro	M	1
	I.P.S.S	Material e financeiro	M	1
Período actual	I.S.S	Habitacional	I	1
Total				4

I.S.S – Instituto de Segurança Social

S.N.S – Serviço Nacional de Saúde

I.P.S.S – Instituição de Solidariedade Social

M.E – Ministério da Educação

S.M.H – Serviços Municipais de Habitação

M.C.T.E.S – Ministério da Ciência, Tecnologia do Ensino Superior